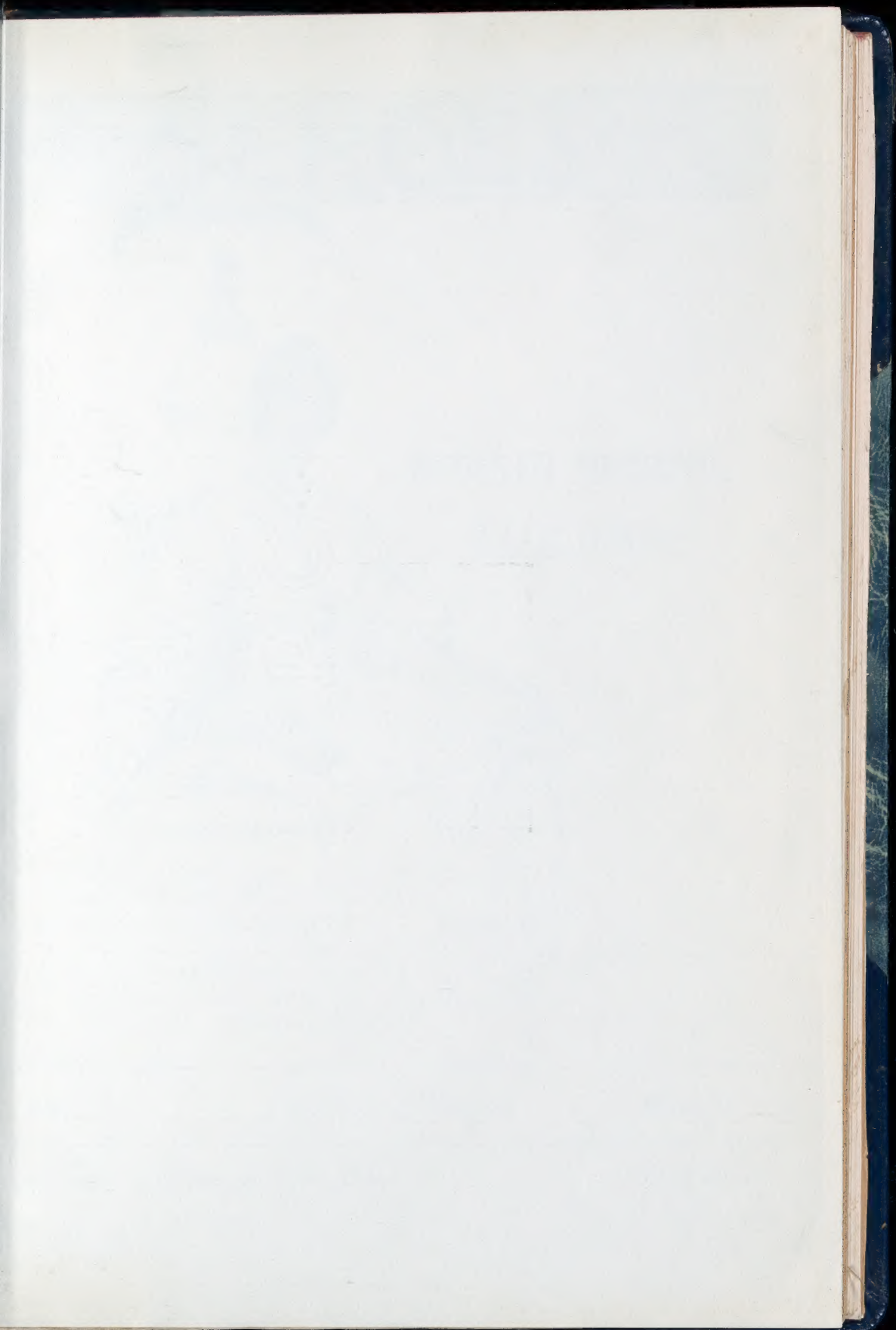


THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY





SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

A RESGATAR VIDAS. — SUPREMA
REVOLTA. — DE LISBOA A MOCAM-
BIQUE — ESTAVA ESCRIPTO... — A
RESPOSTA DO INQUISIDOR. — A PA-
LAVRA TRANSMITTIDA PELA LUZ. —
GAVOTA. — SANTA ADOZINDA. — UNIÃO
PELA VIDA. — MODAS. — VARIEDADES.

VOL. I

MARÇO — 1901

NUM. 1

ministração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

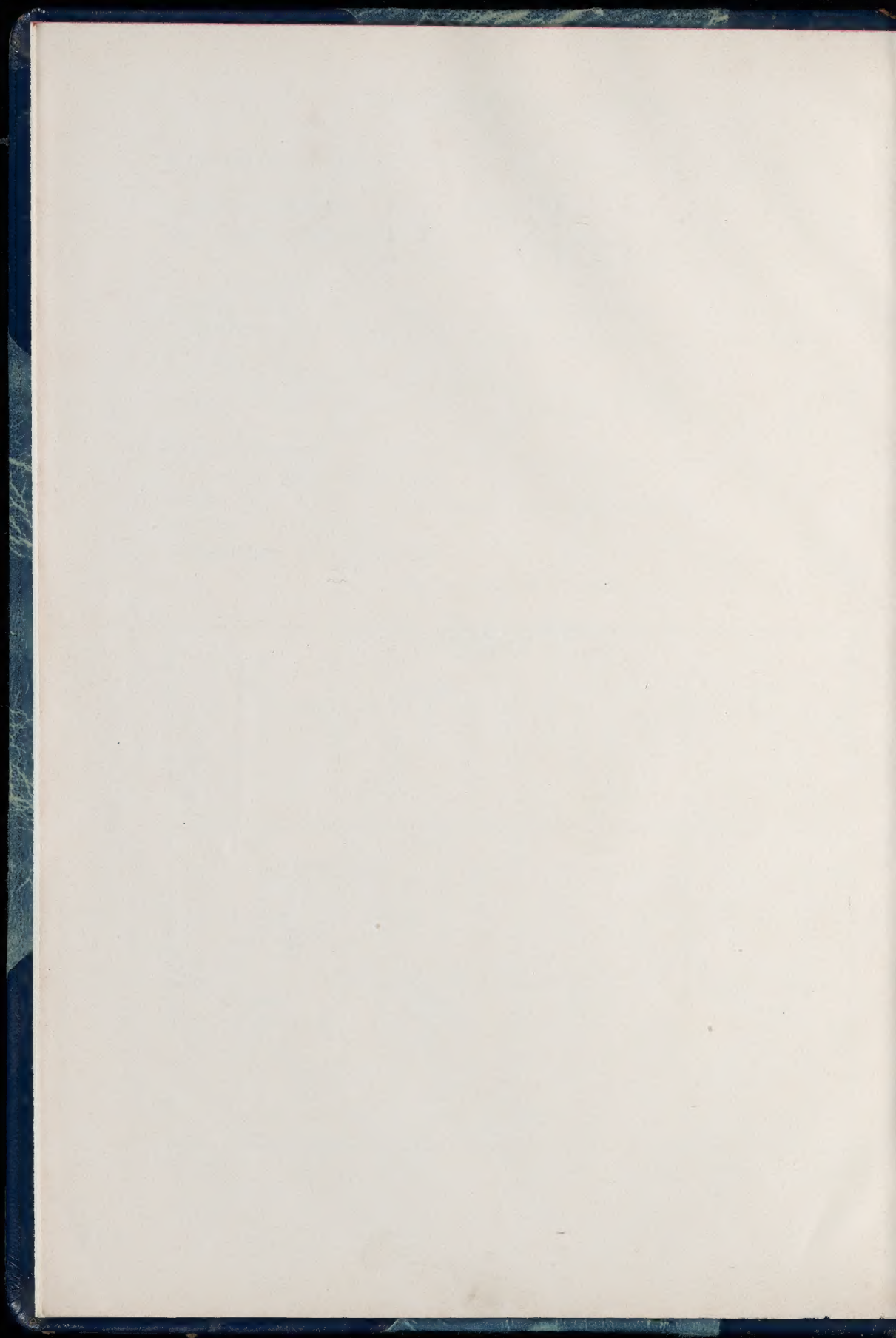
SUMMARIO

A RESGATAR VIDAS. — <i>Com 16 illustrações, copias de quadros e photographias es- peciaes.</i>	3
SUPREMA REVOLTA. — <i>Com 3 illustrações</i>	13
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por ANTONIO ENNES. — Capitulo I— PORTO- SAID, O CANAL DE SUEZ, O MAR VERMELHO — Com 14 illustrações, reproducção de photographias</i>	17
ESTAVA ESCRIPTO... — <i>Conto americano. com 3 illustrações</i>	35
A RESPOSTA DO INQUISIDOR. — <i>Poesia de GONÇALVES CRESPO. — Com 1 illus- tração, copia de quadro</i>	40
A PALAVRA TRANSMITTIDA PELA LUZ. — <i>Com 3 illustrações.</i>	42
GAVOTA. — <i>Musica para piano de AUGUSTO MACHADO. — Com uma nota biographica e o retrato do compositor</i>	44
SANTA ADOZINDA. — <i>Novella rustica por ABEL BOTELHO. — Capitulo I com 4 il- lustrações, desenhos de A. Benarus</i>	47
UNIÃO PELA VIDA. — <i>Com 7 illustrações, reproducção de photographias.</i>	54
MODAS. — <i>Com 4 illustrações.</i>	61
VARIEDADES. — <i>Com 8 illustrações.</i>	65

64 ILLUSTRAÇÕES

CALENDARIO DE 1901			
Janeiro			
Dom.	6	13	20 27
Seg.	7	14	21 28
Terç.	1	8 15	22 29
Qua.	(2)	9 16	23 30
Quin.	3	10 17	24 31
Sext.	4	11 18	25
Sab.	5	12 19	26
Dia 4, L. c. — 12, Q. m. Dia 20, L. n. — 27, Q. c.			
Fevereiro			
	3	10	17 24
	4	11	18 25
	5	12	(19) 26
	6	13	20 27
	7	14	21 28
1	8	15	22
2	9	16	23
Dia 3, L. c. — 11, Q. m. Dia 10, L. n. — 25, Q. c.			
Março			
	3	10	17 24 31
	4	11	18 25
	5	12	19 26
	6	13	20 27
	7	14	21 28
1	8	15	22 29
2	9	16	23 30
Dia 5, L. e. — 13, Q. m. Dia 20, L. n. — 27, Q. c.			
Abril			
	7	14	21 28
1	8	15	22 (29) 30
2	9	16	23
3	10	17	24
4	11	18	25
5	12	19	26
6	13	20	27
Dia 3, L. c. — 12, Q. m. Dia 18, L. n. — 25, Q. c.			
Maio			
Dom.	5	12	19 26
Seg.	6	13	20 27
Terç.	7	14	21 28
Qua.	1	8 15	22 29
Quin.	2	9 16	23 30
Sext.	3	10 17	24 31
Sab.	4	11 18	25
Dia 3, L. c. — 11, Q. m. Dia 18, L. n. — 25, Q. c.			
Junho			
	2	9	16 23 30
	3	10	17 24
	4	11	18 25
	5	12	19 26
	6	13	20 27
	7	14	21 28
1	8	15	22 29
Dia 2, L. c. — 9, Q. m. Dia 16, L. n. — 23, Q. c.			
Julho			
	7	14	21 28
1	8	15	22 29
2	9	16	23 30
3	10	17	24 31
4	11	18	25
5	12	19	26
6	13	20	27
1, L. c.; 9, Q. m.; 15, L. n. 23, Q. c.; 31, L. c.			
Agosto			
	4	11	18 25
	5	12	19 26
	6	13	20 28
	7	14	21 28
1	8	15	22 29
2	9	16	23 30
3	10	17	24 31
Dia 7, Q. m. — 14, L. n. Dia 22, Q. c. — 29, L. c.			
Setembro			
Dom.	1	8	15 22 29
Seg.	2	9	16 23 30
Terç.	3	10	17 24
Qua.	4	11	18 25
Quin.	5	12	19 26
Sext.	6	13	20 27
Sab.	7	14	21 (28)
Dia 5, Q. m. — 12, L. n. Dia 21, Q. c. — 28, L. c.			
Outubro			
	6	13	20 27
	7	14	21 28
1	8	15	22 29
2	9	(16)	23 30
3	11	17	24 31
4	11	19	25
5	12	19	26
Dia 4, Q. m. — 12, L. n. Dia 20, Q. c. — 27, L. c.			
Novembro			
	3	10	17 24
	4	11	18 25
	5	12	19 26
	6	13	20 27
	7	14	21 28
1	8	15	22 29
2	9	16	23 30
Dia 3, Q. m. — 11, L. n. Dia 19, Q. c. — 26, L. c.			
Dezembro			
	1	8	15 22 29
	2	9	16 23 30
	3	10	17 24 31
	4	11	18 25
	5	12	19 26
	6	13	20 27
	7	14	21 28
Dia 2, Q. m. — 11, L. n. Dia 18, Q. c. — 25, L. c.			

SERÕES



SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

VOLUME I

LISBOA

ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — CALÇADA DO CABRA, 7

1901

SEAFARERS

REVISITA MARELLA WEST-404

M. A. BRANCO & C.^A

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: Rua do Crucifixo, 60 a 66

Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borra-
ha. — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita.

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

(obra litterarias e romanticas)



LOPES, LOURENÇO & C.^{TA}

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confeccões
para
homem
e
senhoras

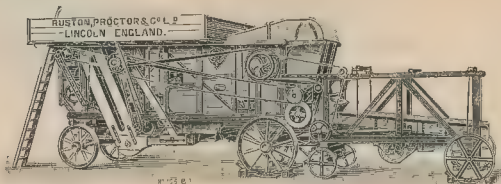


Sortimento
completo
de
tecidos
de
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.º

Debulhadoras e Locomoveis

RUSTON, PROCTOR & C.^o, L.^{TD}



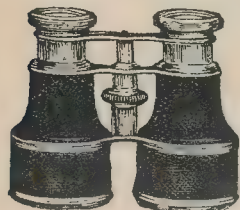
Agente geral em Portugal e colonias

CARLOS CORRÊA DA SILVA

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

J. J. RIBEIRO & C.^A

INSTRUMENTOS DE OPTICA E CIRURGIA
TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.

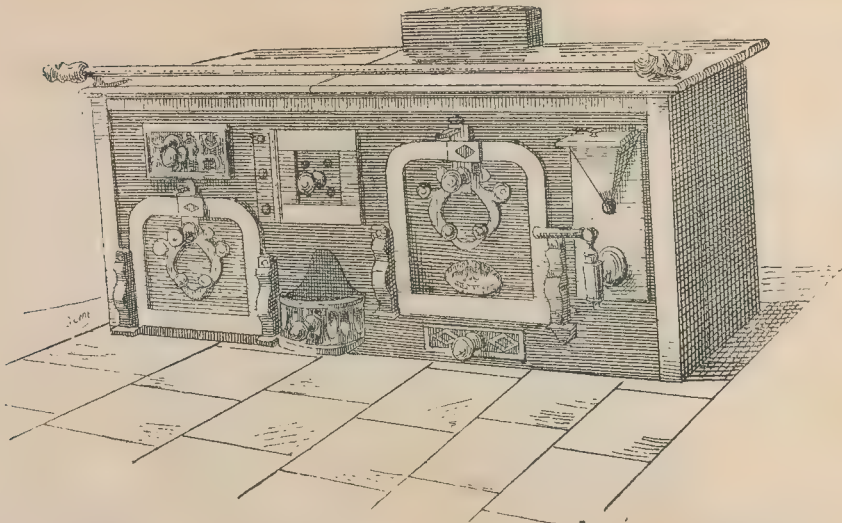


Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia
OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES

222, RUA AUREA, 226
LISBOA

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE

MANUEL PATRONE



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109



SOCORRO! SOCORRO! — QUADRO DE A. MORLON

Dois naufragos em desespero angustioso esperam pelo socorro entrevisto ao longe, acenam com um farrapo de vela a algum navio que passa acoissado tambem pelo temporal



NA CORRENTE — QUADRO DE E. REYOU

Suggestivo quadro de doloroso abandono d'esta pobre creança, á tona d'agua, na solidão immensa do mar, sem forças, sem esperança, pasto culçado de abutres. Quantos também embarcam para a viagem da vida, despreocupados, cheios de illusões e de coragem, e o destino cruel lhes annula a existencia n'um naufragio sinistro de desventuras !

A Resgatar Vidas

Durante o inverno, com os seus dias curtos e sombrios, com as suas rajadas de vento gelado, com as chuvas grossas como cordas, parece que o sentimento das misérias alheias se aviva no coração dos boudosos e mais funda é a tristeza que ellas inspiram. Chegam noticias de naufragios tragicos e a alma confrange-se com a suggestão dos soffrimentos; o mar bate furiosamente os penhascos da terra portugueza em vingança perpetua de quem, ousado e tenaz, lhe foi desvendar os segredos, e por vezes na lucta toma refens que só a philantropia e a coragem podem resgatar.

N'esta missão anda empenhado o Instituto de Soccorros a Naufragos, sob a alta protecção de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, a quem recentemente o Imperador da Allemanha concedeu a medalha de salvacão que, se não accrescenta lusimento onde os primores são tantos, reflecte sobre a obra o elevado aprecio d'um grande dirigente d'uma grande nação.

A PRAIA por onde os banhistas passeavam a sua elegancia e a sua ociosidade, dilatando as narinas ás emanações retemperantes do mar, começa de enfuliscar-se; já os pescadores olham desconfiados para o largo: as primeiras nuvens percorrer doidamente o espaço; uma impressão de tristeza ganha os corações: é que se approximam os mezes de inverno, parceiros dos de março e abril na obra de destruição que enche de horrores as estatisticas de naufragios. O mar que hontem reflectia clarões imprevisitos, scintillações, lampejos intraduzíveis á retina do paisagista, malhumora-se, agita-se, convulsiona-se em epilepsias pavorosas, ameaçando de morte os que ousarem tocar-lhe. No ar escuramente plumbeo andam de cavalgada

nuvens tenebrosas, preludiando um inverno tristonho e turgido de naufragios, afinando a sua marcha funebre pela negrura do abysmo, em baixo.

Ouvem-se os sibilos da ventania que açouta as ondas, pondo-as em furia insana. O concerto tetricamente polyphónico estende-se, terra a dentro, e vae ás barracas e ás choupanas dos pescadores e maritimos, onde as mulheres e as creanças repassadas de frio, estioladas, quantas! pela fome, pensam no marido, no pac que lá ao longe anda na labuta da vida n'um combate de todas as horas com o capricho dos oceanos, indifferentes ao perigo á força da promiscuidade com as furias maritimas. A cada ronco do mar, a cada vergastada da ventania ás brigas com

a frouxa resistencia do casinhoto, as creanças agrupam-se, assentadas em volta do moribundo brazido, ajoelham desconsoladoramente no momento em que a mãe, na concentração dolorosa de todo o seu ser, põe

perança, de humanidade, mas pelo contrario de pilhagem e de mortandade. Por toda a costa do mundo conhecido havia então olhos attentos espreitando o navio que vinha naufragar d'encontro aos cachopos e aos bancos



NAUFRAGOS — QUADRO DE A. MORLON

Vogavam na jangada, ao sabor das correntes, sem norte, ao acaso d'um encontro de navio salvador ou de terra firme. Quem sabe quantas privações, quantos horrorosos dramas se teriam passado sobre aquelle funebre tablado, na implacável exigencia da fome! Afinal o barco salvador aproxima-se, fortemente tripulado, cortando as ondas a golpes de remos.

toda a sua esperança em Deus, e, segundo a fôrma tradicional lhes lembra: *Rezemos mais um Padre Nosso por aquelles que andam sobre as aguas do mar!*

O vento como que se rendeu ao prestigio da supplica; o mar recolheu ao seio o ronco pavoroso; quem sabe? talvez que os que andam lá pelas aguas estejam ahi tão docemente embalados nos seus lenhos como creancinhas ricas nos seus berços caprichosamente marchetados. Deus ouviu de certo a prece: o mar calou-se. Que? um tiro lá do largo, vozes d'afflicção fendendo os espaços fuliginosos, appêlo supremo de quem está sob as garras da Morte... Sim, é o Mar, accommettido de novo paroxysmo epileptico que esfrangalhou o navio e prepara-se para sorverter os que se julgavam seguros!...

A esses gritos de suprema angustia respondiam, em epochas passadas, vozes, não de es-

d'areia. Mais ainda: accendiam fogachos e assim se illudiam os tripulantes que n'elles acertavam a sua rota. A pouco trecho a embarcação vinha perder-se nos baixios; tocava-se então a rebate; a ladroagem accorria á praia para recolher os restos do naufragio, massacrando muitas vezes os desgraçados já moribundos para os despejar dos ultimos valores. Era um delirio, uma selvageria quasi canibalesca, sancionada pelos costumes e a que só o andar civilizador dos tempos veio pôr têrmo, acompanhando em moralisação altruista os progressos das construcções navaes e da arte de marear, junto á multiplicação dos pharoes ao longo das costas maritimas. Com effeito são os pharoes, já de tempos muito remotos de sentinella ao mar, que representam os primeiros salvadores dos naufragos. Quem nunca andou embarcado não calcula o sentimento de esperança e de confiança que essas luzes vigilantes nos infundem na alma quando, pelo negrume da noute,

as enxergâmos ao longe. E' como se uma voz mysteriosa nos bradasse: *Amigo! Coragem! Eu velo por ti!*

E' tudo? Não; multiplicam-se, é certo, os aperfeiçoamentos nauticos, cruzam os mares embarcações gigantescas, transatlanticos magestosos que devoram distancias, succedem-se os pharoes, como as luzes em enormes avenidas nas grandes capitães do luxo; domam-se as forças da natureza á industria do homem, sim, mas ainda não se poudo vencer o capricho do mar para quem as embarcações descommunes, como os mais exiguos bateis, são joguetes com que elle brinca, quebrando-os depois, como fazem as creanças aos bonitos que por momentos lhes entretêm a inconstante imaginação. Por isso, os que lidam com esse eterno caprichoso sabem como elle em suas furias leva a viuvez, a orphandade, a miseria aos palacios sumptuosamente insolentes, como ás choupanas miseravelmente desconfortadas; mas sabem

tambem quanta coragem lhes é precisa para, o afrontar, para lhes arrancar vidas, para o reduzir á impotencia.

Espectaculo admiravel o d'esses homens, para quem o sangue-frio é uma qualidade constitucional, e o da sua fortaleza moral, vencendo o proprio instincto da conservação! Como são heroiros esses homens simples, rudes por fóra, bondosíssimos por dentro; como é heroica a indifferença com que caminham ao encontro da Morte, e são assaltados por toda a casta de situações tragicas, redobrando de forças quanto mais a Fatalidade parece querer sovertel-os no abysmo dos horrores inenarraveis. Como são dramaticas e por vezes epicas essas paginas de naufragios celebres das nossas chronicas e dos que a cada passo infamam as nossas praias e põem á prova a coragem dos nossos maritimos! Os episodios são aos milhares e relembra-los é uma angustia, mas é tambem uma consolação. Foi em 29 de março de



UMA SAHIDA DIFFICIL — QUADRO G. HOQUETTE

Energico esforço, desprezo da morte, corajosa abnegação se distinguem n'esses tripulantes da pequena lancha que se arremessa n'um impulso de vontade inquebrantavel por sobre o dorso do mar cavado pelo vento em surribo gigante.

1878 — em egual dia do anno de 1852 deu-se o naufragio celebre do vapor *Porto*, que victimou centenaes de pessoas, á vista da cidade d'esse nome —; um tiro de peça no forte de Santa Catharina, na Figueira da Foz, annunciou perigo no mar. Vagalhões açoita-

sem treguas nas solidões do Oceano. Mas a vida d'esses homens parecia irremissivelmente condemnada. A população da Figueira, apinhada na vasta meia-lua extendida até Buarcos, ora gritava afflicta e chorosa, ora se enraivecía indignada contra a fero-



HOMEM AO MAR! — QUADRO DE G. HOQUETTE

Terrivel grito de alarme, que não mais esquece a quem o ouviu uma vez, vibrante, sinistro, a bordo d'um navio. Quantas vezes a salvação do barco e dos tripulantes obriga ao desalmado e inevitavel abandono da victima! Aqui, a embarcação era pequena; a monobra fez se rapida, e leme obedeceu, as escotas largas deixaram cahir a vela, o companheiro atira ao mar a boia da salvação.

dos por umã ventania de NO rolavam até irem desfazer-se n'uma alvura lactea. No meio da barra, a poucos metros da praia, via-se o palhabote francez *Marianne*, que havia dias, durante a sua róta, abriera agua e resolvera vir encalhar, na esperança de se salvar e aos seus 7 tripulantes, após uma lucta

dões das ondas em furia, consegue chegar ao palhabote. Momento supremo em que a vida de todos estava por um fio! Na praia, as mulheres emmudecem e ajoelham, encomendando-se á misericordia divina. Rapidamente os tripulantes do palhabote foram puxados para bordo da lancha, que no mesmo des-

cidade do mar, sobretudo depois que duas catraias, tripuladas por marinhagem experiente, e já proximas do palhabote, derivaram em semi-circulo, vindo, impotentes, varar no areal. O horror desenhava-se em todos os rostos: só um milagre poderia salvar esses desgraçados. Fal-o-ha aquella lancha que de repente surgiu, vinda não se sabe d'onde, e vae cortando impavidamente a juba do leão furioso? E como batem certos osremos na agua, n'uma isochronia fóra do commum! Dir-se-hia que a lancha vae tripulada por esses marinheiros dos poemas de Homero ou por esses heroes aventureiros que nos primeiros tempos das nossas emprezas maritimas iam costear a Africa e desfeitear a sanha do insolente *Adamastor*. Esses nove destemidos, lançando-se ao abysmo que os poderia engulir n'um prompto, faziam signaes aos tripulantes do *Marianne*. A lancha, avançando sempre, e sempre vencedora dos bal-

preso sobranceiro pela braveza do leão escutando de raiva, virou de querena, e na mesma isochronia de remadura, guilhotinando os vagalhões, alcançou a terra. Os sete tripulantes do *Marianne* estavam finalmente salvos! Na praia havia choros de contentamento; os salvadores, eram saudados entusiasticamente pela multidão. E com tudo, esse lance, aparentemente theatral, consummára-se pelos meios os mais simples. As tripulações de navios e barcos ancorados no porto presenciavam o espectáculo, com esse sangue-frio peculiar aos homens do mar. Em volta d'elles a gritaria da multidão, o choro das mulheres afflictas. Um d'esses valentes interrogando com o olhar os companheiros e na mais natural simplicidade, soltou apenas esta phrase: — *Vamos lá?* — *Vamos!* disseram os restantes em côro. Dito e feito: embarcam na primeira lancha que encontram ao alcance, e fazem-se ao mar.

Eram todos portuezes; mas quasi todos algarvios, como algarvios foram em grande parte esses homens que se arriscaram aos mares nunca d'antes navegados e contribuíram com o seu arrojo para a nossa epopéa marítima, como algarvios foram esses destemidos, naturaes d'Olhão que, n'um cahique pouco maior que um esquife, partiram d'ali para o Brazil, a levar a D. João VI a noticia da sublevação de Portugal contra os francezes, como algarvio, e d'Olhão, era o Patrão Joaquim Lopes.

O Patrão Joaquim Lopes! Cantado em prosa e em verso, o seu nome entrou na Immortalidade, a sua fama é lendaria, como parecem

lendarias ss sus façanhas a resgatar vidas! E resgatou-as aos centos! Ainda aos cincoenta e oito annos, quando muitos se julgam no direito de descansar das luctas da vida, elle se lançou ás ondas roubando-lhe naufragos. Que digo eu? Aos sessenta, aos oitenta e



O SALVAMENTO — QUADRO DE A. DAWANT

Resolvido o abandono do navio, descem dos turcos os escaleres, embarcam primeiro as mulheres. A pobre mãe n'um desespero que os musculos possantes do marinheiro subjugam a custo sob a ordem imperiosa do official. vê o filho ao collo d'um tripulante, pendurado sobre o abysmo pelo cabo que desce da amurada.

quasi aos noventa salvava-os com a energia e coragem de um mocetão de trinta: aos 83 salvou elle toda a tripulação do brigue inglez *Ulysses*:

Ganhou que os traç ao peito — habitos e medalhas, Não a matar irmãos, mas a rasgar mortalhas!

E esse obscuro pastor-cabreiro do Algarve que na praia do Carrapateiro se offerece para

ir levar, a nado, uma adriça de 600 metros, enrolada no pescoço, como as boas que as friorentas damas ostentam ao pescoço? O

se de si mesmo, chega ao navio em perigo; e içada a adriça e d'essa arte fica estabelecida a communicação com a terra. Sabem quantas

vidas foram salvas por esse acto de homérica abnegação? Oito: oito subditos inglezes.

Ignoramos o nome do destemido algarvio, mas fique registado esse feito para exemplo a tibios e brazão de philantropia humana!

Acto analogo inscreveu a *Real Sociedade Humanitaria* (Porto) nos seus annaes de ouro — o de José Maria Valente, que em novembro de 1895 se lançou ao mar, junto do molhe de Leixões, para estabelecer um cabo de comunicação entre o vapor inglez *Braganza* e a terra. D'esse corajoso feito resultou salvarem-se a tripulação inteira e todos os passageiros, que teriam fatalmente succumbido sem a heroica abnegação do bom portuguez. A *Real Sociedade Humanitaria* conferiu-lhe, além de um premio pecuniario, a mais alta recompensa que lhe é dado conceder — a medalha de ouro posta ao peito d'esse benemerito, pelo então, governador civil José do Couto de Amorim Novaes, na sessão solemne de 1 de dezembro d'aquelle anno. E a proposito, é de justiça rememorar o premio pecuniario que essa benemerita Sociedade conferiu a Guilhermina de Almeida, barqueira portuense que, *sósinha*, no rio Douro, salvou cinco homens que tripulavam um barco, ali sossobrado. A coragem não é apanagio só



TEM O MARIDO NO MAR ALTO — QUADRO DE V. M.^{me} DEMONT BRETON

O marido está longe, sobre as aguas do mar; e ella anciosa, n'uma contricção afflictiva de maus presagios, escuta os rugidos medonhos da tempestade, o silvo agudo do vento esfusiando pelo cano da chiminé; mas, ao mesmo tempo, a consoladora radiação do brazeiro aquece-lhe docemente a esperança de que elle, o seu homem, talvez navegue n'aquelle momento em calmas paragens longinquas, onde não chegará o chicote da procella que lhe fustiga agora a pequena casa á beira-mar. O pequenote, esse tem a boa ignorancia da innocencia; desconhece o perigo, dorme confiado no aconchego do collo maternal.

valente pastor não perde um momento: corta a sanha do monstro com admiravel vigor, vae desenrolando a corda, na mais absoluta pos-

tuense que, *sósinha*, no rio Douro, salvou cinco homens que tripulavam um barco, ali sossobrado. A coragem não é apanagio só

do homem, e a nossa Historia enaltece, com ufania, muitos nomes de mulheres, que ali merecem figurar por actos de arrojo e valentia surprehendentes.

• • •

Estes dramas, á vista de terra, suggerem-nos naturalmente pavorosas tragedias que sem interrupção se representam por esses mares fóra, onde se morre no mysterio das solidões desoladoras, sem se enxergar um palmo de terra amiga ou inhospita, nem a luz mortificamente attenuada de um pharol, nem a vela ainda sumida ao largo mas portadora de uma tenue esperança. A simples

posta de bacalhau que, em mesas pobres ou ricas, aguçá o apetite, quantos dramas, quantas dôres e quantas misérias nos não vem recordar! Lá longe, n'esses diaspolares de uma escuridão triste e desconfortada, andam os barcos entregues á faina da pesca do

bacalhau. De repente, salta um pé de vento que soergue as aguas e as endoidece; as vagas martellam as frageis embarcações com sua força cyclopica. Alguma se afundou, no meio da indifferença dos elementos. Aquella acolá, que resistiu, amanhã, d'aqui a um mez, será victimada talvez pelo *transatlantico*, pelo paquete de porte alteroso, que marchando no negrume fuliginoso d'esses mares plumbeos, n'uma velocidade indifferente, surge como sombra apocalyptica ante o pobre barco bachelheiro e o corta inexoravelmente, sepultando a tripulação para sempre nas profundezas das aguas.

Que episodios emocionantes n'essas tragedias do mar os quaes, por acaso, veem figurar mais tarde no grande Registo da Morte! A's

vezes, dois naufragos prestes a afogarem-se nadam para o madeiro que por ventura enxergaram; e agarramse-lhe com ancia; mas o mais fraco, prestes a succumbir, vê na angustia derradeira a imagem da mulher, dos filhinhos ausentes e recommenda-os ao companheiro, seu patricio:

— *Dirás a minha mulher...*

— *Não, enquanto eu poder, viverás comigo; coragem! e segura-o fortemente.*

A pouco trecho, um vagalhão leva-os de rôlo para o seio insaciavel do monstro!

• • •

As condições de hereditariedade e do meio



EXERCICIO EM CASCAES — O FOGUETÃO PORTA-CABO

fazem os homens, As occupações industriaes enervam, estiolam as raças; a labuta nas praias e nos mares avigoram os individuos, creando-lhes uma resistencia ao ambiente verdadeiramente prodigiosa. Olhe-se para as populações dos grandes centros e para os da costa maritima: typos caracteristicos, embora genuinamente da especie humana; rostos pergaminhados por effeito das soalheiras e emanações salinas, sobranceiras encrespadas, mãos callosas onde a faina maritima se assignala acaso por cicatrizes, hombros largos, bustos de ferro, corpos espadaudos, um não sei que de hirto, de duro, a traduzir esse vigor, essa energia que só se adquire n'uma gymnastica incessante a bordo, absorvendo o ar puro do mar alto, essa retempera de

quem, como sôe dizer-se, *tem saude para dar e vender*.

E que existencia tão simplesmente home-rica a d'elles! Pescadores quasi todos, dando ao fisco boa maquia da colheita quotidiana, contentam-se com um passadio rudimentar, na esperanza do dia seguinte. Ora, o mar decide na sua soberba fechar-lhes as portas dias e mezes consecutivos. E' a fome; as privações, as miserias entram com as ventanias pelos seus abrigos-gaiolas. Felizes, quando o *fiado* na taberna lhes proporciona um pão, um pescado endurecido pelo sal, que são pagos com

do dormem, qualquer ruido, alta noite, os ac-corda; e erguendo o busto, e sentando-se no catre, perguntam estremunhados ás mulheres: *Não sentiste gritar?* E ella, apurando o ou-vido: *Parece que sim; algum desgraçado em perigo; anda, vae!*

E elle, indifferente ao conforto, enfiadas as pernas em rudimentares pantalonas e o busto n'um camisolão encerado, lá vae pela noute de breu, norteado pelo proprio instincto, ba-tendo ás portas dos tripulantes do salva-vi-das, e d'ahi a pouco uma duzia d'esses ho-mens d'aço, atiram-se para dentro do barco

pro viden-cial, salva-vidas, lan-cha, qual-quer batel em sum-mae emre-madas que só essas muscula-turas pro-digiosas sabem dar, accommet-tem a furia das ondas, põem-se ao largo e disputam-lhe uma, cinco, dez vidas, es-quecidos do proprio instincto da conser-vação, sa-bendo que



O VAE-VEEM EM ACÇÃO

juros da gerarchia dos ronbos. Mas o credito cança; em casa persiste a fome; camas de palha pôdre, ou simples taboas carunchosas onde a familia dorme em perfeita estiva; cantareiras esbroadas pelo inexoravel caruncho onde tres artigos de louça esborcinada servem a todos; e a caixa de pinho que breve será queimada para lume ou vendida por um pão.

Na parede, porém, vê-se ás vezes pregado um *diploma*, um *certificado* qualquer, uma *medalha de cobre* enferrujada, attestando a heroicidade de um salvamento de vidas, o soc-corro prestado a navios ou a naufragos com risco da propria existencia. No meio da pen-uria circumvisinha, essas menções honrosas irradiam de si uma luz extranha como estrel-las, mas não envaidecem os seus possuidores. Sempre álerta, de ouvido á escuta, até quan-

o menos mal que os espera é a morte, a viuvez das suas mulheres, a orphandade dos seus filhos!

• • •

Ha apenas alguns annos, differentes pes-soas movidas de grandes sentimentos huma-nitarios, conceberam a idéa de centralisar as iniciativas dispersas pelo nosso paiz, substi-tuindo á acção individual, a organização por agrupamentos, creando uma especie de *exerci-to de salvação*, com os seus quadros admi-nistrativos, com o seu orçamento, com a sua escripturação regular, com o seu equipamento, com os seus engenhos proprios para o res-gate de vidas, isso a que poderíamos chamar o seu *material de guerra*.

D'essa generosa concepção nasceu o *Institulo de Soccorros a Naufragos*, sancionado pela lei de 21 de abril de 1892, sob a presi-

A Resgatar Vidas

11

dencia de Sua Magestade a Rainha D. Amelia. Até então havia só 4 barcos *salva-vidas* em todo o paiz! — o de Paço d'Arcos, estabelecido em 1840, o da Foz do Douro (1852), o da Povia de Varzim (1872), o de Vianna do Castello (1884). A primeira tentativa official para estabelecer um serviço de soccorros a naufragos data de 1880, sendo ministro da marinha o marquez de Sabugosa.

A comissão, para esse fim organizada, orçava em 137 contos a despeza a fazer com esse serviço. A cifra assistiu os poderes publicos; a tentativa fallhou. E comtudo, de 1870 a 1878, davam-se na costa maritima de Portugal 224 naufragios com 300 perdas de vidas, — numero, tomadas as devidas proporções, muito superior ao dos naufragios na costa ingleza em igual periodo. Só em 1892 afundaram-se no nosso paiz 60 barcos com perda total de vidas: ficaram na viuvez 87 mulheres e na orphandade 117 creancinhas!

Razões a mais para louvar a iniciativa do novo Instituto. E' elle administrado e dirigido por uma comissão central de Lisboa e por comissões departamentaes no Porto, Faro, Funchal e Angra do Heroismo. A comissão central de Lisboa administra os fundos (obtidos por subsidio do governo, quotas dos socios subscriptores, contribuições das camaras etc.), propõe ao governo

todas as providencias para o melhoramento do serviço dos soccorros, faz toda a propaganda em favor de tão generosa idéa.

Acima falámos no *material de guerra* do Instituto. Parece paradoxal a affirmativa, não é assim? parece contrasenso que um instituto d'esta indole possua engenhos bellicos. Assim é; usa-os porém, não para destruir vidas e sim para resgatal-as. Vêde ali aquelle canhão no seu reparo,

aquella espingarda fincada na arêa: carregam-se e disparam-se, mas em vez de vomitarem a metralha mortifera, transportam ao longe uma esperanza. Ao projectil que a polvora fez arremessar vae presa uma corda, por vezes de centenas de metros, que passando por cima do navio prestes a perder-se, embaraça-se na mastreação ou na cordoalha, e põe os naufragos em comunicação com a terra. Por meio d'a-

quella linha faz-se chegar uma adriça, uma amarra mais resistente: estabelece-se então um systema de vae-vem. Admiravel e simples manejo para arrancar victimas ao mar. Que importa a sua furia? As victimas vão passando por cima da sanha do monstro e vão cahir nos braços dos seus salvadores.

Quantas victimas não teem sido salvas, mundo fóra, graças aos canhões e espingardas-lança-cabos! Recurso, apesar de tudo ainda modesto, porque o verdadeiro paladino e heroe da tempestade é esse barquinho fei-



A comissão executiva do Instituto de Soccorros a Naufragos, sob a presidencia de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, é composta dos Srs. Conde de S. Januario, do Conselho de Estado; Polycarpo dos Anjos, par do reino; Jorge O'Neill, official-mór de El-Rei e Hypacio de Brion, capitão-tenente da armada, infatigavel trabalhador e dedicado propagandista da obra benemerita do Instituto.

teiceiro que o mar não é capaz de engulir, que, se mergulha um momento, logo emerge sobranceiro ás ondas, desafiando-as, separando-as, galgando-as, até ir, certo, á embarcação em perigo. Esse paladino do mar é o *Barco-salva-vidas*. Vêem ali, em Cascaes, na Foz, em Vianna, em Buarcos, uma casa fechada sem janellas, de aspecto mysterioso? E' a casa-abrigo do salva-vidas. Os maritimos olham-na com respeito, porque no seu instincto, vêem n'esse barco que não vae ao fundo, um ser sobre-humano de virtudes quasi sobrenaturaes. E' com effeito um barco insubmersivel. Entra-lhe a agua aos cachões? Logo se escôa pelos tubos de cobre abertos ao rez da coberta; e como tem caixas de ar nas extremidades, se acontecer adornar fica por momentos em equilibrio instavel, e um simples embate da vaga, levanta-o e reequilibra-o. Vogar, sobreaguando, é a sua especial e providencial função.

Taes são as virtudes do feiticeiro barquinho, que parece dormir n'uma immobilidade de semi-deus lendario no seu templo-abrigo. Passe comtudo alguém dando voz d'alarme, qualquer signal de perigo no mar; surgem logo dez, doze mocetões, dispensados do recrutamento marítimo em recompensa do seu sacrificio; a casa-abrigo escancara-se; sae o deus-feiticeiro do seu altar, á força de bois ou de braços humanos e intromette-se na agua; os tripulantes, couraçados com os cintos de salvação, empunham os remos, o patrão no seu posto commanda. Ávante! N'um prompto o salva-vidas ataca a insanía dos elementos e corre ao logar do sinistro, disputando todas ou as possiveis vidas ao mar.

O *Instituto de Soccorros a Naufragos* conta hoje 19 postos de soccorros espalhados por Angra, Aveiro, Caminha, Cascaes, Ericeira, Esposende, Faro, Figueira (Buarcos), Funchal, Lagos, Nazareth, Paço d'Arcos, Peniche, Ponta Delgada, Leixões, Povoia de Varzim, Setubal, Vianna do Castello e Villa Nova de Portimão. Em todos estes portos,

salvo na Ericeira e no Funchal, existem barcos salva-vidas; em nove, ha carros portacabos; em tres, espingardas lança-cabos.

Desde a fundação do *Instituto* teem sido soccorridos pelos seus salva-vidas 48 navios e barcos, e salvos da morte 97 individuos; por sua recommendação ao governo foram distribuidas 118 medalhas de cobre e 187 diplomas de louvor. E' pouco? Talvez; mas é muito em face da modestia dos seus recursos. A *Royal National Life Boat Institution* salvou em Inglaterra, desde 1824, nada menos de 42.000 vidas. A *Société Central de Souvetage*, fundada em 1865, em França, tem salvo 11.727; a *Sociedade de Salvação*, da Russia, fundada em 1872, salvou 11.105; o que, com as nossas 97, somma 64.949 vidas resgatadas ao mar revolto!

A nossa estatística é modesta, certamente; tambem a *Royal Life Boat* na poderosa Inglaterra só teve os seus começos em 1823, contando em 1829 quatro postos de salvação. Hoje tem 617 postos de soccorros bem providos e mais 5 vapores de vigia nas costas, tendo gasto em subsidios 200.000 libras. E ainda é pouco. A *Société Central* tambem tem caminhado vagarosamente. O nosso caminhar é naturalmente lento, mas os seus progressos são sensiveis: haja toda a protecção official, venham as iniciativas particulares em auxilio do Instituto e as paginas de ouro da nossa philanthropia multiplicar-se-hão sem duvida. Os nossos numeros são já eloquentes e provam a grandeza dos esforços feitos por duas correntes parallelas de philanthropos: os heroicos marítimos que, no mais absoluto desapego da sua pessoa aos confortos da vida, sacrificam as suas uteis existencias em prol dos outros, e os benemeritos que, sob o disvellado patrocínio da RAINHA multiplicam os recursos do seu engenho propagandista, os cuidados do seu amor pela causa humana, o louvavel empenho de alargar no paiz um serviço que já tem resgatado bastantes vidas e pôde resgatar ainda mais, dando a maxima expansão á sua virtude humanitaria, que é o titulo mais honroso da nossa especie.





JESUS EXPULSANDO OS VENDILHÕES DO TEMPLO — QUADRO DE GUERCINO (SECULO XVII)

E achando no Templo a muitos vendendo bois, ovelhas e pombos, e os cambistas lá sentados; e, tendo feito de cordas um como azerague, os lançou fóra a todos do Templo, com as ovelhas e os bois; arrojou por terra o dinheiro dos banqueiros e derribou-lhe as mezas do negocio. EVANG. S. JOÃO. CAP. II, VERS. 14 E 15.

Suprema Revolta

Do Natal á Paschoa, a egreja annualmente memora em festas successivas de complicada liturgia e significação, como o povo em usanças tradiccionaes de commedora simpleza, a fugitiva e luminosa passagem do Christo pela terra. Desde o nascimento humilde em Bethlem até o dia da resurreição que a piedade christã glorifica, a vida de Jesus é durante este periodo do calendario recordada em todas as suas faces e aspectos, em toda a grandeza do seu ensinamento, em toda a magnificencia do seu exemplo; e para cada episodio da pregação redemptora e do martyrio soffrido ha commemoração especial ou symbolica. Assim se conserva, se aviva, e se perpetua a lembrança dos factos que consubstanciam os trinta e tres annos de vida do

Christo entre os homens; e assim atravez dos tempos, se renova sempre vivida, sempre vibrante, a mais profunda revolução moral que tem convulcionado a humanidade.

Ao cabo de dezanove seculos, o christianismo apresenta ainda o caracter de religião definitiva, universal e eterna: o direito, common de todos, de participar do reino de Deus, logar para os simples do coração e para os humildes de nascimento, nivelladora doutrina, foi proclamado por Jesus com tão intensa energia na lucidez das suas maximas, com tão suggestiva eloquencia na simplicidade adoravel das suas parabolhas, que a consciencia livre formou um novo poder, uma nova moral, a primeira victoria do sentimento popular sobre a organização despotica das sociedades constituídas pela força e

pelo egoismo. Em nossos dias ainda, os sonhos de organização ideal da sociedade teem tanta analogia com as aspirações das primitivas seitas christãs que parecem ser novas florescencias da mesma idéa fecunda e santa.

Na época de Jesus, o templo de Jerusalem acabára de se edificar; as obras exteriores, as construcções accessorias ainda não tinham sido completamente terminadas. O vasto recinto sagrado apresentava um aspecto imponente, grandioso, pela belleza dos materiaes e pela execução perfeita dos labores. Herodes, que transformára Jerusalem n'uma das mais soberbas cidades do oriente, mandára proceder á reconstrucção do templo, vinte ou vinte e um annos antes da era christã, com o fim de harmonisar a sua magnificencia com a dos outros edificios. Os pateos interiores, os vestibulos e os porticos do templo abrigavam durante a dia uma multidão variegada e afadigosa, porque aquelle largo espaço servia a um tempo de *forum*, de tribunal, de universidade ou escola, e de templo. Concen-

trava-se alli a actividade intellectual da nação judaica; alli se travavam as discussões miudas, interpretativas, das escolas religiosas; alli se dispensava o ensino canonico, e se exercia a profissão sacerdotal; como alli se debatiam os processos e se julgavam as causas civis, n'um constante movimento mesclado, semelhante ao de uma mesquita musulmana.

Jesus, durante a sua estada em Jerusalem, passava os dias no templo; escolhia de preferencia o portico de Salomão, que dominava o valle do Cédron. O portico era composto de duas galerias formadas por tres ordens de columnas e cobertas de um tecto de madeira esculpida. Era alli que Jesus passeava habi-

tualmente, conversava com os seus discipulos, ensinava a sua doutrina, toda plena de resignada serenidade, toda entretecida de caridade e de perdão.

A imaginação artistica ou piedosa pode reconstituir o quadro. A antiguidade não nos transmittiu imagem alguma authentica de Jesus; e os mestres da pintura poderam assim, ao sabor das suas tendencias mysticas ou realistas, segundo as épocas, conforme a intensidade da sua fé ou a sensibilidade do seu

genio, fornecer uma variedade infinita de cabeças do Salvador, poderosamente expressivas, por vezes sublimemente ideaes, procurando resumir no olhar penetrante, no sorriso doce, na belleza masculina ou na torturada physionomia, a ideal representação do Deus que se fez homem, ao contrario da arte pagã, na qual era o homem que pelas suas qualidades ou pelos seus meritos se divinisa nos mythos e nas lendas symbolicas.

Assim podem tambem todos re-compôr, na visão intima da phantasia, o grupo de Jesus e dos seus Galileus predilectos, entre as columnas do soberbo portico,

quasi perdidos na multidão, modestamente postos á parte, attentos apenas aos ensinamentos do Mestre, d'onde havia de irradiar pelo mundo a luz intensa da verdade, atravez dos tempos e dos espaços, como a onda luminosa d'uma estrella que leva milhões d'annos a chegar á terra, e que todavia sensibilisa a retina com a formosura da sua scintillação.

O quadro, representando a figura do Salvador, com o globo nas mãos, escolhido para illustração d'este artigo, e attribuido a um dos mais afamados pinceis da escola bolognese, tenta representar Christo na sua feição especial de educador sublime, doutrinário eloquente, e persuasivo, alma cheia de



O SALVADOR—QUADRO DE GUIDO RENI
SEculo XVII

energia vibrante, espirito severo para as hypocrisias do mundo, implacavel para com os poderosos da terra, desprendido das riquezas e das vaidades sociaes, promettendo o reino do ceu aos humildes e aos despresiveis. E não é menos empolgante este aspecto da vida de Jesus, revolucionando a sociedade, elevando a moral universal; não menos suggestivo é este contraste extranho com a doçura sofredora e pacifica que inspirava a sua palavra sublime n'uma doutrina de caridade ineffavel.

No templo, um espectaculo pouco edificante se offeria á contemplação concentrada de Jesus. As festas da Paschoa atrahiam á cidade uma affluencia extraordinaria de peregrinos e devotos. Essa multidão convergia ao templo. O serviço do culto judaico conduzia a minudencias repugnantes ao lucido espirito do Mestre, implicava principalmente uma serie de operações mercantis que tinham obrigado a abertura de verdadeiras lojas dentro do recinto sagrado. Alli se vendiam os animaes para os sacrificios; alli se faziam em mezas de cambistas as permutas de moeda necessarias ás transacções; ali se debatiam preços, negociações e interesses pecuniarios a proposito do culto. O templo tomava o aspecto de bazar. Era irreverente o manejo das cousas santas; a casa de oração transformára-se no seu dizer rudemente severo, em caverna de ladrões.

A sensibilidade meticulosa, a delicadeza sentimental, o escrupulo susceptivel de Jesus soffria com aquelles aspectos uma angustiosa impressão. Um dia, o seu coração, aberto a todos os perdões, não supportou as irreverencias, e para consubstanciar n'um só acto de energia extranha e grandiosa toda a sua su-

prema revolta contra a hypocrisia immoral que governava impune, deixou transparecer um movimento de colera e de justiça. A chicote, por suas proprias mãos, expulsou os vendilhões do templo, confirmando no seu acto, embora concitando contra si o odio dos phariseus do templo, dos doutores da lei poderosos, venaes, epicuristas convictos, a sua lição de verdade, a sua condemnação austera da mentira convencional que preside no mundo, empolga todo o poder, absorve todas as considera-

ções, dispõe das riquezas sociaes, e encobre em refulhos de hypocrisia o cynismo dos procedimentos intimos.

Elle era o Jesus dos publicanos, o caridoso companheiro dos Galileus simples, o consolador dos Samaritanos desprezados, o julgador sereno, que perdoava a adúltera e rehabilitava a Magdalena, fundindo em exemplos a essencia subtil da sua doutrina redemptora que a todos abria o reino de Deus, segundo a sua propria phrase. Elle era assim, o sublime pregador da boa nova; mas teve a sua suprema revolta e não se esquivou á manifestação d'ella.

Quiz ser profundamente humano na conducta deliberada, e por isso se deixou levar ao arrebatamento colerico, que descobre a paixão interior, em conflicto com a mansidão ingênita de que elle dava a cada passo lição e exemplo, aconselhando o perdão das injurias, a resignação para as desventuras, a obediencia aos designios providenciaes.

Comprehende-se que este acto de dominadora auctoridade dentro do proprio lugar, onde imperava o pharizeismo, accrescentado de todas as outras praticas e desprendimentos das devoções estabelecidas, extremas, tradicionaes, tivesse accendido mais o odio ao



MARIA MAGDALA — QUADRO DE GUIDO RENI
SEculo XVII

Pelo que te digo: que perdoados lhe são seus muitos peccados, porque muito amou EVANG. S. LUCAS. CAP. VII, VERS. 47.

reformador Jesus e estimulado a hyprocrisia official. A preponderancia dos phariseus era indiscutivel; elles tinham-se por infalliveis e impeccaveis, arrogavam-se o primeiro logar na synagoga, interpretavam em discussões formalistas os textos da antiga lei que por excesso de casuista controversia iam pouco a pouco alterando na sua pureza primitiva. Chegavam a adoptar maneiras, attitudes que os faziam ridiculos perante o povo que os respeitava, mas ao mesmo tempo não os furtava á critica graciosa. O povo creava-lhes alcunhas; havia os phariseus de fronte ensanguentada (*hizai*) que caminhavam d'olhos fechados a affectar pudor e receio das mulheres, batiam com a cabeça nas paredes e feriam-se propositadamente; havia os cambaios (*nikfi*) que passeavam em zigzagues, arrastando os pés, a traduzir externamente a tortuosidade da consciencia; havia os curvados (*schikmi*) sob o peso dos preceitos da lei e das devoções, a occultar as censuras intimas da mentira que professavam; havia-os de todas as castas e feitios.

Este rigorismo apparente, occultando um crapuloso relaxamento moral que lavrava n'aquella época entre a aristocracia do templo, offendia sem duvida a sinceridade do grande reformador, que fundava a sua religião mais na pratica do bem do que na observancia de preceitos doutrinaes.

Os phariseus, exagerando as prescripções moysaicas, julgavam-se contaminados pelo contacto de pessoas menos severas do que elles no proceder, e para a comida em common chegaram a distincções pueris que lembravam a separação das castas indianas. Jesus, ao contrario, desprezando aquellas preverções de sentimento religioso, sentava-se por vezes á mesa dos que, se dizia, levavam má vida; e, quando os escribas, doutores de

lei, escrupulosos lhe exprobam o facto, elle respondia-lhes na sua phrase imaginosa: — Não é o são que precisa de medico. E assim, Jesus vivia entre o povo, n'uma evangelisação despreoccupada e alegre, encantando os corações simples que ao vel-o affavel, sem orgulho, sempre bondoso, se aproximavam confiados, ouviam a sua palavra e o seu ensino, seguiam-o fascinados, sentiam-se felizes da sua rehabilitação social.

Comprehende-se que antagonismo irritante se formaria entre aquella sociedade e o humilde Nazareno, que ousava expulsar os vendilhões do templo, e das discussões havidas, das controversias successivas dão noticia larga os Evangelhos. E' combatendo os escribas e os phariseus hyprocritas que mais forte, luminosa e severa se apresenta a eloquencia do Mestre; como ao contrario na desculpa dos miseraveis e dos ignorantes, na protecção aos pobres, na rehabilitação dos peccadores arrependidos se reconhece a idealidade do seu pensamento e a superioridade da sua doutrina.

Accentuando para relembrar a vida do melhor amigo do povo, o acto energico de suprema revolta contra o mercantilismo das acções humanas e contra a oppressão disfarçada dos poderosos, melhor se destaca, em relevo soberbo, a acção benefica, divina, infinitamente intensa que o Christo veio exercer no destino da humanidade.

Reconhece-se como são tão productivas as sementes de verdade de que falla o Evangelho, que ainda hoje se veem refflorir primaveras; e apenas se lastima que a terra seja tão ingrata ao trabalho e ao amanho que as não deixe fructificar prodigamente, apesar da lavra profunda com que a sulcou a mais admiravel revolução popular de que ha memoria.



De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO I

Porto Said — O canal de Suez — O mar Vermelho

A VIAGEM, de mez inteiro, entre Lisboa e Moçambique pelo canal de Suez seria intoleravelmente fastidiosa para quem gosta de que os dias se succedam sem se parecerem, se os portos de escala a não fragmentassem em passeios marítimos, entretidos pelas recordações do que se viu e pela expectativa do que se ha de ver. Nos tres dias de ininterruptas rotações do helice que separam o estreito de Messina de Porto-Said, o Mediterraneo só proporciona ao appetite artistico do viajante uma vista das montanhas asperas de Creta esboçada a pinceladas de fumo, mas o espirito saboreia e assimila as impressões do panorama capitoso d'esse passo que os antigos infamaram com os terrores de Scylla e Carybdis, e estimula-se com os portentos, que não tardará a gosar, da obra titanica com que Lesseps assoberbou as pyramides de Gisch e as ruinas de Karnak.

O canal de Suez, que, além de ser maravilha do seculo, é addito do mundo oriental, desperta tão vivamente a paixão humana pela novidade e pelo grandioso, que ainda os paquetes navegam nas aguas azues escuras das grandes profundidades e já os passageiros, agrupados nas amuradas, apontando com o dedo, assestando lentes, fazendo pala com a mão estendida sobre os olhos, discutem-se é costa longinqua a esbatida barra de vapores que encinzeira o horizonte, se é boia o casco de batel que a espaços negreja levantado pela arfagem dos seios do mar. Quando, afinal, principia de salientar-se, n'uma linha indecisa de que se desconfia que já não é agua, um vulto esbranquiçado que tanto póde ser torre de pharol, como vela de embarcação, como illusão da vista, corre por todo o navio um alvoroço communicativo, surgem das camaras os enjoados esfregando as palpebras empapuçadas, assomam ás gaiutas rostos enfarruscados de fogueiros e chegadores com olhos lampejantes, e parece mais animado e impaciente o proprio resfolegar da machina. E', não é, consulta-se o ponto, lê-se o mostrador da barquinha, fazem-se calculos mentaes de distancia e velocidade, voltam-se

todas as vistas para a ponte, onde o commandante sonda o espaço com o oculo fito e o timoneiro faz girar a roda do leme sem olhar para a agulha. Agora! Agora! aquella scintillação furtiva foi um raio de sol, reflectido pelos vidros do lanternim, que o navio apanhou n'uma guinada. Porto-Said! Porto-Said! O vulto entrevisto vae reforçando os contornos e crescendo em altura, já se percebe, na base d'uma nebulosidade, a mancha pallida da costa baixa e arenosa; o mar esverdeia-se; alvejam rebentações distantes; vêem gaivotas em bandos mergulhar na esteira do paquete; a bordo levantam-se os encerrados das escotilhas, desenrolam-se correntes de ferro dos braços herculeos dos guinchos, trasteja o *immediato*, silvam apitos, e as gentes de prôa surgem no convez, encarreadas como formigas. Porto-Said! Porto-Said! Lá estão massiços de telhados vermelhos e terraços cinzentos, d'entre cujas arestas esquadradas rompem topos de mastros com flammulas multicolores; distinguem-se verduras de arvoredos entremeando branquejamentos de edificios, relevos de casaria retintos de luz e sombra, grimpas, um minarete, chaminés que ejaculam nuvens e vidraças que espelham sol; para além, a perder de vista, espraia-se um areal amarello, retalhado, listrado, mosqueado, sulcado por aguas de anil. Porto-Said! Porto-Said! Os passageiros vozciam alegremente enxameando na tolda, e preparam-se para o desembarque; os porões abertos derramam pelo convez fardos e saccarias, rangem de continuo os gualdropes do leme, á pôpa desfralda-se majestosa a bandeira, trepam signaes matizados pelos mastareus acima, abrem-se os portalós, vibram os telephones de commando, passa-se pelo pharol que foi adivinhado ainda antes de ser visto, costeia-se um molhe, e o paquete, lento, cauteloso, serpenteia pelos meandros d'uma frota fundeada e vae largar ferro deante d'um extenso caes orlado de edificios pintalgados, cobertos desde os alicerces até ás platibandas com mirabolantes taboetas. Porto-Said! Porto-Said!

Quem se acostumou a associar á idéa de

porto a da vastidão do estuario do Tejo, só concede honras de doca á bacia que, do lado da Europa, remata o canal de Suez. Os navios precisam arrumar-se n'ella como espectadores n'uma plateia, com os cotovêlos em contacto, e amarrar-se de pôpa e prôa para não terem o capricho subversivo de girar sobre a amarra. No fundo d'essa bacia de aguas turvas abre-se a entrada do canal, e

rompem apinham-se rebocadores e jangadas, dragas e batelões, fundindo as formas em grupamentos escuros. Os carvoeiros e os vapores que se demoram para concertos fundeiam a par, com a pôpa virada contra essa margem, os que vão de passagem estendem-se em filas paralelas ao eixo longitudinal do porto, dando o costado ao caes, e tão perto d'elle que deitam cabos para terra. Por entre

uns e outros perpassam incessantemente possantes *tugs* roncadores e ageis escaleres golfando fumo branco, arrastam-se jangadas e batelões carregando pilhas geometricas de hulha, enquanto innumeros catraios a remos, pintados, de côres vivas, resvalam surrasteiros á flôr das aguas lizas transportando passageiros de capacetes de cortiça e chapéus *cham-pignon*, que alvejam na solheira. O movimento marítimo é vivo e ruidoso. A toda a hora entra do mar ou larga para o mar, vem do canal ou vac para o canal, algum populoso paquete das carreiras do Oriente ou algum bojado *cargo-boat* da India ou da Australia, e a cada partida e cada chegada referve no porto a faina intrepida das cargas e descargas, dos embarques e desembarques, espalhando nos ares luminosos as vibrações sonoras de businas, de machinas, baques de fardos, guinchos de moitões, range-duras de amarras, gritas da maruja, algaraviadas de barqueiros.



NO CONVEZ

as suas bordas são formadas, d'uma parte pela linha dos caes da cidade, da outra por ilhotas e restingas, de topographia confusa, que a dividem, mas creio que a não isolam, do lago Menzaleh, porque são intervalladas por esteiros e canaes. Sobre esses rôtos tabiques de arêa coberta por espessas camadas de carvão assentam-se officinas, armazens, depósitos de combustivel, e nas calas que os

lucta. Na escada do portaló corre-se risco de ser amolgado pela chusma dos vendilhões ambulantes que a tomam de assalto apenas arreada, e em baixo encontra-se o patamar assediado por embarcações atracadas umas ás outras, tantas e tantas que quasi formam um tablado de peças movediças, lançado do navio ao caes, que pouco dista. Os seus tripulantes, negros, brancos, pardos, tagarellas

como catraeiros da Ribeira Nova, arrancam o passageiro das mãos uns dos outros, e os que no aperto não conseguem agarral-o, pegam-lhe na bengala, apoderam-se-lhe do paletot, reteem-lhe a mala, para segurarem o freguez, que lá vae, empuxado, tropeçando, meio suspenso, quasi em braços, desequilibrado pelos balanços, cair sobre as almofadas de ramagem d'um bote que não escolheu, enquanto os corsarios, que lograram captival-o, resgatam a poder de descomposturas os refens que outros lhe haviam tomado. Uma duzia de remadas vigorosas levam-no a uma pequena rampa boiante de madeira, e elle atira aos barqueiros com alguma moeda de prata de qualquer paiz; mas é raro que os galfarros não peçam mais, com loquacidade e mimica expressivas quando não ameaçadoras, se não intervem espadados policias de azeviche com a auctoridade prestigiosa das chibatadas que empunham. O forasteiro fica então disponível para ser prêado por outros ganhões. Ainda não deu dois passos na arêa solta da avenida do caes e já tem filado a cada pé um gaíto arabe a engrai-xar-lhe as botas, enquanto um grupo de judeus, maltezes, fellahs, aproveitando a paragem forçada, lhe mettem á cara, debaixo do braço, nas algibeiras, caixas de *turkish delight*, bengalas que se armam em cachimbos, ou rolos de photographias pornographicas.

Os engraxadores infantis de Porto-Said — e de todo o Egypto, — devem de ter affinidades ethnicas com a praga biblica dos gafanhotos. Estão emboscados a cada esquina, acorados á porta de cada loja, e seguem o transeunte como a sombra, fespreitando ensejo para se lhe lançarem aos pés. Têm a oportunidade das varejeiras, e lustram um par de pés com a instantaneidade com que a vespa crava o ferrão. Pára-se a perguntar a um amigo como passou, e ainda se lhe não deram recados para a familia já um engraxador minúsculo, de bonnet na mão, pede a

gorgeta em mau francez por ter limpo o calçado, quasi sem se sentir. Que as botas estejam ou não enlameadas, estejam ou não empoeiradas, pouco importa aos diligentes artistas: são capazes de engraxar a propria graixa. É tal a mania de engraxar, que os crentes que se descalçam, segundo os preceitos mussulmanos, para entrar na mesquita, á saida encontram luzidio como polimento o calçado que deixaram á porta entregue aos cuidados, não d'um andador ou *suisso*, mas de um engraxador, que não sei se é pago pela comunidade, se engraxa de graça em louvor de Allah e do propheta.

E', pois, com pés reluzentes que o estrangeiro pisa o leito arenoso e os passeios arga-



O PAQUETE «MOÇAMBIQUE» DA MALA REAL PORTUGUEZA, EM PORTO SAID

massados das ruas de Porto-Said, a cidade mais cosmopolita do orbe terraqueo, pois que nem se sabe ao certo em que parte do mundo é situada, e a sua população compõe-se de contingentes de todas as raças e todas as nacionalidades humanas. Egypcia é que ella é menos. O paiz classico dos pharaohs só contribuiu para a sua formação com o sol, a arêa e alguns fellahs. Nem palmeiras lhe deu para o scenario: em Lisboa ha mais. Debalde se procurarão nas suas ruas, arremedos, que seja ou simples reminiscencias da architectura do Luqsor ou do Rhamesseum, linhas de pyramides, perfis de obeliscos, relevos de folhas de lodão, desenhos de esphinges, tradições dos Krufus ou dos Lagidas: até os edificios publicos se desnacionalizaram no estylo nas dimensões, na estrutura, nos materiaes.



O CANAL DE SUEZ

O proprio typo mais banal e elementar de construcções domesticas intertropicaes, commum á Asia e á Africa, está escassamente representado, e só nos bairros interiores, por algumas casas chatas e massiças de alvenaria, furadas sem symetria por janellas quadradas, pequenas por isso que a luz é calor, sobrepujadas por terraços que recolhem as aguas das chuvas, e assentes em arcadas que dão sombra ás lojas e offerecem abrigo aos viandantes. Fóra d'estes excerptos inartisticos do Oriente, os edificios são essencialmente europeus, apenas adaptados ás altas temperaturas reinantes. As janellas de cada pavimento — e ha predios com seis e sete, — abrem para uma larga varanda ou galeria de madeira corrida e gradeada, que faz alpendre á do pavimento inferior, sendo a varanda mais alta coberta, de ordinario, por um telheiro ou prolongamento do beiral; e toda essa armação exterior, destinada a impedir que as chapadas do sol aqueçam as paredes e a fazer girar correntes de ar em volta dos aposentos, é ligada e amparada por vigas a prumo, erguidas a espaços eguaes do chão á cobertura. As frontarias usam côres variadas, sim, mas sempre mortas, e o que lhes dá um aspecto vivo e uma nota oriental são os toldos e os *stores*, de tela ou de palha, listrados ou floreados, corridos nas janellas, pendentes entre os prumos das varandas, armados sobre as portas dos estabelecimentos, que como que as empavezam vistosamente d'alto a baixo, ondulando com as virações e fazendo kaleidoscopos com as taboetas gigantes, que, enfileiradas desde as lojas até aos sotãos, apregoam que Porto-Said é principalmente um bazar.

Porto-Said fez-se para abastecer navios e explorar estrangeiros, e em tudo se ageitou a estes fins especulativos. É menos uma cidade para habitantes do que uma cidade para hospedes ephemeros. Escasscam-lhe, portanto, os confortos, os recreios, os meios de satisfação de necessidades materiaes e moraes, com que se dotam as grandes povoações organizadas para se viver e morrer n'ellas. Passeios, além dos que ás margens das ruas obrigam os transeuntes a passarem rentes com os mostradores das lojas e a sujeitarem-se ás suas tentações, ha só areeas pulverisados pelo piso e impregnados de liquidos organicos. Os armazens e as hspedesarias não deixaram espaço senão para uma praça, a de Lesseps, que contrasta pelo acanhamento com a vastidão das concepções do grande engenheiro, e onde um arvoredor rachitico, de folhagem amarellenta, espreita, debruçado, se ha alguma gotta d'agua no fundo do tanque central, sobre cujas bordas

se amou um coreto, talvez na idéa de regar o jardim com ondas sonoras. Templos, que os erigisse quem tivesse vagares para rezas: de feito, algumas comunidades têm construido modestas capellas para os seus cultos. Não sei se tambem é particular a mesquita, que, entre os bairros europeu e indigena, levanta para o céu o unico minarete que se avista do mar; mas essa mesma, apesar de consagrada á religião do estado, é pobre e sem caracter. De theatros não precisam os habitantes, só attentos aos espectaculos do porto, representados pelos navios que lhes levam dinheiro; e os viajantes contentam-se com os *casinos*, onde ao mesmo tempo se exercem muitas artes bellas e feias, desde a arte de cosinha até a de furtar, sem esquecer a de amar, praticada por mestres menos requintados, mas tambem menos prolixos, do que Ovidio.

Esses *casinos* — dois conheço eu, — são vastos botequins de entrada franca, que justificam as suas pretensões á respeitabilidade de casas de espectaculo e salões de musica arrumando a uma parede um palco scenico para *chansonnettes*, e disfarçam a sua indole viciosa de tavolagens escondendo n'um cubiculo, ou cobrindo com biombos e cortinados, as roletas e as mezas do *baccarat*.

Dão concertos a toda a hora. Se um magote de passageiros de paquete recémfundado, com apparencia de exploraveis, abandonam e pedem coisas caras, apparece logo uma *troupe* de *damas viennenses* ou *hungaras* sobraçando violinos, flautas, violoncellos, requintas, grupa-se n'um estrado, e executa o hymno nacional dos consumidores, sem lhes ter perguntado pela nacionalidade. Segue-se um repertorio de valsas e *pol-pourris*, com acompanhamento mudo de olhadellas e sorrisos. De quando em quando, — muito a miude, — uma das executantes, e nunca a mesma duas vezes, percorre as mezas colhendo offertas e retribuindo-as com phrases e requebros, de suavidade proporcionada ao valor da moeda que tiniu na bandeja; e como são novas e ás vezes bonitas, as colheitas costumam ser copiosas, pelo menos quando os colhidos são portuguezes com dez ou doze dias de viagem pelos mares cheios de sol. Têm feito victimas, essas concertistas de Porto-Said, entre os nossos compatriotas, porque á volta d'Africa não ha cabellos louros que não pareçam um resplendor de formosura.

Estes honrados estabelecimentos, e a propria cidade, decahiram muito desde que foi permitido navegar de noite pelo canal, com o auxilio da luz electrica.

Quando os navios que entravam ao des-

cahir do dia tinham de passar a noite fundeados no porto, então sim, que eram bons tempos! Enchiam-se os *casinos* de multidões variegadas, em cujo apertão o inglês se deixava acotovelar pelo índio e o mouro comia á mesma meza que o judeu; cogulavam-se as bandejas das concertistas de moedas de ouro de todos os cunhos, aquecidas pelas mãos que as largavam como promessas; ensopava-se em espuma de Champagne a seradura do chão; cobria-se de libras o panno verde da meza da roleta, e os hoteis sabiam

com os pizzicatos das viennenses vê Porto-Said em meia hora. Aluga um trem de praça, que só deferirá das tipoias do largo do Camões ou do Corpo Santo por ser guiado por um cocheiro de *fez* ou de cabaia, percorre as ruas principaes tendo por unica distracção a variedade dos trajes e dos typos dos transeuntes, dá volta á praça de Lesseps, visita a mesquita, onde, em vez, de se descalçar, calça a mais um sapatões de esparto, que lhe alugam para prova de que tambem ha faceis e baratos *accomodements* com o Islam, e vae



PORTO-SAID

chronicas mordentes de aventuras boccacianas. Agora, porém, os paquetes chegam e largam quasi sempre á claridade do dia, que sempre fez piscar os olhos dos Bazans e dos Tenorios, e, para cumulo de desgraça, a policia prohibiu o jogo ás escancaras. Era feroz, segundo dizem. N'um dos casinos vi eu ainda os espelhos em hastilhas, rachadas as pedras das mezas, escalavrados os estuques, por uma batalha de jogadores em que se tinham brandido punhaes e disparado revolvers. Ultimamente a jogatina tomára disfarces innocentes e infantis: apostava-se pelos cavallinhos de manivella.

O passageiro que não fica embevecido

dar uma vista d'olhos ao bairro indigena, montão de casebres e pardieiros, muitos d'elles de simples e toscas taboas, atravessado por uma larga avenida em que desembocam estreitas viellas, e caracterizado por essa imundicie sordida e abjecta, que é a realidade mais tangivel e mais olfactiva do Oriente das *Mil e uma noites*. A civilização moderna poudes cortar o istmo de Suez; o que ella porém não conseguiu foi lavar a miseria asquerosa dos mussulmanos, que logo acampam á margem do canal.

A vil ociosidade em que apodrece uma numerosa parcella dos habitantes crentes de Porto-Said, apesar das suggestões laboriosas

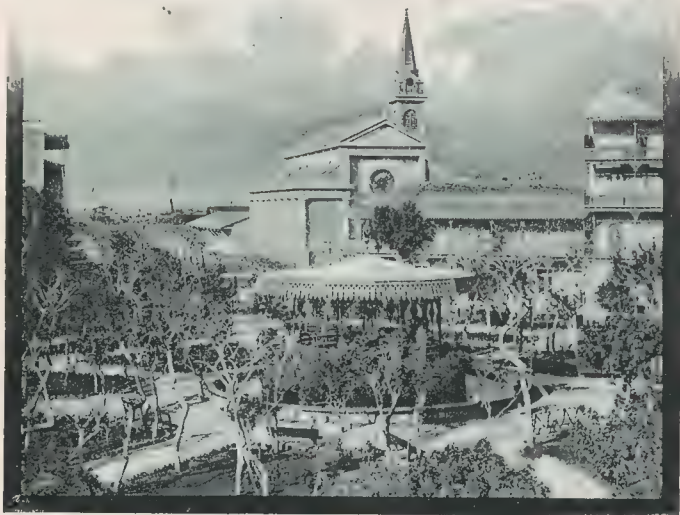
da actividade européa, sustenta no bairro indigena botequins sem conto, installados em baiucas acanhadas, que lembrariam as barracas de *peixe-frito* das nossas feiras se fossem cobertas de lona, sempre cheias de matulões com catadura de bandidos, que fumam, palram ou dormiem acorados ou estatelados sobre esteiras estrompadas e toscos bancos de pau. Também ás portas das moradias, nas orelas de sombra das ruas alagadas de sol, preguiçam no chão, que já tem covas dos corpos, ou em canapés encebados pela laseira de muitas gerações. Abrahões vadios de intonsas barbas ennastradas com espiraes brancas de fumo de tabaco; e por entre os seus grupos estaticos brincam ranchadas de creanças, nuas ou mal cobertas por longas camisas cõr da sujidade, de magras carnes tostadas, desafogando a alacridade infantil em guinchos demaçaricos a foliarem na praia.

As mulheres é que mourejam. Encontram-se por toda a parte, morosas, com um dolente aspecto de passividade, acarretando agua á cabeça ou ao hombro, levando embrulhos, vendendo em ceiras circulares fructas, bolos, frituras, gulodices reles, que são como a alcomonia ou o burrié da nossa terra.

Só se conhece, porém, que são mulheres por se saber que os orientaes escondem as femeas. Parecem antes farricôcos descalços de procissão de penitencia. Não teem fórmãs, a não ser as de saccos cheios, movidos lentamente por parelhas de pés nús. Tunicas de muita roda descidas até aos tornozelos, mantéus lançados sobre os hombros e a cabeça e aconchegados ao tronco, tentam persuadir a sensualidade avulsa de que ellas são feitas d'uma só peça, como as estatuas do velho Egypto, sem braços soltos que possam formar collares de amor: do rosto só lhes apparecem os olhos, a luzirem por entre as duas peças da mascara, presas uma á outra por um pedaço de bambú com anilhas de metal, fixo entre os sobreolhos e sobre a linha do nariz. Tunica, manto, viseira, tudo é negro, como são negras as pupillas

que scintillam através das frinchas do bioco e como deve ser negra a vida das pobres creaturas, a quem o despotismo do cume priva do mais innato prazer feminino, o de inspirar desejos. Não sei, e nunca tive curiosidade de saber, o que se esconde dentro d'aquellas trouxas ambulantes; mas desconfio de que, ao menos n'aquella pousada offerecida aos vicios europeus, nem o koran, nem legiões de Othellos, nem todos os patriarchas islamitas impediriam que as trouxas se desentrouxassem, se costumassem encerrar Cleopatras.

A' volta do bairro indigena, o viajante vae inevitavelmente gastar tempo — e di-



PORTO SAID — A PRAÇA DE LESSEPS

nheiro, — *Rua do Commercio*, a mais característica e movimentada da cidade, onde a cada hora apontam e se espalham ranchadas de passageiros desembarcados dos paquetes.

Essas ranchadas offerecem a si proprias themas variados para albuns de costumes e de caricaturas.

Anima-as o prazer que tem o viajante sentindo-se desconhecido entre desconhecidos; usam soffregamente, e até abusam, da liberdade, que lhes dá o anonymato, para fazerem coisas que *pareceriam mal* nas suas terras. O sizudo commerciante, que o seu arruamento nunca viu sem chapéu alto, permite-se a estroinice de saltar em terra de *casquette* de quadrados; a loira *miss*, educada no santo temor do *schocking*, descobre que as laranjas são mais rosadas descascadas á

não e chupadas sob o arvoredor d'uma praça; o official allemão enthusiasma-se percebendo que tem no seu organismo engonços que lhe permitem sentar-se no limiar de uma porta; os portuguezes atrevem-se a

recendo e gabando as suas mercadorias. Sabem de todas as linguas do mundo, as palavras e as phrases indispensaveis para esta agencia importuna, e possuem um sentido especial para conhecer a nacionalidade do desejado fre-

guez, e outro para calcular o dinheiro que elle traz no bolso. Vendem de tudo. Um Adão que entrar por uma porta d'aquelle grande armazem ali da esquina, poderá sair por outra, ao cabo de poucos minutos, vestido, calçado, de chapéu sobre a orelha, bengala na mão enluvada, charuto ao canto da bocca, flor na botocira. As franquias do porto e concorrência mercantil permitem comprar barato, uma vez que se não dê senão a decima parte do que pedir o vendedor. A especialidade da *Rua do Commercio* e a *attraction* dos viajantes são, porém, as bugiangas, o *bric-à-brac*, os artigos de luxo e phantasia, de fabrico mais ou menos authenticamente oriental, que ali se offerecem para lembranças á familia. O sortimento é variado. Lá vem um maltez inculcar leques de varetas de sandalo ou madreperola com plumagem frizada de avestruz, ou ventarolas chinezas de figuras de cartão vestidas de setim:—preços modicos, assevera elle. Aquella loja só vende delicadas rendas de Malta, que o logista explica serem lavradas pelas monjas da ilha; mas,



MULHER EGYPCIA

fallar alto nos passeios. Ha notas pictorescas nos vestuarios, um á vontade expansivo nos movimentos, jovialidade nas physionomias, e não raras exhibições de typos humanos pertencentes a essa variedade ethnica que se póde denominar *homo viator*, porque só apparece em viagens de longo curso.

Oslojistas estão sempre ás portas esperando estas caravanas, e assaltam-nas na rua offe-

logo adiante, M.^{me} Fioravanti, uma italiana de busto de prateleira e ademanes majestaticos, tem exposições estonteadoras de pratos e aparelhos de louça da China, bronzes esimi-li-bronzes do Japão, *stores* diaphanos, subteis reposteiros de fios de contas e varinhas, charões da India, almofadas, colchas e biombos de seda bordados a matiz e ouro em desenhos pantafaçados, coraes de Napoles, ou-

rivesaria de Ceylão, e... offerece-se para fazer estampar por artistas japonczes o retrato do freguez, em pannos de leques, ou papeis de paredes, ou transparentes de janelas. O fumista pode colleccionar cachimbos de todos os typos, desde o amarujado *brule-gueule* de gesso branco até a gorgolejante

jarra que esfria o fumo em agua perfumada, e surtir-se d'uma infinita variedade de tabacos louros, marcados com caracteres enigmaticos nos pacotes e nas morralhas. Os gulosos devem tratar de se entender com uns turcos côr de alféloa, que apre-goam uma pasta doce egommosa, cortada em pedacinhos, que sabe a essencia de rosas ou de limão. As pennas de avestruz começam ali a apparecer, atadas em feixes de quatro e resguardadas em canudos de folha de Flandres, e os braceletes e os alfinetes de gravata, feitos de medallhões imitando moedas orientaes, são recordações de Porto Said ao alcance das ternuras proletarias de marinheiros e soldados. O viajante não levou moeda acreditada no mercado para fazer as suas compras? Está prevista a hypothese. A cada canto ha um cambista, como ha em Lisboa um kiosque d'agua fresca, que hon-

rará, inclusivamente, a firma do sr. Cunha estampada nas cedulas da nossa casa da moeda.

Não é facil fugir dos bazareiros da rua do Commercio, e quando se regressa a bordo, sobraçando embrulhos de côres vivas, escoltado por caixeiros e carregadores ajouçados com trouxas e caixas, tambem a bordo se soffrem novas tentações, novos assaltos, novas espremiduras. Se o viajante é a azeitona d'aquelle lagar! No convez, ao longo das amuradas, improvisam-se feiras, e bandos de vendilhões ambulantes infestam todo o navio, importunos, pegajosos, aladroados, vendendo á hora da partida pela quarta

parte do preço que pediram á chegada, e vendendo geralmente os *monos* das lojas, cousas encebadas das mãos, amassadas das trouxas, desbotadas pelo sol. E' preciso quasi dar-lhes pancada, para não lhes dar dinheiro. A primeira vez que passei em Porto Said, quando voltei ao *Rei de Portugal* en-



MULHER EGYPCIA

contrei as irmãs das missões, minhas companheiras de viagem, accommettidas, assediadas, torturadas por um bando de judeus, que as julgavam obrigadas pelo habito a fornecerem-se copiosamente de objectos de devoção. . christã. Enfiavam-lhes nos braços rosarios feitos de caroços lavrados ou suppostas azeitonas do monte das Oliveiras; punham-lhes no collo rumas de cartões tendo colladas flôres e hervas seccas dispostas em ramalhetes, corôas e calvarios, que os bufarinheiros juravam por Abraham e Moysés serem colhidas em Jerusalem, em Jerichó ou no valle de Josaphat; e um Mathusalem de

barbaças até o estomago emprenhêda obrigar as pobres senhoras a substituirem os crucifixos de metal, que usavam pendentes sobre o peito, por outros de madreperola, que o neto de Judas trazia no cabaz. Custou-me a desvençalhal-as da malta, como sempre custa a qualquer passageiro resistir ás sollicitações dos innumeros vendilhões de photographias, — photographias de Porto-Said, do Canal, do Egypto inteiro, — que ás vezes servem de capa a mercadorias secretas. E' tal a importunidade d'aquella gentilha, ralé de todas as raças e todas as nacionalidades, tamanha a algazarra que fazem apregoando, regateando, altercando, tão incommo-

do o pe-
jamento, o
apertão, o
tumulto

que causam no convez, que apesar dos paquetes, em regra, só passarão poucas horas em Porto-Said, os seus viajantes veem levantar ferro com um sentimento de allivio e libertação. Uf!

Dirigido por um piloto, quasi sempre italiano, de casaco azul com botões amarelos e bonnet de marinha, o paquete voga lentamente para o fundo do porto, enfia por entre dois renques de boias vermelhas, que d'antes se accendiam de noite, e mette-se na bocca do canal, aberta entre duas mandibulas de arêa dentadas por dragas e officinas.

alguns troços, á altura do convez, e ás vezes sobrepujam-n'o e entaipam-n'o; ainda quando são baixos, só descobrem areal, areal a perder de vista, chato, com raras ondulações, amarello, quasi sem manchas de verdura, ou então lençoes azues de agua parada, rotos aqui e além por grenhas hirsutas de juncaes. No primeiro lanço da viagem, a attenção só encontra, em que se detenha, bandos de palmipedes que, lá ao longe, da parte de bombordo, povoam o Menzaleh; quando levantam vôo parecem nuvens, quebradas em ziguezagues, que põem enormes sombras movediças na transparencia do lago; á flôr d'agua, formados em linhas de kilometros,

f a z e m
lembrar
exercitos
dos ve-
lhos pha-
raohs pas-
s a n d o
pantanos
a v a u .
Chegam a
ser uma
das curio-
sidades
do Egy-
pto, essas
aves do
Menza-
leh, patos,
garças, ce-
gonhas,
pelicanos,
ibis, que
sei eu? tão
innume-
ráveis que
já um cu-
rioso cal-
culou que



PORTO SAID — A RUA DO COMMERCIO

comem por dia 60.000 libras de peixe; mas do canal só se avistam muito fóra do alcance d'um tiro e eu dei-me por feliz podendo distinguir a côr rosada d'um rancho de ibis, que folgazavam n'um praia, em mergulhos e adejos, á beira de cannavaes.

Passado o lago, cae-se na monotonia inexoravel do deserto. Os archeologos distinguem, n'umas dunas que se arredondam ao largo, n'uns monticulos que accidentam a planicie, lugares historicos, de que sabem os nomes: além era o monte Cassius dos antigos, acolá fica Tallieh, para aquelle lado jazem as ruinas de Tell-es-Semont e de Migdol; mas os profanos encontram mais distracção n'algun raro camello de lá suja e beiços arreganhados que mede ás pernadas a margem do

canal, apinham-se de preferencia ás amuradas para vêr passar um fellah montado n'um jumento, e guardam os alvoroços para saudar os navios com que se cruzam no caminho, e as *gares* que, de dez em dez kilometros, representam a Europa e a sua civilização no meio d'aquella barbaria da natureza.

O canal não tem largueza que permita a dois navios navegarem a par no seu fundão, que é marcado em todo elle por duas linhas de pequenas boias pyramidaes, bem visiveis umas das outras: se dois navios se encontram, um pára a distancia, encosta-se e atraca á margem para dar passagem ao ou-

As *gares*, cuja função primaria é regularizar o enorme movimento, amenisam a aspreza e a desolação das margens com o seu aspecto garrido e pitoresco. São vastos chalets de telhados vermelhos, com um ar europeu de conforto e elegancia, servidos por curtas pontes-caes de madeira e assignalados pelos alterosos mastros de signaes, com suas enxarcias e gaveas, cujos topes se avistam a kilometros de distancia. Se estas moradias e repartições têm a ventura de lhes correr ao pé a canalização, a céu aberto, que desde o Cairo leva as aguas doces do Nilo até Ismaíliã e quasi até Suez, então os seus habitan-



CANAL DE SUEZ — DRAGA E CASA FLUCTUANTE

tro. Chama-se a isto *garar*. A *garagem* faz-se segundo determinadas regras regulamentares, e é ordenada por meio de signaes, — balões pretos de dia, luzes coradas de noite, — que se içam em mastros semaphoricos erguidos em frente das *gares*; segundo o signal que vê na gare por onde vae passar, assim o piloto prosegue na jornada ou atraca. A's vezes essas paragens são amiudadas e succede serem prolongadas, e d'ellas depende a duração da travessia, cujo tempo medio é de dezoito horas; já a fiz, porém, em pouco mais de doze horas e em perto de quarenta e oito.

tes obrigam as arêas asceticas a orgias de vegetação, que escandalizam as dunas da vizinhança: atapetam jardins, armam parques minuculos, e improvisam luxuriosos oasis, que um esfaimado dromedario mastigaria n'uma ração, se não fossem guardados por gradarias e paliçadas. Ainda com esse regalo de verdura, que no meio de um deserto adusto refrigera a propria alma, deve de ser bem triste a vida que se mõe n'aquellas *gares* n'uma solidão perturbada pelo constante desfilar de gente com que se não pode comunicar! Todavia, das suas janellas abertas irradiam ás vezes para a atmosphaera calida,

echoando gratamente nos ouvidos dos passageiros, vozes fagueiras de alegrias domesticas, melodias de instrumentos, risos e chilreadas de creanças, e nas sombras dos arvoredos ou nas esplanadas das pontes debuxam-se linhas airosas e flexiveis de mulher. Em toda a parte se pode amar, em toda a parte se pode ser feliz!

Ainda outras habitações, mais desfavorecidas do que essas, marginam a espaços o canal.

O açoramento determinado pelas correntes, e principalmente o constante esbroar das trincheiras arenosas, são combatidos e

menos luzida, descansada e rendosa de que a de chefe de repartição! E, comtudo, deixam ver physionomias risonhas e satisfeitas aos viajantes, que na passagem lhes acenam com os lenços.

Nos espaços enormes em que o grande fosso só offerece á vista as suas margens de amarello torrado, o passageiro tem de se entreter a observar a vaga, o como *macareu*, que segue o navio embatendo rijamente nos taludes, que se vão empedrando agora para resistir a esse enibate, ou lendo as taboletas pregadas em estacas, que a um lado dizem a medição do canal em milhas e decimos de

milha e a outro lado em kilometros, para calcular quanto tempo lhe falta para ser restituído á vastidão dos mares. Se é muito feliz, se é favorito do imprevisito e do extraordinario, talvez tenha em cem viagens uma occasião de observar o phenomeno da *miragem*; se, pelo contrario, é d'esses callistos cujo influxo faz avarias nos paquetes em que embarcam, arrisca-se a apanhar uma saltada de *simoun* que o obrigue a fechar-se e a calafetar-sen'algum estojo, para que o não ceguem, asphyxiem eflagellem nuvens de arêa impalpavel vibradas por braços de vendaval, ou a ser visitado por uma praga de ga-



GRANDES LAGOS AMARGOS — PHAROL SEPTENTRIONAL.

remediados pelo trabalho incançavel de formidaveis dragas, semelhantes na fórma e no machinismo ás que têm sido empregadas nas obras do porto de Lisboa; o pessoal que dirige essas dragas, e que precisa acompanhá-las nas deslocacões constantes, aloja-se perto d'ellas em casas fluctuantes, montadas sobre barçaças que se amarram ás margens. E' preciso vêr mundo para se avaliar a quanto se sujeita, nos paizes onde nenhum trabalho é desdouro, quem quer ganhar honradamente a vida! Sobre essas barçaças, expostas durante a maior parte do anno a uma temperatura de forno, arriscadas ás tempestades d'arêa, repassadas pelas exhalacões humidas do canal, vivem familias cujos chefes, se tivessem nascido em Portugal, antes pediriam esmola do que acceitariam posição

fanhotos, que o não deixem abrir a bôcca sem lh'a atafulharem. Estas são, porém, as aventuras *extra*, de jubileu, que não figuram no programma da travessia; quem não fôr muito ambicioso, não deverá conceber esperança de espectaculos mais phenomenaes do que a passagem, em Kantarah, de alguma caravana da Syria, ou de tormento mais excruciante do que um calor implacavel, um calor de dupla expansão, a do sol e a do areal.

Quando se chega ao lago Timsah festeja-se uma mudançã de scenario.

A delgada fita lisa de azul pallido, pontuada pelas manchas das boias, faz-se subitamente vasto lençol encrespado, tinto em anil, com uma ourela verde tecida de arvôres, juncos e cannaviaes. Interromperam-se, as arêas soltas; o geologo descobre, a leste

montículos de calcareo, e o engenheiro observa que a construcção teve, n'aquellas paragens, de atracar terrenos duros, abrindo n'elles trincheiras de dezeseis metros de altura. Sobre uma d'essas trincheiras elevadas, ainda hoje campeiam, *memorandum* triste da inconstancia da fortuna humana, a granja de Lesseps, d'onde a imperatriz Eugenia assistiu ao desfilar da frota cosmopolita que inaugurou o canal. Lesseps é hoje um infamado, a imperatriz nem é mãe, e a casa acompanha essas decadencias desabando a pedaços.

O lago Timsah foi destinado para porto interior, e na sua margem de noroeste edificou-se Ismailia, ligada ao Cairo por um canal de agua doce e uma linha ferrea, toldada por arvoredos, alfombrada por jardins, guarnecida de caes e nobilitada com um palacio do khediva; mas as pompas do nascimento e as glorias da padrinhagem não lhe seguraram as venturas e as prosperidades, com que só o commercio poderia dotar-a. Está em pleno descachimento. Quem passa pelo canal não a vê; apenas descobre os tons viçosos dos seus arredores, e só percebe a existencia de uma povoação á margem do lago, porque as suas aguas são a miude cortadas por embarcações de pesca e de carga, de velas amarellentas desdobradas em compridas vergas flexiveis.

Durante a travessia do Timsah, que dura horas e cujo rumo é marcado por boias, os navios emancipam-se do preceito de conservação do canal que lhes restringe a velocidade a um maximo de seis milhas por hora; podem navegar a todo o vapor, e aproveitam-se da liberdade correndo á porfia por aquella largueza, como rapazio traquinas á sahida da escola. Os pulmões dilatam-se para receber as correntes d'ar deslocado, e os espiritos reconfortam-se com a sensação do espaço.

Essas saudaveis correrias recommencam depois de se ter percorrido, com andamento de

charrua, outra secção do canal, quando s'entra nos *Grandes lagos amargos*, mais vasetos do que o Timsah, de margens nuas, guarnecidas a oeste por uma trincheira de collinas, o Gebel Chebrendet. Ahi, duas torres de pharoes alçadas no meio das aguas, uma vermelha e outra preta, assignalam a derrota aos navegantes, de dia com os seus vultos, de noite com luzes coradas. Os navios precipitam-se na esteira uns dos outros, golfando fumaradas negras; depois, os cautelosos pilotos fazem repicar os telephones ordenando *de vagar*, passa-se uma *gare* verdejante e volta-se ao deslisar sorna por entre rampas argilosas, aqui e acolá orladas á



FONTE DE MOYSÉS

flor d'agua por tufos de vegetação. A espaços ferem a vista as scintillações argentinas da agua doce encanada ao longo da margem, e descobre-se um comboio, serpenteando entre as ondulações do terreno e espavorindo com os silvos da locomotiva algum burro branco, parente pobre e desprotegido d'aquelles que, levados para a *Rua do Cairo* da exposição de Paris, tiveram a gloria de dar couces dentro do cerebro do mundo. No sopé dos taludes, em perpetuo risco de resvalarem para o canal, correm garotos arabes, que acompanham os navios durante kilometros e milhas pedindo esmola aos passageiros em desafinada grita, de entre cujos sons inarticulados se destacam algumas palavras francezas: lembram os pequenos mendigos das nossas estradas, que desafiavam na carreira

as parelhas das diligencias. De noite, o aspecto do canal deve de ser phantastico para quem o possa gosar de alto, de cima de uma nuvem ou com os olhos de uma aguia. Tanto que escurece, cada navio em marcha accende a immensa lanterna que traz pendente do bico da prôa, e que é provida de uma camara onde se aloja o conductor do aparelho. Os intensos feixes luminosos são dirigidos para a frente, illuminando as boias, e para os lados, espalhando sobre as margens claridades brancas, que ás vezes dão apparencia de montes de neve ás collinas d'areia. Ferida obliquamente pela luz, a agua cobre-se de laminas moveiças de prata, accende arco-iris nas rugas e fogos diamantinos nas gotas, veste-se de escamas metallicas, recama-se de phosphorescencias azuladas, e sobre esta estranha variedade de combinações luminosas vae-se correndo de continuo um véu espesso de trevas. Isto de perto. De longe, se a noite é sem lua, cada pharol electrico diffunde no espaço um grande clarão esbatido, que avança como uma nebulose a arrastar-se na terra, e essas manchas lucidas da escuridão profunda avistam-se a distancias enormes, quando o traçado do canal se desvia da linha recta. Passando uns pelos outros, os navios encadeiam-se; navio garado, apaga logo a lanterna e accende um modesto pharolim d'estae; navio sem lanterna, passa a noite fundeado onde se acabou a luz solar, e os seus passageiros estremunhados devem contar, ao cabo da viagem, que viram passar monstros marinhos com bolidos entre os dentes.

A approximação de Suez annuncia-se com larga anticipação pelo alto relevo da margem occidental; depois avistam-se terras baixas entremeadas d'aguas e, lá ao longe, na orla de vasta bacia, uma cidade branca e chata, de edificios quadrangulares comprimidos, empenachada por um minarete, a que a perspectiva dá por espaldar uma montanha escura, o Gebel-Ataka. E' a velha Suez, terra genuinamente oriental, segundo dizem, no calor e na immundicie, que Ebers louvou... pelos seus jumentos. A Suez moderna, commercial, européa, estende a casaria nova sobre uma ponta de terra que serve de molhe ao canal, e é debruada por uma avenida em que os renques de arvores copadas estampam a folhagem, nitidamente recortada, na esteira amarella do sol como no cartão de um album de botanica. De bordo vêem-se as horas no relógio de uma torre de presumçosa frecha, lêem-se as taboetas dos hoteis e dos estabelecimentos mercantis, e descortinam-se, para além dos telhados vermelhos, vãos de docas ouriçadas de mastros e

chaminés, e uma nesga de mar cortada por um caminho de ferro. Os paquetes param para desembarcar os pilotos e os aparelhos de luz electrica, e d'essa mesma curta paragem se aproveitam os praguentos vendilhões para virem a bordo, em açodados catraios, offerecer caixas de tamaras, rosarios e adereços de busios. Raramente ha tempo para saltar em terra, o que muito lamentam os estudiosos da archeologia biblica porque aquelles logares, se a tradição não mente, foram theatro da scena capital do Exodo.

Quasi em frente da cidade, na costa asiatica, á sombra de um ramalhete de palmeiras, deslisa um manancial d'agua dôce, a que se vinculou o nome de *fonte de Moysés*: e da denominação e situação d'esta fonte deduz o vulgo que foi n'aquella fenda do golfo de Suez que os netos de Abraham passaram a pé enxuto o mar Vermelho, que logo, após enguliu nas ondas o *cavallo e o cavalleiro*, o pharaoh e o seu exercito. Os explicadores de milagres, os criticos perspicazes que sabem sempre reduzir ás proporções de meros phenomenos naturaes as tradições maravilhosas dos povos, accrescentam que a passagem e a submersão, celebradas pelo psalmista como effeitos da protecção e da ira de Jehovah, resultaram singelamente da rapidez com que ali sobem e descem as marés, abonando esta exagese com a sabida aventura de Bonaparte, que, tendo querido passar, creio que sobre a corcova de um camello, da praia africana para a Asiatica, ia tendo a sorte do perseguidor de Moysés. Parece, porém, que estas tradições e os subsequentes commentarios não têm o minimo pezo scientifico. Burgsch estudou-as a fundo, e desabonou-as. Sustenta-se que em tempos antigos o mar Vermelho, ou o seu braço que tomou o nome de Suez, prolongava-se até ao lago Timsah, tendo sido depois enthulhado por areias na extensão de muitos kilometros, embora não tão completamente que não ficassem aguas relativamente profundas n'esse lago e nos Amargos. Sendo assim, é provavel que o littoral onde hoje mana a fonte de Moysés não estivesse então quasi ligado ás praias africanas pelos açoreamentos de que o heroe das Pyramides quiz fazer ponte, e essa probabilidade rebate o unico argumento que se podia invocar para localizar ali a travessia dos Beni-Israel, — o não ser possivel similhante feito em qualquer outro logar do *mar dos juncos*, se o mar assim chamado pela Biblia é o Vermelho, e não apenas o *lago de Sirbon*, como pretendem egyptologos allemães. A *Oyun-Musa* continúa, porém, a ser visitada por devotos

touristes, e, se borbotassem em sitio mais accessivel, já se teria descoberto nas suas aguas minificas virtudes de therapeutica beata.

Quando, á sahida do canal, o viajante se consulta sobre as impressões que d'elle recebeu, reconhece que para o achar grandioso precisa fazer calculos mentaes de volumes de terras deslocadas. A sua grandiosidade não se impõe aos sentidos. A vista fere-se de roçar na arêa amarella das trincheiras, e o interminavel desdobramento da delgada fita d'agua não dá a percepção das difficuldades de ligar com ella dois mares, através de 160 kilometros de areal. O senso artistico, esse sentiu-se offendido pelo contraste das

proporções dos navios com a regueira em que navegam, e indigna-se com o panorama estupidiificante d'aquellas margens, que nem regadas a ouro poderam viçar. Pois que? o deserto, atravessado pelo canal, penetrado e revolido pela fecundante civilização, ficou sendo o mesmo deserto bronco que antes era, o grande *marracho*, da natureza, que o pintou entornando tijelas de amarello sujo, n'um dia de mau humor da criação? Esperava-se outro scenario para a tão fallada maravilha da engenharia moderna! Todavia, quando se reflecte na magnitude do empreendimento, especialmente quando se pede aos algarismos que figurem elles as resistencias vencidas, os esforços envidados, as terras removidas, os braços empregados, os capitaes gastos, as machinas applicadas n'aquella obra que não poderam realizar esses despotas do Egypto que erigiram as pyramides e escavaram cidades em rochedos, sente-se ufania de ter visto, só de ter visto, o que Lesseps fez, muito embora se sinta tambem um alegre desafogo ao tornar a vêr o largo mar azul.

• • •

Quem navega no golfo do Suez avista-lhe ambas as margens, a Asia e a Africa, ambas montanhosas, denegridas, despovoadas até

de vegetaes. As suas aguas são geralmente mansas, como é proprio de charcos de 60 metros de fundo. Já fiz a viagem do estreito de Jubal para o canal resvalando por cima de um espelho, em que os navios se miravam até as pontas dos mastros, e que duplicava os céos coloridos do occaso, permittindo aos viajantes imaginarem que fluctuavam sobre nuvens vermelhas. A navegação ali é frequente: luxuosos paquetes orientaes, pesadas embarcações de carga, cruzam-se a cada hora, approximando-se quasi ao alcance da voz, e os que saíram enfiados do canal fazem regatas, em que não raramente se esquentam o amor proprio.

Quanto mais se caminha para o sul mais



PONTE DAS CARAVANAS

se alteiam as costas, sem nunca se divisar n'ellas a chanfradura de um porto, a alvura de uma povoação, um signal de vida humana. Em muitas partes, as serras descem quasi a prumo até ao mar. No Egypto, o alto relevo do sol é amiude recortado, tendo os montes fôrmas nitidamente pyramidaes, que, a meu ver, explicam as linhas canonicas da velha architectura indigena melhor do que quaesquer intenções de symbolismo espiritualista. Na Arabia, a barreira montuosa parece mais compacta á vista distante, e n'uma e n'outra margem o colorido geral dos terrenos é vermelho escuro ou amarello torrado. Da parte do Oriente, é o Gebel-et-Tih que por largo espaço fecha o horizonte com a sua linha accidentada de cumieiras de mil metros de altura, e á quem das suas escarpas arre-

dondam-se monotonas collinas cretaceas de um tom esbranquiçado, por entre as quaes se estendem as sombras de largos *uadis*; depois, todo o relevo é sobrepujado pelas longinquoas massas de grés das montanhas sinuicas, que, se lhes bate a luz em cheio, deixam perceber as linhas sinuosas e alabrynthadas das suas arestas vivas e as escarpas e anfractuosidades dos seus cimos, escalvados, encarquilhados, requemados, como se ainda conservassem vestigios do fogo do céu, entre cujos estampidos Moysés ouviu a revelação da Lei. Logo adiante abre-se o estreito de Jubal, limitado do lado da Asia, por um littoral massiço e alcantilado, a serrania que, estendendo-se para o mar, forma o Ras Mo-hammed; do lado do Egypto, por uma costa baixa, arrendada, projectando de si uma poeirada de ilhas e de parceis, que mal se distinguem de longe.

Apesar de marcado por pharoes, um dos quaes parece emergir da agua sobre uma torre aberta de ferro, este passo é perigoso para a navegação, e bem avisam dos seus perigos as lugubres carcassas de navios aqui e além varadas entre penhascos, que o mar insulta cuspindo-lhes espumas brancas. A vista d'esses despojos de naufragios, arroçados aos pés de montanhas que infundem pavor e em que os naufragos encontrariam ainda menos misericórdia do que nas ondas, faz confranger o coração mais forte e desvanecer a illusão, que o viajante chega a ter, de que a maravilhosa, possante e intelligente machina, que o transporta, nunca poderia ser destruida por essa cousa fluida, molle, inconsistente, que, afinal de contas, é a mesma que espadana n'uma poça quando se lhe assenta o calcanhar em cima!

Entra-se finalmente no mar Vermelho.

Os simples, que quando passam o equador querem ver a *linha* pelos olhos de bordo, tambem esperam que a côr das aguas d'este mar lhe justifique o nome; mas a sua curiosidade scientifica soffre cruel decepção. Nem eu poude nunca descobrir a menor differença de coloração nos quatro mares que visitei, —o Atlantico, o Mediterraneo, o Vermelho e o Indico,—comquanto apurasse a vista para não deixar escapar nenhuma gradação de tom. Em todos elles a côr das aguas só muda, e muda em todos do mesmo modo, conforme a sua profundidade, formando escala desde o pallido *verde-mar*, através do qual se descobrem as arêas brancas do fundo, até ao *azul-marinho*, tão conhecido nas lojas de modas, e que denuncia abysmos insondaveis. O *Vermelho* não sae fóra d'esta regra, e hoje crê-se geralmente que só deve a denominação aos povos que habitam nas

suas margens occidentaes, esses khamitas a quem os arabes ainda hoje chamam *El-Ahmar* os *vermelhos*. Mais difficil é o explicar por que motivo os antigos portuguezes o appellidaram mar *Roxo*.

As suas aguas banalmente azues não são bravias, apesar dos exemplos que lhes dão as costas, e de se amontoarem em abysmos que, n'algumas latitudes, medem 2:200 metros de profundidade. Os unicos perigos normaes que n'elle se corre são o de bater n'um rochedo e o de morrer de calor. Quem entra pelo estreito de Jubal para sahir em direitura pelo de Bab-el-Mandeb, está livre dos parceis de coral, do *chéb*, que lhe ouriçam as margens, mas passa perto de outros, que lhe formam uma especie de espinha dorsal, cujas vertebraes, espacejadas irregularmente, rompem das aguas com a fôma de ilhas vulcanicas. Em todas essas ilhas, desertas, não ha uma só folha de herva. São montões de materias calcinadas duas vezes, primeiro pelo fogo terrestre, depois pelo fogo solar, e algumas conservam bem definidas as fórmas conicas dos vulcões, com as suas crateras escancaradas. Poucas têm pharoes; apenas me recordo de ver luzes em *Sheduan*, á entrada de Jubal, e nos *Dois Irmãos*. Quem não é muito experiente d'aquellas aguas não se aventura n'ellas sem pratico. Os paquetes da Mala Real, nas suas primeiras viagens, tomavam em Porto-Said um piloto arabe, que desembarcavam em Aden, ou vice-versa, e tomavam n'o, não só para se guardarem das ilhas, que muitas vezes passam de noite, se não tambem para terem quem, no caso de avaria que exigisse arribada, os levasse ás costas alabrynthadas e rendilhadas, onde se abrem, em Africa, os portos de Suakim e de Massuah, na Asia os de Djeddah e Moka.

A minha primeira passagem pelo mar Vermelho deixou-me recordações que ainda agora me fazem suar. Estavamos nos principios de julho e julguei que tambem no fim da minha vida. Tinhamos —os passageiros do *Rei de Portugal*,—soffrido o primeiro tracto da acclimação tropical em Porto-Said e no canal de Suez, onde as arêas eram brazas moidas, que com as reverberações aqueciam o céu quando o céu se apagava; mas não iamos bastantemente calcinados para aguentar na pelle e nos pulmões as labaredas volatilizadas, que se tinham acamado sobre as aguas rasas do mar Vermelho. Não se respirava, fumegava-se; não transpiravamos, fundiamos-nos. O duplo toldo de lona estendido sobre o convez era encharcado a cada hora a baldes e á lança, mas aquecia a agua, e creio que sem ella seria chamuscado. Simplificaram-se os vestuarios: o dos homens reduziu-

se, da cintura para cima, a um tenue casaco de linhagem ou de seda, abotoado no pescoço para esconder... o que faltava por baixo. Na camara, por mais que se agitassem os *pancares* sobre as mezas, a temperatura aqueceria ovos para o almoço, se ainda houvesse ovos que não estivessem chocos. Podia-se lá dormir nos camarotes! De noite acampava-

se no convez, a corpo descoberto, sobre o xadrez da pôpa, em cima das gaiutas, nos escaletres, em redes suspensas, n'uma atmosphera densa de vapores; e de madrugada passavam por cima dos corpos umas fortes virações quentes, que ao mesmo tempo os inundavam de suores e lhes davam arrepios, causados pela evaporação. Quem se deixava adormecer debaixo de alguma abertura do toldo era acordado por dores reumaticas, e o meu hombro direito ainda hoje se lembra de uma aventura d'essas. Ingeriam-se quantidades inverosímeis de liquidos nevados, — porque os frigoríficos resistiam, — e até se inventavam beveragens novas, feitas de *ginger-ale*, de summo de laranja, de limonadas gazozas, de vinho palhete, de soda, de cerveja, de agua de côco, de quantas drogas ap-
peteciam á sede in-

extinguível, phantasiosa como a gravidez; e essas orgias de refrescos derrancavam os estomagos. As senhoras, especialmente, obrigadas a mais compostura, soffriam crueis tormentos, e entre ellas inspiravam compaixão ao próprio egoismo do soffrimento as irmãs missionarias que os preceitos da regra, a timidez, os melindres do recato, entregavam sem defesa e sem allivio ás atrocidades do clima. Entrouxadas em fazendas pretas de lã e pannos empastados de gomma, corriam

o risco, inclusivamente, de se cobrirem de molestias cutaneas: se condescendiam em pernoitar fóra dos camarotes fechados, d'onde de manhã sahiam lividas, terrosas, emmagrecidas, febris, ficavam na tolda muito hirtas, muito cautelosas não se lhes desalinhasse alguma peça do vestuario, sentadas em más cadeiras que nem lhes davam encosto á ca-



DAMA HUNGARA NO CASINO DE PORTO SAID

beça, n'um perpetuo receio de perderem o rigido decoro, que bastaria para lhes afugentar o somno das palpebras arroxeadas. Um verdadeiro supplicio, padecido sem queixume e sem revolta!

E um supplicio inutil. Os institutos, que mandam religiosas para a Africa, devem accomodar-lhes o vestuario ás necessidades do clima. Não o recommenda só a commodidade; exige-o a hygiene. Os padres, os proprios bispos, conformam-se com essa

exigencia. Usam, mesmo em viagem nos mares tropicaes, ligeiras batinas brancas e leves chapéus de abas largas. Porque ha de, pois, uma mal entendida inflexibilidade de figurino beato obrigar pobres mulheres a enrouparem-se no hospital de Lourenço Marques ou na missão de Boroma como se enroupam em Paris na casa de S. José de Cluny, exacerbando com os pruridos, as ferroadas, as chagas, as repellencias dos herpes, do lichén, talvez da lepra, os martyrios da sua dedicação altruista?

O mau estado, o verdadeiro estado pathologico, da população do *Rei de Portugal* tornou-se especialmente agudo no dia 8 de julho, — um dia de pavores!

Uns após outros cahiram mortos um fogueiro, um ajudante da cosinha e um criado da primeira camara. Não os fulminava a insolação, porque não se tinham exposto ao sol; prostravam-n'os congestões determinadas pelo calor. Tombavam de improviso, eram sangrados logo, mas nem uma gotta de sangue lhes corria das veias abertas. Momentos depois de mortos, os seus cadaveres principiavam a decompôr-se e era preciso arrojá-los ao mar. E que lugubre scena essa, a de um sepultamento no largo oceano! Não se esquece mais! Um dos espectros das minhas noites negras é um corpo humano cosido n'um lençol branco, que, modelando-o grosseiramente, fal-o parecer já reduzido a massa informe; quatro marinheiros descalços transportam a prancha aos hombros, apoiam-lhe uma extremidade sobre a borda do navio, e esperam. A bandeira nacional desenrola-se gravemente; pára a machina; passageiros e tripulantes, em grupos silenciosos, descobrem-se. A um silvo de apito, a prancha estende-se pela borda fóra e inclina-se para o mar, o cadaver resvala, desequilibra-se, enfunam-se-lhe as dobras da mortalha, apruma-se um momento no espaço, baqueia no mar com um som cavo e submerge-se entre espadanhas d'agua e rodopios de espuma; a bandeira desce lentamente na adriça enviando ao pobre morto a despedida da patria, e a

meu lado uma hospitaleira cae de joelhos soluçando uma prece. Singelo e terrivel! Fica-se muito tempo estarecido, a olhar para as ondas que se fecharam sobre o misero despojo. Julga-se descobrir, lá em baixo, cardumes de tubarões, monstruosas jamandas, polvos de cem braços, despedaçarem n'um relance o que pouco antes fóra um homem; crê-se ouvir estalarem ossos entre maxillas vorazes, e desviam-se afinal os olhos, com medo de ver apparecer á flôr d'agua algum farrapo de carnes, alguns laivos de sangue, detritos de banquete nefando do abysmo. Deus meu, dae-me uma sepultura no regaço da terra.

Estas mortes subitaneas espalharam pavores no paquete. Queria-se apressar-lhe o andamento, e cada vez se andava menos, porque os chegadores e os fogueiros, se não adoeciam com o calor infernal da casa das caldeiras, adoeciam com susto. Foi necessario obrigar a trabalharem uns degredados pretos de S. Thomé, que iam a bordo, e a resistencia de um d'elles a pegar na pá do carvão occasionou lastimosas scenas de violencia. A gente da machina entrava de quarto aterrada, levando enormes vasilhas d'agua que esgotava nos estos de uma sêde inextinguivel, ou com que a cada hora encharcava o corpo; voltavam do quarto semi-nús, denegridos, a escorrer, com os olhos empastados de sangue, febris, cambaleantes, parecendo ter emmagrecido em quatro horas. Chegou-se a receiar uma revolta ou o apagamento das fomalhas, assim como se temeu o desenvolvimento de alguma epidemia; entretanto, da amurada para fóra avistava-se apenas um mar de estanho, um céu azul encinzeirado, e, aqui ou acolá, a mancha amarello-torrada de algum ilhéu vulcanico.

Durou quatro dias esta situação de anciedade, e quando por fim avistámos a móle pyramidal da ilha de Pernin, feita de lavas negras e vermelhas, assignalando o estreito de Babel-Mandeb, parceu-nos que a verdadeira traducção d'este nome lugubre devia de ser *porta da vida*.

(Continúa).

Antonio. Ennes

Mercê da amizade com que se honra e se envaidece o gerente d'esta revista, permittiu o sr. conselheiro Antonio Ennes com aprimorada gentileza aos SERÕES publicarem este livro inédito de impressões de viagem á Africa Oriental, no qual os leitores terão mais uma vez ensejo de apreciar as altas qualidades de espirito observador e reflexivo que caracterisam o eminente homem de estado e as excellencias de linguagem que distinguem o escriptor.

ESTAVA ESCRIPTO...

Scenas da vida americana

DÁ LICENÇA? Era a voz da minha criada, entreabrindo a porta. Está ali uma senhora que lhe deseja fallar. Fechei surpreso e com desgosto o livro que estava lendo, por signal muito interessante em assumptos de psychologia. Que



desejaria uma senhora de mim, um simples maniaco de leitura?

— Disse quem era?

— Não, senhor; não me quiz dizer.

— E quer-me fallar; insisti ainda duvidosamente.

— Sim senhor; perguntou pelo seu nome.

Hesitei um instante. — Tem apparencia de pessoa séria?

— Oh! assim parece — affiançou a minha criada.

— Mande-a entrar.

Poucos instantes depois, entrava precipitadamente uma senhora, nova e bella, o que pelo inesperado do caso me causou profunda sensação. Não fiquei menos enleiado quando a vi estacar e olhar para mim, com um olhar de duvida e de espanto ao mesmo tempo.

— Mas o senhor não é o sr. Clarckson? exclamou.

— Creio bem que sou, respondi sorrindo para disfarçar a minha perturbação. Henrique Clarckson ao seu dispôr. Minha senhora queira fazer-me a fineza de se sentar.

Ella continuou a fôr-me, depois, envergonhada da sua exclamação e levemente ruborisada, acceitou a cadeira que eu lhe apresentava e começou a tirar as luvas.

— Bem, disse um tanto nervosa, quero acre-

ditar que seja. Sabe, desejava encontral-o um homem já velho!

— E' muito lisongeiro da sua parte, respondi, ignorando o que ella queria dizer; mas realmente não vejo que isso fosse muito util para mim, ainda que o fosse para si.

— Quero dizer, esperava que o senhor fosse já velho.

— Oh! perdão, bem vê que ainda leva tempo. Comtudo creia que vou n'este caminho fazendo visiveis progressos.

Um timido sorriso foi o seu unico commentario; porém, como tivesse descalçado as luvas, estendeu-me a mão direita com a palma para cima e ficou n'uma attitude de expectativa.

— Estou prompta, disse.

Olhei para a mão, depois olhei para ella, e tive esperanza apesar da sua attrahente formosura, que alguem da familia, que a deveria acompanhar sempre, não estivesse muito longe, ou andasse já em sua busca. Finalmente considerando que a devia entreter emquanto não chegasse esse desejado alguem, e imaginando que ella assim o queria, approximei a minha cadeira tomei-lhe a mão, e apertei-lh'a.

— Oh! que ousadia! gritou, retirando a mão, como se a tivesse magoado.

— Perdão, minha senhora, exclamei encolhendo-me espavorido no canto da minha cadeira, sinto . sinto muito se procedi mal, mas julguei que estendendo-me a sua mão, me concedia auctorisação de a apertar.

— Não era isso! respondeu um tanto agastada, eu queria que o senhor a examinasse.

— Oh! comprehendo — desejando ancioso a appareção de quem estivesse encarregado de a acompanhar. — Cartamente. Que estúpido que sou! Devia ter logo percebido.

— Não posso comprehender como não tivesse logo percebido — disse severamente.

— Nem eu, accrescentei; é um mysterio muito profundo que não posso penetrar. Peço-lhe mil desculpas. E agora se quizer, tenha a bondade de m'a deixar vêr.

Um tanto abrandada, estendeu a mão outra vez, e eu inclinei-me para deante para a vêr com muita attenção.

— E' uma bonita mão, realmente, — disse, apreciando-a como critico d'arte.

— E' na verdade? perguntou com um tom de vaidoso contentamento.

—Devéras, respondi, é mesmo muito bonita. Então, segurando lhe na mão com delicadeza, voltei-a e examinei-lhe os dedos delgados, as articulações delicadas, as unhas bem feitas e cuidadosamente tratadas, e segui com a vista o curso das veias finas por baixo da pelle branca. Quando acabei o exame, encostei-me para trás na cadeira, encruzei as pontas dos dedos e olhei para ella.

—Sim, disse eu pausadamente. com modo de quem quer enunciar uma opinião sensata. Não hesito em dizer que é uma linda mão, na verdade muito bonita.

A senhora olhou espantada para mim como quem me julgasse um imbecil.

—Sim, sim! — exclamou com impaciencia. Mas o que quer dizer?

—Dizer? — perguntei confusamente (e não chegava esse alguem da familia d'ella por quem eu ancioso esperava).

—Sim, dizer! Não comprehende? Quero que o senhor me diga a minha sina.

—A sua sina? Minha senhora, creio que temos estado n'um equivoco. Eu não leio sinas pelas linhas da mão.

—Não? perguntou duvidosa.

Não, respondi seriamente.

Houve uma pequena pausa, em quanto ella perplexa brincava com as luvas.

—Então será pelas boças?

—Como queira, mas eu vi apenas uma bonita mão, que não tem boças.

—Oh! senhor... disse com desanimo, eu queria referir-me ás boças do crâneo.

—Parece-me que estou hoje muito obtuso. Minha senhora, eu não leio sinas, nem examino boças, nem outra qualquer cousa parecida. Sou um simples estudioso, apenas um leitor maniaco.

—Que pena, murmurou, pegando nas luvas, N'este caso vou retirar-me.

—E por que me não dá a honra de ficar mais algum tempo? disse por cerimonia, esperando anciosamente pela chegada de qualquer pessoa que fatalmente a devia acompanhar, e não estaria já longe.

—Oh! não obrigada; disse, levantando-se. Deve julgar-me terrivelmente grosseira, em ter entrado aqui, por esta fórma, interrompendo a sua leitura e...

—De nenhum modo, tive pelo contrario, um inesperado prazer!

—Receio que o diga apenas por cumprimento. Mas em todo o caso é já muita bondade fazel-o tão delicadamente. Sofri na verdade uma decepção em não ter sabido a minha sina, porque...

—Pois bem, respondi resolutamente. Não precisa ficar desconsolada. Se quizer sentar-se outra vez, alguns minutos, vou revolver na me-

moria todo o meu saber de adivinho e vou ler-lhe a sua sina! (Tremi da minha propria audacia).

—Julguei que me tinha dito que nada sabia d'este assumpto.

—Queria dizer apenas que não o podia fazer como profissional, porque não conheço os mais profundos mysterios da sciencia, mas para as cousas vulgares, como os caracteres, os legados, as viagens por terra e por mar, accidentes, acontecimentos inesperados, — todo esse genero de cousas simples, estou á sua disposição, unicamente como amigo, se me dá licença e serei muito feliz. — interrompi o discurso para tomar fôlego.

—Pois bem, se realmente não o incommoda...

—De nenhum modo, minha senhora; basta ser-lhe agradável, para o ser igualmente para mim. Portanto, se quizer retomar o seu lugar, e deixar-me vêr de novo a sua mão, — e puchei a minha cadeira, para ficar defronte d'ella.

Sentou-se, estendeu a mão e disse-me agra-decida.

—Faça favor de me ler uma sina muito boa.

—Devo guiar-me pelo que estiver escripto nas linhas respondi com serenidade; mas creio, ah! sim, creio que ha de ser muito boa. Dê-me ambas as mãos, se faz favor.

Este pedido foi uma feliz inspiração, porque observei ter ella ficado um tanto impressionada. Estendeu-me a outra mão obedientemente descançando os cotovêlos sobre os joelhos.

—Está bem: disse eu; agora principio pelo caracter; e continuei fazendo as melhores conjecturas, — porque sabia tanto de chiromancia como de lagares de azeite. Devo dizer-lhe que é sincera e generosa, duas grandes virtudes em qualquer pessoa, e tambem que é sensível, sympathica, simples sem malicia, e olhei para vêr o effeito d'esta primeira adivinhação.

—Oh! isso é muito bom, não é assim? disse ella com um sorriso agradecido.

—Não póde ser melhor, concordei, curvando-me outra vez sobre as mãos d'ella. Mas...

—Acaso ha um *mas*?...

Abanei a cabeça com ar de grave pezar.

—A senhora é pouco logica; não raciocina com sufficiente sequencia, sabe? É muito apressada em proceder pela sua imaginação — e de novo observei o offeito d'esta minha segunda adivinhação.

—Oh! sim, creio que é verdade.

—O que aqui está, deve ser — continuei com ar convicto. Todavia este seu defeito fica compensado pela promptidão em admittir o erro quando lhe é apontado, e para se desculpar ou se emendar.

—Então isso agora ainda é melhor, pois não é? perguntou com vivacidade.

—Decididamente; mas voltando aos seus pequeninos defeitos...

—Pelo amor de Deus, supplicou.

—É um dever cruel, mas é preciso que o desempenhe, disse heroicamente. A senhora é muito impulsiva, quasi temeraria; procede com a precipitação do momento, sem pensar nas consequencias e algumas vezes, levada por este impulso, encontra-se em embaraçosa situação.

—É isso, é; tambem é verdade. Estão sempre a dizer-m'o em casa. Como o senhor deve ser intelligente! Explique-me como se percebe isto tudo na mão?

Ainda quiz reflectir um momento, mas segui logo — Ali, ali, respondi, apontando para quatro diferentes pontos. Desejando evitar novas perguntas e novas difficuldades de mais minuciosa explicação, proseguí um tanto apressadamente. — Agora vamos tratar da felicidade.

— Ah! sim, isso e que eu queria verdadeiramente saber.

— Em primeiro lugar tem tido uma vida muito feliz (a sua luminosa e alegre disposição garantia-me a verdade desta affirmativa), e naturalmente continuará a ter igual felicidade para o futuro. Certamente soffrerá alguns incommodos, como qualquer outra pessoa, mas a vida promette ser lhe muito feliz.

— E longa?

— Sim, cuidando de si, mas... — analysando-lhe a mão mais de perto e dando-me ares de profunda sabedoria—ha de ser-lhe proveitoso seguir as regras rudimentares da hygiene, fazendo exercicio moderado, evitando resfriamentos, emfim, tomando todas as precauções essenciaes. Nunca deve, seja por que motivo fôr, estar em pé, ou sentar-se defronte de uma peça d'artilheria, porque pode ser alvo d'um tiro.

Ella riu-se.

— Receberei alguns legados?

— Porque? Porque teve um, affirmei no primeiro impulso, de que logo me arrependi.

— Tive? perguntou com surpresa.

— Então não teve? insisti, mas devéras pre-

occupado com o modo de me sair d'aquelle embaraço imprevisto.

— Não me lembro de nenhum — replicou vagarosamente, como quem se quer recordar.

— Pense bem, disse eu com ar convicto.

A minha nova e inexperada cliente franziu as sobrancelhas, com o esforço reflexivo, emtanto que por meu lado vacillava em decidir, se no caso de não ter havido nenhum legado, deveria confessar um erro, e denunciar que a mão dizia coisas que lá não estavam.

— Não, affirmou; nunca tive um legado na minha vida; pelo menos que me lembre, e parece-me que me lembraria se tivesse tido algum. A não ser uma lapizeira de prata que a tia me deixou...

— Ha de ser isso, agarrando-me a esta taboia de salvação. Não asseverei que fosse um legado importante.

Ella abriu os olhos n'um espasmo de admiração. — E pôde o senhor vêr uma cousa tão pequena como uma lapizeira?

— Oh! posso vêr cousas mais pequenas ainda, continuei, pois ia animando-me com o proprio papel que estava representando. Vou provar-lhe. A senhora enguliu em creança o caroço de uma ameixa, que poderia ter tido serias consequencias, se tivesse parado na garganta.

— Como pode saber o? exclamou admirada; lembro-me d'isso perfeitamente; fiquei muito assustada, e meu pae teve de dar-me nas costas uma forte pancada, contou com encantadora ingenuidade.

— A pancada não está marcada, disse, examinando-lhe a mão com pretendida minucia, ou as marcas já desapareceram provavelmente. Mas o caroço da ameixa vê-se; foi um Perigo, com P grande, e então deixou uma marca permanente. E agora, continuei com um sorriso significativo, quantos namorados tem?

— Oh! exclamou com extrema aspereza na voz.

— Vou-lhe contar tudo. Vou fallar-lhe dos seus amores, passados, presentes e futuros, procurando n'um rapido olhar, medir o effeito das minhas palavras, e affectando um sorriso que fingia expressar alguma coisa mysteriosa.



Coloriu-lhe a face um leve rubor gracioso — Não creio que veja nenhuma historia d'amor, mas não deverá haver verdadeira felicidade sem elle, não é assim!

— De certo, concordei; porém melhor seria não haver nenhum do que um mau. Em todo o caso não deixa de ter admiradores (eu já era realmente um d'elles n'aquella occasião, mas deve ser muito cuidadosa na preferencia.

— Tenho ainda muito tempo para isso, disse, rindo e córando novamente.

— Comtudo, eu não sei, continuei meditativo no exame das linhas da mão, quem é este homem trigueiro que aqui está — vou dizer o menos possível — achando a sua companhia tão agradável?

— Não sei, respondeu admirada, não conheço nenhum homem trigueiro; pelo menos não é este, nem aquelle, e fallava com as suas proprias recordações.

— Parece-me que elle não a conhece de ha muito e está prendendo a sua attenção, em virtude do que julgo dever chamar falsos pretextos. (Fiz uma pausa). Talvez elle pretenda saber cousas que ignora, ou póde ser que affecte tomar por si maior interesse do que realmente sente. Mas em todo o caso todo o seu intuito é merecer-lhe sympathia.

— Comprehando, mas não sei quem seja.

— De certo que não póde pensar que elle a pretenda, continuei, mas só póde calcular que elle esteja verdadeiramente interessado por si. Póde imaginar ou conhece um homem trigueiro n'estas condições?

— Não, não posso, depois de uma breve reflexão; mas diga-me, o que quer significar um homem trigueiro? chamar-se-ha, por exemplo, trigueiro ao senhor?

— Sim, eu sou trigueiro, mas não muito. Esse tal homem deve ser pelo menos tão trigueiro como eu.

— Não posso de fôrma alguma lembrar-me.

— Bem, continuei, observando-lhe a mão, e quem é este homem louro?

— Pois ha tambem um homem louro?

— De certo, ha sempre um, sabe. Parece ser rival do homem trigueiro e naturalmente será o que vence.

— Quem poderá ser? Como é elle? diz-me?

— Um tanto exquisito, respondi; com um enorme corpo e uma cabeça pequena e um nariz muito comprido. Oh! e com uma perna mais curta do que a outra!

— E parece-lhe que será o escolhido?

— Sim, minha senhora, e até me parece que ao presente é bem succedido.

— Mas eu não quero um homem d'esse feitio! declarou resoluta.

— A mão assim o affirma.

— Não me importa com o que a mão affirma! Não póde ser verdade!

— Não é verdade? E o legado da lapizeira?

— Sim, mas... está bem certo? não se enganou?

— Não me enganei.

— Ainda assim, não quero um marido como esse.

— Pois está escripto na mão, sabe?

Seguiu-se um silencio d'alguns instantes.

— Diga-me, não haverá meio de o evitar? Diga que sim.

— Bem, respondi vagarosamente, póde haver um meio, porém não será prudente dizer-lh'o desde já.

— Porquê?

— Porque poderia destruir o effeito desejado. Como vê, (acrescentei n'um movimento de eloquencia), estas prophcias são tiradas do livro da Natureza e não se póde brincar com ellas. Devem ser apreciadas com muito cuidado pela sua suprema importancia, e se eu fosse divulgar o segredo n'um momento inopportuno, poderia estragar-lhe o valor.

Olhou para mim por alguns momentos com uma expressão inquieta, bem visivel, no delicioso oval do seu rosto, agora levemente impallidido pela commoção.

— Então quando me fará a desejada revelação? Como vê, naturalmente nunca mais nos tornaremos a encontrar...

— Sim, havemos de nos encontrar, disse depressa, pelo que leio na sua mão.

— Sim? perguntou com duvida, emquanto que um rubor lhe subia furtivamente á face.

— E' positivo. Em todo o caso temos de nos encontrar outra vez, para que lhe possa dizer em tempo opportuno como fugir do tal homem louro.

— De certo, respondeu meio convencida; mas bem vê,—hesitou um momento emquanto o rubor lhe augmentava nas faces — vou muitas vezes de manhã passear pelas ribas do mar...

— Vae? tambem eu vou algumas vezes, Portanto já vê que podemos estar certos de nos encontrarmos, e então lhe revelarei o segredo, quando chegar a occasião propria. E agora continuarei ainda o exame da mão...

— Oh! perdão, não posso demorar-me por mais tempo, interrompeu; está-se fazendo muito tarde e tenho de me retirar..

— Na verdade? perguntei em tom de pezar que era bem sincero.

— Sim, respondeu levantando-se. Mas o senhor ha de fazer-me a revelação a tempo não é assim? Não se esquecerá?

— Com certeza não me esquecerrei, respondi com enthusiasmo, (como se isso fosse possivel). Tive immenso prazer em que tivesse vindo.

Fez-me passar uma manhã muito agradável.

—Receio que o tivesse vindo interromper na sua leitura predilecta, respondeu, apresentando-me a mão para apertar d'esta vez. Estou-lhe muito obrigada por ter sido tão amável para commigo..

Acompanhei-a até a porta e quando voltei ao meu quarto de trabalho, pareceu-me repentinamente triste e escuro, comquanto o sol estivesse tão brilhante como pouco antes. Atirei-me para uma poltrona, e esqueci-me de continuar com a leitura do meu livro—o tal muito interessante em assumptos de psychologia. Foi uma bonita invenção aquella do homem louro, disse commigo proprio, mas hei-de pô-lhe o nariz fóra do plano, apesar do seu comprimento, seria isto? ou teria eu dito que era curto? Pouco me importa. Sim, comprido é que eu disse; deve ser. E isto chega a todos mais tarde ou mais cedo; e quando chega assim . . deve ser amor e amor fulminante de que falla Stendhal. Que gentil rapariga!

Passaram-se alguns dias sem que a visse outra vez. O sol tomára a caprichosa resolução de se esconder atrás de pesadas nuvens que faziam todo o possível por se dissipar e correr mundo. Afinal fugiram, e na primeira manhã límpida e bella fiz o meu passeio pelas ribas do mar, vaguando duvidoso mas esperando comtudo encontral-a em breve. Com effeito vi-a na minha frente, a cem metros de distancia sobre um rochedo. Reprimindo a minha impaciencia, encaminhei-me vagarosamente ao seu encontro.

—Bons dias, disse-me quando nos aproximamos. Muito me alegre vel-o. Aquelle homem louro e feio, tem-me prendido completamente a imaginação.

—O homem louro? Estava tão entretido a pensar n'ella, que até me esquecêra do homem louro. Oh! sim em que tristes afflicções elle deve ter estado!

—E eu apprehensiva. Ainda espero que se tivesse enganado.

—Sentemo-nos aqui por alguns minutos, disse, indicando-lhe uma grande pedra comoda, e deixe-me verificar mais uma vez. (Era realmente uma linda mãosinhal)

—Não, disse em tom vagaroso de falso pezar, não ha engano. Está aqui o homem tri-

gueiro, tentando conquistar o seu coração, e está o homem louro, com a sua grande cabeça e pequeno nariz.

—Grande cabeça e pequeno nariz! Tenho idéa de me haver dito o contrario.

—Isso mesmo; cá está elle com as suas grandes pernas.

—Grandes pernas! Lembre-se bem que me disse ter uma das pernas mais curta do que a outra.

—Sim, comparativamente fallando, expliquei, já um tanto nervoso. Mas vê-se que são ambas grandes, muito grandes; a mais curta é ainda muito comprida e a segunda é tanto que não deixa chegar a outra ao chão, estando de pé.

—Oh! meu Deus que creatura será essa! E voltando-se repentinamente para mim. — Por força chegam ao chão ambas quando estiver em pé como succede a todos!

—Só uma d'ellas, declarei. Vê, a outra faz diligencia, mas não consegue. Possue certa timidez de caracter, tem o instincto de moderação, não se parece com a companhia.

—Mas o senhor disse-me que elle tinha um grande corpo?

—Enorme, fóra de toda as proporções.

—O quê? Fóra de proporção mesmo para com as pernas? perguntou estupefacta.

—Sim minha senhora.

—Então deve ser um gigante! exclamou.

—Positivamente um monstro.

—E o senhor pensa que eu quiereria para marido semelhante creatura? perguntou com vivacidade.

—Será devéras um horror, mas é o que está escripto na sua mão.

—Todavia disse-me que havia um meio de o evitar? Tenho a certeza que o disse.

—De certo que ha. Existe sempre meio de evitar a fatalidade d'uma prophesia como esta. Como?

—Muito simplesmente: casar-se com o propheta trigueiro, para fugir do louro que está prophetisado. Ella córou engraçadamente, mas sorriu-se e eu aproveitei-me do momento para lhe declarar com a eloquencia, não de vidente de sinas mas de enamorado, a paixão que em mim ella despertára inconscientemente na sua visita inesperada, buscando por engano a leitura do seu destino, confundindo-me pelo nome



com um profissional de *buena-dicha*. E fui sem duvida mais persuasivo na simples verdade sentida, do que nas conjecturas de chiromano improvisado; porque, momentos depois, voltando de braço dado, ao longo das ribas, em doce conversação, ella me dizia:

— Mas realmente não leu a minha sina? As linhas da mão nada revelaram?

— O quê? Já se esqueceu do legado?

— Ora! um lapizeira de prata!

— E o caroço da ameixa?

— Isso succede a toda a gente.

— E o homem louro, de pernas compridas,

uma mais comprida ainda do que a outra, e de nariz pequeno?

— Foi uma invenção sua, respondeu rindo.

— Que importa, se elle se desempenhou bem do seu papel por isso não lhe quero mal.

— Nem eu tão pouco — accrescentou ella, como subita seriedade, emquanto se apoiava mais confiadamente no meu braço.

E foi assim que eu encontrei a minha companheira da vida, na interrupção da leitura de um livro de psychologia, como a poderia ter visto por acaso na rua, na igreja ou n'um baile como succede a muitos outros.

(Imitação).

A Resposta do Inquisidôr

DO R GONÇALVES CRESPO

.....

Na Hespanha, no Perú, em Napoles, na França,
 Paira como o sinistro espirito do Mal,
 O negro Inquisidôr, feroz como a Vingança.

Sisto quinto, o cruel, fizera-o cardeal,
 E a Hespanha pôde ver com assombroso espanto
 Junto do rei-panthera o inquisidôr chacal.

E Philippe dizia ao monge no entretanto:
 «Sentinella da Lei, piedoso inquisidôr,
 «Tu que fallas com Deus e és padre, e és bom, e és sancto

«Arranca-me este pezo, afasta-me este horrôr!
 «Ah! diz'-me, cardeal, se é um vil, se é um precito
 «O rei que é justo e mata o filho que é traidôr...»

E mais não disse o rei, tórvo, sombrio e afflicto.
 No emtanto o inquisidôr erguendo imperturbavel
 O seu hediondo olhar das lageas de granito,

Assim tornou com voz vibrante e formidavel:
 — Ó principe, e apontava o livido Jesus,
 — Para acalmar dos céus a colera implacavel

— O Eterno fez morrer seu filho n'uma cruz!—

(Dos «Nocturnos»)



A Missa no Beato — Orléans, 18. Junho

A palavra transmittida pela luz

De todo o tempo a palavra foi comparada á luz; a rhetorica preciosa e a imaginação dos simples, em todas as épocas assimilharam os dois phenomenos. A palavra illumina, como a luz define; ambas revelam, esclarecem; ambas se reflectem, uma no ecco, outra no espelho. Ambas se refrangem; a palavra irisa a intelligencia, como a luz as facetas d'um prisma.

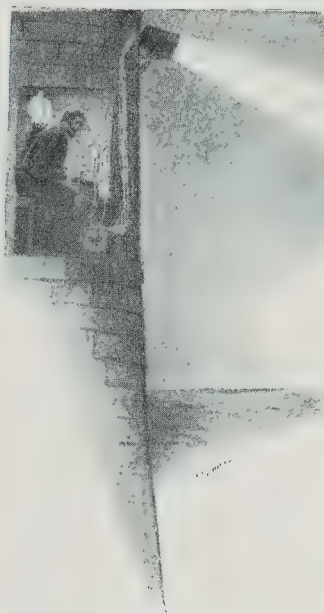
O moderno espirito inventivo realizou a comparação litteraria. Fundiu as vibrações mysteriosas e imponderaveis d'ambas e produziu o novo instrumento — O RADIOPHONE — que permite fallar através d'um raio de luz, levar a luz da intelligencia através da palavra quente do mundo physico.

• • •

O FUNCIONAMENTO do radiophone é extremamente simples; uma creança pôde comprehendel-o e utilizal-o com facilidade, — facto que por si proprio é assombroso n'estas épocas de complicadas invenções. A etymologia do nome

por uma caixa que serve de regulador e reforcador, vão reunir-se n'uma lampada de projecção collocada exteriormente sobre a parte superior da cabine telephonica.

Supponhamos agora que a tres ou quatro kilometros da costa passa um navio cujo ca-



do novo aparelho define o seu destino e applicação: — conversar a distancia por meio d'um feixe luminoso, como se conversa por intermedio d'um fio telephonico.

Supponhamos a estação de partida instalada n'uma torre de pharol, n'um pequeno gabinete isolado, como aquelles que se usam para as conversações telephonicas. Sobre a banca, conforme se vê da illustração que acompanha este artigo, ha quatro transmissores ordinarios em vez do unico geralmente adoptado; e os quatro pares de fios que saem dos transmissores, paassndo previamente

pitão é esperado para receber ordens; e supponhamos ainda que na guarita do piloto existe um aparelho telephonico ordinario cujo fio receptor está substituido por um espelho concavo tendo ao centro, um fóco, uma pequena ampola de vidro, quasi cheia de filamentos carbonisados, e semelhante ao pequeno deposito d'alcool ou de mercurio n'um thermometro vulgar, como se vê da figura reproduzida. Esta ampolla atravessa o espelho e a sua extremidade alongada vae ligar-se a um tubo auditivo, no genero dos empregados para ouvir o phonographo, quando este restitue a voz ou

o canto, gravado e conservado no cylindro receptor.

Da estação de partida, dirige-se o feixe de luz para bordo a incidir sobre o espelho da guarita do piloto, bem distincta e visivel pelo pequeno pharolim, o que corresponde ao chamamento pela campainha n'um telephone. Em seguida a conversação estabelece-se, muito intelligivel apesar da distancia (quatro kilometros) a que se têm verificado as experiencias.

Mal a luz se projecta sobre a ampolla do espelho, os filamentos carbonisados absorvem o calor da luz; o ar que a ampolla contém dilata-se ou expande-se immediatamente, e a cada variação infinitesima na intensidade da radiação, provocada pela falla no transmissor, corresponde identica variação no ar da empolla e consequentemente reproduzem-se as ondas sonoras. Assim é explicada a theoria do radiophone pelo seu inventor, o sr. Hayes, engenheiro electricista ao serviço da companhia dos telephones de Boston, nos Estados-Unidos.

A rara modestia do inventor leva-o a considerar se apenas como adaptador de velhas theorias, esquecendo-se de que elle creou com o seu apparelho a telephonia sem fio, como Marconi a telegraphia sem fio; e sómente se resolveu a apresentar a sua invenção ao publico, depois de concludentes experiencias, na recente exposição electricista de New-York, nos jardins de Madison Square. Na descripção que o sr. Hayes faz do maravilhoso apparelho são discutidas e explanadas todas as questões theoricas e todas as objecções praticas, suscitadas pela utilização do radiophone, tanto em plena luz solar, como em tempos cerrados de nevoeiro, sem contudo lhe attribuir exageradas virtudes de competencia com a telegraphia ordinaria, por meio de fio, para os usos terrestres. Frisa, porém, as vantagens, bem evidentes que o radiophone proporciona ás communicações com e entre navios, muito especialmente, e os valiosos e opportunos serviços que pôde prestar em campanha.

O apparelho é tão facilmente utilizavel, tão simples e tão barato, que pôde calcular-se que tempo virá em que todo o navio quer de guerra, quer mercante, de vela ou a vapor, todo o

yacht e pharol serão dotados com o radiophone.

«Não é difficil de calcular o prazer que experimentarão os viajantes de qualquer embarcação ouvindo as vozes dos viajantes d'outros navios, apesar de milhas de longitude, a que passem, trocando felicitações, noticias, ou pedindo soccorro, escreve o inventor o sr. Hayes. Com o radiophone podem fazer o de dia e de noite.

«Certamente as embarcações de certa importancia, em nossos dias, têm o seu codigo de signaes de bandeiras, para durante o dia, e de luzes para durante a noite. Mas quanto mais agradável será, em todo o caso, substituir estes signaes arbitrarios,

pelo som da voz, ouvida a distancia, no mar alto. Accrescente-se ainda a satisfação que deverá resultar da possibilidade de dar maior expansão e volubilidade ás mensagens transmittidas pelo novo instrumento, em lugar de serem vagorosamente soletradas nas bandeiras ou luzes de signaes.

«Pode tambem imaginar-se, continúa o sr. Hayes, que os raios do sol affectam o espelho a ponto de não poder trabalhar, ou pelo menos trabalhar mal o radiophone em dias em que o céu estiver perfeitamente limpido. Isto não pôde acontecer. E' preciso considerar que não é a luz que faz mover o filamento carbonisado na ampolla de vidro; a luz por si só nenhum effeito exerce sobre a ampolla; é o movimento das ondas quentes, provocado pela pessoa que transmite através do feixe de luz que faz

expandir ou contrahir o filamento carbonisado.

Por outro lado, o tempo de neblina não altera a utilidade do radiophone, a não ser que a neve seja tão espessa ou tão dura como uma parede de tijolo, pela qual nenhum calor possa passar. Enquanto a nevoa fôr bastante delgada para deixar navegar os navios, pôde sempre contar-se com o radiophone, o que é sem duvida sob máu tempo, d'um immenso beneficio e utilidade.

No dizer de pessoas auctorisadas a nova invenção tem de vir a representar um importante papel no progressivo desenvolvimento das modernas descobertas scientificas com um fim pratico e utilitario.



GAVOTA

POR

AUGUSTO MACHADO

(d=46)

Piano

ms.

P

poco cresc.

F

crese.

poco cresc.

N da Silva, des

P. Marinho, 2008



NOTA BIOGRAPHICA

AUGUSTO MACHADO.—Publicando a *gavota* que antecede, graciosa composição inédita que amavelmente o maestro offereceu a esta revista e que inicia a collecção musical portugueza, segundo o programma traçado, acompanhamol-a d'um medalhão e d'uma rapida resenha biographica do compositor, tão apreciado entre nós como no estrangeiro, Augusto Machado, nascido em 1845, aos 9 annos já se apresentava a tocar n'um concerto com acompanhamento de orchestra. Em 1868 exhibia em S. Carlos duas *romanzas* suas; em 1869, um *bailado Zeffirelo*; em 1870 a sua primeira producção theatral *O Sol de Navarra*, operetta em 3 actos, que se sustentou no theatro da Trindade muito tempo; em 1873, uma operetta em dois actos, no mesmo theatro, sob o titulo *A cruz de oiro*, onde começou a affirmar-se a sua individualidade; em 1875, o *Desgelo*, operetta em 3 actos; a seguir, *Os fructos de oiro*, *A guitarra*, em 1 acto, *A Maria da Fonte*, 3 actos, tentativa de operetta nacional. Pelo centenario de Camões conseguiu que em S. Carlos fosse ouvido o trecho de uma *ode symphonica*, composição original e delicada a que o tenor Corsi deu um grande relevo e que lhe valeu um diploma e uma medalha de oiro, na exposição de Milão. Em 1883, sóbe á scena no *Grand Théâtre* de Marselha a sua primeira opera a valer. *Laureana*, que elle dedicou ao fallecido rei D. Luiz, recebida lisongeiramente pela critica, e que foi representada em duas épocas em S. Carlos. A' *Laureana* seguiram-se os *Dorias*, opera em 4 actos, que subiu á scena em S. Carlos em janeiro de 1887, trabalho em que o maestro Augusto Machado pôz o sêllo de uma individualidade propria, e o quanto aproveitára com o estudo das obras de Wagner.

Depois d'estes trabalhos, temos de mencionar pela ordem chronologica: os bailados do *Fausto*, executados com muito exito n'um concerto da «Real Academia de Amadores». as operettas *Piccolino* e *A Leitora da Infanta* (1889 e 1893) executadas no theatro da Trindade; um *Hymno-Marcha de Santo Antonio* (1895); o *Mario Wetter*, levado á scena em S. Carlos, no anno de 1898, e de que a critica se occupou largamente, obra de cunho

em que o auctor, com uma consciencia artistica muito para louvar, se não preoccupou com lisongear o paladar das platéas, dando-lhes uma obra de estudo e de alto preparo mental.

Ainda recentemente, por occasião do centenario da India, representou-se no theatro da Trindade o *Auto dos Esquecidos*, musica sua, poema de Sousa Monteiro.

Em breve representar-se-ha no theatro da Avenida o *Tição Negro*, farça lyrica sobre motivos de Gil Vicente, letra de Lopes de Mendonça.

Tem o nosso maestro dentro da sua pasta um trabalho completo, *La Borghesina*, comedia lyrica, letra de Enrico Golisciani, extrahido do *Livre Amoureux* de Fred. Soulié, e em preparação uma comedia lyrica, por ora ainda não baptisada pelo seu auctor, letra de Lopes de Mendonça, escripta expressamente para a graciosa actriz Palmyra Bastos, e que só será representada no proximo anno.

Basta olhar para o medalhão de Augusto Machado para adivinhar n'essa physionomia um temperamento d'artista. E' o de corpo e alma. Não fallando n'aquellas producções ligeiras que escreveu para o publico d'educação esthetica, mediana e que não definiram bem a sua individualidade, é justo dizer que a *Laureana*, e especialmente os *Dorias*,

affirmaram os recursos de uma imaginação soffreada por um criterio superior e os de uma technica aprendida com os melhores mestres nacionaes e estrangeiros. A sua instrumentação é eminentemente cuidada e conduzida sempre por modo que não trilhe caminhos já sabidos e explorados; a sua melodia affasta-se da banalidade e procura alar-se sempre ás regiões superiores da Arte. Este caracter não foi bem comprehendido pelo publico, hoje n'um nivel superior ao nivel educativo de ha vinte annos, mas que ainda exige melodia clara, expontanea e accessivel sem esforço aos seus accomodatícios ouvidos. Augusto Machado não quiz lisongear as multidões, pondo acima da vaidade a sua superior consciencia de profissional. E' um titulo que as intelligencias d'*élite* lhe reconhecem e que o colloca n'um lugar de honra, na arte musical portugueza.





CAPITULO PRIMEIRO

O Magusto

Eram 7 horas da manhã; e apesar do nordeste cortante e da espessa neblina que n'um véu de regêlo algodoava as cousas, muito havia já que a apparatosa vivenda dos Souzas, de Leomil, acordára no mais festivo aspecto, com todas as janellas abertas e por ellas a espaços extravasando chilreios limpidos de creanças.

Estava-se no primeiro domingo, antes do S. Martinho. E como, este anno, o anniversario do santo cahia n'uma terça-feira, todos na villa haviam gostosamente concertado fazer a beberona festa tradicional, antecipada de uns dias, muito de industria para que não fôsse de acaso depois o dêmo enlutar-lhes agourentos episodios a alegria.

Os Souzas, antiga familia burgueza, de reputação solidamente estabelecida sobre a sua colheita annual de oitenta pipas de vinho e seiscentas medidas de pão, afóra o azeite e a fructa, haviam convidado os seus melhores conhecimentos para um magusto, ao meio dia, seguido de merenda, na sua grande matta da Galgueira. Por isso n'aquella manhã almoçavam á pressa, n'um atabalhoamento precipitado, ouvindo-se distinctamente cá fóra, na rua, o picar tilintado das colheres nos pires, cortado pelas vibrantes pragas de commando do dono da casa aos creados. Pouco depois, um aspero arrastar de cadeiras ressoou, e immediatamente, através os grandes rectangulos abertos das janellas, cortaram rapidos a luz, como relampagos, apressados vultos de mulheres.

Estava combinado reunirem-se todos os convidados primeiro ali, no patim da casa, d'onde depois partiriam em alegre e tropeante cavalgada. Este patim era um vasto losango, lageado de granito, corrido a toda a frente da casa, que isolava da rua. Dois dos seus lados eram formados por duas faces da casa, fechando angulo, austeras e amplas na seve-

ridade secular do seu granito, mordido de musgosas hepatisações; e tendo uma aberto o portal de castanho, pintado a verde, superada a outra por um alto mirante envidraçado. A terceira face do patim, pegando com o portal, era formada por um muro corrido, tambem de granito, especie de varandim com seu largo degrau interior, deitando para a calçada. Na ultima face, fronteira á entrada principal da casa, chumbava-se uma grossa cancella de pinho, vermelha, agora corrida a escancaras, as tranquetas de ferro cahidas, e flanqueada por um lindo e piedoso nicho, deante do qual a Senhora da Conceição tinha a sua rica lampada de prata invariavelmente accêsa, de noite e de dia.

Como a casa e o patim pousavam n'uma eminencia, a sua situação era desafogada e naturalmente dominante. Ficava-lhe todo de roda muito em baixo, acochilado sob os telhados, o casario negro das viellas, onde as estrumeiras fermentavam á solta, fume-gando; na frente, por uma extensão sem fim, n'um estonteador alongamento de perspectiva, desdobrava-se um amontoamento cyclopico de montanhas; e ali mesmo rente á casa, correndo junto ao muro, precipitava-se o aspero declive da calçada, por cuja berma em ennastrados gorgolões de prata perennalmente borbotava, mesmo no pino do verão, um farto veio de agua, providencia e regalo das lavadeiras.

Soaram 8 horas p'rramente na torre da egreja; e então, abrindo-se as portas da cavallariça, os creados trouxeram para o patim as azémolas a quem a honrosa missão estava confiada de conduzirem ao magusto a familia. A matta ainda ficava longe, boas duas horas de caminho. Marcava pelo norte o limite arboreo da serra de Montemuro, com cujos primeiros lascados contrafortes entestava, n'uma vertente quasi a pino. Sahira ao

patim primeiro uma pequenina egua castanha, de albardão e estribos de pau, para o sr. Bento de Souza; depois uma anafada e pacífica mula, de cadeirinha acorreada sobre uma vistosa colcha de ramagens, destinada á mulher d'aquelle, a excellente D. Bernarda; e tres burritos mais para os tres filhos, o *Quinito*, o João e a Adozinda.

Esta, a mais velha, era uma singela e suave creatura, repousada e melacholica, sóbria de fallas, de olhar dulcificante, feita só, parecia, para sarar as penas dos outros á custa do seu proprio soffrer. . . Tinha o seu rosto uma nobreza de linhas que fazia instinctivamente ajoelhar de roda d'ella as almas. A côr atte-

Sacudiam impacientes os animaes no patim a ferralhada dos arreios, e o estrupido das suas ferraduras nas lageas confundia-se com o *chlap* dos tamancos dos creados, quando ao cimo da calçada apontou, e logo a seguir entrou pimpante no patim, montando um esbelto garrano rosillo, o sr. dr. delegado. — Vinte e oito annos, solteiro, loiro e quasi imberbe, com um rosto rosado e macio como os *Livros de Horas* attribuem aos archanjos, mas affirmando a sua condição terrestre nos olhos cheios de peccado, e além d'isso tocando eximamente flauta e marcando muito bem uma contradança, elle era o luminar, a grande esperança a divin-



nuada do cabello castanho, da epiderme asctica, dos labios prudentes, dos olhos scismadores, como que a traziam envolta n'uma penumbra melindrosa de santuario. Os visinhos tinham como de bom presagio ser Adozinda a primeira pessoa que elles viam, ao chegar á janella, cada manhã. E o seu quê de supersticioso respeito, uma carinhosa aura de lenda, quasi sobrenatural, ficára envolvendo-a perante a imaginativa extatica do povo, desde que um pintor do Porto, chamado a Leomil para restaurar os retabulos da igreja e pintar um novo pendão para a Misericórdia, a escolhera a ella para modelo da Senhora das Dôres.

dade, o terror, o amorudo *Satan* da redondeza. A sua transferencia para Leomil trazia em alvoroço dezenas de ingenuos corações desprevenidos. Era o pesadelo das solteironas, o peccaminoso espectro dos paes de familia. Idolatrava-o em sonhos a vaga appetencia sensual das donzellas, farejavam n'elle as sogras uma succolenta victima.

Ao tempo que elle entrava, surdia tambem no portal da casa o Souza, gordo e sorridente, de braços abertos, chale manta, espora no pé esquerdo:

— Ó meu caro doutor! Ou bem se é amigo, ou não... Isto é que é pontualidade!

O delegado apeára-se, e, subindo os cinco degraus do portão, com a mão do Souza entre as suas:—Não fiz mais que o meu dever... E então as senhoras? A D. Adozinda? Sua esposa?

Não teve o grosso velho tempo de responder, porque n'aquelle mesmo instante, ladeando-o e cingindo-lhe affectuosamente os braços, rompiam as duas senhoras; toda unctuosa e bonacheirona a mãe, com o cabello grisalho apartado em bandós, os olhos de velludo, a bocca tollerante, e a filha baixando aos pés, n'um geito mimalheiro, a face, toda corada.

Seguiram os cumprimentos do estylo, desciam os homens ao patim, e aprumavam-se ao lado das alimarias os moços, tirando os barretes; quando na quadra entrou tambem, ao passo miudo da sua burrita branca, o sr. padre Manuel. Era o parcho da freguezia. Longo velho, alcachinado e curvo, magrissimo, desenhava-lhe com anatomico rigor os ossos a epiderme, dura e estalada como pergaminho. Eram da mesma e uniforme côr de cinza, do mesmo tom funebre de mortalha, o cabello, os olhos, os labios, a contractura avara e sordida dos malares emaciados. Moviam-se-lhe de continuo as mandibulas nervosas, como n'uma irrequieta ancia de apprehensão, ruminando projectos de complicados lucros. E na sua outra invariavel mancha, esverdoadada, da velha batina surramposa, cheia de pingos de cêra, apenas destacavam as suas enormes mãos de cavador, afeitas a todos os mistêres, callosas de toda a sorte de trabalheiras.

—Salve-as Deus, minhas senhoras! —disse elle, tirando o largo chapéu de abas, a saudar.

—Bons dias, padre Manuel!

—A sua benção, sr. padre Manuel!

—Temos para o nosso passeio um dia regalado, graças ao Senhor!

Bento de Souza consultára o relógio, levemente impaciente:—E vão sendo horas!

—Então nem me apeio...—acudiu jubilosamente, por se ver dispensado da custosa operação, o padre, inclinando á frente o cansado busto sobre o pescoço da burrita, e quasi tocando com os sapateis o solo.

O desacostumado movimento attrahira em torno os curiosos. Vinham espertas á porta as vizinhas, umas fiando, agasalhando ontras as mãos sôb a sergilha do avental. E a cancella vermelha do patim tinha agora uma gulosa moldura de garotitos, rôxos de frio, o dedó no nariz. Chegavam quasi ao mesmo tempo, o escrivão de fazenda com as duas filhas, a D. Perpetua e a D. Aurora, duas trigueirotas petulantes, de buço, devorando Montépín e abusando do encarnado; e o

Pedro Maria Guedes, «o senhor commendador», antonomasia de cerimonia com que o distinguia o convicto respeito de todo o concelho, acompanhado pela irmã e a filha.

—Bem, estamos todos...—disse então, satisfeito, o Souza, passando a mão pela bocca escanhoadada. E para a filha e a mulher:—Vamos a isto!

A Adozindita e a mãe, cautelosamente, avançaram pelo degrau do patim até ao ponto onde os criados tinham a elle encostados os animaes, com os estrados das cadeirinhas ao alcance de seus pés; saltaram para cima; ao mesmo tempo o Bento montava tambem; o *Quinito* e o João eram postos ao collo sobre os burritos; e toda aquella grotesca e heteroclitica cavalgada se agitava agora em desordem no recinto acanhado do patim,—os homens rindo, as senhoras soltando pequenas interjeições de susto, o padre Manuel pendulando como uma ruína em cima da burra ás arrecuas, e a irmã do Pedro Maria clamando com solemnidade que lhe repuxassem á frente a barra do vestido.

Por fim a um signal do dono da casa, poz-se em marcha o cortejo, entre o alarido saltitante dos garotos; enquanto ás janellas da casa assomavam os rostos pesarosos de duas amas, debruçando do parapeito as creancitas com uns grandes olhos apavorados. Abriam o prestito os criados, todos de chibata, as carapuças sempre na mão. O delegado ladeava a D. Adozinda, e no couce seguiam gravemente, de respeito, fiscalizando o andamento da columna, o Bento e o commendador. Das janellas, das portas, pelas ruas fóra, iam colhendo saudações amigas. Tiraram respeitosa e o chapéu os ociosos habituaes da loja do Guimarães, bem como os invariaveis caturras da boticas; e a cada passo, das mais infimas tocas, do fundo dos negros janellos fumarentos, avançavam manitas infantís, clamando:—A sua benção, padrinho!

—Madrinha, a sua benção!

Mas, como a villa era pequena, a breve trecho se extinguiram as casas, por ultimo apenas de raro prolongadas por uma ou outra taberna solitaria, perdida entre castanheiros no caminho. E assim chocarreira e mansamente fôram seguindo, em cortadas arestas de dialogo, no ar lavado e cortante, por entre o mesmo invariavel lençol de nevoeiro. As franças immoveis das arvores, no céu impassivel, pareciam vestidas de arminhos, e a humidade perolava de gottasinhas brilhantes a crina das cavalgaduras, sob cujas patas rangia a herva coberta de geada.

O delegado accendêra o charuto, e, espo-reando o ginête, recitava com emphase a *Lua de Londres*. Respondeu--lhe a D. Perpe-

tua com as *Flôres d'alma*; e como então o requestado galan gentilmente se adeantasse, n'uma facil manobra de freio, a escutal-a, logo á compita a irmã, muito animosa, lhe fez com grande desbarato de gestos o elogio ao animalito que elle montava, epilogando com arrogancia:

— Que gosto que eu tenho pela equitação! Não imagina, doutor. A's vezes sonho, penso que não nasci senão para amazona!

— Com effeito! — sublinhou David, de ironia.

— Ah, que ganas me dão, n'estes dias frios, de montar um grande cavallo, bem fogoso, em pêllo!

— Podia escorregar.

— Não, que eu tenho nervos de aço!

E dardejava uma incandescente mirada ao delegado, que prudentemente desandou pr'adonde a D. Adozinda, cuja mãe censurava para a Guedes, n'um sincero tédio, a desenvoltura d'aquellas duas meninas.

Mas não faltaram mesmo a esta curta viagem alguns comicos episodios. Assim, como, ao cortarem a estrada para Moimenta, passassem junto a uma pequena fonte, a mula que a irmã do commendador montava, quiz por força beber. Fustigada pelo criado, estacou, arrebitou as orelhas, desatou aos couces; e como então a grave senhora, com o seu compromettedor cuidado na compostura da saia, se dobrasse com as mãos á frente, desequilibrrou-se, em riscos de cahir ao tanque, aonde em todo o caso lhe saltou o chapéu, que ficou completamente inutilizado. Então, entre o disfarçado rir, o reprimido gaudio dos circumstantes, approximou-se, lastimando-a muito, a bôa da D. Bernarda; e com piedoso desinteresse tirou o farto lenço de lã que levava ao pescoço, para a outra agasalhar com elle a cabeça nua. E não teve remedio a Guedes senão acceitar, embora aquelle utensilio plebeu lhe compromettesse picaramente a gravidade.

Tambem, na ingreme descida da Malveira, como a velha burrita do padre Manuel, a amparar-se, esticasse demasiado o pescoço. com o esforço a cosipada rédea estalou, um dos lados do cabrestó fez-se em fanicos; e a burrita, com o susto, partiu então desaccordada, ladeira abaixo, deixando o padre plantado em pé, as longas pernas abertas em compasso, negro e tosco como um espantalho, em meio do caminho. Como o pobre velho não teve mais que o susto, todos a mandibula batente riram. Muito mais porque elle tudo era depois apalpar, n'um comico exaspero, os alforjes do aparelho, lastimando que se teria talvez por completo esborrachado o mimo que elle levava para a merenda; no

que, dada a sua tradicional sovínice, ninguém acreditava. De espaço a espaço, na sua festiva caminhada cruzavam com ranchos de camponios que seguiam tambem a estrada ou atacavam os pinheiraes, cantando. E a quando e quando, aqui, ali, pelas encostas palpitava o clarão azulino das fogueiras.

Chegavam agora á entrada da grande mata, — um portão de ferro, indefinidamente prolongado por dois altos muros, a perderem-se no nevoeiro, superados por latadas de ferro sustidas por pilares de granito. Os moços, já fatigados, vinham familiarmente ao lado dos animaes, com a mão enrolada á cauda ou pousada sobre a garupa. Entravam tambem n'este momento dois moços de lavoura, carregando cestos com louça e comestiveis.

Foi o delegado, o doutor David, o primeiro a apcar-se, offerecendo lesto a mão ás damas. Duas d'ellas não acceitaram: a Guedes, cuja incorrigivel prosapia não consentia receber serviços de estribeira, a não ser do irmão; e a fogosa ginetista D. Aurora, a qual saltou impavida de um pulo a terra, o que lhe ia quasi valendo uma entorse, e a obrigou ainda assim a marchar algum tempo, claudicando, amparada ao braço do pae, que resmungava.

Seguiram primeiro todos a direito pela grande rua central da quinta, até junto á casa; d'onde, como ninguém quizesse entrar, para a esquerda tomaram logo, entre tortuosas verêdas verdejantes, até á vasta clarerira do lago, rumorosa e profunda. — Ahi se espraíava, como ao acaso, n'um recorte irregular, uma toalha de agua enorme, sem cessar renovada por um alto calcíreo que a entornava em cascata, trazida da limpidez virginal da serra, aproveitada depois por subterraneas canalisações na pujante fertilização da quinta. Em volta era esta ampla bacia toda cingida, como n'um ciume da Natureza, por altas collinas vestidas de arvores, áquelle tempo amarellecidas. Ali as vozes tinham êcco, reforçavam os sons claras e frescas resonancias. Na pacificação azul das aguas, prolongando linearmente a paisagem, mergulhavam alguns chorões seculares melancolicamente os ramos. A um canto havia uma casota de côlmo, abrigando um barquinho. E, quando os convidados do Souza chegaram, já a um lado da clareira, varrida das folhas sêccas, se empilhava um monte de vascalhos, silvas e rama velha de pinheiros. Atrás do rancho, os caseiros traziam os saccos com as castanhas, os moços os cestos com a comida. N'um instante, sentadas as senhoras em bancos rusticos, mandou o Souza chegar fogo á primeira rima de matto, para fazer cama ás castanhas. Beaticamente, o padre Manuel, de mãos cruzadas sobre o ventre hypothetico, sorria; em-

quanto a Guedes se ausentára um pouco longe do grupo; e toda solícita a D. Bernarda presidia ao esvasiar dos cestos. Rodopiavam n'um incessante movimento os criados; o escrívão de fazenda prometia ao Guedes es-

protestava-lhe mais uma vez o seu ardente amor, deblaterava em eloquentes tiradas a symptomatologia banal da sua paixão, cujo venenoso effeito na alma simples da namorada o poetico bucolismo da paysagem estimulava.



quecel-o, n'um complicado caso de velhas contribuições em divida; e o *Quinito* e João, guardados pela caseira, deitavam pedacitos de pão aos peixes do lago. O delegado, naturalmente desinteressado do espectáculo, afastára-se de escape, mais a D. Adozinda, e

—Que felicidade a minha, Adozinda! em me terem mandado para este recanto inédito do Paraíso...

—Não exaggere

—E' a verdade, juro-lhe... A grande reju-bilação da minha alma faz-me até de quando

em quando entrevêr, imaginar que, por qualquer bom mysterio sobrenatural, eu me acho agora, aqui assim absoluto e unico senhor do seu coração, companheiro feliz d'uma nova Eva...

—Mas sem esperanças do peccado . — corrigiu Adozinda, com propositada frieza, recolhendo a mão que o dr. David queria beijar-lhe.

É afrouxando o passo, pretextando frio, progressivamente retrahida, a encantadora creança obrigou a retroceder o seu implacavel galanteador para junto da fogueira, já agora enorme. A D. Aurora e a D. Perpetua varavam-n'o com olhos de rancor . . . A termos que, quando David d'ellas se approximou, complacente manejando a maromba do galanteio, e entre as duas requereu lugar, logo uma d'ellas, toda abespinhada :

—Ah, Deus o livre, doutor! Está aqui tudo cheio de ouriços. .

—Para o pé da Adozinda, vá . — reforçou a outra.—E' mais macio. . .

E uma contra a outra cerraram espaço, ferozmente inacessiveis. David encolheu, n'uma galante resignação, os hombros, e foi interessado plantar-se tambem deante da fogueira.

Longas, apumadas, finas e agudas como dardos, cresciam em rechinantes espiraes sobre o seu estrado de cinza as labaredas. No ar parado e frio, nas discretas velaturas do céu, tinha um arranque triumphador o seu recorte flammeante; e sacudidas, torcidas por aquella abrasada trepidação, vindo alimentar mais o incendio, precipitavam-se no rubro turbilhão, hypnotisadas e doidas como insectos, as folhas sêccas das arvores proximas, por sobre cujas copas friorentas um alto rodilhão de fumo se projectava vertical para o espaço. Os caseiros, muito açodados, nos rostos em fogo reflêxos de cyclopes, revolviam de roda com longos ramos a fogueira. A cada momento agora estouravam as castanhas, determinando estremeções nas mulheres, corridinhas de susto nas creanças. Depois, pela successão, o phenomeno tornou-se familiar, e todos já afoitos se approximavam, todos apertavam circulo, emquanto nas costas d'elles, e sempre sôb a paciente attenção da D. Bernarda, continuava o apparatuso desdobrar das louças. N'este momento, um caricioso ruído, primeiro indeciso, alado, depois vagamente crescendo, como uma melodia de orgão, afagou os ouvidos de todô o rancho, que em interrogativas attitúdes se voltava para o Bento de Souza, extasiado e surpreendido tambem . . . Era o segredo dos caseiros, a sua inesperada collaboração na festa.

Breve, um estudio rancho de guapas raparigas, brancas e louras como *willis*, rom-

peu do nevoeiro, de mãos dadas cantando, na dôce toada das *carvoeirinhas*:

*A laranja vae á fonte,
O limão vae atrás d'ella...
A laranja leva a agua,
O limão o sumo d'ella.*

Nos «semol'as» carvoeirinhas.

Bonitas,

Catitas,

Da beira do mar...

E vae nosso olhar

Os vossos peitos inflamma.

Com chamma

Que nos faz corar...

Teve um exito doido a linda e inopinada apparição. Todos bateram palmas de enthusiasmo. O padre Manuel abençoou-as; os moços de mãos dadas tambem, entremeiaram-se com ellas. E, agora mais largo e flamante, afogueantemente illuminado, viravoltava deroda da fogueira o grupo, lembrando as classicas rondas etruscas, impellindo no seu doido sapatear os tições ao lume.

Cantando sempre :

*Semei a salsa verde
Nos escuros pinheirões,
Para vêr se me esquecias...
Cada vez me lembrás mais!*

Nos «semol'as» carvoeirinhas,

Bonitas.

Catitas, etc.

Com a repetição do voluptuoso estribilho, tambem já depois as filhas do escrvão de fazenda cantavam, em pé e proximas da fogueira, na maligna intenção de estimularem o delegado. E, como este voltasse pr'aonde a D. Adozinda:

—Deixa que as has de pagar! — ameaçou uma d'ellas.

Entretanto os Souzas chamaram para a mêsã; com grande espanto de todos, o padre Manuel saccára dos alforges, que mandára buscar, o tal seu inverosimil mimo,—um bello queijo da serra da Estrella, o primeiro que aquelle outono apparecia em Leomil; e d'ahi a momentos atacava-se com faminta decisão a grande bôla de presunto e o tacho das morcellas; emquanto, sentada de roda da fogueira já apagada, as raparigas, com as mãos como tições, iam descascando as castanhas em estalidos brancos.

—O' diabo! — dizia uma. — Olha esta, chôcha de todo . . . que azar! Por isso o meu cahiu nas sortes!

—Pois eu então, não! — acudia outra. — Esta tem um filho. . . O' que rica coisa! caso antes do fim do anno.

—Quer não, que tens grande sorte!

—Cada um come do que gosta . . . invejosal!

Ao mesmo tempo, á mêsã, a D. Aurora, que não pozéra de parte o seu vingativo plano, disse bem alto, com intimativa, ao David:

—O' doutor, visto que é tão grande apreciador, diga-me cá . . . já viu a filha do capitão Sobrêda?

— Já sim, minha senhora.

— E que tal? ...

— Anda tão gabada!

— Dizem que é uma tal perfeição!

Ligeiramente embaraçado, David hesitava em responder. Adozinda cravava n'elle uns olhos de anciedade.

— Que não corresponde á fama ...

— Ah, não pelo contrario! — disse por fim David, sinceramente, — E' muito gentil,

— E bonita?

— Bonita ... — repetiu, quasi machinalmente, o magistrado.

Mas arrependeu-se logo, ao vêr a pallidez



— Então?... tornou de sophisma a D.Aurora.

Referia-se á filha do commandante do novo destacamento, chegado ha dois dias, e da qual, educada em Lisboa e muito formosa, corriam na villa maravilhas.

— Dir-se-hia que a achou detestavel... — insinuou a D. Perpetua. E a ajudar, a irmã:

(Continúa)

que amortalhou o rosto suave de Adozinda, a qual pregou n'um recalcado despeito os labios lividos... E não mais comeu, não mais fallou em toda a tarde; não mais socce-gou enquanto não poudes, já noite e de novo em casa, afogar com raiva no leito os olhos mordidos de lagrimas.

ABEL BOTELHO.



CASA ONDE ACTUALMENTE SE ACHA INSTALADA A SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO E BENEFICÊNCIA
A VOZ DO OPERÁRIO

União pela Vida

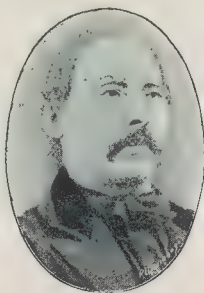
ENTRE as questões graves e complexas que, na herança sempre litigiosa da história, o século XX recebeu do que findou conjuntamente com muita riqueza e muito valor indiscutível, avulta pela sua maxima importancia a questão social multipla nos aspectos, indefinida ainda no contorno. Falar d'ella, pronunciar sequer o seu nome generico de socialismo, deixar transparecer sympathias pela solução da nova escola economica ou pela critica d'esta á actual organização das sociedades, era ha pouco ainda, despertar immediatamente receios e desconfianças, que não abonavam o character, ao contrario malsinavam os intuitos, de quem com desassombrada convicção proclamasse pela reforma necessaria.

A pouco e pouco, a coragem d'uns, a lucidez expositiva d'outros, a evidencia dos factos, a força da justiça foram levando de vencida as resistencias, as repugnancias inconscientes, foram illuminando o caminho aos timidos, e congregando ao mesmo tempo os espiritos reflexivos e as almas generosas.

Foi preciso que os primeiros ministros das mais poderosas nações, os reis e os imperadores, chefes de raças valorosas, se occu-

passem publicamente da questão social e propozessem resoluções ou transigencias para que a opinião dirigente, sempre avára de preponderancia ainda que abusiva, se conformasse com o necessario exame e estudo do complexo problema.

E como tudo caminhou rapido no ultimo quartel do seculo, tambem se generalizou e alastrou com progressiva rapidez a acceitação, por vezes, resignada, dos novos factos ou das novas tendencias. Entre nós ninguem extranha agora que um ministro da corôa, o sr. Fuschini por exemplo, affirme em pleno parlamento convicções economicas socialistas, nem os espiritos da *élite* se revoltam com a inclusão da sr.^a duquesa de Palmella, camareira-mór de Sua Majestade, na phalange reformadora, feita em biographia elogiosa, como merecido applauso ás praticas philanthropi-



BRAZ PACHECO

cas da grande dama opulenta. Ao contrario, na litteratura, na obra d'arte, no theatro, na politica, na administração das grandes empresas e na regulamentação dos serviços publicos vê-se aflorar o trabalho intimo evolutivo das consciencias, abaladas nas suas convicções tradicionais ou desejosas de transigir em prudentes concessões.

Assustam ainda, é certo, muitos aspectos do problema social; que não raro a grandeza das reivindicações e o numero dos reclamantes presagiam convulsões tenebrosas e demolidoras, como terremotos, na actual organização social.

Mas ao mesmo tempo socegam o alvoroço dos espiritos receiosos as praticas intelligentes e as propagandas serenas dos que no mundo, em regiões bem diversas e distinctas pela raça, pelo temperamento e pela educação, dirigem e influem na concentração das collossacs forças operarias, como se exemplifica na Allemanha, nos Estados Unidos, na França ou na Inglaterra.

Apavoram ainda, sem duvida, as *grèves* excepçionaes, mais numerosas do que os exercitos das grandes nações, disciplinadas e mantidas como elles; porém sensibilisam e impressionam vivamente as energias decididas que vão até á ultima privação, á fome ao sacrificio extremo e voluntario para conseguir uma melhoria, lutar por um direito não reconhecido na lei, conquistar uma vantagem, não de immediato proveito egoista, mas de futuras consequencias geraes. Ha n'estas lutas quadros assombrosos, d'um desenho emocionante e d'uma côr sinistra que sómente o pincel d'um Ribera saberia compôr e pintar; ha quadros que senão apagam, da memoria de quem uma vez, como quem escreve estas linhas, teve ensejo de os vêr e de os admirar no norte da França e em Inglaterra, em dois periodos bem significativos de resistencia grevista, acampada em extensos *bivacs*, de mistura com numerosas forças militares, que mais pareciam protegê-la do que guardal-a. Está bem viva na memoria dos que seguem estes acontecimentos a brilhante e oportuna intervenção de Lord Rosebery com toda a sua influencia pessoal e popularidade na terminação do conflicto de interesses dos mineiros inglezes.

Por vezes, amedrontam também e justamente as explosões criminosas da dynamite subversiva, a que a loucura do desespero accende o rastilho, como a loucura da fé asso-prava ás fogueiras do santo officio; mas surgem tantas sociedades do bem a prodigalizar socorros christãos, tanta assistencia dedicada a mitigar misérias, tanta propaganda altruista, quasi evangelica, a congregar respeito, que conseguem quasi apagar as chammas sinistras, e abafar os echos dos estampidos nefandos, accidentes fataes da grande obra evolucionista das classes trabalhadoras, producto subalterno da fermentação tumultuosa da grande miseria.

Por isso mesmo, os estados, em concessões alternadas com resistencias, vão procurando

pela legislação opportuna attenuar o mal, indicar remedios, facilitar transformações pacificas. Trabalham com affinco constantemente na reforma; hoje occupam-se das



CASA NO BECCO DO FROES EM ALFAMA, ONDE SE FUNDOU O JORNAL «A VOZ DO OPERARIO»

subsistencias e de habitação dos operarios; amanhã da hygiene das officinas; logo dos menores e do ensino technico; agora da assistencia medica e judiciaria, do seguro na velhice, da responsabilidade dos accidentes de fabrica; depois, da organização das sociedades cooperativas e de socorros mutuos: em fim de todos os problemas que directa ou indirectamente concorram para a resolução do problema geral, adaptando-se ás reclamações, obedecendo ao impulso recebido, satisfazendo aspirações legitimas, attendendo reivindicações de justiça.

Mas de todo este collossal trabalho de remodelação social, a obra mais curiosa e instructiva é sem duvida a emprehendida e feita pelos proprios e directos interessados, a forte concentração progressiva de forças, a *união pela vida*, em vez da luta de classes, que caracteriza o moderno movimento operario, principalmente nos dois paizes do mundo, na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde mais evidentes são os resultados adqui-

ridos pela organização operaria. E conjuntamente observa-se que o exito d'esta, depende da lucidez, da precisão e da energia dos proprios operarios, sobretudo dos que assumem a responsabilidade da direcção suprema, ou tomam a iniciativa dos empreendimentos.

Ha no nosso paiz um illucidativo exemplo d'esta obra moderna e caracteristica, um exemplo demonstrativo de quanto pôde a perseverança e o esforço continuado, de quanta sympathia desperta e confiança inspira a união pela vida, a concentração de forças individuaes para a utilidade collectiva, e de quanto tempo subsiste a acção energica e convicta do primeiro iniciador na protecção e defesa da propria obra. Referimo-nos a uma sociedade de instrucção e beneficencia — *A Voz do Operario* de cuja organiza-

O estatuto da associação provê ao duplo fim com que se organizou — instruir e beneficiar — pela fôrma mais simples e mais pratica, attingindo o mais elevado intuito de propaganda effectiva, e de união proveitosa. Continuando a publicação do jornal semanal, fundado em 1879, e distribuindo-o aos socios; inaugurando uma bibliotheca, estabelecendo aulas nocturnas e diurnas para os socios e seus filhos, *A Voz do Operario* promove o desenvolvimento da instrucção, estimula o gosto da leitura, auxilia o orçamento domestico do operario na despeza de educação e de primeiro ensino aos seus filhos, ao mesmo tempo que diffunde os principios economicos, aprecia os interesses, e procura congregar as forças do operariado para a conquista das melhorias e das reivindicações sociaes. Se nem sempre é inteiramente justa a propaganda é contudo bem intencionada ou convicta. Fornecendo ambulancias funebres e o panno mortuario ao socio que fallece, subsidiando a despeza do enterro ou a familia com quantias que se elevam a 12\$000 réis, conforme os annos de quotas pagas, *A Voz do Operario* attende com uma intenção altamente delicada e por fôrma sinceramente affectiva aos deveres de humanidade e de respeito pela morte.

Em antigos tempos, uma das obrigações que se impozeram no compromisso associativo os irmãos da Misericordia, onde se igualavam os fidalgos e os homens de officio quando os preconceitos e os privilegios da época os distinguiam e separavam em toda a parte era acompanhar diariamente ao cemiterio a tumba, era transportar á ultima morada os extinctos nas enfermarias dos hospitais e os miseros fallecidos sem meios, na penuria extrema que até exclue as taboas do caixão. Para este serviço haviam sempre nomeados por escala uns tantos fidalgos e uns tantos mestres de officios.

A Voz do Operario continúa as velhas e boas tradições portuguezas; e por isso infundem respeito commovedor os sahimentos que frequentemente se encontram em Lisboa transportados na pequena

carreta funebre por braços de irmãos no trabalho e nas lutas da vida.

Houve sem duvida uma grande intenção humana na organização d'este soccorro; con-



CASA NO CAMPO DE SANTA CLARA ONDE ESTÁ INSTALLADA
UMA DAS ESCOLAS DA SOCIEDADE

ção e desenvolvimento damos hoje succinta informação, como uma das mais poderosas manifestações do movimento associativo do operariado portuguez.

stitue um commentario eloquente ás condições de vida dos trabalhadores.

Porque motivo os que, trabalhando de sol a sol e constituindo familia, cumprem hones-

illudiram em enganosas esperanças de felicidade e de justiça, destruindo as instituições do passado, abolindo os privilegios, nivellando as castas, decretando aegualdade politica. Houve primeiro confiança nas reformas, e depois energia suprema em as realizar. Não



ESCOLA DO LARGO DO OUTEIRINHO DA AMENDOEIRA

tamente os seus deveres sociaes, raro conseguem obter pelo seu proprio esforço a garantia da miseria na velhice, ao abrigo de eventualidades funestas, extinto o vigor da musculatura ou parada a actividade cerebral ao cabo de longos annos de trabalho? Porque?

Porque, considerados ao menos como machinas, não conseguem obter para si a necessaria amortisação que o capital realiza pela acção do juro composto e illimitado?

Quantas interrogações dolorosas se formulam durante as horas de trabalho no decorrer dos annos, n'uma luta de todos os instantes! Quantas comparações amargas se estabelecem; quantos confrontos irritantes se approximam na imaginação, excitada pelas difficuldades ininterruptas, enquanto as machinas possantes reproduzem a força que os seculos accumularam no carvão, e as correias sem fim transmittem movimentos que na sua delicadeza complicada, mais parecem actos de intelligencia voluntaria, do que automatico resultado de alavancas e rodas dentadas!

Houve um tempo em que os espiritos se

é preciso descrever a revolução realizada no fim do seculo XVIII e do principio do XIX; basta recordal-a: todavia principia agora o novo seculo e os espiritos encontram-se n'uma situação de desolada incerteza perante o problema social que se formulou na desigualdade inevitavel das condições.

Por isto mesmo se reconhece no mundo trabalhador um poderoso movimento de concentração de forças, não para estabelecer lutas indefinidas, provocar conflictos irreductiveis, mas para aproveitar recursos, apreciar interesses, decidir procedimentos. Tanto na população operaria, como na rural, tanto nos que crestados pelo sol pleno dos campos esgotam a vida, puchando ao cabo da enchada, como nos que na manobra das machinas, ao pedal do torno do tear ou no desempenho d'uma taboa no vae-vem da garlopa, vão dia a dia gastando a mocidade, se accentua uma nova orientação, deliberadamente tomada, cuja formula se resume na *união pela vida*. Concentram-se forças, aproveitando os minimos esforços individuaes postos em com-

mum. A associação a que nos estamos referindo, n'este proposito caminha, e para confirmação d'elle basta considerar o augmento progressivo das receitas sociaes, ou a tiragem crescente e excepcionalmente avultada que attinge o seu jornal. A quota estatutaria é de 20 réis por semana; pois estas minimas contribuições enchem o mealheiro commum com mais de trinta e tres contos de receita annual, o que representa numero superior a trinta e dois mil associados.

E' curiosa, extremamente pratica e d'uma rara providencia a formula como os estatutos de *A Voz do Operario* evitam a perturbação inherente ao grande numero e subtrahe a administração interna ás naturaes vicissitudes que podem determinar as paixões e os enthusiasmos de momento, cujo mal tarde se remedeia, quando mesmo se chega a reconhecer.

A Voz do Operario, como jornal, foi fun-

admissão de socios auxiliares contribuintes com a mesma quota semanal de um vintem, gosando de todas as garantias e vantagens, *excepto a de votar e a de ser votado*.

O socio auxiliar pôde comtudo fazer parte das commissões eleitas pela assembléa geral para auxiliar os corpos gerentes na realização dos fins sociaes.

Nos Estados Unidos alguma cousa de parecido se tem feito recentemente nas uniões operarias; e não é indifferente para o exito e prosperidade d'estas instituições, para a disciplina indispensavel e para a fusão de todos os elementos individuaes no proposito commum, esta organização interna, de grave responsabilidade para os que dirigem, mas de constante fiscalisação exterior que ao mesmo tempo os obriga a procederes meditados.

O exemplo é convincente; a importancia das receitas demonstra a agremiação voluntaria; a applicação dos fundos attesta o es-



SALA DA BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE *A Voz do Operario*

dada em 1879, por manipuladores de tabaco, e por estes mesmos se constituiu a sociedade de instrucção e de beneficencia, que continúa agora a sua publicação; porém permittiu a

tricto cumprimento dos fins da sociedade. Cerca de metade, quasi quatorze contos são annualmente dispendidos com a instrucção, ministrada em *sessenta e cinco* escolas, fre-

quantadas por cerca de 2:000 alumnos, de ambos os sexos, menores e adultos.

O operario portuguez comprehendeu que na concorrência da vida moderna a mais poderosa força para o ganho diario e para a defesa dos interesses economicos era o cultivo da intelligencia, ao menos o saber sufficiente, e por isso desenvolveu na sua mais numerosa agremiação a escola elementar, lutando com a rotina, com a tradição, com o atraso da instrução geral. E nem sempre se avalia com justiça o esforço ou o sacrificio do tempo que se traduz em diminuição de jorna e que a familia operaria precisa fazer para educação dos filhos. Multiplicando as escolas, espalhando-as pelos bairros de Lisboa mais populosos, a sociedade benemerita presta um valioso serviço ás classes trabalhadoras e necessitadas, facilitando o ensino elementar, pratico, a alumnos de ambos os sexos com uma minima despeza semanal.

Descrevendo em rapido esboço a organização, os fins, e os serviços da mais numerosa sociedade popular que conhecemos no paiz, prestimosa e sympathica, e talvez a unica que reúne tão avultadas receitas por meio de cotisações minimas, dispondo para a propagação dos ideaes economicos d'um jornal, a arena moderna de luta, onde os interesses das classes trabalhadoras são defendidos, quizemos dar uma idéa geral da grandeza do movimento operario portuguez, sensatamente orientado em instituição pacifica, aberta a todas as escolas, e a todos os systemas, independente das situações especiaes que o momento politico ou economico mais ou menos determina, a paixão sobressalta e o interesse individual involuntariamente desvirtua.

Em volta d'esta sociedade, n'outro meio d'acção bem distincto, congregam-se as associações de classe. Como os centros de ondulação sobre a superficie da agua se formam, se alargam em circulos concentricos, simulta-

neamente sem se confundirem, o trabalho d'estes diversos grupos segue isolado na apparencia, desenvolve-se em direcções oppostas,



OFFICINA TYPOGRAPHICA DO JORNAL «A VOZ DO OPERARIO»

mas todo converge para um resultado superior e unico, a melhoria das condições de vida, a garantia de trabalho consecutivo, a satisfação de legitimas aspirações.

Recentemente, nos Estados-Unidos e na Australia, os chefes do movimento operario, tendo comprehendido, verificados pela experiencia, e convencido os dirigidos da vantagem pratica e effectiva obtida á medida que punham de parte os processos aggressivos, que isolam e affastam, para adoptar os meios conciliadores que chamam sympathias, teem conseguido interessar toda a gente na resolução do seu problema, e variam de artificio conforme as circumstancias. Das grêves proveio-lhes o ensinamento salutar de quanto mais amiudadas e produzidas com o fim de encarecer o trabalho manual ellas eram, tanto maior era o estimulo das invenções mechanicas que dispensavam a intervenção do braço humano, tanto mais concorriam em geral para augmentar a producção dos artigos, diminuir-lhes o custo e como consequencia extrema lesar, em vez de proteger, o preço da mão d'obra.

Meios mais simples, d'applicação oppor-

tuna produzem resultados mais effectivos. Para citar, entre milhares de exemplos, um qualquer contaremos o processo seguido em Cincinnatti para melhorar as condições de trabalho violento, extenuante, e mal pago das costureiras de armazem. A união operaria, denominada conselho central de trabalho, dirigiu-se ás damas de Cincinnatti, solicitou d'ellas, appellando para os seus naturaes sentimentos affectivos, que não comprassem onde não havia accordo, onde não apparecesse a *marca* operaria; porque d'outra forma estavam inconscientemente animando e estimulando o trabalho de creanças. As damas d'aquella e d'outras cidades interessaram-se pelo caso, formaram ligas, e a situação das infelizes costureiras melhorou pelo auxilio das grandes damas, que até então vestiam despreoccupadas as louçanias opulentas, cosidas pela miseria e por creanças de sangue empobrecido.

No nosso paiz, onde ainda não existia a grande industria poderosa, onde não se aponta um centro de producção fabril pertencente a um particular ou a uma companhia que atinja a grandeza d'uma cidade, como o estabelecimento do Creusot, onde ao contrario se dividem as fabricações, a vida operaria tem uma feição bem diversa da que tem assumido no estrangeiro. E a cada meio, a cada passo, se applicam procedimentos de defeza apropriados.

A moderna formula da *união pela vida*, substituindo o conflicto de classes, ou attenuando a crueza do *struggle for life* do determinismo scientifico, tem no nosso paiz, onde os sentimentos da mais subtil caridade floresceram sempre de par com as isenções altivas do character independente, vasto campo para se desenvolver; e por isso a vemos a cada passo nascer expontanea e exuberante, como essa de que demos um exemplo.



CASA DAS OFFICINAS TYPOGRAPHICAS

MODAS

A MODA, apesar da sua dispotica auctoridade em rapidas determinações, tambem soffre de quando em quando do mal da vontade, tem hesitações; que não raro se confunde a deliberação precipitada e irreflectida com a resolução prompta, o capricho volitivo com o querer resultante de bom juízo. O certo é que a moda, surpresa pelos rigores extraordinarios e prolongados do inverno, hesita na preparação da primavera.

Não sabe se as fazendas leves, claras, de tecido phantasioso que mandou fabricar, as cascas, as mousselines, as setinetas de novo lavor e perfeição, em que a mechanica e a tinturaria moderna transformaram as chitas, algodões estampados, poderão ser desde já adoptados na confecção dos novos modelos, todos tendentes a remoeçar tradições da renascença, com grande dispendio de rendas e de bordados. A moda, portanto, n'este mez que antecede a entrada franca e risonha da primavera, contemporisa no aproveitamento dos materiaes existentes, utiliza o panno, ainda de corpo espesso e de pêllo em acabamento de *cheviot*, para recortar *boleros* andaluzes sobre saias compridas, ou traçar sobre o busto gentil, que os colletes modernos tornam exuberante, casacos largos e curtos com botões em esmalte.

Claro está que se apresentam desde já modelos como definitivos; porém informam auctoridades insuspeitas no assumpto que as verdadeiras creações da primavera estão ainda soffrendo modificações sob o lapis dos desenhistas, á medida que nos *ateliers*, ha pouco em grêve, como toda a gente (tão generalizadas ellas teem sido) as *primaveras* dos grandes estabelecimentos decoram os seus modelos e procuram inspiração na phantasia dos antigos, sobre paginas de velhas composições que as artes decorativas agora fazem resurgir nas linhas d'uma saia, como em curvas de desenho primitivo, nos lyrios dos esthetas ou na ourivesaria trabalhada e largamente ornamentada.

Toilette de senhora. — As tres illustrações que publicamos dão idéa clara do genero de vestidos agora usados para recepção de dia e para jantar, adaptados á época da quaresma,



sedas e rendas pretas, mangas guarnecidas de fôfos nos cotovellos, dividindo-a« da parte inferior em renda bordada e aberta. A primeira d'estas tres illustrações representa, porém, uma *toilette* de jantar, clara, de saia dupla, em tecido leve e *blouse*, fazendo de phantasia, genero Pompadour, que parece deverá ser o genero e o feitio mais adoptado na entrada da primavera. Voltarão portanto, as fazendas claras, com desenho de flôres pequenas, applicadas, tecidas ou bordadas.

Vestuarios de meninas.—A nossa Illustração representa duas *toilettes* apropriadas uma para

tura, onde se ajusta por um cinto em setim da guarnição, abre na frente para mostrar um



menina de 14 a 16 annos, e outra para menina de 10 a 12 annos.

A primeira compõe-se de saia curta de cachemira, de côr variada, sendo o azul e o castanho mais usados, guarnecida á roda da bainha com fôlhos em prégas á Van-Dyck, seguros com um vize de setim da mesma côr, em tom mais vivo da fazenda empregada. O corpo franzido nos hombros e sobre o largo até á cin-

peitilho de setim crême, coberto de renda grossa de *guipure*. As mangas de fazenda são curtas, e prolongam-se até aos pulsos por meio de canhões de setim e renda.

A segunda compõe-se d'uma saia de fazenda lisa, enfeitada com tres viezes da mesma fazenda ou de velludo, e d'um casaco curto e largo, debruado de velludo, abotoado ao lado, e gola tambem de velludo.

JOIAS

EM todo o tempo, as joias foram encanto do bello sexo; mas, em boa verdade, o sexo feio não as despreza e não se furta ao vaidoso prazer de as usar. Os aneis enfeitam todos os dedos, e os alfinetes de gravata ou manta disputam primazias de valor e de trabalho artistico aos que se destinam a pren-

der em bustos gentis finas rendas trabalhadas. As joias são todavia adorno predilecto das damas, e muitas ha que conhecem a mineralogia das pedras preciosas melhor do que um engenheiro de minas ou sillex e os calcares. Conhecem-lhes menos o valor do custo; que a satisfação d'um capricho, medida vul-

gar das avaliações femininas, pode traduzir-se em fabulosas sommas dispendidas, e quantas despreoccupadas e felizes trazem nos cabelos em diademas, ou em volta do collo a realçar perfeições de escultura incomparavel, fortunas immobilisadas. Tem fascinações extranhas a belleza luminosa das jóias que parece terem sido feitas, como as constellações, para a noute. A moda, sempre inconstanten as suas determinações, tem preferencias de momento; ora escolhe umas para as evidenciar, ora esquece outras que perdem de valor. E' extremamente incerto este commercio especial; por isso elle tem de se garantir pelo custo geral contra as vicissitudes inesperadas. As pedras preciosas soffrem oscillações de preço, como os fundos nas bolsas; comtudo conservam, na sua maioria, um valor intrinseco muito apreciavel, como as obras d'arte de ourivesaria onde aquellas se engastam, apesar de postas em desuso pelo feitiço que a moda transmuda a cada momento. Assim os pendentes de brincos, em fôrma de pêra, agora pouco usados, tem sido aproveitados, quando trabalhados em bella arte decorativa e de fôrma graciosa, para fabricar magnificos alfinetes ou pregos de prender chapéus. Assim, as magnificas fivellas antigas, grandes, guarnecidas de brilhantes, que talvez brilhassem,



em pleno seculo XVIII, nos sapatos dos abba-des peralvilhos da época, são muito aproveitadas para apertar largas fitas de velludo em cinturas gracis. Recentemente a opala leitosa, rodeada d'um filete de brilhantes, fez moda; a opala, dizem, ser o symbolo do feitiço perturbador que possuem os caracteres voluveis e significar em linguagem *semper mobile*. Curiosa igualmente a correspondencia convencional expressa pelas pedras, como a linguagem das flôres, ou como os attributos symbolicos que lhes são dados pela tradição.

A *agata* raizada ou o olho de gato protege do mau olhar; dá saude, riqueza, longa vida! E' uma pedra muito estimada pelos indios. A *amethysta* significa sciencia, humildade e sinceridade: e comtudo era consagrada na velha religião grega a Baccho. O *coral* pos-

sue a virtude de afugentar assassinos e de evitar os pesadelos; tambem a *turqueza* preserva de morte violenta e significa — *não me esqueças*. E' por esta ultima razão ornato obrigado dos aneis de nupcias na Russia, e como os costumes do grande imperio moscovita agora se vulgarisam e se imitam por snobismo, em aneis de nupcias mais ou menos celebres tem sido recentemente adoptada para fundamento decorativo, embora se use tambem duas pedras enlaçadas, como a perola e o brilhante. A turqueza é a pedra predilecta da czarina, e figura sempre nos presentes que a imperatriz offerece ás pessoas a quem quer honrar com a sua estima.

O *crystal de rocha* quer dizer *alma e coração limpidos*, como o *diamante* é a pedra da re-

conciliação. Affirma a lenda que a *esmeralda* acalma as convulsões da epilepsia, e ao mesmo tempo symbolisa esperanza. A *granada* quer dizer lealdade, amizade sincera, como o *lapis-lazuli* tem a força de attrahir sympathias para quem o traz nas suas jóias, além da virtude de conservar a vista, conforme rezam velhas superstições. O *rubi*, quasi tão raro hoje como uma boa perola e mais caro que o brilhante, dá felicidade e preserva de falsas amizades. Significa a *saphira*, consciencia pura, verdade; o *topazio*, riqueza e esplendor.

A moda tem felizmente ido buscar ás antigas gavetas, onde se haviam guardado quasi como inuteis, muitas pedras de preço diminuto, e outras, como o coral, o crystal de rocha, a cornalina, e tem-as imposto ao uso e ao bom gosto das elegancias mundanas. As jóias, onde se engastam, devem ser em ouro finamente trabalhado; vêem-se nas ourivesarias afamadas objectos d'arte, maravilhas de montagem e de bom gosto que fazem evidenciar aquellas humildes pedras, associando-as ás de grande valor. Voltam a usar-se e são procurados os bons mosaicos e os esmaltes para pulseiras. Daremos opportunamente reproduções de modelos de ourivesaria moderna para servirem de indicação ás nossas leitoras, nos arranjos, e nos aproveitamentos que tiverem de mandar fazer.

DECORAÇÃO DE CASA

P ELO arranjo d'uma casa que se visita, pela disposição dos moveis, pela decoração apropriada, pelo aceio escrupuloso, se conhece e se aprecia a dona de casa, na sua influencia bemfazeja, tornando o lar confortável e alegre, que prende sympathias, impõe respeito e conquista estima. A mulher portugueza é felizmente caseira e arranjada, desejosa sempre de alindar quanto possivel a sua habitação. Falta-lhe por vezes a educação necessaria para aprimorar o gosto artistico; porém, não é culpa d'ella, que é em regra intelligente e viva de comprehensão. Quasi sempre lhe não facultam os meios e os modelos para apprehender e adaptar; quasi sempre lhe limitam o ensino á copia ou á imitação de cousas que os usos modificaram, que o bom gosto ou a moda caprichosa pozeram de lado, ou n'uma mescla extravagante confundem épocas e estylos, applicações e utilidades. Todavia, ella pacientemente, n'um louvavel desejo de agradar, n'um gracioso impulso de sentimento amavel, gasta tempo e trabalho assiduo na confecção de objectos que a critica aponta depois como inaceitaveis, mesmo ridiculos, magoando com o sorriso desdenhoso tanta intenção adoravel, tanto interesse affectivo e bom. Pena intima, benevolencia attenciosa, é que deveria haver.

De resto, não é apenas a educação artistica a unica influencia decisiva sobre os aspectos do lar domestico, n'este capitulo muito especial da decoração de que estamos dizendo. Pondo de parte influencias moraes, o clima tambem actua poderosamente. A graça amaneirada do *interieur* francez, o aconchego utilitario do *home* inglez, a severidade levemente sombria das casas flamengas e hollandezas reflectem em grande parte as exigencias do meio ambiente. Entre nós, o inverno dura trez mezes, quando rigoroso; o resto do anno é doce, vivido, cheio de sol que extenua e esgota. Não ha quasi necessidade do fogo; apenas a brazeira se torna indispensavel aqui e alli, fugitivamente, tanto ao norte, nas montanhas cobertas de carvalheiras, como ao sul, nas planicies alentejanas. E d'esta benignidade do clima derivam mil aspectos diversos dos que determinam nos paizes do norte as janellas largas envidraçadas para deixar entrar a luz escassa, como se fossem paredes de vidro, sempre fechadas ou apenas abertas em postigos de ventilação; dos que tornam indis-

pensaveis chaminés ou fogões, decorando paredes inteiras, ou recortando cantos de sala, resguardados por paraventos que limitam a irradiação do calor, e dos que exigem abundancia de plantas de interior para supprir a efflorescencia espontanea que a natureza aqui prodigaliza.

O clima, a paisagem, o meio produzem a architectura local, alteram a transplantada, determinam novos motivos de decoração. Comtudo o bom gosto, guiado por um criterio seguro e educado, imprime um cunho especial; e as flores, as janellas, as chaminés podem prestar-se, em toda a parte, nos usos a que se destinam, conforme as latitudes, a uma decoração artistica, como os moveis, os utensilios domesticos, as proprias ferramentas, até as machinas de trabalho. Por exemplo: nada mais decorativo e elegante do que a roca, a fiandeira, a dobadeira ou o tear manual.

Não é essencial a riqueza para alindar um interior; com modestos recursos bem aproveitados consegue-se aformosear uma casa, torna-a appetecivel, convidativa para o repouso, para a vida intima, insubstituivel da familia. No nosso paiz abundam os elementos na ceramica, na tecelagem, e no mobiliario para compôr ornamentações graciosas e distinctas que podem substituir com vantagem as importações a esmo, incaracteristicas, e tão abundantes sem necessidade. Forneceremos n'esta secção ás damas que presidem ao arranjo das suas casas, modelos variados, indicações praticas, que lhes permitam executar decorações ou dirigil-as, consoantes os recursos disponiveis. Dispõem-se flores tão elegantemente n'uma jarra de Saxe ou n'uma floreira do japão, como n'um açafate ou n'uma alcofa das Caldas; forram-se moveis tão graciosamente com tapeçarias ou fazendas de seda como com chitas de desenhos escolhidos; recobre-se em apanhados de finas rendas um espelho de toucador ou enfeita-se um piano de salão com um chaile de Tonkin, como com igual distincção se póde aproveitar um pedaço de cassa bordada á mão e forrada de setinetas de côres brilhantes. Alguns modelos com que illustraremos esta secção dirão melhor e mais facilmente do que largas explicações; que pelo exame dos desenhos e das reproducções de interiores artisticos o gosto apura-se rapido, e a phantasia suggere modificações apropriadas.





OS JARDINS DE OSBORNE HOUSE

VARIEDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

D'uma fôrma succinta, compativel com a indole e espaço d'esta revista, procuraremos dar noticia, acompanhada quanto possível de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a atenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade. Para cada capitulo iremos abrindo secções que constituem um repositório de factos ou de curiosidades e que sejam de facil consulta, quer se procurem por datas, quer por paizes.

JANEIRO — 1 *Hespanha* — Inauguração official, em Madrid, da estatua de CANOVAS.

— *China* — Revista de tropas, em Pekin, festejando o anniversario da proclamação da rainha Victoria como imperatriz das Indias.

2 *Portugal* — Sessão solemne da abertura das côrtes, em Lisboa.

— *Republica Argentina* — As Republicas Argentina e do Chile, assignam a confirmação do antigo protocollo a respeito da delimitação da fronteira.

— *Inglaterra* — Chegada de LORD ROBERTS a Osborne; é recebido pela rainha Victoria, que lhe confere o titulo de duque e a ordem da Jarreteira. O illustre marechal de regresso á patria tocou em terra portugueza e foi recebido com as honras que se lhe deviam; por isso da sua passagem na Madeira damos dois episodios em gravura.

— *Sul de Africa* — 1:400 prisioneiros boers embarcam na cidade do Cabo com destino a Santa Helena.

4 *Inglaterra* — SIR ALFRED MILNER é nomeado governador do Transvaal e do Orange, republicas annexadas á corôa britannica.

9 *Hespanha* — É approvedo no Senado de Madrid o tratado de commercio com o Japão.

10 *Inglaterra* — Rebenta um violento incen-

dio em Brooklin, ficando queimados alguns vapores evarias embarcações, resultando enormes prejuizos.

— *Hollanda* — A camara alta de Haya approva o projecto do casamento da rainha Guilhermina.

— *Japão* — Morrem afogados nas costas orientaes do Japão, 400 pescadores, em consequencia de tempestades.

11 *Estados Unidos* — O senado de Washington approva o projecto de lei que eleva o numero de deputados a 386.

12 *França* — 150 operarios das officinas de construcções electricas da casa BREGUET, em Donai, constituem-se em greve por motivo de diminuição de salario,

13 *Hespanha* — Em Barcelona um comicio tumultuoso pede ás crôtes a abolição das tou-
radas.

14 *França* — Começam os debates parlamentares na camara franceza sobre a lei geral de associações que envolve a questão religiosa. — É preso em Nice o principe russo VICTOR MAKADCHIZE, accusado de conjuração contra o czar.

— *Marrocos* — É nomeado ministro dos negocios estrangeiros do imperio marroquino, Abd-el-Krin-ben-Sliman.

— *China* — É assignado o protocollo da paz na questão da China.

16 *Belgica* — Os operarios das pedreiras de Lesnires, declararam-se em grêve, reclamando augmento de salario.

17 *Allemanha* — Commemoração em Berlim da instituição da ordem da AGUIA NEGRA,

diarios, suppressão de pernoitar em casa dos patrões e da distribuição do pão ao domingo. — Nova grêve dos cocheiros da *Compagnie générale* de Paris.

21 *França* — 500 mineiros de Mont-Maillot, Lucy e Magny e Monteceau-les-Mines declararam-se em grêve pedindo augmento de salario,



LORD ROBERTS NA MADEIRA — DIRIGINDO-SE PARA O CONSULADO INGLEZ

Reprodução de uma illustração do sr. Mello Prior, publicada por «The Illustrated London News»

a mais nobre da Prussia, instituida por Frederico I, em 17 de janeiro de 1801.

— *China* — Os plenipotenciarios chinezes entregam aos representantes das potencias uma copia do decreto do imperador, com o sello imperial, accetando as condições da nota collectiva.

— *Suecia* — Abertura do parlamento.

18 *Allemanha* — 200º anniversario do reino da Prussia. — Fundação da «Ordem para o merito da Corôa da Prussia».

— *Estados Unidos* — O senado de Washington approva a lei de reorganização do exercito, cujo effectivo é elevado a 100:000 homens com as respectivas bandas de musica.

19 *Austria* — Constitue-se a nova camara de deputados do REICHSRATH em Vienna.

— *Italia* — É inaugurada a nova linha telephonica, Florença-Pistoia-Lucques-Pise-Livourne, comprehendendo 120 kilometros.

20 *França* — 700 manipuladores de pão em Lyon declararam-se em grêve geral reclamando a redução a 11 horas de trabalho, 5 francos

22 *Inglatera* — É proclamado rei de Inglaterra o Principe de Gales, reinando sob o nome de EDUARDO VII.

23 *Canadá* — Um grande incendio no bairro do commercio por grosso em Montreal consome dez armazens cujo valor, inteiramente perdido, é avaliado em cinco milhões de dollars.

25 *Bulgaria* — O general Petrof assume a presidencia do gabinete conjuntamente com as pastas do interior, dos negocios estrangeiros e dos cultos. O coronel Papritrof conserva a pasta da guerra, e interino das obras publicas. O sr. Dautchef fica na justiça, o sr. Peef na instrucção publica, e o sr. Toutchef é nomeado para a fazenda. Esta constituição de ministerio, em pleno periodo eleitoral, denuncia um gabinete de resistencia.

— *Italia* — O sr. Saracco, presidente do conselho, pronuncia no senado um notavel discurso de appello ás forças conservadoras do paiz contra o perigo revolucionario, a proposito da ultima grêve de Genova.

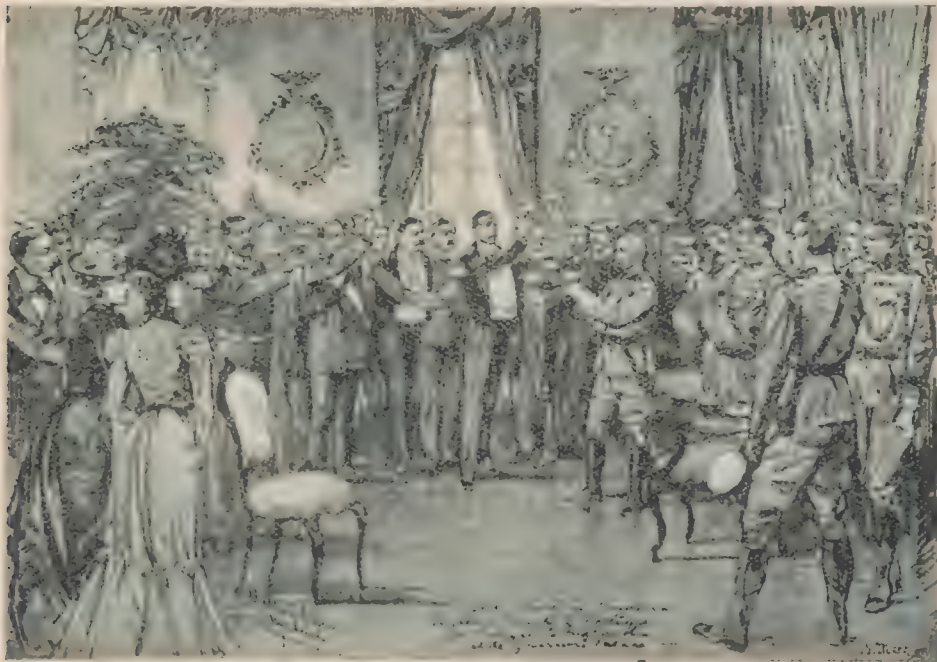
26 *Portugal*—Sae do Tejo para Lourenço Marques no vapor *Zaire* uma expedição militar sob o commando do capitão Alvares Pereira.

—*Hespanha*—O conselho de ministros hespanhol, approva o projecto de decreto de indulto geral, incluindo delictos da imprensa,

—*Hespanha*— A RAINHA DE HESPANHA sanciona o tratado do commercio com o Japão.

—*Roma*— O PAPA faz distribuir aos cardeaes e aos embaixadores uma nova encyclica, datada de 18 de janeiro, sobre a clemencia christã.

29 *França*— Cessam o trabalho todos os



LORD ROBERTS NA MADEIRA — BRINDE DO MARECHAL AO REI DE PORTUGAL
NO PALACIO DO GOVERNADOR CIVIL

Reprodução d'uma illustração do sr. Neves Prior, publicada por «The Illustrated London News»

por occasião do casamento da princeza das Asturias.

27 *Allemanha* — Anniversario natalicio do IMPERADOR DA ALLEMANHA.

—*China*— O parlamento chinez vota a execução de YAN-SIEN e do PRINCIPE TCHUNG.

28 *Portugal*— Sessão solemne no parlamento portuguez para juramento de Sua Magestade a RAINHA D. AMELIA como regente do reino na ausencia de Sua Magestade EL-REI D. CARLOS em viagem para Londres afim de assistir ao funeral da rainha de Inglaterra.

—*Inglaterra*— O rei de Inglaterra, EDUARDO VII, é proclamado em Pretoria, senhor supremo do Transvaal.

—*Italia*— 1500 operarios dos estabelecimentos metallurgicos em Napolcs declaram se em greve.

—*França*— Bateram-se em duello á espada no velodromo do Parque dos Principes em Paris os professores de esgrima, ATHOS DE SAN-MALATO, italiano, e DAMOTTE, francez, ficando este ferido na axilla direita.

empregados do caminho de ferro metropolitano de Paris, ficando interrompido o serviço dos comboios e occupadas militarmente as estações.

30 *França*— Os cocheiros de Toulon declaram-se em greve protestando contra os regulamentos da policia.—O conselho Municipal de Marselha prohibe aos ecclesiasticos e religiosos o uso da sotaina.—600 operarios das officinas do monopolio dos phophoros em Pantin e Aubervilliers, declaram se em greve, reclamando contra a direcção de M. Bloch e contra as deliberações tomadas a respeito das associações de classe.

FEVEREIRO - 1 *Hespanha* — Os empregados da companhia dos caminhos de ferro de Madrid Caceres-Portugal declaram-se em greve.— A representação no theatro hespanhol do drama de Galdos, *A Electra*, determina uma importante manifestação anti-clerical.

2 *França*— 550 operarios da Companhia geral de lampadas de incandescencia em Ivry-

sur-Seine declaram-se em grêve, reclamando contra a diminuição de salario.

— *Italia* — Na camara dos deputados em Roma é approvada a proposta declarando monumento nacional a casa em que morreu Verdi.

— *Estados-Unidos* — O presidente Mac Kin-

depositos da companhia do mar Caspio e do mar Negro em Bakon, onde estavam 35 milhões de *pouds* naphta (o *poud* corresponde a 16,381 kilogrammas) communicando-se a outros que continham 12 milhões de *pouds*, pe-recendo grande numero de pessoas e ficando reduzidas á miseria 400 familias operarias.



RAINHA GUILHERMINA, DA HOLLANDA



PRINCEPE HENRI DE MECKLEMBOURG

ley assigna a lei de reorganização do exercito federal.

— *Montenegro* — O governo do principado decide a construcção do seu primeiro caminho de ferro, 160 kilometros entre Antivari e Nikochitch.

— *Inglaterra* — Funeral solemne da rainha de Inglaterra, com a assistencia do imperador da Allemanha, dos reis da Belgica, de Portugal e da Grecia, e de representantcs extraordinarios de todas as nações.

3 *França* — Encerramento geral da caça a tiro em toda a França.

4 *França* — Determina-se um enorme *krach* no mercado de oleo de linhança em Arras, arastando á fallencia numerosos negociantes.

5 *França* — Os operarios empregados na descarga de mineraes no porto de Dunkerque declaram-se em grêve, reclamando augmento de salario.

— *Hespanha* — E' declarado em estado de sitio Gijou por causa da grêve. O numero de grévistas eleva-se a 15:500.

6 *Italia* — O ministerio pede a demissão em consequencia da camara dos deputados approvar um voto de censura ao governo por causa do encerramento da camara do commercio de Genova.

— *Russia* — Um enorme incendio destroe os

7 *Mexico* — Dá-se uma terrivel explosão de dynamite n'uma mina de prata em Sant-Andrés, victimando 97 operarios e ficando feridos numero muito superior. A mina estava avaliada em 20 milhões de dollars.

— *Hollanda* — Realiza se em Haya o casamento da rainha Guilhermina com o principe Henri de Mecklembourg e Schwerin.

A rainha Guilhermina Helena Paulina Maria, princeza de Orange Nassau, cujo retrato damos, bem como o de seu esposo, nasceu em 31 de agosto de 1880, contando portanto vinte annos completos. Succedeu a seu pae, o rei Guilherme III em 1890, ficando sob a tutela e regencia de sua mãe a rainha Emma, que conta hoje, 42 annos de idade

O noivo pertence á casa soberana do grão-ducado de Mecklenburgo-Schwerin, casa fundada no seculo xvii pelo duque Christiano Luiz, e elevada a grão ducado em 1815. O chefe soberano tem o titulo de grão-duque, e os irmãos o titulo de duques e alteza.

— *França* — Os operarios de varias manufacturas de Merville declaram-se em grêve, reclamando augmento de salario. 500 operarios carpinteiros de construcções navaes em Saint Nazaire declaram-se em grêve pedindo 10 horas de trabalho. Os alfaiates das casas de modas parisienses declaram se em grêve.

—*Hespanha*—A rainha de Hespanha assigna os decretos concedendo o indulto geral por occasião do casamento da princeza das Asturias.

9 *Estados Unidos*—O ministro da marinha delibera estabelecer a telegraphia sem fios em varios pontos da costa, com a fim de estabelecer communicação com os navios a 500 milhas de distancia.

—*Inglaterra*—O governo inglez emite 11 milhões sterlingos em *bons* do thesouro pagaveis em 1905.

—*China*—YOUAN-CHI-KAI lança uma proclamação ameaçando todos os que ultragem os missionarios e estrangeiros em Chang-Toung.

10 *Hespanha*—Manifestação tumultuosa em Madrid contra o conde de Cazerta e os jesuitas, effectuando-se numerosas prisões e ficando feridos muitos manifestantes.

—*Portugal*—Realiza-se em Vizeu um comicio agricola para tratar da crise vinicola, deliberando-se representar ao parlamento, pedindo uma lei que reprima efficazmente a falsificação dos vinhos; que seja abolido o imposto do real d'agua e o de barreiras, e que se celebrem tratados de commercio, promovendo se a exposição de mostruarios no estrangeiro.

—*Brazil*—O governo declara não prorogar novamente o praso para importação de vinhos portuguezes que foram suspeitos de conterem acido salycilico.

—*França*—500 mineiros de Azincourt declaram-se em greve. Reunião agricola em Chartres afim de estudar a questão dos *bons* da importação e emittir votos sobre o projecto submettido ás deliberações do senado.

11 *Hespanha*—Em Madrid, Granada, Sarragoça, Barcelona e Valencia, numerosos grupos de academicos manifestaram-se contra o conde de Cazerta e jesuitas, tendo os jesuitas de Granada disparado tiros de espingarda para a multidão, ferindo bastantes pessoas, algumas das quaes mortalmente.

12 *Hespanha*—Celebra-se no paço real de Madrid a cerimonia do contracto matrimonial da princeza das Asturias. Os republicanos festejam com banquetes e veladas o anniversario da proclamação da republica.

13 *Saxonia*—Celebram-se comicios contra os novos direitos sobre os cereaes.

14 *Inglaterra*—Abertura da sessão real do parlamento em Westminster.

—*Hespanha*—Celebra se em Madrid na

capella do palacio real, o casamento da PRINCEZA DAS ASTURIAS com o INFANTE D. CARLOS. E' publicada a declaração de estado de sitio em Madrid e Valencia.

—*Italia*—Constituição do novo gabinete sob a presidencia do sr. Zanardelli.

—*Allemanha*—O parlamento de Berlim approva o *bill* de indemnidade ao governo na questão da China.

—*França*—E' comettido um audacioso roubo no museu de antiguidades e numismatica de Lyon, no valor de 100.000 francos, desapparecendo numerosas medalhas e objectos de joalharia bastante raros.

16 *França*—Cerca de 40 operarios metalurgicos de Chalon-sur-Saone declaram-se em greve geral, por falta de trabalho.

17 *Hespanha*—Em Madrid, os cocheiros de praça declaram-se em greve.

18 *Servia*—Reconstituição do novo gabinete servio sob a presidencia do sr. Yovanovitch.

19 *Allemanha*—O ministerio da guerra allemão, approva a nova espingarda automatica.

—*Inglaterra*—Publica-se o *Livro Azul* sobre assumptos da China.

20 *Italia*—Anniversario da eleição do Papa Leão XIII.

21 *Portugal*—Parte para Loanda a bordo do paquete *Ambaca* onde vae depois da prisão penitenciaria cumprir o resto da pena em degredo, o dr. Urbino de Freitas, condemnado pelo crime de envenenamento commettido ha annos no Porto.

—*Estados Unidos*—A commissão dos negocios do senado de Washington desapprova a resolução de Morgan, affirmando o direito dos Estados Unidos para construir o canal de Nicaragua.—A assembléa constituinte da Havana, approva as condições com os Estados Unidos para o reconhecimento da ilha de Cuba. Entre as condições figura a cessão de tres portos para deposito de carvão, com guarnições americanas.

—*Servia*—O partido radical promove uma questão de legitimidade, oppondo-se a que se declare o filho da rainha Draga, herdeiro do throno, visto o casamento datar só de seis mezes.

—*Belgica*—Manifesta-se um violento incendio n'uma fabrica de electricidade de Bruxellas, ficando completamente destruida e communicando-se a um armazem de estofos e ao *Theatre de la Monnaie*. Os prejuizos são avaliados em dois milhões de francos.



NECROLOGIA

JANEIRO 5 Grão-Duque CARLOS ALEXANDRE DE SAXE WEIMAR.

7 LORD ARMSTRONG, 90 annos, celebre inventor e constructor de canhões.

9 Monsenhor JOSÉ MORGADÉS, 64 annos, bispo de Barcelona, chefe religioso do catalanismo.

10 General LAMBERT, 67 annos, em Paris, senador de Finisterra e um dos heroes da

guerra de 1870. E' bem conhecido o quadro de Neuville *Les derniéres cartouches*, cujas reproducções se espalharam pelo mundo e no qual se memora e heroica defesa de Lambert e de outros officiaes em Bazailles, n'uma pequena casa, tomada a custo pelos bavaros. Quando á noute, feitos prisioneiros, Lambert e dois officiaes foram apresentados ao principe

real da Prússia, commandante do corpo do exercito allemão, este disse-lhes: — *Não me soffre o animo consentir que se desarmem tão valentes officiaes. Senhores, guardae as vossas espadas*

— MARQUEZ DE LAUZANI, em Turim, geral da ordem dos Rosminiani, theologo distincto e erudito.

11 LUDOVIC DRAPEYRON, 61 annos, em Paris, distincto geographo, director da *Revue de Geographie*.

— KREUSLER, 94 annos, em Brandebourg, poeta.

12 M. ECK, 62 annos, em Berlim, jurista eminente da Allemanha, um dos auctores do novo codigo civil allemão.

13 MOREAU DE TOURS, 53 annos, em Boisle-Roi, pintor, auctor dos celebres quadros *La mort de Pichegru* e *Vive la France*.

14 MONSENHOR CREIGHTON, em Londres, bispo anglicano.

— VICTOR BALAGUER, em Madrid, poeta e ministro liberal.

16 ARNOLD BOEHLIN, em Fiesola, perto de Florença, pintor suíço.

— JULES BARBIER, em Paris, conhecido dramaturgo e auctor de numero-

rosos librettos de operas, taes como: *Fausto*, *Mignon*, *Hamlet*, *Romeu e Julieta*, etc., e auctor da peça em verso, *Jeanne d'Arc*.

17 CONDE ANTONELLI, em Roma, explorador africano e embaixador, sobrinho do cardeal ministro do Papa Pio IX.

— DUQUEZA DE MALBOROUGH, em Londres, victima de uma queda de um cavallo.

19 DUQUE DE BROGLIE, em Paris, membro da Academia franceza.

21 MANOEL PASO, em Madrid, poeta hespanhol.

22 RAINHA VICTORIA de Inglaterra e Imperatriz das Indias, 81 annos. Era filha unica de suas altezas reaes, os duque e duqueza de Kent, e nasceu a 24 de maio de 1819; subiu ao throno por morte de seu tio Guilherme IV

em 20 de junho de 1837, foi corôada rainha na Abbadia de Westminster a 28 de junho do anno seguinte, e proclamada imperatriz da India, em Delhi no 1.º de janeiro de 1877. Casára a 10 de janeiro de 1840 com o principe Albert, duque de Saxonia e principe de Saxe Coburg e Gotha, o qual foi designado principe consorte a 25 de junho de 1857 e falleceu a 14 de dezembro de 1861. D'este casamento houve nove filhos dos quaes vivem ainda seis,

sendo o primo genito a princeza Victoria Adelaide que foi a imperatriz Frederico d'Allemanha, o segundo o principe Alberto Eduardo, o principe de Galles, actual rei da Gran Bretanha. Durante o longo reinado da rainha Victoria a Inglaterra assumiu um logar proeminente e invejavel como nação.

— GRAMME, em Bois-de-Colombes, proximo de Paris, notavel electricista belga, auctor da machina do seu nome, inventor do primeiro dynamo.

23 CONDE LADISLAS HOYOS, em Vienna de Austria, antigo embaixador.

24 SANCHES, em Madrid, tenente general, chefe dos esta-

dos do rei de Hespanha.

26 BARÃO DE ROTHSCHILD, 74 annos, chefe da casa do seu nome, em Francfort.

27 GIUSSEPPE VERDI, 88 annos, em Millão, celebre compositor italiano, auctor de numerosas operas lyricas, bem conhecidas e apreciadas. Verdi foi um compositor d'uma fecundidade, extraordinaria, e o seu genio musical soube adaptar-se com a progressão da vida ás transformações que no gosto, na technica, e na comprehensão artistica a musica foi soffrendo sob o vigoroso impulso da escola wagneriana. Das melodicas composições da sua primeira maneira até as harmonias de orchestração das suas ultimas operas escriptas já em idade em que não se poderia suppôr elle tivesse ainda vivida e fresca a imaginação in-



VICTORIA, RAINHA DE INGLATERRA † 22 DE JANEIRO

ventiva, vae uma longa distancia, um bello caminho percorrido com gloria indiscutivel, que a sua patria procura n'este momento consagrar e immortalisar no marmore das estuas.

— LUCIEN VIEUXTEMPS, em Paris, compositor, irmão do celebre violinista do mesmo nome.

28 EUCENE SAUZAY, 91 annos, em Paris, professor honorario de violino do Conservatorio e compositor de varias obras musicaes, taes como *Symphonia rustica*, *Sicilien*, etc., e interprete eximio das obras primas de Haydn.

29 VISCONDE HENRI DE BERNIER, 75 annos, em Paris, poeta e dramaturgo.

— GOURKS, 73 annos, em Tver, Russia, feld-marechal, governador geral de Varsovia, superior das tropas russas na Polonia.

— MARQUÊS DE PEÑA FLORIDA, em Madrid, senador e chefe da casa da infanta D. Eulalia.

31 CONDE DE VALBOM, 77 annos, em Lisboa, notavel estadista e parlamentar distincto, ministro da fazenda desde 1862 a 1865, das obras publicas em 1869, par do reino em 1872, conselheiro d'estado em 1878 e novamente ministro das obras publicas em 1886, socio da Academia Real de Sciencias e cavalleiro da Legião de Honra.

FEVEREIRO 1 MIGUEL ANGELO, no Porto, compositor e pianista, auctor da opera *Eurico* cantada no Porto e no Rio de Janeiro, e da *Marcha do Odio*.

2 FRANÇOIS-TOMMY PERRENS, em Paris, membro da Academia de sciencias moraes e politicas, auctor de notaveis trabalhos historicos, na sua maior parte, sobre a Italia da idade média. A sua ultima obra *Libertins* estuda os costumes dos grandes senhores do seculo XVIII.

6 THOMAZ RIBEIRO, 70 annos, em Lisboa, poeta e parlamentar distincto, ministro do reino em 1881, ministro das obras publicas em 1885, mais tarde da justiça e ministro de Portugal no

Brazil em 1895. A sua obra valiosa e de larga influencia no meio litterario portuguez compõe-se de muitos volumes e brochuras, das quaes citamos, como principaes, os poemas *D. Jayme*, *A Delphina do Mal*, *O Mensageiro de Fez*, poesias *Sons que passam*, viagens *Do Tejo ao Mandovy*, *Entre Palmeiras*, *Entre primores*, theatro *Mãe do engeitado* e a *Indiana*. Thomaz Ribeiro foi tambem um jornalista distincto e um orador primoroso.

9 ELISHA GRAY, 65 annos, em Newton-Ville (Massachussetts), electricista americano, inventor do telephone e do systema de reproducção de desenhos a distancia.

10 HEREDIA, em Paris, antigo ex-ministro.

— PETTENKSFER, em Munich, professor e celebre chimico e hygienista.

12 Ex-rei MILAN da Servia, 46 annos, em Vienna d'Austria.

— D. RAMON DE CAMPOAMOR, 70 annos, em Madrid, eminente poeta hespanhol, escriptor dramatico e politico em evidencia. Os *Pequenos poemas*, as *Dolores* e *Humoradas* popularisaram-se, pela sua fina ironia e graciosa contextura, que não excluía um delicado perfume sentimental.

13 General de divisão ANTONIO CAMPOS, em Lisboa.

15 RIVADAVIA, em Buenos Ayres, ministro da marinha da Republica Argentina.

17 VISCONDE DE MONSERRATE, sir Francis Cook, 84 annos, em Londres, muito conhecido em Portugal pelas suas obras benemeritas e proprietario da quinta de Monserrate em Cintra.

19 CARLOS CASAGENIOS, em Paris, pintor, victima do suicidio.

20 ARMAND SILVESTRE 44 annos, em Paris, escriptor e dramaturgo conhecido universalmente. Para o theatro escreveu a *Sapho*, drama em 4 actos em verso, *Coquelicot* e *Galant aventure* operas comicas, *Henry VIII* e *Jocelyn* operas lyricas.

• • •

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de Janeiro e Fevereiro

JANEIRO 2 ESTRADA NOVA, peça em 3 actos, original do sr. Anthero de Figueiredo (Theatro D. Amelia).

— A TOGA VERMELHA, peça em 4 actos, de A. Brioux, traducção de sr. Maximiliano d'Azevedo (Theatro do Principe Real).

5 O TABELLIÃO DO POTE DAS ALMAS, comedia original dos srs. Carlos Simões e André Brun. (Theatro da Rua dos Condes).

16 A ROSA ENGEITADA, drama original do sr. D. João da Camara (Theatro do Principe Real).

19 LUCTA INTIMA, drama original do sr. Augusto Motta. (Theatro de D. Maria).

25 A SEVÊRA, drama original, em 4 actos, do sr. Julio Dantas. (Theatro D. Amelia).

29 TALVEZ TE ESCREVA, revista de 1900, original do sr. S. Bastos. (Theatro da Avenida).

30 NICLES..., revista de 1900, original do sr. Eduardo Schwalbach. (Theatro da Rua dos Condes).

FEVEREIRO 1 CORALY & C.^a, comedia em 3 actos de Valabregue e Hannequin, traducção do sr. Eduardo Garrido (Theatro D. Amelia).

15 O PRINCIPE, comedia em 3 actos de Meilhac e Halevy, traducção do sr. Libanio da Silva. (Theatro do Gymnasio).

16 O CAMINHEIRO, peça em 5 actos em verso de Jean Richepin, traducção livre em verso do sr. Julio Dantas. (Theatro de D. Maria).

— O HOMEM DAS MANGAS, opereta em 3 actos de Oscar Blumenthal e Gustavo Kadelburg, traducção dos srs. Mello Barreto e Freitas Branco. (Theatro da Trindade).





ELLE — Não tenho ido a casa das Mellos, nem lá volto, depois do mal que ellas disseram de mim...

ELLA — Ora, não faça caso. São umas pobres senhoras. Repetem tudo que ouvem...

PROBLEMAS

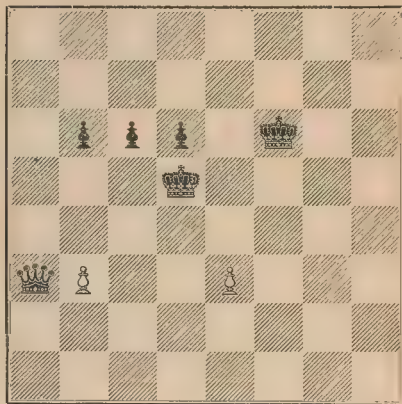
Uma mamã pretende distribuir 144 nozes pelos seus sete filhos, e encarrega um dos rapazes de fazer a distribuição. O rapaz dá metade das nozes aos irmãos, e metade às irmãs. D'esta maneira, cada menina recebe 6 nozes a mais do que cada rapaz. Quantas meninas eram e, portanto, quantos rapazes?

—*—

N'um terreno de fôrma rectangular, cujo comprimento está para a largura, como 9 está para 4, quer um cultivador plantar arvores. Se as fileiras de arvores plantadas fossem espaçadas de 5 metros sobre a largura do terreno e espaçadas de 6 metros sobre o comprimento, seriam necessarias menos 5 arvores do que se fossem plantadas em fileiras distantes de 6 metros sobre a largura e de 5 metros sobre o comprimento. Deseja saber-se as dimensões do rectangulo de terreno e a sua superficie.

PROBLEMA DE XADREZ

NEGROS (4 peças)



BRANCOS (4 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em dois lances

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

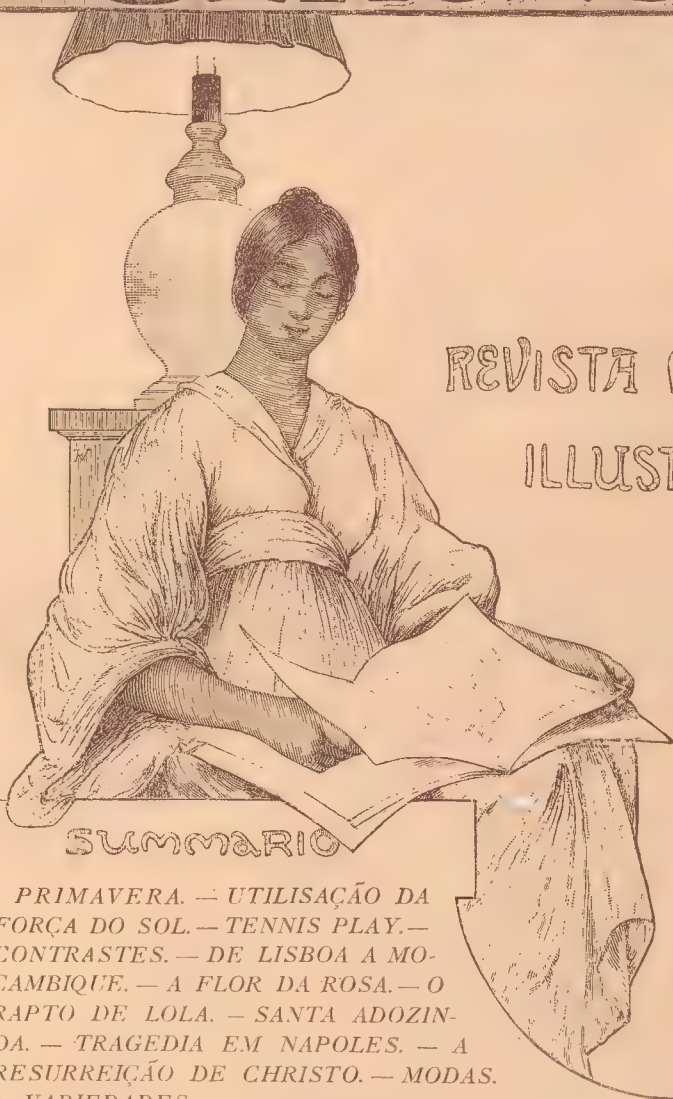
Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	3 numeros	600
	6 numeros	1\$200
	12 numeros	2\$200



SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

PRIMAVERA. — UTILISAÇÃO DA
FORÇA DO SOL. — TENNIS PLAY. —
CONTRASTES. — DE LISBOA A MO-
ÇAMBIQUE. — A FLOR DA ROSA. — O
RAPTO DE LOLA. — SANTA ADOZIN-
DA. — TRAGEDIA EM NAPOLES. — A
RESURREIÇÃO DE CHRISTO. — MODAS.
— VARIEDADES.

VOL. 1

ABRIL — 1901

NUM. 2

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag.
PRIMAVERA. — <i>Com 7 gravuras, copia de quadros e illustrações</i>	65
UTILISAÇÃO DA FORÇA DO SOL. — <i>Com 2 gravuras</i>	71
TENNIS PLAY. — <i>Por TEIXEIRA DE QUEIROZ. — Com 5 gravuras, sendo 4 desenhos de A. Benarus</i>	73
CONTRASTES. — <i>Com 3 gravuras, desenhos de Pinto Leal.</i>	79
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por ANTONIO ENNES. — Capitulo II — ADEN, O GUARDAFUI, O MAR DAS INDIAS, ZANZIBAR, — Com 9 gravuras, reproduções de photographias, e assignatura autographa</i>	81
A FLOR DA ROSA. — <i>Por TH. LINO D'ASSUMPÇÃO. — Com 5 gravuras, copias de photographias e assignatura autographa</i>	98
O RAPTO DE LOLA. — <i>Conto phantastico. — Com 5 gravuras de illustração</i>	103
SANTA ADOZINDA. — <i>Novella rustica por ABEL BOTELHO. — Capitulo II — Á BRAZEIRA — Com 3 gravuras, desenhos de A. Benarus.</i>	109
TRAGEDIA EM NAPOLES. — <i>Mysterio da Historia. — Com 6 gravuras de illustração</i>	116
A RESURREIÇÃO DE CHRISTO. — <i>Preludio para piano do Oratorio de Don Lorenzo Perosi. — Com 1 illustração de Pinto Leal</i>	124
MODAS. — <i>Com 4 illustrações</i>	127
VARIEDADES. — <i>A RAINHA ALEXANDRA, MEMENTO ENCÝCLOPEDICO, NAVEGAÇÃO AEREA, PHOTOGRAPHIA PRATICA, PROBLEMAS. — Com 7 gravuras</i>	IX

57 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12. numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de	3 numeros	600
	6 numeros	1\$200
	12 numeros	2\$200

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente* ou por intermedio dos correspondentes da empreza.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

LIVRARIA FERIN

FUNDADA EM 1840

Premiada em diversas exposições, inclusivé na Universal de 1900 com MEDALHA D'OURO

Fornecedora da Casa Real

Repartições do Estado, Escolas, Direcções das O. Publicas, etc.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

ANTONIO VIANNA

Apontamentos para a Historia diplomatica Contemporanea—A revolução de 1820 e o Congresso de Verona, 1 vol. 700

FERNANDO MAYA

A tactica das tres armas, 1 vol. 1\$000
Da Cavallaria, sua missão estrategica e tactica, 1 vol. 1\$500

NO PRÉLO

ANTONIO VIANNA—**TOBIAS**, versão do canto biblico, em verso decasyllabo, com illustrações de COLUMBANO

Henryk Sienkiewicz—*Quo Vadis*

» » *Par le fer et par le feu*
» » *Basteck le victorieux*
» » *En vain*
» » *Sans dogme*
» » *Hania*
» » *Suivons-le*
» » *Chevaliers de la Croix*

Gauthier—*Année Scientifique.*

Hospitalier—*Formulaire electricien.*

Hurst—*Notre marine de guerre.*

V. Hugo—*Lettre à la fiancée.*

Zola—*La vérité en marche.*

Coppée—*Dans la prière et dans la lutte.*

Edmond Demolins—*Comment la route crée le type social.*

ASSIGNATURA DE TODOS OS JORNAES EXTRANGEIROS

Officinas de Typographia e Encadernação

Onde se executam todos os trabalhos, desde o mais simples, até ao mais luxuoso e artistico

Exposição permanente de instrumentos de precisão, das principaes casas

L. P. CASELLA (LONDRES), OTTO FENNEL (CASEL), SECRETAN (PARIS)

PAPEIS E MAIS ARTIGOS DE DESENHO

Unico agente em Lisboa do

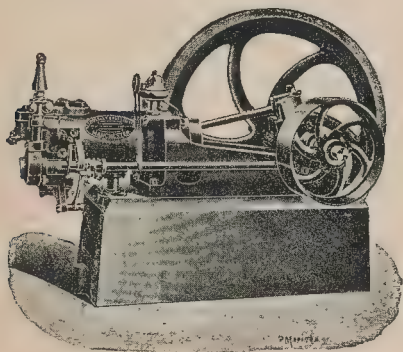
«**AUTOCOPISTE NEGRO**», o melhor até hoje conhecido para copias

70—Rua Nova do Almada, 74—LISBOA

Carlos Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES



MOTORES A GAZ

CROSLEY

MACHINAS A VAPOR

MATERIAES

PARA

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

Tintas de imprensa de CH. LORILLEUX & C.^{ie}

PITTA, CAMISEIRO

ENXOVAES COMPLETOS

Artigos de novidade
para homem

195, RUA AUGUSTA, 197
LISBOA

PINHEIRO & SOBRINHO

ALFAYATERIA

Rua de S. Julião, 83 a 87

GRANDE SORTIDO

DE

FAZENDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

CONFECÇÕES PARA HOMENS E CRIANÇAS

Encarregam-se de todos os trabalhos do seu genero
garantindo a sua perfeição

Rua de S. Julião, 83 a 87
LISBOA

A PHENIX

RUA DO PRINCIPE

Edificio do Avenida Palace

LISBOA

TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Variado sortimento de objectos para brindes

PERFUMARIAS

ARTIGOS PARA FUMADORES

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

Obras litterarias e romanticas

SASSETTI & C.^A

EDITORES DE MUSICA

LISBOA — 56, Rua do Carmo, 56 — LISBOA

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1 DE JANEIRO DE 1848

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DOS EDITORES

G. RICORDI & C.^{IE} DE MILÃO

HEUGEL & C.^{IE} DE PARIS

E

SCHIEDMAYER & SOHNE, DE STUTTGART — FABRICA DE PIANOS FUNDADA EM 1781

GRANDE SORTIMENTO DE PIANOS

DOS

PRINCIPAES FABRICANTES FRANCEZES E ALLEMÃES

Orgãos francezes e americanos

ALUGAM-SE, AFINAM-SE E CONCERTAM-SE PIANOS

Enorme sortimento de musica nacional e estrangeira das principaes casas editoras da Alemanha, Belgica, França, Hespanha, Inglaterra, Italia, Russia, etc., etc.

Metronomos, chaves de afinar, almirés, isoladores para pianos, rolos para musica e muitos outros artigos proprios d'este ramo de commercio

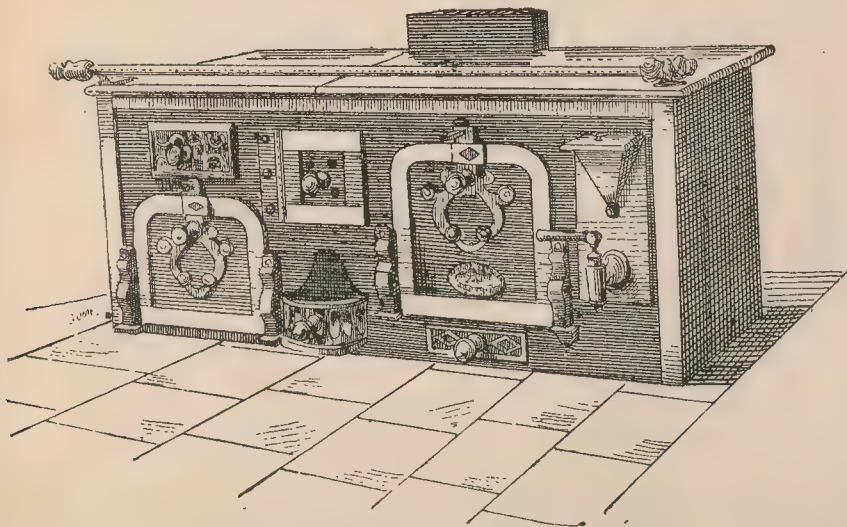
Encarregam-se de mandar copiar ou transportar qualquer musica

VENDAS A PRESTAÇÕES

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE **MANUEL PATRONE**

Executam-se todos os trabalhos de serralheria civil e mechanica, montagem de aparelhos para gaz acetylene e outros e de electricidade

ESPECIALIDADE EM FOGÕES CIRCULARES E FOGAREIROS ECONOMICOS



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

CEPAS AMERICANAS



Enxertos

Barbados

Estacas

SELECÇÕES PERFEITAS

MALLEU, BARNEDA & LLONCH

Figueras (Gerona) — HESPAÑA

Representação para Portugal: — COMPANHIA CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL — LISBOA

21 A 31, RUA DO ARCO DO BANDEIRA

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1874

ESPECIALIDADE

EM

TECIDOS ESTRANGEIROS



Semp e ultimos modelos

VESTIDOS, CONFECCOES E CHAPEUS

Rua do Ouro, 285 a 293

LISBOA



L'AMIDYLLIO DE P. (MONTAGNE) - Q. (MONTAGNE) - MONTAGNE (MONTAGNE)



A PRIMAVERA

Em todos os tempos, o espirito sonhador e contemplativo dos artistas procurou transportar para a tela, immobilizar na escultura ou revelar no verso, em polyphonias de côr, em cadencias rythmicas ou em allegorias de composição complexa, a visão íntima do aspecto que a natureza descobre e prodigalisa no periodo de renascimento intenso, á entrada da primavera.

Ao sabor das tendencias individuaes, ou das suggestões deterministas de cada epoca, consoante a educação intellectual ou a propria emoção affectiva, forão realisando n'este capitulo de arte a expressão sensível do Bello sob duas modalidades principaes, a allegoria ou a paisagem, tentando traduzir em ambas o encanto perturbador, a graciosidade delicada d'uma promettida exuberancia que define a primavera, mocidade irradiante da terra, expansão da força creadora.

Renovando a memoria dos mythos primitivos, na singeleza da sua significação ou na ingenuidade da primeira crença, plena de receios, conservando o respeito das tradições, os artistas, para as representações da primavera, crystalizaram n'aquellas duas formulas; de sorte que as composições semelham-se sempre, reproduzem-se apenas com pequenas variantes, em todas as epocas, n'uma larga concepção pantheista, corporisando na gentileza d'uma mulher nova, ou d'uma criança, o ideal primaveril, symbolizandonas flores e nas roupagens leves, n'uma atmospherá limpida e en-

tre verduras suggestivas a transparencia indefinível das manhãs d'abril, ainda esfriadas pelos degelos, trazidos em pequeninas gotas que o effluvio tepido da terra faz cahir nas mil aguas do proverbio.

A mythologia, grega e romana, impregnou de tal sorte a arte que atravez dos seculos, apenas com as variantes de caracteres, a representação symbolica da primavera tem constantemente oscillado entre a copia d'uma scena naturalista, paisagem ou vida banal, e uma allegoria que recorde a Flora ou a Cora, as antigas deusas.

E' conhecido o mytho grego, a historia infeliz da filha de Demeter, deusa da Terra. Um dia, a formosa Cora colhia despreocupada flores nas planicies de Nysa, tecia grinaldas de rosas e lyrios, quando Hermes no seu carro d'ouro e de ferro, o poderoso deus dos infernos, veio raptal-a; depois a mãe percorreu a terra em dolorosa busca da filha desaparecida, até que a sua inconsolavel tristeza apiedou o Jupiter dominador e absoluto, o qual obrigou Hermes a trazer de novo á terra a formosa Cora.

Esta, porem, imprudente, incorreu no desagrado de Jupiter que a condemnou a voltar para o esposo infernal; e d'esta alternada presença de Cora, na terra ou no averno, resultava a successão das estações. A volta de Cora á terra, trazida por Hermes das profundezas mysteriosas, onde refervia a lava dos volcões, á luz vivificante do sol symbolisou a prima-



PRIMAVERA — QUADRO DE A. MENGIN
vera, renascimento dos campos fecundos. Nos baixos relevos dos templos, no cunho das moedas, na decoração das amphoras e dos vasos trabalhados apparecem representadas as diversas scenas d'aquelle drama divino.

Os artistas gregos não esqueceram tambem as scenas de vida familiar ou campestre, trabalhos de lavoura, apropriados a symbolisar e enaltecer a belleza da estação das flores, do reverdecer das campinas inundadas, da ascensão da seiva nas arvores despidas de folhas, annunciada pela volta das andorinhas em busca do ambiente tepido e acariciador. E desde estas épocas longinquoas, a pintura e a esculptura tem repetido a mesma interpretação artistica, apesar da mudança de crenças religiosas e da transformação dos costumes. Apenas predominam as allegorias ou as scenas campestres, consoante a civilização de determinado periodo renova as tradições do paganismo nas idéas e nos costumes, como na Renascença, ou aproxima da natureza n'uma admiração simples, ingenua ou artificiosa, a concepção elevada da arte, desde os parques amaneirados do seculo XVIII, povoados pelos Lancret e pelos Watteau de marquezinhas pastoras em festas de galante-

ria profundamente sensual, até as paisagens do seculo XIX, observados amorosamente, coloridas com a aspiração da verdade pelo pincel dos Millet e dos Corot.

Comtudo, em todos estes periodos, sempre rediviva, sempre renovada, a allegoria mythologica, a vaga Flora dos romanos, inspira a pintura decorativa; e sempre uma nova Cora entretece grinaldas, compõe e matiza ramalhetes nas vecejantes compinas de Nysa, em attitudes varias, ora repousada e serena na consciencia da propria formosura ainda plena de promessas, ora bulhosa e doudojeante, como as borboletas irisadas que voejam em torno das flores perfumadas, percorre as campinas rapida, ao de leve, tocando apenas a terra a symbolisar a fugitiva duração da mocidade, louçania donairoso de momento crestada em breve pelas ardenscias do sol de agosto. São assim as duas gravuras de Flora que acompanham este artigo, uma d'arte franceza, outra de arte allemã.

Ainda mesmo na reproducção de



PRIMAVERA — QUADRO DE F. A. v. KAULBACH

episódios da vida se encontra o symbolismo antigo, a allegoria constante. Para exemplo, ahí está a graciosa aguarella de Adan. Aquella juventude toda mundana deu-se o prazer excepcional de tomar n'uma bella manhã primaveril um banho de orvalho. Vestiu o seu *peignoir* branco, calçou os pequeninos tamancos de jardim, sobraçou um açafate, desceu ao parque, e toda alegre na sua liberdade aspira infantilmente o perfume das flores, confunde a brancura da sua pelle com a brancura dos lyrios immaculados, compara n'uma intima vaidade justificada a radiosa exuberancia das rosas á propria florescencia gentil e amimada nos confortos da sua vida de sociedade elegante. Todavia, n'esta pagina de pintura, descobre-se a allusão aos folguedos de Cora nos campos da Grecia antiga, limite obrigado da phantasia humana na concepção artistica da symbolisação da primavera.

Outras vezes, a inspiração dos pintores modifica a visão da primavera

personificada na juventude feminina para a substituir pela gracil innocencia de amorsinhos que, como no quadro de Léon Perrault que acompanha este artigo, se abandonam em ternuras de abraços sobre um tapete de flores perfumadas, delicado symbolismo da caricia fecundante do sol sobre a terra. A mesma idéa guia o cinzel dos esculptores, tanto nos baixos relevos de Bouchardon e de Clodion, como nos frisos decorativos dos salões e dos palacios do seculo XVIII onde se encontram os mesmos folguedos de amorsinhos nus, sorridentes, coroados de flores, envoltos em grinaldas.

Seguindo a tradição classica, obrigados a produzir decorações tambem classicas apropriadas á architectura definida e fechada no estylo, soffrendo naturalmente a suggestão do

meio, a influencia dos costumes n'aquelle gosto pastoril, affectado e postiço que justificava as festas de galanteria, a indolencia sonhadora, o madrigal florido, os artistas do seculo de Luiz XIV reproduziram com menos forma pagã e mais elegante mundanismo os triumphos de Flora que lhes legára o seculo anterior, composições cheias de harmonia e de nudezas, nas quaes se renovára o culto da

fôrma pura e correcta, da attitude magestosa, olympica da velha arte.

Depois, no principio do seculo XIX, apesar da influencia naturalista que tinha voltado para a representação das scenas bucolicas a concepção artistica das visões primaveris, reaparece ainda o triumpho de Flora, a espalhar flôres pelos espaços, cercada dos amorsinhos gentis.

Com o movimento positivista do seculo que findou, a concepção artistica modificou-se: apparecem menos Floras, e predominam as paisagens de todas as regiões, traduzindo os aspectos e os encantos da estação. Para com-

pletar exemplos, ainda nos referimos á arte ingleza, da qual damos em gravura de pagina *Um idyllio de primavera*, encantadora paisagem delicadamente modelada, no tom e na côr. Alli fundem-se as duas tendencias que temos registado; o amor pela verdade naturalista, copiando os aspectos da terra e a memoria da tradição pagã. Uma nymphas nas margens d'um lago, entre narcisos, um grupo de cysnes, as flôres abundantes da amendoeira, combinam-se em disposição decorativa, e completam a harmonia de luz branda e de côr suave com que o pintor quiz fazer suggerir a belleza da primavera.

Mais recentemente, o realismo que transformando o romance, no mesmo impulso de reforma exaggerou a fidelidade da discripção até a copia photographica, reproduzindo a



LYRIOS E ROSAS — AGUARELLA DE EMILE ADAN



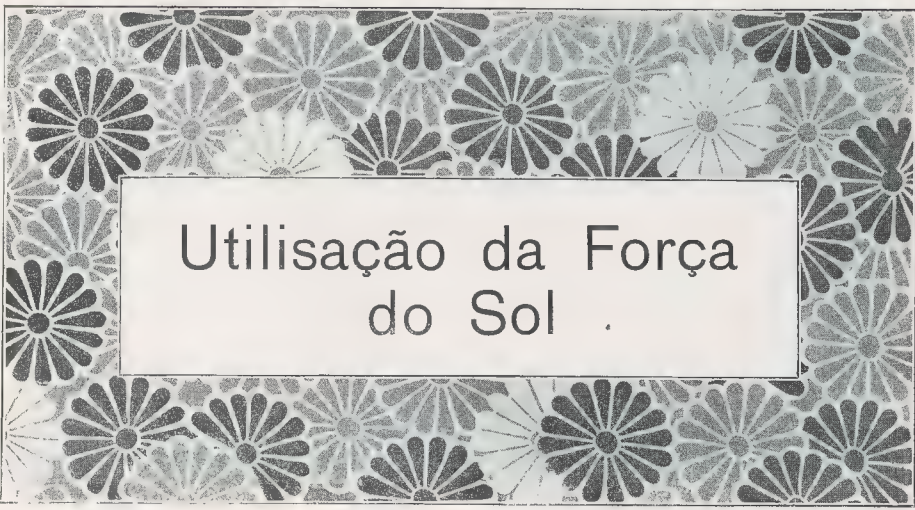
A PRIMAVERA — QUADRO DE LÉON PERRAULT

banalidade superflua, a vulgaridade grosseira e escusada, também exerceu influencia efectiva e penetrante nas composições da arte decorativa; e não raro, o pincel realista, para fixar na tēla os aspectos da natureza no periodo synchronico de renovação, tem escolhido episodios minimos da vida, incaracteristicos umas vezes, graciosos outras, e banaes sempre. De sorte que apenas o titulo do catalogo define o motivo da pintura: — uma mulher aspirando o perfume d'um ramo de violetas; um soldado em passeio de companhia com a sua amada que sobre a relva compõe um *bouquet* de flôres campesinas, singelas, silvestres; uma dama elegante que junto

d'uma fonte ou d'um lago de jardim se remira pensativa no espelho da agua, são outros tantos assumptos que permitem ao pintor escrever por baixo da sua tēla o titulo de *Primavera* e justificar o seu symbolismo.

Assim, os pintores, os esculptores, como os poetas, de todos os tempos, teem vindo celebrando a graça perturbadora da estação das flôres, a frescura das campinas renovadas, onde a força creadora e fecunda se expande em vibrações subteis, em metamorphoses mysteriosas, e d'onde se evola com o perfume das corollas a alegria da vida, como se desprende dos labios vermelhos da mulher, em sorriso indefinido, a promessa d'amor...





Utilisação da Força do Sol

O PROBLEMA do aproveitamento da gigantesca força do sol, prodigamente derramada sobre a terra em ondas de calor vivificante, tem passado por mãos dos maiores genios inventivos e dos sabios mais profundos de todos os tempos, desde a antiguidade, desde o grego Archimedes até o americano Eriesson ou o francez Monchout, sem que tivessem conseguido dar-lhe solução adequada e pratica. Todavia, se a transformação do calor, armazenado no carvão fossil, em movimento das machinas tanto trabalho e dispendio custa, é de véras tentador utilizar uma parte, minima que fosse, das innumeras calorías que o sol offerece gratuitamente á actividade humana.

Uma nova tentativa acaba de ser feita pelo dr. Calver, de Washington, inventando um apparelho a que deu o nome de *panhelio-motor*, com o qual se realisou o maior fóco calorífico até agora conseguido. Os 6.000 graus registados pelo arco voltaico, electrico, subiram a 24.000 no apparelho do dr. Calver. A invenção d'este consiste principalmente n'um arranjo de espelhos que reflectem os raios do sol sobre um ponto central ou fóco como mostra a gravura que adiante publicamos. O calor obtido funde o ferro da melhor qualidade incomburente, como se derrete pela chamma um phosphoro de cêra. A prata cunhada ou grossos blocos de vidro liquifazem-se facil e rapidamente com o calor dos raios concentrados; com o apparelho de Calver póde perfurar-se uma duzia de buracos, em segundos, n'uma prancha de madeira bem humedecida.

«Não ha uma unica industria, diz o dr.

Calver, na qual tivesse sido avaluado um tão elevado grau de calor, nenhuma em que o *panhelio-motor* não podesse ser applicado com proveito. Tome-se para exemplo a industria de fazer tijollos. O meu apparelho diminue tanto o preço de fabrício, que a construcção de uma casa em tijollo tornar-se-ha mais barata do que qualquer outra em madeira. A operação da cosedura gasta um vige-simo do tempo, e uma centesima parte do custo dos melhores methods empregados nos mais perfeitos fornos de coser.» A nova força calorifica póde ser applicada a numerosos fins. Em trabalhos de fusão as suas vantagens serão enormes, como o dr. Calver vae proximamente provar por pequenas experiencias no seu laboratorio. O novo motor convida favoravelmente a abolir o carvão como um combustivel. Mesmo nos logares em que o carvão e a lenha são abundantes o *panhelio-motor* será considerado infinitamente mais barato, porque facilita a mais natural e abundante combustão no universo — o calor do sol.

Com este novo motor, torna-se desnecessario desnudar as florestas, ou cavar as entranhas da terra. Ha quem seguro prophetise que, em lugar de carvoarias e telheiros, todas as casas terão o seu sol-motor, porque o custo é practicamente reduzido.

No laboratorio do inventor — «ou campo da força do sol,» — como elle prefere chamar-lhe, ha ao todo 1.600 espelhos, postos em molduras de diferentes tamanhos, a maior contendo 810 espelhos e a mais pequena 28. Cada espelho pode pela actual medida thermometrica reflectir de 10 a 15 graus de calor,

conforme a situação do sol, o angulo do espelho e a ardencia do dia. Com todos os espelhos em serviço, concentram-se os famosos 24.000 grãos de calor.

Vulgarmente, o dr. Calver utiliza apenas um ou dois dos espelhos quadrangulares simultaneamente — a não ser que tente derreter uma montanha. Os raios do sol são centralizados por um pedaço de metal muito burrido, da forma do interior luzidio de uma bacia de lavar; sómente um pouco maior. Um toro de madeira, de tres pés de comprido e uma polegada de espessura, previamente embebido d'agua, mettido no foco dos raios reflectidos, secca em meio segundo e n'outro meio fica repentinamente em chamma. Cada espelho quadrangular constitue por si só um *helio-motor*.

O calor, como a electricidade, pôde ser accumulado para uso ulterior. O reservatorio do calor tem a apparencia d'um tanque redondo de metal, como se fosse um gazometro, cheio de uma combinação de mineraes, e fechado com apertadas portas corrediças. O calor é absorvido pelos mineraes e pôde ser extrahido mais tarde quando se queira, com tanta facilidade como se extrahе cerverja d'um casco.

A parte constitutiva do reservatorio do calor é segredo que o dr. Calver guarda tão avidamente que nem sequer ainda tirou a patente.

«Pôde-se passar um dia interessante com o dr. Calver no seu laboratorio, no fim da rua de North Capitol, em Washington, escreve um escriptor americano. As officinas occupam a frente de um campo, fechado por um tapume ou cortina de madeira. Ao fim do campo está o reservatorio de calor montado n'uma plataforma, elevada cinco pés do chão; e rodeando o reservatorio, em perfeito circulo, de diametro de 80 pés, ha duas guias ou rails de madeira, sobre os quaes se move o grande espelho quadrangular para ser facilmente mudado para lugar proprio a receber os raios solares.»

Quando se precisa d'uma certa quantidade

de calor para armazenar no reservatorio, ou para uso immediato, descobre-se o espelho quadrangular posto em posição sobre as calhas. Os espelhos collocam-se todos em fóco por uma disposição engenhosa, e quando o sol se move o caixilho é tambem movido, conservando-se o espelho na mesma direcção.

Ao contrario de outros inventores, o dr. Calver tem uma vasta pratica e experiencia de engenharia, tendo inspecionado algumas das mais ricas minas dos Estados occidentaes da America, e tendo dirigido muitas obras de irrigação nas planicies aridas do *Southneast*. Esta experiencia, a par de longos estudos, suggeriu-lhe a idea do seu *panhelio-motor* e facilitou-lhe aperfeiçoal-o na admiravel forma actual. A primeira experiencia para utilizar o *panhelio-motor* com fins praticos está agora sendo feita em Tuescon, Arizona. Ali, extensas regiões do paiz estão desvalori-

asadas, porque a agua é tão escassa que o chão não produz vegetação. Ha comtudo extensas toalhas de agua abaixo da superficie do chão arido. Faltava descobrir-se o meio para elevar esta agua, e irrigar com ella o chão secco para que se produzissem fartas colheitas.

Havia sem duvida o recurso de empregar bombas

a vapor, mas o carvão era tão escasso n'esta localidade, que difficilmente a despeza poderia ser compensada.

A nova companhia do dr. Calver tem á sua disposição a luz do sol, o que mais abunda n'aquella região. Com effeito é pela superabundancia do calor solar que o solo é tão arido, e quando a montagem do *Panhelio-motor* estiver completa em Tuescon, o dr. Calver julga que a sua companhia ha de facilmente servir uma grande secção do paiz e fornecer-lhe abundantemente agua, com insignificante despeza.

Cada estação do motor calcula-se não custar mais de 300 libras, e as despezas do trabalho limitar-se-hão ao pagamento de salarios.





DA claro e meigo de primavera, atmosfera límpida de cristal, a brisa afagando com beijos as folhas nascentes das árvores e a superfície de esmeralda das águas. O Tejo manso a espreguiçar-se entre as suas margens e suspirando para a larga foz. Os grandes vapores a rasgarem-lhe a lisa superfície, tão mansamente, que pareciam pintados em ampla tela. Temperatura creadora, própria a excitar docemente nos nervos desejos infinitos, de começo incompreensíveis no seu aspirar, insaciáveis no seu querer e que deixam, no cérebro que os sentiu, o vago que prolonga a existência do corpo, no tempo e no espaço, como se o corpo fôra a própria alma pura da lenda a vaguear nos solitários parâmetros. Sobre as cabeças sonhadoras, adedajam as loiras abelhas da volúpia; deante dos olhos que se perdem no ar vasio, a linha d'uma collina, o misero galho d'uma árvore secca, a trajetória d'uma ave... qualquer coisa que pouco valha, toma formas graciosas e suaves como pomas tumidas. E o passaro azul da imaginação envenenada, que entristece a face puríssima da condessa de Rosal, recostada n'uma cadeira de verga, sob o docel enervante d'uma acácia de flôr branca e odorífera. O que lhe iria na alma? relâmpagos e chispas de ciúme, talvez lembranças carinhosas d'amor, de posse, de felicidade, ao vêr Fernando empenhado no famoso *match*. Com a *racket* bem firme, olhar previdente e certo, os seus adversários, Mr. Wolton, secretario da legação ingleza, e Miss Cross, filha do ministro, não tinham podido cançal-o e menos vencel-o. Na lucta era admiravelmente secundado pela encantadora Kate, sua prima, uma graciosa corsa, que viam successivamente em todos os pontos da sua esphera, na *court*. Franzina, agíl, viva, respondia com varonia e destreza, aos ataques com que a forte e re-

pousada ingleza procurava dominal-a pela fadiga. Fernando de Castro tinha no corpo a flexibilidade do *cautchu*, e a rijeza do cavallo. As respostas dos seus nervos aos ataques, eram promptas e scintillantes como faíscas electricas. Sapato raso de lona branca; meia de lã, listrada d'amarello; arregaçada a calça de flanela; camisola côr de pombo. Em toda a superioridade e evidencia, a musculatura do seu peito, a elegancia do seu tronco de grego, o braço nu coberto d'uma ligeira pennugem... Era o typo acabado do sportista feito d'aço, flexivel como o junco, duro como o ferro, os membros verdadeiras folhas de espada temperada em Toledo. A physionomia, no empenho do combate, era de vigor e animação, força e imperio. Sombrea-se-lhe, com o esforço, o olho azul, no mais aceso da refrega. A partida ia adeantada. Varias vezes se ouvira o *game*. O *referee*, o elegante conde de Refojos, com a calma e o sorriso do seu aspecto de sceptico, ia notando rectamente a successão dos jogos e os direitos de cada um. Como *servei* ou *striker-out*, dando ou recebendo serviço, ainda lhe não tinham contado uma só *fault*. Arrepiavam-se-lhe os cabellos loiros, os seus saltos eram mais graciosos e leves do que os do toiro, quando transpõe uma distancia em folguedo. Ao tomar posição, depois de reenviada uma bola, ficava natural, vigilante, sem ostentação. E animava sua prima com palavras breves: «*Eh! Kate! In-play!*» Assim a tinha sempre ao corrente do jogo, prendendo-lhe a atenção para que não deixasse desvairar os seus nervos de creança, seguindo no entusiasmo e calor de peninsular, que podia ser vencida pelo arremessar seguro, methodico e implacavel de Miss Cross, que n'um tom expedito lhe annunciava serviço: «*Ball!... Ball!... Ball!...*» Catharina, muito nervosa, mas attenta, não desacompanhava

o seu parceiro. Graciosa como a gazella n'uma esplanada, apparecia no ponto em que era necessario estar, para na sua *racket* receber a bola, ou envial-a. A perna fina, o artelho nervoso e saliente, meia preta e sapato de camurça raso, saiote curto e listrado de amarello (as cores de seu primo) um leve casaco de flanelã cinzenta cobrindo-lhe o seio pubere. Voava certaíra como o falcão, mostrava-se animada e talvez enraivecida,



pelo empenho de victoria que reconhecia em Miss Cross. cujos olhos claros tinham lampejos d'aço frio, ao pronunciar, quando era *server*, o seu repetido e implacavel *Ball... Ball... Ball...* O exemplo de Fernando, que superava com a destreza o impeto britânico de Wolton, sob os applausos dos circums-tantes, incitava-a, levantando-lhe o animo. Parecia ter azas nos pés, mostrava vista segura, attitudo composta, reflexiva no meio da lucta, para não receber uma só pêla *volleyed*. O seu corpo virgem e ligeiro de ave, tinha a fluidez de uma brisa, era como a vespa enfurecida a morder em todos os pontos, onde suppozesse o inimigo. «*Eh! Kate! Strike out!*» E por uma série de bolas que recebera habilmente na raqueta e por outra série, sendo *server*, com que desnorteara Miss Cross, que cahira em faltas successivas, Catharina ardente, cheia de bravura, voando nos seus pés finos e aristocraticos, levava de victoria a contendora. Conjunctamente, Fernando não dera quartel ao astuto Wolton. Elle e a sua companheira chegaram por vezes a *deuce* e a *advantage* em mais de um jogo. A partida era demorada e seguia com encarniçamento. Foram primeiro *games-all* e depois *advantage-game*; mas por fim, já ao nono jogo, estando ambos n'esta posição, Fernando e sua prima redobram de coragem e energia na lucta, e pouco depois poudese ouvir, n'uma voz calma, mas retumbante, como a pronunciara o *referee* conde de Refojos, a palavra de victoria *set*. Tinham ganho,

A encantadora Kate foi applaudida com um estrondear de palmas, em que entrava a propria Miss Cross. «*Eh! Kate!... Bravo!... Hurrah!...*»—ouvia-se de todos os lados, n'um levantamento de braços e n'uma copiosa appareição de semblantes clamorosos. A primeira que a teve entre os braços foi Annica de Sousa. Com o seu genio alegre e turbulento, comia-a com beijos, a ponto de a suffocar. A encantadora Rosal, olhos enternecidos e humidos, conservou-a sobre o coração, n'um agradecimento demorado, como se Kate fôra uma sua filha, que acabasse de obter o premio de formosura, n'um concurso de todas as bellezas do mundo. Que pensamentos não iriam n'este abraço carinhoso! Desejaria, talvez, toda aquella mocidade, fresca, innocencia para galardoar o vencedor Fernando de Castro e dar-lhe assim a prova suprema da sua paixão, que era uma loucura, um amor criminoso e barbaro, que nem á imagem da filha, a adorada Jeanne, com os seus cabellos de anjo raphaelico, conseguiu enfraquecer? Quando a vista da condessa ia a cahir ambiciosa sobre o campeão applaudido, viu que elle arremessára n'um gesto febril, a sua *racket* e corra para o lado onde acabava de parar uma carruagem! Era a Paraíso, que chegava no seu *landeau*, puchado por uma soberba parelha de cavallos inglezes, ao lado de seu marido, que acariciava reflexivo a farta suíssa negra. O fogoso olhar hespanhol da sua rival e o empenho submisso com que Fernando a ajudara a descer da carruagem, fizera augmentar a subita pallidez da pobre Rosal, que se sentiu para sempre vencida. Se não estivera a seu lado Annica de Sousa, para lhe dar animo, poderia ter fallecido...

— Não vês aquillo? Como sou infeliz!...

Mas a sobrinha da marquezia com o fim de desligar a Paraíso do seu proposto amante, foi direita aos dois para dizer a Fernando:

— Que boa occasião de tu e Catharina fazerem uma *quête*, para a obra da tia Ermello!... Ella ficaria bem contente.

— Não me masses agora Annica! Vês que estou cansado!...

Porém a condessa, aproveitou a circumstancia para mostrar o imperio que tinha sobre aquella vontade, que resistia. N'uma voz carinhosa pediu a Fernando:

— Faça o que lhe pede sua prima. Ambas nós temos n'isso o mesmo empenho. E' para a nossa *Esmola*...

» » »

Kate pendurada com liberdade no braço de seu primo, no elegante e livre vestuario de

player, começou com elle o peditorio. Apresentava a boina listrada, que tirara de sobre os cabellos escuros com reflexos de lago; Fernando o seu bonet de côres eguaes: Ambos iam por entre os grupos, que os recebiam com palmas. Ninguém deixava de sentir o encanto do riso filial de Kate, ao vel-a entender a mão para receber os donativos. Tinha a claridade diamantina da innocencia e da pureza, era um beijo de luz n'uma gota transparente d'orvalho matinal. Com o medrar do peculio, que, na sua idéa simples, iria minorar infortunios de miseros desprotegidos da ventura, crescia-lhe a bondade e entusiasmo do coração, que transluzia no sincero olhar. De entre os homens, até os velhos, só pelo prazer de conservarem mais algum tempo na retina aquella imagem celeste, se demoravam a abrir a carteira, enquanto diziam palavras, que só tinham por fim ouvir outras de resposta. O *vert galant* conde de Refojos, ao offerecer-lhe na ponta dos dedos o seu obulo, disse com sorriso de precioso: — A'quella que defendeu com denodo, o brio da terra portugueza! Minha gentil prima...

E depois que ella passara além, acrescentou para o cavalheiro Di-Conti:

— Que delicioso morango! Não achas?

— Admiravel de *souplesse*! — concordou o italiano. *Bonbon fondant!*...

A vivíssima M.^{me} Jou-jou, ao lado da baroneza de Alvoredo, enquanto esta depositava a sua esmola no bonet de Fernando, tomava attitude admirativa exclamando:

— Oh! la jeunesse! Il n'y a que ça!

E Izabelita Noronha, com os seus olhos vehementes no encantador busto de Kate, entregava-lhe o donativo que lhe dera o avarento de seu pae e abraçando-a com sofredão applaudia:

— Oh! querida! Como tu vaes alegrar os pobresinhos, que vivem nas suas horrendas misérias! Ainda entras em mais alguma partida?

— Sim, quando chegar el-rei e a rainha!

— Será encantador, se fôres tão feliz como agora!

Catharina a quem os parabens e generosidade de todas as pessoas impressionava, ia alegre e contente. Fernando, porém, victoriado e desejado por tantos olhos e labios femininos, mostrava certo abandono muscular, talvez a transitoria fadiga resultante do seu jogo violento de milhafre. Havia nas linhas do seu corpo, na musculatura secca, no esqueleto bem proporcionado, a representação da força dos homens habituados aos exercicios de agilidade. Rijo e delgado, era um carvalho novo, elastico e solido, servido por

membros leves e flexiveis como molas. O arcabouço de larga e franca respiração, gestos prestes e sobrios. Quando chegaram junto da Paraíso, levava no rosto um sorriso desejoso, eram frementes os seus labios, as narinas alargavam-se-lhes inquietas... O conde abria lentamente a sua carteira bem provida, enquanto o semblante radioso e triumphante de sua mulher, acolhia Kate e seu primo com palavras generosas. O marido depositando no bonet de Fernando, que preferira para mostrar a sua magnificencia, algumas notas, disse sentencioso:

— Aqui tem o meu pouco. Estimo que seja feliz na sua colheita.

— Obrigado, meu amigo — agradeceu, com os olhos na condessa.

No fim, todo o dinheiro se juntou na boina de Kate, que saltava de contente, com meneios infantis, por vêr que tinham reunido valiosa somma e que a tia Ermello ficaria satisfeita. A sua radiante physionomia era toda alegria. O roseo da pelle, a scintillação do olhar, a romã dos labios, definiam quão celestial era aquelle coração, innocente e puro. Contento como o anho de tres mezes, foi entregar a Annica o producto da colheita:

— Olha o que arranjámos! Foi muito, pois não foi?

Porém Annica empenhava-se, n'este momento, em adoçar a angustia da infeliz e bella condessa de Rosal. Afastando-a suavemente com a mão, só lhe respondeu:

— Guarda, Kate, para tu mesma entregares á tia Ermello.

E a pobre creança, transmudando o seu riso angelico em tristeza, exclamou:



— E eu a julgar que tu ficavas muito contente!...

— Mas fiquei muitissimo contente! Digo-te que entregues á tia, para ella saber que foste tu que arranjaste o dinheiro...

— E que tem a Rosal? — perguntou com momice de creança agastada.

— Está incommodada. Doe-lhe um dente... — respondeu Annica com voz e gesto de pôr termo ás interrogações de Kate.

— Pois parece que lhe morreu Jeanne!...
Com vivacidade juvenil accrescentou, afastando-se:

— Pois se lhe doe um dente, que vá ao dentista!...

A Rosal sorriu fugitivamente, para logo cahir na sua melancolia, que as consolações de Annica não podia afastar. Ninguém melhor do que ella estava na situação de conhecer o valor da felicidade que havia n'essa alma



innocente, que não suppõe o mal e ainda não sentira a dôr. Kate era o alvorecer de vida e de coração, só aberto para a luz matinal, para o gorgoeio dos passaros, para o silencio augusto e meigo dos bosques, para o riso das flôres. Quinze annos antes, tambem ella fôra assim moça, vivaz, despreoccupada e singela. Era quando montada no seu cavallo lasão, nas tardes jocundas de maio, percorria por entre trigaes loiros as veredas em volta de Extremoz, ou os pendores da serra d'Ossa, que se levanta suave e ensombrada, sobre campinas. Acompanhava-a seu irmão, garboso rapaz, que morrera desastrosamente n'uma espera de toiros. A' sombra melancolica e religiosa de azinhos e oliveiras, passara esses felizes tempos de innocencia, n'um pasmo d'alma contemplativa e virginal, pensando n'um vago de sonho, deleitando-se com os amores da sua mente, á espera da epoca em que a viessem apresentar na côrte e na sociedade. Casada aos dezoito annos, gosara com seu marido as premissas d'um amor cheio de esperanças. Porém, o conde, a breve trecho, voltou á sua existencia de rapaz, entregando-se ao convivio de mulheres de baixo sentir, mercenarias da paixão. Agora, Gabriella, ainda na flôr da sua belleza corporal de seraphim, sentia a alma gasta pelas desillusões, pelas falsas e mentirosas

palavras, pelo aviltamento moral dos que a haviam desenganado. Adelgaçaram-se na sua mente e no seu coração as idéas puras, os sentimentos nobres, como o fumo se adelgaça no ar em que se expande. Eram tudo chimeras, imagens vãs, que a realidade foi substituindo por outras mais brilhantes e exactas, n'uma vida intensa de sociedade. N'um momento, de longe preparado por uma successão de factos e raciocínios, casuaes uns, premeditados outros, encontrou-se nos braços de Fernando de Castro, n'esses nervosos braços que a estreitavam como cordas, e que ella já sentia mais frouxos, menos vehementes no desejo. Desde o primeiro instante que isso conheceu, principiou a padecer a sua existencia sentimental, da vaga e morbida melancolia dos que vão morrer para a ultima illusão, para a mais delicada, a mais tenue das illusões da mente. Adivinhava que um perigo vinha para ella, com o passo cadente dos phantasmas adversos. De que lado chegava o inimigo da sua alma? Não sabia: escutava o som lugubre do seu andar, já o presentia como se fôra um veneno, já tratava com elle em sonhos, ou nas trevas da noite densa, quando não dormia. O cerebro envolvia-se-lhe n'um véu de tristeza indefinida, comparavel ao véu que do azul se abate sobre a terra, no remate de certos dias soalheiros de inverno. N'este instante doloroso, em que o ingenho, cheio de caricias, de Annica de Sousa procurava dar energia e esperanças a esta alma atormentada, os olhos humidos da Rosal iam pela tranquillidade superficial do Tejo, na colheita das sensações da sua infancia, quando despreoccupada, como os passaros nos laranjeas de Extremoz, vivia e gosava a vida da natureza independente, na epoca em que apenas ouvia falar da sociedade, que ora lhe inquinava a existencia. Mas não encontrava pontos de apoio no horizonte vago, como não podia haver esperanças seguras nas consolações de sua prima. O pensamento em vez de espaiar-se e alegrar-se, submergia-se em fundos pegos, em abysmos de trevas e desesperos; porque ella via Fernando cortejando patente e escandalosamente a sua rival, que tinha no fogo do olhar, todos os signaes de vencedora. Annica de Sousa ainda procurou revoltar-se pela dignidade e pelo sangue:

— Mas que te pode importar essa mulher! Despreza-a. É sangue vil...

— Pois sim, querida! Mas que vale o meu nobre sangue, se Fernando é a ella que ama perdidamente! Olha!...

E indicou-lhe o ponto em que os dois patenteavam, sem reboço, a reciproca conquista.



QUADRO DE PRESCOTT-DAVIES

Como Kate, esta que o pintor inglês idealizou, no antegosto do seu «sport» predilecto, era o alvorecer de vida e de coração, só aberto para a luz matinal, para o gorgoeio dos passaros, para o silencio augusto e meigo dos bosques, para o riso das flôres.



Tarde amena, povoada de carinhos! Que céu, que luz, que temperatura de delicias! Enternecia-se lentamente a paisagem com o afrouxar da luz; um forte sentimento das coisas imperava nos nervos. Começo de primavera com enfolhamento de rebentos, que tinham reflexos de amethystas; flôres de gamma variada nas côres e nos aromas, que a brisa espalhava. Do interior do bosque, do imo da terra, da vastidão do mar, chegava um vago murmúrio, que entremeava as vozes e os risos das conversas. Temperatura enlanguesciente a d'esta hora! Afagava os nervos e fazia voar a imaginação. A brisa leve, que vinha do poente, soprava nos cabellos, nas plumas dos chapéus, trazia odores salinos, que misturados ás essencias da matta, pesavam nas palpebras adormecidas pelos desejos e nos lábios abertos em palavras alegres. O *match* ia continuar, com mais interesse, logo que chegassem os monarchas. A côrte apreciava excepcionalmente o *tennis*, como a de Henrique VII, o primeiro Tudor, o que venceu na guerra da *rosa branca e vermelha*; e como a de Carlos II, um Stuart, que vencido por Worcester, foi rei com Monk, e esforçado mestre no jogo da bola,

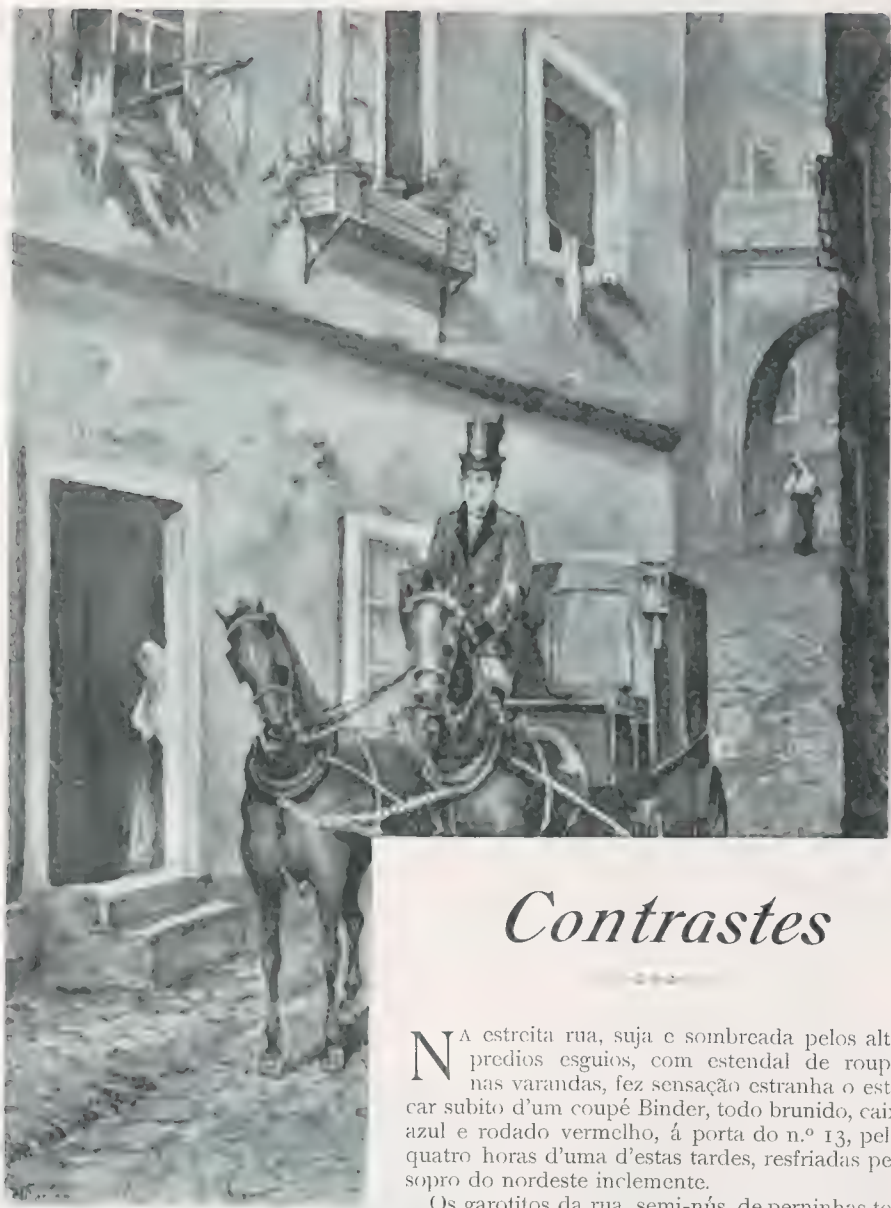
em que vencía todos os seus cortesãos. Este repousado intervalo enchia-se com a deliciosa intriga da sociedade, em que se multiplica o interesse da vida fugaz e enganosa. Os passaros lascivos, que n'esta epoca d'amores voavam de arvore em arvore, perseguindo-se e conquistando-se, eram a imagem da existencia. Chilreavam e beijavam-se; escutavam pousados nos galhos tenros e espreitavam por entre os rebentos novos. Pareciam socios e comparsas, e deixavam-se embalar pelo zumbido longo das abelhas, que nas azas d'ouro levavam e traziam a brisa, pousando nas bellas acacias d'onde sugavam o mel. As corollas das flôres abriam para o céu os seios de setim, tumidos d'aromas, e entoavam um hymno em louvor da natureza omnipotente. Evoé! Quem vive!?!...

O murmúrio das vozes teve um renascimento momentaneo, como o d'uma onda ao galgar da rocha. Era um vigoroso assentimento de applauso! Aflorara o sorrir em todos os lábios. Levantaram-se as senhoras, os homens descobriram-se, todas as cabeças n'uma leve curva de respeito. Chegavam as carruagens reaes precedidas de batedores. Iam recommear, com maior interesse, as partidas de *tennis*. *Ball!... Ball!... Ball!...*

TEIXEIRA DE QUEIROZ.



Este esplendido quadro mundano cuja reproducção Teixeira de Queiroz gentilmente auctorizou aos SERÕES, é um capitulo da nova obra do primoroso romancista, editada pela parceria Antonio Maria Pereira com o titulo de A CARIDADE EM LISBOA, estudo critico de costumes lisboetas, de vida elegante e de vida social, profundamente observadas, sentidas e descriptas n'aquella sobria, suggestiva mas colorida linguagem que se aviva e se esclarece sob a irradiação luminosa d'um espirito altamente scientifico, por onde se extrema a individualidade litteraria do auctor entre os cultores da litteratura portugueza. Intelligencia polarisada no estudo das sciencias naturaes, Teixeira de Queiroz tem applicado aos seus romances, cuja reunião constitue uma só obra meditada, os seguros methodos da observação que conduzem a investigação n'aquellas; e escriptor moderno, para não dizer naturalista, tem vindo gravando nas paginas da sua COMEDIA DO CAMPO e da sua COMEDIA BURGUEZA, a golpes de bisturi, que denunciam o physiologista, a vida portugueza, desenhada com a justeza d'um miniaturista paciente, ainda que levemente tocada aqui e ali, como para fazer maior relevo nos contrastes, d'uma delicada mancha de ironia benevolente que individualisa a pintura.



Contrastes

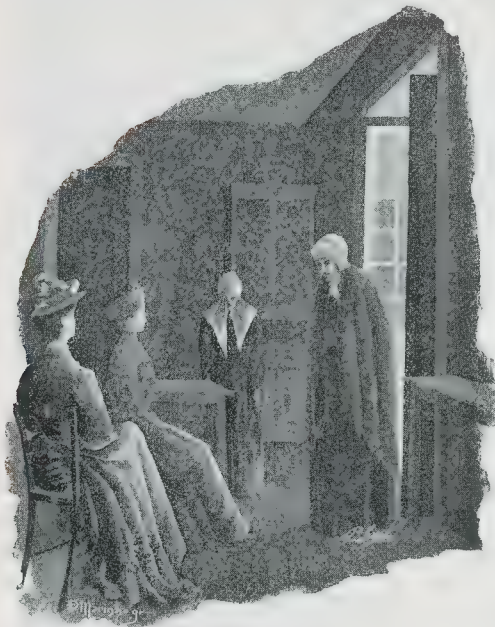
NA estreita rua, suja e sombreada pelos altos predios esguios, com estendal de roupas nas varandas, fez sensação estranha o estacar subito d'um coupé Binder, todo brunido, caixa azul e rodado vermelho, á porta do n.º 13, pelas quatro horas d'uma d'estas tardes, resfriadas pelo sopro do nordeste inclemente.

Os garotitos da rua, semi-nús, de perninhas tortas e cara mascarrada, suspenderam o retouçar alegre para examinar curiosos os arreios com ferragem dourada da parelha ingleza que resfolegava, sopesada pelo cocheiro de farda agaloada, e tope no chapéu. Um canito enfezado e de cauda cortada ladrava desesperadamente; alguns gatos refugiaram-se medrosos nos portaes, guarnecidos de meias cancellas e de cortinas de chita.

Houve nas janellas um enxamear de gente varia; — mulheres de cabellos mal penteados, com corpetes claros e largos para a expansão dos seios volumosos; crianças a marinhar pelos ferros das sacadas; alguns homens de barba por fazer e sem gravata; emfim todo aquelle aspecto desleixado de população que a miseria fecunda.

Aparearam-se duas damas, novas, formosas quando rapidamente olhadas, sem exame

minucioso; uma vestida com simplicidade de bom gosto, a insinuar economia burgueza, resgatada pela pujança gentil dos seus vinte



e seis annos em efflorescencia appetitosa; outra, typo de loura triste, *toilette* cuidadosamente talhada, accentuando a magreza elegante dos seus trinta annos, um pouco fatigados.

Subiram pela escada escura e estreita até ao ultimo andar, onde entraram.

— Devem de ser fidalgas de S. Luiz a dar esmolos por bilhetes — explicou uma velha d'um primeiro andar para a vizinha defronte.

N'um quarto d'aquella casa antiga vivem duas pobres mulheres de idade avançada, a quem a fortuna bafejou n'outros tempos; porém, esquecidas talvez da providencia, em quem continuam sempre a depositar piedosamente a inteira confiança das suas almas simples, foram padecendo misérias successivas até a extrema penuria, com uma resignação heroica, mais do que christã.

A vida d'ellas tem sido um poema de sacrificios e de luctas. Uma é viuva, d'um irmão da outra; e ambas, n'uma amizade sem macula, se tem amparado nas quedas desastrosas por onde teem vindo descendo. Ultimamente, apóz a influen-

za prolongada e debilitante, que lhes min-gou as forças para o trabalho e lhes levou para o *cabeça de pau* da rua proxima os melhores moveis, de valor diminuto para o penhor, mas de recordações consoladoras para o coração das desventuradas velhas, teem combatido valorosas contra as mais asperas privações. Como são crentes, esperam; como foram sempre honestas, não maldizem; coimo teem soffrido muito, perdoam a crueza da sorte. São, em verdade, duas boas velhinhas.

Uma indicação piedosa e opportuna encarregára aquellas duas damas aristocraticas de lhes levar os vales de alimentos que se distribuem por ahi a muita gente.

— Podem ir buscar desde já estes generos para a ceia, se as senhoras já jantaram — explicava uma das damas, com acentuação meiga, de quem reconhecia a fraqueza physica das pobres mulheres.

— Ficam para amanhã, minha senhora; hoje felizmente tivemos jantar; — duas boas batatas grandes com um fiosinho d'azeite.

Santa e resignada sobriedade!

Quando as duas damas, momentos depois, subiam para o *coupé*; já um policia açodado, desviava da portinhola, uns mendigos impertinentes d'esses que, á luz viva do sol, exploram a caridade.

Depois, á noite, pelas oito horas, á meza do jantar, brilhante dos crystaes a refractarem a luz sobre a fina toalha alva, a gentil dama nova e caridosa, regando n'um capricho de appetite com umas gottas de velho madeira duas pequeninas *profiteroles* em creme aromatizado, pensou sem querer n'aquelle fio d'azeite de que lhe fallára a velhinha do quinto andar escuro, e contou-me o caso.



De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO II

Aden — O Guardafui — O mar das Indias — Zanzibar

OS ROCHEDOS em que Aden se encastella parecem ser escorias das materias da criação, que o creador mandou vasar á beira-mar. Estão fóra da área de habitabilidade dos vegetaes, quanto mais da zona terrestre destinada para moradia de homens! Faltam todas as condições de vida. O solo não produz. O sol não aquece, abraza. Agua, só a manda de muitos em muitos annos o céu perpetuamente azul, e toda se evapora ao tocar nas rochas calcinadas, nas areias ardentes. O calor rarefaz o ar. Os campos não sustentam uma fera, nem se aninha uma ave nas fendas das velhas lavas endurecidas. Só a cobiça humana, tão heroica na sua avidez, podia povoar aquella estancia de desolações, e por isso foram romanos que formaram a antiga Adana, arabes que a fortificaram, inglezes que a engrandeceram. E nós, portuguezes, que no seculo XVI representámos com equal brio a heroicidade e a rapina, tentamos senhoreal-a.

A sua fortuna foi o seu porto, situado no caminho entre a Europa e o Oriente. Para o aproveitar soffreram-se martyrios e operaram-se milagres. Aden conserva os vestigios de esforços gigantes envidados, no decurso de seculos, para o tornar habitavel, e os proprios inglezes ainda tiveram de affrontar terribes resistencias da natureza. Mas todas venceram, com a energia perseverante da sua ambição. Falta agua doce? Venham machinas que destillem o mar. A terra não offerece productos ao commercio? Venda-se carvão, e vão-se buscar, em navios ou em caravanas, as colheitas do interior da Arabia Feliz. Os indigenas são hostis? Opponham-se-lhes campos entrincheirados. O clima é inhospito? Abriguem-se os habitantes e as tropas em edificações bem estudadas para moderarem o calor. O porto é desabrigado e apparellado? Estendam-se diques, fundeiem-se boias, accendam-se pharoes. Assim se fez Aden, só a poder de braços e de engenho humano. E os seus creadores são tão ciosos da criação, que para a defender armaram os rochedos que a cercam e verrumaram com canhoneiras os montes que a assoberbam.

Os paquetes da Mala Real pouco se demoravam em Aden, e nem fundeavam no porto interior; mas em julho de 1891 os passageiros do *Rei de Portugal* chegaram lá tão extenuados pela viagem do mar Vermelho, que pediram ao commandante que os deixasse dormirem uma noite em terra. Por mim, acceitei a hospitalidade do consul de Portugal, um *parse* de Bombaim, negociante opulento, que honra mais a nossa patria do que muitos portuguezes que a representam em estranhas terras. Foi elle buscar-me a bordo, trajado á européa, mas cobrindo-lhe a cabeça o barrete caracteristico da sua seita, — uma especie de mitra fechada, de cêrca de um palmo de altura na frente, escura e constellada de pequeninas estrellas de ouro, — e o seu escalor a vapor desembarcou-me n'um caes de pedra, serventia de uma avenida arenosa, que orla a cidade da parte do mar. Esperava-nos ahi um luzido caleche, cujo automedonte de libré oriental sopeava uma parelha de arabes, talvez pertencentes á *khamisa*, elegantes, de delgados jarretes d'aço, finas cabeças intelligentes, preciosos, como os nossos *sportmen* nunca possuiram nenhum nem em sonhos. Mas ao saltar em terra esmoreci. Era ao cair da tarde; comtudo, nem no mar Vermelho sentira tão asphixiante calor! Ardiam-me os olhos, seccava-se-me a pelle, não podia fechar a bocca. Pensei de mim para mim que se encontrasse em Moçambique aquella mesma temperatura de forno, derreter-me-hia como uma vela de cebo. Não quiz ver nada; só desejei entranhar-me, esconder-me, n'alguma d'aquellas casas avarandadas que bordavam o caminho, na esperança de que os seus moradores tivessem lá dentro, pois que viviam, algum recesso onde se respirasse. Passavam por mim, vindas das docas e dos depositos de carvão, ranchadas de indigenas de compridos cabellos avermelhados, e eu cheguei a pensar, com a ingenuidade das preocupações, que era o calor que assim lhes colorira as melenas, chamuscando-as, como devia de ser o sol que ennegrecia, torrando-as, as rochas a pique que subiam da praia.

Ainda hoje, a tres seculos de distancia, se encontram e reconhecem em Aden os delineamentos geraes da descripção que d'ella faz o auctor dos *Commentarios* de Affonso d'Albuquerque. O assento da cidade é um vulcão apagado e coberto pelas suas lavas negras, o Djebel-Chamchan, que os antigos portuguezes julgavam uma ilha, mas que na realidade está preso ao continente por uma lingua de terra; e, segundo os *Commentarios*, «a largura desta terra, de um mar a outro, «será um quarto de legua, por onde está visto «que Aden não é Ilha, como sempre antiga-mente se teve que era.» O isthmo separa dois portos, o occidental, vasto fundeadouro onde hoje surgem os paquetes e em cuja margem se erigiu o bairro de *Steamer-Point*, e o oriental, actualmente açoriado, mais visinho da cidade arabe. Albuquerque conheceu o primeiro com um nome que elle interpretou por *Ujufu*, ao segundo chamou *Focate*, e denominou *Cira* a ilha «de pedra viva, sem «haver herva verde n'ella,» que abriga este ultimo porto, e ainda agora é appellidada *Serah*. Foi n'essa ilha que D. Garcia de Noronha vingou o desastre, que os portuguezes soffreram no assalto dado ao muro talhado a pique que da serra descia até ao mar, entrando um baluarte que o defendia e tomando n'elle «trinta e seis bombardas da «grandura dos nossos camelos, e outras pouco «menos». Nem em *Serah*, porém, nem na cidade se descobrem hoje as fortificações de *Mira-Merjão* contra os quaes se quebrou o esforço do vencedor de Ormuz, porque as demoliu o tempo ou foram substituidas por obras modernas de defeza.

No bairro *Steamer point*, quasi inteiramente estendido ao longo da praia e encostado á serra, estão hoje enfileiradas as casas commerciaes, os hoteis, as agencias de navegação, os bazares, os escriptorios dos fornecedores de carvão, os estabelecimentos exportadores de café, de gomma, de incenso, dos ricos productos que deram o cognome de Feliz a uma parte da Arabia, e que annualmente embarcam ali no valor de seis a sete mil contos de réis. No porto ha molhes, docas, officinas, depositos de combustivel, todo o material e todos os petrechos dos grandes movimentos maritimos e mercantis, e nas suas fainas empregam-se dezenas de milhares de somalis, immigrados da fronteira costa africana, que os inglezes sabem attrahir, aproveitar e disciplinar, porque não lhes applicarão os immortaes principios da Magna Carta de João Sem Terra, mas pagam-lhes o trabalho.

Se esta é a parte moderna e opulenta da cidade, não é a mais curiosa para o viajante que se não occupa de compras e vendas; os

vestigios da *Adana* dos romanos e da Aden arabe é que merecem os incommodos de uma larga excursão por dentro de um forno.

Toma-se um vehiculo de praça, e manda-se bater para as *cisternas*. Esses vehiculos teem caracter. A caixa ou a capota é aberta em quadrado na parte posterior, permitindo que se estabeleça uma corrente de ar no sentido do andamento da tipoia; sem semelhante precaução mal se poderia supportar o fartum do cocheiro, arabe ou somali, que affronta e ameaça o nariz do passageiro com as largas costas, mal cobertas por cabaia leve e sempre alagada pelos esforços, do chicote e da voz, com que elle incita um ou dois cavallicoques, pequenos e atarracados, que não pertencem certamente á descendencia das cinco eguas illustres do Propheta, mas trepam laideiras com o desembaraço de cabras. Ha dois caminhos: um prolonga-se com a margem do porto occidental, e passa para o lado do Oriente por algum de dois extensos tunnels; o outro sóbe e desce as encostas do Chamchan, desfructando-se d'elle o panorama do mar, torreado por negros rochedos. Já o encontrei tomado por uma caravana, que largava para o interior da Arabia; pelos seus lanços de areia amarella desenrolava-se a perder de vista uma fita de camelos, carregados de fardos e feixes de verdura, de cavallos, montados por arabes de albornós brancos, de negros de roupagens vistosas, armados de lanças ou espingardas, e esta frota do deserto engolfava-se n'uma porta aberta n'um arco levantado no cume da serra, junto da qual fazia sentinella um tostado sipal de turbante amarello, que representava n'aquelle quadro animado o poderio da Grã-Bretanha guardando as vias do commercio da Asia. Esta porta e este caminho não são novos, ou teem antecedentes seculares. A cidade—dizem os *Commentarios*,—tem «uma estrada larga, que vem do sertão ter a uma porta, que está na serra, com duas torres muito fortes, e por ahi se serviam os camelos esses dias que a nossa Armada esteve no porto, porque das naos, e dos bateis, os viam os nossos ir, e vir carregados por esta estrada, e entrarem pela porta da serra.»

Passado o arco desce-se com rapido declive para a planicie, onde se avista, accumulada, a casaria da cidade arabe; costeia-se um terreiro, onde pacificos *navios do deserto*, fundeados sobre as pernas dobradas, esperam compradores mastigando pachorrentamente folhedos amarelentos; e d'ahi partem boas estradas marginadas por casernas, caravançarás, armazens, capellas de muitos cultos, enfiamentos de arcarias, que levam o visitante a um logar onde a planura é fe-

chada abruptamente por muralhas de rocha, talhadas ora a pique ora em asperos taludes. N'um angulo reintrante formado por essas muralhas, e, no vertice d'esse angulo prolongado por uma fenda aberta na espessura do rochedo, massiços de verdura sombria salpicados de branquejamentos annunciam a humidade esparzida pelas famosas cisternas, fazendo contraste violento com a aridez do terreno no circundante.

Essas cisternas são, antes, enormes tanques a céu aberto, escavados no sopé ou nos interstícios dos penhascos, de modo a recolherem as aguas fluviaes que sobre elles caem e d'elles escorrem. Algumas devem de ser meras cavidades naturaes, preparadas para reterem as aguadas que recebiam por força da configuração do solo adjacente. Umas teem bordas ou parapeitos de alvenaria, outras, são resguardadas por grades de ferro, e todas foram revestidas interiormente de betume. Desce-se para o seu fundo por estreitas escadas praticadas nas paredes. Uma lapide recorda aos arabes que devem á administração britânica o concerto d'aquelles colossaes reservatorios de vida; um poço com uma bomba facilita a elevação da agua ás mulheres da povoação visinha, que a cada momento se grupam em volta da sua bocca, equilibrando sobre a cabeça ou amparando nos hombros os cantaros e as jarras. Junto das cisternas, cravando as raizes nas suas argamassas á procura de fresquidão, aspirando soffregamente os vapores que se exhalam dos seus largos bojos, vecejam algumas arvores, as únicas de Aden, e no chão que as separa e rodeia simulou a pertinácia ingleza um jardim, com seus *chalets*; desconfio, porém, de que as plantas são principalmente regadas pela transpiração dos visitantes. As massas rocheas, levantadas quasi a prumo, que oppõem o seu enorme guarda-vento ás aragens do mar, armazenam tanto calor n'aquelle recinto que só elle deve consumir mais agua, pela evaporação, do que todos os habitantes de Aden.

Nas cisternas cabem 4:000 toneladas do precioso liquido, mas em Aden só chove, termo medio, de sete em sete annos, e esse fornecimento incerto não basta para uma povoação de perto de 30:000 almas. Nunca

vi os monstruosos tanques senão quasi despejados. Antes ou depois da sua construção, não sei quando, velhos dominadores trataram de abastecer a cidade levando-lhe agua de longes paragens, e ainda ha vestigios do aqueducto incumbido d'essa obra de misericordia, de que os *Commentarios* deram té e testemunho. «Ao longo d'este caminho, — «dizem, fallando do que liga a cidade, — «vem um cano de agua, que passa pela «ilharga da ponte, e vae cahir em um tan- «que grande de pedraria, que está uma legua «da cidade, e ahi vem os camelos por ella.»



ADEN — O PORTO

Os inglezes, porém, não se contentaram com estes meios de abastecimento, e asseguraram-n'o por processos mais simples. Montaram, no *Steamer-point*, enormes destilladores d'agua salgada, e são essas possantes machinas que principalmente supprem a população europeia, a qual, todavia, se desacostumou de beber agua. Bebe a toda a hora limonadas gazosas, soda-water, refrescos fabricados na Europa ou na India.

A outra obra monumental de Aden, que se inculca aos viajantes, são os tuneis, furados ao nivel do solo adjacente, na lombada da serra que desce para a parte do continente. Teem altura e largura para dar passagem a

carros carregados, e tanto comprimento que os não percorre á luz do dia, sendo a sua escuridão apenas mitigada por lampeões suspensos da abobada. Bem mais monumentaes são, todavia, os trabalhos de defesa realisados pelos modernos dominadores. Se viesse sobre Aden todo o poder da Arabia, a guarnição britannica poderia resistir-lhe n'um vasto campo entrincheirado, verdadeira cidade militar, em cujo desenho e construção a engenharia aproveitou habilmente as disposições estrategicas do terreno; e em cada morro que assoberba os portos, em cada ponta

sinho sobre a orelha e flexivel junco na mão, ou com avantajados marathos, a quem a ordenança só permite serem hindús na cabeça, envolta nas pregas symetricas do turbante. Na cidade e em Perin ha perto de 2:000 d'estes paladinos do *rule Britannia*, e a sua camaradagem não envergonharia, emquanto ao aspecto, os famigerados *horseguards*, enlevo das *chambermaids* de Londres e modelo artistico dos soldados de cartão. O calor não lhe amollece e dobra a espinha, não! São muito mais brancos, — os da Europa, — do que os nossos guerreiros que tanto receiam crestar-se nas solheiras da Africa; todavia, não se passa pelo campo entrincheirado sem os ver em exercicio, e já os encontrei, debaixo de um calor de fundir bronze, arrastando a braço, por uma ladeira acima, tremendos canhões de fortificação. Tive desejo de perguntar se por aquelle serviço exigiam pret dobrado e pensões para as familias.

O bairro indigena é chato, branco, alinhado, rectangularizado, fazendo lembrar dados de osso arrumados sobre um taboleiro. As frontarias das casas assentam quasi todas sobre arcadas, semelhantes ás do nosso Terreiro do Paço e de muitas ruas e praças de Portugal, que recebeu do Oriente aquelle modelo de abrigos. A apparencia geral da casaria é pobre e lavada, mas lá dentro fermentam as crapulas orientaes. Os bazares e os cafés indigenas disfarçam lupanares e fojos de salteadores, e a noite não é segura para os estrangeiros



ADEN — CISTERNAS

de rochas que cresce para o mar, formidaveis baterias, arrogantes ou dissimuladas, fulminariam as esquadras temerarias que se arrostrassem com aquelle Gibraltar asiatico. Em Aden, o espirito pacifico de mercancia faz alliança com o arreganho bellio. Os armazens entram em fileira com as casernas, edificações singelas feitas de tijolo e de argamassa amarelenta, que parecem ter subordinado todo o seu plano ás condições de ventilação, tendo mais rotulas e persianas do que paredes e tectos; nas ruas e nas estradas, os grupos moirejantes de carregadores somalis cruzam-se a cada passo com ranchos de artilheiros europeus, que passeiam n'aquelle pontal do Yemen como em *Regent's Park*, de bone-

n'aquella colmeia vadía.

No *Steamer-point* encontra-se o viver europeu, modificado apenas pelas temperaturas de 50 gráus. Nos hoteis comem-se bifes em sangue com batatas *soufflés*, como em qualquer *restaurant* de Paris ou Londres, mas os bifes e os comensaes são perfeitamente abanados por enormes *pancaes*, puxados rythmicamente por indigenas acorados. As mobilias conservam as fórmas que se consideram civilisadas ainda quando são irracionalmente incommodas, mas já se enriquecem com os trastes inventados pela preguiça do Oriente e accomodados á predilecção dos orientaes pela horisontalidade, como as cadeiras-leitos de bambú e as poltronas de costas descahidas

e braços prolongados para sobre elles se estenderem as pernas. Ainda se respeita no vestuario o figurino legislado pela alfayateria culta, mas todas as roupas se adelgaçam no

Porto-Said é o primeiro gráu, e a differença de uma para outra é constituida principalmente pela população inferior, que na colonia ingleza é absolutamente extra-européa.



ADEN — A CIDADE VELHA

estofo e se afastam do corpo, e os chapéus propendem para se converter em guardasoes ou alpendres, e transigem com os panos soltos, em que os arabes envolvem a cabeça, adoptando os véus enrolados. Aden representa, pois, um segundo gráu da escala de transição entre a Europa e o Oriente, de que

O elemento preponderante, em numero e actividade, d'essa população, são os somalis, que immigram para Aden por milhares, — o que é mais um testemunho de que ás raças africanas não repugna invencivelmente o trabalho. Esses immigrantes são nas suas terras os mesmos selvagens que dos penhascos do

Guardafui espreitam os navios, desejando que algum dê á costa para o saquearem; em terra estranha convertem-se em instrumentos disciplinados da civilização. Com a gente autentica de Somal misturam-se representantes de todos os crusamentos dos typos semita e kamita com o typo negro, como abexins, gallas, bedjarins, baris, e por isso nas ruas de Aden encontram-se todas as gradações de côr de pelle, desde o amarello dos puros arabes, *El-Asfer*, e do vermelho dos egypto-berberes, *Al-Ahmar*, até ao negro azevichado. A maioria d'esses africanos são esbeltos e robustos, e não poucos teem feições regulares e delicadas; dá-lhes, porém, um aspecto extravagante e selvatico o costume geral de pintar de vermelho os cabellos, corredios ou encarapinhados. Essa pintura faz-se com o succo das folhas de uma planta que em sua-hili se chama *mendi*, misturado com sumo de limão. Creio que é indelevel, porque não vi que desbotassem as grenhas dos rapazitos, que passam a vida a chapinhar no porto. E não se applica só ás vellosidades humanas. Em Aden, nos bairros excentricos, vagueiam nas ruas innumerables cabras brancas, de formas airozas, de focinho rosado, que seriam o enlevo da Dinorah, e notei com espanto que muitos d'esses animaesinhos tinham no pello caprichosas malhas vermelhas de diversos tons: é que os seus donos teem o depravado gosto de as caracterisar com a tintura do *mendi*.

Vista por dentro, Aden é, pois, uma cidade curiosa, com elementos de pictoresco, memorias archeologicas, obras monumentaes, cunhos de civilização, aspectos de opulencia, população interessante; mas vista de longe parece uma pinha de armazens encostados a uma montanha de carvão de pedra. A sua verdadeira superioridade é, porém, esse porto que lhe fez o destino, embora as suas aguas escondam bancos, hoje marcados pela mastreação de um paquete encalhado da *Peninsular*, e sejam encrespadas a miude pelos ventos de *monsão*, que levantam rijas calemas.

E' vivo e animado o movimento da espaçosa bacia. De quando em quando sobem e descem bandeiras de côres vivas nas adriças do mastro semaphorico cravado em terra, e divisa-se no horizonte azul um ponto escuro, que logo se alastra em nuvensinha de fumo, mais logo descobre topes de mastros, depois um canno empennachado de machina, por fim vagos perfis de casco: um navio do tamanho de uma gaivota vem crescendo, emergindo da agua, dilatando-se no espaço, adelgçando as velaturas que esbatiem os contornos, revelando côres, fixando formas, avolumando sempre, até parar, offegante, já con-

vertido n'uma cidade com a população apinhada nos terraços das casas e nos parapeitos dos caes. E' algum paquete colossal da *Pi and O* ou das *Messageries*, que vem da China com as chaminés cuspidas de sal pelas ondas, ou que vae para a India correcto e brunido como um lord passeiando em *Hyde-Park*. Buzina a sereia espavorindo bandos de aves aquaticas, baqueja o ferro na agua com um arrastar rapido de correntes, ejacula o vapor dos flancos do monstro em borbotões sussurrantes, e estas vozes, que fazem echos cavernosos nas sinuosidades da terra, chamam rebocadores atarefados, que arrastam, resfolegando ruidosamente bojudas barcaças de carga; entre o paquete e os caes, onde se percebe de longe um fervilhar de vultos negros sobre a areia amarella, estendem-se linhas quebradas de escaheres de toldos brancos, cujos remos cadenciados entornam scintillações das pás, e de toscas embarcações indigenas, em que os tripulantes indolentes aproveitam a viração estendendo n'um croque os matisados pannos de cobrirer os rins.

N'um relance, o navio apparece cingido á flor d'agua por legiões de barcos, que fazem lembrar cardumes de peixes assaltando uma baleia morta, e pouco depois começam de dispersar-se as flotilhas de trabalhadores do mar, fumegam as chaminés, distingue-se o tilintar dos telephones da ponte, sobe o ferro, içam-se as escadas dos portalós, e o soberbo transporte move-se magestosamente, arreando a bandeira com lentidão solemne, atordoando os ares com as notas mais vibrantes da buzina, e faz-se ao largo deixando a derrota marcada no mar por uma faixa lisa e esbranquiçada.

Emquanto os navios estacionam no porto são invadidos, como em Porto-Said, por um tropel de bufarinheiros, que, pela variedade dos typos, dos vestuarios, dos idiomas, enriqueceria um museu de ethnographia, e que apregoam, inculcam, exhibem, empurram, mettem á cara as mesmas frandulagens que os seus collegas do Egypto, com igual impertinencia e uma loquacidade epileptica, que se desafoga em inglez, em somali, em turco, em hebraico, em francez, em italiano, em idiomas da India, em idiomas que se não fallam em paiz algum, e que a bordo dos paquetes da Mala Real se enriquecia com uma phrase *ad hoc*, pronunciada com pictorescas accentuações: *compra, sior portuguez, compra!*

Não ha meio de fugir da balburdia sem treguas, porque um navio de carga em porto de escala é um cahos de tantas toneladas de lotação. A' prôa refere e explode a faina. Chiam os guinchos, bufa o vapor, rangem as correntes nas roldanas, silvam apitos, as lin-

gadas batem trovões no taboado do convez, esbarra-se em fardos, tropeça-se em cabos, marujos azafamados distribuem cotovelladas, carregadores atropellam, os escotilhões escancaram abysmos deante dos passos incautos, passam sobre as cabeças volumes esmagadores, os porões exhalam bafio, a carga exhala poeira, os negros exhalam catinga, tudo é tropel, grita, embate, confusão, lixo, bulha, suor, sob um sol que abrasa a ferragem e empolla as tintas, e em cujos feixes de viva luz amarella revolteiam detritos parecendo turbilhões de serpes. Isto de portalos a dentro: de fóra entram toadas de estranhas melopéas, cantadas em côro por magotes de trabalhadores negros, sentados com os joelhos á bocca em cima da saccaria cogulada em pesados batelões, que percutem o costado do paquete a compasso das ondulações do mar, e penetra o grito estridulo, uivante, impertinente, de *à la mer, à la mer! ohé! ohé!* Soltam-n'os cardumes de rapazes somalis, de negros corpos delgados e flexiveis como cobras d'água, e intensas grenhas tintas de vermelho, que em ligeiras almadias de casca de arvore pedem aos passageiros que atirem alguma moedinha de prata ao fundo do mar, para elles irem buscar-a n'um mergulho. *A la mer, à la mer, ohé! ohé!* repetem de novo esses amphibios humanos, surgindo do centro de circulos convulsos da agua espumosa, e mostrando triumphantemente a moeda pescada no mergulho: *à la mer! à la mer, ohé! ohé! ohé!*

Estes mergulhadores infantis constituem uma nota caracteristica do porto de Aden; caracteristica, mas terrivelmente importuna. Já os navios têm levantado ferro e deixado a terra pela pôpa fóra, e ainda echôa dentro do craneo dos passageiros o implacavel *ohé! ohé! à la mer, à la mer!*

• • •

O Guardafui!

Este famigerado cabo, cujo nome falla de temporaes e naufragios, pareceu-me um outro Adamastor sanhudo quando pela primeira vez lhe avistei, nas sombras do entardecer, o vulto colossal. Percorrêramos o golfo profundo de Aden com pesada calma, mas quando já se tinha desenhado pelo travez, em escorço, o phantastico *Elephante* deitado sobre o ventre, começou de acinzentar-se o céu e encapellar-se o mar por avante da prôa, e desabou sobre ella, sem dar tempo a ferrar os toldos, uma ventania desabrida. Era a monção do sudoeste — estavam em julho,—que nos colhia a descoberto do cabo, com as suas rijas lufadas; era o oceano Indico que mandava as suas largas vagas re-

cordarem-nos os perigos que affrontavam os velhos marinheiros portuguezes, quando, n'aquellas mesmas paragens traicoeiras, davam caça ás náus de Meca. Aquillo, sim: já dava uma idéa do mar, do mar cujas coleras se diz serem uma reminiscencia do cahos, do mar que ora entulha abysmos com montanhas ora sorve montanhas em abysmos, d'esse mar que synthetisa nas tres letras do seu nome o que ha de mais irresistivel na força, de mais incommensuravel na grandeza, de mais terrivel na colera. Até ali só tinhamos navegado em lagos, em poças sem bordas visiveis. O solido paquete, que no Mediterraneo e no mar Vermelho parecia pezar nas aguas e calcal-as, jugou, gemeu, torceu-se como se resvasasse pela espiral de um parafuso. De espaço a espaço repuxava-lhe para cima da prôa uma onda, aberta como um leque de brancas plumas frisadas, e o que parecia leve espuma soprada despenhava-se-lhe sobre o convez com o estampido de um trovão. Não chegava a ser *tempo*, diziam os marinheiros; mas firmavam as plumas da chaminé, cujas chapas resoavam como um *tam-tam* sob as pancadas do vento, que silvava no aparelho, ensurdecia com os rugidos, tapava a respiração com a violencia dos embates, desequilibrava sobre a ponte o official de quarto, e derramava por todo o navio uma chuva tamisada que encharcava os rostos em sal. E no meio d'esta trabuzana via-se a distancia crescer, agigantar-se, ennegrecer, uma tremenda mole de rochedos,—o Guardafui,—estampada n'um céu acobreado e pousada n'um turbilhão espumante, cujos escarceus subitaneos lhe escalavam as fragoas, tombando depois em cascastas.

N'outras viagens appareceu-me o Titan tão demudado d'este fero aspecto, que lhe perdi o respeito.

Passei rente com elle, sobre um mar de vidro polido, quasi na sombra projectada pela sua corpulencia, E' uma massa de rochas amarelladas e negras de cêrca de 1:000 pés de altura, cortada quasi a pique sobre o mar na sua face que olha para nordeste, e enrocada por enormes penhascos soltos de formas caprichosas; mais ao sul uma rampa accidentada desce de sua plataforma para a praia arenosa. As rochas são fendidas, lascadas, torturadas, e raros arbustos cravam as raizes nos seus intersticios e nas camadas de areia que as entremeiam ou cobrem. De habitações humanas não ha vestigios até onde a vista alcança; dê, porém, á costa algum navio, e logo se arrojão sobre elle bandos de somalis, para o metterem a saque. Nem estes casos são raros. Desenvolvem-se ali em certos tempos correntes impetuosas, que arras-

tam as embarcações para a terra, assim como existem saliências de costa que, em más condições de observação, podem ser tomadas pelo Guardafui, e as victimas d'estes enganões são implacavelmente assaltadas, espoliadas, quando não trucidadas pelo gentio. Contudo, nenhuma luz assignala ainda o medonho promontorio. Culpada imprevidencia? De certo que não. E' provavel que fosse difficil aos proprios inglezes sustentar e defender o pessoal de um pharol em paiz tão inhospito e na visinhança de povos ferozes.

da costa para fugir ao maior embate das correntes que costumam acompanhar os ventos rijos. No intervallo das monções, e mórmente nos mezes de outubro a novembro, o mar indiano, na sua faixa que borda a costa d'Africa, tem largas temporadas de bonhomia, em que se alisa como um tanque; todavia, ainda n'essas epocas não é raro convulsionarem-n'o tempestades, como a que desmastreou a fragata *D. Fernando*, e as mudanças repentinas de monção produzem as chamadas *monomocais*, temidas em toda a costa, e de que ha



O PAQUETE MALANGE — NO RAS HAFFUN

O mar das Indias, em cuja vastidão se entra dobrando o Guardafui, revela á menor agitação a profundidade dos seus abysmos; a vaga é larga e magestosa, estende-se e intumesce-se por largo espaço até rebentar pelo seu peso n'uma extensa franja de espuma, cujos flocos brancos desbotam a côr da agua envolvendo-se com ella. Nos mezes de abril a outubro, e especialmente de junho a agosto, em que reina a monção fresca do sudoeste, é frequentemente duro e tormentoso, e as borrascas renovam-se tambem quando sopra impetuosa a monção do nordeste, que traz da India os pangaio e o calor miasmatico. Affrontado pelo sudoeste vi eu o *Rei de Portugal* reduzir o seu andamento de 300 a 100 e a 80 milhas por dia, apesar de se alongar

memorias tragicas na ilha de Moçambique, onde se conta que por occasião d'esses tufoes tem chegado a agua a saltar de uma para outra costa, atirando os seus jactos por cima dos edificios.

A navegação do mar das Indias, mesmo perto das margens occidentaes, não é, portanto, sem perigo, e é principalmente incerta. Arma-se uma trabuzana de um momento para o outro, quasi sem se annunciar, e sem o barometro a prever. Depois, as correntes são caprichosas e violentas. Conta-se com algumas, como a equatorial, que, incidindo sobre a costa na latitude approximada do Cabo Delgado, ahi se bifurca, correndo um dos seus ramos para o norte e outro para o sul; mas outras ha, dependentes de ventos irregulares

e de causas fortuitas ou ignoradas, que desafiam todas as previsões. Essas, ora dão aos navios velocidades inesperadas que os fazem varar os portos, ora lhes contrastam os esforços das machinas e os impulsos das velas, e não raramente atiram com elles para cima da terra ou desviam-n'os para o mar largo; e estas intervenções de forças brutas nos calculos da navegação tornam-se especialmente perigosas por ser o mar da costa africana, em parte, semeado de ilhas, quasi todas ás escuvas, cortado por pontas de terra, ás vezes abruptas, e obstruido por bancos. O serviço da nossa *Divisão da Africa Oriental* é, por isso, uma boa escola de marinheiros, apesar dos navios estarem mais tempo fundeados nos portos do que em viagem.

Aos artistas recommenda-se este oceano, na zona africana, pelos esplendidos e variados quadros de sol poente que se pintam nos seus horisontes, especialmente no outono, quando as aguas são espelhantes e ha nuvens soltas no céu. Nas paragens tropicaes, a luz possui uma palheta riquissima em tintas, e as tintas teem infinitas gradações que se combinam, alternam e substituem de mil modos no colorido das aguas e dos ares, das manhãs e das tardes, das serras distantes e das orlas do horisonte, das madrugada e dos occasos. Ha auroras em que se julga estar mergulhado n'uma immensa opala, e tardes em que se navega dentro de um rubi. São frequentes os occasos que accendem aureolas colossaes, formadas de faixas vermelhas perfeitamente symetricas e distinctas, que tomam meio céu; e, quando o sol baixa por detraz de nuvens espessas e rotas, *espeça-se*, — como dizem os marítimos, — projectando, pelas roturas das massas de vapores que lhe encobrem o disco, feixes de raios, nitidas columnas de luz, que, no mar coberto de sombra, assentam em plinths dourados. Se o tempo está vario, tambem as chuvadas compõem phantásticos scenarios marítimos, correndo entre o mar e o céu cerrações pardas feitas de traços obliquos, que se destacam de luminosos fundos azues, ou a meteorologia offerece o interessante espectáculo de uma *tromba*. Na fimbria de uma nuvem começa de pender uma ponta, uma como estalactite de algodão pardo, que ora se prolonga, ora se retrae tornando depois a prolongar-se, e lança de si um tenue fio de vapores que vae engrossando, condensando-se, escurecendo, e parece puxar para o céu, pelo vertice, uma stalagmite que se formou á flor d'agua; esse outro cone vae-se tambem alongando e afilando, como se fosse elastico, e solda-se afinal uma columna, sombria, dilatada nas extremidades e de contornos incertos, em volta de cuja base

borbulha a agua branca. Depois, a columna adelgaça-se no meio, subtilisa-se, reduz-se novamente a um fio; o fio parte-se, e os dois troços separados voltam outra vez á forma conica; o de baixo abate-se rapidamente, e o de cima fica largo tempo suspenso no espaço, recurvando-se, soltando de si flocos esgarçados, até se esvair de todo. Na zona de negrumes onde a sombra se formou desabam pesados aguaceiros, e perto d'ella estende muitas vezes o sol largos tapetes de luz.

Estas decorações dos elementos distraem da solidão o mar. A costa oriental de Africa é pouco frequentada pela navegação; passam-se dias e dias, faz-se a viagem do Guardafui a Zanzibar e de Zanzibar a Moçambique, sem se festejar a appareção de um pennacho de fumo ou de um pharol errante; quasi se não divisam senão pangaios, roçando-se pelo littoral, sabe Deus com que intentos! Avistar por lá alguma baleia a repuxar á flor d'agua, tambem é rara aventura, que sempre invejei sem nada ganhar com a inveja; a *Liberal*, porém, viu perto de Lourenço Marques, ainda no verão de 1892, coisa mais rara do que a lombada negra de um cetaceo, viu um baleote travado corpo a corpo com um espadarte; pulando e revolvendo-se anibos na agua laivada de sangue. Por mim, apesar de ter passado horas e dias a olhar para as aguas, no deleitoso entorpecimento que produz o seu marulhar rythmico, nunca descobri senão corpulentas toninhas ás cambalhotas, e bandos de peixes voadores em adejos.

Principiam de encontrar-se no mar Vermelho estes curiosos elos entre a ave e o peixe, e no oceano indico, quando o ar está quente e a agua tranquilla, vôm em cardumes, soltando o vôo todos a um tempo e espalhando na agua agitada instantaneos reflexos prateados. E os seus voejos, tão rapidos que a vista mal os acompanha, transpõem curtos espaços, e de ordinario pouco se levantam da agua; todavia, alguns vão cair dentro dos navios de alto bordo, talvez impulsionados pelas ondas, e só então podem ser bem vistos. Parecem sardinhas, de escamas mais azuladas e mais reluzentes, providas d'azas cartilaginosas recortadas nas orlas.

A costa ao sul do Guardafui é tão dura e arida que os proprios indigenas lhe chamam *Barr-el-Khaza*, a costa rochea. Não tem portos nem dá abrigos, e alonga pelo mar perigosas pontas e montanhosos cabos, um dos quaes, o Ras-Haffun, tem o aspecto, visto do largo, de uma enorme meza de arestas vivas e faces aplainadas. De frente d'ella cruzei-me uma vez com o *Malange*, que vinha de Zanzibar offerecendo panno á monção do sud-

oeste, e a bordo do *Moçambique*. onde eu ia então, tanto se festejou o encontro que para memoria d'elle photographou-se o brilhante paquete, no acto de nos perguntar por signaes se precisavamos de alguma coisa. Nós estavamos parados despejando uma caldeira, em que se receiava que houvesse avaria.

Gastam-se perto de cinco dias do Guardafui a Zanzibar, e durante elles quasi nunca se avista a terra. E' o lanço mais fastidioso de toda a viagem de Lisboa a Moçambique, para quem não sabe entreter-se com o mar nem descobrir distracções no viver de bordo. Apenas a passagem do equador faz ás vezes registar episodios burlescos de ignorancia e facecias de jovialidade maritima na chronica sorna d'esse viver, de ordinario só preenchida pelos *menus* das comidas. Apesar da *diffusão das luzes* e da vulgarisação das viagens, ainda ha bemaventurados que querem ver a *linha*, no mar ou no céu, não sabem bem onde, e ha felizes que a distinguem nitidamente, se a procuram com um oculo sobre cujas objectivas se passou, sem elles perceberem, um tenue fio de seda. Vão-lhes lá dizer, ao cabo da viagem, que a *linha* é convencional; se elles a viram, com aquelles que a terra ha de comer!

Ao innocente prazer de mystificar estes credulos associam-se, quando ha calma no mar e nos animos, os regabofes tradicionaes da festa de Neptuno, temida pelos *pelludos* e querida pelos tripulantes.

Onde estas festas se celebram com todas as cerimonias do velho ritual dos marinheiros de cabos fóra, arria-se despercebidamente dos passageiros um escaler que depois figura dirigir-se á força de remos para o paquete e intimal-o a parar; o navio obedece, e sauda com um tiro de peça a visita do deus do mar e da sua comitiva bisarra de tritões. Outras vezes simplifica-se este cerimonial, e Neptuno apenas cae de uma verga sobre o convez, tão real e verdadeiro como a Sapho que no nosso theatro lyrico se despenha dos rochedos no final da opera. O bando folgasão vem mascarado com quantas farroupagens poderam fornecer os guarda-roupas dos porões: velhas fardas viradas do avesso luzem os seus forros vistosos, saias de mulheres atadas ao pescoço figuram vestimentas mythologicas, busios enormes servem de capacetes, chifres ôcos imitam businas, e nunca faltam a Neptuno os accessorios symbolicos de umas longas barbas de estopa e de um tridente, prateado com involucros de charutos finos. O terrivel mano de Jupiter bota uma falla, em calão de bitacula, aos passageiros reunidos; ameaça fazer ir tudo com milhentos diabos se os caloires que ainda não passaram a linha não pagarem

a *patente*. Pelo velho codigo deveriam ser mergulhados no mar; mas como está fria a agua e elle, Neptuno, está em maré de clemencia, condemna-os apenas a serem barbeados e escanhoados pelos seus tritões, que para isso trouxeram um caldeirão de rancho cheio de espuma de sabão, um lambaz para servir de pincel, e navalhas de barba, do tamanho de um braço, cortadas na folha de uma pannela fóra de uso. A maruja applaude n'uma verdadeira faina geral de risota, os caloires resgatam-se da escanhoadella pagando a patente a dinheiro, e alguns desconfiados esbravejam, representando assim o melhor numero do espectáculo, que vae acabar á prôa, em ruidosas expansões de jovialidade, de que ás vezes são victimas os moços e creados de primeira viagem, que Neptuno baptisa com baldes d'agua ou a quem os seus ministros rapam meia cabeça.

E' boçal, tudo isto; mas as gargalhadas francas fazem echos tão festivos nas solidões do oceano!

Passando ao largo de muitas terras que recordam glorias portuguezas e teem os nomes registados nos *Lusiadas*, chega-se afinal á latitude de Zanzibar, e aprôa-se a oeste, deitando o rumo por entre uma costa e uma ilha cobertas por alta e densa vegetação. Verdura, verdura, arvoredos copados, chão arrelvado, ha quanto tempo se não viam essas galas de natureza! Desde Suez, onze ou doze dias passados! A vista, ferida de se roçar em areaes e de esbarrar em rochedos, balsamisa-se n'aquellas margens viçosas de um mar de profundo azul, encrespado por pequeninos seios arfantes.

Com essa primeira ilha enfia-se outra e outra, todas parecendo parques plantados n'agua, algumas marcadas por pharoes e balisas branquejantes; depois, começam de se incrustar edificios recortados nos massiços verdes, avistam-se por todos os lados terras luxuriantes ou penhascos esburacados como esponjas pelas ondas que os circumdam, e surge-se n'um vasto porto coalhado de navios, em frente d'uma cidade alegre, vigorosamente colorida, toda enramatellhada com mangas e palmeiras, mastreada por flexas e minaretes, empavezada com bandeiras e franjada á flor d'agua por mastros movediços de pangaio. Esplendido panorama, alagado de luz, rico de tintas, vivo, quente, oriental!

Quem quizer conservar esta grata impressão de entrada, não deve, porem, desembarcar nem sequer esmiuçar o panorama. Zanzibar é para ser vista de longe e sem oculo.

Os desenganos começam no desembarque. Ao atravessar o porto n'um catraio tripulado por negros falladores, é raro escapar aos bor-

rifos da *calema*, quasi constante, pelo menos em certas epochas do anno, e não se salta em terra sem imminente risco de quebrar as pernas. Ha um caes de pedra, que teve duas escadas lançadas sobre a praia; mas as escadas transformaram-se em montões de lages e pedras de alvenaria, cobertos de limos es-

corregadios, que é forçoso galgar com pernas de gigante e equilibrios de arlequim, quando a maré está baixa. O caes limita uma grande praça irregular, mal gradada, que dá acesso á residencia do sultão, cujo corpo principal é constituído por um edificio vasto e elevado de forma quadrangular, guarnecido de lar-

varandas sobrepostas com gradeamentos recamados de douraduras e renques de candelabros, destinados ás illuminações rituaes das grandes solemnidades mussulmanas; sobe-se para elle por uma ampla escadaria, cujos patamares são guardados por soldados de apparatusos uniformes. Este edificio sem arte, sem gosto, mas com uma certa magestade, communica por passadiços cobertos com pavilhões de galerias envidraçadas que olham sobre o porto, e com o harem, vasta mole de paredes denegridas e janellinhas de rotulas, e em frente d'estas construcções irregulares e

desconexas, de edades diversas, apruma-se uma torre isolada e esgalgada, que serve de pau de bandeira do sultanato, de posto semaphorico, de pharol, de regulador da hora official, e sobre o qual um sultão já fallecido, creio que Said-Bergasch, quiz revelar ao seu povo as maravilhas de sciencia europea desumbrando-o com os esplendores d'um facho electrico, que ainda agora se accende em certas noites, tingindo de claridades brancas os cascos e os apparatus dos navios fundeados. Nos baixos do palacio, estacionam guar-

das numerosos de persas ou zanzibaristas com as espingardas ensarilhadas, e todos os dias, de manhã e á noite, vão bandas marciaes, em cuja organização predomina a pancadaria, saudar com o hymno e recrear com melodias indigenas o bemaventurado sultão, que se digna apparecer ao seu povo do alto d'uma varanda. O hymno de Zanzibar assemelha-se ao inglez, e essa semelhança repre-



ZANZIBAR — EPISODIO DE UMA RUA

sentou a previsão d'um futuro, quasi inteiramente realisado hoje.

A praça é o ostentoso e mentiroso atrio d'uma cidade que não póde ser comparada com a nossa velha Alfama, sem offensa do brio lisbonense. Compõe-n'a um labyrintho de casas altas, de frontarias irregulares e denegridas, cujo unico luxo consiste nas portas exteriores, de valiosas madeiras caprichosamente lavradas, e nos massiços de edificações cortados ou antes fendidos por estreitas vielas tortuosas; cujo pavimento em regra é de

terra mal nivellada e endurecida pelo piso, quando a não empapam chuvadas. N'essas viellas, assombradas sim, mas tambem atabafadas pelas altas paredes e pelos estirados beiraes, condensam-se os bafos quentes e fedidos das habitações accumuladas, as exhallações miasmáticas do solo coberto de despejos e repassado por enxurros, e as secreções vaporizadas d'um formigueiro de transeuntes, indigenas de turbante e cabaia, macillentos hindús de algubas de matiz e barrete dourado, swahilis de corpulentos troncos mal cobertos por camisas brancas, que se crusam e se enfileiram nas labutações da vida ou nas *flaneries* de vadiagem trocando na passagem distrahidos *salame!* Pardieiros em ruínas, montões de terras e caliças, edificios desalinados, ainda mais afeiam e obstruem estes miandros emmaranhados, e em alguns dos bairros archeologicos, vetustas pedras sepulchraes, encostadas aos muros, fazem desconfiar de que nas pestilencias da atmosphaera tambem ha cheiros dos mortos ali enterrados debaixo dos pés dos vivos.

Esta abjecção, esta sordidez, não encontram, porém, a riqueza da cidade, activamente mercantil. Os estabelecimentos são baiucas de tectos baixos e toscas armações, mas n'essas baiucas accumulam-se productos opulentos da ilha e do continente fronteiro, de mistura com artigos luxuosos de todo o oriente, e até com primores artisticos da India, do Japão, do Ceylão, da China, colchas e chales de precioso lavor, bronzes e porcellanas finas, ourivesaria delicadamente cinzelada, perolas e gemmas, cachemiras e plumagem. A's portas de lojas lobreagas, ourives indigenas fundem, lavram e rendilham curiosas joias para pretas garridas, e as freguezas d'estes modestos artistas, embrulhadas em pannos de seda espalhafatosa, com pregos de pequenas cabeças douradas e prateadas cravados nas azas do nariz e nas faces, e enormes rodellas de filigranna embebidas nos lobulos das orelhas, provocam nas ruas os estrangeiros com palavras que os olhares traduzem. A par d'estas revelações d'uma abundancia que chega para pagar torpezas, observam-se provas de solidas abastanças. O movimento commercial do porto é importante, e coagula os navios de cravo, copra, gomma copal, pimenta, pelles, no valor annual de mais de 4:000 contos de réis. As vistas que penetram nas casas de sombrio aspecto surpreendem muito interior onde o conforto europeu se associa aos regalos da Asia para attenuar as inclemencias equatorias. Numerosos arabes trajam custosas sedas, montam cavallos de preço, usam armas de metaes e lavores preciosos. Nas ruas menos estreitas rodam equipagens

luzidas, guiadas por cocheiros engalonados e precedidas por lacaios andarielhos, que ora apumados na trazeira do vehiculo, ora correndo adeante das parellhas, affastam os transeuntes a gritos repetidos de *semelé! semelé!* ou a açoites de chicotes curtos de muitas correias.

Mas o verdadeiro mimo e o luxo real de Zanzibar são os seus arrabaldes, em que vivem, ou teem casa de campo, os estrangeiros opulentos. Onde acaba a casaria apinhoad, começa de estender-se um immenso parque natural, toldado com ramarias de todos os tons de verde e todos os moldes de folhagem, em que a graciosa arvore do cravo mistura os seus aromas com o da flôr do laranjal, o coqueiro estende a umbrell de olas sobre os cachos vermelhos das acacias, as copas escuras e luzidias das mangueiras contrastam com os lançamentos esfusiados das casuarinas de finas agulhas, e as mais variadas especies arboreas sombreiam moitas de arbustos entrelaçados e arrelvados de capim, a que a humidade dos pantanos perpetua o viço. Pompeia alli na sua plena exuberancia a flora tropical, tão rica de formas e de matizes, tão poderosa e tão delicada, e por entre os palmares e as mattas levantou a arte europea palacios e *villas, cottages e challets*, casas de missões e pavilhões de clubs, hospicios e capellas, cujas frontarias alvejam pelas abertas das ramarias, e que alçam os mirantes e os lanternins, os corucheus e as grimpas, as flechas e as cruzes acima das esplanadas ondulantes da verdura. Quasi todos esses edificios são elegantemente desenhados e alguns primam pelo gosto e pela riqueza. Os inglezes especialmente installaram n'aquelles hortos expontaneos o *country*, que elles sabem improvisar em toda a parte do mundo onde se enraizam, com as capellas onde entoam psalms, os terrados onde se joga o *cricket*, os salões em que se bebe cerveja, se lê o *Times*, as missões que espalham biblias e o aconchegado *home*, que é viveiro de *babies* de cabellos loiros caídos em anneis sobre largas camisollas de marujos. Mas não só elles os povoaram e decoraram. O proprio sultão tem uma casa de campo de architectura brincada no meio de arvoredos frondosos, e as ostentosas vivendas dos ricos não expulsum as cubatas de indigenas de orlados quintaes plantados de mandiocas.

Apesar de ser influenciada desde muitos annos, e agora dominada politicamente pelos europeus; apesar de na sua população indigena se terem misturado, especialmente na cidade, um sem numero de asiaticos, professos em todas as religiões e seitas religiosas em que é tão fertil a Asia, Zanzibar

não perdeu o seu character fundamentalmente africano nem o seu espirito essencialmente mussulmano. Os preceitos do Koran são cumpridos na ilha, e as solemnidades do islamismo são celebradas na capital, com pontualissimo zelo, e até com certa ostentação provocadora, por multidões compactas, no meio das quaes não é prudente perderem-se estrangeiros. Também os costumes e as praticas de antiga barbaria vão resistindo ás persuações e ás intimações da civilisação européa e da autoridade britannica; assim, apesar do congresso de Bruxellas e do protectorado, é sabido que n'uma praça de Zanzibar, em dias certos da semana, funciona dissimuladamente um mercado de escravos, em que se vendem negros trazidos de muitas regiões do continente e até das visinhanças de Moçambique, simulando-se que taes vendas são meras transmissões de antigos direitos de propriedade, anteriores ás prohibições fulminadas contra o escravismo. Os ingleses vêem estas transgressões das leis humanitarias, que tão alto proclamam, e callam-se; o sultão não ousa arcar de frente com os interesses e as tradições do seu povo. Tendo o consul de Portugal, ha poucos annos, descoberto dentro da propria cidade, alguns carregadores do infeliz Valadim, redusidos á condição de escravos, só a poder de esforços e usando da sua influencia pessoal junto do sultão logrou resgatal-os. Também a policia britannica não consegue extirpar muitos habitos

viciosos, sordidos, anti-hygienicos, desordeiros, da população baixa de Zanzibar, que tornam esta cidade repellente, e até perigosa, para o visitante; a altivez nacional, a intransigencia religiosa, as tradições seculares, os pendores de raça, reagem surdamente, contra dominadores christãos, e até contra os beneficios que elles queiram impôr-lhes, e Zanzibar teria conservado, ou ainda recobraría, a independencia politica, se não fosse uma ilha, franqueada por todos os lados a desembarques, e se os seus habitantes se não tivessem agglomerado á beira-mar, ao alcance das balas e da propria metralha das esquadras. Calcula-se que esses habitantes são 150:000, e na capital vivem 100:000!

Estes sentimentos dos zanzibaristas contribuíram para amargurar a desdita do pobre Said-Ali, o sultão hoje extincto, que foi victima do tractado de julho de 1890, firmado entre a Allemanha e a Grã-Bretanha, que por tanto tempo disputaram a dominação do paiz.

Os subditos nunca lhe perdoaram ter accettato o protectorado estrangeiro, como se elle podesse evital-o, com a artilheria d'uma corveta desconjunctada; por outra parte, o seu desejo de poupar as susceptibilidades nacio-



ZANZIBAR — CAPELLA CATHOLICA

naes attenuando os vexames d'esse protectorado, fel-o incorrer no desgastro dos protectores. Nos ultimos dias de vida causou-lhe desgostos graves a collisão perpetua, em que se via, entre os subditos e o suzerano. Em dezembro de 1892, quando passei em Zanzibar a caminho de Lisboa, contava-se que o consul, Mr. Portal, lhe requisitára soldados, creio que 800, para a expedição a Uganda auctorizada por lord Rosebery, e elle receiando que o povo comprehendesse todas as humilhações da sua dependencia vendendo-o pôr tão numerosa fracção do exercito ao serviço d'uma empresa de interesse estrangeiro, só por estrangeiros dirigida, e dirigida contra mussulmanos, tirára d'esse receio

coragem para não satisfazer a requisição; o consul, porem, tinha passado por cima d'esta sua resistencia impotente, e fizera marchar os soldados. Repetiam-se frequentemente embates semelhantes, e os ingleses estavam já tão descontentes com a indocilidade do pobre soberano nominal, que, ultimamente, haviam descoberto que elle desejava retirar-se para Mascate, d'onde é oriunda a sua familia; a morte, porem, condemnou-o a um desterro mais perpetuo em mais ignorada região.

Desapossado dos poderes da soberania, a unica consolação de Said-Ali eram as pompas e os regalllos das côrtes orientaes. Gostava de vêr desfilar os seus parses de altos barretes, os seus irregulares, que marchavam dando saltos e fazendo momices, o seu unico batalhão de infantaria regular, fardado á européa, e quando as bandas militares lhe tocavam o hymno debaixo da varanda, persuadia-se de que os espectadores, reunidos, na praça, acreditavam que elle ainda era sultão. Sem ter um harem tão povoado, como seu irmão Said-Bosgasch, refrescava-o de quando em quando com sortimentos novos encemmendados na Turquia Asiatica, e alguns lhe levaram os paquetes da Mala Real,—e comprasia-se naturalmente no seio da sua complicada familia multicolor, em cujo governo os inglezes se não intromettiam, que constasse. Ultimamente, porem, dificultaram-se-lhes estes mesmos apparatus e gosos, porque o protectorado tomou-lhe posse dos rendimentos, avaliados em cêrca de 240 contos de réis annuaes, substituindo-os por uma pensão de 80 contos approximadamente, e esta quantia, bastante redonda para um chefe de familia monogama, mal lhe chegava para os alfinetes de cincoenta e tantas esposas de diversas gradações e para a bonecagem de trinta ou quarenta pequerruchos. E' certo que o sultão tambem tinha a sua agencia. Possuía cahambeques que faziam carreiras para a India, negociava por conta propria, vendia os productos das suas propriedades, mas... a unica firma commercial de Zanzibar cujos negocios corriam chronicamente mal era muito naturalmente a de Sua Alteza, que tinha muitos socios para os lucros e nenhuns para as perdas.

A todos os desgostos politicos juntavam-se, pois, os embarços financeiros para entristecerem a vida de Said-Ali. E essa tristeza ressumbrava-lhe do semblante pallido, emmagrecido, de feições regulares e expressão dôce. Parecia ser um fraco e um bom. Não mandou matar ninguem, nem sequer um irmão ou um sobrinho. Recebia os estrangeiros que o visitavam com uma lhaneza de burguez, ain-

da quando se rodeava das etiquetas sultanezas, e prestava-se ás visitas como se fôsse uma das *curiosidades* do seu paiz.

Duas vezes fui recebido por elle, e as recepções faziam lembrar scenas das peças de grande espectaculo da Trindade, em que a acção se passa no Oriente. As tropas, umas tropas que pareciam fardadas pela thesoura do Cohen e caracterisadas com bigodeiras de crepe, formavam em linha nas ruas desde o atrio do palacio, musica á frente, tocando o hymno da Carta com soffrivel correcção e um certo *entrain*, porque a maioria dos musicos eram filhos da nossa India; a praça enchia-se de comparsas, quero dizer de povo, um povo de mescla branca, amarella e preta, tambem com fatos de guarda-roupa em cuja mór avolumavam os portuguezes indianos, que em Zanzibar compõem uma numerosa colonia, cujos membros quasi todos se appellidam *Souza* e vendem bebidas alcoolicas. Ha até na cidade uma rua dos *Souzas* e um commerciante opulento cognominado o *Souza-grande*, para o distinguir d'uma plebe sem conto de pequenos *Souzas*.

Na entrada do palacio e nas escadas formavam os guardas do corpo do sultão, vistosos, com muitas simitarras e adagas passadas em cintos de seda, e Sua Alteza vinha esperar a visita ao patamar do pavimento nobre, acompanhado por muitos figurões de grandes barbas negras, turbantes bem lavados, cabaiaes e albornoz de lustrosas sedas, grandes de côrte nas horas de gala, e na sua maioria, honrados vendedores de cravo de cabecinha ou de miolo de côco, fóra do serviço palaciano. O despretencioso soberano apertava a mão dos hospedes e a todo o pessoal de sua comitiva, sem lhes impôr zumbaias e salamaleques, e levava-os para a sua sala do throno, uma extensa galeria de largas vidraças abertas sobre uma galeria e paredes recamadas de douraduras, em cujo topo pou-sava, sem estrado nem docel, uma cadeira de prata dourada, com braços feitos de dragões e estofos de damasco cramesi; n'essa poltrona tomava elle assento, não sem primeiro mandar sentar tambem a visita, ao seu lado direito e ao mesmo nível, exactamente como faz em sua casa qualquer portuguez que tenha lido em pequeno o compendio de João Felix. As comitivas accomodam-se em extensas bancadas sem costas, de estofos vermelhos, alinhadas ao longo das paredes, ficando os estrangeiros á direita, os nacionaes á esquerda, e principia-va a audiencia.

Um interprete em pé deante do sultão, que fallava o seu idioma, fazia saber ao visitante que Sua Alteza estimava muito conhecê-lo, ao que elle respondia banalidades cortezãs;

fallava-se das boas relações entre Portugal e Zanzibar, omitindo, já se vê, o episodio de Tungue, Said-Ali desejava saber se em Lisboa fazia muito calor e se as laranjas eram doces ou se as mulheres pintavam os dentes de preto, e quando a conversação principiava a esmorecer, levantava-se um visir ou o que quer que fôsse e introduzia uns negralhões com bandejas de prata, que distribuíam

aos estrangeiros chavenas de café, umas pequeninas chavenas de lapis-lazuli, creio eu, sustentadas por garras de ouro; o café era aromático, verdadeiro Moka, mas não tinha assucar. Àquelle serviço seguia-se outro, depois de curto intervallo; nova creadagem enfarpellada á oriental, offerecia copos para agua cheios de um liquido opalino nevado que sabia a rosas, e cuja composição não cuidei de averiguar, lá se bebia ou provava aquelle refresco em cima de café, a escaldar. Ainda mais alguns obsequios? Sim.

Quando estava para terminar a audiência, um mordômo dirigia-se a cada pessoa recebida, pedia-lhe por signaes o lenço de assoar, derramava sobre elle algumas gottas de essencia de rosas, e tornava a entregar-lh'o; finda a aromatisação, o soberano acompanhava os hospedes até ao patamar, despedia-se d'elles com outra distribuição de *shake-hands*, esperava obsequiosamente que descessem a escada, e, cá fóra, as bandas tocavam o hymno, as tropas apresentavam as armas.

Horas depois, o visitante recebia o diploma d'algum gráu da ordem da *Estrella refulgente*, e, geralmente, um presentinho, de que fasia parte obrigada um frasco de essencia de rosas. Os diplomas eram escriptos em caracteres arabes com cercaduras illuminadas á pen-

na. Um, que recebi, chama-mé *vizir do Rey de Portugal*, o que me inspirou desejos,—não de ter harem, salvo seja,—mas de vestir cabia e turbante ao menos no verão. Tambem não era difficil, ás senhoras que aportavam a Zanzibar, visitarem o harem, mas a visita não as reconciliava com os costumes orientaes nem lhes dava bôa idéa do sentimento esthetico do sultão.



O SULTÃO SAID-ALI

A mysteriosa estancia não tinha luxo interior, e a polygamia escandalizava todos os pudores femininos com o seu vasto dormitorio, occupado como as enfermarias por duas filas de leitos só separadas por coxias, e no fundo das quaes pompeava a cama do sultão, velada por cortinados transparentes, suspensos d'um baldaquino.

A população compunha-se quasi exclusivamente de odaliscas côr de azeviche ou de sandalo, com olhos pintados, dentes pintados, unhas pintadas, de negro ou de encarnado; todavia, o ciume guardava esses mostrengos como se fossem circassianas ideaes, e tanto as guardava, que se alguem, ao passar na rua, levantava

os olhos para as rotulas cerradas do harem, logo um policia o mandava affastar-se, se lhe não castigava a irreverencia com uma chicotada.

A demora, ás vezes de dois dias, que os paquetes da Mala Real tinham em Zanzibar, só se aproveitava, pois, agradavelmente para visitar o sultão e passear no campo. Monumentos interessantes, não ha; os archeologos apenas poderão entreter alguns minutos examinando restos de antigas fortificações ou observando uns canhões de fabrica portugueza, que d'antes decoravam marcialmente o caes fronteiro ao palacio. A

melhor fortuna que pode favorecer o viajante é assistir a alguma solemnidade religiosa musulmana, como as dos *ramadan*, durante as quæes toda a cidade se cobre de luzes, ou a da *hegira*, que accumula em vastos terreiros situados fora da cidade multidões pintalgadas que entremeam as rezas com folias, ou ainda a da lua nova, em que tomam parte as tropas dando descargas á beira-mar. Fóra d'essas épocas em que os costumes populares exhibem as suas scenas cheias de originalidade para o europeu, a cidade abrazada por calores mal cheirosos ou alagada por chuvadas que convertem as viellas em ribeiros, atravancada nos melhores bairros por gentalha e cargas e vehiculos, mal alumada de noite por mortços lampiões, infestada por uma gatunagem atrevida que ás vezes arranca das mãos dos transeuntes embrulhos e guarda-soes e foge com a presa, antes repelle do que convida os visitantes, que mais gozam quedando-se sobre a tolda dos paquetes entretidos com o espectáculo movimentado do porto, sempre sulcado por frotas dispersas de pequenas embarcações de toldos alvejantes, coberto de pangaio de bandeiras encarnadas, frequentado por paquetes, guardado por vasos de guerra inglezes, de casco branco. Esse mesmo goso é-lhes, porém, perturbado pela perseguição dos vendilhões que, também ali, vão exhibir as suas pacotilhas, as mesmas exactamente que em Aden e Porto-Said, apenas mais augmentadas em pratas lavradas da India.

Deixa-se Zanzibar sem levar saudades, a não ser, quando se é portuguez, do obsequioso consul de Portugal, em cuja hospitaleira casa se saboreia — dizem os apreciadores — um delicioso caril, e que no exercicio das funcções consulares se cerca d'um fausto oriental, que dá realce aos primores da sua cortezia e auxilia os esforços do seu zelo pelos interesses nacionaes. Era elle o medico, o medico habilissimo de Said-Ali, cujo valimento a miude fez reverter em beneficios ou attenções para os seus patricios.

Do porto de Zanzibar navega-se, para o sul, entre o continente e a ilha, uma grande ilha de 80 kilometros de comprimento por 25 de largura media, avistando por algum tempo esbeltos edificios cravados n'um macisso de verdura, até que se volve á solidão do oceano sem margens visiveis. Na margem occidental, que então se costeia a distancia quando se leva rumo feito para Moçambique, abrem-se, porém, os principaes portos das novas possessões allemãs da costa oriental, e não é desproveitoso nem desinteressante o visual-os, porque a visita, por mais que seja curta, deixa a impressão de que o caracter

germanico transplanta para as colonias qualidades d'ordem e disciplina, quasi authomaticas, que o assignalam na Europa.

Regressando a Lisboa no *Kanzler* da companhia allemã, entrei em Tange — mais ao norte de Zanzibar no continente — em Dar-en-Salaam e em Linde. Não fiquei formando alto conceito da prosperidade mercantil d'estas estações, porque em nenhuma d'ellas se abriram as escotilhas do paquete para receberem um fardo, que fosse, de mercadorias destinadas a Hamburgo, mas todas me pareceram modelos de estabelecimentos militares e burocraticos de colonisação. As installações officiaes são magnificentes, tendo algumas justificadas pretenções artisticas e timbrando todas de scientificas, e os serviços publicos executam-se com a precisão de manobras. Tudo é *tiré à cordon*, as coisas e os homens, assim como tudo cheira a fresco, a cal dos edificios e o panno dos uniformes. O empregado do correio que vem a bordo buscar as malas parece um official de ronda que vem receber a senha; os remadores negros dos escaleres da alfandega fazem continencia com todos os tempos da ordenança; os proprios indigenas que não são soldados ou sipaes, dão ares de recrutas. Palpa-se, cheira-se, aspira-se, adivinha-se a subordinação, o methodo, a hygiene, a policia, o aceio, o militarismo, a pauta, a regulamentação, mas isso mesmo accentua a falta de movimento, de tumulto, de liberdade, do desalinho, de espontaneidade que caracteriza os centros productores e mercantis. Vê-se uma machina de governo, brunida e azeitada, mas que trabalha sobre si mesma; um quadro official de colonias, sem as colonias. Sem as armas e as fardas que por toda a parte reluzem, dir-se-hia que tudo aquillo eram lojas novas, com filas de caixeiros encostados ao balcão, esperando pelos freguezes; com a sua formidável decoração bellica, os estabelecimentos germanicos denunciam o que realmente são: acampamentos e fortalezas com exterioridades de povoações, que assoberbam mas não assimilam, commandam e não exploram, policiam e não fertilisam... A metropole manda-lhes dinheiro e soldados, e elles remetem á metropole alguns d'esses soldados e febres.

Este estado de coisas, que tantos queixumes tem já provocado em Allemanha, não impede, todavia, que Dar-en-Salaam seja um porto em que se operaram, n'um curto prazo, milagres de organização. A terra alta em que assenta a cidade está ligada ao mar por numerosas pontes de madeira, rampas e escadas-caes, como não tem nenhuma cidade de Moçambique, e guarnecem-n'a soberbos edificios, occupados pelas repartições publicas;

lá para dentro não se descobrem symptomas de riqueza nem impulsos de actividade productora; mas reconhece-se a policia da civilisação. Lá se revelam, porem, o vicio e a necessidade fataes, originarios, das colonias allemãs d'esta parte d'Africa, nos pelotões de negros, com fardas côm de grão, que a cada momento se encontram aprendendo a recrutar, e nos immensos officiaes, de capacetes cobertos de linhagem branca, que enxameiam nas ruas ermas de negociantes, a não serem os que

commerceiam com a occupação militar. No porto, um pictoresco porto em que se abrem muitos esteiros e para onde se entra per um estreito canal aprofundado entre areaes, balouçam-se canhoneiras e lanchas armadas, sempre com as fornalhas accesas para persuadirem os indigenas da legitimidade da soberania allemã com a eloquencia trovejante dos canhões-revolvers e das metralhadoras.

Custa tanto sacrificio o moderno luxo de ser potencia colonial!

(Continúa).

Victor. Leica



ZANZIBAR — A FESTA DA LUA NOVA



EGREJA E MOSTEIRO DA FLÔR DA ROSA, FUNDADO EM 1356

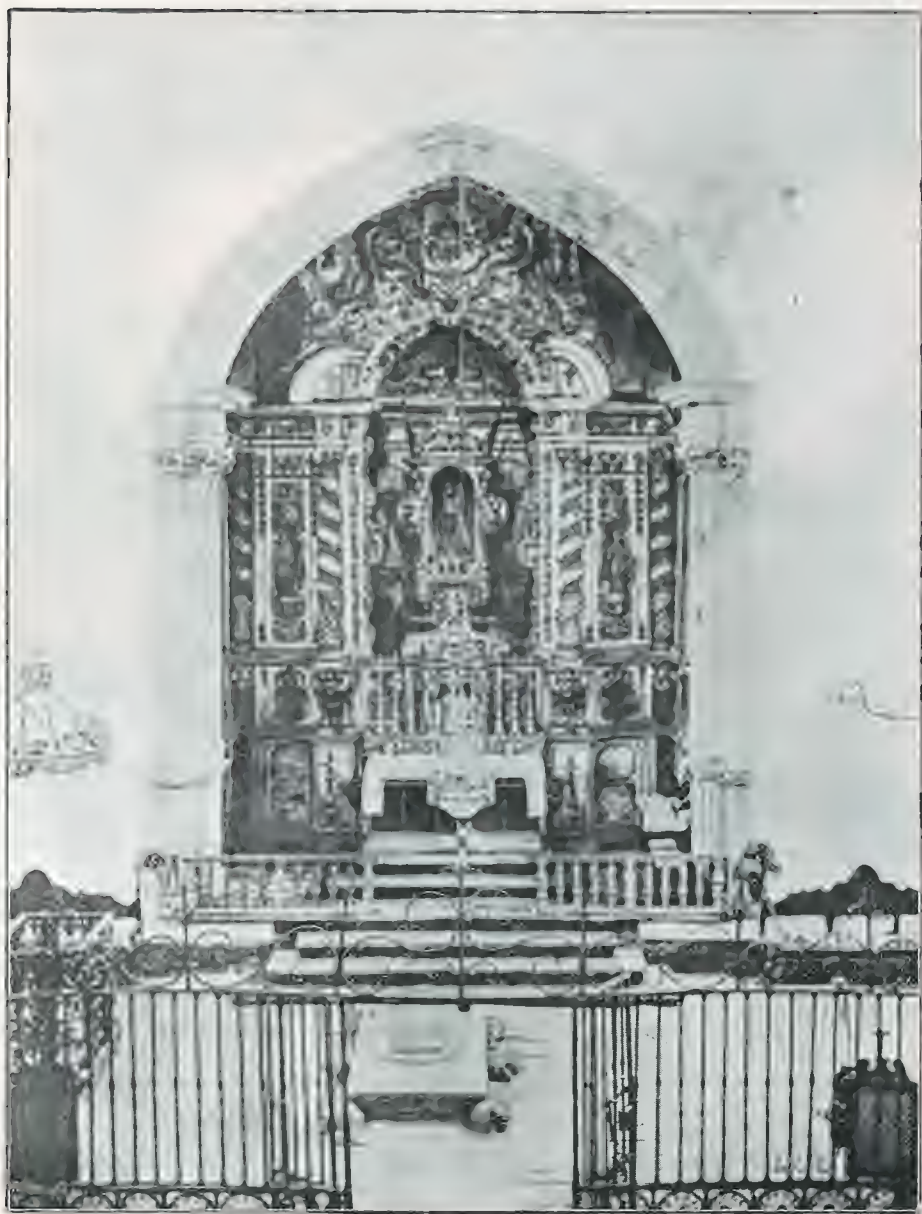
A Flôr da Rosa

NA baixa de extensa planície, limitada ao redor pelas manchas escuras dos pinhaes e olivedos, para além dos quaes o horizonte se fecha com o recorte azulado das serras, existiu outr'ora o solar de Alvaro Gonçalves Pereira, do qual ainda no dia 7 de fevereiro de 1894 restava de pé a antiga igreja fendida de alto a baixo, formando o flanco avançado d'um castello em ruínas. A certa distancia assemelhava-se ella, com as suas muralhas lisas, sem aberturas, coroadas por cachorradada rustica a uma fortaleza medieval, sempre receosa d'um ataque, e onde o silencio pôde ser considerado como estratagemma defensivo contra as surpresas de qualquer inimigo, que só do alto dos eirados poderá ser visto ao longe.

Lá em cima, no angulo d'uma das muralhas, que era por certo o fundo do arco cruzeiro, salientava-se, já destroçada, a varanda d'um mata-cães, indicando que se da igreja podiam subir orações a Deus, d'alli podiam precipitar-se a destruição e morte, sobre quem quer que se atrevesse a chegar com voz de contrario.

Entrava-se no recinto murado da velha mansão por uma porta ogival, baixa, de grossas hobreiras talhadas em granito negro, que o tempo tem esboroado. Em a nossa frente assentava um vasto terreiro, em volta do qual ainda existiam as divisões de alvenaria, que outr'ora eram logares de venda dos panneiros, por occasião das feiras, e cujo aluguel foi uma das fontes da receita privilegiada do castello. A igreja ficava á direita, e ia-se a ella atravessando o terreiro em diagonal. Junto da porta a haste d'uma cruz de pedra, sobre degraus deslocados, por entre as gretas dos quaes fogem assustadas as lagartixas, que estavam gosando o sol quente da primavera, que com a sua intensa luz illumina de chapa as velhas paredes solarengas.

Silencio profundo, apenas perturbado pelo chilrear de mil pardaes, aninhando jubilosos nos vãos dos grossos enxilhares limpos da argamassa. O vento está parado, e nem oscilla sequer uma folha dos novos rebentos. Se não fôra o sol que vivifica tudo sobre que espalha a sua luz, dir-se-hia que tanto o castello-con-



ALTAR MÓR E NO CRUZEIRO O TUMULO DE D. DIOGO FERNANDES DE ALMEIDA, PRIOR DO CRATO
FALECIDO EM 1508

vento, como a paisagem estavam petrificados. O primitivo portal da egreja desapareceu com as restaurações do século xvii e o que o substituiu, aberto entre o corpo avançado de um dos braços do cruceiro e a torre, era moderno, com o característico d'este século, mas

sem belleza de linhas ou delicadeza de pormenores que o recommendasse. E a restauração, que fez desaparecer a antiga porta, foi a mesma que nas muralhas do convento substituiu as estreitas frestas lancioladas pelas grandes janellas, quasi em quadrado, com

hombreiras finas de marmore claro e rijo. Dando-se uma volta ao redor da velha moradia, compungia ver a que ruína e abandono tudo chegara. As janellas eram enormes buracos escancarados; as portas tinham sido muradas a pedra secca para evitar que lá por dentro se acoutassem feras e bandidos. Os ventos, as chuvas e o sol reduziram as argamassas a pó, deixando as grossas pedras juntas e sotopostas, com os intervallos vazios, d'onde saíam heras robustas e parasitas destruidoras.

todos os insultos do tempo e incuria dos homens, como os seus fundadores resistiram em vida. Entretanto, os que por momentos podem viver do passado acham isto menos aviltante do que encontra-los reduzidos a quartel, como acontece á maioria d'elles. Haja vista o de Alcobaça, em cuja ampla bibliotheca, viuva dos seus codices, se installou um dormitório de cavallarias, cheirando a estrume e a pontas de cigarro. Lembrar-se a gente que onde os Brandoes estudaram e trabalharam as nossas chronicas nacionaes, se occupam os alferes na



TUMULO DO FUNDADOR, ALVARO GONÇALVES PEREIRA, PRIOR DO HOSPITAL
PAE DO CONDESTAVEL NUN'ALVARES PEREIRA

Quando alli cheguei, o sacristão já se não achava na egreja. Tinha ajudado a aviar a cerimonia da imposição das cinzas, e, pegando na espingarda, partira para a charneca á cata de lebre ou perdiz, com que se preparasse para o jejum da sardinha quaresmal em que ia entrar. A mulher d'elle, porém, prestou-se a abrir as portas, dando-me plena liberdade de vista, emquanto ia aproveitando o tempo varrendo a egreja, compondo os altares e espevitando as lampadas.

E' doloroso visitar os velhos edificios a que se acha ligado o melhor e mais cavalheiroso da nossa historia, e encontra-los votados ao abandono, caindo a pedaços, mas resistindo a

composição do rancho e os sargentos nos mapas da companhia, dá vontade de pedir a S. Bento e a S. Bernardo que voltem á terra e renovem a façanha com que livraram as monjas de Evora dos malefícios do feiticeiro, que se lhes introduzia na cerca do mosteiro.

A egreja da *Flôr da Rosa* era em fôrma de cruz latina, com as altas paredes nuas, e só, além do altar-mór, com outros dois no topo dos braços cruzeiros. Os tectos subiam em abobada de lanceta. Ao meio da nave erguia-se, sem epitaphio, o tumulo do fundador da casa, o prior Alvaro Gonçalves Pereira, tendo apenas como indicação duas cruzes na

cabeceira da lapide : uma da ordem da Malta, e outra floreada, que dizem ser a dos Pereiras. Fizeram bem em não lhe pôr epitaphio. Quando um frade guerreiro, filho d'um arcebispo, deixa no mundo trinta e dois filhos illegitimos — uma communidade — e que entre estes um se chamou Nun'alvares Pereira, pode ficar de baixo da campa sem que nella se lhe grave o nome. No cruzeiro elevava-se do chão, assente sobre leões, uma fina lapide, tendo gravadas as armas dos Almeidas, e o seguinte longo e laudatario epitaphio, escripto em letras goticas, cuja leitura fiz por alto, mas que Fr. Lucas de Santa Catharina ¹ leu e decifrou da seguinte maneira :

Sepultura do mui magnifico senhor D. Diogo Fernandes d'Almeida, prior do Crato. filho do Senhor D. Lopo de Almeida, o qual de moço mui pequeno, até que falleceu, foi sempre muito acceite, e estimado dos serenissimos reis de Portugal, D. Affonso o V, D. João o II e D. Manuel o I, por ser maravilhosamente dotado de força natural, e mui esperto em saber todas as cousas, prudencia singular para conselho, grande esforço em feitos de cavallaria; assim na paz, e nas guerras, necessidade do reino, em Castella, e Africa, contra mouros, serviu sempre grandemente, como singular capitão, e mui esforçado cavalleiro, e sobre isso nas cousas das festas, e gentilezas da côrte. E sobre todos alcançou mui grande primor. Foi duas vezes em soccorro de Rhodes, onde por serviço de Deus, e de sua religião, contra turcos, fez feitos de perpetua memoria. E tornando de lá, chamado delrei D. Manuel, foi delle recebido com gasalhado, amor, e honras desacostumadas e quando mais presada, e desejada sua vida estava por tão victoriosas obras, foi o muito Alto Senhor servido dar santo fim a seus dias, dobrando com seu fallecimento em todos muito saudoso desejo, e verdadeiro conhecimento do grande apreço de sua pessoa, e valia para serviço d'estes reinos; e falleceu em Almeirim, aos XIII de maio de 1508.

Sobre a lagea que cobre os ossos d'este varão ardiam varias lamparinas votivas, e viam-se vestigios de culto constante. A sacristã explicou-me que taes luzes eram promessas feitas á rainha santa Izael, que alli se acha depositada e que «já tem feito muitos milagres».

Agradei a noticia, e não quiz contrariar a crente mulher. Em questões de milagres o mais prudente é ouvir e calar.

Esta casa foi fundada em 1356 por Alvaro Gonçalves Pereira «em remimento dos seus peccados», como diz a carta de doação, que

el-rei D. Fernando deu ao fundador como padroeiro da egreja de Santa Maria de Castello de Vide.

A lenda conta assim a edificação da egreja, dedicada a *Nossa Senhora das Neves*, cuja imagem de marmore se venera na capellamôr.

Quando o pae do valeroso condestavel quiz fazer construir a egreja, onde então existia uma ermida de S. Bento, na piedosa intenção de restituir a imagem ao seu antigo logar, por mais esforços que empregasse, nunca o conseguia; porque trabalhando os officiaes de dia, quando vinham na manhã seguinte, achavam as ferramentas e apparelhos dos seus officios no ponto exacto onde a imagem fôra encontrada, e por isso ahi se construiu a egreja, embora o terreno fosse falso e alagadiço, «entendendo-se que era vontade da Virgem ficar no logar onde por tantos annos estivera escondida: *Quasi rosa plantata super rivos aquarum*».

Da egreja passei á sacristia, onde já se começavam a notar as interpolações das obras do seculo xvii num grande arco de volta inteira, sobre que fôra lançada a escada que levava ao côro. Existia nesta sacristia um quadro pintado em madeira, representando o *Calvario*, de bom desenho e pincelada segura e franca.

Passa-se do côro para o velho convento.

De ha muito que os telhados alli abateram, depois de apodrecidos os madeiramentos, se é que antes não voaram as telhas arrebatadas pelos tufões. O edificio está hoje a descoberto, como descoberta está a campina. Vae-se d'uma para outra sala por portas estreitas e baixas, que eram outros tantos meios de defesa, na previsão d'uma d'essas luctas ferozes, que se convertiam em terriveis caçadas ao homem. Atravessei corredores cujas abobadilhas já de ha muito desabaram, subi aos eirados onde apenas resta uma bordadura em que mal assenta um pé, depois outro pé. E por toda a parte, no chão, nas paredes, nos restos das cimalthas, ao redor dos cubellos ainda aprumados, uma vegetação forte, luxuriante e destruidora. Na cachorrada, em volta do coroaumento das paredes da egreja, e que lá de baixo me parecia restos de larga sanca, verifiquei que outr'ora corriam os balaustres d'espaciosa varanda, e nella enraizaram figueiras silvestres. Numa sala, onde ainda os raios do sol não entraram (é meio dia), demorei-me a gosar a frescura e ao mesmo tempo o aroma delicioso das violetas, que se escondem por baixo de gramineas viçosas.

E, sem medo de deteriorar aquelle jardim inculto, colhi algumas das fragrantés flôres, que guardei como recordação.

Por escada mal segura, e, que se me escan-

¹ Cf. Memorias da Ordem Militar de S. João de Malta.

carou na volta d'um corredor, desci arredando silvas e ortigas a um recinto sombrio, escuro, severo, musgoso e humido, que devia ter sido a casa do capitulo. Era um casarão comprido, coberto por abobada de volta inteira, cujos arcos mestres descansam em cachorros salientes das paredes e vem apoiar-se sobre tres columnas torcidas, que se elevam ao centro. As paredes são de grossa enxilharia irregular, sem vestígios de revestimento, e entre as marcas, de caracteres grandes e grosseiros, que assignalam cada uma das pedras, lê-se a data de 1642.

E por alli divaguei, só com as lembranças do passado, e as tristezas do presente, durante tres horas, lastimando, embora sem sentimentalidades doentias, tanto abandono por cousas, que por certo nos deviam merecer mais carinho.

Nesta como que embriaguez do passado, a

realidade do presente quasi que não actua sobre nós. A nossa pessoa desaparece, e damos-lhe menos importancia que ás silvas, que arredamos para passar, e que sem o sentirmos nos dilaceraram as mãos, ou rasgaram o fato. Por isso, sem receio da catastrophe que via eminente, demorava-me sobre as abobadas sem fechos, mal equilibradas nos rins; passava ao lado de paredes desniveladas, e d'alto a baixo fendidas; ficava admirando esses grossos pre-pianhos que mal se seguravam nos enlaces das heras, sem a consciencia de que naquelle momento podia acontecer o que effectivamente aconteceu tres annos depois.

A 17 de janeiro de 1897 as muralhas da igreja ruíram, e no acervo que a nossa estampa representa, elevaram mais um padrão de vergonha, que lá está, e estará, attestando quanto entre nós se despresam tradições honrosas e restos venerandos.

Thiery d'Assumpção



O Rapto de Lola

No meiado do seculo XX — Conto phantastico

As maravilhosas descobertas da mechanica applicada e do saber humano, que ennobreceram o findar do seculo XIX, permittem á phantasia prever para futuro proximo novas e extraordinarias condições de vida; que as actuaes só não assombram pela simplicidade com que se apresentam e pela vulgarisação que as impõe aos usos banaes de todos os instantes.

Quem hoje fala a distancia pelo telephone ou pelo radiophone, espera que a sciencia lhe permita também vêr a distancia e até onde os meios de visão actual não podem levar a avida curiosidade de seus olhos. Sente-se desde já a insufficiencia do telescopio que sonda a profundidade dos espaços, e do microscopio que revela o mundo perverso dos infinitamente pequenos.

A imaginação approxima a telegraphia sem fio de Marconi do estudo dos phenomenos psychicos, o qual pouco a pouco vae acclarando os mysterios do pensamento; e n'uma confusão inexplicavel das communicações electricas com os presentimentos animicos já se aspira a que um telepatho qualquer facilite conversar de longe sem recurso de fio conductor.

A photographia aperfeiçoa-se até á fixação de côres; o cinematographo resuscita e anima as passadas scenas da vida; o phonographo conserva e restitue, quando se quer, a voz dos que passaram. Porque se não aperfeiçoarão estes aparelhos em novas e surprehendentes combinações, ao alcance de todos, ou em reduções de algibeira ou em largas explorações de serviço publico?

O automovel, succedendo ao byciclo, o balão dirigivel em estudo, o navio voador do conde de Zeppelin, as innumeras applicações da electricidade levam á previsão, agora phantastica, dos meios aereos de transporte, mais velozes e simples do que as monstruosas locomotivas de 120 kilometros por hora ou do que essas cidades fluctuantes que prolongam as docas de Liverpool até os caes de New-York, enlaçando o velho e o novo mundo.

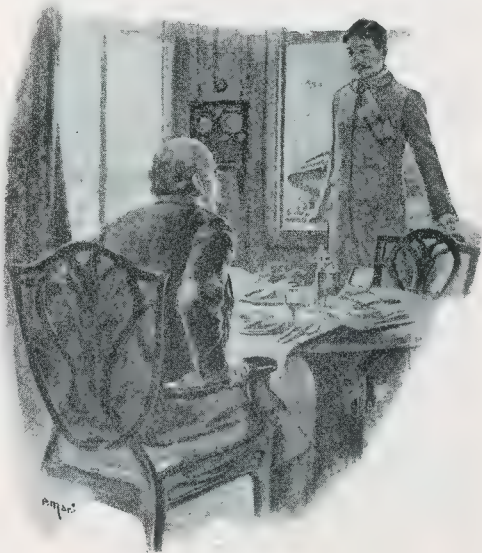
• • •

IRRA! que penoso trabalho este! — exclamou Bonifacio Mendes, recostando-se para traz na sua velha cadeira do estylo indefinido e bastardo do seculo XIX e mettendo na bocca uma pastilha de vitilina, aquelle afamado remedio da moda, destinado a estimular energia em nervos exhaustos pelo trabalho.

Um crime sensacional, revestido de circumstancias horrorosas, tinha sido perpetrado n'aquella manhã nos suburbios de Lisboa, e Bonifacio, na sua qualidade de graphico do *Relampago*, com edições de hora a hora, tinha sido designado para ir procurar as informações do succedido, por meio do antegraphico, geralmente usado na reportagem de noticias excepcionaes.

O Mendes tinha sobre os collegas competidores, a vantagem de possuir um excelente instrumento, da mais recente construcção, e bastavam-lhe cinco ou seis minutos para obter uma boa vista retrospectiva do crime, desde o primeiro pestanejar do assassino, até as ultimas agonias da victima.

Estava revelando elle proprio as delicadas *pelliculas* da noticia, no seu quarto de redacção do *Relampago*, e o carro aereo que o tinha trazido, estava ainda pendu-



Um rapaz saltava para d'entro do quarto

rado da larga janella arqueada, balouçando-se graciosamente como um antigo bote cacilheiro sobre as aguas do Tejo, esticando as amarrações ao sabor da briza outoniça.

Eram deseseis horas do dia, e os desenhos eram precisos para entrarem na decima setima edição. O assassino tinha sido apanhado pela policia, no momento em que o criminoso ru-



Levantam voo...

fião, chegava a Cascaes, onde se preparava para tomar um carro aereo de praça, para longas corridas, que o levasse a Marrocos.

Bonifacio Mendes já não era novo; dobrára os cincoenta, e os methodos rapidos do tempo, exigiam-lhe esforço violento para acompanhar e competir com os seus collegas mais novos; mas a direcção do *Relampago* conservava-o, principalmente pelo seu vasto saber de velhas chronicas da grande provincia de Lisboa.

Expedidas as *pelliculas* pelo tubo para a redacção inferior, Bonifacio Mendes carregou n'um botão de campainha que estava proximo, e destinado a dar aviso ao serviço automatico de almoços. O quarto e dependencias tinham-lhe sido gentilmente postos á sua disposição, pelos proprietarios do *Relampago*, e sendo homem só e viuvo, Bonifacio fizera d'ali a sua propria residencia.

Tomára apenas uma garfada de omellette de salmão, quando da janella se projectou uma sombra no escriptorio, e subitamente appareceu no quadro um carro aereo, de fôrma antiga e esquisita construcção, que veio chocar-se com a machina de Mendes.

Momentos depois, um rapaz todo vestido de branco, saltava para dentro do quarto. Tinha o rosto queimado pelo sol; parecia afflicto e fatigado da viagem.

— Frederico! exclamou Bonifacio Mendes, aqui? o que ha de novo?

— Como é agradável ouvir as suas expressões antigas, senhor Mendes, disse o recém-chegado. Ha deseseis horas que não toco em terra! Faça-me a fineza de me dar de almoçar; tenho uma fome de legua, como se dizia d'antes, e o rapaz olhava ávido para a omellette de salmão.

— Immediatamente, meu amigo, e Bonifacio voltando-se para a parede, carregou em diversos botões de aviso, para o fornecedor automatico servir no respectivo ascensor, um almoço succulento.

— Mas como é que o Frederico está aqui? Julgava-o ainda em Angola, no interior, ajudando a desenvolver aquelle grande imperio!

— Preciso fallar-lhe, senhor Bonifacio; mas preciso tambem comer ao mesmo tempo. Estou verdadeiramente afflicto, senhor Mendes.

— Comtudo não é afflicção que lhe prejudique o appetite.

— Talvez, mas devo dizer-lhe que a atmosfera dos céus é razoavelmente penetrante, pelo menos assim o achei esta manhã quando a vinha atravessando.

— Bem. Acompanhal-o-hei no almoço e vou servir-o, disse Bonifacio, assentando-se á meza.

— Perfeitamente, continuou Frederico com a bocca cheia. Não lhe farei perder tempo; apenas o necessario. Levei commigo para Angola dois instrumentos telepathicos.

— Ah! capricho de mulher, hein? interrogou Bonifacio com gesto intencional.

— Talvez um pouco, mas tambem lembrança minha. Não podia correr para Lisboa todas as semanas; Lola e eu pensámos que nos devia ser agradável conversarmos um com o outro algumas vezes, atravez de centenas de kilometros de nuvens.

Bonifacio meneou a cabeça indolgentemente, e Frederico accendeu um charuto.

— Hontem porém uma cousa extraordinaria succedeu. Note, senhor Bonifacio, que tenho um dos instrumentos em cima no ar, e outro cá em baixo, na terra, na minha sala. Não é facil como sabe, enviar communicações para Angola, por causa do calor dos tropicos, portanto assim obtinha maior probabilidade de que Lola podesse transmitir o seu pensamento com segurança.

— Comprehando.

— Estava sentado, fumando depois do meu trabalho, quando o instrumento vibrou, e em acto contínuo puz o ouvido á escuta. Então, ouvi a voz da minha querida Lola, parecendo estar em grande afflicção, chamando-me e dizendo-me : — Acóde, acóde Frederico ! Eu fiquei como assombrado, e depois seguiu-se um silêncio de morte.

O rapaz interrompeu a narrativa e passou a mão tremula pela fronte humedecida.

— Corri ao outro instrumento de cima, o do ar, imaginando que poderia ouvir o que o outro tivesse falhado, mas infelizmente nada mais ouvi, apesar de chamar com a maior intenção da minha vontade e de gritar fortemente.

— Gritar nunca é bom, serve só para perturbar o mecanismo, sentenciou Bonifacio. Tomou então a direcção ?

— Sim, pensei logo n'isso. Era noite, declinação de dois graus do normal.

— Dois graus do normal ! Oh ! repetiu o Mendes meditando. Depois n'um pedaço de papel fez calculos rapidos, no fim dos quaes exclamou :

— Heia ! Deveria ter-se levantado muito no ar !

— Com certeza, respondeu o rapaz. Foi a conclusão que tirei ; trezentos metros do nivel do mar, e a cincoenta ao sul de Lisboa.

— Pouco mais ou menos. Mas o que quer de mim ?

— Pensei no senhor immediatamente, disse Frederico, e tendo mettido umas poucas de balas alimenticias na algibeira, saltei para a machina, e vim como estava. O meu carro aereo é, como o senhor vê, de modelo antigo (não posso comprar um novo), mas ainda assim gastei deseseis horas para fazer a viagem.

Bonifacio Mendes sorriu tristemente. Recordou-se dos passados dias da sua infancia em que a viagem do interior d'Africa á Europa, levava semanas de fatigante transporte por terra e mar.

— Vim ter comsigo, como um antigo amigo de meu pae, para lhe pedir que me ajude. O senhor conhece a cidade de Lisboa como ninguem, e a sua occupação profissional dar-lhe-ha facilidades em descobrir o que eu de-sejo saber.

— E vem a ser ?

— Quero encontrar Lola, disse Frederico com impaciencia. Foi sem duvida raptada. Succedeu-lhe alguma desgraça horrivel.

— Como é Lola ? Com quem se parece ? perguntou Bonifacio.

— Ah ! nunca a viu ? não é assim ? replicou o rapaz. Veja ; tirando da algibeira do peito um pequeno estojo de velludo e apresentando-o ao Mendes.

Este então applicou um olho sobre uma pequena abertura do estojo, como se fosse uma lente, carregando simultaneamente n'uma mola.

— Quem é esta rapariga ? O seu nome ? perguntava Bonifacio agitado e nervoso, enquanto observava pela abertura da caixa.

— O senhor conhece-a ? disse Frederico, surprehendido do effeito que o *vitographo* produzira no seu protector. O nome d'ella, pelo menos aquelle pelo qual ella é conhecida é de Lola, diminutivo de Carlota ; o seu verdadeiro nome é desconhecido. Ella foi salva na grande catastrophe d'um velho caminho de



Faz-lhe signal de chegar á falla

ferro, em 1930, quando era ainda uma debil criancinha, e como não tivesse apparecido ninguem a reclamar-a, suppoz-se que os paes ou parentes tivessem sido victimas do desastre.

Uma senhora ingleza salva do choque, adoptou-a por caridade e poz-lhe o nome de Carlota, em casa de quem a conheci e a amei. É tudo quanto eu sei a respeito d'ella.

Bonifacio Mendes sentou-se, pousando os cotovêlos nos joelhos e escondendo a face nas mãos, enquanto Frederico estava fallando.

— 1930 ! O choque dos expressos ! A minha pequena Violeta ! Como pôde ser isto ? exclamou commovido Bonifacio. Não ha duvida ; é minha filha, o mesmo sorriso, os mesmos movimentos !

— Sua filha !

— Sim, sim ! Venha cá um instante.

Bonifacio levou o companheiro para um canto do quarto, onde havia uma pequena divisão, separada por cortinas. Um espaço branco rectangular na parede e uma machina collocada n'um pedestal, parecida na fórma com a das lanternas magicas, pintadas nos livros da nossa infancia, ou com a dos cinematographos de velho modelo.

Mendes puxou as cortinas e ficaram na escuridão. Tirando cuidadosamente da sua carteira uma folha de substancia gelatinosa, introduziu-a no apparelho e calçou um botão do lado. Instantaneamente accendeu-se dentro uma chamma

azulada, e na alva parede appareceu a figura de uma bonita mulher, vestida á moda antiga, grandes mangas, cabellos encaracolados, as saias tocando apenas nos tornozellos. A mulher sorriu-se com modo seductor, ainda que levemente triste, e estendeu as mãos aos mudos observadores, movendo ao mesmo tempo os labios ; depois parecia que caminhava para diante, e a visão desapareceu.

— Era Lola ! exclamou Frederico ; mas como obteve o senhor a sua imagem ? E n'aquelle costume esquisito ! Foi no carnaval ?

— Aquella não era a Lola, como o senhor a chama, replicou Bonifacio Mendes ; era a mãe d'ella, a minha querida defunta mulher. Se eu lhe reproduzisse ao mesmo tempo o som da voz, talvez tivesse um meio de as differencar, mas não tenho aqui o cylindro do phonographo.

— Sua mulher !

— Quando se deu em 30 o horivel choque dos expressos, eu tinha partido como voluntario e graphista na legião auxiliar aos inglezes para a conquista de Marrocos, explicou Bonifacio, guardando cuidadosamente a pelligula sensibilizada na sua carteira. Quando voltei, soube apenas que minha mulher e minha filha haviam embarcado no fatal expresso, o Relampago do Meio Dia, como se chamava então. Tive-as como mortas para sempre.

Depois subjugando a sua commoção, agarrou pelo braço Frederico e exclamou :

— Venha, venha, vamos vêr se a achamos ; não temos tempo a perder.

— Sim, disse Frederico, mas para onde ? Apenas temos a indicação do telepatho.

— Deixe-me pensar um pouco, disse Bonifacio passando a mão pela testa, n'aquelle natural movimento de quem busca avivar uma idéa ; em seguida dirigiu-se á outra parede do quarto, carregou n'um botão de chamada de um apparelho que fazia lembrar no feitio os antigos telephones.

— Que logar ? perguntou uma voz longinqua.

— Dê-me Lisboa occidental até Cascaes, respondeu Bonifacio, em secções de kilometro quadrado.

— Está um tanto escuro, ha neblina, disse a voz resmungando.

— Chegue-se Frederico, pôde vêr igualmente.

Os dois homens applicaram os olhos aos orificios circulares do apparelho.

— Vê alguma cousa ? perguntou Frederico.

— Nada, replicou o Mendes ; sómente o habitual movimento dos carros aereos, e os passeantes nas ruas cá de baixo. Está muito escuro para se poder distinguir as caras. Não vejo nenhum carro suspeito. Espere... Ah ! não ! é um municipal do serviço aereo em colloquio amoroso.

— O que se ha de fazer ? perguntou Frederico, em tom de desesperada anciedade.

— Está lá ? chamou o Mendes.

— Prompto, respondeu a voz longinqua.



...e arremessou-a ao carro de Mendes...

— Dê-me toda a linha norte, directa a Inglaterra.

— O aparelho só chega a Vigo e por terra, a linha está quebrada, foi a resposta.

— Que aborrecimento! quando aperfeiçoarão elles estas cousas? disse Frederico com impaciencia.

— Então dê-me a maior distancia que poder dar, gritou Mendes.

— Bem.

— Agora tenha os olhos bem abertos, aconselhou Bonifacio ao seu companheiro.

— Veja, disse repentinamente Frederico, aquelle carro, lá no fundo, uma mulher. E' ella. Mas... quem é aquelle homem?

— Santo Deus! é o Rocha Fino.

— Fino! Aquelle que denunciou no jornal o projecto collossal do novo lago na Africa?

— Esse mesmo; leva-a, sabe Deus para onde, o patife!... Mas onde estão elles?

— Na verdade, não possoprehender, apoiou o Frederico, fixando bem os olhos na abertura circular do aparelho—Ha mar largo em baixo; comtudo o homem do *visographo* deu-nos a maior distancia por terra.

A campainha toca.

— Está lá?

— Sim, respondeu o Mendes apressadamente.

— Por engano dei-lhe a linha da America, e o senhor vibrou perto dos Açores para fixar a vista.

— Está bem, obrigado. Tudo se explica, disse Bonifacio, voltando-se para o seu companheiro; foge com ella para America, parece que estão parados no caminho. Vamo-nos embora.

Bonifacio e Frederico dirigiram-se para a janella, onde estavam amarradas as machinas.

— O meu carro é mais veloz, disse Bonifacio, entrando para elle, seguido de Frederico.

Levantaram vôo, cortando o ar fresco da tarde, d'outono, e passaram sobre o antigo zimbório da Estrella em direcção ao mar.

No ar havia animada concorrência de carros. Elevaram-se um pouco, para accelerar a marcha e em alguns minutos chegaram á beira mar.

Detiveram-se instantes, cahiram levemente para se aproximar da costa e tomar direcção definitiva para a America do Norte.

Uma bella lua cheia ia apparecendo, e a sua pallida luz reflectia-se em escamas prateadas sobre o mar negro. Longe, acima d'elles, uma porção de carros aereos seguiam a sua rota; e junto da costa e ao longo d'ella vigilantes guardas da alfandega, nas suas machinas pintadas de vermelho, fluctuavam desassoceadamente.

Passados alguns minutos, a passagem d'um

carro conhecido chama a attenção de Bonifacio. Era um seu collega da imprensa, o Freire, que regressava de serviço de reportagem. Fez-lhe signal de chegar á falla.

— Encontrou no caminho o Rocha Fino?

— Passei agora mesmo por elle. Teve um desarranjo na machina, no motor me parece, e está fluctuando, como uma gaivota ferida.

— Está alguém com elle? perguntou Frederico anciosamente.

— Não pude vêr; estava escuro replicou Freire, e retomando a sua marcha para Lisboa, ainda acrescentou.— Se precisar de alguma cousa, telepathe-nos para o escriptorio, senhor Bonifacio.

Responderam-lhe com um gesto de agradecimento os dois viajantes, que tomavam já um vôo elevado e rapido sobre o mar.

Frederico estava n'uma grande excitação nervosa; alongava anciosamente a vista na escuridão da noite; afinal os seus olhos descobriram um objecto fluctuando entre elle e o disco brilhante da lua cheia.

Silenciosamente agarrou o braço de Mendes e apontou:

— Bem vejo; disse Bonifacio laconicamente; e com destreza dirigiu a machina por cima e a distancia de alguns metros do ingovernavel e fugitivo carro, no qual um homem alto, franzino, de vista curta, de semblante melancolico, blasphemava e martellava rancorosamente em qualquer peça do machinismo.

Frederico saltou resolutamente para a parte superior da plataforma do seu carro e viu deitada sobre o banco da outra machina, apparentemente sem vida, a sua idolatrada Lola.

O Rocha Fino estava tão occupado no concerto, que não reparou na chegada dos seus perseguidores, e só uma furiosa imprecação de Frederico lhe fez levantar os olhos.

Com desespero pegou n'um objecto em forma de bala, e arremessou-a ao carro de Mendes que elle havia reconhecido; mas com surpresa errou o alvo.

Bonifacio Mendes vira-lhe o gesto, e prevenira-lhe a intenção; n'um momento tomara da manivella e puchando-a com energia, o carro elevára-se na vertical, uns cincoenta metros acima do de Rocha.

— Bomba felizmente evitada, disse Bonifacio e olhava pallido para baixo, a vêr explodir na agua a bala arremessada.

— Senhor Rocha entregue-nos Lola, intimou Frederico desesperadamente.

— Venha buscal-a, respondeu com cynismo provocador Rocha Fino, denunciando na phrase laconica a sua educação classica, não me escapará pela segunda vez— e continuou a concertar a machina.

— E' forçoso que nos aproximemos d'elle,

concluiu Bonifacio. Se consegue acabar o arranjo, achar-se-ha em cinco minutos do outro lado do Oceano. E' uma corredora de primeira ordem, construida para o concurso internacional do anno passado. Ouça bem, Frederico. Vou cahir perto do carro do Rocha e o senhor salta para elle; toma Lola nos braços e passa-a para mim. E' novo e forte. Eu não posso infelizmente.

Frederico fez um simples signal de assentimento com a cabeça.

— Agora! disse Mendes, e deixou cahir o carro rapida e precisamente como bom e experimentado machinista aeronauta.

Com o coração agitado, mas resolutivo, Frederico saltou para dentro do carro de Rocha, e vigorosamente, em breve lucta, subjugou-o e atordoou-o, sob uma saraiada de soccos.

Com o mesmo esforço atheletico e rapido, de quem se habituára em Africa a lutar pela vida na concorrência feroz do interior do novo imperio d'Angola, Frederico tomou nos braços Lola desmaiada, e passou-a para Bonifacio que, pallido de commoção, estava de pé no carro prompto a recebê-la. Frederico teve ainda tempo de saltar.

— Depressa para cima.

Com effeito o Rocha recuperara os sentidos, quasi perdidos pela força da pancada que recebera, e tomara nas mãos uma outra bala explosiva.

— Uma nova bomba!

Bonifacio manobrou habilmente e elevaram-se com afflictiva rapidez. O Rocha, espumante e cego de raiva, ainda arremecou para cima a bomba mortífera, empregando toda a sua força no attentado.

Bonifacio porém, subira mais ligeiro na vertical e a bomba, perdido o impulso do arremecimento, veio cahir no proprio carro de Rocha, explodindo com a queda e despedaçando em mil fragmentos a machina e o seu infeliz mas perverso tripulante.

Alguns dos destroços elevaram-se pela explosão, mas não alcançaram o carro de Bonifacio. Quando afinal pallidos e tremulos, se sentiram com animo de olhar para baixo, viram apenas bocados dispersos de málgamo e de alumínio, boiando no vasto mar profundo, frageis testemunhas do fim do Rocha Fino.

Entretanto o ar subtil das alturas, e os cuidados de Frederico tinham feito reviver Lóla, que por feliz acaso encontrava a um tempo o noivo e o pae.

Contou ella que o Rocha tinha descido do ar inesperadamente quando passeiava n'uma rua solitaria do parque da senhora ingleza, sua protectora, em Cintra, onde viera pas-

sar o verão, e apesar dos seus gritos, conseguiu raptá-la. Conservou, porém, a presença de espirito bastante para reparar na posição do sol, e rapidamente fazer o necessario cal-



...despedaçando em mil fragmentos a machina...

culo mental para obter a direcção exacta da casa de Frederico. Como trazia sempre consigo o pequeno aparelho, telepathou-lhe, tendo apenas tempo de lhe dar o aviso que o sobresaltára, porque o raptor, subito e brutalmente lhe quebrara o delicado telepatho.

Trocadas estas primeiras impressões, viraram de rumo e voaram ligeiros em direcção a Lisboa, sob um luar esplendido, n'uma atmosphera serena e limpida. A pobre rapariga sorria de felicidade, apertava a mão do noivo, e encostava a gentil cabecita no hombro de Bonifacio, a quem dizia:

— Uma donzella salva e uma filha que encontra seu velho pae desconhecido, parece um drama do tempo antigo, não parece?

— O romance da vida, minha querida, é de todos os tempos. Mudam apenas os meios de acção, sentenciou Bonifacio Mendes.

(Imitação).



CAPÍTULO SEGUNDO

A Braseira

No dia seguinte, com a clara luz do sol entrando-lhe a jorros pelo quarto, no atribulado espirito de Adozinda entrou tambem uma claridade tranquilla e confiante. Que lhe importava a ella que para ali assim tivesse agora vindo essa boneca envernizada e petulante em que toda a gente, á falta de melhor, fallava?... Deveria isto porventura trazer-lhe cuidados, desdobrar qualquer pernicioso influencia sobre a sua vida?... David gabára-a, é certo, espontaneamente, com um certo entusiasmo represado; mas, pensando bem, semelhante movimento affectivo não podia attribuir-se a mais do que a um trivial geito de galanteador. E nem para um espirito tão larga e superiormente educado como era o d'aquelle homem, nem para uma creatura tão subtil conhecedora do mundo, poderia trazer perturbadora impressão ou modificação sensível a mimica vulgarmente tentadora d'essa desabusada rapariga, — que ella ainda nem tinha visto, felizmente! — com tanto cáio e vermelhão no rosto como artificio e dobléz na alma.

Vá, portanto, de arredar maus pensamentos, que o sol sorria-lhe confiante, lá do alto, e o dia estava um encanto. Trazia-lhe, para mais, seguras azas ao remontado alôr da esperança a mesma ingenua illusão da mocidade.

Sobre a tarde, ao tomar do chá, o doutor David appareceu; e tão affavel e carinhoso veio, tão serenamente prazenteiro, tão sinceramente desaccordado da pequenina sensaboria da vespera, que Adozinda houve finalmente por bem dar o caso ao olvido, e, tranquilla já tambem, reavivar o carinhoso lume do coração na anticipada evidenciação da sua grande felicidade emergente.

Fizéram-se até, na occasião, alguns ditos com sua mira cruel na apparatusa filha do capitão. O delegado, rindo muito, e alludindo

ao excessivo esmero com que ella pintava o rosto, dizia:

— Não é feia, não... mas lembra-me um predio em obras.

Tambem o velho Bento de Souza, com os pequeninos olhos pisqueiros na face rubra e redonda, observou:

— Estou que ella agora, espetada n'um pau, era optima para guardar o painço!

E logo a santa da mulher, a compôr:

— Ora tambem... não sejam assim! Quem sabe se essa menina teria tido bexigas?

O caso foi que, forte com estes commentarios facêtos, já ao fim da tarde não nutria Adozinda a menor sombra de suscita sobre a legitima e formal correspondencia, por parte do esbelto magistrado, ao seu tenro amor; e foi com a mais inteira confiança que os seus olhos o viram partir, ao de leve molhados d'nma saudade internectida...

Mas entretanto a fama, a figura, os meritos da gentil recémchegada continuavam alastrando pela paz mazomba da villoria n'uma vibração crescente de alvoroço. Hoje eram cinco almocreves que tinham chegado, todos cinco com as alimarias ajougadas de malas, batus, caixas de papelão, embrulhos de toda a sorte, e tudo aquillo cheio, dizia-se, de vestidos, *toilettes*, chapéus, adereços e joias de pasmar; depois, no dia seguinte, vinha n'um carro de bois o piano, cuidadosamente empalhado; depois ainda, mais almocreves com alguma mobilia, a cama, os livros. — Nem uma doutora! mais trem que uma duqueza! — Inverosimilmente crescia o pasmo e a admiração n'aquella acanhada sociedade de lavradores, parallela com a indignação dos manos Guedes, que, deante de tão arrogante estendal por parte da filha d'um «réles tarimbeiro», sentiam a sua fidalga prosapia soffrivelmente amarrutada.

— Eu cá nunca assim vi! — exclamava,

furioso, o intransigente morgado, ao almoço, dando um murro na mesa.

— Chega a ser immoral! — apoiou a irmã.

— Pelo menos, quando aqui estive de visita n'esta terra a senhora D. Carlota Joaquina...

— Lembra-me muito bem! — apoiou do lado, sorvendo uma tarraçada de leite, o padre Manuel.

— Pois quando tão nobre senhora aqui veio, e foi hospedada cá em casa... ahi estão os nossos archivos que o dizem, apresentou-se com uma modestia que espantou, quasi que indignou toda a gente.

— E' verdade, fidalgo... ninguem queria crêr.

— Queriam-n'a por força vestida de oiro, e ella, na tarde das cavalhadas, diz que nem uma simples joia tinha!

— Pois quem mais do que ella...

— Ora, fidalga, mas mesmo assim estava linda. Aquillo era *mossiço*, não precisava de enfeites. Tomaram estas francêlhas d'agora!

— Modos de vida! — epilou a fidalga, dando aos hombros, com desdem.

E os tres ergueram-se da mesa, de mãos postas, para darem graças a Deus.

As filhas do escrvão da fazenda é que andavam n'uma azafama doida, — ouve d'aqui, tira d'ali, mette acolá, — picadas na vaidade e verdes de inveja. Faltava mais aquella! não havia um azar assim... Não bastava já, a inutilisar-lhes os projectos casadoiros, aquella *serêsma* da Adozinda; vinha ainda agora, lá do inferno, essa lambisgoia, essa impostora, toda côr e chumaços, trazendo atraz de si, á laia de dote, uma loja de modas! — E então, noite alta, as duas mallogradas noivas, em torturas febrís de insomnia, na discreta escuridão da sua alcôva, sonhavam acordadas, evocando em ardentes deliquios a appetecida, a loira e macia imagem de David, arrebata-dora, distante... deliciosa e fugitiva sempre.

No emtanto, ellas fôram, com o pae, das primeiras a irem offerecer os seus serviços ao commandante do novo destacamento e á filha. E logo muita familiaridade, fartos beijos; no secreto intuito de surprehenderem fraquezas e apanharem defeitos com que, cá fóra depois, de efficacia contraminar podéssem a dominadora impressão da recémvinda.

Assim, para a primeira *soirée* que o capitão annunciou, a D. Perpetua e a D. Aurora fôram logo tambem naturalmente das primeiras convidadas. E tambem logo fizéram fincapé de não faltar. De resto, foi larga a distribuição de convites, estendendo-se mesmo a pessoas e a familias que nenhuma importancia dado haviam ainda ao exhibitivo militar. Tal o Pedro Maria Guedes, que rasgou

de impeto o cartão que recebeu; e do qual a irmã ainda em cima fêz logo summario auto de fé, queimando os fragmentos na braseira.

Comtudo, semelhante *soirée*, annunciada com antecedencia, déra extraordinario brado por todo Leomil e redondêzas. As principaes casas de Barcos, Travanca, Santa Leocadia, Armamar e Moimenta resolvêram fazer-se representar; para o que sahiram, a arejar e a pôr á moda, das grandes arcas de pau-santo com tremidos, as velhas sêdas matizadas. Houve janota sertanejo que foi de proposito ao Porto, fornecer-se de casaca e luvas. E tivêram de vir de Lamego muitas caleças de aluguer.

Os Souzas, a pedido da filha, não appare-cêram. O que logo fêz a D. Perpetua dizer para a irmã, muito abespinhada:

— E então que me dizes tu á Adozinda?...

— Eu logo vi...

— Ora o melindre!

E, como o delegado estivéra, e déra flanco bastante a commentarios, logo as duas, na tarde seguinte ao baile, tomáram ao patim dos Souzas, na maligna disposição de se desforrarem ali, dando á lingua, da altiva isenção da Adozinda e do insuperavel desdem do namorado.

Portanto, logo de entrada, muitas festas, grandes espantos; e uma bem lançada girandola de interjeições a provocar o interesse.

— Com effeito! — foi o velho Souza o primeiro a ingenuamente exclaimar. — Contem lá.

E todos, curiosos, fecharam circulo, assentando os pés sobre o estrado da braseira, acabada de trazer.

— Não esteve mau aquillo, não! — disse a D. Perpetua. — Merecia vir nos jornaes.

— Ah, não tem duvida, — observou com um certo desvanecimento a irmã. — O Albino da botica disse que ia mandar uma correspondencia p'r'o *Janeiro*.

— E merece-o bem! Mas haviam de pôr tudo...

— Então? então? — tornou Bento de Souza com sinceridade, abrindo muito os olhos.

— Nada... — voltou maliciosamente a outra, enviézando os olhos á D. Adozinda, que parecia distrahida. — Elle a coisa, verdade, verdade, correu bem... com muita ordem. E a rapariga toca bem devêras!

— Não me admira nada... — disse, pachorrento, o velho, achegando com a pá, em volta das vides em brasa, a moínha que estalava.

— Ora, pois sim! — a D. Perpetua objectou. — Toca bem, mas sem gosto nenhum. Muita execução, muita execução, mas uma trapalhada!

— E o morgado do Sarzêdo, — tornou, com

Santa Adozinda

III

o admirativo olhar em alvo, a D. Aurora, — que lindos versos que recitou!

— Quando hade aquelle homem ter juizo? — disse a D. Bernarda. E reprehensiva para o *Quinto*, que queria por força chegar o gato ao lume: — Menino!

Agora a D. Perpetua, meneiando-se com geito escarninho na cadeira, não fazia senão rir. E, muito intrigado, o Souza:

— De que ris tu tanto, raparig

guiu com maldosa ironia a D. Perpetua. — Elle até certa altura portou-se irreprehensivelmente.

— Não ha nada que lhe dizer, — apoiou a irma.

— Mas depois, a folhas tantas, viu que tu não apparecias... — E voltava-se para a D. Adozinda.

— Pois não foi á falta de teimarmos bem com ella, — explicou a mãe.



...em volta da braseira...

— Cá uma coisa...

— Não, dize lá! — insistiu o velho, adeantando o busto, com os cotovelos nos joelhos e a pá suspensa vertical das mãos.

Então, depois d'uma pausa de importancia, a inzoneira sublinhou com mysterio:

— Aquelle David! aquelle David...

— Que fêz elle?...

Adozinda, apparentando sempre serenidade, apurou o ouvido, fêz-se lívida; e voltando a pregar os olhos n'ella, a narradora:

— Se eu lhes fôsse a contar!

— Então, que diabo! E' rapaz...

— Alguma das d'elle, quérem vêr?

— Nada, não sr., sejamos justos, — prose-

— Nem porque eu não tivésse que vestir! — rompeu córando, com a voz levemente tremula, a Adozinda.

— O' filha, ninguem diz menos d'isso, que idéa! — acudiu logo com muita melluria, a compôr, a D. Aurora.

— Nem ninguem tinha nada com isso, é boa! — completou a irmã. — O certo é porêr que o doutor, até certa altura da noite, cumpriu, como perfeito cavalheiro que é, o seu devêr.

— Elle não me deve nada! — atalhou Adozinda com impertinencia, progressivamente estimulada.

E n'uma lisonja sarcasta, a outra:

— Isso é modestia...

— Bom, bom, deixem-se de... amabilidades e vamos á historia! — aqui atalhou com seccura o velho Souza, inquieto já e dorido pelo patente mal-estar da filha.

— Pois o nosso David, ninguém o via, não passava das portas...

— Até que me perguntou a mim: «a sua amiga Adozinda não virá?»

— E tu?...

— Disse-lhe que naturalmente que não. E vae elle então, mordendo os beiços, murmurou: «E' singular!» N'isto, a filha do capitão ia tocar ao piano; e logo elle gentilmente se adeantou a escolher no masso das musicas a que ella lhe indicára.

— O que era, lembras-te?...

— Não sei... um nome muito exquisto... d'um tal Chopin. Sei que ninguém gostou, porque era uma trapalhada em que, volta e meia, se repetia o mesmo estribilho, e d'ali não se passava.

— Já não apparecem agora grandes peças de concerto, não... — corroborou com tristeza a D. Bernarda, — como aquella *Somnambula*, a *Traviata*, a *Norma*. Isso é que eram variações!

— Mas o delegado lá acompanhou com o maior interesse aquella massada, sempre ao lado do piano...

— Sim!?

— Ali mesmo! attento sempre ao voltar da pagina, firme e curvo para ella, sem arredar pé...

— E os olhos ternos que a delambida lhe deitava, a agradecer!

— Não imaginam!

— Tornou-se reparado!

E n'um maligno gaudio riam muito as duas irmãs, espalhando com ruído as mãos nas côxas e cravando em Adozinda os pequeninos olhos implacaveis. Esta porê, imperturbavelmente, quando as viu socegadas:

— E depois?...

— Depois o maganão offereceu-lhe o braço, deu com ella uma volta pela sala, e levou-a a sentar-se no meio das mais senhoras.

— Naturalissimo... — fêz o pae Souza, com os olhos na filha.

— Vê-se que é homem de educação, — apoiou a mulher.

— Depois dançou com ella não sei quantas vêzes... — insinuou ainda a D. Aurora.

— Tornou a acompanhá-la ao piano...

— Pudéra! se não fôsse elle, aqui n'esta negregada trata quem havia de ser? — exclamou o velho.

E muito abespinhada, a D. Perpetua:

— Ora essa! Se ella não fôsse tôla, se essa delambida se contentasse com mulheres, fe-

lizmente ainda havia... Por exemplo, aqui eu ou minha irmã.

Adozinda teve um sorriso de desprezo.

— O quê! duvidas? — repontou a outra.

— Essa mulher não toca musica de realjo!

E, dizendo, a melindrosa creança tinha coruscancias de ameaça na suavidade sideral dos olhos, e uma grossa ancia no coração e um fogo de indignação na face, que não escaparam á amorosa attenção dos paes. Pareceu prudente á D. Bernarda intervir, derivando a conversa para menos escabroso assumpto, quando a D. Perpetua:

— Mas o mais bonito foi ao chá...

— Ora, deixemos isso, meninas!

— Não! não! minha mãe, tenha paciencia... — exclamou agora Adozinda, apurmando-se na cadeira, com desusado imperio. E muito persuadente para a amiga, com a alma nos olhos:

— Anda, dize lá!

— Vaes-te magoar...

— Dize p'ra deante!

Os paes faziam insistentes signaes para calar-se á narradora, que, um pouco embarçada:

— Não, foi só isto... As bandejas com o chá e os bôlos eram trazidas por uns lôrpas d'uns galuchos, que com aquella caranguejola á frente da barriga, muito têsos, não sabiam que fazer. Já todo o mundo ria...

— Vae então a Sobredinha, com um desembaraço de tarimba, diz muito alto: «O' suas lêsmas: precisam quem os commande? Pois bem, vou eu dirigir a manobra.» E voltando-se p'r'o delegado: Quer ser o meu ajudante, doutor?

— E ahí me vão então os dois, muito maninhos, de roda da sala a servir a gente, — elle todo pisa-flôres, ella caiada como um palhaço, com as orelhas vermelhas como se lh'as tivessem puxado, — e uma risadinha agora, logo um segredinho, rapidos toques de dêdos por meio dos pratos e das chicharas... um escandalo, um positivo escandalo!

— Tinham o ar de desfructar a gente, mas não houve critica que lhes não fizessem.

Adozinda estava sobre brasas. Levou n'um relance a mão fria a acalmar a tempestuosa confusão do cerebro, premiu com os dedos nervosamente as palpebras; e como n'este momento uma creada viesse para accommodar no borrar da braseira a chaleira reluzente, logo a indomita creança aproveitou para lhe dar logar, arredando-se do estrado.

— Deixa-te estar! — disse-lhe carinhosamente o pae, que a observava sempre.

— Não, não, pae... não pôsso! Tenho calor... — E passeiando agitada pelo apo-

sento, voltava a premir com dolorosa expressão a testa.

Já farto de paciência, o pae disse então para as duas implacaveis besbilhoteiras:

— Olhem, sabem que mais, minhas senhoras?... Cada vêz mais me convenço de que Leomil é a mais réles das terras da provincia. Puros selvagens, não sabemos senão mal dizer, deitamos á má conta os mais inoffensivos signaes de civilisação.

— Ora, não é tan assim...

— E' assim mesmo! Vejam agora com este caso. Chega uma senhora, educada lá fóra, livre dos preceitos servís do seculo passado, dispondo de toda a liberdade compativel com a sua dignidade de mulher, e vendendo-se n'um meio de ursos, naturalmente dirige-se e entende-se com o unico homem que aqui encontra com uma educação igual á sua.

— Pois é isso! — exclamou a D. Perpetua, triumphante.

— Quer isto dizer que se namorem, que se amem?... — tornou o Souza.

— De cá se vae a lá...

— Não diga tólices, menina! As relações banaes do mundo nada têm com as sollicitações do coração.

— Pois nós veremos, — ameaçou a D. Perpetua, erguendo-se, com a irmã, e preparando uma retirada habil perante as disposições hostis dos Souzas. — Adeus, sr. Souza, desculpe...

— Nós, se fallámos, foi p'ra lhe matar a curiosidade... — ajudou a irmã.

— Insistiu tanto!

— Eu cá por mim já estou arrependida... — tornou hypocritamente a D. Aurora, beijando a mãe de Adozinda.

— Raparigas novas! — observou esta, com piedosa tolerancia. — Ah, não vos poder eu arranjar a todas uns noivos como uns anjos!

— Adeus, Adozinda... — dizia agora a D. Perpetua, sustando a meio da sala o passeio á amiga. — Perdôa, sim?... Olha, nunca mais! nunca mais!

E a irmã, aproximando-se tambem:

— Nem eu, por mais que puxem por mim!

— Que afinal teu pae, sem querer, deu-me razão, está commigo. Aquillo são bons um p'ro outro, deixa-os lá... O melro do tal doutor era planta muito fina para se acclimar na Galgueira. As plantas de estufa não ligam com o piorno e a urze... Deixa lá!

E beijocavam muito a amiga, que as ouvia de labios pregados e olhos baixos, impassivel, como uma estatua.

Porfim, já no limiar da porta as duas a rebufarem n'uma precipitada alluviãode palavrões e gestos o seu embaraço:

Serões — N.º 2

— E até muito breve, sim?

— Não nos leves a mal...

— Até talvez fôsse uma felicidade!

— Ainda assim, se eu advinhasse...

— Nunca mais! nunca mais!

Ellas a sahirem e a entrar pela fumosa porta da sala o vulto esmadrigado e esquelético do padre Manuel. Vinha derreado, — explicou logo. Tivêra de ir, de manhã cedo, levar Nosso Pae a uma pobre entrêvadinha, cega e idiota, á quinta do Murtal; e andára depois, té áquella hora, a dirigir e a ajudar a umas surribas urgentes na sua vinha de Riobom. Uma vida de negro!

— Sem precisão... — aventurou a D. Bernarda, complacente.

— Ah, as senhoras fallam bem! — gemeu



o padre. — Mas é porque não lhes passam as coisas pelas mãos. Está tudo pela hora da morte!

E sentou-se de pezo junto á braseira, tendo deixado na passagem orographado o soa-lho por enormes pastadas de lama.

— O certo é que eu, bem quero... mas já não posso com estas coisas! D'antes, era um regalo... levava as noites d'um somno, e ainda o dia vinha em casa do Senhor, já eu estava esperto e lépido que nem um garoto. Porém, agora... não sei que nervoso se após-sa de mim...

— É do muito trabalho.

— Farto-me de dar voltas, sempre a acordar... e então de manhã quem me vale é a minha jumenta, senão havia de me faltar de faltar á missa d'alva.

— Então o animal não se descuida?

— Ah, aquillo é admiravel! Tem umas ore-lhas que nem os ponteiros d'um relógio. Até parece milagre do Senhor, um brutinho assim... Deus me perdôe!

E' que o padre, para poupar a despêza

ainda d'um catre, dormia no chão, n'uma immunda possilga sobrejacente ao cortelho onde alojava a burra; e a altura d'este era tão furtada, que as orelhas do animal passavam, pelas tabuas esburacadas, ao pavimento superior. Pois d'esta exiguidade estrutural do pardieiro tirára o padre Manuel partido, ageitando a enxerga por fôrma que, deitado elle, repontavam-lhe do castanho ratado do soalho, quasi rentes aos pés, as orelhas da burra. E esta estava industriada na perfeição para invariavelmente cada dia, ao romper d'alva, com os lanzudos appendices auriculares em arrebite, cocegar as solas coriáceas dos pés do padre, até o acordar.

— Devia ter-lhe dado trabalho a ensinar, — acudiu D. Bernarda, enquanto a filha, momentaneamente distraída, se aproximava.

— Agora deu!

— Mas como é que fêz então!

— Ora! d'um modo bem simples... dando-lhe a razão áquella hora. De sorte que, n'aquelle momentô fatal, a fome espartava-a e zás! já não se accommodava sem eu me erguer.

Os Souzas riram muito e a mulher tornou:

— E como se chama a sua burrinha? Nunca me disse.

— Nem podia dizer... Deus me livre!

— Então?

— Os nomes são só p'r'as almas do Senhor.

N'este momento veio a creada com as chincaras para o chá, e os indispensaveis biscoitos de Lamêgo e as tortas de Vallongo. O padre Manuel, n'uma gulosa excitação, curvou-se todo para a braseira, com as enormes palmoiras largando escamas de barro e o calor do lume accendendo reflexos mordentes no verde esfiampado da batina.

— Tome, que lhe faz bem, — disse affectuosa, passando-lhe a primeira chavena, a dona da casa.

— Obrigado, minha rica senhora! Em parte nenhuma o tomo tão bom! E é o que me vale, este chásinho e as boas pingas que apanho em casa dos fidalgos.

— Ah, os Guedes são muito seus amigos.

— Graças a Deus! E já a gente de agora assim não é... Não querem saber senão de si. É gosar e apanhar, seja de que modo fôr!

— E' uma philosophia nova... — disse Bento de Souza.

— E' a tentação de Satanaz, senhor... Pois então não vêem, ainda hontem, n'esse baile que diz que deu esse tal militar, de bigode mata-moiros... o que por lá foi?

— Então?... — fêz, como por demais, o Souza, trocando com a mulher um olhar de contrariedade.

A Adozinda, silenciosa sempre, aproximou-se mais.

— P'los modos, — continuou o padre, — aquillo esteve n'uma grande liberdade. Dançaram as estopinhas, tudo quanto ha... a pedido do dr. delegado, a filha do militar cantou o fado...

— O quê!?

— O' padre Manuel, póde lá ser!

— Foi o que eu ouvi em casa do fidalgo. — E vendo muito proxima d'elle, doida das suas palavras, a Adozinda: — A menina desculpe, mas isto agora o mundo está assim! — Deitou um biscoito dentro da chavena, e sujeitando-o com a colher: — Quem não tem dentes... não ha remedio...

O Souza, que não tomava chá, tornou a achegar em circuito com a pá de roda da braseira as vides, já feitas em cinza, e abriu depois ao alto d'aquelle vulcão em miniatura umá como cratera, onde a moinha em brasa faulou, correndo.

— Costumes da cidade... — commentou de pachorra.

O padre encolheu os hombros.

— Mas diz, que é gente de educação... — a D. Bernarda objectou.

— Educação, educação... Ora o quê! P'lo menos o pae...

— Então?...

— Pois não sabem o palavreado d'elle? São tudo arrieiradas! E hontem então creio que se sahiu com cada uma...

— Custa a crêr!

— Hoje na loja do Guimarães não se falava n'outra coisa! Por exemplo: foi esse grande ordinário dançar com a mulher do secretario da camara, e a meio da festa, vendo-a tão gorda e sempre frescalhona, elle que ainda lhe não tinha dado uma palavra, saltou-se com esta: «A senhora não sua?» Ella, envergonhada, disse-lhe naturalmente que não; e elle então, a impar, diz que exclamou: «Oh, que natureza... Pois eu sou um distillador!»

D'esta vêz, a communicativa explosão do riso alcançou tambem Adozinda, desfranzindo-lhe de troça por um momento a meditativa expressão em que concentrára o seu rosto miudinho e triste. Enquanto, sorvendo com ruído da colher as sôpas, o padre tornava:

— Ah, não imaginam a troça que por ahí vae!

— Toda a medalha tem reverso... — mansa commentou a D. Bernarda.

— Não deixa de ser bem feito! — acudiu Bento de Souza, com os olhos piscantes de alegria. E erguendo-se e batendo animador na espadua da filha: — Vês tu?

— E ainda outra, querem saber?... — vol-

veu o padre, enxugando com as costas escoriadas da mão os labios de pergaminho. — A folhas tantas, quando foi do vinho fino, estava elle com o Albino da botica, o Braga e mais uma roda, e apontando desvanecido a filha: «Cá não se usam aquelles cáios, hein?... Pensam que é só proprio das comicas... Pois assim é que eu a quero sempre! tão brunidinha e tão alva como as correias dos meus soldados.»

— O homem é doido!

— Imaginem o effeito da tolice! A senhora Guedes tambem não queria crêr.

— E talvez não seja verdade...

— Ora essa! então o Braga... Não é capaz de dizer uma coisa por outra!

Entretanto, o Bento de Souza tinha ido á dispensa proxima, mettêr o espiche n'um velho pipo, a um canto, aspirára, e d'elle vertia agora para a tamboladeira um riquissimo licôr, ambreado e gordo. Depois, avançando ao padre, muito cordeal:

— Ora vá, padre Manuel... em paga de nos ter feito rir tanto, prove lá!

— Isso em cima do chá não assenta bem! — acudiu solícita a mulher.

— Não faz mal, — accentuou risonho o marido.

E ainda bem elle não fallára, que já o padre Manuel, de posse da tamboladeira com sofreguidão, tomava primeiro o aroma, com ares de entendedor, ao vinho, que logo a seguir esvaziou d'um trago.

— Que tal?...

— E' de ir ao céu! — regougou o padre, enrolando n'um epicureo estalo a lingua.

— E' uma geropiga que eu venho tratando, ha cinco annos. Clarifiqueia-a agora!

— Vale o seu peso de oiro, não haja duvida!

E dispunha-se consolado o padre a sair, quando a D. Bernarda:

— Diga-me, padre Manuel: essa ceguinha do Murtal não é a morgada?

— E' sim, minha senhora.

— Não tem herdeiros?

— Tem uma sobrinha no recolhimento... em Freixinho.

— Deve ficar bem...

Ao ouvir fallar em Freixinho, Adozinda ergueu de impeto a cabeça, abriu os olhos e cortando finalmente aquelle seu mortificado mutismo:

— Freixinho... já lá esteve, sr. padre Manuel?

— Ora, minha menina, quantas vêzes!

— E é bonito?

(Continúa)

— Aquillo ali é uma grande solidão. A aldeia é pequena, os arredores são tristonhos. Está n'uma baixa, onde ha uns campitos de centeio, e em volta não se enxergam senão cordas de montes, afogados em castanheiros e carvalhos. Uma tristeza!

— Ha de ser como se estivesse a muitos milhares de leguas do mundo...

— E' de morrer de tédio e pavor!

— Mas que te importa a ti?... — atalhou para Adozinda o pae, levemente reprehensivo. — Que demonio de perguntas são essas?

— Olhe, deixe-a fallar... — disse para o padre a D. Bernarda, estendendo-lhe a mão, a despedil-o.

— Então, com sua licença...

E o vigario ia a tornar á porta, quando Adozinda, retendo-o:

— Padre Manuel, diga-me ainda outra coisa... Já vae. E o recolhimento, ao menos, é bonito?

— Ah, isso é... Tem um mirante muito alto, que se avista de cinco leguas em redor.

— E as freiras são amigas?

— Vivem como Deus com os anjos.

— Dão muitas esmolas?

— Muitas... Póde-se dizer que o povo vive d'ellas... da sua caridade e do que dão a fazer. E então que bem que tratam a gente, n'aquella grade! que rico dôce de chila!

— Tambem eu gósto!

— Ah, os dôces de compota são a especialidade da casa. Têm encomendas até do Porto.

Passivamente assistiam agora os paes de Adozinda a este intempestivo inquerito, sem perceber.

Adozinda tornou:

— E confessor têm?

— Ah, pois não têm! Um santo velhinho!

— Conheço-o eu, — disse o pae.

— Tem 90 annos, parece feito de cêra...

Muito alto, os olhos de velludo, o cabello de neve...

— Ainda me heide confessar a elle! — balbuciou Adozinda, n'um vago extase, erguendo os olhos.

— Ora! está lá tão longe...

— De longe se faz perto...

E emquanto, sinceramente intrigados, os Souzas trocavam com o padre um mudo olhar de espanto, Adozinda suspirou:

— Quem me dêra lá!

E na incendida vehemencia do desejo uma leve tinta de aurora lhe aqueceu as faces maceradas.

ABEL BOTELHO.



TRAGEDIA EM NAPOLES

No meado do século XIV, justamente dois annos depois dos inglezes e francezes terem combatido em Cressy, o systema feudal era ainda a lei da Europa. Na antiga cidade romana de Avignon, sobre o Rhône, uma rainha de vinte annos, formosa, Joanna de Napoles, ia ser julgada por um Papa, e pelo crime de cúmplice no assassinato de seu proprio marido, André, príncipe da Hungria. Tal é o assumpto do artigo que segue e no qual se conta a tragica historia d'esta princeza italiana. As condições extranhas em que se commetteu o crime, a diversidade de opiniões emittidas sobre a culpabilidade da rainha, a falta de documentos, a incerteza ou a contradicção das chronicas tornam o problema insolúvel e permitem ainda formular as mais subteis analyses de psychologia feminina, ao sabor da curiosidade intellectual ou da predilecção affectiva dos que estudam o coração humano.

O REINO napolitano era n'aquelle tempo um feudo da Igreja, e os seus monarchas estavam sob a jurisdicção da Santa Sé. Ao Papa, por tanto como monarcha superior, Luiz, rei da Hungria, ir-

do ouvido a accusação dos embaixadores húngaros, intimou a subdita real a vir, em sua presença, fazer a propria defeza.

A scena d'este extraordinario acontecimento, para o qual convergiam as attencões de toda a Europa, dava-se na sala do consistorio do grandioso palacio papal em Avignon. Avignon era um notavel exemplo da confusão de jurisdicções territoriaes que então prevalecia na Europa: cidade franceza, com parte do territorio da Provença pertencente á corôa de Napoles, e ao mesmo tempo cidade imperial, reconhecendo uma certa ingerencia dos imperadores allemães, estava n'aquelle momento occupada pelos Papas, francezes durante aquelle seculo. A rainha Joanna, apesar de vir para o seu julgamento perante o suzerano feudal, assignalou a sua entrada em Avignon com uma proclamação na qual expedia providencias, como condessa de Provença, sobre a ordem interna da cidade.

Abriram-se as portas da grande sala do julgamento, e todos os olhares se voltaram anciosos para a entrada.

Fez-se o silencio caracteristico dos momentos solemnes. Entre dois cardeaes, avançou lentamente Joanna de Napoles, em plena florescencia dos seus vinte annos, porte distincto, esculptural nas formas, feições correctas de modelo, fronte larga e activa, sobrancelhas delicadamente arqueadas, olhos grandes e lim-



Entre dois cardeaes, avançou Joanna...

mão mais velho do príncipe assassinado André, appellou por justiça, e Clemente VI, ten-

pidos, eloquentes na expressão de pezar e de soffrimento, rosto oval, e labios sensuaes. Na cabeça uma corôa, e sobre o vestido de carmesim trazia um manto real espessamente bordado a cruces douradas e flôres de lys.

Caminhou na sala, ajoelhou-se tres vezes perante o Papa, a ultima para beijar a cruz bordada nos sapatos. O Papa Clemente ergueu-a e deu-lhe nos labios o beijo que lhe era devido em virtude do seu grau de soberana. Em seguida tomou o lugar que lhe era destinado e lhe competia, á direita do Papa, e descançou alguns minutos em attitude reflexiva de quem faz intima oração ou exame de consciencia. Depois um official da justiça pediu silencio para Joanna, por graça de Deus, rainha de Jerusalem e da Sicilia, duqueza de Apulia, princeza de Capua, e condessa de Provença, Forqualquier e Piedmont.

Antes, porém, que Joanna se levante para fazer a sua defeza, vamos relatar a historia do crime de que era accusada. Seu avô, Roberto, foi o usurpador que arrancou a corôa napolitana a seu irmão mais velho, sob o pretexto de que um só homem não podia convenientemente governar os dois reinos da Hungria e de Napoles. O rei da Hungria legou os seus direitos aos seus descendentes, e o casamento de seu neto André com a neta e herdeira de Roberto, sendo combinado como meio de resgatar o erro do passado, parecia reconciliar os contendores titulares. Isto succedia quando André tinha apenas sete annos e Joanna cinco; e o pequeno noivo foi levado para Napoles para ser educado entre os seus futuros subditos. Infelizmente não foi só. Alguns hungaros seguiram o principe na esperança de obter altas posições ou privilegios lucrativos, e o principal d'entre elles foi o tutor, um tal frei Roberto, que, educando o pupillo, tratou de assegurar-se um inteiro dominio sobre o seu espirito. Com facéis expedientes da época, o frade conseguiu obter reputação de santidade, o que lhe deu grande influencia na população de Napoles, ao mesmo tempo que a sua feroz ambição e maneiras grosseiras o faziam detestado na côrte. Previo-se que mal André se sentasse no throno, o reino seria governado por frei Roberto; e elle cuidadosamente insinuou no espirito de seu pupillo que a corôa lhe pertencia, não por direito de sua mulher, mas pelo proprio direito de seu avô.

Por outro lado, a educação de Joanna estava talvez ainda em piores mãos. O rei Roberto, sabio, theologo, poeta, e astrologo era na verdade doido. Por morte dos paes de Joanna, entregou a princeza orfã aos cuidados de uma mulher de baixa condição, mas de grande habilidade, que a levou gradualmente a subir da sua modesta posição de lavadeira a de uma

dama da côrte. Filippa de Catanese, assim se chamava, era tão ambiciosa como frei Roberto, porém menos digna ainda. Dizia-se que ella descera aos processos mais baixos para conquistar influencia sobre a futura rainha, entregando-a até propositadamente nos braços d'um filho seu. Certo é, que um dos primeiros actos de Joanna, depois de subir ao throno, foi dar a este tal filho da sua educadora o titulo de conde de Evoli e de lhe conferir um dos maiores cargos do reino.

Roberto o sabio, antes de morrer parece que reconheceu o grave erro que cometera. Em vez de reconciliar as rivaes pretensões ao throno precipitára o conflicto. Em lugar de dar á sua neta um companheiro amigo, aproximara d'ella um rival.

As duas crianças, tão monstruosamente unidas, nunca se amaram, e agora encontravam-se frente a frente, como os reis e rainhas do xadrez, promptos a combater um contra o outro com os seus pouco escrupulosos partidarios. A idéa original do velho rei tinha sido a de que André e Joanna reinariam juntos; porem viu-se constringido a abandonal-a, e chamando todos os nobres do reino, fel-os jurar fidelidade somente a Joanna. Pouco depois morreu, deixando em testamento á neta os seus dominios.

Em todas as cidades feudaes a posição do marido d'uma rainha reinante era muito mal definida. Não raro se determinava um natural conflicto de proeminencias; por vezes era corôado rei, a sua effigie apparecia no cunho das moedas, e o seu nome antecedia o da rainha nos documentos officiaes. Era necessario inserir as mais rigidas estipulações no contracto do casamento, para o impedir de exercer os poderes de soberano. Nos proprios antecessores de Joanna havia exemplo: Carlos de Anjou governara a Provença em lugar de sua mulher. Era um assumpto que dependia muito das circumstancias de cada caso; e quando, como no de André, o marido tinha direitos proprios e independentes dos de sua mulher, era inevitavel que a lucta pelo poder se deveria tornar renhida e grave.

Quaes seriam os sentimentos d'uma rapariga de quinze annos e d'um rapaz de desesete, quando, perante o corpo do rei morto, pensassem que ia ser decidida a grave questão de qual d'elles havia de usar a corôa? Porque, na verdade, a corôa não pode ser partilhada: um só a póde usar. Ainda que se amassem ternamente, o fatal premio, posto entre elles, seria o sufficiente para os separar. Recorde-se, porem, que André era um moço de temperamento frio, cujo prazer unico se resumia na caça e outros exercicios proprios da sua idade, em quanto que Joanna, com

a terrível precocidade da sua idade e do seu paiz, já substituíra nos eleitos do seu coração o filho da governante pelo bello Beltrão de Artois, filho do camarista-mór. O primeiro signal para a lucta foi dado pelos partidarios de Joanna, que foi proclamada rainha, e a regencia do concelho, approvando a vontade do avô, começou de administrar o reino em seu unico nome. Pouco depois frei Roberto apoderou-se do poder, apoiando-se nas sympathias populares, e usurpou tanta autoridade, que todos os partidos se alegraram quando o Papa interveio, e no exercicio dos seus direitos de suzerano nomeou um delegado para regular o governo durante a menoridade da rainha.

A contenda transferiu-se então para a côrte de Avignon. O partido hungaro procurou obter do Papa Clemente uma bulla para a corôação conjuncta de André e de Joanna, o que seria equivalente, a pôr o poder real nas mãos do marido. Os napolitanos, dirigidos por numerosos principes de sangue real que aspiravam á successão depois de Joanna, opposeram-se áquelle intento.

Esta negociação durou dois annos e meio, contados da data da morte de Roberto o sabio. O rei Luiz da Hungria que de direito era o herdeiro de Napoles, cedeu a herança em favor do irmão, e diz-se que confirmou a cedencia com a offerta ao Papa de 100:000 corôas de ouro, argumento ponderoso em beneficio de André.

Pouco antes de setembro de 1345, chegou a Napoles a noticia de que o Papa havia dado a sua decisão a favor de André. Uma bulla confirmava a corôação conjuncta, e o bispo de Chartres partira de Avignon para vir realizar a cerimonia. O bispo ainda chegou á fronteira do reino, mas ali soube noticias que o fizeram retroceder.

Determinara-se que a corôação deveria realizar-se a 20 de setembro. Algumas semanas antes, principios d'agosto, uma alegre e luzida cavalgada, com falcões e cães de caça, atravessou as ruas de Napoles, e sahiu as portas em direcção ao mosteiro de Aversa. Era a côrte de Napoles, que se refugiava do calor suffocante das ruas da cidade na frescura e na sombra das montanhas.

De quem se compunha a cavalgada brilhante, e o que tinha sido feito dos chefes da liga contra o principe? Entre estes havia o ambicioso Carlos, duque de Durazzo, primo terceiro de Joanna, que aproveitando-se da anarchia do tempo raptara a irmã mais nova da rainha, a princeza Maria, tivera-a escondida durante um mez, e desposara-a depois publicamente, em virtude de uma dispensa, obtida do condescendente Papa por

intermedio de Carlos, cardeal de Perigord, seu tio. Por fim declinára pelo menos apparentemente a sua opposição ás pretensões de André, e estava vivendo nos termos da mais affectuosa amizade com elle. O duque de Durazzo comtudo não fazia parte da cavalgada para Aversa. Porquê?

Nem tão pouco lá appareceram aquelles outros primos de Joanna que tão fortemente se impressionaram com a realza de André. A mãe d'estes, a imperatriz titular de Constantinopla, era tia de Joanna e depois da infame Catenese a personagem mais influente na côrte. Comtudo tambem estava auzente e não fazia parte da cavalgada. Fallára-se em tempo d'um projecto de casamento de Joanna com um dos seus filhos. O terceiro, de nome Luiz, era afamado pela sua belleza, e nas maledicencias da côrte, o nome d'elle andava juncto ao de Joanna.

O conde de Evoli era da partida para Aversa assim como o cunhado, o conde de Terlizzi. Estes tinham muito a temer da proxima cerimonia, da corôação conjuncta que os collocaria á mercê de frei Roberto. Outro tanto succedia a Beltrão de Artois, cujas relações com a rainha não eram desconhecidas do implacavel frade. Beltrão e o pae, o camarista-mór, esses partiram tambem para Aversa.

Notavam-se ainda dois italianos ás ordens de André: Melazzo tabellião, e Jacobuzio di Pace, camarista, ambos, dizia-se, antigos servidores do duque de Durazzo.

Durante um mez quasi, estes homens acompanharam e vigiaram dia a dia a sua victima. O seu guarda, fiel e dedicado frei Roberto, estava detido em Napoles, com os preparativos do grande acontecimento de 20 de setembro. Mas André andava, segundo a tradição, protegido por poder sobrenatural. Usava um talisman que lhe tinha sido dado pela mãe, a velha Isabel de Poland, feito talvez nas tendas dos barbaros lapps, trazido para Livonia, depois para a Lithunia, e agora da Hungria ao extremo sul da Europa, para tomar parte importante n'uma tragedia provocada pela decisão d'um Papa francez.

O talisman sem duvida por si não tinha importancia, mas a crença que n'elle depositavam os inimigos de André dava-lhe decedido valor.

Estava-se na ante-vespera do dia da corôação. Na manhã seguinte a côrte havia de voltar para Napoles. André e os seus companheiros demoraram-se a beber até tarde, para celebrar a sua ultima noite em Aversa. Mal poderia suppôr que era tambem a sua ultima noite na terra.

O principe levantou-se da meza e reti-

rou-se para o quarto de sua mulher. Acabára de adormecer ao lado d'ella, quando pouco antes da madrugada, uma das criadas, e irmã do camarista d'elle, Pace, entrou no quarto e acordou-o dizendo-lhe que um correio chegára n'aquelle momento de Napoles com importantes noticias de frei Roberto. André saltou da cama, vestiu-se á pressa e sahiu do quarto.

A porta do quarto de dormir, abria para uma larga galeria, que corria em volta do palacio a consideravel altura do chão. Um lado da galeria era formado pela propria parede do edificio, e o outro era em arcaria deitando sobre os jardins. Ao sahir do quarto de sua mulher, o principe achou-se no meio de um grupo de homens, na companhia dos quaes estivera bebendo em intimo convivio horas antes.

O que se passou em seguida ha de ser sempre assumpto de conjecturas. Todavia uma mulher dormia n'um quarto justamente por baixo do chão da galeria, a velha ama hungara de André, e essa mulher foi n'aquelle momento despertada do seu somno, pelo barulho de cima, tropel de passos e gritos afflictivos. Levou tempo a perceber que esses sons denunciavam algum acontecimento sinistro, porém mal comprehendeu que alguma tragedia extraordinaria estava succedendo, levantou-se, e estava pondo confusamente as suas roupas allumiada pela pallida luz da madrugada que começava a entrar pela janella, quando o quarto foi repentinamente escurecido por um objecto negro que a tapava. A pobre mulher correu á janella, e olhando para fóra divisou as pernas d'um homem estrebuchando nas agonias da morte. Era André, a quem os assassinos tendo conseguido pendural-o, enforcaram com uma corda de seda do alto da varanda.

Um chronista da epoca descreve a luta com particularidades. Conforme o que elle conta, o infeliz principe luctara contra os aggressores com tão desesperada energia que a principio se desembaraçou d'elles, e ainda se arrojara com impeto para o quarto de sua mulher, como para se refugiar a seu lado. Mas a porta estava ferrolhada, e a rainha não deu o menor signal de dentro.

Então o formoso Beltrão, vendo hesitar os outros conspiradores, atirou-se sobre o principe com a raiva d'um demonio, derrubou-o, metteu-lhe o joelho sobre o peito, e conseguiu atar-lhe a corda em volta do pescoço. Os companheiros viéram ajudal-o, e reunidos os esforços, arrastaram o principe ainda respi-

rando até o parapeito do balcão, e d'alli o precipitaram.

Conta-se tambem que, quando um dos da emboscada, o conde de Terlizzi, retrocedera



...conseguiu atar-lhe a corda em volta do pescoço...

estremecendo de horror, seu cunhado Evoli, chamou-o para vir ajudar a segurar na corda, dando-lhe esta significativa razão: — «Devemos ter cúmplices e não testemunhas».

Os gritos da pobre ama velha avisaram os malvados de que o crime estava descoberto. Um d'elles cortou a corda, e dispersaram apressadamente. Os dois Artois, pae e filho, fugiram para o seu castello, em Santa Agatha; e d'este modo proclamaram-se criminosos. O conde de Evoli, e os seus companheiros, mais descarados ou mais astutos, voltaram para Napoles, e continuaram a mostrar-se na côrte.

E Joanna? Que teria ella sentido, quando deitada na mesma cama, d'onde o marido se levantára ouviu os dilacerantes gritos, o tropel da luta á porta do quarto? Ella tinha então dezeseite annos.

Parece que esteve sem falla nem movimento por algumas horas, fixos os olhos enxutos, n'uma expressão de terror, que tanto poderia ser remorso de criminosa como receio de egual sorte. Debalde os monges do con-

vento vieram á porta do quarto pedir-lhe ordens sobre o destino do corpo, que elles tinham levado para a capella. Não descerrou os labios, e afiual, tendo-se vestido, cobriu a cara com um negro véu, entrou n'uma liteira fechada, e fez-se transportar para Napoles.

Assim foi o crime. Apesar d'aquellas épocas serem de violencias illegaes, apesar de serem vulgares n'aquelle paiz os dramas de sangue e de traições, o assassinato d'uma mocidade inoffensiva, na vespera da sua corôação e no limiar do quarto de dormir de sua mulher, excitou a excreção universal.

Como Joanna não tivesse dado indicação alguma sobre o enterro do marido, o duque de Durazzo tomou sobre si este dever. Trouxe o corpo para Napoles, e sobre a sepultura pediu solemne e publicamente justiça para os assassinos. Comprehende-se o seu procedimento. Se elle podesse criminar Joanna e induzir o Papa a declarar o throno vago, sua mulher, a princeza Maria succederia. Assim a questão do crime de Joanna, se estivesse ao cuidado do duque de Durazzo, nunca teria ficado um dos problemas insolúveis da historia.

Entretanto nenhuma providencia se tomara para a prisão ou castigo dos assassinos. Os Artois continuavam a salvo na sua fortaleza; Evoli e Terlizzi appareciam egualmente nas ante-camaras da rainha Joanna. A influencia

no. Joanna attingiu a idade de dezoito annos, a maioridade legal d'uma soberana, mezes depois da morte do marido.

Porque motivo não procedeu, nem intentou investigação alguma contra os assassinos? Ha uma carta d'ella para o rei da Hungria, escripta depois de se ter convencido de que a opinião publica lhe fazia accusações graves, em que procura justificar esta falta de procedimento.

Da leitura d'essa carta, tanto se pode concluir a melancolica desculpa de uma mulher indefesa, rodeada de homens violentos, em poder dos quaes se collocára por actos attribuidos melhor a fraquezas de temperamento do que á maldade de animo; como se pode descobrir a defesa artificiosa de uma culpada e cumplice no assassinato do marido.

O rei da Hungria, a quem se dirigia aquella carta, era um d'estes homens severos e implacaveis, que parecem ter nascido para serem os castigadores justiceiros dos grandes crimes. Mal soube da noticia do assassinato, publicou um manifesto dirigido ao Papa, e aos reis da Europa, pedindo vingança, mas sem ao de leve envolver a viuva do irmão. Mas, decorridos alguns mezes sem que a viuva mostrasse a menor intenção de proceder, as suspeitas calaram-lhe no animo. Affirma-se que o proprio duque de Durazzo lhe escrevera, confirmando ou insinuando aquellas suspeitas sobre Joanna.

Final, resolveu levantar uma accusação formal contra ella e apresentar a sua queixa perante o tribunal do celebre Rienzi, então no auge do seu extraordinario poder em Roma; e preparou-se para manter pelas armas o seu appello á justiça. Foi então que elle mandou a Joanna aquella celebre contra-replica, cuja insultuosa e terrivel concisão a tornou famosa entre as epistolas reaes:

Joanna! A vossa anterior vida desordenada, o vosso apego ao poder real, a vossa negligencia na vingança, o vosso segundo casamento e as vossas proprias desculpas, provam terdes consentido no assassinato de vosso marido.

Effectivamente, Joanna casára em segundas nupcias com Luiz de Taranto. Realisou-se o plano attribuido á imperatriz de Constantinopla. A opinião d'aquella epocha apontava esta como tendo sido a principal instigadora de toda a conspiração. Comtudo, quer fosse innocente, quer culpada, Joanna não podia iniciar processo de justiça sem ir bater na sua propria familia.

O alvoroço que produzira na Europa o crime, os formidaveis preparativos de guerra dos hungaros, e, talvez mais do que tudo, o



...arrancaram-lhe a lingua...

de frei Roberto finalisou com a morte do seu pupillo; em breve o legado papal resignou o governo nas mãos de Joanna e deixou o rei-

desdem alardeado pelo rei da Hungria em appellar da justiça de Rienzi, em vez da sua propria, estimulou Clemente vi. Posto que, em rigor, elle já não tivesse direito de interferir nos negocios internos de Napoles, despachou uma ordem em fórma de bulla, datada de 2 de junho de 1346, dirigida a Hugo de Baux, principal juiz do reino, ordenando-lhe a investigação do crime e o castigo dos assassinos.

O facto de ter o juiz de Baux levado a effeito, sem resistencia ou embaraço, a sua commissão é de consideravel importancia, para avaliar a sinceridade das desculpas de Joanna. As primeiras prisões começaram pelos criados Pace e Melazzo.

A prisão de Pace motivou um extraordinario incidente. Quando era levado para a prisão, um grupo de homens armados e commandados pelo conde de Terlizzi, attacaram os guardas, apoderaram-se do prisioneiro a quem arrancaram a lingua, para o inhabilitar de fallar perante a justiça. Foi mais um crime inutil. Melazzo, pela tortura, denunciou Evoli e Terlizzi, e ambos elles, com a Catanese e o resto d'aquella odiosa familia, foram executados.

Os julgamentos foram secretos, mas as execuções fizeram-se da maneira mais publica, com o fim de convencer o povo de que o governo nada tinha a temer do que os condemnados podessem ter intenção de denunciar. Com effeito, nenhum d'elles disse a menor palavra. Passaram silenciosos pelas ruas, subiram uns ao cadafalso, outros á fogueira, e pereceram sem descerrar os labios. Do principio ao fim dos processos, nem uma só palavra foi pronunciada d'onde se podesse inferir conhecimento da rainha ou de qualquer dos principes da casa real da conspiração que assassinara o principe.

Luiz da Hungria não ficou satisfeito; e como Rienzi declinasse de si pronunciar julgamento sobre a causa, sahio da sua terra natal á frente de um exercito vingador, hasteando uma tremenda bandeira onde fôra pintado o assassinato de André. O exercito continha contingentes dos numerosos estados da Allemanha; e era tão grande o respeito e sympathia que inspirava a missão do rei Luiz, que os estados italianos lhe deram passagem livre pelos seus territorios, e alguns mesmo lhe offereceram reforço de homens.

Na fronteira do reino foi procurado por um nuncio do papa, que lhe prohibiu inva-

dir o feudo da egreja. O rude e vingador rei da Hungria não fez caso algum da prohibição. Avançou encontrando pouca ou nenhuma resistencia, e devastando o paiz á



Carlos ajoelhou aos pés do rei...

medida que se internava. Em todos os tempos tem sido esta a sorte do povo: pagar pelos desmandos e pelos crimes dos seus dirigentes; e em muitos casos, precisamente, os dirigentes são aquelles que o povo consente que sejam.

Parecia ter chegado ao duque de Durazzo o momento de obter recompensa da sua politica dubia e ardilosa, e foi encontrar-se com o invasor.

Encontrou-o em Aversa, logar de mau agoiro. O implacavel rei recebeu-o e aos irmãos mais novos que o acompanharam com todas as mostras de amizade. Os principes prestaram-lhe homenagem como rei de Jerusalem e da Sicilia, porque assim eram considerados officialmente os reis de Napoles. Fizeram convivio juntos e passaram a noite na cidade.

Na manhã seguinte todos estavam montados e promptos a seguir para Napoles, quando o rei Luiz, voltando-se repentinamente para o duque, que estava a cavallo a seu lado, lhe disse: — «Mostrae-me o lugar onde meu irmão foi morto.»

Carlos tremeu em quanto respondia:

— Não procure tal lugar. De resto, eu não estava cá.

O rei insistiu. Apearam-se, entraram no mosteiro e dirigiram-se á galeria onde o crime fôra commettido. Tão depressa alli chegaram, a attitudo do rei tornou-se sombria.

— Vós — disse elle, com acrimonia, ao tremulo duque — vós sois um traidor. Intrigasteis em Avignon contra a corôação de André. Casasteis com a princeza Maria, vossa prima, para poderdes herdar a corôa por morte de André e de Joanna. E, contudo, estava escripto nos designios que tinheis de morrer no proprio sitio onde fizesteis morrer meu irmão.

Carlos ajoelhou aos pés do rei hungaro, protestando a sua innocencia.

— Como vos podeis desculpar? — exclamou o rei. E apresentou, affirma-se, ao duque uma carta, sellada com o proprio sello d'elle, incitando os Artois ao assassinato.

Immediatamente, a um signal de seu amo, os hungaros da guarda cahiram sobre o duque ajoelhado, e apunhalaram-no, depois do que o rei mandou que deitassem o corpo da

A este tempo, Joanna tinha já fugido. Quer fosse a traição de Durazzo que a tivesse amedrontado, quer fosse por má vontade de seus subditos, que recusaram ajudal-a, não oppôz a menor resistencia, nem empregou o minimo esforço em defender o reino. Logo que ella reconheceu ser inevitavel a guerra, reuniu alguns nobres e deputados das principaes cidades, e formalmente os dispensou do seu voto de fidelidade. Joanna continuou annunciando a sua sahida do reino, para «ir manifestar a sua innocencia ao Vigario de Deus, na terra, assim como era sabido do Deus do Céu.»

Com estas solemnes palavras, ella embarcou acompanhada sómente do marido para as terras de Provença. Deixou seu filho menor, Carobert, nascido poucos mezes depois da morte de André, entregue ao cuidado do rei Luiz, o qual mandou o sobrinho para a Hungria, juntamente com outros príncipes que lhe cahiram ás mãos. Na Provença, residencia hereditaria de sua familia, Joanna encontrou dedicados amigos. A sua jornada para Avignon foi uma procissão triumphal. O povo rodeou-a para sua defeza pessoal de guardas que ella recompensou, segundo se diz, vendendo os seus dominios ao rei de França. Referimos-nos já á recepção que lhe fez Clemente VI, e continuamos a narração interrompida no momento em que Joanna ia apresentar a sua defeza. Em phrases entrecortadas pelos soluços e pelas lagrimas que brotavam dos seus lindos olhos, ella descreveu o seu amor pelo defuncto marido, o desgosto e o terror que lhe causou a sua tragica morte. Apontou com a habilidade de um advogado experimentado a ausencia de qualquer testemunha contra ella, uma só que fosse; defendeu-se da demora em entregar os assassinos á punição, e concluiu pedindo justiça para que o Papa e o Sacro Collegio proclamassem ao mundo a sua innocencia e lhe restituissem o reino de que fôra expoliada.

E' facil de calcular o effeito de semelhante appello, sahido dos labios [de uma das mais encantadoras mulheres d'aquelle tempo, e sendo ainda essa formosa mulher uma rainha perseguida. A numerosa assistencia, movida de commoção, irrompeu em applausos, e foi tão grande o enthusiasmo em seu favor que os embaixadores hungaros não se atreveram a replicar, e sentiram-se felizes por sahir da assembléa sãos e salvos.

O Papa pronunciou solememente a absolvição de Joanna, e n'aquella mesma tarde era proclamada a sua innocencia por um de-



O Papa pronunciou a absolvição de Joanna...

balaustrada abaixo, precisamente no sitio d'onde cahira o príncipe André. Consummado este acto de vingança, se não de justiça, o exercito hungaro avançou sobre Napoles.

creto formal que a declarava acima de toda a suspeita de crime.

Depois de alguns annos de guerra, durante os quaes doenças infecciosas largamente concorreram para enfraquecer as forças húngaras, Joanna readquiriu o reino, pagando 300.000 florins ao rei da Hungria como indemnisação das despesas de guerra.

Mas, embora tivesse desistido de annexar á Hungria o reino de Napoles, o irmão de André não abandonou os seus intuitos reservados de vingança. Annos se passaram, Joanna perdeu o seu segundo marido, pouco depois um terceiro, e por fim casou pela quarta vez. Um novo papa, Urbano VI, expediu de Roma uma bulla contra ella, por outros motivos que não se relacionavam com os do passado, e Luiz da Hungria viu que chegára o momento opportuno. Levantou um exercito contra ella, na pessoa de seu primo Carlos de Durazzo, sobrinho do duque apunhalado, a quem mandou, apesar de Joanna o ter designado para herdeiro do reino, combater a sua bemfeitora. Joanna foi feita prisioneira, levada para o fatal mosteiro de Aversa, e ali foi estrangulada no mesmo sitio onde fôra assassinado seu primeiro marido André.

Os contemporaneos do caso viram n'este tragico desfecho a mão da justiça divina, lavrando sentença ao cabo de trinta annos. Todavia, existiam ainda aquelles que, como o Papa, haviam declarado calumniosa e falsa a accusação de Joanna. Esta é a opinião expressa por Petrarcha, o insigne poeta; mas Petrarcha tinha sido amigo do avô de Joanna de Napoles e gozára do cargo de capellão honorario d'esta. Boccacio, outro poeta celebre, segue a mesma opinião; mas tambem se tinha aquecido ao sol da côrte, e elle era homem cujas convicções poderiam ser abaladas pela belleza e mocidade da accusada.

Estas objecções porém não se podem applicar ao celebre jurisconsulto Baldio de Perugia, cuja opinião era escutada para decidir da legalidade da eleição de um Papa, e a quem se recorria como arbitro de infallibilidade. Baldio expressa a sua crença na innocencia de Joanna; mas poder-se-ha dizer que os homens de lei e os advogados estão sempre inclinados a julgar sómente por provas juridicas e nenhuma havia contra Joanna.

O Papa Clemente, justificando a absolvição de Joanna, sustentou que havia sómente *suspeita* contra ella, e que nenhum dos culpados a declarou cumplice. Na sua decretal de absolvição, tinha-a declarado *acima* de suspeita. Comtudo apparece dito mesmo na historia mais favoravel a Joanna que na commissão dada a Hugo de Baux de proceder contra os assassinos ia envolvida uma nota

secreta, na qual o Papa prohibia estritamente a de Baux, por motivos de razão de estado, que no decurso da devassa transparecesse, alguma cousa envolvendo a rainha ou os principes de sangue. A existencia d'esta nota reduziria a investigação de Baux a um simples manejo politico. A opinião publica reclamava victimas; ter-se-lhe-hiam dado os actores insignificantes e populares do drama. Pouco grandes ficaram protegidos. Diz-se que fôra até combinado que, antes dos condemnados se dirigirem para a execução publica se lhes prendesse as linguas com anzões, para os privar da possibilidade de fazer qualquer revelação perigosa, atrocidade semelhante á que fizeram a Pacc. Perante estas circumstancias nenhum valor teria a absolvição de Avignon. Pouco tempo depois d'este julgamento, soube-se que Joanna vendera ao Papa os seus direitos sobre a cidade de Avignon pela somma nominal de 40.000 côroas. O verdadeiro preço teria sido a bulla que lhe restituia o reino de Napoles. Entra-se no campo das transacções que não illucidam o problema: tanto podem ser benevolencia como habilidade gananciosa.

Que Evoli, Terlizzi e os Artois foram criminosos, não ha duvida, tanto com a approvação de Joanna como sem ella. Mas se não houve tal approvação, como explicar o extraordinario desleixo em os chamar a juizo? E' pouco acreditavel, que uma rainha cujo marido foi barbaramente assassinado, quasi á sua vista, por um troço de malvados, nunca tivesse levantado um dedo para os chamar a contas, a não ser que lhes approvasse o procedimento. Na sua carta de desculpa ao rei de Hungria, apresenta duas razões, que mutuamente se destroem. Ignorava quem eram os criminosos, e julgava-se inhibida de proceder por causa da situação d'elles.

E' provavel que a ideia do crime não nascesse no espirito de Joanna. Podia mesmo tel-a acceitado com reluctancia. Mas homens na posição dos Terlizzis e dos Evolis, não conspiravam para assassinar um grande principe, sem um proveito immediato. Dois d'esses homens tinham sido amantes de Joanna o que a habituara a traições.

Por isso quem meditar na complexa psychologia humana ha de encontrar sempre duvidas em resolver o problema. Este drama historico ficará sempre mysterioso. Teria sido o terror egoista, o medo covarde, a afflicção aguda que cerrou os labios de Joanna n'aquella madrugada fatal do crime, e lhe roubou o movimento e acção; ou teria sido a deliberação propositada, a preversidade satisfeita que a aconchegou na cama, quente ainda do corpo do marido que se levantou para receber a morte á traição?



A RESURREIÇÃO DE CRISTO

Oratorio por

Don Lorenzo Perosi

Preludio

♩ = 60
Largo

(Archi)
p m.d.

p

(I. Violini, Corni ingl.)

p

tr.

(Corni)

(Archi, Legni)

First system of musical notation, featuring a grand staff with treble and bass clefs. The music consists of several measures with eighth and sixteenth notes, some beamed together. A fermata is placed over the final measure of the system.

Second system of musical notation, continuing the piece with similar rhythmic patterns and note values. A fermata is also present at the end of the system.

Third system of musical notation, marked with a dynamic of *p* (piano). It includes a first ending bracket labeled (1) and a fermata. A *Red.* (Reduction) symbol and an asterisk are also visible.

Fourth system of musical notation, featuring a grand staff. It includes a dynamic of *p* and a *Red.* symbol. The music continues with various note values and rests.

Fifth system of musical notation, continuing the musical piece. It includes a dynamic of *p* and features a variety of note values and rests.

Sixth system of musical notation, the final system on the page. It includes a dynamic of *p* and concludes with a fermata. The music is written for a grand staff.

p
(Corni)

First system of musical notation for the Horns (Corni). It consists of a grand staff with a treble and bass clef. The music is in 3/4 time and features a melodic line in the treble and a supporting bass line. The dynamic is marked *p* (piano).

(I' Violini)
pp

Second system of musical notation for Violins I (I' Violini). It consists of a grand staff with a treble and bass clef. The music is in 3/4 time and features a melodic line in the treble and a supporting bass line. The dynamic is marked *pp* (pianissimo).

Third system of musical notation for Horns and Violas (Corni e Viole). It consists of a grand staff with a treble and bass clef. The music is in 3/4 time and features a melodic line in the treble and a supporting bass line. The dynamic is marked *p* (piano).

cres. molto
stentato assai

Fourth system of musical notation for Horns and Violas (Corni e Viole). It consists of a grand staff with a treble and bass clef. The music is in 3/4 time and features a melodic line in the treble and a supporting bass line. The dynamic is marked *cres. molto* (crescendo molto) and *stentato assai* (staccato assai).

con grande espansione (2) (Corni ingl.) (Corni, celli)
ff

Fifth system of musical notation for Horns and Cellos (Corni, celli). It consists of a grand staff with a treble and bass clef. The music is in 3/4 time and features a melodic line in the treble and a supporting bass line. The dynamic is marked *ff* (fortissimo).

Sixth system of musical notation for Horns and Cellos (Corni, celli). It consists of a grand staff with a treble and bass clef. The music is in 3/4 time and features a melodic line in the treble and a supporting bass line. The dynamic is marked *ff* (fortissimo).

MODAS

N^o estrangeiro as senhoras collaboram largamente nas revistas do genero da nossa, ainda mesmo aquellas damas que pela sua alta posição no mundo official ou elegante, aristocracia indiscutivel ou riqueza pouco vulgar, menos se poderia supôr tivessem predilecção pelo jornalismo e benevolencia em distinguir as revistas populares e baratas, como os *Serões*. N'uma d'essas revistas inglezas para onde ellas enviam habitualmente uma serie de pequenos artigos constituindo uma discussão cujo thema escolheram nas suas reuniões intimas, e por meio da qual expressam os seus modos de vêr, não raro com subtil finura de argumentos e de conceitos, lemos ha pouco, uma controversia sobre a arte de se vestir bem, e como se deveria entender este dizer. Foi opinião unanime que uma mulhr verdadeiramente elegante, educada e artista no seu vestuario, modificava consoante a sua personalidade as determinações da moda ou dos figurinos, decretada em geral mais por necessidade industrial da fabricação de tecidos, aproveitamento de materias primas e applicação de processos novos ou economicos, do que por caprichosa phantasia ou estudo decorativo dos desenhistas de profissão. A altura, a maior ou menor corpulencia, a exuberancia de formas ou a esculptura gracil, a flexibilidade serpentina, o tom da pelle, a expressão physionomica influem poderosamente para o effeito d'uma mesma *toilette*, composta em determinado genero, como tambem a idade, a posição social e o estado influem no typo, côr, qualidade e gosto do vestuario.

Entre os processos de educar a vista, o senso esthetico das mulheres na arte de se vestir, apontava uma das escriptoras, titular distinctissima no grande mundo inglez, a necessidade de visitar a meude as galerias de quadros, as academias de bellas artes e observar os retratos dos mestres, na harmonia dos tons, na disposição das roupagens, na preferencia de attitu-

des, no desenho propositado para realçar os primores naturaes ou para attenuar defeitos. A imitação servil do gosto d'uma chamada rainha da moda, ou a adopção obediente das composições dos *ateliers* repugnam, dizia outra, a qualquer mulher que na plena consciencia da sua formosura ou dos seus encantos saiba o que quer e o que lhe convem na maneira de se vestir. Todas ellas, n'uma preocupação bem pratica da sua raça, fazem calculos sobre a fôrma de attenuar as despesas



elevadas, a que a sua propria gerarchia as constringe para viver a grande vida dos ricos,

e advogam calorosamente o quasi dever de attender n'essas despesas o trabalho e a arte



nacionaes, estimulando o fabrico de rendas, o renascimento das pequenas industrias domesticas, a conservação dos bons modelos artisticos, o aperfeiçoamento dos artefactos pela critica judiciosa em comparação com a produção e o progresso extranhos. Se a despesa é necessaria, inevitavel, que se lhe tire o maximo proveito util, revertendo em beneficio commum.

E assim, em exposição facil e despretenciosa de opiniões, as opulentas *lady's* apontam diversissimos aspectos d'esta tão complexa arte de se vestir bem, dando relevo á propria formosura, multiplicando a força dominadora dos encantos naturaes, exemplificando no simples vestuario o cultivo do seu espirito pela propriedade e justeza com que empregam os estylos, com que recordam no corte e nos enfeites o conhecimento das épocas historicas, e com que aprimoram o bom gosto em deliciosa visão do que se chama a suprema elegancia.

As illustrações que publicamos são destinadas apenas a dar orientação ás nossas leitoras sobre os generos de *toilettes* mais usados, tanto em costumes de *soirées* ou de jantares, como em trajes de casa; por isso damos um modelo de *blouse* e outro de *saut-de-lit*, vestido de manhã. Em todos se reconhece uma grande simplicidade, e esta é a tendencia geral. O custo da fazenda, a qualidade das rendas, o acabamento das guarnições distinguem apenas as *toilettes*. Definitivamente adoptam-se as cassas leves, de desenhos floridos e de côres esmaecidas. As longas pregas *watteau* tornam-se a usar, como se vê na nossa illustração. Na frente o vestido de manhã fecha ao lado, preso com um ou dois botões de esmalte. Um reverso de velludo, especie

de gola larga, é destinada a resguardar o collo ou virada deixa vêr um tufo interno de rendas. As mangas teem os punhos em forma de campainha guarnecidos de velludo. A prega e banda *watteau* sahe nas costas por debaixo da gola.

A elegante *blouse* que mostra a nossa gravura faz-se geralmente em fazenda de algodão ás riscas, leve, setinosa, a que no commercio se dá o nome de *ortivoolla*, fino producto da tecelagem moderna. A parte superior, escapulario e peitilho, é de seda leve, franzida, de côr complementar, em tom harmonico com a do corpo, e guarnecida d'uma estreita fita de velludo, tambem em tom semelhante. A seda franzida monta-se, é claro, sobre forro liso e ajustado que completa o corpo da *blouse*. A gola é de fazenda de



algodão empregada para o corpo, que fecha debaixo do braço, ao lado. O cinto é em velludo da côr da guarnição.



VARIEDADES

D'uma forma succinta, compativel com a indole e espaço d'esta revista, continuamos a dar noticia, acompanhada quanto possivel de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a attenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade.

A RAINHA ALEXANDRA

A RECENTE successão ao throno de Inglaterra do rei Eduardo VII poz naturalmente mais em evidencia a actual rainha, que como princeza de Galles conseguiu obter o respeito publico pelas suas altas qualidades de espirito, e como grande dama alcançára em todas as côrtes europeas a justissima fama de ser a mais elegante de entre as mais distinctas mulheres de sociedade. Ella tem o raro condão de se distinguir e extremar na propria simplicidade das *toilettes*, e de parecer modesta e simples, quando em ceremonias officiaes, por obrigação da sua alta posição, tem de apresentar-se com a opulencia de adornos e de joias valiosissimas que possui; mas em todos os casos impõe-se á consideração geral e domina pelo encanto proprio da sua

expressiva physionomia. Modificaram-lhe os annos e a maternidade a formosura; mas conservou sempre aquelle extranho poder de attracção e de superioridade mundana, de que tantas vezes quem escreve estas linhas ouviu fallar nas sociedades estrangeiras com louvor respeitoso e admiração.

A rainha Alexandra nasceu a 1 de dezembro de 1844, no palacio de Güle, em Copenhague, filha do actual rei da Dinamarca e da fallecida rainha Luiza. Merece notar-se que os paes da rainha Alexandra descendem directamente da filha de George II de Inglaterra, a qual casou com Frederico I da Dinamarca, e que a rainha Luiza fallecida teria succedido por seu proprio direito na corôa dinamarqueza, se não fôra a lei salica. Como é sabido, o rei Christia-



A RAINHA ALEXANDRA

Quando Princeza da Dinamarca

no foi designado successor pelo tratado de Londres de 8 de maio de 1852, e pela lei dinamarqueza de successão de 31 de julho de 1853. A princeza Alexandra nasceu, por tanto, quando seu pae era ainda o duque de Schleswig-Holstein. Não tinha dezeseite annos, quando encontrou pela primeira vez nas festas da cathedral de Worms, o principe de Galles, com quem veio a casar a 10 de março de 1863, e a lua de mel dos principes foi passada na mesma casa de Osborne, onde falleceu a rainha Victoria.

É tambem conhecida a amizade intima que se estabeleceu entre a rainha Victoria e a sua nora, por quem ella teve sempre uma predilecção toda plena de ternura, submettendo-se com prazer ao encanto natural da princeza de Galles. Conta-se que a rainha Victoria accedeu somente ás sollicitações de sua nora para abandonar o luto profundo que apoz a morte do principe consorte Alberto quasi a afastara

inteiramente da côrte e dos encargos da sua posição de rainha; e accrescenta-se ainda em minudencia justificativa a acquiescencia da

rainha Victoria a modificar o porte do veu de viuva que a princeza Alexandra, antes d'uma cerimonia da côrte, lhe pediu para ella propria arranjar e dispôr graciosamente.

A rainha Alexandra é tia direita do *tsar* actual, porque sua irmã mais nova a princeza Maria Dagmar da Dinamarca é hoje viuva do *tsar* Alexandre III; como tambem o rei Eduardo VII é tio direito do *keiser* Guilherme II da Allemanha, o qual é filho da princeza real da Grã-Bretanha, Victoria, hoje imperatriz viuva. Vê-se bem o grau de estreito e directo parentesco que une as corôas das tres grandes potencias que hoje dominam o mundo, pela força dos



A RAINHA ALEXANDRA

Ultimo retrato

seus exercitos, pela grandeza dos seus dominios, pelo poder das suas collossaes fortunas publicas, e pela expansão das suas populações numerosas e activas

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

FEVEREIRO—22 *China*—You-Sien é executado em Lan-Tchao.

23 *Portugal*—A camara municipal de Lisboa pede ao governo a sua dissolução collectiva sob o pretexto de um projecto de lei que transfere para o ministerio do reino os serviços de beneficencia e asylos.

— *Allemanha*—O professor Anderson de Kiel descobre uma nova estrella de côr branca e azulada pertencente á constellação de Perseu.

— *Buenos-Ayres*—Os carregadores da Bahia Blanca declaram-se em grêve.

24 *Grecia*—Os operarios das minas francezas de Laurisen, Athenas, declaram-se em grêve.

25 *Hespanha*—A rainha regente ratifica o tratado que cede aos Estados-Unidos as ilhas de Sibita e Gagarjan, em Yolo.

— *Austria*—Suicida-se em Vienna o prin-

cipe Croix, cuja historia de amores com uma aldeã explica o acto da desesperança.

— *Portugal*—O ministro da fazenda apresenta ao parlamento 14 propostas de lei, remodelando impostos e providenciando sobre o desequilibrio orçamental.

— *França*—No senado francez o sr. Guérin, antigo ministro da justiça, interpella o governo sobre os meios de salvaguardar os direitos dos portadores da divida externa portugueza.

26 *Hespanha*—O general Azcarraga apresenta á rainha regente a demissão do gabinete.

— *Roumania*—O sr. Carp entrega ao rei a demissão do gabinete.

— *Italia*—Um grande incendio destroe o theatro de Castagnole em Catania, communicando-se a quarenta casas, e calculando-se as perdas em mais de um milhão de liras.

— *China* — Tchi-Sion e Sou-Tcheng-You são decapitados publicamente em presença das tropas internacionaes.

— *Estados-Unidos* — Rebenta um grande incendio na hulheira de Diamondville, morrendo 50 mineiros.

27 *Terra Nova* — O conselho legislativo vota o *modus vivendi* relativo ao French-Shore.

— *China* — A Inglaterra, a Allemanha e o Japão combinam communicar a Li-Hung-Chang que a China não deverá fazer concessão alguma especial aos estrangeiros, quer na Mandchouria quer no resto da China. A Russia exerce uma energica pressão sobre Li-Hung-Chang afim de obter a conclusão definitiva da convenção relativa á Mandchouria.

— *Inglaterra* — A camara dos commons vota em segundo escrutinio uma proposta do partido liberal fixando o dia de oito horas de trabalho nas minas.

— *Roumanhiá* — Constitue-se sob a presidencia do sr. Stourdza o ministerio, reservando este para si a pasta dos negocios estrangeiros e a da guerra, interinamente, e tomando o sr. Aurelien, a da justiça; o sr. J. Bratiano, a das obras publicas; o sr. Spiru-Haret, a da instrucção publica; o sr. Paladi, a da fazenda e o sr. Missir, a da agricultura e commercio.

— *Estados-Unidos* — O senado vota um additamento ao projecto de reorganisação do exercito, auctorisando o presidente a entregar aos cubanos a administração da ilha sob certas condições, reconhecendo-se á União um direito de fiscalisação sobre os negocios externos e questões financeiras.

— *França* — Os operarios do porto de Marselha, em numero de 3:000, declaram-se em greve.

28 *Portugal* — As telephonistas de Lisboa constituem-se em greve, pedindo augmento de salario.

MARÇO — 1 *Cuba* — A commissão de constituição cubana recusa-se a conceder aos Estados Unidos o estabelecimento de depositos de carvão na ilha.

— *França* — 1.000 operarios da fabrica de luvas Perrin freres, em Grenoble, declaram-se em greve. — Continuam por causa da greve, suspensos os trabalhos em todos os estaleiros.

— *Russia* — O conselheiro Bogolepow, ministro de instrucção publica, é victima de um attentado nihilista recebendo um tiro de revolver cuja bala lhe atravessou o esophago.

2 *Transvaal* — O general Dewet passa o Orange em direcção ao norte, além da colonia do Cabo.

— *Italia* — Completa 91 annos de idade e 23 de coroação Sua Santidade o PAPA LEÃO XIII. — Os trabalhadores maritimos de Palermo, julgando-se lesados pela nova lei dos premios á marinha, declaram-se em greve.

— *Cuba* — Os partidos republicano nacional e democrata popular protestam contra o projecto relativo ás relações de Cuba com os Es-

tados Unidos apresentado ao congresso de Washington.

— *Inglaterra* — Os professores de esgrima Heeckeren e Emile André batem-se em duello a espada, em Tattersall de Saint James, ficando o ultimo ferido no punho direito sem gravidade durante o quinto assalto.

3 *Estados Unidos* — O presidente Mac-Kinley promulga um tratado de extradicação entre a Suissa e os Estados Unidos.

— *França* — Os operarios carpinteiros de Agen declaram-se em greve pedindo a stricta applicação das antigas tarifas.

4 *China* — O imperador promulga um edito annullando todos os decretos lavrados entre 20 de junho e 14 de agosto de 1000, afim de não apparecer d'elles vestigios na historia.

— *Estados Unidos* — Cerimonia da installação do presidente Mac-Kinley no Capitolio de Washington.

5 *Turquia* — Um (*irade*) imperial ordena a constituição de uma alta commissão financeira composta de cinco antigos ministros da fazenda, e do actual, e de seis funcionarios superiores sob a presidencia de Zia-Pachá, para equilibrar o orçamento, sem augmento de impostos, e para proceder á unificação geral de todos os credores.

— *Russia* — São presos 200 estudantes em S. Petersburgo por manifestações feitas no decurso do serviço religioso celebrado na igreja de Kázan em commemoración do anniversario da suppressão da escravidão.

— *França* — Produz-se uma enorme explosão de fulminato na estação do caminho de ferro de Irun, fazendo cinco victimas e ficando a gare destruida.

6 *Portugal* — Generaliza e agrava-se a agitação popular e as manifestações de estudantes determinada pela questão das congregações religiosas. Estabelece-se no Rocio, de Lisboa, conflicto com a policia que effectua numerosas prisões.

— *Hespanha* — E' constituido o novo gabinete hespanhol composto de: Sagasta, presidente; duque de Almodovar, estrangeiros; Garnica, justiça; Urzuiz, fazenda; Weyler, guerra; duque de Veragua, marinha; Moret, reino; conde de Romanones, instrucção publica; Villa Nueva, obras publicas.

— *China* — Todas as potencias, com excepção de França e Russia, deliberam intervir na China, repellindo qualquer accordo que esta pretenda fazer com qualquer paiz, sem a consulta das outras potencias.

— *Estados Unidos* — O senador Morgan solicita a rescisão do tratado de Bulwer e Clayton. O presidente Mac-Kinley confirma nos seus cargos todos os ministros.

— *Allemanha* — Em Bremen é commettido um attentado contra o imperador Guilherme II sendo-lhe arremesado para a carruagem um pedaço de ferro que lhe fere uma das faces.

7 *Hespanha* — E' levantado o estado de sitio em Madrid.

8 *Inglaterra* — O municipio de Londres vo-

ta um credito de 5000 guineos para se erguer um monumento á rainha Victoria.

— *Portugal* — Os operarios soldados da fabrica Léon Delpeut, de Setubal, declaram-se em grêve, reclamando augmento de salario.

— *França* — Primeiro anniversario do incendio do theatro Comedie Française de Paris.

— *Estados-Unidos* — E' assignado um accordo prorogando até 24 de setembro de 1902 os prazos convençionados para a ratificação do tratado de reciprocidade entre os Estados-Unidos e a França.

10 *Italia* — Celebra-se em Roma um comicio popular contra os direitos aduaneiros sobre os trigos.

— *Portugal* — Realisa-se em Santarem um comicio agricola para protestar contra o abandono dos interesses da viti-vinicultura por parte dos governos e contra certas bases das propostas fazendarias que directamente aggravam o estado da propriedade rural.

— *Estados Unidos* (Texas) — Um violento cyclone destroe grande parte da cidade de Villeponst.

11 *Hespanha* — Aggrava-se a crise operaria fechando bastantes fabricas importantes de Barcelona. São incendiadas duas fabricas em Manllen.

— *Portugal* — E' publicada uma portaria mandando informar os governadores civis sobre as existencias de instituições religiosas que não estejam legalmente constituídas por ulterior procedimento governativo; e outra portaria não accetando a deposição do mandato da Camara municipal de Lisboa. O ministro de obras publicas apresenta ao Parlamento propostas de lei sobre as adegas sociaes e companhia vinicola, emphyteuse e sub-emphytheuse, inquerito industrial, concessões de caminhos de ferro, e viação municipal.

12 *Hespanha* — Os directorès dos jornaes *Pais e Español* batem-se ao sabre, ficando o ultimo ferido gravemente na cabeça.

— *França* — Em consequencia da crise operaria em Marselha, suspendem o seu trabalho 26 fabricas e officinas. — O espada francez Robert é colhido n'uma corrida de touros em Nice recebendo um gravissimo ferimento no pescoço.

— *Portugal* — Os operarios da fabrica de tecidos da companhia União Fabril Lisbonense constituem-se em grêve, reclamando contra a diminuição de salario.

15 *Valparaíso* — Constitue-se o novo gabinete chileno, sob a presidencia do sr. Rivero, sendo ministro dos negocios estrangeiros o st. Cruz.

16 *Estados-Unidos* — Um violento incendio destroe quasi totalmente a povoação de Cloverspot, ficando sem domicilio 300 familias. As perdas materiaes avaliam-se em 600 mil dollars.

— *Hollanda* — A rainha Guilhermina accetita a demissão do ministro da guerra, encarregando o ministro da marinha de gerir interinamente aquella pasta.

— *França* — Batem-se em duello Fernando de Rodays, director do *Figaro*, e o conde de Boni de Castellane, ficando ferido o primeiro com uma bala.

— *Estados-Unidos* — A commissão dos negocios estrangeiros da convenção cubana rejeitou unanimemente a emenda feita pelo senado americano definindo as relações dos Estados-Unidos com Cuba.

— *China* — E' inaugurado o caminho de ferro de Pekin a Tchang-Hin-Fer, em presença dos ministros plenipotenciarios da França e da Belgica.

• • •

NECROLOGIA

FÉVEREIRO — 21 LÉONTINE MASSIN, 54 annos, em Saint-Maurice, França, foi desde o fim do Imperio até 1882, uma das actrizes de maior talento e de sensacional belleza.

22 MONSENHOR AVON, bispo de Guadeloupe, 54 annos, em Pont-Saint-Espirit, França.

MARÇO — 3 CONDE DE TORREANAR, em Madrid, ex-ministro da justiça.

8 PETER BENOIT, em Anvers, compositor belga.

9 MARECHALA, CONDESSA NIEL, 78 annos, em Paris, viuva do marechal de França.

— BARÃO DE STUMM-HALBERG, em Halberg (Alemanha), grande industrial e deputado ao Reichstag.

15 CONSELHEIRO BOGOLEPOW, em S. Petersburg, ministro da instrucção publica.

• • •

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Março

MARÇO — 8 PETRONIO, peça em 5 actos e 6 quadros, extrahida pelo sr. Marcellino de Mesquita do romance de Sienkiewicz *Quo Vadis?* (Theatro D. Amelia).

9 AMA SECCA, comedia em 3 actos, de Sil-

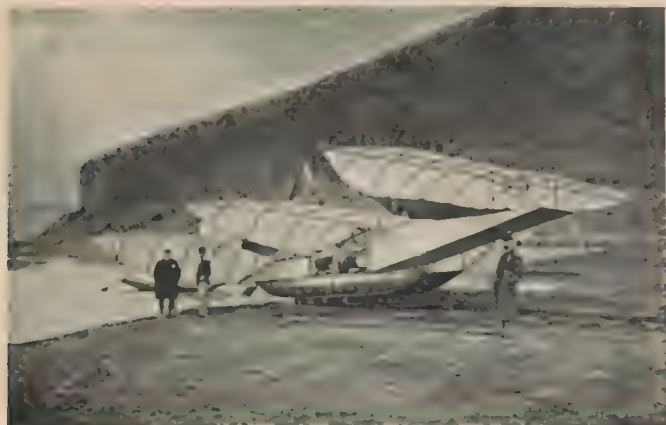
vane, traducção do sr. Moura Cabral (Theatro do Gymnasio).

— OS DOIS ANNUNCIOS, comedia em 1 acto, original do sr. Pedro Pinto (Theatro do Gymnasio).



NAVEGAÇÃO AEREA

Como justificação da possível realidade do conto *Rapto de Lola*, todo elaborado na previsão dos transportes aereos para o meado do seculo actual, reproduzimos em gravuras os modelos das duas mais recentes



machinas voadoras que bem demonstram o esforço inventivo convergindo para a resolução do problema.

Uma, a que está sobre a praia, é devida ao engenheiro Guilherme Kress, de Vienna d'Austria; a outra, figurada suspensa na amplitude dos espaços, é devida a Hoffman, de Berlim, e já foi apresentada ao exame dos homens de sciencia, e dos praticos de nautica, reunidos no grande salão de gymnastica da escola real, como modelo e em proficiada concorrência de nacionalidades nas proeminências scientificas. Ao cabo de 27 annos de sérios estudos, rico de desillusões e pobre de experiencias, o sr. Hoffman conseguiu dar valioso e pratico impulso ao tão debatido e contestado problema da navegação aerea. Discutem-se acaloradamente as vantagens d'uma sobre outra machina, apontam-se-lhes os defeitos, louvam-se-lhes as qualidades de resistencia, calculam-se-lhes as velocidades possiveis, prevêem-se-lhes os perigos na viagem, e ancia-se em geral pelas experiencias concludentes em modelos definitivos.

Uma e outra tomam a força ascensional, que as eleva, na compressão progressiva das

camadas de ar sob o impulso dado pelos respectivos motores; e assim discute-se o merito da de Kress sobre a de Hoffman, visto que a primeira construida em planos de resistencia diferentes dispõe de maior compressão e por-

tanto de maior velocidade, enquanto que a segunda simplificada em relação aos planos de compressão, apenas com as suas azas de larga envergadura, offerece maior segurança nas descidas forçadas, em casos de desastre, funcionando como simples pára-quedas.

A construção dos motores tem sido igualmente motivo de reflexões ponderosas, não só com referencia ao seu volume, qualidade dos materiais empregados e força effectiva, como também com respeito ao alimento que lhes forneça a força. Na machina de

Hoffman o carvão é ainda preferido ao petroleo, á benzina, ao alcool, e outros combustiveis propostos. O aparelho de Hoffman é feito em aço, e a caldeira em cobre, composta de 72 tubos de agua. A machina de Hoffman é munida d'uma especie de andas, que lhe facilita o movimento inicial. Avaliam-se as despe-



zas de construção do grande modelo em cerca de dez contos de réis, e supõe-se que igual importancia será despendida nas experiencias subsequentes.

Na Allemanha ha grande confiança no exito do novo invento; mas póde suppôr-se que o espirito patriotico aquece fortemente aquelle entusiasmo de momento.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possível n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Novo papel para imprimir

Mr. Benham acaba de publicar na *Gazette du Photographe Amateur* um interessante invento seu de um novo papel para impressões photographicas, de facil preparação para os amadores e relativamente economico.

Dissolvendo 15 gr. de bichromato de potassa e 7 gr. de sulfato de cobre em 125 cc. de agua, teremos o banho sensibilizador que se filtrará conservando-se assim indefinidamente.

O melhor papel a empregar é o de impressão, espesso, liso e de boa qualidade.

Toma-se uma folha d'este papel e prende-se com quatro *punaises* a uma taboa de antemão preparada para este effeito e, molhando um pincel de aguarella na solução, pinta-se o papel sempre na direcção de cima para baixo de maneira a ficar uma camada bem igual, enxuga-se o excesso de solução que ficar na parte inferior do papel e em seguida secca-se a alguma distancia de um fogareiro de gaz ou carvão, mantendo-se sempre a posição primitiva.

Todas estas operações devem ser feitas com a possível rapidez e ao abrigo da luz do dia; uma cor amarella escura indicará que o papel está bem secco.

Feito isto, corta-se nos formatos convencionados e só resta a imprimir como qualquer outro papel, mas á luz diffusa. A imagem estará bem impressa quando os detalhes forem bem visiveis, as sombras apresentem uma cor castanho escuro e os brancos conservem a cor amarella escura.

Para fixar a prova, banha-se em agua pura durante uma hora approximadamente; se juntarmos á agua um pouco de alumen, bem dissolvido para evitar manchas, serão apenas necessários 10 minutos para esta operação.

Retira-se então da agua e passa-se á luz franca para uma nova tina contendo um banho de acido pyrogallico recentemente preparado; a pouco e pouco os detalhes augmentam de intensidade, as sombras tomam o tom e ao fim de alguns minutos a imagem apparece perfeita; lava-se em agua corrente e em 5 minutos estará a prova terminada.

Este processo deve sobretudo ser applicado aos clichés de effeito vigoroso e a imagem ficará nitida e de um effeito artistico, se for conveniente o tempo de exposição.

Não sendo de facil conservação o papel assim sensibilizado, o resultado será tanto melhor quanto mais rapidas forem as manipulações.

Colla para positivos em papel

Afim de evitar o inconveniente da curvatura das provas em seguida á sua collagem

sobre cartão, aconselhamos a seguinte nova formula que contém muito pouca agua, causa da mesma curvatura e recommendada no *Bulletin Belge*:

Gelatina ordinaria.....	2 partes
Agua.....	4 "
Alcool.....	8 "

O alcool é deitado lentamente na gelatina quando bem dissolvida em agua quente, mechendo continuamente afim de se obter uma mistura homogenea. Esta deve ser applicada ainda quente, pois que esfriando secca rapidamente, e deve haver ainda o cuidado de que a prova fique definitivamente assente á primeira vez no cartão, pois que é um excesso adherente.

Esta solução conserva-se indefinidamente em frascos bem rolhados, afim de evitar a evaporação do alcool, e aquece-se em banho-maria quando se quizer utilisar.

Como escrever em branco sobre as provas

Varios meios tem sido aconselhados, mas a pratica tem-nos demonstrado que o melhor consiste no emprego da seguinte formula:

Iodeto de potassa.....	2gr5
Agua.....	7cc
Iodo.....	0gr25
Gomma arabica.....	0gr25

Assim que o papel esteja secco, escolha-se a parte mais escura onde se escreve e logo que as letras se tornem amarellas immerge-se a prova n'um banho fixador durante um ou dois minutos, lavando-se muito bem em seguida.

Revelador de amidol e hydroquinone

O *Nord Photographe* indica a formula seguinte preparada em duas soluções e cujos resultados são excellentes:

A—Agua.....	1:000 cc.
Sulfito de soda.....	16 gr.
Amidol.....	5 gr.
B—Agua.....	1:000 cc.
Sulfito de soda.....	40 gr.
Hydroquinone.....	10 gr.

Revelam-se os clichés tomando da:

Solução A.....	16 cc.
" B.....	1 "
Agua.....	16 a 20 cc.

e, desejando-se accelerar a revelação, poderá juntar-se 10 a 30 gotas de solução saturada de sulfito de soda.

Modo de cortar provas

São varios os systemas empregados n'esta operação, que aliás, parecendo facil não o é, isto se quizermos que as provas depois de coladas apresentem um aspecto não só artistico mas agradável á vista.

Muitos amadores descuram esta quasi ultima operação, succedendo muitas vezes que algumas provas que teem verdadeiro merito o perdem em grande parte pela maneira como estão cortadas.

O córte da prova póde fazer-se quando secca ou humida, sendo no entanto preferivel o primeiro caso, mas havendo todo o cuidado em contar previamente com a elasticidade do papel, que se manifesta quando humedecido.

Para esta operação emprega-se a thesoura ou um canivete de bom aço e bem afiado ou ainda um rodete.

Além d'estes instrumentos cortantes são precisos os calibres-chapas de vidro despolido de um dos lados para mais facilmente adherirem á prova e tendo do outro lado uma pequena maçaneta. Ha-os de todas as dimensões correspondentes ás dos cartões.

O processo humido consiste em molhar previamente a prova em agua e adheril-a ao calibre segurando este pela maçaneta e cortando aquella com uma boa thesoura.

O resultado é bom, mas ainda assim o córte é muitas vezes aspero succedendo tambem haver o deslocamento da prova; só um habil profissional conseguirá o seu córte regular.

Para os amadores o processo a secco é o mais preferivel, assentando a prova antes ou depois da viragem quando secca sobre uma chapa de vidro podendo servir uma de qualquer cliché inutilisado, mas bem limpa, e sempre de dimensão superior á da prova que se pretende cortar, colloca-se em cima o calibre procurando-se sempre que a linha do horizonte seja parallela ao lado inferior ou superior ao cartão, toma-se um bom canivete e passa-se a folha d'este uma ou duas vezes suavemente encostada a um dos lados do calibre.

Para se conseguir cortar os quatro lados da prova é necessario que esta operação seja feita de pé sobre mesa que se possa tornear ou que a chapa de vidro se volte facilmente para o lado do operador cada uma das vezes que se tiver de cortar um dos lados da prova; succede, porém, frequentemente o calibre deslocar-se, e não havendo attenção perder-se o paralellismo.

Como evitar este inconveniente ?

Inventou-se um apparelho que consiste em ter a chapa de vidro sobre rodizios obrigando-a a girar sobre si mesma. É na verdade bastante engenhoso, mas incommo, pois que o vidro deverá ter um peso sufficiente que lhe permitta a estabilidade, além do que é necessario ter vidros conforme as dimensões que se pretendem obter e portanto torna-se um apparelho caro.

Para remediar estes inconvenientes cita o sr. George Boy um systema pratico fazendo

collocar a chapa de vidro sobre um livro brochado de pequeno formato, mas de dimensões sufficientes para garantir a estabilidade, colloca-se a prova a cortar debaixo do calibre e á medida que se deseje cortar um dos lados da mesma prova, gira-se com o vidro de fórma que nem o calibre nem a prova se possam deslocar.

Este systema que aconselhamos aos amadores não só é bastante simples e pratico, mas ainda não exige despeza alguma, dando no entanto bom resultado.

Maneira de obter as provas esmaltadas ou mates

O esmalte das provas em papel aristotypico tem, além de outras vantagens, a de fazer realçar os minimos promenores.

Muitos amadores diligenciam obtel-o, applicando as suas provas sobre chapas de vidro polvilhadas de talco ou de uma solução de parafina em benzina; mas não raro esta operação é mal succedida, e só depois de grande aprendizagem se alcançam resultados seguros.

Para obviar a este inconveniente indica a *Societé Photographique de Dijon* o seguinte methodo mais simples e mais pratico:

Emprega-se uma chapa de folha de ferro ou zinco, recoberta de uma camada de gomma laca, que facilmente se encontra em qualquer fornecedor de objectos photographicos; lava-se muito bem com uma pouca de agua e sabão, passando-a em seguida debaixo de uma torneira de agua até fazer desaparecer todas as impurezas.

Logo que as provas estejam promptas, serão immergidas durante um quarto de hora pelo menos n'uma tina de agua bem limpa e em seguida applicadas ainda humidas sobre a chapa indicada, tendo o cuidado de deixar a gelatina em contacto com a chapa.

Afim de obter adherencia perfeita, cobre-se a prova com uma folha de cartão mata-borrão, exercendo uma forte pressão com um rôlo de caoutchout; secca-se em seguida a uma temperatura moderada, nunca ao sol nem muito proximo do calor do lume, e logo que a prova esteja bem secca, o que se conhece passando-lhe a palma da mão, levanta-se um dos cantos com a ponta de um canivete, retirando-a então facilmente.

As provas mates são mais artisticas e obteem-se pelo processo seguinte:

Toma-se um vidro despolido muito fino e passa-se sobre a parte mate um pedaço de flannela imbebido de essencia de therebentina; em seguida limpa-se muito bem com outra flannela até não ficar vestigio algum da therebentina; applica-se então sobre a parte limpa a prova ainda humida e de preferencia debaixo de agua, afim de que se estabeleça a adherencia completa entre o vidro e a prova, terminando a operação como para as provas esmaltadas.



NO CABELLEIREIRO

Uma vítima da questão religiosa...

PROBLEMAS

Num. 1 — As cidades A e B estão ligadas por caminho de ferro, o qual corre paralelo a uma estrada real. Uma carruagem parte de A no momento em que sae de B um comboio. Depois de ter cruzado com este, a carruagem gasta ainda 36 horas para chegar a B, e o comboio chega a A 9 horas depois de

ter encontrado a carruagem. Quantas horas levaram, a carruagem e o comboio, a percorrer a distancia A B.

Resoluções dos problemas do numero anterior

N.º 1 — 3 meninas e 4 rapazes

N.º 2 — 120^m — 270^m lados do rectangulo

N.º 3 — *Xadrez*

1. Ra. 4 T Ra. 1. R 4 B Ra.

2. Ra. 4 B Ra. mate

1. P 4 C Ra.

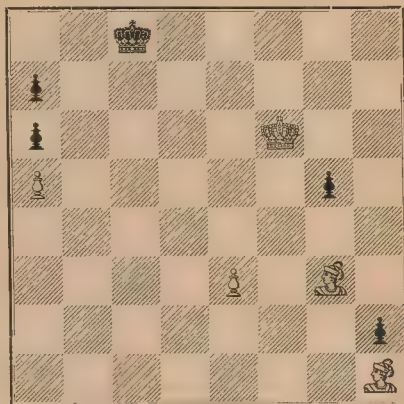
2. Ra. 4 Ra. mate

1. P 4 B Ra.

2. Ra. 8 T Ra. mate

PROBLEMA DE XADREZ

Num. 2 NEGROS (5 peças)



BRANCOS (5 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em cinco lances

BONUS AOS NOSSOS LEITORES

Por combinação particular entre as casas em seguida mencionadas e esta empreza, os nossos leitores poderão obter, contra a apresentação do respectivo annuncio, publicado nos **SERÕES**, um bonus de **5 por cento** sobre a importancia das compras que effectuarem n'aquelles estabelecimentos :

MODAS — **Lopes de Sequeira** — Rua do Ouro, 285 'a 293.

ALFAYATERIA — **Pinheiro, Sobrinho** — Rua de S. Julião, 83 a 87.

CAMISARIA — **Pitta** — Rua Augusta, 195 e 197.

ARTIGOS DE NOVIDADE — **A Phenix** — Rua do Principe, edificio do Avenida Palace.



SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

ROSARIO. — UNIÃO PELA VIDA. —
UMA TOURADA DE CORDA. — DE
LISBOA A MOÇAMBIQUE. — DISFAR-
CE INUTIL. — RACHEL. — NOVO MO-
TOR SOLAR. — SANTA ADOZINDA. —
O COLLAR DA RAINHA. — NOVO SIGNAL
SUBMARINO. — EM QUINTA FEIRA DA
ASCENÇÃO. — MODAS. — VARIEDADES.

VOL. I

MAIO & JUNHO — 1901

NUM. 3

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag
ROSARIO. — <i>Com 4 gravuras, copias de quadros e illustrações.</i>	130
UNIÃO PELA VIDA. — <i>Com 11 gravuras, copias de photographias e illustrações</i>	133
UMA TOURADA DE CORDA. — <i>COSTUMES DOS AÇORES. — Por FAUSTINO DA FONSECA. — Com 5 gravuras, copia de photographias.</i>	140
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por ANTONIO ENNES. — Capitulo III — MOÇAMBIQUE, O PORTO, A ILHA, A CIDADE, O CONTINENTE, AS CABACEIRAS, O MOSSURIL. — Com 11 gravuras, reproduções de photographias, e assignatura autographa</i>	145
DISFARCE INUTIL. — <i>SCENAS DA VIDA INGLEZA. — Com 5 gravuras de illustração</i>	159
RACHEL. — <i>Valsa por LAURA ESCRICH. — Com o retrato da auctora.</i>	164
NOVO MOTOR SOLAR. — <i>Com 1 illustração</i>	168
SANTA ADOZINDA. — <i>Novella rustica por ABEL BOTELHO. — Capitulo III — UMA NOITE DECISIVA. — Com 3 gravuras, desenhos de A. Benarus</i>	169
O COLLAR DA RAINHA. — <i>MYSTERIOS DA HISTORIA. — Com 8 gravuras, copia de photographias e illustrações</i>	177
NOVO SIGNAL SUBMARINO. — <i>Com 1 illustração</i>	186
EM QUINTA FEIRA DA ASCENÇÃO. — <i>Com 3 illustrações</i>	187
MODAS. — <i>Com 5 illustrações</i>	189
VARIEDADES. — <i>O EXPRESSO RELAMPAGO, MEMENTO ENCYCLOPEDICO, PHOTOGRAPHIA PRATICA, PROBLEMAS. — Com 6 gravuras</i>	XVII

62 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de	3 numeros	600
	6 numeros	1\$200
	12 numeros	2\$200

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importância *directamente* ou por intermedio dos correspondentes da empresa.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

M. GOMES LIVREIRO-EDITOR

LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas

Lisboa—61, Rua Garrett (Chiado), 61—Lisboa

EXTRACTO DO CATALOGO GERAL

OS POETAS

CONDE DE MONSARAZ

(Macedo Papança)

POESIAS — <i>O ultimo romantico</i> —	
<i>Paginas soltas</i> , 1 vol.	1\$000 rs.
CATHARINA D'ATHAIDE — <i>Telas</i>	
<i>historicas</i> , 1 vol.	1\$000 rs.
GRISÉLIA (<i>Mysterio</i>), traducção livre, 1 vol.	500 rs.

CESARIO VERDE

O LIVRO DE CESARIO VERDE

1 volume com retrato por <i>Columbano</i> , reimpressão textual da 1. ^a edição feita por <i>Silva Pinto</i>	500 rs.
--	---------

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

POEMAS — <i>Mysticos</i> — <i>Antigos</i> —		SONETOS — 1 volume impresso a	
<i>Modernos</i> , 1 vol.	600 rs.	2 côres	800 rs.
O AUTO DOS ESQUECIDOS — <i>Drama</i> (premiado) 1 vol.	500 rs.	O CAVALLEIRO FALSTAFF — <i>Comedia</i>	500 rs.

NO PRÉLO, DO MESMO AUCTOR :

FIGULINAS

1 volume de *Scenas e Contos*, illustrado

OS AMORES DE JULIA

2.^a edição, revista e illustrada

GORREIA GARÇÃO

OBRAS POETICAS E ORATORIAS — *Com introdução e notas de AZEVEDO CASTRO*
1 volume em magnifico papel, de 625 pag. com *encadrements* diversos a côres.. 1\$500 rs

ANTONIO FEIJÓ

ILHA DOS AMORES — 1 vol. 700 rs. ESPIRITO GENTIL — 1 vol. 600 rs.

LUIZ OSORIO

ANTHERO DE QUENTAL

RAIOS DE EXTINGTA LUZ — *Poesias inéditas, publicadas por TH. BRAGA* — 1 vol. 500 rs.

EUGENIO DE CASTRO

SYLVA — 1 bello vol. com retrato. 800 rs. PARAISO PERDIDO — 1 vol. 700 rs.

A. D'OLIVEIRA SOARES

JOSÉ BENOLIEL

ECHOS DA SOLIDÃO — 1 vol. 600 rs. RHYTMAS E RHYTMOS — 1 vol. . 600 rs.

RAMIRO DOS SANTOS

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

A MORTA — *Drama em 5 actos*.. 600 rs. CARTA A UM POETA — 1 vol. ... 150 rs

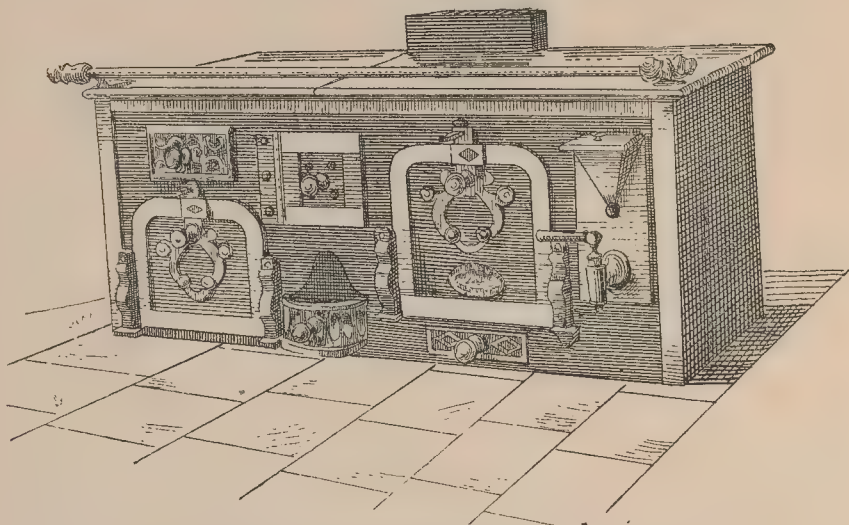
GUEDES TEIXEIRA

LIVRARIA DE M. GOMES.— CHIADO 61, LISBOA

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE MANUEL PATRONE

Executam-se todos os trabalhos de serralheria civil e mechanica, montagem de apparatus para gaz acetylene e outros e de electricidade

ESPECIALIDADE EM FOGÕES CIRCULARES E FOGAREIROS ECONOMICOS



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1874

ESPECIALIDADE

EM

TECIDOS ESTRANGEIROS



Sempre ultimos modelos

VESTIDOS, CONFECÇÕES E CHAPEUS

Rua do Ouro, 285 a 293
LISBOA

SASSETTI & C.^A

EDITORES DE MUSICA

LISBOA — 56, Rua do Carmo, 56 — LISBOA

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1 DE JANEIRO DE 1848

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DOS EDITORES

G. RICORDI & C.^{IE} DE MILÃO

HEUGEL & C.^{IE} DE PARIS

E

SCHIEDMAYER & SOHNE, DE STUTTGART — FABRICA DE PIANOS FUNDADA EM 1781

—

GRANDE SORTIMENTO DE PIANOS

DOS

PRINCIPAES FABRICANTES FRANCEZES E ALLEMÃES

Orgãos francezes e americanos

ALUGAM-SE, AFINAM-SE E CONCERTAM-SE PIANOS

Enorme sortimento de musica nacional e estrangeira das principaes casas editoras da Allemanha, Belgica, França, Hespanha, Inglaterra, Italia, Russia, etc., etc.

Metronomos, chaves de afinar, almirés, isoladores para pianos, rolos para musica e muitos outros artigos proprios d'este ramo de commercio

Encarregam-se de mandar copiar ou transportar qualquer musica

VENDAS A PRESTAÇÕES

CEPAS AMERICANAS



Enxertos

Barbados

Estacas

SELECCÕES PERFEITAS

MALLEU, BARNEDA & LLONCH

Figueras (Gerona) — HESPANHA

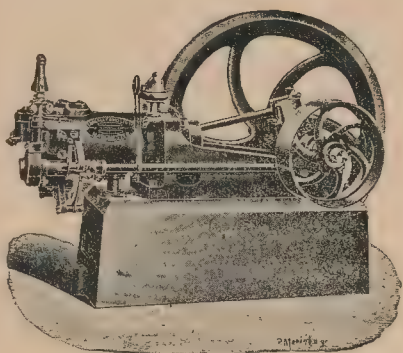
Representação para Portugal: — COMPANHIA CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL — LISBOA

21 A 31, RUA DO ARCO DO BANDEIRA

Carlos Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES



MOTORES A GAZ

CROSSLEY

MACHINAS A VAPOR

MATERIAES

PARA

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

Tintas de imprensa de CH. LORILLEUX & C.^{ie}

PITTA, CAMISEIRO

ENXOVAES COMPLETOS

Artigos de novidade
para homem

195, RUA AUGUSTA, 197
LISBOA

PINHEIRO & SOBRINHO

ALFAYATERIA

Rua de S. Julião, 83 a 87

GRANDE SORTIDO

DE

FAZENDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

CONFEÇÕES PARA HOMENS E CRIANÇAS

Encarregam-se de todos os trabalhos do seu genero
garantindo a sua perfeição

Rua de S. Julião, 83 a 87
LISBOA

A PHENIX

RUA DO PRINCIPE

Edificio do Avenida Palace

LISBOA

TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Variado sortimento de objectos para brindes

PERFUMARIAS

ARTIGOS PARA FUMADORES

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.

Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.

Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.

Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.

Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.

Boquilhas hygienicas Marques, com deposito
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

Obras litterarias e romanticas



MARIA — QUADRO DE FRANZ MÜLLER



UM rescripto apostolico do papa Pio VII dedicou definitivamente a Maria o mez de maio; fez da efflorescencia exuberante das rosas um rosario de invocações mysticas; oppôz ás festas tradicionaes da Flora pagã a consagração ideal da mãe do Christo; enlaçou toda a poesia da maternidade sublime, que gera o proprio Deus, á fecundidade prodigiosa da natureza que tudo renova, que matiza a verdura e perfuma as brisas tepidas, soprando em prodiga dessiminação o pollen creador.

Este é mais um curioso exemplo da transformação que a egreja imprimiu aos costumes vindos do paganismo, subtilizando-lhes a significação e conservando-lhes a simplicidade primitiva. As festas de Maria foram as novas festas de maio, symbolisado na Flora da antiguidade; e por isso nos primeiros seculos da nossa era, harmonisando os textos biblicos com os usos populares, as commemorações religiosas do mez tiveram aspecto de festas campestres e as flores inundaram os templos; teceram-se grinaldas de rosas para decorar os altares, como se compozeram os rosarios para enflorar a piedade dos crentes.

A symbolisação da pintura christã, de que é commentario a gravura reproduzida, obedeceu a esta substituição graduada dos costumes. Na numerosa serie de figurações idealisadas pela imaginação dos artistas para representar a Virgem, separam-se facilmente, distinguem-se caracteristicamente, quando um estudo attento e critico as compara, aquellas que, n'um movimento espontaneo e sincero da inspiração, fixam na tela a imagem simples, tradicional da Flora christã, ou da Rosa mystica, como lhe chama a ladainha vulgar.

A arte, abandonando a exuberancia da forma correcta e pura que symbolisava sensualmente a perfeição humana, quando a philosophia polytheista, envolta na sugges-

tiva roupagem dos mythos primitivos, elevava a deuses os homens ou dava áquelles forma humana, divinizando as virtudes e as paixões, os elementos e a força, a arte concentra no modelado da cabeça, em supremo esforço de idealisação, toda a expressão suavissima da nova crença que, ao invéz da antiga, fazia descer á terra, tomando a condição humana, o espirito divino. A arte para obedecer á concepção religiosa despreza a anatomia e no desenho restricto limita a forma ao minimo de figura que, sem falsear a verdade, antes possa suggerir a concepção ideal, como se pintando uma rosa, lhe fixasse apenas na tela o perfume subtil.

Tal é o quadro de Maria que constitue o frontispicio d'este numero, para definição artistica do mez de maio; e para completar na sua feição tradicional, sempre subsistente e sempre renovada, porque deriva immediatamente da propria natureza, aquella definição, a segunda gravura reproduz um quadro do moderno symbolismo pagão das festas de maio, no grupo gentil de rosas animadas que, como um cantico de innocencia entoada pela juventude em glorificação da natureza generosa, vão prepassando por entre as arvores do parque na alegria descuidada da vida em flor e risos.

Com effeito, nada mais jovial e suggestivo do que as côres vivas das rosas. Não sei que intima affinidade prende o riso á côr; mas quando vejo rosas soltas no regaço de mulher não sei se são ellas que sorriem, se é o sorriso que tem a côr viva ou desbotada, conforme a expressão sentida ou cruel, mas sempre mysteriosa, que Vinci soube fixar no retrato da Gioconda. Para que a correlação de factos seja completa, tambem as rosas têm a côr do sangue, ennegrecido como um desgosto, pisado como uma magoa; como têm a côr branca, d'uma brancura immaculada, a côr da dôce paz interior na consciencia limpida. Ha risos amarellos, de desdem esmagador,

como ha rosas amarellas finamente ironicas. Ha risos vermelhos d'uma sensualidade provocante, como ha rosas tão vivas que parecem decotadas na folhagem verde n'uma las-

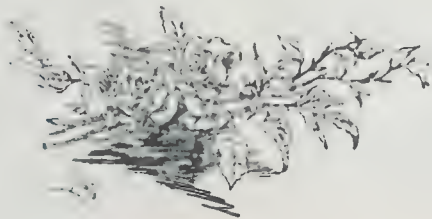
um botão de rosa offerece occulto entre espinhos. São secretas estas relações de factos, inexplicaveis, mysteriosas; todavia approximam-se, em comparação naturalista, as ro-

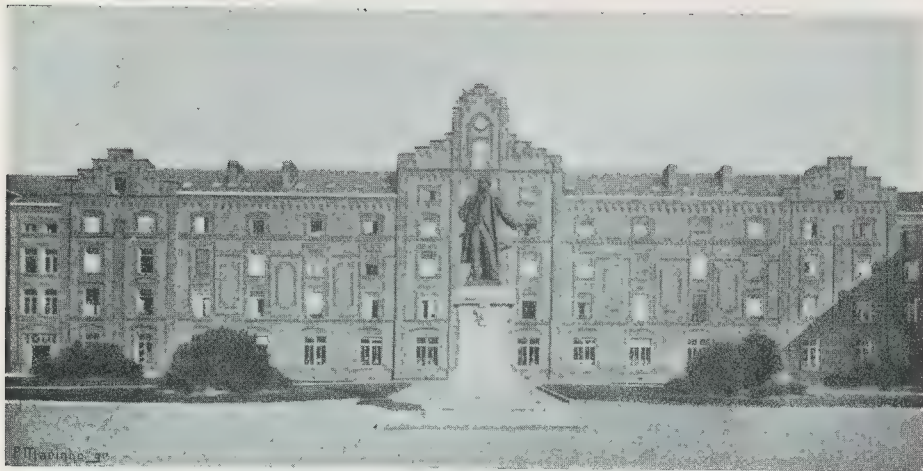


ROSAS DE MAIO — QUADRO DE W. MENZLER

civia enebriante. Ha risos meigos nos labios finos d'uma mulher que lembram, por suggestão immediata, a promessa da florescencia que

sas e as mulheres, as côres d'umas e os risos das outras n'um symbolismo espontaneo que impressiona até as almas rudes.





FACHADA PRINCIPAL DO FAMILISTERIO

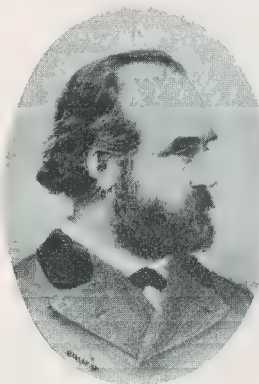
União pela Vida

Substituindo por esta formula pacifica o conflicto de classes que a desigualdade de condições provoca, attenuando por esforço de vontade a crueza do «struggle for life» que selecciona os mais fortes, vê-se n'este momento, e em todos os paizes, o trabalho organisador das grandes lutas sociais congregar-se n'uma propaganda salutar de resultados immediatos, preparadora de resoluções mais definidas que melhor satisfaçam ao ideal de justiça.

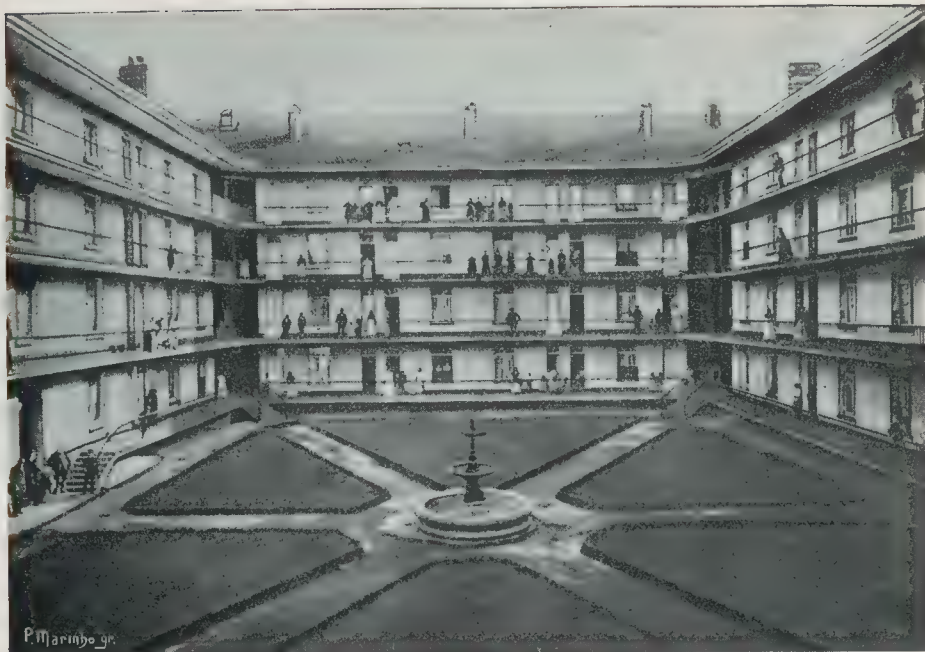
Esboçamos no artigo que segue o estudo d'uma instituição na qual, associando-se o capital e o trabalho, a UNIÃO PELA VIDA tem conseguido vantagens dignas de attenção, como uma das mais curiosas experiencias de reforma social. Referimos-nos ao FAMILISTERIO de Guise, em França, com uma succursal na Belgica, junto de Bruxellas, cuja fundação é devida a um benemerito pensador, filho do povo e do trabalho, e cujo funcçãoamento está justificado por viute annos de prosperos exercicios.

A UMA curta distancia, algumas centenas de metros, das ultimas casas da pequena cidade de Guise, no norte da França, vastas construcções em tijolo levantam os seus tres andares, rasgadas as frontarias por altas janellas envidraçadas: um corpo do edificio central, flanqueado por outros dois que avançam, reserva ao centro uma especie de praça, onde se ergue a estatua do fundador Godin. Esta disposição monumental tem o quer que seja da magestosa apparencia d'um Versailles. No dia em que visitei o *Familisterio*, um bello sol alegre e vivificante illuminava as grandes fachadas vermelhas, penetrava pelas janellas abertas, trabalho caseiro. Atravessa-se o edificio cen-

enquadradas muitas por trepadeiras em flor, decoradas outras com as gaiolas de canarios chilreadores. Lembrava o exterior d'um grande quartel, similhava-se ás construcções monotonas dos conventos e dos grandes predios portuguezes; porem ao longo das frontarias, em baixo, canteiros de jardim em plena efflorescencia punham uma nota de verdura, um rodapé de alegria n'aquella severidade de construcção. Por detraz d'um store de verga corrido ha vozes frescas de mulher; ouve-se uma gargalhada argentina a repercutir o contentamento intimo, um trecho de canção popular illustrando sem duvida o



O FUNDADOR GODIN



UM DOS PATEOS INTERIORES

tral por uma abobada que vae do largo portal a um vasto pátio com cobertura de vidro, collocada na altura do telhado.

Em cada andar uma varanda toda corrida em volta do grande *hall*, e para a qual se abrem as portas brancas das moradias. Aquella era o centro do immenso cortiço; tres edificios, tres outros pátios interiores, como este, reúnem perto de 500 moradas, onde se abrigam cerca de 1.600 pessoas. Eis ahi a habitação unitaria. Ali não havia já aquella alegria convidativa, sympathica, do aspecto exterior. A luz do sol escoava-se fria, diffusa, tamisada atravez da cobertura de vidro; as portas, numeradas a preto, alinhavam-se nas varandas, suggeriam a idea de clausura. Um habitante do *Familisterio*, delegado pela administração para me conduzir na visita, acompanhava-me e communiquei-lhe, attenuando-a quanto possivel, a impressão penosa que soffrera, a lembrança d'uma penitenciaria.

— Que idéa! respondeu admirado. Aqui vive-se livre e feliz; não ha um só que se lastime. Na cidade sim, que teem menos luz e menos ar nos quartos. Aqui ao contrario, está-se em pleno campo; as janellas dos edificios devassam um panorama esplendido. Por 5 francos por mez aluga-se um grande quarto; por 10 francos dois e assim por dian-

te. Cada um está em sua casa, perfeitamente independente, e com todas as commodidades da vida aqui mesmo, á mão: a padaria, o talho, a mercearia, o armazem de fazendas, tudo no rez do chão do *palacio*. Basta descer a escada. Venha ver.

Antes de seguir, algumas explicações complementares sobre a habitação unitaria, que foi uma das grandes preocupações do espirito bondoso do fundador Godin. «A habitação, escrevia elle n'uma das suas obras numerosas e uteis, é elemento essencial do bem estar da familia. Isto é tão perfeitamente comprehendido pelas classes ricas que a sua principal preocupação é dar-se o regalo d'uma bella casa». Godin propoz-se transformar a existencia do operario, resumindo todos os elementos de hygiene e de conforto, concentrando todas as cousas de uso geral, accessiveis a todos, e a habitação familisteriana foi edificada e organizada para este fim. Chamou-lhe o *Palacio social*, cujas entradas não tem portas, nem porteiros, para cada um poder entrar e sair livremente e a qualquer hora. Para segurança dos habitantes ha rondas nocturnas; um serviço de incendio excellentemente montado; depositos d'agua na parte superior dos edificios. A agua é fornecida por um poço artesiano aberto n'uma collina proxima que domina o valle. Repucha

d'uma profundidade de 224 metros, e é conduzida sem contacto com o ar até ao *Familisterio* por canalisação de ferro. Em cada

— Veja; basta descer de casa, e tem aqui para comprar tudo que deseje. Ninguém a isso é obrigado; cada qual com o seu dinheiro póde ir comprar onde quizer; mas a vantagem está toda em utilizar os serviços da administração, onde se paga por quinzena, onde as compras são levadas ao livrete de conta corrente, por meio da qual se participa nos lucros commerciaes realizados e ao fim de cada anno distribuidos ao prorata das importancias compradas, segundo preceitos regulamentares.

— Todas as caixeiros e empregadas habitam o *Familisterio*?

— Sem duvida, fazem parte da associação como os operarios das officinas. Em geral são mulheres ou irmãs d'elles, e os seus filhos são educados como os outros pela comunidade.

— Como assim?

— O fundador Mr. Godin quiz que todas as creanças, nascidas no *Familisterio*, fossem até a idade de quatorze annos educadas, sem dispendio para os paes. Os gastos de educação das creanças são considerados gastos geraes da officina. Sómente existem lucros liquidados para a associação depois de descontado este dispendio.

Conversando sahimos do *hall*, contornamos a fachada do edificio, e subito ao dobrar d'um angulo descobre-se novo aspecto que surprehende e encanta: bellas arvores, vasto relvado, uma especie de parque limitado pelo rio Oise, no centro do prado um *chalet* ligado por uma galeria envidraçada aos edificios centraes; e por toda a parte duzentos ou trezentos bebês, vigiados por trinta e tantas mulheres, corriam, saltavam, riam, gritavam na saudavel plenitude da vida infantil, ao ar livre, sob o sol vivificador. Aquelle espectáculo apóz a visita do *Familisterio* deu-me a im-



Um interior do *Familisterio*

andar ha numerosas torneiras para abastecer as moradias.

A hygiene das habitações merece esmerada solicitude da administração. Os detritos de legumes, o lixo, descem por conductas especiaes de cada andar a uma fossa, d'onde são diariamente retirados. As aguas sujas tem outro despejo e outra fossa. A lavagem de roupa, a barrella, prejudiciaes á conservação do edificio e á hygiene, são rigorosamente prohibidas no domicilio. A administração põe gratuitamente ao serviço da população do *Familisterio* magnificos lavadouros e seccadores ao ar livre no verão e em estufa no inverno, construidos com todos os requisitos que exige a sciencia e a economia recommenda.

O aceio interior das casas está debaixo da vigilancia do locatario; mas a limpeza das escadas, das varandas corridas, dos pateos, de todas as cousas de uso commum, está a cargo da administração, bem como o serviço de illuminação durante a noute. A observação voluntaria dos regulamentos, o respeito absoluto da liberdade de cada um, a delicadeza de relações superiormente vigiada, o proprio bem estar dos locatarios, teem contribuido para tornar a habitação unitaria cada vez mais agradável e desejada. E' preciso inscripção prévia para obter locação, que só com demorada espera se consegue, embora tenha progredido a construcção de novos edificios sob equal plano, que constituem os tres grupos do *Familisterio*.

Segundo o guia, percorri as vastas salas do rez do chão, onde se encontram installados os chamados serviços auxiliares: os armazens de vestuario, de mobiliario, de mercearia, a salchicharia, o talho, a venda de leite, a padaria, a carvoaria, o calçado, os banhos...



Outro interior do *Familisterio*

pressão nova d'uma existencia collectiva, laboriosa e tranquilla; pareceu-me vêr a familia engrandecida, a dos sonhos dos utopistas.

— Eis ahí o que nós chamamos o *Pouponnat*, disse-me o operario visivelmente satis-



O *Pouponnat*

feito por ter adivinhado a minha admiração impressionista.

N'aquelle *chalet* ha berços, biberons, brinquedos, tudo quanto é necessario para as creanças desde que nascem até a idade de quatro annos. As mães podem ir vê-las nas horas de descanso, e no verão todo aquelle relvado lhes pertence. A administração fornece tudo: berços, roupas, leite, cuidados, vigilancia. A' noite as mães veem buscal-as. Do outro lado da praça ha o grupo das escolas primarias, das classes maternas e infantis, para ambos os sexos, organisadas com o melhor methodo e dotadas com o melhor material. Os estatutos da associação estabelecem mesmo que as despesas de educação não sejam inferiores a determinada somma, e o dispendio effectuado tem-a excedido por vezes com bem entendida liberalidade.

Depois das escolas, a bibliotheca, de cerca de 3.000 volumes, jornaes e revistas, aberta á tarde até as 9 horas da noute e aos domin-



Grupo do theatro e das escolas

gos, com faculdade de leitura no domicilio, posta gratuitamente á disposição dos habitan-

tes do *Familisterio*; a sociedade de musica, o corpo dos bombeiros voluntarios, as sociedades do tiro á carabina, dos *archeiros* (tiro ao arco), de gymnastica, de esgrima, todas livremente estatuidas e frequentadas conforme as predilecções individuaes, sustentadas por pequenas quotas com subvenções da administração central; emfim o theatro, onde se representa frequentemente, onde se dão os concertos, onde se realisam as conferencias de instrucção, onde se reúnem as assembléas geraes, são elementos de distracção, de recreio util para os habitantes do *Familisterio* nas relações da sua existencia unitaria.

Ha duas grandes festas annuaes: a *festa do trabalho*, realisada no primeiro domingo de maio, e aproveitada para distribuição de recompensas aos que pela sua intelligencia, espirito inventivo e engenho trouxeram um aperfeiçoamento ao trabalho da officina; a *festa da infancia*, celebrada no primeiro domingo de outubro, para distribuição de premios escola-



Jardins e parque

res, para exposição dos trabalhos de costura e de desenho, e para uma representação de proverbios ou *saynetes* em que os pequenos artistas, de comportamento exemplar e de applicação superior, encontram a sua melhor recompensa, figurando em scena em deliciosos *travestis* de pequeninos pastores ou de flôres e de fadas, consoante a imaginosa urdidura das comedias infantis.

Para applicar o principio enunciado por Godin de que «o concurso da natureza nos factos da producção representa a parte dos fracos, dos doentes, dos invalidos, o que a humanidade deve a todos aquelles que tem necessidade de amparo», a associação familisteriana sustenta os seguros de mutua protecção, de pensões e do necessario á subsistencia, cuja receita, exclusivamente fornecida pela associação, constitue encargo social antes do apuro de lucros; mas subvenciona os seguros mutuos contra a doenca, divididos nas

secções de trabalhadores, de mulheres, e de pharmacia e serviço funebre nos enterros, cuja organização, orçamentos, receitas e regulamentos, offerecem engenhosas lições de economia e de sciencia administrativa.

Mas d'onde provêm todo este conjunto quasi maravilhoso de vida organisada? Claro está, da producção lucrativa das officinas. Como funciona essa bella associação de capital e de trabalho? Vamos vêr.

A meio caminho entre a ponte do *Familisterio*, construida por elle sobre o rio Oise, e as officinas que já via no fundo, com as suas enormes chaminés, com a dentadura dos seus tectos de armazens interminaveis, cobrindo hectares de superficie, está situado o jardim de recreio, com terraço de arvores fructíferas, que a intelligente previdencia de Godin plantou para uso do *Familisterio*. O jardim, desenhado em alamedas sombreadas, povoado de canteiros de flôres, decorado de pequenos lagos e de estatuas, é cuidadosamente tratado pela administração, frequentado por todo o publico, a quem não é negada a entrada, e utilizado pelos habitantes do *Familisterio*, a quem pertencem tambem os fructos abundantes do pomar, de pereiras e de pereguieiros.

No meio d'uma especie de clareira, eleva-se um kiosque rustico, abrigado sobre arvores frondosas.

— Era aqui, disse-me o operario, que Mr. Godin nos reunia nas tardes de verão, depois do trabalho, para nos dizer o que pensava sobre a educação, sobre as questões sociaes. E, cousa curiosa, levou vinte annos a fazer-se comprehender e acreditar. Todos desconfiavam que houvesse uma armadilha; um patrão que queria brindar os operarios com os lucros da sua officina! Mas depois comprehendemos bem que bella alma era aquella! Sobretudo depois da sua morte. Venha vêr o mausoleo que lhe mandamos erigir. Elle quiz ser enterrado aqui, no jardim do *Familisterio*.

No topo d'uma pequena elevação do terreno, levanta-se um grande obelisco, elegante e severo, flanqueado d'um genio em bronze, aberta a envergadura das azas: da direita, um operario symbolisa o Trabalho; da esquerda, uma mulher, amamentando uma criança, figura a Maternidade; em frente, o busto do

fundador philanthropo. Passando defronte do monumento, os operarios do *Familisterio* descobrem-se n'um movimento respeitoso e espontaneo. Ha muitos ainda que o conheceram e estimaram.

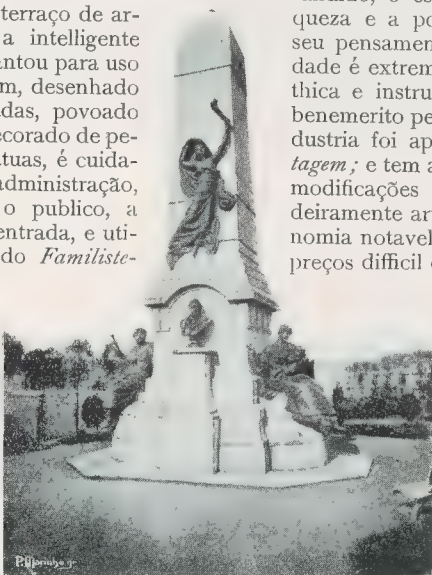
Godin morreu em 1888, em janeiro, deixando a sua associação em plena prosperidade e legando-lhe a parte disponivel da sua fortuna. Godin nascera em 1817, em janeiro tambem. Filho de operario, serralheiro de officio, instruindo-se á sua custa, apoz alguns annos de trabalhosa vida, montou uma officina modesta, creou uma nova industria, a fabricação de aparelhos de aquecimento, fogões e outros utensilios domesticos em ferro fundido, e esse invento deu-lhe a riqueza e a possibilidade de realizar o seu pensamento reformador. Na verdade é extremamente curiosa, sympathica e instructiva a biographia d'este benemerito pensador. Mais tarde a industria foi aperfeçoada com a *esmaltagem*; e tem attingido em progressivas modificações um acabamento verdadeiramente artistico, junto a uma economia notavel e a uma modicidade de preços difficil de exceder.

A associação de trabalhadores e capitalistas, fundada em 1880 pela iniciativa de Godin, sob a formula legal de commandita simples, tem actualmente o titulo do seu administrador gerente, Colin & C.^o, sociedade do *Familisterio*, antiga casa Godin. Já se chamou Duquenne & C.^o, em obediencia á lei que

rege as commanditas, quando era aquelle o administrador gerente. O fundo social primitivo constituiu-se pelo capital do fundador na importancia de 4.600.000 francos, que mais tarde foi completado com 400.000 francos, elevando-o á somma actual de 5.000.000; porém o activo da sociedade no exercicio de 1899 segundo o inventario subia a quasi 15 milhões e meio de francos.

A organização financeira é extremamente simples, mas engenhosa.

Godin, levando para a sociedade o capital de fundação e os operarios o seu trabalho, dividiu os lucros segundo a sua theoria: uma parte ás capacidades, á intelligencia dirigente; outra parte juro do capital, que elle chamava salario do capital, visto que eram estes os elementos da producção, e o restante, depois de



O tumulo de Godin nos jardins do Familisterio

pagar todas as despesas da mutualidade e da educação das crianças, era partilhado entre os salários, tanto do capital como do trabalho, na proporção das suas entradas para a produção total.

Para a repartição dos lucros, Godin assimilou o capital a um operário que recebesse, como todos os outros trabalhadores da oficina, uma parte dos lucros proporcional ao seu salário. Ora o salário do capital é o juro de 5 %, que lhe é pago, como a fêria ao trabalhador; será portanto ao prorata d'este juro que o capital participará nos benefícios líquidos.

A parte que pertence aos operários não lhe é entregue em dinheiro, mas inscripta em títulos nominativos de propriedade, emtanto que a somma é destinada ao reembolso do capital. No fim d'alguns annos, e com o auxilio do legado de milhão e meio de Godin, o capital do fundador, foi todo amortisado e substituido pelos títulos que por seu turno vão sendo amortisados nas repartições annuaes, deixando margem disponível para inscripção a novos trabalhadores, de sorte que a verba do capital não muda, mas a propriedade das oficinas vae sendo sempre transmittida aos que trabalham n'ella e nunca entregue ao pe-

queno numero dos privilegiados primeiros pela philanthropia do fundador.

Os operários associados, que se dividem em diferentes classes cuidadosamente regulamentadas, e por onde se estuda o esculpulo criterio de justiça e de equidade que orientava o espirito de Godin, são assim os accionistas da empresa, mas accionistas que não são permanentes, nem absorvem indefinidamente os lucros; porque o seu capital recebe apenas a sua paga, o seu salário, em quanto concorre para a produção, e depois é reembolsado progressivamente para dar entrada aos novos trabalhadores. O mecanismo d'estas operações é portanto muito simples.

Quem compõe com recordações pessoais e com o auxilio de descripções e de noticias desenvolvidas esta exposição do funcionamento do *Familisterio*, já em tempos procurou introduzir no nosso paiz este processo financeiro applicado á organização d'um grande banco de credito commercial e industrial, com o fim de conseguir pelo reembolso do capital social e pela disponibilidade correlativa dos lucros a redução do preço nos serviços bancarios, a baixa progressiva da taxa de juro, a bonificação annual distribuida aos clientes do banco. Claro está que semelhante



OFFICINA DE MONTAGEM



OFFICINA DA EXPEDIÇÃO DOS PRODUCTOS FABRICADOS

plano, como muitos outros, não teve a mínima probabilidade de realisação. Note-se ainda que a legislação actual sobre sociedades por acções proíbe um funcionamento semelhante.

Nos vinte exercicios sociaes, que vão de 1879-80 a 1898-99, os operarios do *Familisterio* receberam, além dos seus salarios respectivos 4 milhões e meio de francos sobre o conjuncto dos lucros a repartir, e os capitães receberam, além do juro de 5 % como salario, um pouco mais de 400.000 francos. Era esta limitação do quinhão capitalista que Godin procurou e conseguiu realisar em plena prosperidade das suas officinas, applicando o bello principio «da união pela vida.»

Esta repartição dos lucros sociaes refere-se apenas a 75 % da somma total a dividir. A quarta parte restante, os 25 % de saldo, são attribuidos ás capacidades, quer dizer, constituem a remuneração da intelligencia directora, administrativa, vigilante e progressiva em beneficio da associação. Nos mesmos vinte exercicios, o total distribuido sobe a 1.800:000

francos; e d'estes, 150.000 francos representam a recompensa especial das invenções uteis. Comprehende-se facilmente que n'uma organização industrial, como esta, se determina uma convergencia constante de actividade para conseguir resultados cada vez mais vantajosos. E tanto mais estimulados são estes esforços quanto é certo que a associação do *Familisterio* tem de lutar, sob o ponto de vista de sociedade industrial, com a concorrência, com as vicissitudes das operações, com a situação varia dos mercados.

N'isto está a maior objecção que lhe oppoem os defensores das doutrinas radicaes. O *Familisterio* não resolve a questão social; mas são tão evidentes os resultados obtidos, é tão sympathica a instituição na evolução da sua vida interior que sem duvida seria para desejar vêr multiplicados estes exemplos. Na verdade, em tudo que se refere aos seguros mutuos, aos auxilios de toda a especie que o *Familisterio* tem instituido, elle é um exemplo e um modelo onde a philanthropia d'uns e o interesse d'outros, tem ido buscar incentivo e regulamentação.





ANGRA DO HEROÍSMO — TOURADA DE CORDA



O TOURO NA CORRIDA — A direita, entre as bandeiras, um «imperio»

Uma tourada de corda

Costumes da Ilha Terceira, nos Açores

As ilhas preparam, como era natural, para a proxima visita de Suas Magestades recepções festivas, no programma das quaes se inclue a exhibição d'uma tourada consoante o uso tradicional do povo em Angra do Heroísmo, procurando assim e muito justamente dar o relevo original ás festas que a solemnidade official torna quasi sempre monotonas e repetidas. O encanto das viagens reside não só na visão suggestiva da paisagem nova e extranha, como tambem no impresso dos costumes locais que melhor definem o aspecto e a vida d'uma região e mais fundamentalmente impressionam quem os observa pela primeira vez.

A O ROMPER da Alleluia, como se a treva do interior dos templos deixasse de envolver a cidade, echoam por toda a parte musicas, foguetes, salvas, cantorias, a banda regimental sopra o hymno da carta, no bastião sobranceiro á cidade, e desce do castello tocando as boas festas com que vae saudar o municipio.

Phylarmonicas de porta em porta lisongeam os socios protectores, e nas violas de arame o povo acompanha os primeiros des-cantantes dos bailes populares.

E a victoria do verão sobre o inverno, do sol contra a bruma: o principio do «tempo da flôr» que celebravam as canções dos trovadores medievaes.

Começa o *Espirito Santo*, sete semanas de festas populares.

Irmandades tiraram á sorte a quem pertenceria o *Divino Espirito Santo* em cada semana; e a corôa de prata, com o respectivo sceptro, encimado por uma pomba, começa a ser exposta á adoração dos fieis.

A habitação honrada pela visita enfeitase, atapeta-se, adorna-se de cortinas, repositores, lustres, candelabros, sedas e velludos que os ricos emprestam de boa vontade para maior brilho da devoção.

Arma-se em capella o mais vasto aposento, põe-se a corôa n'um altar, radiante de luzes, de pratas e de crystaes e todas as sete noites se reza ou canta diante d'ella um ter-

ço, acompanhado em côro pelos convidados:

«Bemdita, bemdita
Mil vezes e mais
O Virgem purissima
Bemdita sejaes».

Terminam rezando «pelos que andam sobre as aguas do mar» e por fim a corôa e o sceptro passam de mão em mão, sendo religiosamente beijados, tocando os devotos os olhos e a fronte com elles. Postos novamente os emblemas no altar, começam os bailes populares dos Açores, a *Chamarrita*, a *Sapateia*, o *São Macaio*, as *Velhas*, a *Charamba*, a *Saudade* cantadas á viola, ou as danças francezas acompanhadas ao piano.

O *imperador*, o irmão que tem o *Divino* em casa, ou o *imperio*, pavilhão ou kiosque, séde da irmandade, que realiza a principal função, distribuem bôdo aos pobres, matando para isso muitos bois e bezerros.

O gado destinado ao sacrificio é enfeitado de boninas pregadas com breu ao pello,

As rezes que vão a matar, e as vaccas que as acompanham para facilitarem a condução, vão cheias de guizeiras e chocalhos.

Ranchos tocando e cantando, deitando foguetes e bombas, mantem á cacetada o gado que se espanta, quer fugir, e passa pelas ruas em tropel.

Levam-os adiante do *imperio*, á presença da corôa exposta nas casas terreas, e obrigam-os a ajoelhar em venia ao *Divino*, depois do que vão todos para o matadouro.

No sabbado ha arraial, illuminação e fogo de vistas, com muitas barracas onde se come e bebe, servindo de aperitivo ao vinho pernas de lagosta ou fava rica, franqueadas ao publico em grandes alguidares.

No domingo é o bodo e a coroação.

Sae de casa ou do *imperio* a corôa, posta n'uma bandeja, entre alas numerosas de convidados, de cabeça descoberta, empunhando tochas.

Precede-a uma bandeira de damasco vermelho franjada a ouro, a pomba no alto da



COROAÇÃO DO ESPIRITO SANTO

testeiras e rabeiras de papel de côr, grinaldas de flôres ligando as pontas, uma bandeira entre ellas, desfraldada ao vento.

haste, a corôa bordada a meio do panno. Dirigem-se á igreja.

Os symbolos são postos no altar.

Ha missa cantada ou rezada, conforme as posses dos promotores, e por fim o padre vae coroar o *imperador*, pondo-lhe a corôa na cabeça, depondo-lhe nas mãos o sceptro, que elle conduz requebrando os braços pretenciosamente.

O cortejo desfila pelas ruas onde estão dispostas as esmolas em bancos interminaveis, cobertos de peças de panno de algodão.

O bôdo, um ou dois pães, um prato de barro cheio de carne, sangue e figado, perfumado a raminhos de hortelã, é benzido pelo padre que o vae salpicando com a agua do hyssope, emquanto o *imperador* sorri orgulhoso pela distincção, que a muitos custa as economias de longos annos, e os convidados apertam no braço a saborosa *rosquilha*, distribuída á sahida da egreja.

Entregues as esmolas ao povo ha o jantar que começa pela *sôpa do Senhor Espírito Santo*; uma abundante sôpa á portugueza, em que foram cozidos kilos e kilos da carne de que se fizeram as esmolas, muito figado, e muito sangue a que não falta o ramo de hortelã, e a benção do padre que fez a *coroação*.

Os *imperios*, uns de pedra, outros de armar, estão expostos aos devotos que vão adorar a corôa e a pomba.

N'uma salva de prata recebem-se esmolas, dando em troca os mezarios da irmandade *rosquilhas*, pombas de alfenim e vinho, servidos muita vez por deliciosas raparigas.

A mulher tem n'estas festas papel importante, havendo *coroações* e *mudanças de corôa* só acompanhadas de raparigas, que conduzem o *Espírito Santo* e levam a bandeira, cargos de uma alta distincção.

Domingo á tarde espairose o arraial em frente ao *imperio*.

Vem gente de longe em carros de bois, vistoso toldo, a junta com colleira de guizos, a canga enramada de flôres.

Apparecem todos os trajos populares, desde o camponez descalço, camisola de linho branco, carapuça preta, pequena como o solideo, com duas orelhas vermelhas, botões d'oiro na golla; até á *mulher de manto*, saia preta, a cabeça coberta pelo capello, um toldo duro, que se repuxa a formar na frente um bioco, e aperta franzido na cintura.

Veem-se mulheres de saias pelos hombros, calçando sóccos de sola de cedro; ricos lavradores bem vestidos e descalços; populares armados de cacetes, *homens do monte* preve-

nidos de enormes guarda-soes de panno azul. Os trajos populares dos Açores variam de ilha para ilha, de povoação em povoação,



PASTOR TOMANDO CONTA DO CURRO

denunciando a diversidade da origem, a mescla dos seus componentes, mostrando ainda os vestuários antigos de Portugal, elementos do costume hespanhol e flamengo.

Na segunda feira ha a corrida de touros á *corda*, que na Terceira é o complemento de todas as festas populares, e um precioso elemento de propaganda eleitoral.

Como na antiga Roma, os grandes senhores offerecem ao povo um espectáculo gratuito, para o captarem.

Só ali se comprehende o que é a alegria, a embriaguez popular n'uma festa em plena rua, onde todos podem tomar parte, ou gozal-a onde melhor lhe approuver, sem a tyrannia dos regulamentos, dos logares marcados, das bilheteiras e dos porteiros.

Chegam de manhã as bolas, as cordas, os foguetes, e o touril de armar, que se installa n'uma *canada*.

Entra por volta do meio dia, na povoação, o curro conduzido por pastores que a pé fazem frente aos touros ensarilhando o cacete, jogando-lhe pauladas ás hastes, partindo-as ás vezes n'uma pancada em falso, e lhes acaulam fortes cães de *fila* que lhes tomam a dianteira e, dependurando-se-lhe nas orelhas, obrigam-os a parar.

Emquanto vieram pela estrada, precedidos e seguidos por filas de vacas, guiadas pela *vacca mestra*, continuaram adiante ou atrás os carros, os cavalleiros ou os peões que os encontraram e proseguem sem se atterrar, tanto se está habituado a taes espectáculos.

Regorgitam desde pela manhã as ruas e praças da povoação.

Chegam de todos os pontos magotes de povo, bandos de cavalleiros, trens e carros de bois cheios de gente.

Janellas, balcões, muros, jardins, tudo repleto.

Nas ruas acotovela-se a multidão.

Ha um movimento febril de anciedade pelo começo da corrida.

Sóbe ao ar um foguete, o signal. Sae o touro para a rua e investe contra os espectadores abrindo larga clareira.

Populares mais corajosos chamam-o, citam-o com guarda-soes, lenços, varapaus, os proprios casacos até; o animal arranca e as mais das vezes colhe os improvisados toureiros que rolam pelo chão entre gargalhadas e apupos.

O touro corre vertiginosamente precedido e seguido por centenas de populares. Embora preso a uma corda, que quatro homens seguram para não o deixarem ultrapassar os limites da povoação, tem os movimentos livres e tão livres que no outro dia algumas dezenas de aficcionados queixam-se de haver apanhado o seu quinhão na farta distribuição de boléos.

De espaço a espaço páram repentinamente os *homens da corda*, muitas vezes rapazes da primeira sociedade angrense, e *dão a pancada*, isto é, fazem com que o touro suspenda a carreira para que das janellas, das paredes e dos balcões se gose successivamente o estranho espectáculo, semelhante ao de uma praça que se deslocasse ao longo da povoação.

FAUSTINO DA FONSECA.



AMADORES TOUREANDO NO TERREIRO



MOÇAMBIQUE — VISTA TIRADA DA PONTE PARA O LADO DA FORTALEZA

De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO III

**Moçambique — O porto — A ilha — A cidade — O continente
As Cabaceiras — O Mossuril**

HA mais de vinte e quatro horas que se perdeu de vista, pela pôpa fóra, o arvoredo de Zanzibar, já empastado pela distancia e coberto d'uma vellatura azulada. Na vespera, os oculos perceberam confusamente a torre do pharol de Cabo-Delgado; depois fez-se prôa mais ao mar para dar resguardo ao traiçoeiro baixo de Pinda, accrescentado agora pelas carcassas de dois grandes paquetes, e só o vôo d'algumas aves maritimas no rasto espumoso do navio annunciaram a visinhança de terra. Eil-a, porém, a esboçar-se novamente pela amura de estibordo: esta ligeira sombra de forma conica deve de ser o *Pão*, esta outra, ainda mais esbatida, terminada por uma linha parallela ao horisonte, é por força a *Meza*. *Meza* e *Pão*, duas altas montanhas de perfis quasi geometricos a distancia, uma rematada em esplanada, a outra em cone, ambas levantadas ao norte de Moçambique, muito a dentro de terra, são as primeiras marcas do porto que o viajante enxerga, e devem parecer de bons auspicios aos famintos que o demandam, embora me não conste que haja rumo em que a perspectiva ponha o *pão* sobre a *meza*.

Quando o littoral já se distingue vestido de palmares, descobre-se tambem o alto pharol da ilha de Goa, um dos tres grandes roche-

dos coraliticos que a largos espaços deseguaes affloram á entrada da bahia, e corta-se direito a elle, até se vêr de perto a sua pesada torre de alvenaria, a grande custo e maior dispendio firmada n'um chão baixo, de fragoas cobertas de areias pelas marés e pelos ventos, onde todavia vicejam arvoredos, e em cujas ribas se colhem esmaltadas conchas e se arrancam mimosas florescencias de coral branco. A este tempo já se tem montado uma delgada ponta, forrada de matto, que o continente projecta pelo mar dentro, e entre ella e a ilha avoluma á vista uma negra mole, flanqueada d'agua por uma e outra parte, sobre a qual se empina, junto da ramaria d'uma arvore, um mastro semaphorico, — então de certo empavesado com bandeiras de signaes, — e em cujo negrume se destaca uma lista branca de cal; acertando-se o aproamento de modo que essa lista se ajuste áquella rama verde, navega-se com segurança até um banco, assignalado por uma boia, que é como o prolongamento da extremidade da ilha de Moçambique, que a fortaleza toma de lado a lado com os seus baluartes; e d'essa boia, olhando-se á direita para a linha de terra que fecha a bahia pelo norte, e para a orla d'um baixio que se denuncia, quando não está descoberto, pela côr esverdeada da agua que o cobre, avistam-se

duas marcas brancas, de noite illuminadas por luzes vermelhas, cujo enfiamento leva o navio por um largo canal até vêr a testa d'uma ponte e fundear defronte, mas a muitas amarras de distancia, da cidade, n'um braço de mar tão pouco largo que, olhado da ilha, parece uma delgada barra verdeneira mosqueada de branco.

Raro será o viajante portuguez, acostumado a ouvir deprimir a nossa Africa Oriental, que não saude o panorama da capital com a lisongeira phrase: *é melhor do que eu esperava!* A cidade, realmente, parece ter sido armada

lação densa, comas de palmeiras oscillantes nos delgados troncos, lembrando umbrellas abertas sobre os terraços, fazem crêr em jardins orientaes entresachados nos massiços das construcções; bandeiras de todas as nacionalidades, tremulando alto, abonam franquezas hospitaleiras; no extremo, um baluarte in-crustado n'um penhasco solitario faz o effeito d'uma armadura medieval nos apainelados d'um salão moderno, recordando tradições cavalleirosas. Moldura d'este quadro variado de vida e de historia, é uma larga facha de mar de intenso azul, em que correm vellas

e esvoaçam gaivotas; galeria, o espaço inundado de luz quente, que na sua amplidão magestosa representa a grandeza d'esse mundo africano, de que Moçambique é mesquinha metropole.

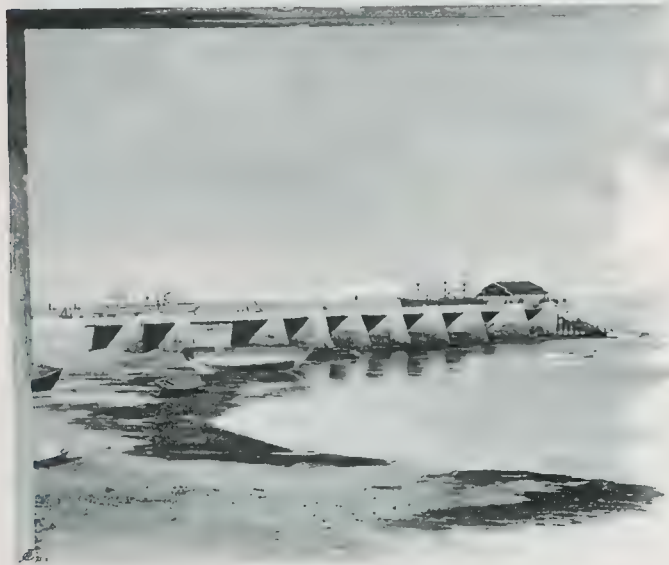
Infelizmente estas indicações de scenographia nem todas são verdadeiras!

A impressão geral de que se apor-tou a um *paiz civilisado* não é, com-tudo, desvanecida pelas primeiras relações do navio com a terra, relações pelas quaes os viajantes tanto aquilatham o gráu

de cultura dos seus hospedeiros. Os serviços do porto não envergonham, embora se resintam dos influxos da divisa nacional: *logo*. A capitania, a saude, a alfandega têm apresentação decente; bons escaleres limpos com remadores uniformisados á maruja, funcionarios compostos e correctos, expediente regular.

Os pilotos mouros, enroupados ao uso da sua grey é que desde muito deveriam ter sido substituidos por officiaes inferiores da armada, que tão difficilmente encontram occupação na metropole quando dão baixa; e os guardas aduaneiros, coitados, quasi todos negros ou indios, mal sabendo garatujar um impresso da repartição, não podem ser prestantes nem podem ser respeitados.

Tambem se sente a falta de catraios, que se afretem para desembarcar passageiros e bagagens, quando se não pode dispôr das



MOÇAMBIQUE — PONTE

ao effeito como um scenario. Na parte da ilha que primeiro dá na vista ao viajante esculpiu-se o seu brazão, a monumental fortaleza, cuja tinta negra attesta a fidalguia de seculos e cuja agigantada mole symbolisa poderio. Depois, o denso e collossal arvoredado alinhado sobre a praia do campo de S. Gabriel alardeia favores da natureza, e se um amontoado de casebres abeirados da costa inspira suspeitas de decadencias, logo a frontaria gradeada do palacio do governo e a sua capella branca de altiva flecha, que se avistam por cima da muralha de pedra da vasta praça de S. Paulo, asseguram que móra ali a civilisação moderna. Uma ponte mettida pelo mar dentro e uma rampa lançada sobre a praia, sempre acostadas por embarcações e trilhadas por carregadores, apparentam movimento commercial; grandes edificios de pinturas frescas inculcam riquezas, montões de casaria revelam popu-

embarcações do Estado nem aspirar á honra de ser transportado pela galeota do governador geral, archeologico arremedo das que no Tejo servem á familia real em navegações de gala. E' um pesado barco comprido, encarnado e ouro por fóra, com camarim armado de sanefas e cortinas de damasco, e tres enormes lampeões de metal amarello espetados á prôa e á ré; em tempos de mais zelo pela etiqueta, não era permittido á chusma empunhar-lhe os remos sem se ter mascarado com camisollos encarnadas e barretes de phantasia, mascara copiada tambem de figurinos obsoletos da côrte.

Estas imitações derivam da imitação synthetica do rei pelo governador geral. No reino não se imagina que figurão faz um governador na sua colonia! Se o de Moçambique vae fazer um *pic-nic* á Cabaceira ou ao Mossuril, como quem diz á Outra-Banda, quando elle está a embarcar ou a desembarcar, talvez escarranchado nos hombros d'um preto, pum! a fortaleza de S. Sebastião solemnisa o feito com uma salva de..... 21 tiros. S. Ex.^a—e já se declarou em portaria, no *Boletim*, que só elle e o prelado tinham direito a esse titulo, —S. Ex.^a vae tomar o fresco á tardinha, ao campo da União? Não vae de carruagem a quatro com batedores, porque a areia solta das ruas difficulta o rodado, mas ficar-lhe-hia mal ser visto sem dois ajudantes de espada a rastos, e a sua passagem vae sendo annunciada pelas sentinellas chamando ás armas! Embarca? Iça-se á prôa a bandeira nacional! Foi ou vae visitar Angoche? São avisados os funcionarios para irem á ponte cumprimentar S. Ex.^a, formam as tropas em parada, e as bandas tocam o hymno da Carta. Na egreja, S. Ex.^a assenta-se n'uma cadeira collocada no arco cruzeiro, do lado da epistola, sob um baldaquino, e ajoelha n'uma almofada de damasco carmesi. Nas recepções solemnes, a imagem viva de El-Rei colloca-se, de pé, em frente do retrato da Majestade sob um docel com sanefas de velludo, e a côrte desfila por deante d'elle, fazendo as mesuras da pragmatica. Alguns governadores, é claro, simplificam estas pompas, mas tambem alguns as têm accrescentado, inventando até, para mais esplendor da sua pessôa, fardas mirabolantes. Uma farça! Todavia, ha quem ambicione governos só para ser protagonista d'esta farça!

Quando se desembarca principiam as desillusões a aguar o prazer da chegada. A ponte para que a embarcação se dirige é de construcção antiga, mas não tem máu aspecto. O seu largo taboleiro de madeira assenta sobre dez pegões de cantaria, e tem a testa abrigada por um telheiro de cobertura metallica, cuja sombra muito apreciam os vadios; do tabo-

leiro desce-se para a praia por duas escadas de pedra, a do lado do oriente de um só lanço perpendicular ao eixo da ponte, e a da parte do occidente, mais estreita e de recentissima construcção, formada por dois lanços que formam angulo recto um com o outro. Mas a essas escadas, que a agua cobre até meia altura na maré cheia, não podem atracar nem sequer barcos de fundo chato quando a maré tem baixado, e então é força recorrer, para embarcar ou desembarcar, á intervenção d'um remador, que arregaça as calças, se as usa, até ás coxas, mette-se ao mar e offerece os hombros ao passageiro, que o encavalga segundo os preceitos das diversas escolas d'essa cavallaria acreditadas na provincia. Este processo de transporte proporciona a miude alegre passatempo aos curiosos que o disfructam, e contam que um alto funcionario, de farda, chapéu armado e espadim, tombou no charco em pleno acto de recepção.

Na rampa da alfandega, lançada sobre a praia a oeste da ponte, tambem nem sempre ha agua para atracações, e as mercadorias têm ás vezes de atravessar a agua, na extensão de muitos metros, ás costas dos carregadores, o que as expõe a baldões e avarias.

Porque se não remediaram ainda estes inconvenientes? Certamente por incuria, só em parte desculpada pela difficuldade e carestia do remedio. E' preciso ir muito ao mar procurar o paráu e, além d'isso, a obra que o encontrar será provavelmente inutilisada em curto praso pelo constante açoriamiento.

A ponte leva á praça de S. Paulo, que tirou o nome da antiga casa de jesuitas d'essa invocação, que lhe forma o fundo, e que hoje está transformada em palacio do governo. Esse palacio e a casa de repartição de fazenda provincial fecham-n'a pela parte do sul, a oeste limita-a uma das faces do edificio da alfandega, fazendo-lhe frente, a leste, um predio particular de mesquinha apparencia; do lado do mar corre ao longo da praia um parrapito com assentos de pedra, semelhante ao da Praça do Commercio de Lisboa. O espaço circumscripito pelas quatro ruas largas que bordam a praça era d'antes tolidado por um arvoredor frondoso, secular, que uma edilidade derrubou, por estar irregularmente plantado, e porque o seu raizame, diz-se, ia invadindo as cisternas dos predios limitrophes; o que o substituiu já vae, porém, desculpando este vandalismo, mercê da posança da vegetação tropical. Debaxo das arvores enfileiram-se bancos de costas voltadas para um coreto, onde, na estação secca, a banda do batalhão de caçadores n.º 1, e a da Escola de artes e officios, dão concertos noc-

turnos, mais ou menos frequentes segundo é mais ou menos intensa a melomania dos governadores geraes, que os ouvem, com as suas visitas, das janellas do palacio. Na parte da praça fronteira á repartição de fazenda, um parallelogrammo revestido de lagedo e gradeado tapa a bocca d'uma cisterna colossal, que d'antes abastecia a casa jesuitica; renques de candieiros municipaes illuminam a petroleo toda a estancia, que é como que a sala de visitas de Moçambique, aceiada, brunida, empapelada, e quasi sempre deserta.

Deserta parece tambem toda a cidade, na parte não habitada pelos indigenas e fóra da reduzida área do movimento da alfandega, o que concorre para a limpeza inexcédível, característica, das ruas e dos largos de que ella tanto se ufana.

Quer esteja esteirado de amarello pela soa-lheira quer lagedado de branco pelo luar, fumegue a areia esbrazeada ou rumuregem brisas na folhagem das acacias, o bairro europeu de Moçambique tem ares de terra ador-

da alfandega fazendo angulo com a da casa arrendada em que se installou a secretaria do governo, entranha-se em ruas e travessas cortadas umas pelas outras, e sempre por entre duas linhas continuas de casas alcança o Campo da União, tambem orlado de edificios, em cujos bancos se senta, porque já vae cançado. Quando se levanta, talvez por lhe terem caído em cima da cabeça, da rama das arvores cuja sombra quiz gosar, nojentas lagentas felpudas, ainda tem de percorrer outras ruas compridas, egualmente habitadas, antes de vêr o hospital, montanha de madeiras e alvenarias, que já terá principiado a desabar d'um lado quando os outros corpos ainda não estiverem acabados, e o vasto terreiro que pela frente se lhe dilata até á contracosta. É só ali que termina a parte de Moçambique occupada pelos funcionarios publicos, pelos commerciantes, pelos grandes proprietarios rusticos do continente, pelos brancos e amarelllos, pela gente que se presa; e essa área abrange centenaes de fogos, que nunca estão apagados. Não é facil encontrar na ci-

dade casas devolutas, nem as suas rendas são excessivamente modicas; os habitantes, porém, vivem muito recolhidos, nos seus lares ou nos lares dos outros, sem que esse recolhimento seja uma abonação de costumes.

Ha muitas casas bas, vastas, apalaçadas, e tantas que se chama a Moçambique a *ilha dos palacios*. O seu typo de construcção assemelha-se ao que nós chamamos *pombalino*: é caracteristicamente *feio e forte*. Hoje aconselham-se para os paizes quentes as edificações muito ligeiras e abertas, em que os



MOÇAMBIQUE PRAÇA DE S. PAULO

meçada, em que se deve andar nos bicos dos pés e fallar em segredo. Aqui e acolá um grupo de pretos, de compridas camisas brancas abertas no peito, estão sentados na borda d'um passeio; de quarto em quarto d'hora lá vem um baneane de cabelludas pernas núas, com um guarda-sol amarello debaixo do braço. Todavia, a população está condensada. Quem sae da Praça de S. Paulo para oeste, atravessando um pequeno largo, ensoberbecido com o seu floreado candelabro de tres lumes, para onde deita a fachada principal

progressos das industrias metalurgicas permitem empregar ferro para os esqueletos e zinco para as coberturas, e para as quaes a economia recommenda tijollos de preferencia ás cantarias e alvenarias; os nossos antigos, porém, nem dispunham dos materiaes modernos nem entendiam como os seus descendentes a arte de construir sob o ceu tropical. Em vez de franquearem as habitações ao clima, ou de só se resguardarem d'elle atraz de delgados tabiques e chapas metallicas, o seu ideal seria levantarem mas-

siços de pedra e cal, furarem-n'os e metterem-se dentro d'elles. As suas casas bem feitas eram fortalezas contra o calor, contra a

Alemtejo principalmente, com menos cal e a areia a mais.

As adaptações ao clima e ao meio social

humidade, e contra os agentes destruidores que a humidade e o calor desenvolvem. Fechavam-n'as com paredes de espessura brutal, cobriam-n'as com pesados terraços de tijollo e argamassas. Os tectos eram tecidos de vigas colossaes e grosso ripado de pau ferro, os pavimentos, quando os não revestiam densos cimentos, assoalhavam-n'os pranchas das mais rijas madeiras da terra. Não vedavam o ar, e para o aspirarem á farta davam larguesa aos aposentos, abriam galerias, rasgavam numerosas janellas am-

plas; mas habilitavam-se tambem para lhe regular e cortar a circulação quando elle se carregava de exhalações mephiticas, como para coar ou interceptar a luz ardente, e assim conservavam estancias interiores sombrias e isoladas do ambiente externo, formado pelas chuvas torrencias e pelos calores violentos. Alem d'isso, sabendo pela experiencia como as intemperies arruinam os edificios, e considerando-se occupadores perpetuos do solo, e não seus meros exploradores ephemeris, construíam para si e para a sua mais remota posteridade, á prova d'agua e fogo, de raios e monomocaias, da *muchem* e dos seculos, e por isso as boas casas de Moçambique, que quasi todas teem hoje cabellos brancos, ainda hão de vêr desfazerem-se as gaiolas para homens de Lourenço Marques, se n'esse tempo já a electricidade permittir a visão a mil milhas de distancia.

Segundo estas regras e estes principios é que foi edificada a melhor parte da cidade que tem pouquissimas construccões de recente data, a não serem officiaes; e os velhos mestres d'obras moçambicanos tambem se não deixaram orientalisar. Varandahs, rotulas, arcadas, — as proprias arcadas tão commodas que o reino acceitou, — todos os arabismos architectonicos e decorativos, foram por elles despresados, e por isso Moçambique, na apparencia, é uma pequena cidade de Portugal, do

são principalmente internas; exteriores, a mais geral é a substituição dos telhados pelos terraços, creio que recommendada d'antes pela economia, porque a não justifica só por si a necessidade de apanhar aguas das chuvas para abastecimento das cisternas. Por dentro é que as habitações ficaram mais differencadas das nossas do fim do seculo passado, por força maior ou por conveniencia local. Assim, tiveram de prescindir de estuques e pinturas ornamentaes nas paredes, attingindo poucas d'ellas a gala dos azulejos, e deixaram as traves dos tectos a descoberto, apenas caiadas ou lambuzadas d'uma côr só. Fugiram quanto possivel dos assoalhamentos, por causa da *muchem*, revestindo os pavimentos de tijollo ou de argamassa, e não raramente fizeram de pedra as proprias hombreiras das portas interiores, para as não vararem com os seus tuneis as assoladoras formigas. Em certas casas, nas frontarias nunca expostas a ventos rijos, dispensaram as vidraças nas janellas, substituindo-as por persianas, e a substituição não se explica por poupança, foi feita em beneficio da ventilação. Proveram-se todas de grandes cisternas, por isso que a ilha só tem a agua doce que lhe manda o ceu. Sempre que o chão consentiu, separaram do corpo principal da habitação as cosinhas, onde se queima lenha que as esfumaça, e as officinas e os alojamentos da creadagem, porque era prudente metter portas aferrolhadas entre os senhores



MOÇAMBIQUE — PATEO E ENTRADA DO PALACIO DE S. PAULO

e os escravos. Onde havia jardins, pateos, quintaes, precisou-se fechá-los com altos muros, que fossem inacessíveis a escalamentos e não deixassem vê as scenas, quantas vezes

cando os terreos reservados para aposentos de servos e arrecadações. Em Moçambique quasi todos os predios têm *primeiro andar*, e alguns também segunde, ao contrario do que



MOÇAMBIQUE — PALACIO E CAPELLA DE S. PAULO

deshumanas, que se passavam lá dentro. Não se ostentou luxo, que custaria quantias loucas, mas olhou-se ás commodidades, ao asseio, e até a hygiene, prescripta pela experiencia e não por theorias falliveis, e foi certamente por precaução hygienica que levantaram do solo os pavimentos nobres, fi-

succede em Quelimane e ainda em Inhambane.

Duvido de que se possa inventar melhor typo de habitações, — criterio artistico áparte. — Experimentei muitos, desde o que é representado pelo palacio de S. Paulo até o da palhota, e nenhum me pareceu mais saudavel.

O seu defeito, e grave, é ser caro, tão caro que vae sendo abandonado ou perdendo a genuinidade. Na cidade e no continente fronteiro ha predios que devem ter custado dezenas de contos de réis, apezar da barateza do trabalho dos escravos.

Nenhum se avanta, porém, a não ser emquanto á situação, ao do antigo collegio de S. Francisco Xavier, que se transformou em palacio do governo. Se era dos jesuitas!

No chão que elle occupa conheceu Fr. João dos Santos «a fortaleza velha, e n'ella a Sé «antiga e a casa da Misericordia, que ainda «hoje servem. Em «um panno do muro d'essa fortaleza está uma formosa torre de dois «sobrados, com outros aposentos junto a ella, «onde «vive o feitor e alcaide-mór de Moçambique, que pouco tempo é. A uma «ilharga d'esta torre «está uma bôa cisterna, e nos baixos «da torre a cadeia «publica.» Estas construcções foram, porém, devastadas pelas invasões holandesas dos primeiros annos do seculo XVII, e, pouco tempo volvido, os jesuitas obtiveram concessão de sobre as suas ruínas levantarem um collegio, com egreja e casa anexa para hospedes, e de tudo se gosaram até serem expulsos de Portugal. Com a sua expulsão foram os edificios encorporados na fazenda, e no collegio estabeleceu-se em 1763 a residencia dos capitães geraes, que antes habitavam dentro da fortaleza de S. Sebastião.

A fachada principal do palacio, resguardada por uma grade, que ha dois annos ainda era de madeira, d'entre cujos varões se alçam lampeões espacejados, abre para a Praça de S. Paulo, e por cima d'ella para o mar, um portão por onde Polyphemo entraria sem baixar a cabeça, e treze amplas janellas de sacada e de peitos:—ha quem diga que este numero agouro tem influido muito na governação da provincia!—O portão, guardado por uma negra sentinella, que está sempre na duvida se ha de fazer continencia a quem entra, dá accesso a um largo corredor aboba-

dado, sobre cuja parede luzem espingardas alinhadas n'um armeiro, o qual leva a um claustro de arcadas baixas, ladrilhado a côres e ajardinado ao centro, para onde desce uma escadaria dupla gradeada e ornamentada em cada degráu por vasos de plantas. O vestibulo assenta sobre uma parede, onde um governador com instinctos artisticos de brasileiro minhoto anichou uma cascata.

Contrastando com este ornato de presepe, mas igualmente improprio, quatro pequenos obuzes de bronze bocejam para o ceu nos cantos do jardim, ao lado de pyramydes de



MOÇAMBIQUE — PEQUENA PEÇA DE BRONZE

balas, e no alto das escadarias exhibe-se, deitada sobre calhas de madeira, uma peça de artilheria que deve ter sido fundida, na India eno seculo XVII, para ornar uma *etagère* e não para guarnecer uma bateria, artisticamente moldada, com azas feitas de dragões e um botão de culatra figurando um punho fechado com a cabeça do dedo pollegar saindo d'entre o indicador e o medio, — isto é, fazendo uma figa. Esta peça deveria conjurar o agouro das treze janellas, ainda que a figa é voltada para os artilheiros, e não para o inimigo!

Outra curiosidade da entrada do palacio é um quadro, que encima a porta que dá para o vestibulo. Figuram n'elle, em relevo de estuque branco, um barril, duas aves, que parecem ser gallinhas, uma das quaes está empoleirada no barril, e uma rã do tamanho das gallinhas, e estes figurantes têm por bastidores uma palmeira e outra arvore. Consulte os sabios da terra ácerca da significação d'esta

allegoria, — porque deve ser uma allegoria, — mas não obtive d'elles senão confissões francas ou dissimuladas de ignorancia, a que junto aqui a minha. A composição tem ares de *fa-*

n'uma sala de espera, ornada com tropheus d'armas européas e indígenas e tambores de guerra cafreacs, entre os quaes têm nomeada dois mosquetes historicos, de tal peso



MOÇAMBIQUE — SALA NO PALACIO DO GOVERNADOR

bula illustrada, mas de nenhuma me recordo que metta as personagens que o artista ali representou. E o barril? Em Moçambique, uma vasilha d'essas, não sendo cheia d'agua, pôde ser symbolica de muitos costumes; mas quem se lembraria de fazer pasquinadas na solemne frontaria dos paços provinciaes?

Por baixo das gallinhas e da rã entra-se

e grandeza que servem para experimentar forças, porque custa mais mettel-os á cara do que rebentar uma *tête de turc*; e a essa sala segue-se uma enfiada d'outras, de bilhar, de conversação, de visitas, de baile, do *docel* ou de recepção, mobiladas todas com decencia, uma com arte, outra com luxo censuravel. A sala de baile, de *parquet*, recebe o seu tom artis-

tico d'uma mobilia da India, cadeiras, poltronas, sophás, tremós, que se diria ser feita, não em madeira, mas de finissima renda de subtis desenhos phantasiosos; o escandalo luxuoso é a sala chamada do docel, onde se celebram as recepções de gala e se reúne o conselho do governo. O seu recheio de velludos, sedas, brocados, tapeçarias, bordaduras, talhas, cristaes, bronzes, foi encomendado em França, ha poucos annos, e custou cêrca de quinze contos de réis, quando provavelmente se deviam seis mezes de vencimentos aos funcionarios e não havia polvora para escorraçar os namarraes, que infestavam o continente fronteiro quasi á vista das janellas do palacio. Está rica, mas d'uma riqueza chata e pretenciosa de *parvenu*, e é insupportavelmente pesada para o paiz e para o clima. Aquelles tecidos espessos affrontam, aquellas côres vivas escaldam, e para melhor se accentuar que nenhum instincto artistico presidiu a semelhante decoração, o tecto, já hoje manchado pela agua, é enfeitado com um menino côr de rosa a esvoaçar n'um ceu azul, e debaixo do baldaquino pompeia um supposto retrato d'elrei, em que o pintor fez presente a Sua Magestade de duas pernas de páu.

Não é esta a unica magnificencia que o paço de S. Paulo associa a varias misérias intimas. Quando a provincia atravessava uma crise aguda e a metropole se esvaia em dinheiro para lhe acudir, a sala de jantar dos governadores foi dotada com um esplendido faqueiro de prata, toalhas de meza e cristaes no valor de nove contos de réis. Era uma necessidade, — dizia-se. Quando o chefe da provincia convidava para jantar os officiaes das esquadras inglezas, que andavam a rondar a costa, não havia de os sujeitar a comerem trufas com garfos de Christofle e a beberem Sillery em taças da Marinha Grande! O que diria a Europa d'este disprimor para com a nossa fiel alliada!

Tem o palacio um vasto jardim, que o separa do edificio da repartição de fazenda, e onde se encontram amostras da vegetação da provincia e provas de que muitas plantas uteis da Europa podem ser cultivadas em Africa. Se não falta agua na cisterna collossal, que occupa o sub-solo d'um pateo sombreado por uma arvore monumental, a cuja densa folhagem a fresquidão da agua conserva uma verdura sem macula de sequeidão, s. ex.^{as} os governadores podem ter á meza hortaliças da sua lavra, todas as hortaliças de cuja variedade se ufana a nossa praça da Figueira, apenas um tanto mais duras e asperas. Egualmente podem saborear café, precioso, florescido, amadurecido, colhido, sob as suas vistas. Nos canteiros do jardim medraram uns

cincoenta cafeseiros, que ha dois annos tinham attingido talvez tres metros de altura, e que parece estarem ali a exhortar, sem resultado, os governantes para que promovam no paiz a cultura da sua familia vegetal. Papaias de largas folhas recortadas bracejam por cima dos muros a que se encostam limoeiros, e o perfume subtil do rendá mistura-se com o aroma estonteador, parecido com o da magnolia, exhalado d'uma arvore, cujo nome ignoro, que, antes de se enfolhar, cobre-se litteralmente d'umas pequenas flôres carnudas, semelhantes na forma e na côr á da lorangeira.

Esse jardim é o melhor regalo do palacio, que só na parte que deita sobre elle é refrigerado por virações. Na frente batem-lhe em chapa o sol e os reflexos calidos da praça e da praia; pela parte detraz assoberbam-n'o e entaipam-n'o os velhos casarões da Misericordia, privando-o da beneficiação dos ventos do sul. Em Moçambique, o sul é que é fresco e saudavel, e por isso a costa da ilha voltada para esse rumo, que lá se chama a contra-costa, é preferivel para chão de habitações, que, todavia, quasi todas se voltaram para o norte, attrahidas pelo espectaculo do fundeadouro. Na contra-costa é que se installou o consulado britannico, em casa propria magnifica, que ha poucos annos se vendeu por baixo preço, e que o governo não adquiriu por *economia*. Entretanto, compra faqueiros de prata de duas mil libras e paga avultada renda pela casa em que funciona a secretaria geral!

Sobre os terraços do palacio erigiu-se ha annos um pavilhão quadrangular destinado a observatorio, mas que nunca o foi ou deixou de sê-lo, convertendo-se em *mirante* para recreio dos governadores. Cada uma das suas faces é uma vasta janella, fechada por persianas, que se deixam penetrar pelos ventos de todos os quadrantes, e d'onde se disfructa todo o panorama do porto, alargado ainda pelo mar fóra. Passei lá muitos dias de trabalho, e tambem muitas horas de saudade!

A capella encosta-se á face occidental do palacio, que communica com o côro e tem tribunas abertas para a capella-mór. E' uma construcção, ou antes uma reconstrucção, novissima, e que dizem ter sido dispendiosa, apesar da sua singeleza. O seu unico luxo exterior é um campanario rematado por uma alta pyramide esfusiada, que se avista do mar largo, e, interiormente, a sua gala artistica seria um pulpito de talha de madeira, ornado de figuras de apostolos, se o máu gosto dos reconstructores o não tivesse pintado e sara-pintado a côres. Outro máu gosto, o dos padres, enfarroupilhou os altares com sanefas e

cortinados de algodão vermelho. O parapeito polido da gradaria do côro é uma interessante amostra do aproveitamento que podem ter



MOÇAMBIQUE—PULPITO DA EGREJA DE S. PAULO

na marcenaria e na construcção civil as madeiras da terra.

Murmurou-se muito da devoção que gastou n'este pequenino templo dinheiro com que se poderia ter feito uma ponte ou um caes acostavel, mas a necessidade d'elle está demonstrada pelo serviço que presta. Devendo ser apenas capella dos governadores, é também por empréstimo, igreja parochial e sé, porque a ilha não tem outro edificio consagrado ao culto que se aproveite para essas funcções. O templo da Misericórdia está a desabar, o da saúde, ao lado do hospital, desabou já ha muitos annos, a ermida de S. Sebastião, que alveja empinada n'um rochedo sobre a muralha negra da fortaleza, está fóra de mão e é pouco mais do que um nicho. Todo o culto official está, pois, concentrado na nova capella, certamente acanhada para cathedral, mas ainda vasta para o numero de fieis que a frequentam.

Apesar de ser séde d'uma prelazia secular, antigo fóco de catechese da Companhia de Jesus, um dos primeiros estabelecimentos da occupação europeia e catholica na costa oriental d'Africa, a ilha de Mo-

cambique não recebeu, ou não conservou, a fé religiosa dos dominadores, nem dá testemunho do seu prestígio moral e da sua autoridade social. A sua população indigena é mussulmana; numerosa colonia asiatica que a mesclou, se não confessa Mahomet, é professa nas doutrinas de alguma seita do brahmanismo ou do buddhismo; os seus habitantes europeus são, em geral, indifferentistas. A' egreja official concorrem quasi exclusivamente entidades officiaes, que assistem á missa dominical por preceito regulamentar, ou por decore do cargo e da posição. O sacrificio celebra-se para o governador, alguns funcionarios que não querem perder o direito a um attestado de bom comportamento religioso, poucas senhoras, que são fieis á sua educação europeia ou que aproveitam aquelle ensejo, á falta d'outros, de exhibir as *toilettes* de duas estações atraz recebidas pelos paquetes de Lisboa, os alumnos da Escola d'artes e officios, e a força disponivel do batalhão. Muitas praças d'esse corpo são mouros ou gentios, mas também essas se alinham na parada catholica. O altar-mór é muitas vezes guardado por marathas de rabicho enrolado no alto da cabeça, que todavia armam bayonetas, inclinam as espingardas e põem o joelho em terra ao toque dos clarins, com tanta precisão como o faria S. Jorge, se tivesse tido praça no exercito d'Africa Oriental. No côro, a banda da Escola toca a *Marianninha*, ou a de caçadores a *Traviata*, mas nem o concerto ao divino attrae devotos; cá fóra, na praça, é que se reúne multidão festiva para vêr passar ou acompanhar a tropa.

E, na realidade, vale a pena vêr desfilar os cincoenta ou sessenta homens, que, pelas oito horas da manhã, lavados, endomingados, metaes reluzentes, calças brancas cheirando a barrella, atravessam a cidade, musica á frente tocando um *ordinario* obrigado a bombo e pratos, para irem orar ao Deus de Vasco da Gama. E' até um dos espectaculos mais interessantes de Moçambique, tão semsaborona, se não por elles, os miseros pretos deformados e amacacados pelo fardamento, claudicantes dentro dos *butes*, pelas joviaes e pictorescas choreas que se lhes aggregam, com grave risco de lhes desviarem os corações do amor divino e as pernas do compasso da marcha.

Deante da musica, como se em Africa fossem conhecidos os exemplos foliões do santo rei David, vae dançando um bando de pretas enfaixadas nos seus pannos novos, de padrões espalhafatosos e côres assanhadas, que se lhes esticam nos largos quadris saracoteados e tuam sobre os montanhosos seios oscillantes;

como é dia duplex, luzem fiadas de contas nos lustrosos collos de azeviche e annilhas de metal nos braços, e espetam flôres de papel nas carapinhas. A compasso do bombo, o seu predilecto instrumento por ser aquelle em que a arte musical dos europeus mais se aproxima do *tambor dos batuques*, as balhonas, — creadas saídas a compras, vendedeiras que andavam no seu giro, vadias, donas de casas desinquietadas dos seus lares, — vão executando uma especie de marcha coreographica com passos e figuras da sua lavra, ageis ou morosos, phreneticos ou languidos segundo o temperamento das executantes; saltam, gingham, volteiam, dão pernadas de *can-can* ou esboçam *entre-chats* instinctivos, arqueiam os braços sobre a cabeça ou fincam as mãos sobre os rins espetando os cotovellos, bambo-leiam-se, tregeiteiam, tripudiam, estas desmanchadas e toscas, aquellas elegantes e graciosas, tomando ás vezes attitudes que um escultor desejaria fixar e fazendo movimentos que um mestre de dança aproveitaria para o progresso da sua arte. Algumas levam sobre o topete lanzudo as ceiras, em que vendem mariscos ou castanhas de cajú, e rodopiam sem as desequilibrar; mães folgazonas met-

cillam para todos os lados como balões presos a um fio, e achatam os narizes batendo a solfa da dança nos costados maternos. Ao movimento associa-se a bulha. As estridencias dos cornetins e os grunhidos dos serpentes precisam esforçar-se para não serem abafados pelo tumulto das gargalhadas, da grita, dos chistes berrados, dos commentarios vozeados, das exclamações, dos ralhos, da fallacia sem treguas das pretas, da matulagem que as escolta, d'um tropel de garotos que se lhes juntam aos pinchos e ás cambalhotas. E aquella folia ambulante, grosseira e até descomposta, se quizerem, mas espontanea erupção de alegria simples, enxurrada de instinctos naturaes que se escapou d'uma repreza, turbilhão da vida selvagem levantado pelas vibrações da *musica*, cuja acção poderosa sobre as almas rudes está attestada até por mythos e lendas, percorre as ruas fazendo assomar ás janellas e ás portas rostos joviaes, passando pelos policcias que desmancham a visagem de severidade em sorrisos de tolerancia, e só pára á porta da igreja, onde os foliões acampam em grupos loquazes, cujo vozear irreverente cobre o murmuro das preces do sacerdote.

A' saída da missa repete-se a scena até a



MOÇAMBIQUE — BAIRRO INDIGENA — COSTUMES

ram-se no bando com os filhos pendurados ás costas, e quando ellas meneiam os corpanziz, as cabeças luzidias das creancinhas os-

fortaleza. Os pretos de Moçambique, e todos os pretos de toda a Africa, morrem por musica. Todavia, impõem uma condição aos

maestros que aspiram a enthusiasmal-os: hão de dar muito que fazer ao bombo e aos pratos!

O palacio de S. Paulo, que, se as paredes tivessem falla, como se diz que têm ouvidos, poderia dictar um livro, um livro... de leitura para homens, tem tido muitos dias e ainda mais noites de gala e de goso, de festa e de pompa, de banquetes e bailes, porque na nossa Africa todas as solemnisações se fazem comendo e bebendo, e porque já houve tempo em que os governadores se consideravam obrigados a *pagar a patiente* aos governados, dedicando-lhes um sarau em que houvesse bufete bem servido. Assisti a uma d'estas festas, e julguei-me na Europa, n'um baile *costumé* para que só tivesse sido convidado o meu sexo. O claustro, illuminado por cordões de lanternas de côres acompanhando as linhas das arcadas e das janellas e o debuxo dos canteiros do jardim, por entre cujo arvoredo bruxoleavam também luzes que, ora descobertas ora sumidas pela folhagem tremula, lembravam pyrilampos; as extensas enfiadas de salões luminosos, reproduzidos e dilatados pelos seus espelhos; o bufete, que me fez perguntar a mim mesmo se o Ferrari poderia ter-lhe fornecido os doces e o Hoffmann os vinhos; a correcção das casacas pretas, o lustre das fardas estrelladas de condecorações, as harmonias da orchestra, o acerto do serviço, não desluziriam uma festa que em Lisboa se organisasse sem selecções aristocraticas e sem exhibições de opulência, e também poudo crêr-me em Lisboa observando como os convidados se precipitavam sobre as iguarias e absorviam o champagne. Mas os trajos dos mouros que matisavam a multidão lembravam um baile de mascaras, e tão poucas senhoras adornavam as salas que era licito suppôr que essas tinham pedido licença para vêr como seria insipido um baile masculino! Não passavam de quinze, fazendo numero as creanças, e os homens que as examinavam como raridades seriam mais de duzentos!

A capital da provincia abriga com os seus terraços muitas pessoas brancas ou pouco mais ou menos, que vestem saias e têm noções das marcas dos lanceiros, mas é difficil junctal-as, mesmo para se mostrarem e recrearem. A terra é, essencialmente, de intrigas, maledicencias e discordias. Se não ha mais que fazer! Raro se encontrarão dois funcionarios que vivam bem, a não ser que se tenham ligado contra um terceiro; todos os subalternos conspiram permanentemente contra todos os superiores; as auctoridades brigam por ciumes do mando, os commer-

ciantes desaveem-se por interesses, os governadores têm sempre opposições facciosas, e, como em toda a parte, o sexo amavel envolve-se nas bulhas do sexo feio e agrava-as, quando as não occasiona, o que é frequentissimo em toda a nossa Africa. Depois, n'um clima que faz doenças de figado e n'uma sociedade que consumiu pouco chá na infancia, os odios não sabem sorrir-se e trocar apertos de mão deante das galerias, antes aproveitam todos os ensejos de se esgatanharem, e por tudo isto, quando ha um baile em Moçambique, sempre faltam muitas fulanas para se não encontrarem com sicranas, e quem faz os convites também precisa tomar precauções para que no programma da festa se não intromettam episodios de celha no chão. Um baile no palacio é, pois, uma melindrosa questão diplomatica e... policial, especialmente se o governador não tem senhora sua, e precisa d'uma senhora alheia para fazer as honras da casa. Para a escolher consulta-se quasi o conselho do governo e pede-se a intervenção do Espirito Santo, mas esta intervenção e aquelle conselho nem sempre bastam para evitar desaguisados. Segundo a etiqueta moçambicana, a *dona da casa* tem uma funcção delicadissima e perigosissima: vae ao patamar da escada receber as convidadas, leva-as ao vestieiro e ajuda-as a desembaraçarem-se das roupas de abafo e pendural-as nos cabides! Comprehende-se a quanto a expõe este singular ministerio de desabafadeira! Se attende primeiro uma de duas senhoras que chegaram juntas, se faz esperar alguma, se belisca melindres ou arrepella cabellos, desaba logo Troia, e desaba com um estrondo que se ouve em todas as salas e faz éco nos corações dos homens!— Por causa d'um incidente d'esses iam-se turvando os ares no sarau a que assisti!

Não deve, porém, ajuizar-se de todas as senhoras de Moçambique por estas observações e pelos seus commentarios. Não. Algumas ha, e até com residencia permanente na provincia, que podem entrar na mais escrupulosa sala. Mas essas não são tantas que povoeu um baile, ou sequer componham uma contradança!

O *clou* da luzida festa era a assistencia de dois potentados do continente, mouros ricos e orgulhosos, senhores de pendão e caldeira e, quando Allah quer, capitães de quadrilhas, o Maravi e o Mulid-Vêlai. Estes dois figurões, visinhos e parentes, tinham rixa velha, e rixa armada, que a miude ensanguentava o paiz, de que ambos eram flagello, sendo difficil á auctoridade enfreal-os e punil-os; mas o capitão-mór das terras da corôa conseguira, recentemente, persuadir-os a desar-

marem-se, e trouxera-os ao governador geral para na presença d'elle firmarem pazes. De feito prometteram congraçar-se e submeter as suas desavenças ao capitão-mór, embora no proprio acto do promettimento refulsassem um para o outro como dois molossos seguros pelos donos, e foram convidados para o baile, não só para darem publica demonstração da sua cordealidade de relações, mas tambem para julgarem do poderio do governo pelo luzimento das suas festas.

Compareceram effectivamente, e não trocaram punhaladas. Como decoração foram preciosos. Apresentaram-se bem vestidos, roupas de seda da India, armas lavradas, e acompanhados por numerosas e pictorescas comitivas, que alegraram as salas, mas com o colorido dos fatos e não com a jovialidade dos semblantes ou das maneiras. Andavam vendidos, e acharam que os europeus tinham singulares processos de se divertirem. O Maravi, um negralhão com uma cara de bebado que escapou á collecção de Velasquez, só se recreou com o bilhar; achava immensa graça ao embate das bolas sobre o panno verde, e quiz fazer carambolas com as mãos. O Mulid-Velai, mais sombrio, não disfarçou o aborrecimento. Depois de vêr contradançar, declarou que se ia embora, porque não sabia aquelle batuque: e arremedou o que vira, arastando os pés com mimica de desdem. A curto trecho foram ambos divertir-se a seu modo, esgotando garrafas de *mata-bicho*.

Para corresponder ao convite do governador, o Maravi tambem deu um baile, mas esse foi ao ar livre, n'uma praia encarregando-se a lua da illuminação.

As suas pretas, uma ranchada de dez ou quatorze, novas e relativamente bonitas fizeram um batuque, que não sei que classificação e denominação tem segundo a arte choreographica dos indigenas, que conhece uma grande variedade de batuques.

Estavam todas vestidas, — é o termo, porque as roupas cobriam-lhes todo o corpo, — de *lopa*, em signal de luto por ter o senhor e esposo saído das suas terras. A *lopa* é uma fazenda de algodão azul escuro que se assemelha á nossa *ganga* d'essa côr, se não

é exactamente o mesmo tecido. Formadas em linha, cantavam, com uma certa consonancia, n'uma toada lenta e monotoná, a que um tambor marcava o compasso. O tambor de batuque, em Moçambique como em toda a provincia, é um cylindro ôco de madeira, de diametro variavel, tapado n'uma das extremidades por uma pelle fortemente retezada, pegada com cordeis; as cabeças e os nós dos dedos é que lhes servem de vaquetas, vaquetas mais ageis do que as do melhor rufador de caixas europeas. A letra do canto, em idioma macúa, já se vê, era improvisada e não se sujeitava a medida ou a qualquer outro preceito da lyrica civilisada; as pretinhas entoavam os louvores do Maravi, do seu poder, do seu valor, da sua ternura, e dizia-se que, quando as suas odes desciam de pindaricas a anacreonticas, nem sempre a linguagem era d'uma irreprehensivel decencia. Cantando, ora avançavam ora recuavam morosamente, meneavam a cabeça para um e outro lado, imprimiam a todo o corpo e especialmente aos quadris movimentos languidos, que os indigenas talvez achassem provocantes, mas que me pareceram a mim simplesmente desgraciosos e desenxabidos. N'aquella choreographia rudimentar descobri-se, todavia, umas certas tendencias para a



MOÇAMBIQUE — A PRAÇA DE S. GABRIEL

abjecta *dança do ventre*; movem-se mais certas regiões do corpo e determinados musculos do que se move o resto do corpo. O menor trabalho, o menor exercicio, é o das pernas, que nas danças cultas desempenham o papel mair activo.

Depois de muita melopêa e muito saraco-

teio, tudo arrastado, e sem variações ou cambiantes, produzindo entorpecimento á força de monotonia, as dançarinas desdobraram um panno, estenderam-n'o aos pés das *pe-soas grandes* que presencavam a exhibição, e sentaram-se sobre os calcanhares, sal-meando sempre e batendo palmas a espaços; atiraram-se-lhes para o panno algumas moe-das, sendo um dos contribuintes o proprio Maravi, que parecia deliciado com a fina arte da sua numerosa familia. Em volta, a negra-lhada estava embevecida, e, quando se lhe acabou o espectáculo, improvisou outro, um *batuque* macho, em roda, algum tanto mais

movimentado, que durou toda a noite e ainda se metteu pelo dia dentro. Ha batuques que duram trez dias, sem interrupções, porque se alguns corypheus cedem á necessidade de um rapido descanso, não lhes faltam substitutos, pois a choreographia africana tem a incomparavel vantagem de não precisar ser leccionada por Justinos Soares de ebano.

Não é descabido observar, que as pazes do Maravi e do Mulid, firmadas com tanto apparato de danças europeas e africanas, têm durado até hoje (1894), com o auxilio da habilidade e do prestigio do capitão-mór. O continente tem tido annos de socego.

(Continúa).

Victor. Leica



COQUEIROS

Disfarce Inutil

SCENAS DA VIDA INGLEZA

SUA ALTEZA serenissima o principe Beltrão Otto de Plesstania tinha attingido, com affectada desillusão, toda moderna, a *avançada* idade de vinte e quatro annos, e radicára-se-lhe no espirito a philosophica conclusão de que a vida era uma vasia inutilidade e o mundo um puro engano.

O seu estado era ainda o de solteiro bem-aventurado. Porque sua alteza serenissima, filho de mulher ingleza, residira em Inglaterra quasi sempre e possuia uma boa parte da solida sagacidade britannica.

Defendia-se habilmente; que elle bem ajudava de que lady A o convidava para a sua mais escolhida *at home*, intima reunião familiar, não sómente para o regalar com opiparas *sandwiches*, regadas de excellente malvasia, mas tambem com a vista da sua querida Maud na mais nova e suggestiva *toilette* de Paris; ou de que a senhora B insistia ternamente para que elle utilisasse o lugar vago no seu camarote da Opera e ao mesmo tempo tivesse a ineffavel ventura de se sentar ao lado de Edith, insidiosamente envolta nas transparencias d'um bello vestido de cassa e rendas, em côr esmaecida, estylo de virgem n'um quadro de Boticelli, o velho pintor primitivo.

No momento actual sua alteza sentia-se com-tudo feliz, comparativamente fallando. Tinha fugido da roda viva da *season*, da epoca elegante de Londres, para a Escossia a descansar uma pacifica semana em casa de lord Wickham de quem fôra condiscipulo.

De manhã vestiu o seu usado e commodo fato de caça, desceu do quarto para almoçar e relanceou desdenhosamente o montão de cartas que viu sobre a meza ao lado do prato. Sem duvida eram convites.

Pouco depois apparecia lord Wickham. Sua excellencia apresentava-se com proposito desalinho de vestuario, megança do seu apuro habitual e obrigado: jaquetão e calças de flanela cinzenta, camisa de linho e sem gravata.

Observou rapida e alegremente a meza bem fornecida, deu os bons dias ao seu amigo, e notou que o principe mostrava no franzido da testa e no olhar amortecido um estranho aspecto carrancudo.

— Então que é isso ?

Sua alteza serenissima assentou com o punho fechado um murro sobre a meza.

— Olha; convite de lady Gage para Scarborough no campo. Tem cinco filhas, sabes; não vou !... Outro de mistress Carlton e esta



Então que é isso?...

pede-me para ficar alguns dias em Carlton's Tower. Juro-te que não vou. Branca Carlton

lembraste? uma encantadora gatinha! Quando me deixarão estas mulheres? Não é por mim que ellas me querem, não. Isso sei eu perfeitamente; mas o meu titulo! — o meu infernal titulo! Wick: a vida é uma mentira! Nada ha sincero; tudo postição.

— Até os dentes, completou Wickham.

— Perdão meu caro; por emquanto conservo-os todos.

— Mas inuteis, porque não almoças.

— Estou aborrecido de ser cortejado e lisongeado por todas as mulheres solteiras com quem me encontro. Desejaria ser amado por mim proprio e não pelo meu titulo.

Afastou da meza a cadeira bruscamente e levantou-se.

— Não queres mais alguma cousa? tu nada comes? perguntou anciosamente Wickham, o qual não comprehendia que alguem podesse gastar menos de uma hora e um quarto a almoçar.

— Não tenho appetite, disse o principe com mau humor; não tenho fome de comida, mas de...

— De bebida?

— Não; de uma terna amizade dedicada, disse a meia voz o principe.

Lord Wickham poisou surprezo a faca e o garfo.

— Tu estás doente? soffres de dispepsia? aconselho-te a que consultes medico. Deve haver remedio para curar essa sentimentalidade anormal. Talvez mudança d'ar? Para onde vaes na proxima semana?

O principe tirou da algibeira as cartas e olhou para ellas com tristeza.

— Ainda não sei. Nem lady Gage, nem as Carltons, nem... oh! esquecia-me, aqui tenho um convite do Barclay. Na verdade acceitarei este: ao menos ali não ha uma mãe casamenteira. Bello rapaz, o Barclay; sabes, cazou com Laura Scott ha trez annos; uma excellente rapariga! Os dois vivem perfeitamente unidos. Ella cazou com elle por elle e não pela posição. Wick, quanto daria para conseguir ventura igual á de Barclay!

Wickham recostou-se na cadeira, accendeu o charuto, quedou-se silencioso um ou dois minutos e depois, com aquelle tom de voz que denuncia uma frutuosa meditação, affirmou:

— Não vejo impedimento serio que te iniba de ser pelo menos por algum tempo um senhor Barclay qualquer. Ha um meio bem simples, sabes; é viajar *incognito*. Ouve cá — e endireitou-se na cadeira, observando a duvidosa comprehensão do conselho desenhada no rosto do principe — dize a Barclay que aceitas o convite com condição de que te deixe guardar *incognito* e por favor especial te apresente aos seus amigos com um simples — Mis-

ter... parou rebuscando na memoria um nome e depois acudiu triumphalmente—Mr. Beltrão.

— Um nome de toda a gente! Os olhos do principe brilharam de enthusiasmo. Que bella idéa! Wick, tu és um genio! Vou immediatamente escrever a Barclay.

Dirigiu-se para uma meza onde havia o necessario para escrever, e durante alguns minutos na sala silenciosa apenas se ouviu o ruido crepitante da penna que corria apressada sobre o papel forte e brasonado ao canto, em relevo.

— E quem sabe — disse parando subito e voltando-se para o amigo, sorridente, nos olhos a expressão animada da esperança consoladora — quem sabe se irei lá encontrar alguma bella rapariga, não d'estas mulheres *blasées* da sociedade, mas uma governante de crianças ou qualquer cousa semelhante, que possa sentir algum affecto sincero pela minha propria pessoa e não pelo meu titulo?

— Recceo bem que não encontres alli esse ideal de governante de crianças — objectou Wickham. O filho de Barclay, o unico herdeiro terá quando muito dois annos, não é assim? Ora não penso que, embora me lembre de ter ouvido dizer ao pae que elle já era dotado de excepcional intelligencia, esteja em idade de ter mestra. Substitue o teu ideal pela criada ou pela cosinheira.

— E que duvida, casar com uma cosinheira? apostrophou o principe na sua exaltação sentimental.

— Oh! nenhuma! atalhou Wickham — tinhas ao menos a certeza de teres comida bem feita.

— Não graces! Uma governante ou mestra seria em verdade melhor encontro.

— Sim, seria infinitamente preferivel a qualquer das filhas de lady Gage ou á aquella detestavel Branca Carlton! Irra! que cara que aquella rapariga tem.

Levantou-se da mesa, approximou-se da janella larga e envidraçada:

— Está uma esplendida manhã, disse contemplando enthusiasmicamente as formosas e cuidadas arvores do parque por entre as folhas das quaes o sol desenhava lentijoulas de luz sobre a areia fina das alamedas — Troca a tua penna pela espada, quero dizer, pela espingarda e vamos fazer guerra injusta, como todas, aos passaros que se permittem a liberdade de chilrear por esse arvoredado.

• • •

Uma semana depois o principe chegava a casa de Barclay.

— Agradeço-te o teres acceitado o meu convite. Depois do meu casamento é a primeira vez que posso reunir os meus amigos intimos

e tenho immensa satisfação em te vêr aqui, disse-lhe Barclay com enthusiasmo, enquanto o conduzia para conversarem no salão de fumar; mas estou curioso de saber porque demonio de motivo queres tu que te chamem simplesmente o sr. Beltrão?

O principe còrou e hesitou na resposta. Não queria confiar ao amigo a extranha obsecação do seu espirito em busca d'uma governante ideal, e por isso recordou-lhe como em Cambridge, na universidade, nunca usára do titulo que pesava sobre a sua cabeça como uma fatalidade social.

— Tu sabes como sempre detestei esta vaidosa distincção que nasceu comigo e da qual não posso separar-me, como se fôra uma tunica de Nesso, disse impetuosamente; peço-te portanto que me concedas ao menos por alguns dias a satisfação d'este capricho.

— Muito bem, não serei eu que trahirei o teu incognito excentrico...

— Não tens cá ninguem que me conheça?

— Felizmente não, asseverou Barclay, depois de ter enumerado por memoria os seus hospedes. Está promettido e verás que minha mulher te apresentará a todos como o sr. Beltrão.

— Ah! E como está mrs. Barclay? Espero que bem!

— Oh! Laura está muito bem, obrigado, comquanto n'este momento um pouco nervosa do trabalho de attender a todos. Bem vês, é a primeira casa de campo grande que temos depois do casamento; e has de ajudal-a sobretudo na distracção das raparigas, tu, um verdadeiro elegante, perfeito homem do mundo.

O principe apoiou o cotovello sobre o friso da chaminé, e perguntou curioso:

— E quem são as raparigas? dize-me cá. Bonitas?

Barclay começou a contar-as pelos dedos.

— Ora ouve, Lucy, irmã de Laura, Agatha Acland sua prima, e lady Nisbert, lady Fourfax e miss Molly, uma condiscipula de Laura, se bem me recordo, uma rapariga muito alegre e...

— Mas entre ellas, interrompeu nervosamente o principe, não ha por acaso nenhuma governante? Ou cousa parecida?

Barclay olhou surprehendido.

— Uma governante! Não meu caro, ainda não tenho. Bem sabes, o pequeno tem apenas dezoito mezes e não obstante elle ser realmente, como verás, uma intelligencia notavel para a idade, Laura e eu julgamos que se não deve fatigar muito cedo o cerebro de uma criança. E depois accrescentou com enthusiasmo de intensa vaidade paternal: — Estou convencido que elle tem particular inclinação para a musica. Quando Laura toca o violino,

grita sempre, e isso demonstra-me que elle é entendedor de musica, não achas?

— Sem duvida... realmente... que admiravel intelligencia! disse o principe, começando desde logo a procurar na imaginação um meio de retirada immediata. Apesar da sua grande



...começou a contar-as pelos dedos...

amizade para com Barclay, não ousava supportar o sacrificio de ouvir a constante e prolongada narração das habilidades do menino. Bem dizia Wickham! Por isso olhando para o relógio e para interromper o panegyrico infantil:

— Se me dás licença, meu amigo, parece-me que tenho apenas o tempo indispensavel de me vestir para o jantar, não é assim?

Apezar de desilludido nas suas esperanças com respeito ao desejado encontro d'uma governante, o principe sentiu uma ligeira sensação de prazer, quando mais tarde conduzia para a sala de jantar miss Molly! Porque havia o quer que fosse na individualidade de miss Molly que o attrahira desde a sua apresentação. De relance notára apenas duas pequenas particularidades que o impressionaram: ella trazia no peito um ramo de cravos encarnados — suas flôres predilectas — e tinha olhos pardos, a côr de sua intima eleição! Não era bonita, todavia era singularmente agradável á vista. Graças a Deus não era uma belleza profissional — *a professional beauty*, de que elle andava farto.

Quando se sentaram á mesa, o principe re-

conheceu-se no intimo dominado pela franqueza um tanto maliciosa d'aquelles bellos olhos pardos.

— Porque estava o senhor ainda ha pouco tão terrivelmente pensativo? Despertou-me curiosidade de descobrir no seu olhar a tristeza do pensamento, talvez sem motivo. Muitas vezes ser-se infeliz, é apenas culpa propria.

Emquanto fallava e sorria, o som da voz tinha uma suavidade acariciadora que impressionava vivamente o principe. Havia no seu dizer uma sinceridade pueril, sem affectação que o prendia, a elle que na mulher apreciava sobretudo a simplicidade e tanto mais quanto raramente a encontrava.

— Os meus pensamentos não eram tristes, respondeu, mas talvez excêntricos. Estava reflectindo com pezar, não ter ainda o pequeno Barclay idade bastante para carecer de uma governante.

A rapariga olhou para elle com natural surpresa; porém, como se uma subita deliberação intima lhe tivesse impulsionado o espirito, acrescentou com ar distraído, como se fallasse para si:

— Quem sabe, se poderei quando elle tiver idade propria tomar esse encargo?...

O principe atalhou com viva curiosidade: — Então, é... mas deteve-se indeciso se seria delicado na affirmação que espontaneamente ia produzir.

Miss Molly resolveu a difficuldade, respondendo á sua inarticulada pergunta.

— Sim, eu sou uma governante.

O principe difficilmente acreditára no que acabava de ouvir.

— A senhora? perguntou ainda incredulo.

— Sim, repetiu miss Molly; a minha familia não é rica, e tenho de ganhar a minha vida. N'esta occasião são férias para mim, por isso estou aqui, mas acabando este tempo tenho de voltar ao trabalho.

Um olhar de profunda sympathia illuminou o rosto do principe.

— E será um grande esforço para si, murmurou com admiração.

— Não parece que me seja custoso trabalhar, disse miss Molly, depois de uma pausa reflexiva; o trabalho é sem duvida bom para todos, muito preferivel á ociosidade.

— Sim, concordou o principe, supponho que deverá ser assim. Demasiado goso n'uma ociosidade constante, por ser agradável embora, fere o sentimento da dignidade propria. Chega-se a ser infeliz quando todos invejam a nossa felicidade.

— Talvez seja assim, sr. Beltrão; espirito satisfeito e consciencia tranquilla são duas grandes riquezas que supprem com vantagem as opulencias do mundo.

— Então a senhora não tem em grande conta o dinheiro?

Miss Molly teve um lindo gesto de desdem.

— Quando se é rica, nunca se póde differenciar os verdadeiros amigos dos simples adulares.

— Tenho exactamente a mesma opinião. Todavia não se ambiciona sómente o dinheiro. Quantos preferem as distincções mundanas, um titulo. Quem sabe se miss Molly desprezando as riquezas, se deixaria fascinar por um titulo?... E se houvesse um principe que a pedisse em casamento, embora não tivesse por elle nenhuma sympathia, talvez o acceitasse logo.

— Oh! não, certamente que não, affirmou miss Molly. Hei de casar com o homem de quem gostar, seja elle principe ou plebeu, rico ou pobre. E assim foram conversando durante o jantar, n'uma philosophia romantica que contrastava com o meio ambiente, em affirmações de principios e de sentimentos que talvez julgassem acreditar, illudidos inconscientemente suppondo-se convictos.

— Quando volta para as suas occupações miss Molly? — Perguntava uma semana depois o principe á governante em quanto vogavam, ao sabor da corrente, no rio sereno e limpido. Acompanhava-os um cãesito de fina raça que deitado entre almofadas roncava fortemente.

— Vou em breve deixal-o, disse ella. Estão acabadas as férias, retomo o meu emprego.



...em quanto vogavam no rio...

O principe ficou por momentos silencioso, depois acrescentou:

— Vou offercer-lhe um novo. Quer aceitar o emprego de ser minha mulher? Não se zangue comigo, continuou apressado lendo-lhe nos olhos uma expressão sombria e duvidosa; creia na sinceridade do meu affecto, miss Molly...

— Oh! não é isso, e tremiam-lhe os labios

—não... posso... aceitar o seu .. emprego... quando souber que o illudi, hade odiar-me... os homens odeiam sempre as mulheres que os enganam, e eu enganei-o, sr. Beltrão.

O principe estupefacto e surpreso franzira involuntariamente os sobrolhos:—Ouça, meu amigo. Eu não sou uma governante como imagina; sou uma simples millionaria. Quando recebi convite para vir aqui, pedi á senhora Barclay, unica pessoa que me conhecia, que a ninguém dissesse que eu era rica, e... e quando o encontrei..

O rubor subiu-lhe ás faces.

—Diga! insistiu o principe.

—Gostei de si á primeira vista, e quando comecei a conhecê-lo melhor, não pude deixar de perceber que tambem lhe não era indifferente. E—foi maldade da minha parte, bem vê—guardei segredo, porque quiz experimentar se um homem poderia amar-me por mim e não pelo meu dinheiro.

O principe cavilhou os remos e inclinandose para diante pegou-lhe na mão.

—Querida, o seu plano foi á sua similhança encantador e intelligente. De resto eu sou tambem culpado. Se me enganou, tambem a enganei. Disse-me uma vez que se um rei lhe offerecesse ser rainha, sómente o aceitaria se o amasse. Eu não sou rei, mas sou um principe, e peço-lhe para ser princeza.

Os olhos pardos de miss Molly dilataram-se com espanto—Então o senhor é..

—O principe Beltrão Otto de Plesstania, incognito em casa de Barclay, porque quiz vê se poderia encontrar uma mulher que me fos-

se dedicada por mim e não pelo meu titulo.

—E eu... inclinando a cabeça tristemente, possuidora de 100.000 libras de renda, desconfiava sempre que todo o homem que me pedia em casamento era com o fito no dinheiro, e pretendi fazer-me passar por governante pobre, para vê se no mundo haveria alguém que me podesse amar unicamente pela minha pessoa.

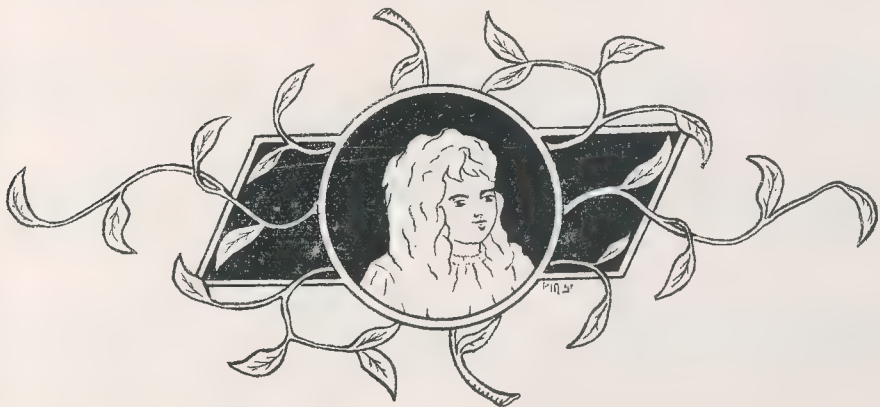
—Não lhe parece — concluiu o principe — que, enamorados ambos um do outro, primeiro pelo que eramos e não pelo que possuíamos, o nosso amor deve ser verdadeiro, aquelle que até agora debalde tínhamos procurado? Não é assim, querida Molly?

—Talvez, respondeu ella, quedando-se pensativa.

O cãozinho acordou, levantou-se e veio aconchegar-se no collo.

A conversação tornou-se insipida, vaga, difficil entre os dois. Porque? Quebrado o encanto da illusão reciproca em que tinham vivido durante uma semana, na intimidade da vida campestre, docemente socegada, como a paisagem que os cercava, com a imaginação entretida na aventura desejada, no acre prazer da mentira cruel, olharam para as suas consciencias, em exame prescrutador, e encontraram-se outra vez dentro do seu mundo, elle, alteza serenissima requestado pelas mamãs, ella, millionaria, adorada pela opulencia elegante dos seus salões.

Enygmas do coração humano, desafiando a mais subtil psychologia...





Piano

dolce

cres.

f

8.^a

cres.

f

8.^a

loco

dolce

cres.

f

cres.

f

Pianissimo

Novas de Sampa - 005.

The musical score is written for piano in 3/4 time, featuring a key signature of three flats (B-flat, E-flat, A-flat). It consists of four systems of music, each with a treble and bass staff. The first system begins with a piano dynamic and a 'dolce' marking. The second system includes a first ending bracket labeled '8.^a'. The third system features a 'loco' marking and a 'dolce' marking. The fourth system ends with a 'Pianissimo' marking. The score is decorated with various musical notations, including slurs, accents, and dynamic markings.

8^a

f *cres.* *dolce*

8^a

cres. *f*

8^a

loco

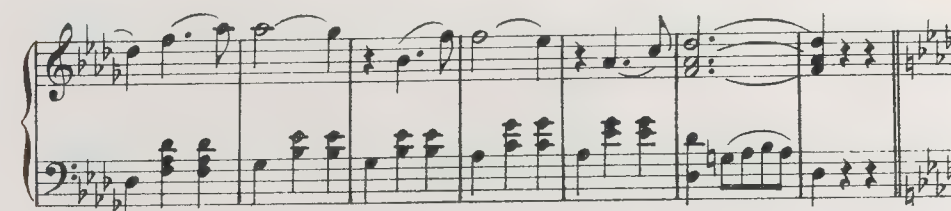
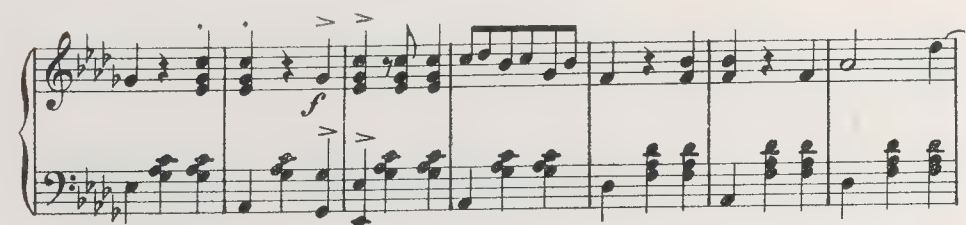
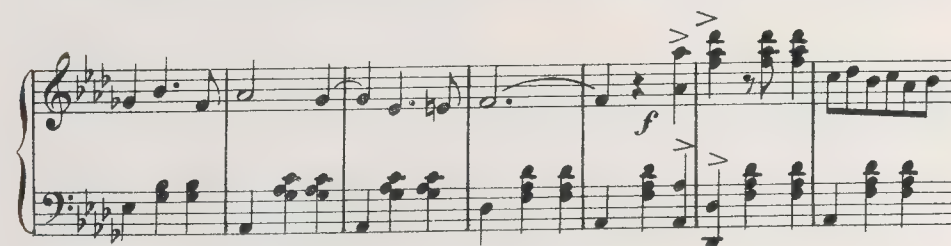
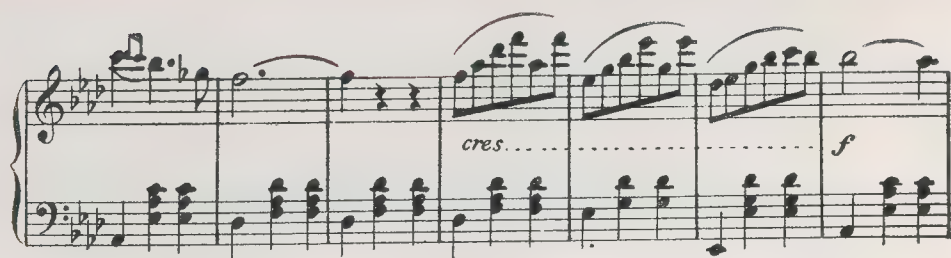
dolce *cres.* *f*

8^a

cres. *f*

8^a

loco *dolce* *cres.* *f*



The musical score consists of five systems of staves. The first system begins with a *dolce* marking. The second system features an *8ª* (octave) marking. The third system includes a *loco* marking. The fourth system shows a *8ª* marking. The fifth system concludes with a *loco* marking. Dynamics such as *cres.* (crescendo) and *f* (forte) are used throughout the piece.

OS SERÕES reconhecem-se extremamente agradecidos á intelligente e apreciada compositora a Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Escrich, que com tão gentil amabilidade permittiu a publicação d'esta sua nova e inédita composição. São numerosas as obras musicaes d'esta distincta professora; e n'este genero, que tantos talentos celebres teem cultivado, ella sabe conservar uma tal leveza e graciosidade no desenvolvimevto que a melodia encanta e a cadencia emociona, suggerindo toda a ideal delicadeza fascinante da valsa, como se o seu lapis ao correr na pauta, em vez de notas, fosse desenhando illustrações d'um baile, animado pelo entusiasmo juvenil, onde resplende a formosura da mulher na plena alegria da vida...

NOVO MOTOR SOLAR

ADQUIRIDO para a sciencia um novo invento, dentro em pouco a sua applicação e resultados suggerem novas applicações e determinam novos aperfeiçoamentos de que aproveita logo a industria, fortemente impulsionada pela actividade humana em lucta permanente. N'esta revista indicamos, no nosso numero anterior, a utilização da força do sol, como motor, com o fim de accionar bombas destinadas a levantar as aguas subterraneas em região escaldada e requeimada das ardençias do clima, valorisando-a por meio de abundante e opportuna irrigação que permittisse e favorecesse o desenvolvimento das plantações.

Hoje registamos um outro recente motor solar, fundado sobre o mesmo principio, diverso na disposição, como mostra a nossa gravura, e instalado em Pesadena, no estado de California, ao serviço d'um parque de criação de avestruzes, aquellas soberbas aves que vaidosas admiram a opulencia da propria plumagem na superficie brilhante dos espelhos, e que fornecem tão apreciados ornamentos aos caprichos da moda feminina no complicado fabrico de chapéus elegantes e custosos.

Como se vê da photographia que reproduzimos, a machina assimelha-se na apparencia a uma grande umbella aberta, formada por centenas de espelhos, e disposta em direcção tal que pôde receber na sua superficie interna os raios solares e reflectil-os, convergindo-os em fóco, sobre uma pequena caldeira de vapor que occupa o lugar do cabo n'um guarda-sol vulgar.

A montagem da umbella é racionalmente feita sobre dois supports fixos, na direcção

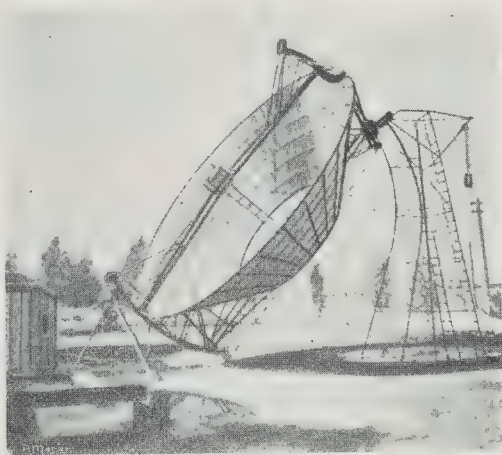
do meridiano do lugar, dentro d'um quadro equatorial, como n'um telescopio, de fórmula ao seu eixo encontrar-se rigorosamente na linha norte-sul e a umbella mover-se de leste a oeste, acompanhando o sol no seu percurso. O reflector tem na abertura maior e superior o diametro de cerca de 10 metros e na menor de 4,50 metros, e é formado pelo conjuncto de 1.788 espelhos em tiras de grandeza approximada de 9 por 60 centimetros. A caldeira é de fórmula tubular, com o comprimento de cerca de 4 metros, para 450 litros de agua e com o seu respectivo reservatorio de vapor, construida em aço, coberta d'um revestimento

absorvente de calor, em cuja composição entra principalmente o negro de fumo ou fuligem, sendo o vapor conduzido para a machina que actua a bomba por meio d'um tuboflexivel, em bronze phosphorado.

O maneo do apparelho é extremamente simples e reduz-se: a observar n'um indicador especial, quando a umbella está em fóco, porque desde então ella move-se

acompanhando o sol por meio d'um movimento de relojoaria; e a desvial-a da caldeira, quando esta tenha attingido a pressão necessaria, operação que se realiza por meio d'uma simples manivella.

Como se pôde comparar, este motor solar é mais completo do que aquelle que já descrevemos, mas tambem mais custoso e complexo, embora especialmente applicado ao funcionamento de bombas elevadoras de aguas subterraneas, emquanto que o inventado pelo dr. Calver procura resolver o problema de accumular força absorvida ás calorias que o sol prodigalisa nas suas ondas luminosas.





CAPITULO TERCEIRO

Uma noite decisiva

RECOLHIDA ao seu quarto, toda a noite foi para a alma da pobre Adozinda, ferida nas mais intimas e melindrosas fibras, uma batalha viva. Recordava as extranhas revelações que, poucas horas antes, escutára, e os ouvidos businavam-lhe de raiva, accendiam-se-lhe na retina pequenas luzes congestivas. Evocava a estremecida figura do delegado, e tão depressa lhe parecia sentir a elle collado o coração inevitavelmente, como que a infinidade dos mares e a immensidade do deserto se haviam já interposto ás cinzas da sua mutua paixão, extincta.

Adozinda era um d'estes caracteres simples e ingenuos, uma d'estas ardentes e limpidas naturezas, feitas de bondade e de sol, de que a provincia guarda o segredo; creatura toda imaginação e crença, toda singeleza e ternura, que o seu excessivo grau de receptividade prejudicava, e que a sua candida inexperiencia entregaria fatalmente, desprevenida e inerte, ao rude embate desmoralizador da vida. Educada no meio do maior recato, n'um relativo isolamento, entre os carinhos meticulosos da mãe e a respeitosa adoração, a distancia, dos visinhos, acontecia assim que ella mal conhecia as mais rudimentares arestas do mundo exterior. De negocios apenas ouvia fallar á mês; de politica e de crimes, uma ou outra vaga referencia que de acaso os seus olhos scismadores apprehendiam nos jornaes. Mas nada d'isto a interessava, nada lhe preoccupava a attenção, de preferencia solicitada sempre por uma exacerbação doentia da actividade interior.

Como era o mimalho, o «i de bem» da casa, e o velho medico da aldeia sentenciára, do alto do seu dogmatico empirismo, que aquella menina tinha «os humores brancos», prohibiam-lhe os paes toda a sorte de occupação physica, a não ser algum migalho de costura. Se ella queria ajudar á cosinha, ar-

redavam-n'a «por causa do ar do lume»; não a deixavam amassar o pão, «porque lhe abria o peito»; nem ir colher as novidades á horta, «p'ra não molhar os pés». De sorte que esta forçada inacção refluiu sobre o organismo desfavoravelmente. Levava uma recatada e mansa vida de freira, quasi sempre no seu quarto, sentada sobre o leito, a lêr romances. O pae era assignante da *Bibliotheca dos dois mundos*, repositorio barato e tentador das mais dissolventes invenções do Romantismo, de complicadas, heroicas novellas de capa e espada, por cuja valenciana trama se enroscavam, em competencia de maravilhoso, de paixão, de inverosimilhança, os nomes de Dumas pae, Feuillet, Eugenio Sue, Gondinet, Montépin, Féval.

Tudo isso Adozinda devorava, com um pique de interesse, sempre crescente, até converter-se n'uma verdadeira furia obsessiva. Mal que um volume chegava, pelo correio, logo ella, a correr, se refugiava com elle no seu quarto, em cima, no segundo andar, junto ao mirante; e era um castigo depois, emquanto não acabava, para fazerem com que ella viesse abaixo comer. Quando terminava o volume, com o seu pequenino e tenro cerebro fumegante da perturbadora impressão de todas aquellas cavallarias e lindas intrigas amorosas, Adozinda cerrava então, n'uma deliciada embriaguez, os olhos, e, com o livro no regaço, mergulhando entre os joelhos a cabeça apertada com as mãos crispadas, assim ficava, horas, procurando n'uma absorvente visãoção interior reviver e continuar pela imaginativa estimulada os lances essenciaes do drama que acabava de a commover.

Depois, ao entardecer, mal o crepusculo da tarde começava a adormecer os valles na sombra, a impressiva criança saltava da cama, passava ao mirante ao lado, e d'ahi passeiando pelo vasto panorama em frente os

olhos devorados de febre, inquietos e allucinados, visionava então ao vivo pelo vago negrume dos montes o agitado desenrolar dos mesmos episódios do romance. Dialogava com ella a solidão, as coisas animavam-se... Tal grupo de pinheiros mansos, no alto d'um cabeço, afigurava-se-lhe agora ser um puro castello roqueiro... e via na sombra scintillarem vagamente as alabardas, ouvia o grito plangente dos esculcas, sentia ranger a ponte levadiça... e um possante cavalleiro, mascarado de ferro, lá entrava n'um desapoderado galopar, a brida á terra, a lança em riste, e amorosamente cingido contra o peito o melindroso vulto branco da sua amada!

Chamavam-n'a então para ceiar; e ella em baixo, com os olhos scintillantes, tremulamente vibrando agora a prudencia habitual dos labios, e o ascetismo da face incendiado de desejo, desfiava lucidamente, com um rigorismo de expressão que uma grande vivacidade de gestos completava, transfigurada e feliz perante o immobilismo extatico da familia, todo o emocionante enrêdo do romance que acabára de lêr. Não esquecia um pormenor, não escapava um lance. Côada pela sua impressionabilidade excessiva, pela sua nervosa comprehensão, a narrativa ganhava em interesse, em naturalismo, em côr. Já a bôa da D. Bernarda tinha lagrimas de envaidecida commoção. Os creados immobilisavam-se tambem, com as travessas fumegantes nas mãos, a escutar. E Bento de Souza exclamava, regalado:

— Está bem, filha... Escuso de lêr. — Depois, com intimativa, para os creados: — Então, seus palermas! essas travessas não vêem?... Isto não é com vossês, p'ra me pararem agora na sua obrigação... Vamos! que eu não gôsto do escocado frio.

E, fechado o voluptuoso parenthesis de interesse, o serviço da ceia proseguia; enquanto, insustavel na impulsiva narração, Adozinda fallava, fallava sempre, corrigindo agora, completando, continuando o enrêdo, e suspiradamente explicando de que maneira, se ella fôsse a auctora, teria escripto este ou aquelle capitulo, teria infligido o merecido castigo a tal personagem, teria talhado o natural epilogo á obra.

Desvanecidamente, a mãe apoiava:

— Sim... que, na verdade, assim como está não acaba bem!

Começou por esta forma Adozinda a desdobrar-se moralmente, a viver uma dupla vida. E gradativamente o sentimento especulativo conquistou-a, alheando-a cada vez com mais repulsivo tédio da vida real. Uma attracção crescente, uma irresistivel voluptuosidade fazia-a escrava incondicional de todo

esse invisivel mundo de pagens, ingenuas, galans, monstros e phantasmas, que n'um doce embalo lhe amnesiavam o cerebro e em ro-dilhões de imaginosa febre lhe enliçavam a alma. Sôb o seu inalteravel ascetismo, sôb a sua compostura apparente, havia medonhas tempestades intimas, agitava-se um extravagante e escabellado cahos de reprimidas turbulencias. Na sua vida de concentração e de sonho, tudo o que fôsse agitação ou ruido incommodava-a. Nunca ouvia as primeiras palavras do que lhe diziam. E muitas vêzes aconteceu estar ella, com a mais familia, na sala, com visitas, e de repente, sem motivo ou justificação plausivel, erguer-se, sahir e não mais voltar.

A coisa chegou a termos, que até agora o canto d'um canario de estimação que ella tinha ha muitos annos, — suspensa a gaiola, sobre o leito, do fecho do tecto de castanho apainelado, — se lhe tornou insupportavel. Fazia-lhe ella invariavelmente, todas as manhãs, limpeza á gaiola, lavava-lhe o bebedoiro, renovava-lhe o painço, punha-lhe uma folhinha de alface ou um cibo de pão de ló; mas depois, antes que começasse a lêr e quando o animalito, estimulado pelo sol, rompia no seu trinado forte e jucundo, Adozinda, de mãos nos ouvidos, ia logo desterral-o para o mirante, e voltava delirando á leitura, insensivel aos pios de saudade que do seu immerecido isolamento lhe ficava soltando o innocente.

Por effeito d'esta orientação falsa e perigosa, d'esta educação manquejante, d'esta hyperkinesia sentimental, grave e constante, Adozinda nutria a mais falsa e deleteria noção do amor. Suppunha-o de verdade esse sentimento absoluto, celestial, impetuoso e ardente, santo como a morte, leal como o destino, que na prosa fallaz dos romances não se fartava de vêr descripto. Ao passo que vagamente tambem, n'um empenho absorvente, na polarisação total do seu querer, n'uma candida etherisação da sua alma, ella sonhava e esperava e desejava e queria vir a ser a heroína, embora infeliz, embora martyr... de qualquer aventura assim.

Ora foi n'estas ingratas condições que o seu namoro com o dr. David começou. E foi por effeito de toda esta compromettedora predisposição que as invenenadas revelações das duas amigas lhe cavaram estragos irreductiveis na desprevenida candidez da alma. Para uma outra qualquer menina da sua idade e condição, não lograria attingir grandes consequências o conhecimento d'aquella pequena traição banal; porém perante o animo excessivo e violento de Adozinda logo assumiu tragicas proporções esse episodio trivial

de galanteio. O abalo foi enorme, a decepção foi formidável. E então que a sua mesma histeria intellectual, o seu morbido anseio por sacrificar-se, a sua insalubre avidêz por crucificar em sublimes provações a austera virgindade do seu coração, concorriam para exaggerar-lhe o mal, e exacerbar-lhe até limites descomedidos o agudo espinho d'esta dôr, ao mesmo tempo temida com horror e desejada com alvoroço.

Decididamente, — n'aquella noite ella com

por isso deixaria de encarar com serenidade, e aguardar com coragem, o futuro de penas e tormentos que acaso a sorte lhe preparava. Até estimaria, se, ao cabo, a sua accidentada vida, bem contada, podêsse dar thema a algum sensibilisante romance de amor! Mas que lhe competia fazer então, por onde começar, a que atêr-se?... Deixar-se-hia tola-mente ludibriar?... Não, seria demais. O mais bonito, o mais natural seria ir ella mesma direita ao perigo, procurando resolutamente



aclarar a situação; seria surprehen-der os dois namorados por forma tal, que nem um méro ensaio de desculpa podêsse apontar do dr. David nos labios fementidos. Oh, havia de fazê-lo! Ia começar por ali...

Depois de por todos os aspectos debatida, em agitadas horas de insomnia, ficou esta resolução assente. E, forte com ella, no dia seguinte amostrou-se a Adozinda leve, communicativa, esturdia; parecia contente. O delegado faltou n'esse dia, e no outro, e no seguinte ainda; e não obstante, com sincero pasmo de Bento de Souza, nem por isso a filha mostrou a menor contrariedade ou tristeza. Nem n'elle fallava. Nunca, como agora, ella andou tão desprooccupadamente alegre, tão esquecidamente infantil.

— Tu percebes isto, mulher?...

— dizia o Souza para a consorte, muito intrigado. — Aquelle traste

sem apparecer, e ella que nem n'elle falla!

— Talvez seja disfarce...

— Qual! Não é creatura d'isso, bem sabes. E' que, com aquelle seu genio, talvez se sinta mais despegada.

sinceridade pensou, — havia chegado a sua vêz tambem de dar contingente obrigado á insaciavel cruêza do destino. Amar e soffrer... eram coisas correlativas. Uma obrigava á outra. Chegára a sua vêz, — paciencia! Nem

— E olha que era uma fortuna!

Ao quarto dia passado sem David apparecer, sentiu-se de subito Adozinda tomada por uma grande e irreprimivel anciedade. O seu coração offendido pedia uma reparação immediata; a sua alma espinhada e solitaria reclamava a tyrannica restituição do seu amor. Para mais, tinham vindo, sobre a tarde, os Guedes, e na sua fulminea torrente de indignações contra o capitão Sobrêda e a filha, aclararam que, para em tudo serem ruíns, até estavam esses dois estafermos fazendo pouco da terra, com o seu proceder de escandalo. — Porque o tarimbão ia para a fonte, depois do recolher, derriçar com as raparigas; alguém jurava tê-lo visto já seguir, com uma, para a sombra discreta das *australías* da *Alameda* do conde de Ferreira. E ao mesmo tempo, em casa, da janella para baixo, tambem a filha derriçava descaradamente, até altas horas, com um namoro... que não podia ser outro senão o doutor delegado.

— Aquillo fôram dois raios que aqui cahiram! — dizia formalizada a mana Guedes, com chispas de colera no olhar, repuxando nervosa os mitenes de sêda.

— E' uma gente sem regulamento! — apoiou o irmão.

— E então aquelle doutor, quem havia de dizer?... — lastimou a meia voz o Souza, com uns olhos de cuidado enviézados á filha.

— Fructos da liberdade, meu caro amigo... — peganhou ironico o commendador. — Ahi tem... As justiças novas são assim!

— E' mal entendido, isso é... — disse tambem a D. Bernarda. — Apezar de que, a maior culpa é d'ella.

Mas com espanto de todos, n'um claro riso, n'uma expressão singular, a Adozinda epilogou: — Eu cá... acho divertido!

E mudando, com extranha frivolidade, de assumpto, gabava agora a bôa e solida apparencia do sr. Pedro Maria, «que não se fazia velho»; dizia á irmã d'elle que lhe ficava muitissimo bem aquelle chapéu, todo preto, sobre as ondas suaves do cabelo grisalho. Tão desinteressada, tão alheia a amorosos cuidados ella se amostrou, em summa, que á saída não se pudéram ter os Guedes que ao pachorrento Souza não segredassem, indicando-lhe de carinho a filha: — Parabens!

Porém toda aquella apparente tranquillidade e segurança provinham de que na cabecita graciosa e firme de Adozinda estava já, para essa noite mesma, um audacioso plano concertado. A inflexibilidade da sua prévia resolução tornára-lhe o pensar leve. E, desinteressados e inertes para tudo o mais, os seus nervos eram escravos d'uma inflexivel resolução, na sua vontade pertinazmente ama-

durecida. O unico ponto delicado, sério a resolver era a sahida, logo, de casa... Pela quinta seria impossivel. A chave não ficava no portão; e, mesmo que ficásse, ringia tão desesperadamente, que no silencio da noite todos a sentiriam! Pela cosinha, a mesma difficuldade; é verdade que a porta d'esta ficava só amparada com a tranca, que era facil arrear sem ruido; o cortêlho a seguir tambem se atravessava bem; mas depois lá estaria ella na quintan, e a chave da cancella tambem ficava em mãos do moço das lojas. — E com tudo ella havia de sahir por força, n'aquella noite, dêsse por onde dêsse! ainda que para isso tivésse de rogar a Nossa Senhora um milagre, ainda que tivésse de emprestar-lhe azas o desejo!

Ah! mas... muito bem! — de repente tinha achado. E no quente impulso do seu jubilo, ria interiormente, trocando de si mesma. — Pois como é que ha mais tempo lhe não tinha lembrado? Parecia impossivel... Era o caso que, rente com a sala de jantar, ao lado da dispensa, havia uma pequena casa sem luz, quasi inutil, com o rodapé vestido de grandes arcas antediluvianas, cheias de roupas, milho, feijão e fructas de sequeiro; e tendo para o exterior uma unica porta, a qual abria na parede mestra do prédio, no alinhamento do muro da cancella, independente d'esta portanto, e dando serventia directa para a mesma viella por meio d'uma escada saliente, de granito. — Por ali assim é que havia de ser... Nada mais facil. Esta chave estava sempre no seu logar; desandava-a e estava na rua! Esperaria que todos socegassem e depois... com muito geito... Mas se já fôsse tarde!... Não. «Até altas horas», dissêra o commendador. — E estremecia. — Bem! havia de vê-los, apanhal-os fatalmente!

N'aquella mesma tarde, entrou de disfarce na pequenina casa de antemão escolhida para a sua romantica aventura; e, levando a chave logo para o quarto, untou-a com azeite da lamparina, para que girasse docemente na fechadura; depois escondeu-a, embrulhada n'um papel, entre o colchão e o enxergão, aos pés do leito.

Pareceram-lhe as primeiras horas da noite interminaveis; e durante todo esse tempo, e mórmente á ceia, todo o seu cuidado era retrahir a expressão e furtar-se ao exame dos paes; não fôsem elles solettrar-lhe no claro rosto, não afeito a mentir, algum signal patente do designio... Depois, dadas graças a Deus, Adozinda tomou o seu candieiro e subiu rapida ao quarto, onde, deixando apenas encostada a porta, cahia agora prostrada de joelhos aos pés do leito, com o coração em doidos solavancos a marretar-lhe o peito, as

inertes mãos de gelo e o corpo n'uma tremura. — Que demonio de tentação fôra aquella? Que loucura ia ella fazer?... Afoitar-se assim sósinha, áquella hora temível! O que vale é que fazia luar... Mas não lhe teria valido mais fazer o Mathias comparte no segredo?... Elle abria-lhe a cancella, acompanhava-a... Isso sim! absurdo... Ia mas era logo, alvo-roçado, denunciava-a ao pae! E n'um grande suspiro gemeu: — Acabou-se... E' sorte!

Movia atropelladamente, n'um grande fervor mystico, os labios, ao tempo que anciosos os seus olhos suaves procuravam, na frente, a protecção da Virgem que suspensa da cabeceira do leito, n'uma ingenua lithographia colorida, maternalmente lhe sorria.

Soaram lento as dez horas no enferujado carrilhão da torre proxima, soaram as onze; e então Adozinda, subtilmente, pôz-se em pé, tremendo sempre, enrolou na farta madeixa castanha uma mantilha branca, de lã, atirou um chale aos hombros, tomou de entre o colchão e o enxergão a chave, voltou-se piedosamente ao retabulo da Virgem, e persignou-se e benzeu-se como que implorando-lhe a benção... depois, finalmente, vencida a sua ultima hesitação, fêz rodar em silencio a porta do quarto e inquiriu com prudencia o corredor.

Mergulhava n'uma escuridão quasi completa; luctando desvantajosamente com a sombra, a todo o seu comprimento, havia apenas a escassa luz que entrava pela janella unica que se lhe abria no topo, prolongando-lhe pelo vago a extensão indefinidamente. Mas nem viv'alma, nem o mais insignificante ruido. Ninguém daria fé... Deixou, com mil precauções, o quarto, e ariscou, mansa e deslize como um phantasma, arrimada á parede, os primeiros passos ao longo do corredor, direita á escada que dava para a sala de jantar. Então, quando já perto do corrimão, com um dos pés quasi na aresta do primeiro degrau, sente nas costas um ruido extranho, uma como farfalhada que a fêz estremecer e voltar-se, fria de susto, prestes a despenhar-se no espaço, com o peito oppresso e as mãos no ar. — Fôra, no vertice do corredor, a costumada batida dos morcegos contra a vidraça.

Logo cobrou animo, tóinou á escada, desceu... agora, ao atravessar n'um passo imperceptível a sala de jantar, sentiu, ali bem proximo, o resonar compassado e alto de seu pae... e foi n'uma dolorosa oppressão que metteu chave á porta, na casa immediata. Mas dir-se-hia que cobrava novos alentos da mesma sensação do perigo; no risco, no terror da sua situação, fazia-a simultaneamente soffrer e gosar não sabia que amarga voluptuosidade.

Porfim, lá estava ella já fôra, no patamar da escada, animosa e incerta, inquirindo n'um supersticioso receio a grande noite mysteriosa. Apesar da evidencia do luar, uma ligeira morrinha cahia do céu; o peneiramento molhado da cacimba, penetrando as carnes, comia os contornos, apagava os planos e algo-doava as coisas. Uma immobildade espectral congelava o espaço. Um gallo cantou ao longe.

Sempre com o mesmo animo, admirada de si mesma, Adozinda desceu, metteu directamente á rua, avançou n'esta paysagem de sonho, e instinctivamente tomou acima, cortou a praça, e, seguindo em direcção á fonte, d'ahi a momentos atacava a rampa suave que conduzia á *Alameda*. Em torno d'ella o silencio era total e a pacificação absoluta, no espaço vago pelo esfumaçamento humido da cacimba ao longo das tortuosas fiadas de velhos prédios, cujos negros telhados se esbatiam confusamente na sombra alta, em monstruosas figurações de pesadêlo. O ar cortante da noite, repassando-lhe as roupas, levava á epiderme melindrosa do seu corpinho recatado uns afagos brutaes, que, aggravados pela tensão nervosa do momento, se traduziam em arrepios de susto, em contracturas de indecisão e de febre. Segurando á frente do busto o mantelête, não tinham descanso, não atinavam com uma posição os dedos, corridos por impetos de raiva, trabalhados por carphologias de dolorosa anciedade. E a cada momento os pés, inertes, tropeçavam nas pedras soltas, as pernas vergavam como a um peso excessivo, e de encontro aos labios, cerrados e crêspes, os dentes rufavam atropelladamente.

Ao chegar á fonte, o murmurio cantante da agua correndo, com a sua poetica serenidade, trouxe-lhe á alma, por instantes, uma sensação de frescura. As franças lugentes do grande chorão secular dançavam mansamente, a agua em repouso phosphorava ao de leve, as rãs coaxavam tranquillias. Adozinda, momentaneamente distrahida e repêsa da sua loucura, parou, como que a escutar o conselho acariciador da Natureza... esteve a termos de retroceder; mas de repente, a um novo estímulo do seu genio impetuoso e forte, do seu coração em sobresalto, do seu character virgem de humilhações e alheio a affrontas, tomou de novo ao caminho. E agora ao descortinar no delineamento incerto da penumbra, mesmo á entrada da *Alameda*, a linha conhecida do caramanchão circular que corôava o angulo do quintal da casa do capitão, retomou-a o mesmo ardente allucinação anterior, as palpebras bateram-lhe fortemente, as fontes latejaram-lhe... e foi com o sangue a galopar-lhe no peito e as pernas agora têsas e firmes, que ella se aproximou, dançando-lhe estonteado-



ramente a paisagem em cabalísticas sombras, em phantasmáticas visionações que lhe faiscavam na retina, como morbidas evocações de algum mau sonho.

Seguramente, estava chegada ao momento critico, ao instante decisivo da sua inquirição. — Se os dois se amavam, se, como se dizia, elles prolongavam interminaveis dialogos pelo mysterio discreto da noite, ella ali estava agora, bem proxima... tinha occasião de verificar. E mais lhe valia... Seria um abalo salutar. Era um peccado, certamente; mas que Deus, na sua bondade infinita, Elle que sabia lêr-lhe a angustia immensa que lhe ia na alma, lhe saberia tambem perdoar. E, em summa, acima de tudo estava a sua dignidade. Tudo, tudo queria... o desengano, a morte, as penas do inferno... antes do que ser o rebothalho de ninguem!

Tinha pois chegado, silenciosa, invisivel, rente ao muro tóscio do quintal; deslousou ao longo d'elle mais uns passos, e tinha attingido a esquina; estava mesmo sôb o pequenino caramanchão, de gracioso ripado cónico, despidido agora da sua enlização perfumada de lilazes e glycinias, e que ali apontava n'uma linha elegante pela rua. — Ali não estava ninguem... E, ao verificá-lo, a alvorçada creança viu de repente como que abrir-se deante d'ella uma grande claridade confortante. Começava a desconfiar que era sem base o seu receio. Fallavam-se os dois ali, tinham-lhe dito... áquella hora... mas como havia de ser, senão, naturalmente, ella debruçada, de cima, e elle em baixo, ali no mesmo logar onde ella estava? Afinal, nada d'isso ella via. Salvo se... Seria cêdo? Viria elle ainda?... — E, novamente picada pelo espinho agudo d'esta suspeita, ahi voltava Adozinda a sentir-se illaqueada n'um como turbilhão de fogo... alongava, rampa abaixo, a vista, fazia concha com a mão junto á orelha, a apprehender os ruidos mais subtilez, no caprichoso segredo da noite. — Oh, se elle chegava ali assim de repente! se a surpreendia... Mas nada, não sentia ninguem. Que grande asneira tudo aquillo!

N'isto, um ruido distante, rouco e tremido, progressivamente crescendo, se esboça e vêm rolando monotono e insistente pelo ar. E' um vago rodar, primeiro, alegrado depois por um cascalhar de guisos, cortado por estalidos brancos de chicote. — A diligencia de Moimenta que chega, direita ao caminho de ferro; não ha perigo, passa longe d'ali. — Mas, no mesmo instante, ouvem-se vozes ali perto... e ellas ahi tornam, não ha duvida nenhuma! Como se alguém estivesse fallando muito em segredo, e agora o estrondear da diligencia lhes fizesse naturalmente erguer a voz. — Quem seria?... Passageiros? Lavradores já para o cam-

po?... — Ao formular, n'um instinctivo receio, a si mesma estas perguntas, tornava a pobre Adozinda a sentir frio na alma, voltava a tremer n'um pavor de anciedade; e a odiosa, a horriovel, a temida hypothese ahi a tinha ella de novo, a ameaçal-a com imprevistas apparencias, a aniquilal-a com a sua crescente evidencia. Quem quér que era, fallava sem se deslocar d'onde estava... e era ali bem perto... em cima, no quintal, no caramanchão. N'um claro de silencio, ao parar em baixo, na praça, a diligencia, o ar espesso e parado repetiu muito distinctamente, arrastada n'um peganhar lascivo, esta supplica:

— Não, não, David... isso não!

Adozinda teve que amparar-se á parede para não cahir. Queria, n'aquelle minuto terrivel, vêr-se a cem leguas d'ali... e ao mesmo tempo uma diabolica e indominavel força, a voluptuosa tyrannia da desgraça, paresiavam-lhe os membros e quebravam-lhe o animo de se arredar, chumbando-a implacavelmente a essa murallia de ignominia, victima obrigada a este novo genero de sacrificio, ignorado e horriovel. E era o mesmo David que agora, com a sua voz mais dôce, com a sua expressão mais persuadente, protestava:

— Não, digo eu... e tenho sobrada razão para o dizer. Amamo-nos nós ou não amamos?...

— Ainda o duvidas?

— Tenho-lhe eu dado, ou não tenho, em bem pouco tempo, as provas mais decisivas, mais carinhosas, mais concludentes da intima submissão da minha alma, do completo alheamento do meu ser?

— Parece...

— E em compensação nada lhe mereço?...

— E' cedo... quero mais provas.

Sem um estimulo, por insignificante que seja, não pôsso!

A filha do capitão casquinou uma risadita desabusada, louca. E David tornou: — Não pôsso, não... nem se usa, nem é bonito.

— Como está adeantado!

— Pois não é assim?... Creio bem ter já direito, ao menos... — Aqui, ouviu-se um ligeiro roçar de roupas, cantou o afago electrico d'um beijo. — Só um, bem... por ora isto me basta! Já estou contente.

Então, ao imprevisto estalar d'aquelle beijo, Adozinda largou de salto o muro, n'um repellão de brio, sinceramente indignada. Todas as reacções salutaes do seu character, impetuoso e puro, lhe subiram ás temporas em ondas de fogo. Sacudiu-a um impeto de raiva e nôjo, como se lhe tivesse sido roubado a ella mesma aquelle beijo, ousado e brutal. Mas ao mesmo tempo o som d'esse beijo de satyro despertára ignorados appetites da sua car-

ne... e agora á dôr cruel da decepção, ao odio de morte á sua rival, á instinctiva aversão por aquella scena sensual e imprevisita, juntava-se na tempestuosa desordem da sua alma uma voluptuosa ancia, uma perturbação, um pique de desejo.

De tudo isto lhe veiu um recrudescimento raro de energia, a obsessão, a vontade indominavel e inilludivel de aclarar e atalhar immediatamente a situação. Um mixto amarissimo, vehemente, de raiva e ciume, de amor e exaspero, impellia-a nas azas do seu mau destino para junto dos dois. Era como se a tivesse tornado agora insensivel a mesma incomportavel acuidade da sua dôr.

Torneou rapida a esquina do muro; na outra face, topando a cancella apenas encostada, descalçou-se, subiu leve os degrausitos de pedra; e logo avançava, sem ser presentida, no silencio e na sombra das latadas, até mesmo á bocca do caramanchão.— Via agora os dois distinctamente. David enlaçava com o braço a cintura da namorada, cuja cabeça lhe poisava languida sobre o hombro. E, — coisa singular!— Adozinha já não tinha pejo, já não tinha agora ciume... antes uma humidade gulosa lhe amollicia os labios, sêccos ha pouco e duros de anciedade, e, com o cerebello n'um atordoamento, sonhava para o seu corpo fresco e virgem uma situação igual...

Mas o dialogo continuava:

— Sejamos francos, doutor, é melhor... — balbuciava a Sobredinha com doçura. — Cuida que eu que não sei?...

— O que é que sabe?

— Eu vim tarde de mais...

— Sim... para o meu desejo.

— Não é isso, impostor! Vim tarde, porque o seu coração já não lhe pertence...

Adozinda, no auge da anciedade, avançou mais o busto, com a garganta estrangulada, sem respirar.

— Então? tornou David.

— Ha aqui uma menina... da casa do patim... que o adora...

— Não me consta!

— E que o doutor ama tambem!

David teve uma inflexão de desdem, que gelou o sangue de Adozinda.

— Talvez queira negar...— objectou a outra.

— De certo!

— Oh, os homens! os homens...

— Essa menina, não nego, é interessante-sinha... mas ao mesmo tempo não passa de uma producção semsabor d'este meio da provincia. Amal-a eu... crédo!

— Não diga isso!

— Palavra! Méro entretêm... nada mais. Não a pôsso aturar! — E, a sellar estas palavras persuadentes, preparava-se o lascarino

(Continúa)

David para cingir mais estreitamente contra o peito a namorada, quando um objecto longo, pesado e hirtó desabou de chofre entre os dois, inopinadamente, como uma sinistra apparição, com um baque doloroso e cavo... Fôra o corpo de Adozinda que tombára desamparado, n'um deliquio, lascado o seu coração em cheio por aquella injuria fulminante.

A filha do capitão saltou logo fóra do caramanchão, largando um grito espavorido. David porém, sem perder o sangue frio, mas muito longe ainda assim da imprevisita verdade, baixou-se prompto sobre o que elle vira ser um corpo humano, sem comprehender. E depois, ao reconhecer Adozinda, não podia crêr... e emquanto carinhosamente aageitava sobre o banco, afastando-lhe da testa o cabello, amparando-lhe o busto, mantendo-lhe a cabeça erguida, um sincero e agudo remorso retalhava a sua alma inconsistente, mas boa e generosa.

E chamou a Sobredinha com instancia, socegando-a, pedindo-lhe que fôsse por agua ou por algum frasco de saes; mas esta, cada vês mais desacordada, e mais no seu supersticioso terror convencida de que estava em presença d'algum phenomeno sobrenatural, foi-se gradualmente afastando, afastando, fazendo um esforço enorme para não gritar, e com os dedos indicadores em cruz, desatando por fim n'uma desordenada carreira a metter-se em casa. E já o resto da noite não dormiu.

Entretanto, David ficára só com Adozinda no caramanchão, tomado d'um embaraço horrivel, na dolorosa incerteza do procedimento a tomar. Como liquidar aquelle funestissimo incidente, sem escandallo e sem perigo? Como reanimar, como conduzir, elle só, sem recursos nenhuns, aquella pobre criança a casa, por modo que nem a sua saude nem a sua reputação nada soffrêsem?...

— Ora os meus peccados! — exclamava elle, erguendo olhos de piedade ao céu.

E afflicto, perplexo, resolvido a ir chamar, em ultimo caso, alguem e não querendo ao mesmo tempo deixar aquelle melindroso fardo, debatia-se o leviano delegado n'um dedalo de conjecturas, quando insensivelmente, docemente, como uma evocação espectral, Adozinda começou de cobrar alento, abriu os olhos, concentrou-se como que n'uma recordação... depois aprumou-se de salto, correu direita á escada; voltando-se, immobilisou, pregando-o no mesmo logar com um soberano olhar indefinivel, David, que ia a seguil-a... e desacordada e louca tambem, sem fallar, sem parar, sempre descalça, tornou de carreira para casa, onde entrou com as mesmas precauções da saida, e onde se enfiou por fim no leito, toda ella um lume, toda sacudida e rangendo n'uma tremura.

ABEL BOTELHO.



O COLLAR

DA RAINHA

A historia do processo do roubo do celebre collar de brilhantes aos joalheiros da corôa franceza, que tão profundamente excitou as paixões partidarias e acirrou os odios politicos ao findar do seculo XVIII, precedendo d'alguns annos a Revolução, interessa vivamente pela alta posição social das personagens que n'elle figuram ou por elle attingidas na sua reputação, pela complexidade dos incidentes e pelas contraditorias explicações que da urdidura do furto dão os documentos e as memorias do tempo.

A critica moderna isenta completamente a infeliz rainha de França, não só da participação no audacioso roubo dos brilhantes, como tambem de qualquer intervenção, mais ou menos directa, em deliberada intriga para macular a reputação do cardeal de Rohan.

Mas este principe da Egreja, um elegante nas suas vestes prelaticias, espirito arguto, embaixador intelligente, vivendo n'um luxo estonteador, que melindra a côrte de Vienna d'Austria quando ministro junto d'ella, ou deslumbra os seus hospedes, quando os recebe no seu castello feudal em Saverne, affeito ao convívio e á intriga dos salões, fica offerecendo agora, visto á distancia d'um seculo, o triste espectáculo d'um hypnotisado pelas artes magicas de Cagliostro, um suggestionado inconsciente pelos ardis d'uma ladra megalomana, um enfeitado, como se dizia nos tempos antigos.

No anno de 1785, espalhou-se em Versailles a noticia de que o grande collar de brilhantes, tão fallado por toda a Europa durante dez annos, tinha desaparecido, e as suspeitas do roubo audacioso cahiram sobre uma tão alta personagem que ninguem ousava pronunciar-lhe o nome, senão em voz baixa, muito em segredo.

A famosa joia fôra primitivamente trabalhada por ordem do rei Luiz xv para apresentar a formosa condessa Dubarry. Infelizmente para a condessa, e ainda mais para os joalheiros da côrte, o rei morreu quando estes tinham conseguido completar o collar; de sorte que em vez de receberem os dois milhões de francos, preço da sua obra, os joalheiros encontraram-se apenas com o collar entre mãos.

Por essa occasião, tentaram inutilmente des-

embaraçar-se de tão custoso objecto d'arte. Como era natural, dirigiram-se aos successores de Luiz xv sobre os quaes tinham, pelo menos, o direito de reclamação moral. Não obstante o joalheiro Bohmer, o mais velho dos dois socios, ter levado repetidas vezes o collar a Versailles, e louvado a sua belleza aos olhos da rainha Maria Antonietta, embora admirando a famosa joia, esta recusára persistentemente ser sua compradora. Bassenge, o outro socio, partiu por sua vez em viagem a todas as côrtes da Europa, á procura de qualquer princeza vaidosa ou rica bastante para pagar justo preço pelo perdido presente a madame Dubarry.

Talvez a unanime recusa das rainhas tivesse alguma relação com o facto do collar ter sido encommendado para a condessa; certo é, porém, que Bassenge voltou, como tinha partido

Os tres retratos que compõem o «en-tête» d'este artigo são: ao centro, o da rainha Maria Antonietta reproducção do celebre quadro de Mme. Vigée Lebrun; do lado direito, o de Mme. de la Motte, a celebre aventureira; da esquerda, o de Mme. d'Oliva, sua comparsa inconsciente, segundo gravuras da epoca.

e os afamados brilhantes, que por aquella occasião adquiriram celebridade europêa, voltaram a descansar na segura joalheria em Paris.

O caso tornou-se progressivamente grave para Bohmer e Bassenge. Para poderem colleccionar os 630 brilhantes, de que era composto o collar, haviam-se empenhado e comprometido extremamente o seu credito. A um só credor, Baudard, thesoureiro geral da armada, deviam um milhão de francos, e este insistia pelo pagamento. Que haviam de fazer?

Bohmer encarregou-se do ultimo appello a Maria Antonietta. Pouco satisfeito com a recusa, até então recebida, desgostoso pelas difficuldades financeiras que soffria ou fatigado com o grande trabalho que tivera em o colleccionar, qualquer que fosse a causa, dizia-se que o seu cerebro ficara profundamente affectado. Um dia encontrou a rainha, passeiando nos jardins do Trianon com a sua aia confidante, madame Campan, e deitou-se-lhe aos pés.

— Ou sua magestade consente em comprar o collar, ou me reduz á dura necessidade do suicidio! — exclamou suffocado em pranto —



..deitou-se-lhe aos pés.

está na vossa presença um homem completamente arruinado.

Não tenho responsabilidade d'essa triste situação — respondeu a rainha. Parece-me ex-

taordinario que não desfaça o seu collar e venda os brilhantes separadamente.

Com este justo conselho ella despediu o infeliz ourives; mas o seu conselho não foi seguido. Pouco tempo depois, quer dizer, no fim do anno de 1783, o embaixador portuguez em Paris, então como agora centro da moda feminina, recebeu instrucções para encomendar o enxoval para o proximo casamento da infanta de Portugal, D. Marianna. Fez a encomenda a Rosa Bertin, celebre modista da rainha, e ao mesmo tempo contou-lhe que pensava comprar o collar em nome de seu augusto amo, para presente do noivado.

Mademoiselle Bertin não se esqueceu de ir contar o caso á rainha Maria Antonietta, a qual recebeu a noticia com frieza pelo menos apparente.

Mas nunca é prudente julgar os sentimentos das mulheres, mesmo rainhas, pelas suas palavras. Maria Antonietta mandou chamar Bohmer; e, quando elle chegou a Versailles, encontrou sua magestade que lhe disse em tom aspero denunciando resentida censura:

— Estou muito satisfeita em saber que vendeu o seu collar.

O joalheiro abriu os olhos com espanto.

— O meu collar, minha senhora!

— Sim o collar que o sr. de Sousa vae mandar para Lisboa.

— Perdão, minha senhora; mas eu asseguro a vossa magestade que nada sei das intenções do sr. de Sousa a tal respeito.

Maria Antonietta voltou-se para mademoiselle Bertin, que estava presente e reprehendeu-a bem severamente com um simples olhar.

Não seria de admirar que este incidente deixasse no espirito de outros, além de Bohmer, a impressão de que Maria Antonietta não era tão indifferente á fascinante belleza da custosa joia como até então fizera acreditar.

Não devemos occultar que as *memorias* da modista Bertin são tidas por apocryphas, para conservar assim a imparcialidade da narrativa.

Pouco tempo depois um amigo de Bohmer, encontrando-o em Versailles, perguntou-lhe se ainda não tinha comprador para o collar.

— Infelizmente ainda não — respondeu Bohmer. Tem sido para mim um tão pesado encargo, que de boa vontade daria cem luizes a quem me encontrasse comprador para elle.

O amigo escutou-o com attenção. Não era a primeira vez que o joalheiro offercia uma boa commissão a quem se encarregasse de vender o collar. Achet, assim se chamava o amigo de Bohmer, explicou que seu genro, Laforte, tinha conhecimento com uma senhora, que era intima da rainha, e que se elles podessem obter em seu proveito a influencia d'esta

senhora talvez fosse possível que levasse Maria Antonietta a comprar a joia, tantas vezes recusada.

Bohmer concordou jubiloso com esta idéa e perguntou o nome da amiga da rainha. Achet em confidencia, explicou-lhe que era a condessa de la Motte.

Joanna de Saint Rémi de Valois de la Motte, era então uma personalidade bem conhecida, tanto em Versailles como em Paris. Annos antes mendigára na estrada de Passy, pés descalços, labios descorados, fome, o brilho estranho da febre nos seus bellos olhos azues. Descendente bastarda da raça real dos Valois, recebia uma pequena pensão da côrte, e seu marido, o conde de la Motte, pertencia á guarda pessoal do conde d'Artois, irmão mais novo de Luiz xvi.

A condessa e o marido viviam em Versailles, onde tinham uma bella residencia, mas como se sabia que eram inteiramente pobres, dizia-se que parte dos seus rendimentos procediam do cardeal de Rohan, para quem a influencia da condessa era poderosa.

A intimidade d'ella com a rainha, não era em geral conhecida, sendo mais particularmente fallada, do que abertamente notada. Diz-se que sua magestade recebia muitas vezes a condessa no retiro do Petit-Trianon, aquelle palacio em miniatura, onde Maria Antonietta punha de parte as restricções da etiqueta e gosava da sociedade das amigas intimas.

Infelizmente a rainha não era muito particular na escolha dos caracteres d'aquellas que ella honrava com a sua intimidade. A duqueza de Polignac, sua predilecta, tinha sido arrancada á pobreza pela protecção da rainha, e mesmo a princeza de Lamballe era considerada uma aventureira pela nobreza orgulhosa de Versailles. A unica diffêrença que havia entre estas damas, algumas das quaes seguramente de vida pouco virtuosa e a condessa de la Motte, era que aquellas eram recebidas publicamente na côrte, enquanto que a condessa, dizia-se, entrava á meia noute, a porta do Petit-Trianon.

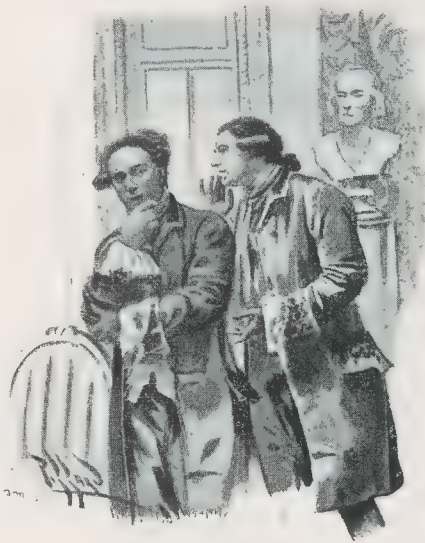
Em todo o caso, mal se explicam ou sequer se comprehendem muitos incidentes d'este complicado processo, sem admittir esta intimidade da condessa.

N'aquelle tempo, bastava que alguém fosse visto sahir dos aposentos particulares da realleza, para que esse feliz individuo fosse assediado por pedidos de patrocínio e de auxilio pelo formigueiro de pretendentes que invadiam os limites da côrte. A condessa de la Motte não seria a primeira e a unica pessoa que encaminhasse um negocio pela sua valiosa ligação com o Petit-Trianon.

Poucos dias depois da conversação entre o

joalheiro e Achet, os dois dirigiram-se a casa da condessa, levando o collar.

A descendente dos Valois, nova e sympathica, de phisionomia alegre e aberta inculcando



...escutou-o com attenção...

sinceridade, sorriso encantador, voz meiga e iusinuante, recebeu-os gentilmente, ao mesmo tempo que os seus olhos admiravam pela primeira vez a magnifica joia que tentára rainhas.

Mais de seiscentas pedras da mais pura agua, a maior d'ellas do peso de quarenta e cinco grãos, achavam-se reunidas e produziam um deslumbrante trabalho de malha. Havia fios, pingentes, presilhas e borlas de brilhantes, que deveriam cahir sobre os hombros de quem o usasse e sobre o collo, similhando correntes de luz. Era realmente mais uma *rivière* de brilhantes do que um collar, uma scintillante via-lactea, um festão de estrellas.

Logo que Achet encetou a conversação observando que estava seguro de que a rainha desejaria possuir a esplendida joia, a condessa replicou:

—Nada sei a esse respeito, nem posso comprehendere porque se dirigiu a mim. Asseguro-lhe que não tenho ensejo de o servir junto da rainha, nem tenho a honra de me approximar d'ella.

Por prudencia a condessa negava em publico a amizade que a rainha lhe dispensava em particular. Achet respondeu com um sorriso:

—Minha senhora, não viémos aqui para devassar os seus segredos, e ainda muito menos mostrar-lhe duvidas sobre o que nos diz; mas, creia-me, estou bem informado, sei o que se

passa por Versailles, e quando tomei a liberdade de lhe apresentar este meu amigo foi convencido de que ninguém na côrte estava mais em situação de nos prestar o serviço que solicitamos.

A condessa aceitou esta explicação; e tendo salvo as apparencias, prometteu vê-se poderia fazer alguma cousa em seu favor.

Referem outras memorias do tempo que a condessa Joanna, recebendo nos seus salões uma sociedade escolhida, não occultava, antes punha bem em relevo, os favores que recebia da rainha.

Passava-se isto por dezembro de 1784. Decorrido pouco tempo, os anciosos joalheiros receberam um aviso da condessa, dizendo-lhes que a rainha desejava o collar, e que podiam esperar em breve ouvir alguma cousa de definitivo a este respeito. Em janeiro do anno seguinte, a propria condessa acompanhada por seu marido, veio ás sete horas da manhã á ourivesaria do *Grand Balcon*, com uma importante communicacão para Bohmer e Bassenge.

Foi Bassenge d'esta vez que recebeu a bella Valois, e ella annunciou-lhe que em poucas horas uma alta personagem da côrte, o cardeal Luiz René Eduardo de Rohan, principe bispo de Strasburgo, capellão-mór e esmoler-mór de França e ainda investido em outras dignidades, havia de ir á loja do *Grand Balcon* ajustar a compra da grande joia.

Bassenge apressou-se em significar á condessa a sua gratidão, mas ella antecipou-se ás suas intenções repellindo-lhe os protestos de agradecimento — Desejo que o senhor comprehenda que eu não tomo parte, nem intervenho n'esta transacção, declarou positivamente accrescentando ainda — «Como sua eminencia o cardeal, comquanto muito digno, está extremamente endividado, recommendo-lhe que não o deixe levar o collar sem alguma segurança de que seja pago.»

Feita esta advertencia os de la Motte retiraram-se.

Justamente na occasião designada pela condessa, o senhor de Rohan appareceu, e informou os joalheiros, sob o mais stricto segredo, que elle tinha sido encarregado pela rainha da compra do collar.

O cardeal de Rohan era um dos mais conhecidos personagens de França, e um typico prelado d'aquelle tempo, que recebia tudo quanto a Igreja lhe podia dar em opulencia ou em poder e muito pouco dava em troca na forma de caridade e no comportamento de vida. Tinha sido embaixador de França em Vienna, e tinha offendido profundamente Maria Antonietta, com as celebres descripções de sua mãe, Maria Thereza como, «tendo na mão

um lenço, para enxugar o pranto derramado sobre as desgraças da Polonia, mas na outra mão a espada prompta a retalhar a Polonia ao sabor das suas ambições conquistadoras.» Tornara-se tambem culpado da loucura de repetir á imperatriz de Vienna as historias de escandalos que sobre a sua filha corriam em Versailles.

Portanto, quando Rohan voltou para França esperando ascender á posição de primeiro ministro, encontrou na rainha uma inimiga implacavel. Os verdadeiros e importantes serviços que elle fez á França, durante a sua missão, ficaram esquecidos e obscuros, e o cardeal achou-se aos quarenta annos excluido da côrte, e ao cabo da sua carreira.

Alguns annos se passaram assim, e o cardeal não perdia ensejo que se lhe apresentasse para conseguir a sua reintegração no espirito da rainha.

O preço do collar n'esse tempo desceu a um milhão e seiscentos mil francos. Foi combinado entre o cardeal e os joalheiros que esta somma seria paga em quatro prestações de 400.000 francos, vencendo-se a primeira no proximo agosto. Depois seguiu-se a questão de garantias.

— O collar não é realmente nosso, explicou o cauteloso Bassenge. — O senhor Baudard, a quem devemos um milhão de francos, não permittirá que o deixemos sahír do nosso poder sem lhe mostrarmos qualquer documento do verdadeiro comprador.

Em resumo, os joalheiros exigiram-lhe a assignatura da rainha. A exigencia tardou algum tempo a ser satisfeita, mas antes do fim do mez, o cardeal voltou á loja do *Grand Balcon*, com um contracto escripto pelo seu proprio punho, e authenticado pela real assignatura «Maria Antonietta de França.»

Um simples exame visual do documento seria sufficiente para os satisfazer; porém Bohmer e Bassenge lembraram-lhe fazer uma copia emquanto que elle ficaria com o original em seu poder.

O collar, que tinha estado pendurado, como uma mó, em volta dos pescoços dos infelizes joalheiros durante dez annos, foi finalmente entregue a sua eminencia.

Quinze dias depois os socios agradecidos convidavam a condessa. A descendente dos Valois condescendeu em jantar com os joalheiros, porém recusou a muito liberal commissão que lhe offereceram com o fundamento de que nada fizera para effectuar a venda, nem era habito seu receber presentes por qualquer serviço prestado,

Em breve correu a noticia de que a celebrada joia tinha afinal encontrado comprador. Por pedido do cardeal, Bohmer e Bassenge

respondiam a todas as perguntas curiosas que o comprador fôra o sultão da Turquia para a sultana favorita.

N'este meio tempo, dois dias depois da venda do collar a Rohan, sua eminencia encontrou por acaso os dois joalheiros em Versailles: «Então, senhores,» disse-lhes, «fizeram já os seus agradecimentos á rainha por ter comprado o collar?»

Os dois olharam um para o outro, concordando que se tinham esquecido de o fazer, pelo que, o cardeal os arguiu asperamente.

E cousa curiosa, esta mesma scena repetiu-se, com pequenas variantes diversas vezes durante os mezes que se seguiram. A rainha ainda não tinha apparecido em publico com o collar, e Bohmer e Bassenge ainda não tinham dado o prudente e logico passo recommendado pelo cardeal de agradecerem a sua magestade a compra do collar.

Afinal em junho o cardeal procurou pessoalmente os joalheiros para lhes entregar uma carta da rainha para elles, pedindo-lhes a redução de 200.000 francos no preço do collar, sem o que se viria forçada a envial-o.

Foi um choque para Bohmer e Bassenge. Comtudo aceitaram esta nova proposta e então escreveram a seguinte carta, dictada pelo cardeal:

«Minha Senhora: — Somos extremamente felizes em considerar que a nossa aquiescencia ás ultimas condições que nos foram propostas, e ás quaes nos submettemos com dedicado zelo, será recebida como uma nova prova de submissão e respeito ás ordens de sua magestade; e temos o mais verdadeiro jubilo em pensar que o mais bello collar do mundo será usado pela melhor e a mais bella das rainhas.

12 julho 1785.

Bohmer e Bassenge.»

Esta carta foi entregue á Maria Antonietta pelo proprio Bohmer quando ella voltava da missa. A rainha levou-a para a bibliotheca, e, depois de a ter lido, mostrou-a a madame Campan.

— Já adivinhou os enigmas no *Mercurio* d'esta manhã? Talvez pôssa descobrir a significação d'este outro. Aquelle doido de Bohmer entregou-me esta carta agora mesmo.

Madame Campan não tinha ainda podido interpretar a carta, já sua ama a amarrotava e queimava n'uma vela accessa para sellar cartas. E rematou o assumpto, dizendo:

— Quando vir o Bohmer será melhor pedir-lhe explicação de este caso.

Antes que se realisasse o encontro de Campan com o joalheiro, o cardeal voltou ao *Grand Balcon*, com ar inquieto, dizer que a

rainha agora pedia um addiamento do primeiro pagamento por dois mezes, mas entretanto offercia 30.000 francos por conta. Para consolar os joalheiros, sua eminencia assegurava-lhes ter elle proprio visto nas mãos da rainha notas no valor de 700.000 francos que seriam applicados ao pagamento da divida: e repetia este facto a Baudard o principal credor, que tambem pelo seu lado andava afflicto.

Bohmer e Bassenge aceitaram com reluctancia os 30.000 francos.

No dia 3 de agosto, Bohmer, foi convidado a ir passar a tarde em casa de Crespy, sogro de madame Campan. Participou ao cardeal este convite, pelo que sua eminencia o aconselhou a ser discreto e nada dizer á Campan sobre o negocio do collar, porque ella não entrara no segredo.

Mas o conselho não foi seguido. Madame Campan aproveitou o primeiro ensejo que teve para transmittir a Bohmer o recado da rainha.

— Sua magestade deseja saber a explicação d'aquella sua carta mysteriosa, que lhe entregou no outro dia.

Bohmer ficou como petrificado.

Aquella carta! Diz-me que a rainha não comprehendeu a significação d'aquella carta?



...continuarão a andar pelas alamedas...

— Eu tambem a li, disse madame Campan, e do mesmo modo não a comprehendí.

— Ah! isso não me surprehende. Ha um certo mysterio n'um negocio ao qual está

alheia, todavia, se me concede um momento, explicar-lhe-hei tudo.

Madame Campan, surpresa e curiosa por sua vez, evitando a numerosa sociedade que estava nas salas, e tomando o braço do joalheiro, desceu com elle a uma das aléas do jardim. Alli, Bohmer relatou-lhe o que se passava.

— Trata-se do grande collar de brilhantes, explicou. Sua magestade afinal mudou de intenção e decidiu-se a ficar com elle.

— Mas o senhor deve estar enganado, exclamou Campan. Tenho a certeza de que a rainha não tomou tal resolução.

— Mas affirmo-lhe que ella auctorisou o cardeal de Rohan a compral-o em seu nome.

— Impossível! O senhor está illudido. A rainha nem uma só vez fallou com o cardeal depois que elle voltou de Austria, e ninguém ha menos bem visto na corte do que elle.

— Pelo contrario, quem está illudida é a senhora; e tanto que a rainha deve vê-lo então particularmente, porque foi a sua eminencia que ella deu 30:000 francos que me foram pagos por conta. Por signal que os tirou na presença do cardeal de dentro d'uma pequena secretária em porcelana de Sèvres, perto do fogão, no seu *boudoir*.

— Quem lhe disse isso, sr. Bohmer?

— O proprio cardeal. Além d'isto, tenho em meu poder contracto assignado pela rainha, o qual tenho sido constrangido a mostrar aos meus credores, afim de lhes obter demora nos pagamentos, attendendo aos pedidos da rainha.

Assombrada por estas revelações, madame Campan extremamente dedicada á rainha, assegurou a Bohmer que era victima d'um abominavel estratagemas, e que a rainha nem tinha o collar, nem podia ter tido nenhuma conversação com Rohan sobre tal assumpto. Bohmer confessou tambem, por seu lado que algumas duvidas lhe atormentavam o espirito, principalmente porque a rainha nunca havia apparecido na corte com o collar; e assim os dois continuaram a andar pelas alamedas do jardim, discutindo o negocio, formulando hypotheses, apurando pormenores, e tão embebidos que, diz madame Campan nas suas memorias, nem sequer presentiram que uma tempestade se formára no céu e sómente se aperceberam d'ella quando grossas e pesadas gotas de agua começaram de cahir d'entre as folhas das arvores sobre as suas cabeças descobertas.

N'aquella mesma occasião, por uma singular ou significativa coincidência, entrevista semelhante se estava dando em Paris entre a condessa de la Motte e o socio de Bohmer. Instado por um recado para ir a casa de la Motte, Bassenge foi recebido só pela condessa n'um quarto onde não havia mobilia alguma.

Logo que elle entrou, a condessa dirigiu-se-lhe com voz firme e muito serenamente lhe disse:

— Mandei-o chamar para lhe participar que tem sido enganado: a palavra «approvo», e a assignatura escriptas no papel que contém as condições da venda do collar, são falsificadas; a assignatura da rainha é falsa. Pelo que diz respeito ao resto, o cardeal, o senhor sabe, é muito rico; melhor será ir ter com elle e insistir em tornal-o pessoalmente responsavel.

O pobre Bassenge mal podendo acreditar no que ouvira, sahiu precipitadamente e em seguida foi discutir o assumpto com o cardeal que pela sua parte mostrou extrema perturbação quando teve conhecimento da declaração da condessa de la Motte. Comtudo assegurou Bassenge de que elle tinha em seu poder o contrato escripto pelo proprio punho da rainha, e despediu-o completamente confiado e sereno.

Mas, quando Bohmer voltou de casa de Crespy, e no dia seguinte contou a sua conversa com madame Campan, os dois socios começaram de vêr o caso muito grave. Ou eram victimas d'uma fraude de audacia nunca vista, ou então a rainha estava jogando um jogo muito perigoso, no qual igualmente deveriam ficar vencidos. Bohmer correu ao Petit-Trianon e solicitou uma audiencia á rainha, que lhe não foi concedida. Foi ter em seguida com o cardeal, mas este não poudé ou não quiz accrescentar outra explicação ás que já dera.

Decorreram dois longos dias de incerteza afflictiva para os joalheiros e no terceiro um correio especial de Versailles parou á porta do *Grand Balcon*. Vinha annnciar a Bohmer a concessão da audiencia que lhe tinha sido recusada.

Cada vez mais se torna necessario caminhar cautelosamente por entre as narrações interessadas na lucta, e penetrar n'este labyrintho de falsidades. A principal testemunha pelo lado da rainha é madame Campan, que voltára a seu serviço n'aquella occasião. Emquanto estava ensaiando com sua magestade uma apresentação particular do celebre *Barbeiro de Sevilha*, então no auge da sua popularidade, Maria Antonietta contou-lhe o pedido de audiencia de Bohmer.

Madame Campan assegurou á rainha que era absolutamente necessario receber o joalheiro; que uma intriga tenebrosa se estava urdindo contra ella; que recibos assignados por ella andavam de mão em mão entre os credores dos Bohmers; e em resumo contou-lhe a historia do caso tão completa quanto d'ella era conhecida.

Maria Antonietta, conforme o testemunho da sua dedicada aia mostrou immenso espanto,

e particularmente pelo papel representado pelo cardeal de Rohan. Então ordenou que o cor-deiro fosse chamar Bohmer.

A conversação com o infeliz joalheiro deu logar a uma desagradável scena. Confiado nas afirmações de Rohan, não duvidou de que a rainha estava usando de processos dilatorios para o pagamento e asperamente lhe disse que não prolongasse esta situação, porque já não tinha meios de conciliar os credores.

— Mas o que teem os seus credores comigo, retorquiu a rainha. Bohmer replicou contando-lhe a inteira historia da transacção conforme elle a conhecia. A rainha negou tudo; mas Bohmer excitado, continuou dizendo:

— Minha Senhora, não é momento para mais fingimentos; condescenda em confessar que possui o meu collar, e queira mandar-me pagar alguma cousa por conta, ou então a minha fallencia trará todo este negocio á luz publica.

Admirada e mortificada, a rainha chamou o barão de Breteuil, ministro da policia, e entregou nas mãos d'elle a resolução do negocio.

Ninguém, além de madame Campan, soube d'esta entrevista. Segundo outras narrativas, Maria Antonietta *nunca* consentiu em ouvir mais Bohmer, pretendendo que a ameaça de suicidio a que nos referimos no jardim de Versailles a incommodára muito.

Certo é que, de uma fonte ou de outra, Breteuil tomou conta do assumpto. O ministro era inimigo figadal de Rohan; portanto, gostosamente se aproveitou do ensejo para o levar a completa ruina.

Chamou Bohmer e persuadiu facilmente o joalheiro de mandar á rainha um memorial, contando publicamente a historia completa da negociação. Entretanto a sua policia informava-o de que os de la Motte, depois de se terem hospedado no palacio do cardeal por algum tempo, haviam partido para a sua terra natal em Bar-sur Aube.

Em 15 de agosto sua eminencia o cardeal de Rohan estava de serviço no palacio de Versailles e revestido com as suas vestes prelaticas, esperava o momento de celebrar a missa que, na sua qualidade de esmoler-mór, ia dizer ante o rei e a corte. Pouco depois, abriu-se a porta de espelhos que conduzia aos aposentos reaes, e um lacão suíço veio convidar sua eminencia a ir á presença do rei que o aguardava no seu gabinete particular.

Encontrou assentados e juntos o rei e a rainha. O rei lançou-lhe um rapido olhar de severidade, e disse-lhe abruptamente:

— Ouvi dizer que comprou alguns brilhantes de Bohmer?

— Sim, meu senhor.

— Diga-me o que fez d'elles.

— Pensei que tinham sido entregues a sua magestade.

— Quem o incumbiu de fazer essa compra?



...confesse que possui o meu collar...

— Uma senhora, a condessa de la Motte, que me entregou uma carta da rainha.

— Como, senhor, interrompeu Maria Antonietta, pode imaginar que escolhesse a quem não tenho fallado durante estes oito annos, para negociar qualquer cousa em meu nome e para mim; e o encarregasse, ainda para maior surpresa, por intervenção de semelhante creatura, uma mulher que nem mesmo conheço?

— Vejo agora que fui cruelmente enganado, disse o cardeal, olhando para a rainha com um olhar cheio de censura. Hei de pagar o collar. Cegou-me o desejo de estar ao serviço de sua magestade.

Tirou então da algibeira e entregou ao rei, o contrato com a assignatura da rainha.

— Isto nem é escripto nem assignado pela rainha, exclamou Luiz xvi. Como poudes o esmoler-mór de França, persuadir-se de que a rainha assignasse, Maria Antonietta de França? Toda a gente sabe que as rainhas assignam com o seu nome de baptismo sómente.

Este ponto, cuja importancia tem sido apontada por todos os escriptores que teem defendido a rainha, merece um momento de attenção. Luiz xvi pensaria que sua mulher não podia assignar-se senão simplesmente «Maria Antonietta». Por outro lado um apologista da

rainha sustenta que a sua assignatura vulgar era Maria Antonietta d'Austria. Este ultimo era, para assim dizer, menos incorrecto. O verdadeiro nome de que usava na assignatura e mais tarde dado por ella propria ao carcereiro foi «Maria Antonietta de Lorraine», sendo seu pae o chefe d'esta casa. Havendo, portanto, tres fórmas differentes de assignatura usadas pela rainha, não era para admirar que tanto Rohan como os joalheiros tivessem encontrado uma quarta que ella negasse ter usado.

O cardeal por um lado obrigado pelo rei a dar explicações mais claras e por outro receioso de cahir no desagrado da rainha, deu respostas frivolas ás perguntas que lhe foram dirigidas. Pouco depois ao sahir do aposento real, foi preso por ordem de Breteuil á vista de toda a côrte e levado para a Bastilha.

No caminho, abaixando-se como para prender uma fivella do sapato, conseguiu escrever algumas palavras n'um pedacinho de papel occulto no seu barrete vermelho de cardeal e passou-o para as mãos d'um criado de confiança. O criado partiu apressadamente a cavallo para casa do cardeal em Paris, e entregou o papel ao abbade Georgel, secretario de sua eminencia. Quando os emissarios da policia chegaram pouco depois para se apoderarem dos papeis do cardeal encontraram apenas um monte de cinzas.

Tres dias depois a condessa de la Motte foi presa em Bar-sur-Aube, e conduzida tambem para a Bastilha.

Depois começaram activas investigações para instrução do processo. Logo que Rohan se convenceu de que não lhe aproveitava a defeza de Maria Antonietta, contou a historia da sua intervenção no negocio, e bem extraordinaria era essa narrativa.

O movel do seu procedimento fôra o louco desejo de conquistar a estima de Maria Antonietta. Possuido d'esta mania, aproveitou-se dos serviços da condessa Joanna de la Motte, cuja secreta intimidade com a rainha lhe chegára aos ouvidos. Entregou a sua causa nas mãos d'esta mulher, e algum tempo depois foi favorecido com varios bilhetes, vindos, ou parecendo vir de sua magestade, nos quaes a rainha lhe dava esperanças de futuras benevolencias, mas explicando que no presente não podia ter para com elle outro modo de proceder apparente. O enfatuado esmoler-mór acariciava estes bilhetes, escriptos em papel de friso dourado com margem azul como se usava no Petit-Trianon, e respondia com protestos de dedicação, expressos em linguagem apaixonada. Foram estes suppostos autographos reaes que o abbade Georgel se apressou em queimar no dia em que o cardeal foi preso e jod ordem d'elle.

Finalmente, em resposta ás fervorosas e repetidas supplicas, a rainha consentiu n'uma entrevista secreta arranjada por intervenção da condessa. N'uma noite de verão, nos jardins reaes, o esperançoso prelado foi conduzido pela sua alliada a um determinado caramanchão, coberto de trepadeiras, e ali teve a felicidade de se ajoelhar aos pes de Maria Antonietta, e de receber uma rosa da mão real. A entrevista foi de subito interrompida pelo rumor de passos, e a vigilante de la Motte, tendo apparecido, levou precipitadamente o cardeal, enquanto a rainha se retirava em direcção opposta.

Em boa verdade, esta famosa scena nada tinha de commum com o negocio do collar, que succedeu depois; mas este depoimento produziu ainda maior sensação no espirito publico. Maria Antonietta mostrou-se profundamente agastada, e com rasão. Se as historias do cardeal eram verdadeiras elle tornou-se culpado de uma traição cobarde, se não eram, d'uma infame vilania; mas em ambos os casos a pobre rainha achou-se envolvida n'um deshonroso escandalo. E ella tinha dispostos a acreditar no mal muitos inimigos, os quaes infelizmente a sua conhecida imprudencia não fazia senão augmentar.

Entretanto a policia de Breteuil andava na pista do collar, aquella magnifica collecção de pedras desaparecida. O cardeal, com respeito ao collar, informou ainda que realisada a compra a pedido da rainha e convencionada sempre, por intervenção da bella Valois de la Motte, trouxe o collar pelas suas proprias mãos para casa da condessa em Versailles, onde chegou um homem, que lhe pareceu ser um tal Leclos, criado da rainha, o qual levou a joia á sua vista.

Interrogado, Leclos negou o incidente. Conhecia a condessa, disse, mas nunca tinha estado em casa d'ella. A policia dirigiu as suas atenções sobre os membros da casa de la Motte, e descobriram que um d'elles, Retaux de la Villette, tinha feito uma tentativa infeliz de venda d'alguns brilhantes em Paris pouco tempo depois do collar ter sido entregue pelo cardeal. Subsequentemente o mesmo homem foi a Amsterdam, e alli desembaraçou-se d'um grande numero d'elles. O proprio conde de la Motte fez uma visita mysteriosa a Inglaterra pela mesma epoca. Os agentes de Breteuil seguiram-lhe os passos, e descobriram que elle vendera cerca de 250.000 francos em valor de brilhantes a um unico comprador em Londres.

Sem duvida o caso do roubo fraudulento do collar estava demonstrado. Faltava sómente determinar quaes eram os verdadeiros culpados. Houve quem acreditasse que Maria Antonietta partilhava do roubo. Outros, incluindo

de Breteuil, pretenderam deitar a culpa inteira sobre o cardeal, sendo os de la Motte apenas seus instrumentos. Esta foi a opinião da corte. Os amigos de Rohan, pelo seu lado, asseguravam firmemente que elle tinha sido logrado ou sómente pela condessa ou conjuntamente pela rainha e pela condessa; qual das hypotheses é que não arriscaram decidir.

Inútil enumerar sequer a série de historias desagradáveis contadas pela bastarda dos Valois, durante o seu encarceramento, e depois nas memorias que ella publicou no fim da sua vida. Uma vez ella exonerava de toda a responsabilidade a rainha, e declarava-se victima do cardeal; outras apontava a rainha como unica culpada, e grosseiramente accusava Maria Antonietta de ter ficado com os melhores brilhantes.

Um dos seus ultimos recursos foi diligenciar deitar a culpa toda sobre o celebre Cagliostro conhecido como criado do cardeal. Pretendeu inculcar que este homem tinha induzido seu amo a obter o collar, afim de poder fazer uso dos brilhantes nas suas magicas experiencias. Cagliostro, que pretendia ter vivido milhares de annos, foi preso, e interrogado se tinha alguma cousa de que se arrependesse, gravemente replicou:—De nada, senão da morte de Pompeo. O tenente de policia espirituosamente replicou que evitaria entrar em assumptos que tivessem occorrido no officio dos seus predecessores.

A solução do enigma foi encontrada pelo habil abbade Georgel, que trouxe para o debate uma mulher nova chamada Leguay d'Olive. Esta senhora confessou que tinha sido convidada pela de la Motte para se disfarçar em Maria Antonietta, com quem tinha a maior semelhança, na famosa noite dos jardins de Versailles. A condessa conseguiu fazer-lhe acreditar que a propria rainha sabia d'aquelle logro, e que estava vendo a scena e divertindo-se por detraz da sebe.

Esta explicação conciliadora favoreceu o julgamento de Rohan, que foi triumphalmente absolvido por um parlamento já então hostil á corte. Joanna de Saint Rémi de la Motte Valois foi marcada com um ferro em brasa nas costas pelo carrasco, com o seu braço hereditario em forma de flor de liz, e foi sentenciada á prisão perpetua na Salpêtrière.

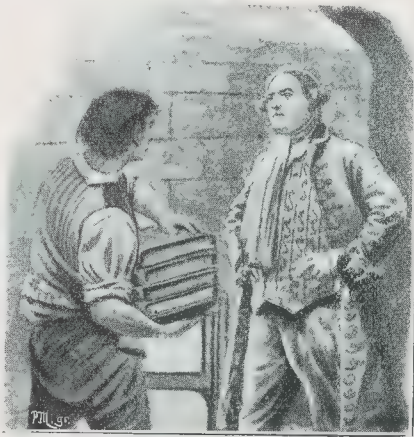
Terminada aqui a historia do collar fôra facil proclamar a innocencia de Maria Antonietta; todavia dêram-se factos que vieram, infelizmente para a reputação da desgraçada rainha, alimentar as duvidas no espirito de muitos que mal se convenceram da audaciosa concepção do roubo, urdido com rara habilidade por madame de la Motte; da credulidade simples dos joalheiros da corôa, os quaes tanto con-

fiaram na influencia palaciana da bella aventureira; da quasi inverosimil cegueira do cardeal de Rohan; da leviana inconsciencia com que Maria Antonietta queima a carta de Bohmer, emfim dos mil extranhos aspectos que offerece o exame attento d'este celebre processo, d'onde sahio absolvida a *grisette* Leguay, cuja prodigiosa parecença com a rainha explicou o ardil da condessa de la Motte, e a quem esta ultima tinha elevado a baroneza d'Olive.

A Joanna, não decorridos dezoito mezes de prisão, foram mysteriosamente fornecidos meios de fuga da Salpêtrière; e, outra curiosa coincidencia, nenhuma diligencia foi empregada em obter a sua recaptura.

Pela mesma época a intima da rainha, a duquesa de Polignac, esteve em Inglaterra negociando com o sr. de la Motte a compra de certas cartas que se dizia serem do punho da rainha. Depois uma columna de fumo espesso, sahindo das chaminés da fabrica de Sèvres, denunciou que Luiz xvi comprára e estava destruindo secretamente uma edição das memorias do conde.

De sorte que a historia d'este roubo extraordinario conserva, apesar de todos os trabalhos de investigação que recentemente teem aclarado muitos incidentes e particularidades, um certo mysterio attrahente para os que gostam de procurar explicação dos actos humanos no estudo dos caracteres, sob a influencia do meio, vibrando ao impulso das paixões, n'um desordenado proceder, illogico, assombroso, fatal. Mysterios de psychologia huma-



...mandára destruir uma edição...

na, que a sciencia moderna reveste em roupagens de nomes barbaros, e que as antigas lendas transportavam para as regiões do sobrenatural.

NOVO SIGNAL SUBMARINO

HA pouco ainda, registámos nas paginas d'esta revista a invenção do *radiophone*, destinado a transmittir atravez d'um raio de luz a palavra, innovando uma nova fórma de telegraphia sem fio, e facilitando as communicações sobretudo, entre navios entre si e com as estações terrestres, onde hoje estão installados os pharoes ou os semaphoricos.

Agora noticiamos a primeira applicação d'um signal submarino, permittindo aos navios d'uma mesma esquadra communicar entre si, sem que a menor indicação visivel ou apparente dê alarme aos navios inimigos manobrando nas mesmas paragens.

Os inventores Munday e Gray, americanos, acabam de realisar, perante delegados do almirantado dos Estados-Unidos, numerosas experiencias que se affirmam terem sido concludentes e decisivas para o systema empregado, o qual receberá em breve consagração pratica e ainda alguns aperfeiçoamentos.

Construido um barco especial para o caso, foi-lhe adaptado o novo invento, cuja discripção e funcionamento vamos resumir. A 6 metros de profundidade a partir da quilha do barco, e suspenso por dois cabos electricos, protegidos por um envolucro isolador, mergulha um sino, como representa a nossa gravura, munido interiormente d'um electro-iman destinado a levantar o badalo do sino e a deixal-o bater contra a parede interior. A corrente electrica foi produzida por um pequeno dynamo, e a força motriz por um motor de gazolina. Um diaphragma metallico, pouco espesso, guarnecia a bocca do sino para isolar da agua a sua capacidade interna.

Diversos navios surtos no porto de New-York receberam, para estas experiencias, re-

ceptadores apropriados, constituídos por uma especie de corneta acustica, cujo pavilhão estava fechado por um diaphragma similhante ao do sino e mergulhava na agua, tendo a extremidade opposta ligada a um aparelho telephonico.

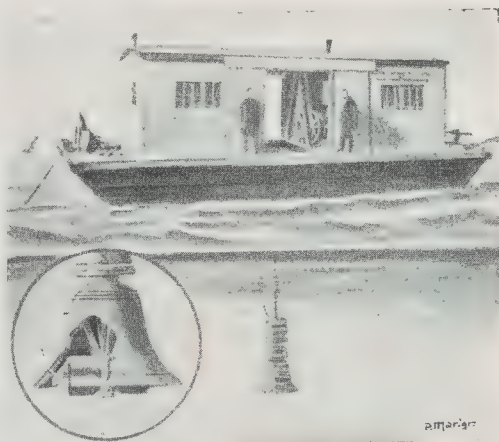
As ondas sonoras produzidas pelas vibrações do sino, quando o badalo ou martello feria a superficie interna, propagaram-se rapidamente atravez das aguas e chegaram aos diversos receptores, os quaes transmittiram rigorosamente aosapparelhos telephonicos dos navios visinhos as pancadas do martello.

As experiencias foram realizadas a diferentes distancias e direcções. Estando os navios

com receptadores a 2.000 metros, ouviram-se os choques do badalo do sino, sem que fosse necessario approximar o ouvido dos auscultadores. A 3.000 metros ainda a intensidade do som era sensivelmente a mesma. Depois, augmentando a distancia, verificaram a percepção das pancadas do martello a 7.000 metros, decrescendo successivamente a intensidade do

som até 14.000 metros e por ultimo até 21.000 metros, distancia extrema, onde ainda os delegados do almirantado americano podéram contar o numero de pancadas.

Como era natural prevêr, os inventores imaginaram um alphabeto, similhante ao que se emprega nos apparelhos de Morse, em que cada letra é representada por um certo numero de pancadas distancias ou brevemente seguidas, como os traços e os pontos na fita do telegrapho, e com o qual se pôde transmittir despachos n'esta outra especie de telegraphia sem fio e submarina, destinada sem duvida a prestar valiosos serviços ás manobras das esquadras.



Em quinta feira da Ascensão

N'AQUELLE dia, por esses campos fóra, nas hortas e nos quintaes em volta de Lisboa, sob o caniçado dos caramanchões ou á sombra das arvores, uma numerosa população alegre celebrou em quinta-feira da Ascensão a festa tradicional, pagã do pão, symbolisada no ramo da espiga.

Teem para mim encanto excepcional estas velhas usanças do povo, características da sua indole e do seu temperamento, como me entristece sempre registar o trabalho demolidor e inconscientemente cruel que sobre ellas exerce a transplatação amiudada e inoportuna das modas cosmopolitas que tudo nivelam e tudo esfumam n'uma penumbra indefinida.

Chamam-lhe progresso, polidez de costumes, requinte de civilização. São na verdade, se as innovações civilisadas veem sobrepôr-se aos hábitos antigos, desbastado-lhes as arestas, alindando-lhes os contornos, subtilizando-lhes o intuito e o sentimento; mas confrange-se-me o espirito em desespero de saudade, se vejo o cosmopolitismo invasor e impertinente querer apagar de todo um boa festa popular, toda feita de simpleza e de alegria, adoravel de poesia pantheista, verdadeiramente sentida e *vivida* na plenitude da natureza, sem refulhos de manto hypocrita.

Buscar a espiga, quando as cearas alouram, celebrar graças ao bom sol, alheio á critica acerba de Kropotkine, na conquista do pão de cada dia, compôr o ramo symbolico, e trazel-o alegremente para o lar domestico, é para mim festa quasi sagrada, tradição a respeitar, altamente suggestiva. Por isso me alegro ao vêr partir, em quinta-feira da Ascensão, para o campo, os ranchos populares e burguezes

que não esquecem estas commemorações. De quando em quando, n'uma tregoa concedida ás batalhas da vida, atravez dos mil artificios defensivos que a civilização vae dia a dia levantando, é bom, consolador e saudavel approximar-se da terra, conviver com a velha natura de quem não dizem os segredos os sabios de que falla o poeta, mas que prodigamente, generosamente concede sobejos beneficios, até para receber na queda suprema o despojo dos que partiram para a eterna illusão.

Depois, a estas festas sempre renovadas em cada anno prendem-se não raro as recordações felizes e as saudades das passadas venturas. Em tal epocha, as papoulas colhidas entre os trigaes figuravam no vermelho vivo o calor da mocidade, a florescencia sensual do amor simples, naturalista; os malmequeres brancos e amarelos, tinham apenas a significação d'um desejo que precisava consulta para se definir e confirmar; a espiga toda plena de bagos de trigo, loura como os cabelos de criança, representava então uma promessa de abundancia no futuro. Em tal outra epocha da vida, menos despreoccupada e mais



DEBAIXO DA RAMADA

positiva, a côr dos malmequeres, desdobrados em tapete pelas encostas, vem lembrar a prata e o ouro, custosamente ganho de parceria com



N'UM RETIRO

o bom sol vivificador; o ramo d'oliveira não symbolisa apenas a doce paz intima, a tranquillidade da consciencia, mas recorda o lagar do azeite, productivo agora com o fructo das arvores plantadas ha longos annos pelos que se afundaram no seio da terra sempre renovada e sempre constante.

Por vezes, melhor diria sempre, estas festas fortemente regadas do torreano folgasão, deixam documento da vivacidade do temperamento meridional, sempre violento na paixão, ciumento, do cume dos sentidos, do que suggere a negra visão da traição sensual, bem nitida, physicamente realisada. De sorte que a alegria da festa transmuta-se na tristeza d'uma rixa por vezes sangrenta. Começam, porém, a rarear estes incidentes bulhentos que degeneravam em drama. A civilisação pacifica os costumes e re-freia o impeto da paixões. Tudo isto é certo; que symbolisa innocencia immaculada...

mas alliam-se em excellente consorcio a celebração da fecundidade abundante pelo symbolo da espiga de trigo e a glorificação do prazer sensual pela libação desmedida na horta afamada. Ceres e Baccho n'um só dia. Podem os regrados pela pauta das convenções, os disciplinados pela contrafacção permanente dos sentidos, censurar com acerba critica estes excessos da vida em pleno ar; em

mim, encontro talvez sufficiente benevolencia para affrouxar o rispido juizo na alegria que me causa ver por esses arredores floridos os ranchos de raparigas gentis, sorriso nos labios, fogo no olhar, saltar ás devesas, repousar sobre a relva, prendendo na aba larga do chapéu do namorado o ramo viridente das flôres significativas, onde por vezes falta o bordão de S. José,



PARA MATAR O TEMPO

MODAS

N'ESTAS paginas de modas desejamos tão sómente fornecer ás leitoras uma indicação geral do gosto das *toilettes*, uma confirmação dos generos que lhes sejam propostos, uma rapida noticia das modificações que o variavel bom tom vae introduzindo dia a dia no vestuario. Reproduzimos modelos simples, de applicação generica, reunindo a elegancia á economia, e a distincção ao effeito modesto.

O uso corrente, constante, na sociedade estrangeira d'on-de nos veem as modas, é a simplicidade e o perfeito acabamento. *Toilettes* garridas, complicadas, exageradas de fórmulas excentricas, espaventosas, usam-se em certas classes mundanas que por capricho phantastico ou por obrigação profissional teem de ferir a attenção. *Toilettes* alegres na côr e na leveza de fórmula, seguindo rigo-rosamente um estylo, copiando muito o vestuario artistico que os grandes retratistas teem fixado nas télas, adaptando-os apenas á época actual, moderando as tendencias excessivas que os desenhistas traçam nas paginas de moldes, são mais distinctas e mais graves.

Entre os estylos que n'este momento obteem acceitação, o do primeiro imperio reúne as geraes predilecções. Porque? Difficil problema de psychologia, porque sem duvida deve tambem haver uma especial que explique as decisões da moda. Porque tenta agora as damas modernas aquelle genero, encantador com effeito, mas difficil de usar? Porque preferem aquellas linhas graciosas, similhando roupagens soltas de estatuas, ellas que ainda ha pouco apertavam, em adelga-

çamentos de insecto, as cinturas flexiveis? Porque este renascimento de gosto pela antiguidade classica, onde o primeiro imperio foi buscar, n'uma allegoria ou n'uma assimilação de conquistas napoleonicas e romanas o traço fundamental? Seria extremamente curiosa e subtil a analyse que se fizesse das influencias parcelares que reunidas determinaram aquella preferencia.

Serão as tendencias imperia-listas que dominam n'este momento a marcha politica dos grandes estados europeus? A Allemanha affirma-se ca-

da vez mais imperialista e progredie extraordinariamente sobre a acção preponde-



rante do seu chefe supremo; a Inglaterra sacrificava a sua paz, o seu repouso de commerciante e de industrial na afirmação da sua politica imperialista, vae até modificar a sua tradicional governação para assegurar indiscutivel, a supremacia da corôa imperial. Será uma influencia litteraria que tomou a seu cargo esmiuçar a vida do grande Buonaparte? Será uma parte de interferencia devida á vulgarisação de trabalhos de reconstituição descriptiva e dramatica do antigo imperio romano, na sua vida intima e nos seus costumes? Será uma simples impressão artistica derivada da visão dos quadros, onde se desenhavam as elegancias do imperio, onde se destaca em alto relevo a attitudo sensual de Josephina? Seja como fôr, e deixamos a resolução do problema á perspicacia finissima dos espiritos investigadores, certo é que o estylo imperio imprime n'este momento feições characteristics ao vestuario feminino, de tal sorte que mesmo nos objectos de arte a fór-



ma imperio sobrepõe-se ás outras agora, como ha pouco, era preferida a assymetria do estylo Luiz xv, todo pleno de curvas graciosas. Não quer isto dizer que seja adoptado rigorosa-

mente, o genero imperio, mas influe no corte, no enfeite, e na escolha dos tecidos.

A grande moda ostenta-se nas exhibições theatraes, onde as actrizes em voga, constangidas pelo character dos seus papeis, preoccupadas com a impressão a produzir sobre o publico curioso e avido de sensações, levadas mesmo pela corrente dos costumes modernos, se apresentam caprichosamente enroupadas, se prestam á vulgarisação das novas creações das modistas afamadas, e impõem-se ao mundo das elegancias.

Ha, entre estas, verdadeiras e excepcionaes interpretes do bom gosto, que sabem alliar os effeitos scenicos e a delicadeza de vestuario esmerado; todavia compõem quasi sempre, para satisfazer as exigencias do publico e a propria vaidade desculpavel, *toilettes* de preço elevado, destinadas a poucos orçamentos. Na sociedade, outro é o criterio que orienta a escolha; as exigencias concentram-se no acabamento escrupuloso, no corte aprimorado, no assentamento esmerado, para que não pareça a *toilette* comprada a esmo ou para que não pareça simplesmente armada para ver de longe. Para conseguir este fim, torna-se indispensavel preferir intelligentemente os materiaes empregados, as fazendas e os enfeites, que harmonisem com o destino da *toilette*, com a posição de quem a usa, e com o effeito moral que possam produzir. Escolher, por exemplo, um modelo baseado n'uma caprichosa decoração de rendas verdadeiras, e depois realisar-o empregando tules, crepes ou pseudo-rendas, é falsear o gosto e provocar uma impressão desagradavel de mentirosa ostentação.

A riqueza pode transparecer sempre que queira; temos visto *toilettes* em que os forros empregados tem duplo valor á fazenda exterior escolhida; mas nunca se falseia a apparencia. N'esta orientação de simplicidade elegante, se vê que o uso, ainda commum durante a estação calmosa que principia, é pela preferencia de *blouses*, em todos os generos, n'uma variedade infinita de modelos e de fazendas leves, adoptados á estatura, ao maior ou menor desenvolvimento do busto. As rendas continuam a ser extremamente procuradas; as applicações recortadas são enfeites preferidos; as sedas cruas generalisam-se; os *foulards*, pela sua macieza e pela sua flexibilidade, alcançam numerosos empregos nas *toilettes*. Nas passemanterias, as perolas são mais procuradas; os vidrilhos reluzentes menos attendidos. Nos desenhos de ornato applicado, o gosto gothico é a decoração da moda, o motivo ornamental preferido; em seguida é o estylo imperio.

A primeira illustração mostra duas *toilettes*,

muito elegantes e muito simples, de passeio e de visita, feitas em fazendas leves proprias da estação, sendo mais modernos uns tecidos que imitam o linho ou as sedas leves. Os bo-

tões de phantasia, que enfeitam a frente d'um dos casacos ajustados e abertos, deixando vêr as *blouses* de finissima fazenda de côr, continuam a usar-se de esmalte. Empregam-se tambem para estes vestidos tanto as sarjas como os cheviotes finos. As saias são cortadas em pannos, sobre cujas costuras n'uma das *toilettes* se colloca como enfeite uma applicação apropriada aos enfeites escolhidos para os corpos. Usam-se muito as guarnições de passemanteria, cujo desenho é accentuado por fieiras de pequenas perolas.

A segunda illustração exemplifica um elegante vestuario de jantar, decotado; o corpo feito em tafete azul pallido todo em prégas, enfeitado no decote com applicações de renda,

bem como o colletinho que remata a cintura, e atravez do qual se vê a fazenda do corpo o qual fecha nas costas.

A ultima illustração representa um *negligé* de senhora em cambraia de linho enfeitada de fita de seda. As costas tem uma préga Watteau e a frente é franzida no pescoço, sendo apanhado o casaco na cintura por um laço de fita. A gola acompanha graciosamente a garganta e remata-se com um laço cahido de fita. As mangas são de duas costuras e cahem sobre a mão. Gracioso vestuario para quem, como a photographada, se entrega ao desenho e á pintura ou para quem tenha de empregar algumas horas da manhã em trabalho assiduo, durante a estação calmosa. Faz-se tam-

bem em fustão branco, liso ou lavrado, enfeitado de rendas, adebroando em volta e na gola.



O DIA DE VISITAS

A NECESSIDADE de marcar um dia para recepção de visitas proveio naturalmente dos modernos usos que permitem liberdade ás donas de casa, ainda as mais ciosas dos cuidados do seu lar e da educação de seus filhos, de sahir a compras, a visitas, a passeio. Ter relações, cultivar amizades, entreter conhecimentos indispensaveis apenas pela troca de bilhetes satisfaz a delicadeza mundana, mas não basta para a sociabilidade amena da vida. Uma dama pôde dispensar-se de ter a sua *côrte*; não precisa sem duvida, como as dominadoras de salões ou de mundanismo, fazer-se acompanhar do seu bando; porém não deve prescindir do seu círculo, dentro do qual exerce a attracção da sympathia e da estima, onde se habitua a vêr respeitadas as suas virtudes e a sentir apreciados os seus talentos. Tem portanto o seu dia

de recepção, em que fica em casa, no qual as suas amigas contam encontra-la seguramente. A moda cosmopolita dá a estas reuniões nomes varios que na sua propria intenção pretendem differenciar costumes; mas *five o'clock tea* ou simples *merenda* offerecem o mesmo aspecto encantador e attrahente.

O salão, a casa do serão, o quarto de vestir, o *boudoir* intimo, o escriptorio, a bibliotheca, o *hall*, a casa de trabalho, emfim o ponto de reunião, consoante os meios de cada um, a sua situação social ou a sua profissão alinda-se com mais esmero n'estes dias, e na sua decoração luxuosa ou modesta, artistica sem pretensões, reside toda a superior intelligencia da dona de casa.

Reproduzindo n'esta pagina um delicioso quadro de Magdalena Lemaire, queremos tornar mais suggestiva a discripção d'estas bel-

las reuniões, onde a delicadeza se aprimora, onde a polidez de maneiras se distingue e se apura, onde as dependências obrigadas e reciprocas da vida se esbatem e se adelgaçam



FIVE O'CLOCK TEA

pela acção conciliadora das conversas em maior intimidade. Bem sabemos que ha salões onde estes ensejos de amenisar a crueza das luctas diarias são raros; onde a solemnidade fria apaga todo o calor de sinceridade; onde entre sorrisos se travam batalhas de invejas e de calumnias. Mas felizmente ha muitos onde se sente o supremo prazer da paz intima; onde se recebem impressões indeleveis de uma delicadeza subtil que illuminam a memoria, ainda volvidos muitos annos.

A celebre pintora franceza soube copiar do natural, compôr a scena na sua inteira verdade. Escolheu para motivo de arte decorativa um salão luxuoso; mas, em todos, a disposição dos moveis, a sua escolha, a elegancia de fórma, a ornamentação das paredes e das janellas é quasi tudo em relação aos materiaes empregados ou á sua qualidade de alto preço. Claro está que o verdadeiro objecto d'arte é sempre caro, ainda que apenas pelo tempo que levou a executar, sem fallar na originalidade da concepção ou no valor do talento que o fabrica; porém, tem a industria moderna, no progresso das artes applicadas, ao menos este merito relativo e bom: — pôr ao alcance de todos artefactos elegantes, ar-

tísticos, de modico preço, a par de muito artigo feio e por isso caro. Tudo está na escolha, que para um espirito educado, ainda tão sómente pela vista, facil é seleccionar. Tem o salão da Lemaire plantas ornamentaes em vasos de luxo; todo o salão pôde ser inundado de flôres campestres ou cultivadas. Sobre os canapés ou sobre os sopphás, sobre as poltronas de couro da Russia aromatisado ou sobre simples cadeiras de verga, pôde haver uma profusão de almofadas, bordadas, pintadas, buriladas em applicções, em seda, em chita, em *peluche* e velludo ou em saragoça e ganga azul, destinadas a pousar mãos perfeitas e cuidadas, quer preguicem por habito, quer trabalhem por dever, ou a suster cabecitas gentis.

A mesa do *lunch*, onde refere a chaleira, são dispostos os pratos dos bôlos secos, a compoteira do dôce, pôde estar sempre graciosamente servida. Quanto trabalho delicado não pôde haver alli, e abundantes exemplos temos visto, para a dona de casa e para as meninas! Pequeninos guardanapos bordados, maravilhas de pratos pintados, excellencias de doceria e de golodice, trabalhados por finissimas mãos patricias. Uma tarde, quem escreve estas linhas, atava bem desastradamente o nó d'um avental na cintura graciosa d'uma menina aristocratica, de seculos de fidalguia com castello feudal, no interior da Allemanha, quando ella, auxiliada por um grupo de pequenas amigas se preparava para servir a merenda, e reparava na finura da renda larga que debruava a fita, toda aberta em bello desenho ornamental: — Foi picada por mim em bordado sobre uma almofada; muito simples; o desenho é copia d'um missal, me disse ella, reprehendendo-me com agradecimentos o meu desastrado trabalho de prender apenas um colchete.

Poderia descrever milhares de exemplos, que a proposito iremos reproduzindo n'estas paginas dedicadas ás leitoras.



VARIEDADES

D'uma forma succinta, compatiavel com a indole e espaço d'esta revisia, continuamos a dar noticia, acompanhada quanto possivel de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a attenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade.

O EXPRESSO RELAMPAGO

Nos velhos contos de fadas, como symbolo da suprema aspiração humana, a formulação mental d'um desejo correspondia logo a sua realisação. Nos novos registos da invenção e das descobertas scientificas, applicadas aos meios de comunicação e de transporte, a acceleração do movimento quasi realisa o prodigioso poder das varinhas de condão. Todo o superior esforço inventivo se concentra na diminuição do tempo gasto a percorrer um determinado espaço. Ganhar um dia, algumas horas, na travessia dos oceanos é compensação bastante para dispendios fabulosos na construcção naval; encurtar distancias, augmentar velocidades é preocupação constante nas viagens terrestres. Para o simples passeio de carruagem não basta o trote dos melhores cavallos de raça; precisa-se já da automovel a 70 kilometros por hora. O rapido em caminho de ferro impaciente, o expresso não satisfaz, deseja-se o Relampago.

PROPÕE-SE n'este momento a construcção d'um caminho de ferro Relampago, entre Liverpool e Manchester, cuja velocidade attingirá talvez 200 kilometros por hora, percorrendo portanto a actual distancia das duas cidades em 18 minutos.

Esta linha foi projectada pelo conhecido engenheiro o sr. F. B. Behr, e deverá ser construida pelo systema de um só *rail*, o qual consiste na suspensão da machina e das carruagens montadas sobre um unico *rail* elevado do chão. Olhan-

do estas carruagens pela frente, na direcção do movimento, fazem lembrar dois fardos collocados no dorso de um animal, como se

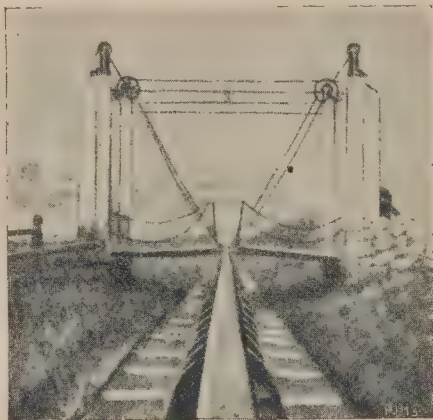
fossem ceirões ou cangalhas. Os centros de gravidade de cada uma das duplas carruagens estão muito abaixo do nivel do *rail*, de fórma que possuem sobre a linha uma estabilidade assegurada.

A idéa foi originalmente trazida da Argelia onde Mr. Lartigne construiu uma linha *mono-rail*, ao longo da qual fardos e cestos de productos agricolas são puxados



Aspecto geral da linha

por mulas. Mr. Behr resolveu dar extensão maior a este systema, e em 1886, construiu uma linha experimental em Westminster, no



Systema de passagem de nivel

logar que occupa agora a nova Cathedral Catholica Romana. Este caminho de ferro como quanto em miniatura, foi utilizado durante nove mezes, e ficou assim demonstrada a possibilidade do systema.

A pequena locomotiva percorria sem perigo velocidades notaveis, rodeando curvas que seriam seriamente perigosas para os comboios no orthodoxo feitiço de via em duplo rail. Verificou-se que este systema fornecia maior adhesão aos rails. A machina puxava uma carruagem, pesando tonelada e meia sobre uma rampa de 10 por cento. Nas vias ordinarias a machina pôde sómente subir na rampa de um por doze puxando apenas o seu proprio pezo.

No anno seguinte obteve licença por lei de côrtes para construir uma outra linha *mono-rail* na Irlanda, de Listowel até Ballybunion. Dez mezes depois, no 1.º de março de 1888, esta linha foi posta em exploração de pequeno trafico. Portanto o *mono-rail* não é um simples projecto, mas um facto. Esta linha irlandeza tem dez milhas de extensão e foi construida com curvas muito apertadas. E' facil verificar que durante treze annos de sua existencia nunca foi sujeita á investigação ou vistoria judicial por motivo de qualquer accidente, no paiz onde se definem e se tornam effectivas as responsabilidades.

Possue tres locomotivas, onze carruagens para passageiros, e dois guarda-freios que trabalham sem interrupção, ha doze annos.

Isto é muito apreciado, e a ausencia de desastres é tanto mais de admirar quanto é certo que a linha tem nada menos de qua-

renta duas passagens de nivel. Sendo a via ferrea levantada do chão pouco mais ou menos um metro, estes cruzamentos tiveram de ser arranjados sob um novo plano. N'algumas occasiões uma porção de via permanente roda em torno de um eixo, e assim abre-se uma entrada que permite a passagem do trafego, n'outros pontos uma especie de ponte levadiça cae sobre a linha e faculta a comunicação. Uma das principaes vantagens d'esta linha é a sua absoluta segurança, sendo impossivel descarrilar as carruagens. A força motriz empregada é o vapor d'agua e no *mono-rail* de Irlanda não se aspira a uma grande velocidade.

Uma via semelhante de doze milhas de desenvolvimento, tem estado em construcção, ha alguns annos, em França. N'este caso, a linha corre ao longo de um dique quasi todo o caminho, como será esta tambem a construcção do novo relampago entre Liverpool e Manchester.

Ha cerca de sete annos, o sr. F. B. Behr publicou pela primeira vez os seus planos de um caminho de ferro de grande velocidade. A maior difficuldade a vencer tem sido sempre conseguir estabilidade, quando a velocidade atinja valores maximos, porque a tendencia a sahir do rail é tão grande que é quasi impossivel descrever uma curva. Esta difficuldade parece ser melhor resolvida no systema de *mono-rail*.

A primeira linha d'um expresso relampago foi construida em concordancia com a Exposição de Bruxellas de 1897, tendo n'essa época o governo belga bastante interesse no bom exito do projecto.

As difficuldades que teve o sr. Behr foram enormes. Quasi duzentos proprietarios e rendeiros de terras, tiveram de ser compensados, e pontes especiaes tiveram de ser construidas sobre dez estradas. A linha só tinha



Carruagem com o motor e para passageiros

tres milhas de desenvolvimento, e tres quartas partes d'ella consistia em curvas, mais ou menos apertadas. Cemtudo todas estas diffi-

culdades foram superadas, e o trem rapido despertou grande e vivo interesse entre os visitantes da Exposição.

A estrutura d'este caminho de ferro era praticamente identico ao que está projectado em Lancashire, tanto que as nossas illustrações provenientes da linha belga dão uma muito boa idéa do que em poucos annos será caso vulgar, e generalisar-se-ha na Gran-Bretanha.

No novo projecto a linha de uma simples via elevada é sustentada sobre cavalletes de aço do feitio de um A grande. Os pés d'este cavallete são fixos em dormentes de aço descaçando no lastro. N'um e n'outrolado dos cavallete existirão guias ou *rails*, que tem a dupla utilidade de fortalecer a construcção e de tornar firme o carro, prevenindo assim a oscillação. O motor será electrico e a corrente electrica será conduzida ao longo do *rail* de aço, e presa aos dormentes por isoladores de porcelana. A corrente transmissora passará ao longo do *rail* no alto.

A resistencia offerecida pelo ar deslocado no rapido andamento é muito consideravel, e augmenta com o comprimento do comboio.

Na linha da Belgica o trem consistia apenas d'um carro contendo simultaneamente o motor e os lugares para os passageiros. Caruagens semelhantes hão de percorrer a linha entre Liverpool e Manchester.

A frente do carro, será em fórma de cunha, com o fim de offerecer a menor resistencia possivel ao vento, e n'estes espaços triangulares se alojarão o conductor e o machinista. Os quatro motores electricos, ligados com os eixos das rodas conductoras, serão collocados d'um lado e d'outro d'aquella parte da carruagem que fica por debaixo do rail principal. Terá trinta e duas rodas horisontaes movendo-se sobre os rails conductores.

Quanto ás commodidades interiores d'estes carros, cada metade d'estes contém duas

longas fileiras de lugares confortaveis, dispostos uns defronte de outros no sentido do comprimento.

Poder-se-hia talvez julgar que uma velocidade de cento e vinte milhas por hora só poderia ser obtida á custa de grandes inconvenientes para os passageiros. Mas a experiencia demonstrou que não ha difficuldade sobre este ponto no novo systema de viação; sómente olhando para fóra das janellas o viajante poderá reconhecer que vae marchando com tão desusada rapidez.

Marchando ainda mesmo com esta extraordinaria velocidade, o comboio poderá parar com seiscentos metros de distancia; mas deve notar-se que uma paragem mais rapida e brusca daria de certo um violento choque aos passageiros.

Ha pouco mais de um anno esta proposta

para a autorisação da linha foi regeitada por uma commissão da camara dos deputados, allegando principalmente a opposição da corporação de Salford. O Mersey Dock Board tambem levantou n'aquella epoca cer-

tas difficuldades. No parecer de rejeição a commissão, ao mesmo tempo, affirmou que tinha tomado grande interesse pelo caso que lhe fôra apresentado, e que o systema monorail havia de contribuir sem duvida muito efficaçmente para o desenvolvimento da viação accelerada.

Os planos foram agora de novo depositados e modificados quanto possivel para irem de encontro ás objecções anteriormente expressas.

O plano agora proposto passa por Salford em côrtes convenientemente estudado para evitar extensos tuneis, e não toca agora nas terras de Mersey Dock Board; portanto ha todas as probabilidades para que a nova via ferrea do expresso relampago seja em breve um facto realisado entre Liverpool e Manchester.



Fôrma do cruzamento ou agulha

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

MARÇO — 17 *Russia* — A agitação popular agrava-se e novas desordens rebentam em S. Petersburgo, realisando a policia 760 prisões, sendo 339 de estudantes, 377 de mulheres e

44 de operarios. No mesmo dia tambem em Moscou effectuam-se 70 prisões.

— *Filippinas* — E' proclamado o estado de sitio em todo o archipelago.

18 *França* — E' apresentado á camara dos deputados um projecto de lei sobre liberdade das associações, o qual depois de viva discussão é rejeitado por 274 votos contra 262.

— *Russia* — Continúam as manifestações em S. Petersburgo, fazendo-se mais 250 prisões. Alguns professores e escriptores conhecidos assignam um protesto contra o procedimento das auctoridades por occasião dos recentes conflictos.

19 *Inglatterra* — O governo communica ao parlamento britannico que o general Botha, do Transvaal, repelliu as propostas de paz feitas por lord Kitchener.

20 *França* — E' recebida pelo presidente da Republica, a embaixada ingleza, presidida por lord Carrington, encarregada de notificar o fallecimento da rainha Victoria e a ascensão do rei Eduardo VII ao throno de Inglaterra.

21 *China* — Os governos inglez e russo, reservando-se para mais tarde discutir os direitos de propriedade, retiram de commun accordo as suas tropas do terreno contestado em Tien-Tsin.

24 *França* — Os operarios das officinas da sociedade das *Forges et chantiers de la Méditerranée*, em Marselha, suspendem o trabalho. Deixam igualmente de trabalhar 240 caldeireiros da *Compagnie Transatlantique*, e 130 ajustadores, arrebitadores e caldeireiros das *Messageries Maritimes*.

— Entre a França e o imperio de Marrocos é estabelecido um accordo para o estabelecimento de linhas telegraphicas de Tanger a Oran e de Tanger a Marselha.

— *Brazil* — O almirante Custodio José de Mello, chefe da revolta de 1893 e o banqueiro Borlido, seu cumplice, são presos, como envolvidos em conspiração contra a vida do presidente.

— *Grecia* — As potencias recusam as propostas do rei da Grecia para unir ao seu paiz a ilha de Creta, que continuará governada pelo principe Jorge.

— *Hespanha* — O «espada» Saleri é colhido na corrida de touros em Madrid, recebendo um grande ferimento no pescoço.

— *Italia* — 300 estudantes em Napoles votam um accordo de solidariedade com os estudantes russos, ácerca da ex-communhão do escriptor conde Leon Tolstoi.

— *China* — Os salteadores trucidam uma missão ingleza a 14 milhas de Tien-Tsin. Os gabinetes de S. Petersburgo e de Londres accordam submeter o incidente de Tien-Tsin á arbitragem do general de Waldersee.

25 *Portugal* — Dão-se graves desordens em Setubal, provocadas por manifestações anticlericaes.

— *Estados-Unidos* — Um terrivel furacão desvasta a região de Birmingham, destruindo muitas casas e fazendo numerosas victimas.

— *Italia* — Em Napoles é prohibida a representação da peça *La Citta Morta*, de Gabriel d'Annunzio, em virtude dos protestos violentos do publico durante a scena em que a

actriz Duse, protagonista da peça, afoga a irmã para a purificar.

26 *Austria* — O ministerio da guerra ordena a construcção de automoveis de novo systema para transporte de tropas em tempo de guerra.

28 *Portugal* — Chegam a Lisboa a bordo do vapor *Benguella* 714 emigrados boers, seguindo parte para Peniche e parte para Alcobaça, e entre os quaes vem o general Pienaar.

— Chega a Lisboa a embaixada especial ingleza presidida por lord Carrington, que officialmente vem participar a Sua Magestade El-Rei a ascensão ao throno de Inglaterra de Sua Magestade o Rei Eduardo VII. E' recebida com todo o apparato official da etiqueta.

— *Inglatterra* — O jurisconsulto. Barclay advoga a conveniencia de se convencionar um tratado de commercio anglo-francez.

— *Filippinas* — O cabecilha Aguinaldo é aprisionado com todo o seu estado maior pelas forças do coronel americano Fuwston.

— *Italia* — Os trabalhadores do porto de Livorno deliberam não carregar nem descarregar nenhum navio, procedente de França ou que se dirija para este paiz.

— *Hespanha* — Os jornalistas de Saragoça declaram-se em greve, porque as emprezas não augmentaram os seus ordenados.

29 *Hespanha* — Os proprietarios de lojas e de estabelecimentos de Madrid reúnem-se em *meeting*, e deliberam por maioria de votos não acceder ao descanso dominical que pretendem obter os caixeiros e os empregados. — O general Weyler resolve que os seminaristas e individuos pertencentes a congregações religiosas fiquem sujeitos ao serviço militar remivel a dinheiro.

— *Turquia* — E' descoberta em Constantinopla uma conspiração contra a vida do sultão Abdul-Hamid, resolvendo este que o accesso ao *selamlík* fosse prohibido aos estrangeiros e mandando demolir o *kiosque* destinado a visitantes. Parece ter se provas de que a trama era tecida por emissarios estrangeiros.

30 *Uruguay* — O congresso scientifico latino-americano, reunido em Montevideu, approva uma moção para o estabelecimento obrigatorio da arbitragem entre as republicas americanas. O governo chileno não adhere a esta resolução.

31 *Portugal* — Passa n'esta data o 80.º anniversario da extincção da Inquisição.

— *Hespanha* — Realisa-se em Barcelona, na praça de touros, um comicio anti-clerical, assistindo cerca de cinco mil pessoas, dando-se alguns conflictos e realisando-se numerosas prisões. — Em Valencia realisa-se tambem um *meeting* com o mesmo fim. — D Tancredo Lopes, hypnotisador de touros, é horriavelmente colhido na praça de Madrid.

ABRIL — 1 *Venezuela* — E' nomeado presidente provisório da republica de Venezuela o general Castro.

— *Russia* — Um pavoroso incendio destroe um bairro inteiro dos arredores de S. Petersburgo.

— *China* — O governo aconselhado pelo vice-rei de Yang-Tsé e por algumas potencias européas recusa-se officialmente a assignar a convenção da Mandchouria.

1 *Filippinas* — Aguinaldo presta juramento de fidelidade aos Estados-Unidos.

2 *Portugal* — Recepção no paço das Necessidades da deputação do *Oxford-Schire Light Infantry* presidida pelo tenente-general Green Wilkinson, a qual em nome dos seus camaradas vem cumprimentar El-Rei o Senhor D. Carlos pela sua nomeação de coronel honorario d'aquelle regimento.

— *Sérvia* — O rei Alexandre elabora com os ministros e chefes dos partidos uma nova Constituição.

— *África do Sul* — O general French toma as suas operações no oeste do Transvaal para repellar os boers até a Somasilândia. — O coronel Plummer apodera-se de Nylstrom ao norte.

3 *Italia* — 850 operarios da exploração das docas de querenagem declararam-se em greve em consequencia do director se recusar acolher as suas reclamações.

— *Chili* — E' constituido um novo gabinete liberal sob a presidencia do sr. Julio Seegers para dar satisfação á maioria da camara dos deputados.

4 *Hespanha* — As auctoridades prohibem as procissoes em Barcelona, Valencia, Granada e Castellon e n'outras capitaes, afim de evitar desordens em vista da agitação popular contra o clericalismo.

Paizes-Baixos — O tenente general A. Kool é nomeado ministro da guerra, sustentando o projecto do seu predecessor sobre a reorganização do exercito.

5 *Hespanha* — O sud express. Madrid-Irun descarrila entre as estações de Palacios e Ataquinós, ficando a maioria das carruagens voltadas, morrendo o fogueiro e um creado do *restaurant* e ficando feridos alguns viajantes.

França — Batem-se em duello á pistolla e depois á espada em Nice o conde de Tasnowski e o tenente-coronel Tolstoi ficando o primeiro ferido no ante-braço.

Roumania — Realisa-se a abertura do parlamento.

6 *Bulgaria* — O gabinete Karavelof manda prender onze membros do *comité* revolucionario, macêdonio bulgaro com o seu presidente Savafof.

7 *Allemanha* — Produz-se em Colonia uma grave crise na industria metallurgica. A fabrica Krupp, em rasão da falta de encomendas, despede milhares de operarios.

Suecia — As duas camaras do Rigsdad rejeitam a proposta do deputado Nystrenn, sobre a abolição da pena de morte.

8 *China* — Rebenta nova revolta na Mongolia e no Cham-Si.

Russia — O tzar encarrega o general Vannorski, ministro da instrucção publica, de reformatar e melhorar os estudos, reorganizando as escolas do imperio.

Hungria — O partido socialista, no seu con-

gresso annual em Szentés, reclama uma separação mais completa entre a Hungria e a Austria, bem como o estabelecimento do suffragio universal.

8 *França* — Visita da esquadra italiana aos portos francezes do Mediterraneo, levando a bordo do navio almirante *Lepanto* o duque de Genova, encarregado de cumprimentar em nome do rei Victor Manuel n o presidente da Republica, pagando assim a visita que a esquadra franceza fez em abril de 1899 ao rei Humberto I.

10 *Inglaterra* — Um violento incendio destroe dezoito casas em Andover, lançando na miseria mais d'uma centena de pessoas.

China — O principe Tuan e Tung-Fuh-Siang descontentes com as penalidades que lhe foram impostas por imposição das potencias, fomentam uma revolta na Mongolia e no Chien-Si.

Mecklembourg-Schwerin — (Allemanha). O grão-duque Francisco IV completa dezenove annos de idade e toma a direcção do governo. Desde 10 de abril de 1897 que o duque Jean-Albert exercia a regencia.

11 *Portugal* — Inauguração do congresso dos nucleos da Liga Nacional contra a tuberculose, reunido na sala Algarve da Sociedade de Geographia de Lisboa. E' recebida por Sua Magestade El-Rei o sr. D. Carlos no paço das Necessidades uma numerosa commissão, presidida pelo Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa, pedindo a restauração das ordens religiosas. A resposta de Sua Magestade El-Rei impressiona agradavelmente a opinião liberal do paiz: «Como Rei d'um Paiz onde a Religião Catholica é a Religião do Estado, accetto a representação e a entrega ao meu governo, para que resolva o assumpto por fórma consentanea com as leis do Estado».

Estados-Unidos — É officialmente confirmado o rompimento diplomatico entre os Estados Unidos e a Venezuela.

14 *Italia* — O pessoal de bordo dos navios surtos no porto de Genova decidem fazer greve geral. Os vapores suspendem a sua partida desde 15.

15 *Italia* — O papa celebra consistorio secreto, nomeando cardeaes os arcebispos de Benevento, Carcovia, Praga, Pavia, Verona e Ferrara, monsenhor Tripepi, substituto do secretario d'estado, monsenhor della Volpe, mordomo de S. S., monsenhor Gennari, assessor do Santo officio, monsenhor Martinelli, delegado apostolico nos Estados-Unidos e monsenhor Sanmimatelli-Zabarella, auditor da camara apostolica.

Hespanha — Reunem-se em Barcellona seiscentos operarios catholicos, protestando contra a perseguição religiosa e votando uma mensagem de adhesão ao Papa.

16 — *China* — Um violento incendio destroe o palacio da imperatriz, em Pekin, habitado actualmente pelo marechal conde de Waldersee e pelo estado maior, perecendo o general Schwarzhof em consequencia de ter voltado ao local do incendio para salvar o seu

ção predilecto. Attribue-se o incendio a malvadez.

17 — *Portugal* — Batem-se em duello á pistolla trocando duas balas felizmente sem resultado os conselheiros Ferreira d'Almeida ministro de estado honorário e o contra almirante Guilherme de Brito Capello, motivado por discussão na imprensa.

— *Austria* — Cerca de 20.000 austriacos em Vienna dirigem ao tzar uma mensagem pedindo-lhe que conceda á Russia uma constituição liberal.

— *Allemanha* — Dá-se na egreja catholica de S. Miguel em Berlim uma enorme explosão durante o ensaio do cantochão, causando destroços e ferimentos. Julga-se ter sido propositada.

18 — *Canada* — Declaram-se em greve 700 operarios da fabrica de papel de Gradmore.

— *Italia* — O Papa celebra consistorio publico para a imposição dos chapéus aos novos cardeais.

— *Ilhas Canárias* — Declaram-se em greve 2:500 carregadores de carvão e de fructas em Teneriffe.

— *Inglaterra* — Sir Michael Hicks-Beach, ministro da fazenda apresenta ao parlamento

o orçamento geral cujo *deficit* avalia em 55 milhões esterlinos. Propõe augmentar a taxa do imposto de rendimento, crear um novo imposto sobre o assucar refinado e sobre o carvão exportado e emittir um emprestimo de 60 milhões. A imprensa mostra-se adversa ao direito de exportação sobre o carvão.

19 — *França* — Um violento incendio destróe duas grandes fabricas no bairro de Chartrons em Bordeus. Os prejuizos são avaliados em dois milhões de francos e ficando numerosas pessoas feridas.

— *Inglaterra* — Suspendem-se as transacções nas docas de Cardiff. Os negociantes de carvão recusam-se tomar á responsabilidade do novo imposto, que os productores tambem não querem aceitar.

20 — *Portugal* — E' publicado um novo decreto, regularisando a situação das associações religiosas no paiz.

— *Inglaterra* — A camara dos commons approva por 186 votos contra 117 o projecto do emprestimo de 60 milhões esterlinos.

— *Russia* — Rebutam desordens na fabrica metallurgica de Chkuta em S. Petersburgo, recusando-se os operarios a trabalhar e incendiando os escriptorios.



NECROLOGIA

ABRIL — 8 Gabriel Charles CALAMARD LA FAYETTE, em Puy, 85 annos, escriptor e homem politico, deixou varias obras entre outras: *Dante, Michel Ange, Machiavel e Poesie des champs*.

15 General GRAS, em Auxerre, inventor da espingarda do seu nome.

18 Sophie Alexandrine CROIZETTE, em Paris, 53 annos, actriz franceza de notavel belleza e intelligencia; debutou na Comédie em 7 de janeiro de 1870 no *Verre d'eau* e deixou o theatro em 1 de janeiro de 1883, casando em 1885 com o banqueiro americano Jacques Stern, dedicando-se por fim á familia.

23 Adolphe GUNKEL, em Dresden, compositor austriaco, deixou alem de outras operas a

Attila cantada em Dresden em 1895 e uma opera comica intitulada *Jean Bart*.

25 Charlotte YONGE, em Winchester, escriptora ingleza, notavel pelos seus contos escriptos para a mocidade, entre outros *O Herdeiro de Radchyffe* que lhe determinou o inicio da sua reputação.

25 Marie DRONSART, em Paris, escriptora franceza, deixou varias traducções de livros inglezes e italianos e alguns originaes, entre os quaes: *Portraits d'outre Manche, Le Prince Bismark, Mr. Gladstone, Les grandes voyageurs*, etc.

27 Jules Duplessis KERGOMARD, em Morlaix, escriptor francez.



THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Abril

MARÇO — 29 CASTELLO HISTORICO, comedia em 3 actos de Bisson e Turique, traducção do sr. Mello Barreto em beneficio do actor Augusto Rosa. (Theatro D. Amelia).

ABRIL — 1 A EMPENHOCA, comedia em 4 actos original do sr. Freitas Branco em beneficio do ensaiador Leopoldo de Carvalho (Theatro do Gymnasio).

5 VIAGEM DO TIO BARRIGA, peça do sr. Lopes Teixeira com musica do maestro Nicolino

Milano (Theatro do Principe Real do Porto).

6 O SEGREDO DA MORGADA, opereta original do sr. Campos Monteiro e musica do sr. Henrique Carneiro (Theatro do Principe Real).

19 BICO DE PAPAGAIO, magica original do sr. Eduardo Garrido com musica do maestro brasileiro Milanez (Theatro da Trindade).

20 OS DOIS BRAZÕES, comedia de Blumenthal e Kadelburg traduzida pelo sr. Lara Everard (Theatro de D. Maria).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possível n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Experiencias sobre os banhos servidos e seu aproveitamento

Raros são os amadores que se preocupam com o emprego e aproveitamento dos banhos servidos, e, todavia são interessantes e vantajosas as experiencias que se podem fazer e entre as quaes apontamos as seguintes do *Photogram* e que não exigem nem laboratorio especial nem profundos conhecimentos chimicos :

1.º—E' sabido que o banho fixador é composto de agua e hyposulfito de soda e quanto mais vezes tiver servido tanto maior é a sua concentração de partes de substancias não reduzidas pelos reveladores. Esta materia dissolvida é sobretudo um sal de prata.

Tome-se um pedaço de cobre, uma moeda de 20 réis, por exemplo, limpe-se escrupulosamente uma das faces, mergulhe-se depois a moeda no banho velho fixador, alguns minutos depois vêr-se-ha a face que se limpou tornar-se prateada. Deixando-a bastante tempo em contacto com o banho augmenta o deposito da prata e fórma-se um verdadeiro espelho se a limparmos levemente com um panno fino.

N'esta experiencia, o deposito da prata é produzido em virtude do phenomeno electrolyse, levando-nos a perguntar se não será possível extrahir do banho a prata n'elle contida.

2.º—Em lugar de inutilisar os banhos de hyposulfito após um emprego mais ou menos prolongado, guardem-se n'um frasco, sendo certo que estes banhos serão tanto mais ricos em prata quanto maior fôr o numero de chapas fixadas.

Tome-se então um boião bem limpo e deite-se n'elle o banho atravez um panno fino, afim de o separar das impurezas que possa conter, enchendo-o até dois ou tres centimetros da bocca.

Mergulhe-se em seguida no boião algumas varetas de cobre ou ainda de zinco, sendo preferivel este ultimo que dá melhor resultado, tendo o cuidado de as limpar muito bem. Demore-se a operação durante alguns dias, devendo-se de vez em quando agitar o liquido.

Deposita-se no fundo do boião um residuo de cor acastanhada; decanta-se com precaução e deita-se sobre o residuo um pouco de acido azotico em quantidade sufficiente para o cobrir, depois deixa-se repousar em sitio quente, podendo ser perto de um fogão.

A dissolução do precipitado faz-se pouco a pouco com a elevação da temperatura, produzindo vapores nitrosos, devendo haver o cui-

dado de não se aspirar por serem nocivos á saude.

Quando todos os residuos tiverem desapparecido ficará uma solução que será o azotato de prata.

3.º—Enche-se um boião com agua distillada, deitando-lhe 20 ou 30 gottas de acido chlorydrico, e mistura-se bem com uma vareta de vidro.

Dilue-se a solução de azotato de prata, obtida na segunda experiencia, em agua de chuva ou fervida e filtra-se deixando cahir as gottas da filtração lentamente sobre a solução chlorydrica. Fôrma-se então um esplendido precipitado branco que se assenta no fundo do recipiente.

Logo que esteja filtrada toda a solução agita-se o conteúdo do boião e deixa-se descansar o precipitado branco que não é mais que o *chloreto de prata*. Juntam-se ainda algumas gottas de acido chlorydrico diluido em seis vezes o seu volume d'agua e se apparecerem ainda novos precipitados deixe-se descansar.

Finalmente decanta-se com precaução e recolhemos então o chloreto de prata que tem sempre facil e util emprego na photographia.

⊙

Novo reforçador

A sociedade allemã *Anilin-Fabrikation*, recommenda esta nova formula: Em seguida á fixação do *cliché* e depois de lavado cuidadosamente, ou no caso de estar já secco, immergindo-o em agua fria durante alguns minutos, mette-se n'uma tina contendo o seguinte banho :

Sulfocyaneto de mercurio.....	10 gr.
Chloreto de sodium.....	10 gr.
Agua.....	500 gr.

Ao contrario do que succede com o banho de bichloreto de mercurio, a imagem não desapparece, e torna-se pouco a pouco mais visivel. Retira-se do banho o *cliché* logo que se reconheça ter attingido o resultado desejado, lavando-o em seguida em agua pura.

Querendo tornal-o ainda mais intenso passar-se-ha após a lavagem por um novo banho composto de :

Agua.....	100 cc.
Amoniac.....	4 cc.

obtendo-se então um tom castanho que se pôde tornar negro se em vez do banho de amoniaco fôr empregado um banho de 15 grammas de sulfito de soda anhydro para cada 100 grammas de agua.





— Oh! liberdade de imprensa!...

Resoluções dos problemas do numero anterior

N.º 1 — A carruagem, 54 horas; o comboio, 27 horas.

N.º 2 — Xadrez:

- | | |
|-----------------------|--------------|
| 1. R 7 R | 1. P 5 C R |
| 2. P 4 R | 2. R 2 C Ra. |
| 3. R 7 Ra. | 3. R 1 T Ra. |
| 4. P 5 R xeque | 4. R 1 C Ra. |
| 5. P 6 R xeque e mate | |

Recebemos de muitos dos nossos assignantes resoluções exactas dos problemas mathematicos e de xadrez que publicamos. Entre elles, especialisamos KEPLER, que nos envia uma variante na resolução do problema n.º 1 do mez de Abril, a qual gostosamente publicamos: — «Attendendo a que as velocidades de dois moveis que percorrem um mesmo espaço são inversamente proporcionaes aos tempos gastos a percorrel-o, e dizendo que r é o tempo que leva a carruagem e o comboio a encon-

trarem-se, v a velocidade d'aquella e v' a do comboio, temos:

$$\frac{v}{v'} = \frac{9}{T} \text{ e } \frac{v}{v'} = \frac{T}{36} \text{ ou } \frac{9}{T} = \frac{T}{36} \text{ d'onde } T^2 = 324$$

e portanto $T=18$ e $T+36=54$ e $T+9=27$ que na verdade simplifica a resolução.

Dos problemas de xadrez as resoluções que nos mandaram são todas accordes, como deviam ser.

PROBLEMAS

Num. 3

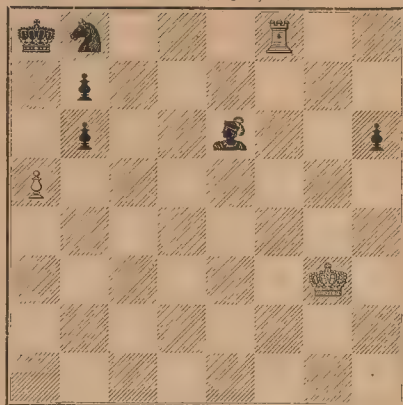
Um barril de vinho tinha 80 litros. Tiram-se-lhe um certo numero de litros e substituem-se por agua. D'esta mistura, tiram-se de novo o mesmo numero de litros que se substituem tambem por agua, depois do que o barril só contem 45 litros de vinho. Quantos litros se tiraram de cada vez?

Num. 4

Curiosidade. — Achar quando se queira juntas as cartas semelhantes d'um baralho. Como?

PROBLEMA DE XADREZ

Num. 5 NEGROS (6 peças)



BRANCOS (3 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em sete lances

BONUS AOS NOSSOS LEITORES

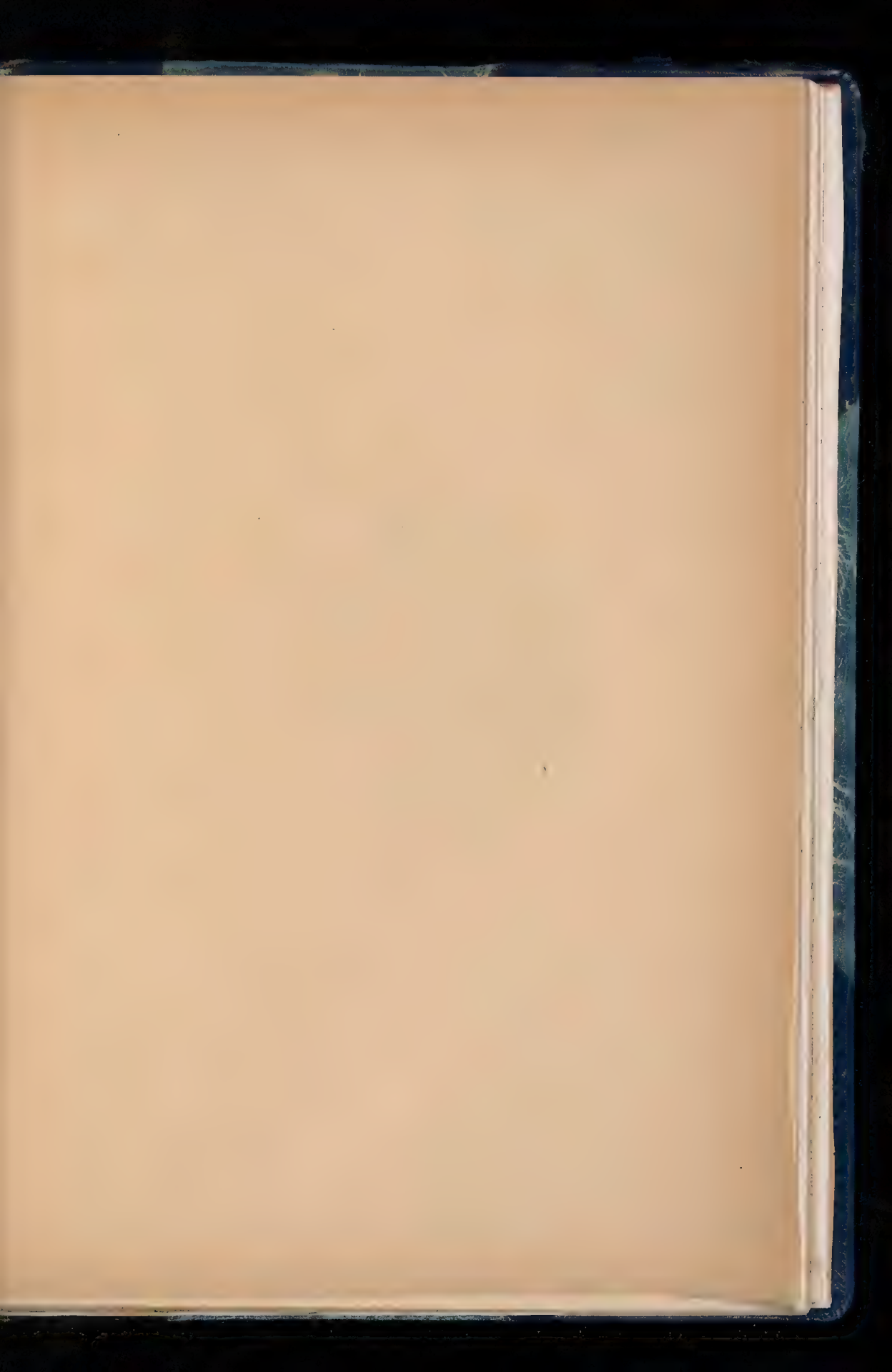
Por combinação particular entre as casas em seguida mencionadas e esta empresa, os nossos leitores poderão obter, contra a apresentação do respectivo annuncio, publicado nos **SERÕES**, um bonus de **5 por cento** sobre a importancia das compras que effectuarem n'aquelles estabelecimentos:

MODAS — **Lopes de Sequeira** — Rua do Ouro, 285 a 293.

ALFAYATERIA — **Pinheiro, Sobrinho** — Rua de S. Julião, 83 a 87.

CAMISARIA — **Pitta** — Rua Augusta, 195 e 197.

ARTIGOS DE NOVIDADE — **A Phenix** — Rua do Principe, edificio do Avenida Palace.





SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA.
— AS FURNAS E AS SETE CIDA-
DES. — NAS GARRAS D'UM TIGRE. —
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — FO-
LHA D'ALBUM. — TRAGICOS DESTI-
NOS. — SANTA ADOZINDA. — TU ÉS
COMO UMA FLOR. — PULVERISANDO
MONTANHAS. — A FEIRA DE EVORA. —
MODAS. — PING-PONG. — VARIEDADES.

VOL. I

JULHO — 1901

NUM. 4

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag
CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA. — NA EGREJA DE S. ROQUE. — <i>Por</i> SOUSA VITERBO. — <i>Com 7 gravuras, photographias de Bobone e Camacho</i>	195
AS FURNAS E AS SETE CIDADES. — VALLES PITTORESCOS DA ILHA DE S. MIGUEL, NOS AÇORES. — <i>Por</i> ARMANDO DA SILVA. — <i>Com 7 gravuras</i>	201
EM JULHO, NA EIRA. — <i>Reproducção d'um desenho</i>	205
NAS GARRAS D'UM TIGRE. — AVENTURA AUTHENTICA NA INDIA. — <i>Com 4 illustrações</i>	206
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por</i> ANTONIO ENNES. — <i>Capitulo IV</i> — MOÇAMBIQUE, O PORTO, A ILHA, A CIDADE, O CONTINENTE, AS CABACEIRAS, O MOSSURIL. — <i>(Continuação)</i> — <i>Com 11 gravuras, reproducções de photographias, e assignatura autographa</i>	209
FOLHA D'ALBUM. — <i>Por</i> OSCAR DA SILVA.	228
TRAGICOS DESTINOS. — MYSTERIOS DA HISTORIA. — <i>Com 5 illustrações</i>	231
SANTA ADOZINDA. — <i>Novella rustica por</i> ABEL BOTELHO. — <i>Capitulo IV</i> — A SENHORA DA LAPA. — <i>Com 1 gravura, desenho de A. Benarus</i>	169
TU ÉS COMO UMA FLOR. — <i>Reproducção de um quadro de</i> SCHMID	246
PULVERISANDO MONTANHAS. — <i>Com 4 illustrações</i>	247
A FEIRA DE EVORA. — <i>Com 6 gravuras, copia de photographias</i>	251
MODAS. — <i>Com 2 illustrações</i>	254
PING-PONG. — <i>Com 1 gravura</i>	256
VARIEDADES. — SPORT AEREO, MEMENTO ENCYCLOPEDICO, PHOTOGRAPHIA PRATICA, PROBLEMAS. — <i>Com 3 gravuras</i>	XXV

53 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de }	3 numeros	600
	6 numeros	1\$200
	12 numeros	2\$200

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente* ou por intermedio dos correspondentes da empresa.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

LIVRARIA FERIN

FUNDADA EM 1840

Premiada em diversas exposições, inclusivé na Universal de 1900 com MEDALHA D'OURO

Fornecedora da Casa Real

Repartições do Estado, Escolas, Direcções das O. Publicas, etc.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

ANTONIO VIANNA

Apontamentos para a Historia diplomatica Contemporanea—A revolução de 1820 e o Congresso de Verona, 1 vol. 700

RIBEIRO ARTHUR—**A legião portugueza ao serviço de Napoleão**
Illustrado com quatro aguarellas do auctor, 3 photogravuras e desenho de Ed. Detail
1 vol. — 3\$000 réis.

FERNANDO MAYA

A tactica das tres armas, 1 vol. 1\$000
Da Cavallaria, sua missão strategica e tactica, 1 vol. 1\$500

NO PRÉLO

ANTONIO VIANNA—**TOBIAS**, versão do canto biblico, em verso decasyllabo, com illustrações de COLUMBANO

Henryk Sienkiewicz—*Quo Vadis*

» » *Par le fer et par le feu*
» » *Bartek le victorieu*
» » *En vain*
» » *Sans dogme*
» » *Hania*
» » *Suivons-le*
» » *Chevaliers de la Croix*

Gautier — *Année Scientifique.*

Hospitalier—*Formulaire de l'electricien.*

Hurst — *Notre marine de guerre.*

V. Hugo — *Lettre à la fiancée.*

Zola — *Travail.*

Heidenstam — *L'épopée du roi.*

Dreyfus — *Cinq années de ma vie.*

Brassey's — *Naval Annual.*

ASSIGNATURA DE TODOS OS JORNAES EXTRANGEIROS

Officinas de Typographia e Encadernação

Onde se executam todos os trabalhos, desde o mais simples, até ao mais luxuoso e artistico

Exposição permanente de instrumentos de precisão, das principaes casas

L. P. CASELLA (LONDRES), OTTO FENNEL (CASSEL), SECRETAN (PARIS)

PAPEIS E MAIS ARTIGOS DE DESENHO

Unico agente em Lisboa do

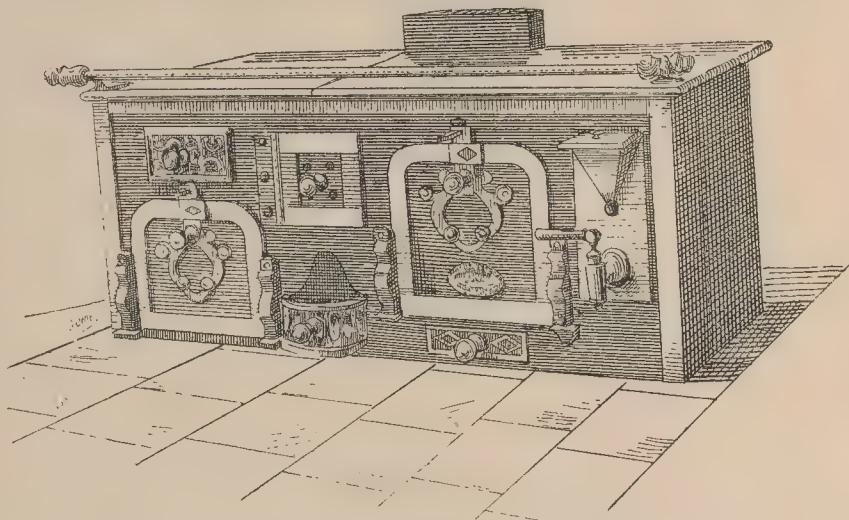
«**AUTOCOPISTE NEGRO**», o melhor até hoje conhecido para copias

70—Rua Nova do Almada, 74—LISBOA

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE MANUEL PATRONE

*Executam-se todos os trabalhos de serralheria civil e mechanica, montagem de apparatus
para gaz acetylene e outros e de electricidade*

ESPECIALIDADE EM FOGÕES CIRCULARES E FOGAREIROS ECONOMICOS



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1874

ESPECIALIDADE

EM

TECIDOS ESTRANGEIROS



Sempre ultimos modelos

VESTIDOS, CONFECÇÕES E CHAPEUS

Rua do Ouro, 285 a 293

LISBOA

J. J. RIBEIRO & C.^A

222, Rua Aurea, 226

LISBOA

Instrumentos de optica
e cirurgia
topographia, astronomia
etc.



Instrumentos de optica
e cirurgia
topographia, astronomia
etc.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia

KODAKS DA COMPANHIA EASTMAN, DESDE 1\$600 A 80\$000 REIS

CHAPAS E PAPEIS SENSIVEIS DE VARIOS FABRICANTES

(Ilford, Lumière, Wellington, Mercôr, Jougla, Paget, Imperial, etc.)

OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES

Productos chimicos especiaes para photographia, de fabrico inglez, francez e allemão

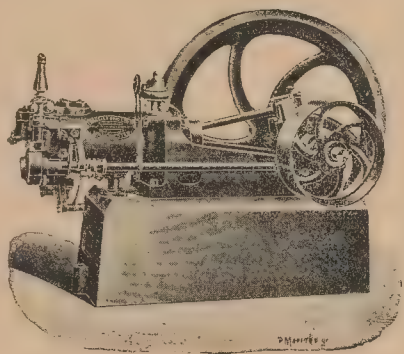
GRANDE VARIEDADE EM CARTÕES PARA PHOTOGRAPHIA

Obturadores, prensas, appparelhos de ampliação, tintas; emfim, todo o material
necessário ás manipulações photographicas

Carlos. Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES



MOTORES A GAZ

CROSSLEY

MACHINAS A VAPOR

MATERIAES

PARA

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

Tintas de imprensa de CH. LORILLEUX & C.^{ie}

PITTA, CAMISEIRO

ENXOVAES COMPLETOS

Artigos de novidade
para homem

195, RUA AUGUSTA, 197
LISBOA

A PHENIX

RUA DO PRINCEPE

Edificio ao Avenida Palace

LISBOA

TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Variado sortimento de objectos para brindes

PERFUMARIAS

ARTIGOS PARA FUMADORES

BONUS AOS NOSSOS LEITORES

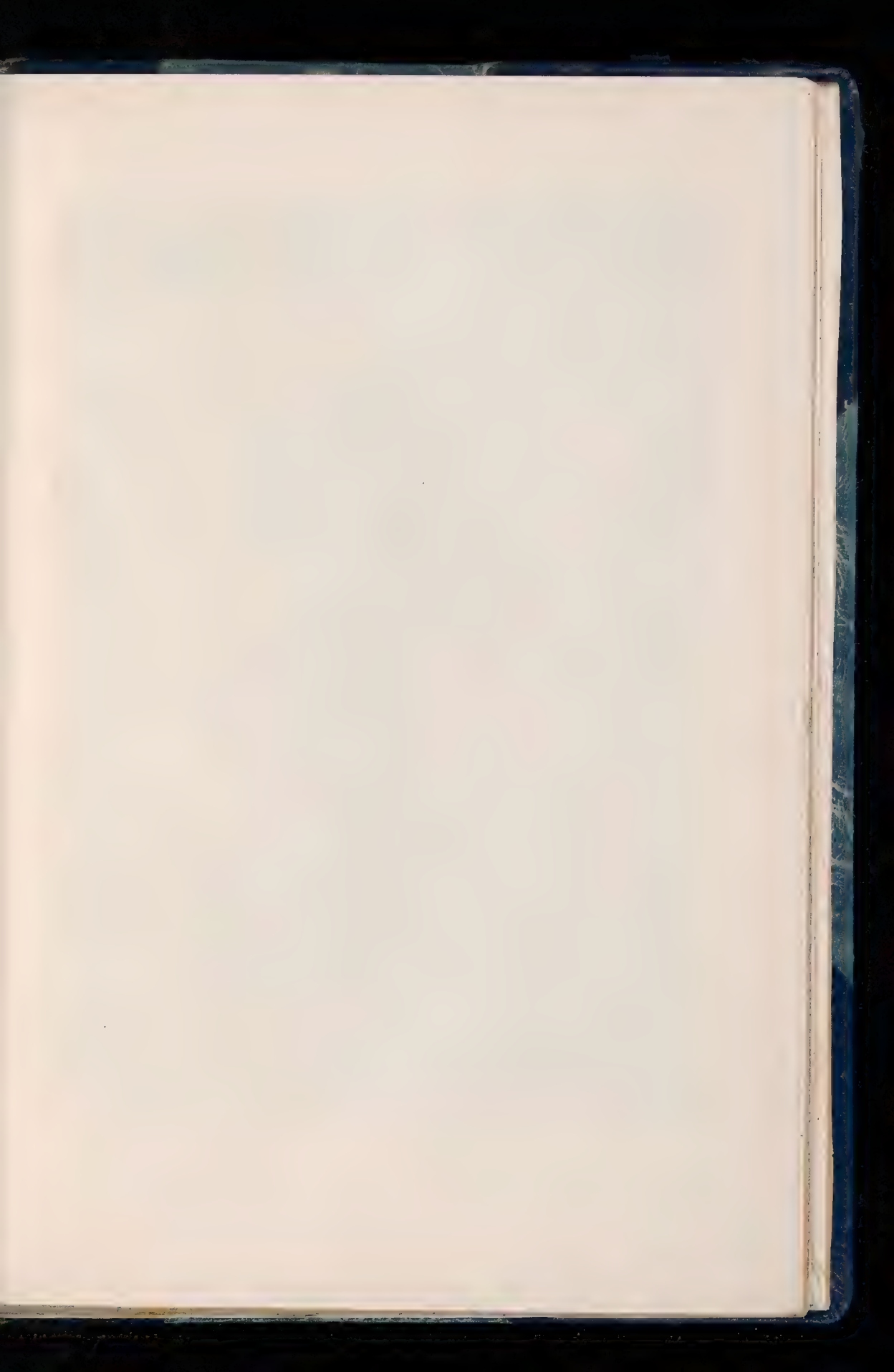
Por combinação particular entre as casas em seguida mencionadas e esta empreza, os nossos leitores poderão obter, contra a apresentação do respectivo annuncio, publicado nos **SERÔES**, um bonus de **5 por cento** sobre a importância das compras que effectuarem n'aquelles estabelecimentos:

MODAS — **Lopes de Sequeira** — Rua do Ouro, 285 a 293.

ALFAYATERIA — **Pinheiro, Sobrinho** — Rua de S. Julião, 83 a 87.

CAMISARIA — **Pitta** — Rua Augusta, 195 e 197.

ARTIGOS DE NOVIDADE — **A Phenix** — Rua do Principe, edificio do Avenida Palace.





Cliche Camacho.

CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA, NA EGREJA DE S. ROQUE, EM LISBOA



Cliché Bobone.

FRONTAL DE PRATA E LAPIZ-LAZULI

Capella de S. João Baptista

Na Igreja de S. Roque, em Lisboa

A EXPRESSÃO *estyllo D. João* vae-se vulgarizando entre nós e tomando fóros de cidade, á similhaça d'aquella outra *estyllo manuelino*, já hoje entrada definitivamente na tecnologia artistica. Se pela phrase *estyllo D. João* v se pretende determinar e classificar chronologicamente um objecto ou um monumento produzido durante o periodo em que imperou aquelle monarcha, nada ha que se opponha á sua admissão, porque corresponde a uma verdade historica. Outro tanto, porém, não succede, se com ella quizermos considerar artisticamente um producto, como tendo uma feição especial, d'uma originalidade typica, propria unicamente da evolução esthetica portugueza n'aquella época. E' innegavel que o filho de D. Pedro II procurou dar, sob todas as fórmãs, um grande impulso á civilisação portugueza, mas esse movimento realisou-se quasi exclusivamente á custa de elementos estranhos, desprezando os caseiros, ou não os aproveitando conve-

nientemente. Esses elementos não foram assimilados, não se inocularam no intimo do nosso organismo, e ao entrarem no nosso paiz não soffreram uma influencia salutarmente poderosa que lhes imprimisse um accentuado cunho de naturalisação. Phenomeno identico se deu no reinado de D. Manuel, mas n'outras condições e com resultados muito differentes. Da Hespanha, da França, das Flandres, foi importante a corrente de immigração artistica, assim como era grande o numero de especuladores de toda a sorte que vinham das diversas partes da Europa, attrahidos pela novidade e fama das nossas navegações. João de Castilho e seu irmão Diogo eram biscainhos. Da Biscaya provinha tambem Danzinho; Boytac, João de Ruão, mestre Nicolau, eram francezes. Antonio de Hollanda tinha no seu appellido patronymico a certidão de baptismo. Portugal, porém, atravessava então um periodo de actividade febril como nunca mais se repetiu. A ancia



Glicés Bořone

A EXPOSIÇÃO DO THESOURO DA CAPELLA

dos descobrimentos preocupava todos os espiritos e julgava-se que o mundo era estreita bainha para a nossa espada conquistadora. A fauna, a flora, a ethnographia dos novos climas estampava-se no nosso cerebro e dava motivos singulares de ornamentação aos architectos e esculptores. Não admira, portanto, que os artistas estrangeiros, cahindo n'este cadinho, no momento de tão palpitante effervescencia, não fundissem n'elle as suas idéas, não as vazassem em novo molde, não se dei-

tellectualidade portugueza, embora reconheça desde já que essa acção foi bastante sensivel, extendendo-se não só á cultura intellectual propriamente dita, á litteratura e ás sciencias, mas tambem, e muito especialmente, ás bellas-artes, ás artes industriaes e ás industrias. E não formulo esse juizo, porque o reputo extemporaneo, e por conseguinte falso, ou pelo menos incompleto, emquanto se não proceder a uma especie de syndicancia e inventario, formando-se quadros synopticos dos



Cliché Bobone

RELICARIOS DE PRATA DOURADA

xassem empolgar da força dominante e não transmittissem por conseguinte á sua obra o quer que seja de imperiosamente occasional, que nos surprehe e nos encanta. No reinado de João v o gosto faustoso d'um monarcha substitue-se á vida d'um povo; a seiva nacional não sóbe impetuosa nem se expande por todos os ramos da arvore e apenas o ouro do Brazil injecta uma vida artificial na estatua da opulencia.

Eu não me atrevo a sentenciar juizo definitivo sobre a resultante da acção benefica do governo de D. João v na esphera da in-

stitutos que organisou, dos monumentos que erigiu, dos estudos que favoreceu, das fabricas que creou, dos melhoramentos que introduziu ou realisou, de tudo que produziu emfim, que se destaque pelo seu caracter progressivo, utilitario ou esthetico. Essa resenha seria hoje bastante difficil de levar-se a cabo completa, porque bastantes monumentos e objectos desappareceram, destruidos principalmente pelo terramoto, como por exemplo, a Patriarchal com o seu riquissimo thesouro. A par d'este trabalho outro não menos indispensavel e complementar se deveria effectuar,



Cliche Bobone.

RELICARIOS DE PRATA DOURADA

explorando as correspondencias diplomaticas e as chancellarias, d'onde se extrahiriam as relações dos objectos encomendados no estrangeiro e os nomes dos artistas, tanto nacionaes como estranhos, que se contractaram e que receberam diversas mercês. Depois d'isso é que se faria o confronto entre o existente e o que desapareceu; procedendo-se igualmente ao exame comparativo, não só entre o que se conserva entre nós, mas com o similar da mesma época nos outros paizes e assim, e só assim, ficaria determinado se effectivamente a denominação de *estyllo D. João* v contém fundamento razoavel. Para mim, não obstante faltarem-me os subsidios apontados, mas em vista da minha limitada observação,

é fóra de duvida que alguma cousa da personalidade de D. João v se reflecte na obra do seu tempo, embora elle não fosse senão um satellite do *rei-sol* e a côrte de Lisboa uma segunda edição em formato menor da côrte de Versailles.

Uma prova evidentissima e flagrantemente demonstrativa da these que tão ligeiramente esbocei, encontrar-se-ha, sem necessidade de grande concentração de espirito ou de profunda analyse dos factos, na capella de S. João Baptista, erecta na egreja de S. Roque, d'esta cidade. Toda ella veio fabricada de Roma e com ella toda a baixella, todo o arsenal do culto e das cerimonias, incluindo as cousas mais insignificantes, como as vélas, as

lamparinas, os pavios, as vassouras, as escovas, até o vazilhame de uso mais correntio, tanto de metal como de louça. Ao examinar as listas d'esses utensilios, dir-se-hia que as artes e as industrias portuguezas marcavam zero na columna thermometrica da sua laboriosidade.

A capella de S. João Baptista é uma basilica de Mafra em miniatura, com a differença de que esta foi construida no nosso paiz, ao passo que aquella foi executada completamente em Roma. N'uma a corpulencia do gigante; n'outra o limitado das fórmãs; em ambas o mesmo caprichoso conjuncto de sumptuosidades. A capella de S. João Baptista não é uma obra anonyma; a sua época está perfeitamente determinada, sabendo-se, sem a menor omisão, o nome dos artistas e artifices que concorreram para a sua execução e acabamento. Foi o voto d'um rei e esse voto cumpriu-se com toda a exactidão e liberalidade da palavra real. Diz-se que D. João V, frequentador assiduo da egreja de S. Roque, da Companhia de Jesus, reparando na pobreza relativa da capella consagrada ao santo do seu nome, promettera mandar edificar outra, que correspondesse dignamente á sua munificencia e ao seu affecto religioso. Esta lenda não está historicamente averiguada, mas qualquer que fosse o motivo, o que é certo é que em fins de 1742 se fez a encomenda para Roma, sendo ahi nosso agente politico Manuel Pereira de Sampaio, que ainda mais que aos negocios diplomaticos, tinha de attender a mil outras minudencias a com que côrte de Lisboa tornava em excesso trabalhosa a sua missão. O plano e as linhas geraes da obra foram remettidas da nossa côrte, não se executando nada sem que esta visse primeiramente os desenhos e fizesse n'elles os reparos e observações que julgava convenientes e appropriados aos seus desejos. Um italiano e jesuita, homem de vario saber e aptidão, o padre Carbone era quem, na nossa capital, superintendia sobre os pormenores e tinha na mão os fios da meada.

A capella não se destaca, como já disse, pela grandeza das suas proporções, nem pela belleza das suas linhas geraes. De estylo classico, de columnas corinthias é sobretudo recommendavel pela riqueza dos seus materiaes e ornatos, pela perfeição das suas partes, pela harmonia do seu conjuncto, que nada perde com a variedade de cada uma das suas peças.

O sagrado recinto dir-se-hia um museu de mineralogia, mas um museu selecto, em que se exposeram apenas as pedras mais raras, mais bellas ou mais custosas, de mais seductor aspecto e colorido. O artista que lavrou e po-



P.111a.1gr.

Cliche Bobone.

UM DOS TOCHEIROS DA CAPELLA

liu estas pedras foi Rotoloni, que bem se pode dizer, sem grave impropriedade e sem grande emphase, o joalheiro da cantaria, pois o ma-

terial é dos mais finos. E assim como os paramentos de rica seda são recamados de bordados a ouro, assim a cantaria é moldurada e ornamentada de bronze dourado, em que trabalharam metallistas e ourives como Guerrini, Roza, Annibaldi, Kaiser, Giardoni, Mascelli e Arighi.

Nicolau Salvi e Luiz Vanvitelli foram os architectos que deram a traça do monumento, embora em Lisboa se fizessem modificações, ás quaes não foi extranho o celebrado architecto de Mafa Ludovice.

Os diversos trabalhos de esculptura, já em figura, já em baixo-relevo, já em festões e outros ornamentos são devidos ao cinzel de Giovannini, Corradini, Werschaffel, Bernardo Ludovice, Pietro del'Estach, Marchionni, Corsini.

O que mais naturalmente attrae a attenção do visitante são os tres quadros que adornam a capella, em mosaico, representando o do altar mór o *Baptismo de Christo pelo Santo Percursor*; o do lado do Evangelho o *Pentecoste*; o do lado da Epistola o da *Annunciação da Virgem*. Foram todos primitivamente pintados em tela por Massucci, sendo reproduzidos em mosaico por Mattia Moretti e seus companheiros na reverendissima fabrica de S. Pedro de Roma, cujo administrador era então Filippo Valerij.

Ha ainda outro mosaico, é o do pavimento, em que está inscripta, ao centro, uma esphera. Foi executado por Enrigo Enno e seus companheiros.

A duração das obras da capella foi de cerca de dez annos, pois só em 1752 é que foram contractados em Roma Domenico Bussoni, mosaicista, e Giovanni Corsini, engenheiro machinista que vieram a Lisboa collocar os dois quadros de mosaico, *Baptismo de Christo* e *Vinda do Espirito Santo* e juntamente fazer qualquer reparo que necessitasse o mosaico da *Annunciação* e o pavimento. A capella, porém, tinha já vindo para Lisboa em 1747, estando promptos os alicerces em dezembro. Entre os artistas encarregados de a montarem conta-se o celebrado escultor Giusti, que ficou em Portugal.

D. João v não logrou vêr completa a sua obra nem pode, com a sua presença, dar toda a pompa á inauguração, se com effeito esta se realisou com grande sollemnidade.

O thesouro completa admiravelmente a obra da capella e corresponde á sua magnificencia, senão a excede. E convem notar que elle já não se apresenta hoje na integridade primitiva, faltando-lhe na parte metallica algumas peças de grande importancia, como a custodia e a pixide de ouro, a cruz processio-

nal, 4 relicarios de prata branca semelhantes aos de prata dourada, que ainda existem, uma banquetta de 30 castiças, etc. O que sobrenadou ao naufragio, graças a Deus e a S. João Baptista, ainda é de excepcional valor e bem merece o nome de thesouro pelas preciosidades que encerra, como se pode verificar nas estampas que apresentam o conjunto da sua exposição.

Reproduzem-se aqui tambem alguns dos objectos, a principiar pelo frontal, que só serve no festa do Orago.

E' de prata e lapiz-lazuli. No centro um baixo relevo representando o passo do Apocalypse — o *Cordeiro adorado pelos anciãos*. Moldura de grandes ramagens de prata branca sobre prata dourada. De um e outro lado dous anjos de prata, de tamanho natural, sustentando o friso de prata. Altura 1^m,12; comprimento 2^m,30. Peso bruto 322:650 grammas. O assumpto principal foi modelado pelo escultor Agostino Corsini; os dos anjos lateraes são do escultor Bernardino Ludovice.

Os quatro relicarios de prata dourada contém reliquias de S. Prospero, S. Valentim, Santo Urbano e S. Felix. Dous tem de altura 86 centimetros e os outros 81. Affectam quasi todos a mesma fórma ricamente ornamentada com episodios das vidas dos respectivos santos e outros assumptos. São obra do ourives Carlo Guarnieri.

O tocheiro, de 2 metros e 85 centimetros, quasi se poderia erigir como pequeno monumento em praça publica. Em fórma de piramide triangular, é ricamente ornamentado com figuras, festões, etc.

Todos estes productos da ourivesaria romana, tão magnificamente cinzelados e trabalhados, honram sobremaneira os artistas que os executaram. Não são d'uma época nem d'um estylo dos mais apreciaveis; mas se perdem na elegancia e singeleza das linhas geraes, se peccam pelo excesso do adorno, compensam estes defeitos pela correcção do desenho, pelo bem acabado, e por outras qualidades não menos recommendaveis.

Os paramentos, de todas as côres, não desdizem da baixella. São de seda, primorosamente bordados. A rouparia branca, ornada de finissimas rendas, faz principalmente o pasmo dos olhos femininos.

Se a magnificencia, revestindo as fórmas da arte, se impõe á admiração e reconhecimento da posteridade, por certo que o busto de D. João v, personificando essa magnificencia, pôde e deve campear condignamente no meio das preciosidades que constituem o thesouro da capella do Santo Precursor.



VISTA DA CIDADE DE PONTA DELGADA

As Furnas e as Sete Cidades

Valles pittorescos da Ilha de S. Miguel, nos Açores

As mesmas rabidas coleras volcanicas que fizeram surgir do fundo mysterioso do oceano a ilha de S. Miguel, erguendo a pique as suas costas de escoria negra, cava-ram-lhe tambem, quasi nas duas extremidades do dorso accidentado, os famosos valles chamados das Furnas e das Sete Cidades, cuja maravilhosa graça natural conquistou de ha muito tão extensa reputação. O mesmo fogo, que por toda a ilha cortou ravinas á superficie e furou algares subterraneos, abriu igualmente, entre as fendas dos montes, esses deliciosos valles, para mostrar que a sua força criadora era capaz de produzir o flagrante contraste de tão admiraveis expressões de imperecível belleza ao lado do proprio espectáculo cruel das suas catastrophes mais violentas.

Um e outro dos dois valles são situados, effectivamente, no fundo de crateras extinctas, rodeados por cintos de montanhas, que se encastellam umas sobre as outras, todas cobertas por um manto de vegetação ridente e luxuriosa. É das suas cumieiras, dos altos cimos d'esses montes, tanto nas Furnas como nas Sete Cidades, o quadro que se desenrola á vista, com todos os ricos matizes

de finos perfumes, é por tal forma inesperado e surpreendente que, nas Furnas nem os encantadores valles montuosos do Tyrol o excedem, e nas Sete Cidades nem os soberbos lagos da Suissa o ultrapassam. Sobejam os depoimentos entusiasticos dos forasteiros que tiveram a fortuna de contemplar uma vez qualquer das duas incomparaveis estancias michaelenses, porque todos conservaram archivada na sua memoria essa visão extraordinaria e viverão por muito tempo a deliciosa impressão da esthesia do momento delicioso em que a aperceberam na sua ra-

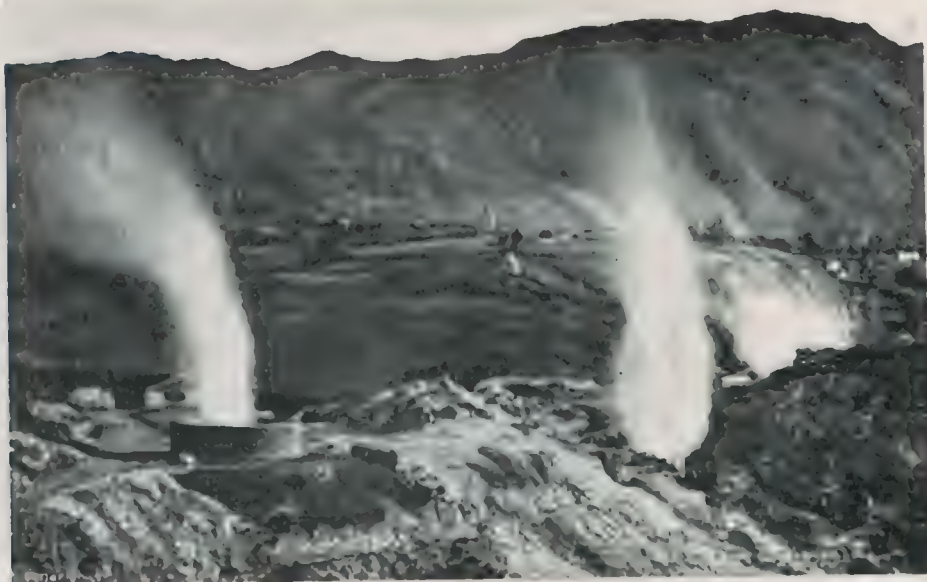


A CAMINHO DAS SETE CIDADES — LOMBA DA CRUZ

diosa suavidade. Nas Furnas são as linhas de prata da agua, que correm pelas vertentes



LAGOA NO VALLE DAS SETE CIDADES



CALDEIRAS DAS FURNAS

abaixo cantando entre os choupos, e vão reunir-se á ribeira que atravessa a povoação; é esta com as suas graciosas casas brancas, os seus bellos chalets, os seus jardins magníficos, a primorosa ermida gothica de José de Canto, destacando nupcialmente entre o verde da vegetação os claros da sua cantaria; são os pittorescos serrados de pujante cultura, divididos entre si por opulentas moitas de hydrangeas, com cachos de flores azul celeste ou côr de carne de mulher; são as suas estranhas caldeiras, semelhantes aos geyzers da Islandia.

A pequena aldeia, com as suas casitas disseminadas por entre as verduras do vigoroso arvoredado e os fios titubeantes dos variados cursos de agua, é alegre e buliçosa, orientalmente chromada, tresscalante de aromas, parecendo collocada no meio de um verdadeiro jardim botânico. Aqui são amplas manchas que as grandes folhas dos inhames põem no solo; além as essencias das proveniências mais diversas e distantes crescendo victoriosamente como se fosse na patria nativa; ali as Palmeiras raras e os Fetos arborescentes ou um lençol de elegantes Gramineas; acolá os canteiros de flôres dos tropicos gritando na vivacidade insolente do seu colorido, já amaciada com tudo pela doçura do clima e pelo intimo convivio com as plantas das regiões temperadas.

Mas, a par d'esse formoso espectáculo, tão perennemente impregnado da serenidade magestosa da Natureza, subsistem os signacs da actividade vulcanica, ainda não extincta de todo. O bello lago das Furnas é alimentado



EGREJA DE JOSÉ DO CANTO, NAS FURNAS

Potamogeton, e nas differentes especies animaes que se afizeram ao meio desfavoravel. O solo, de onde se elevam columnas de vapor, é formado de pomes desagregado, semeado por toda a parte de crystaes de enxofre, e agitado por um tremor e perpetuo rugido subterraneo. As seis caldeiras que ha no valle, cheias de aguas mineralisadas, cujas propriedades therapeuticas são celebres, fervem constantemente durante o dia e a noite, erguendo ao ar os seus penachos de fumo esbranquiçado. Uma d'ellas, a de Pedro Botelho, é um verdadeiro vulcão de lama, que chofra para todos os lados a distancia de mais de um metro, no meio de roncões soturnos, que se repercutem nos rochedos sombrios que a rodeiam. O chão e o ar conservam-se mornos. Um trecho de jardim é como um cemiterio: é uma mopheta em que não vingam mais rustica planta e em que os passaros caem mortos, envenenados pelas emanções deleterias.

O assombro causado pelo contraste de semelhante decoração domina invencivel-



CASA E JARDIM DO MARQUEZ DA PRAIA, NAS FURNAS

por uma ribeira de agua quente e as bolhas de gaz atravessam ininterruptamente as suas



PONTA DELGADA—PALACETE DO CONDE JACOME CORREIA, ONDE SÃO HOSPEDADOS OS REIS DE PORTUGAL

mente o espirito, e a intensidade da sua absorvente suggestão não esmorece durante muitas horas.

Mais lindo ainda do que o das Furnas é, porém, o valle das Sete Cidades, situado quasi no extremo occidental da ilha, e certamente a sua perola mais preciosa. As cumieiras que o circundam teem uma altitude de 844 metros. No alto, passada a zona das pastagens, a encosta coberta de Calluna e de Musgos apresenta um aspecto monotonno e frio; mas, depois da lenta ascensão, e attingida a ultima crista alpestre, quando os olhos avistam lá em baixo a maravilhosa lagoa; esmeraldina de um lado pelo reflexo azul do céu e verde do outro devido ao espesso arvoredo que se revê no limpido espelho da sua superficie mais estreita, que extraordinaria impressão! Desce-se então, no empolgamento do mais delicioso pasmo, por entre fileiras de Pinheiros e de Cryptomerias, que erguem, em toda a volta do sinuoso atalho que vem ter ao valle, o seu soberbo porte.

O lago tem uma extensão de mais de quatro kilometros, e uma profundidade que, n'alguns pontos, chega a ser de quasi trinta

metros. Junto d'elle ha um esplendido bosque de Araucarias, Rhododendros, Camélias e Azaleas gigantescas, cujos ultimos massifos se debruçam sobre um vasto charco coberto de Nenuphares. Mais adeante fica, por sua vez, a graciosa povoação, dominada pela sua branca e piedosa igreja. E tudo isto se acha acantonado entre as paredes do antigo vulcão, respirando uma paz calma e amoravel, que só é interrompida pelo coaxar rythmico das rãs, que são quem unicamente se permite quebrar o silencio mystico que rodeia aquella hieratica natureza.

No fundo da caldeira perde-se a noção do resto do mundo. E' preciso voltar lá acima para a recuperar. A alma envolve-se n'uma suave tristeza, apesar da alegria pagã das arvores e das duas frescas lagoas, que dir-se-hia até que riem sob os beijos luminosos do sol e aos abraços carinhosos das sombras da vegetação das margens. Mas, a tristeza possui um condão de inenarravel graça, que lhe vem do mysterio, e que no meio d'aquelle panorama de sonho ainda mais se afina e idealisa.

A propria origem das Sete Cidades, cujos lagos são os mais antigamente formados dos

Açores, enubla-se poeticamente na trama da lenda. Dizem os ingenuos chronistas antigos que foi no intervallo entre a primeira e a segunda viagem dos descobridores portuguezes que a cratera se abriu no logar de um alto pico que até lhes servira para demarcar a ilha, que, por tal motivo, lhes custou a reconhecer no regresso. E não proviria a denominação dada a encantadora estancia michaelense, porventura, da lembrança da tradição celtica da ilha das Sete Cidades, que tão viva floriu no periodo medieval!

As Furnas e as Sete Cidades são, emfim,

dois trechos de paysagem admiravel, em que a natureza açoriana, por toda a parte prodiga e radiosa, particularmente se aprimorou com requintes de desusada gentileza, e que não encontram facilmente, em qualquer outro sitio da terra, outros que com elles rivalisem. Para os poder comprehender e amar como elles merecem, porém, é preciso vel-os primeiro e deixar embeber o espirito na sua deliciosa e impressionante contemplação, porque a palavra, como o desenho, são impotentes para dar uma idéa, ainda que longinqua, da sua belleza immortal.

ARMANDO DA SILVA.



EM JULHO — NA EIRA



Nas garras d'um tigre

Aventura authentica
na India

DEVE-
RIA
ter
sidouma terri-
vel aventura, essa
que contam, do tigre,
sucedida consigo, meu caro Barrett?

— Terrível, na verdade, foi a sua curta resposta; e as feições de Barrett denunciaram uma expressão inquieta. Aquelle laconismo significava ser-lhe em extremo desagradavel o assumpto.

Estavamos sentados, Tom Barrett e eu, junto d'uma das pequenas mezas redondas, depois do jantar, á tarde, no Grande Hotel Oriental, em Calcutta. O rapaz a quem me dirigia, ainda na flôr da idade, tinha já os cabelos brancos como a neve, em accentuado contraste com a frescura da sua physionomia. Eramos ambos cultivadores de chá, havia alguns annos; mas nunca nos tinhamos encontrado. As nossas plantações estavam distantes, ainda que no mesmo districto de Nowgong, em Assam. Barrett, o *homem do tigre*, como era sempre alcunhado, voltava agora para a sua plantação, depois de uma licença gosada em Inglaterra.

Passámos juntos uma semana; e, por sympathia reciproca, estreitamos relações n'aquelle curto periodo. Movido pelo grande desejo de ouvir uma das aventuras mais nomeadas e authenticas da India, contada pela propria bocca do protagonista, enchi-me de animo e disse-lhe:

— Barrett, se não é impertinencia da minha parte, peço-lhe que me conte a sua celebrada aventura. Já a tenho ouvido em muitas versões diferentes.

Depois de uma pausa disse-me:

— Vou contar-lh'a, meu amigo, apesar de me esquivar quanto possivel á repetição d'essa

historia, pela principal razão de que a narrativa do meu caso desperta quasi sempre signaes de incredulidade ou de dissimulado gracejo aos meus ouvintes. E ainda porque a lembrança d'ella, apesar de ter succedido já ha annos, traz-me sempre crueis recordações; contudo, o senhor sabe, ha homens ainda vivos, que foram tambem testemunhas da aventura, ou me viram logo depois da minha afflictiva situação.

Uma tarde o moço Radcliffe e eu voltavamos a cavallo para casa da estação B..., onde fomos para negocios urgentes; e, de passagem resolvemos visitar na plantação contigua o nosso commum amigo e administrador Jack Williamson. Encontramol-o com uma ponta de febre, e, para lhe fazer companhia, e porque já era tarde, acceitámos o convite que elle nos fez, de ficar a jantar e pernoitar em sua casa. Tomando whisky e soda na varanda do *bungalow* antes do jantar, o nosso hospedeiro informou-nos:

— Sabem, amigos, que esta noite tive aqui uma aventura! O meu guarda foi arrebatado d'esta varanda pelas dez horas da noite por um tigre, justamente quando me tinha recolhido á cama. Os gritos de afflicção do pobre homem levaram-me a sair ao terraço com a carabina; mas a fera tinha desaparecido na escuridão e não mais pude pôr-lhe a vista em cima. O exame das pégadas mostrou-me esta manhã que devia ser monstruoso. Aconteceu que foi passar quasi perto do alinhamento das barracas dos coolies, lá em baixo, e aos gritos do pobre guarda, que era levado pela fera, reuniram-se alguns coolies carregadores, que, com torchas, bambus e paus, deram-lhe caça e fizeram com que o tigre largasse a victima, deixando o pobre rapaz terrivelmente ferido, no entanto ainda vivo. Esforçou-se em penar até esta manhã e depois morreu.

— Olá Jack, interrompi; que qualidade de armas de fogo tens?

— Para quê? Suppões que o tigre seja tão atrevido que volte aqui outra vez, depois de ter sido batido pelos coolies esta noite?

— Certamente que sim — foi a minha resposta ao nosso hospedeiro — elle ha de voltar á busca da preza que lhe fálhou hontem.

— Pois bem; temos ahí uma carabina de caça Snider, uma da associação do governo e outra D. B. de 12, com munições para todas.

Foram devidamente distribuidas, e arranjou-se tudo para depois do jantar esperar pelo nosso amigo, sequioso de sangue. Pelas dez horas o nosso hospedeiro lembrou-nos que era tempo de cada um tomar a posição que lhe estava destinada. Williamson e Radcliffe na varanda da frente, no fim de cada um dos lados; e eu nas costas do *bungalow*.

Todas as luzes apagadas, excepto uma no quarto do centro, e essa mesma diminuida. Devo recordar-lhe que muitos dos *bungalows* n'aquelle tempo eram construidos sobre pilastras de pouca altura, chamados *betis*, de dois a tres pés apenas e não como agora, de seis e mais pés da parte de fóra. Passaram as dez horas, as onze, e nada de tigre. «Isto vac-se tor-

nando monoton», disse comigo; «comtudo ainda espero meia hora, e depois irei vêr o que os outros companheiros estão fazendo.» Não tenho engenho para abrilhantar descripções; portanto só lhe direi que passada a meia hora o tigre chegou! Eu tinha perdido a esperança de receber aquella visita nocturna, por isso encostára a minha carabina á parede e estendera casualmente o braço para fóra da esquina da parede da varanda corrida, quando repentinamente sinto o meu pulso nas fauces do tigre! Deveria estar a curta distancia quando pousei a carabina, e chegando subtilmente como costumam, n'aquelle mesmo instante me agarrou. O que poderia fazer! Era inutil lutar com tão gigantesco animal. A dôr que soffri foi cruciante. Os seus grandes e finos incisivos enterraram-se na carne do meu pulso até aos ossos.

— Olhe para aqui, dizia-me Barrett, mos-

trando a mão esquerda e o pulso onde estavam bem visiveis as profundas cicatrizes das feridas produzidas pelos dentes do tigre.

— Como deveria ter soffrido! exclamei.

— Não se póde negar que muito, mas não foi nada para o que se seguiu. Vendo ser inutil a resistencia, cedi ao empuchão do animal, que procurava levar a sua presa, e caminhei tão vagarosamente quanto possivel ao lado do tigre. Concluindo que da mais leve resistencia me resultaria morte instantanea, dilacerado pelas terriveis garras da enorme fera, sujeitei-me a este extranho passeio, levando-o a meu lado, e com o pulso nas guellas do tigre.

No momento em que a fera me seggrou, gritei para os meus companheiros: — O tigre agarrou-me, acudam-me! Parece que elles tambem se haviam cansado de esperar e es-

tavam dormitando nas compridas cadeiras de verga, com as espingardas ao lado. Comtudo ao meu grito de soccorro levantaram-se surprezos e fugiram para o *bungalow* instinctivamente, fechando as portas e ficando por momentos paralyzados de pavor. Entretanto eu ia andando ao lado do tigre, e cada passo causava-me agonias horriveis, com os dentes do bruto rangendo e deslocando os ossos do



Caminhei ao lado do tigre...

pulso. O animal arrastava-me e eu ia caminhando assim talvez uns cincoenta metros, quando se aproximou do *nullah*, calleira de riacho secco, que formava limite entre o *bungalow* e as matas de chá do outro lado. N'um relancear, na aguda e lucida comprehensão do perigo, conclui que se o monstro me levasse para aquelle *nullah* estava irremediavelmente perdido. Dei um grito de despedaçar o coração: — Por amor de Deus, rapazes venham salvar-me! Radcliffe ouviu-me, recobrou animo, comprehendeu rapido, e sem um momento de hesitação sahiu pela porta fóra, com a carabina na mão, na qual pelos modos tinha armado a bayoneta e veiu em meu soccorro. O tigre havia-me então trazido já para a margem do *nullah*, e eu sabendo que ia ter proximo auxilio, porque Radcliffe tinha-me gritado: — Coragem, espera, ahí vou, — recuei tanto quanto me permitiam as forças e as dôres que estava

soffrendo. O tigre voltou-se deliberadamente, olhando-me de cara, levantando-se sobre as



...collocou as patas da frente sobre os meus hombros...

patas trazeiras, collocou as suas immensas patas da frente, sobre os meus hombros, mas sem nunca me deixar o pulso! Poderci descrever as afflicções de espirito e de corpo que soffri n'aquelle supremo momento? Graças a Deus, duraram apenas segundos, mas pareceram-me uma eternidade. Empreguei toda a minha força — e sou como vê bastante reforçado — reuni toda a energia dos nervos e dos musculos para amparar a grande pressão d'aquelle pesado animal, com uma perna para traz a servir de esteio, e esperando a todo o momento ser derrubado pelo peso e pela força do tigre.

Subito um passageiro clarão passou-me pelos olhos; e o tigre cahiu para traz, abrindo felizmente as guellas na queda. — Fuja, fuja! gritou-me Radcliffe — Não perdi um instante para fazer o melhor uso das minhas pernas, mas estava fraco com a dôr soffrida e perda de sangue. Radcliffe chegou á porta do *bungalow* uns segundos antes de mim. O tigre entretanto recobrára vigor, levantára-se, e mais uma vez me perseguia! Quando puz o pé no degráu fui arremessado até ao quarto do cen-

tro tendo-se aberto com o meu pezo a pequena cancella. O tigre impellira-me com o proprio salto que formára raivoso, n'um impeto supremo e veio cahir ao travez e por cima do meu corpo, mas finalmente morto.

Vê esta marca na minha face? continuou Barrett que fizera uma pausa na sua narrativa visivelmente commovido, mostrando-me uma cicatriz vermelha de dois centímetros de comprimento. Foi um rasgão feito na carne por uma das garras do tigre, quando se levantou e pôz as patas sobre os meus hombros. Radcliffe teve grande difficuldade — porque a lua apenas começava a apparecer — em me differenciar do tigre, e foi só muito perto de mim que apontou a carabina por sobre os meus hombros, disparou e quasi simultaneamente n'uma estocada energica cravava a bayoneta no peito do monstro. Assim me salvou a vida.

Resta-me dizer-lhe que levei muitos mezes para me curar e ficar soffrivelmente bom para andar. Parecia que tinha o sangue envenenado, e fui levado de casa para bordo logo que estive em estado de me mecher. Em Madras, o capitão do navio, aconselhou-me a ir para terra e acabar pacificamente os meus dias no hospital, tanto lhe parecia que eu era mais um moribundo do que um passageiro. Tomára, porém, passagem para a minha terra, e tencionava chegar lá, se podesse. Depois de passar Colombo experimentei grandes e rapidas melhoras e estou agora, como vê um pouco abatido ainda, mas sempre proseguindo nas



Veio cahir por sobre o meu corpo...

minhas antigas visitas a este paiz encantador, apesar das feras.





MOÇAMBIQUE — O EDIFÍCIO DA ALFANDEGA

De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO IV

**Moçambique — O porto — A ilha — A cidade — O continente
As Cabaceiras — O Mossuril** *(Continuação)*

Os edificios publicos de Moçambique teem, em geral, a necessaria decencia e capacidade. A secretaria do governo é que está peor alojada, desde que foi transferida do palacio para um predio arrendado, junto do edificio da alfandega.

Este edificio teve principios modestos e comparativamente recentes. Até o primeiro quartel do seculo XVIII, a administração fazendaria não reconheceu a necessidade d'uma casa fiscal, porque mandava cobrar os direitos a bordo dos navios; só em 1729 se construíram uns barracões para serviço aduaneiro, e em 1791 foram esses barracões demolidos e substituídos pela actual alfandega, que, todavia, pouco ou nada conserva da sua construção primitiva, por ter sido muitas vezes modificada, ampliada e transformada, até adquirir as vastas proporções, as amplas dependencias, a solidez e o aceio que hoje a distinguem. Conserva, todavia, sobre a porta uma lapide, que recorda o nome do seu fundador, Antonio Manoel Castro, um dos melhores capitães-generaes que teve a provincia.

A repartição de fazenda provincial veio a ser herdeira da Companhia de Jesus. Os padres tinham fóra do collegio de S. Francisco Xavier um edificio, em que davam hospedagem aos seus numerosos confrades, que apor-

tavam a Moçambique em caminho para o Oriente, e esta casa, quando os bens da Companhia entraram na posse do Estado, continuou a servir de hospedaria a personagens officiaes, depois foi destinada para a repartição da ouvidoria e por ultimo para a junta de fazenda. Soffreu, porém, tão radical transformação que ninguem lhe reconheceria a remota origem sob a sua apparencia moderna e acasquilhada. Aloja igualmente a repartição de fazenda do concelho, e o seu pavimento terreo é occupado pela imprensa nacional.

Tambem as ordens religiosas prepararam as actuaes installações da direcção das obras publicas e da repartição de agrimensura e minas. No espaçoso terreno que ellas cobrem erigiram os frades de S. Domingos um convento e uma igreja, depois que a sua primeira casa foi destruida pelos hollandezes, e esse convento ainda hoje está de pé, tendo servido para escola, para quartel e para asylo, antes d'ir parar ás mãos dos engenheiros, que o modernisaram. A igreja foi deitada abaixo ahi por 1854 ou 1855, e na demolição sumiram-se as ossadas e as campas d'alguns homens conspícuos, a quem os dominicanos haviam offerecido o derradeiro asylo, sendo um d'elles o poeta brasileiro Thomaz Antonio Gonzaga, que as intolerancias politicas deportaram para

Moçambique, e que lá acabou as suas maguas e saudades em 1801.

N'uma parte do edificio está levantado um padrão dos desacertos e das incoherencias da administração provincial moderna, que, de resto, não envergonha a antiga. Um governador, querendo emancipar a fazenda da tyrannia usuraria dos padeiros, que se combinavam para vender pão ao Estado pelo preço dos bolos de ovos, deliberou montar uma padaria, que fornecesse a tropa, a estação naval, os estabelecimentos officiaes, e montal-a com todos os progressos e todos os aperfeiçoamentos que a mechanica tem introduzido na



MOÇAMBIQUE - REPARTIÇÃO DE FAZENDA

industria da panificação. Preparou-se uma casa para o estabelecimento, vieram do estrangeiro amassadores, fornos, engenhosos aparelhos, que foram installados com enorme despeza, mas... a padaria, nunca funcionou e lá está em perfeito estado de virgindade. Não funcionou, porque? Segundo dizem, porque ninguem se entendeu com os seus mecanismos. Foram experimentados uma vez, e o forno reduziu o pão a torresmos. Os praguentos accrescentam, porém, que se inutilisaram tanto gasto e tanto trabalho por suggestão de interesses particulares.

Nas salas occupadas pela repartição de minas installou o antigo commissariado um pequeno museu mineralogico.

Os correios dispõem hoje d'uma modesta casa, ageitada ao serviço, com seus *guichets* exteriores, que ha dois annos foi construida em frente da entrada do arsenal, na orla d'uma praça, sobre cujo terreno existia a velha sé matriz, que em 1885 foi apeada, antes que desabasse.

N'esta egreja tinham encontrado sepultura muitos altos funcionarios da provincia, e não poucos do Estado da India, que falleceram quando em Moçambique aguardavam monção para voltar ao reino ou atravessar o mar indico. Diz-se que jaziam lá, pelo menos, dois vice-reis da India, dezeseis capitães generaes de Moçambique, e o prelado da diocese, bispo de S. Thomé, D. Frei Bartholomeu dos Martyres; mas as suas lousas já haviam sido levantadas quando se fez a demolição. Uma d'essas personagens era o capitão-general João Manoel de Mello, que se suicidou em 1758, atravessando-se com a propria espada,

por motivos que hão de parecer extravagantes aos politicos do nosso tempo. Tendo encontrado os cofres publicos exhaustos e não podendo satisfazer os encargos da administração, esmoreceu, enlouqueceu, e imaginou resolver a crise fazendaria acabando com a vida, vinte e um dias depois de tomar posse do governo. A sua campa ainda existe, com um epitaphio que diz humildemente: *Aqui jaz João Manoel de Mello peccador. Pelo amor d' Deus P.º um P. N.º e Ave M.ª por sua alma.* Sobre este memorial do triste louco batem roupa as lavadeiras pretas d'um poço da cidade!

A prelazia gosa as brisas frescas da contra-costa, n'uma casa que ainda se denomina do *Bispo*, porque a comprou o bispo de S. Thomé, em 1821, para sua residencia e dos seus successores. Hoje pertence á fazenda. Por incompleta não tem largueza para accommodar ao mesmo tempo a familia do prelado e as repartições e archivo da camara ecclesiastica. A sala de recepção official tem de servir tambem de sala particular de visitas, misturando-se na sua decoração o sagrado com o profano, o solio prelaticio com os sophás de conversação. Ainda assim é menos mesquinha do que os honorarios — 2 contos de réis, — da primeira auctoridade religiosa da provincia!

Os prelados tinham d'antes uns paços, chamados *de verão*, junto do forte de Santo Antonio, tambem na contra-costa, mas só quasi resta d'elles a memoria.

A justiça não se queixa dos alojamentos, que lhe deram, n'uma casa do Largo da Sé, porque se acostumou em Portugal a viver

em espeluncas; e estando mal accommodados os juizes e os escravos, muito exigentes seriam os criminosos se reparassem que faltam largueza e condições hygienicas á cadeia.

A casa da camara é espaçosa, mas mal tratada. Foi construida em 1781, vinte annos depois da elevação de Moçambique á categoria de villa, por mercê de D. Maria I, e antes da sua promoção a cidade, em 1818.

As tropas—batalhão de caçadores n.º 1,—têm quartéis na fortaleza de S. Sebastião, que também serve de deposito de degredados.

Essa fortaleza é o brazão nobiliarchico da ilha e da provincia. O seu vulto colossal e denegrido, erecto sobre asperos rochedos, sobranceiro ao mar, mostrando peças pelos recortes das canhoneiras como um tigre mostra os dentes, tem altivo porte de velho guerreiro, magestade de força, solemnidade de grandeza. Impõe, assoberba. Faz pensar que lhe bastaria desabar para fechar o porto; que, se a guarnecessem modernos armamentos, seria inexpugnável; que, construida ha tres seculos com pedras carregadas da India ou da Europa, é um monumento heroico do esforço, da decisão, do poder e da riqueza, com que Portugal d'outras éras se apostara para defender e guardar o mundo, que descobrira e conquistara. Como o portuguez d'hoje se sente apoucado ao pé d'aquella memoria gigante d'uma epopeia acabada em deshonras!

A formidavel mole é formada por quatro alterosos baluartes ligados por cortinas, dois voltados contra o mar e dois contra a ilha, e duas baterias razantes, mais modernas, exteriores aos baluartes de *Nossa Senhora de S. João*, medindo o perimetro total d'estas obras setecentos e oitenta metros. Penetra-se n'ella por uma larga porta, relativamente nova, porque foi aberta em 1712,—*sem despeza alguma para a fazenda*, diz uma lapida que a encima,—da qual corre uma couraça para o angulo do baluarte de *S. Gabriel*; e uma rampa flanqueada por altos muros leva á praça d'armas, enorme terreiro fechado por construcções, que servem de casernas á tropa, de prisões aos degredados, de arrecadações e depositos á propria fortaleza. N'esse terrelro, suavizando o torvo aspecto que lhe dão as grades das masmorras, a que se collam negros rostos patibulares de

olhos sanguineos, debicam e esvoaçam bandos de pombos, symbolo de paz domiciliados na estancia de guerra, que n'ella gozam de tantas regalias e imunidades que ainda ha pouco o Estado abonava um subsidio annual para seu sustento. Atreva-se alguem a maltratar-os, ou sequer a espantal-os! Não, que em tempos um degredado, que com uma pedrada partiu uma perna a uma d'essas avesinhas, recebeu cem varadas por ordem do governador, mais misericordioso para pombos do que para homens. A tradição d'este castigo fez lei, e, confiados n'ella, os pombos brejeiros vão arrulhar ternuras para cima das severas peças seculares, e as timidas pombas pousam nos hombros dos assassinos!

Da praça d'armas sobe-se por escadas e rampas para as vastas plataformas das baterias, que já estiveram artilhadas com cem canhões, dos quaes ainda restam muitos de proporções avantajadas, quasi todos montados em picadeiros, que para nada servem, e alguns, sobre reparos de madeira, que só pres-



MOÇAMBIQUE CASA DA CAMARA

tam para salvar. Entre este velho armamento ha peças notaveis pelo seu valor, como sejam um *camello* de quasi tres metros e meio de comprimento, que jogava pelouros de pedra de 28 centímetros, todo ornamentado com medalhões, carrancas, escudos e uma figura em meio relevo de Hercules armado de clava, cujo symbolismo pagão não diz com a legenda: PARA OS IMIGROS DA FE; uma colubrina de perto de 4 metros de comprimento e apenas 14 centímetros de bocca, com azas em forma de golfinhos, rendilhados na garganta e junto da scotia da bolada, um escu-

do amparado por figuras mythologico-phantasistas, folhagens no cascavel e no botão da culatra, e uma inscripção que perpetúa o nome do fundidor, um tal *Kyliaaus Wegurast*, e a data da fundição, 1640; e outra colubrina de igual calibre, não menos ornamentada, cujo botão da culatra figura uma mão fazendo uma figa, como o do falconete do patim do palácio de S. Paulo, tendo gravado o nome do governador da Índia Antonio Telles de Menezes, e a era de 1640. Também existem dois obuses, com golfinhos por azas, um dos quaes foi fabricado em Lisboa, em 1774, por Manoel da Costa.

Misturadas com officinas e arrecadações militares ha, em volta da praça de armas ou sobre as platafórmãs das cortinas e dos baluartes, casas espaçosas onde hoje reside o governador da praça e d'antes habitaram os capitães-móres de Moçambique, outras menos soberbas para o ajudante e mais funcionarios militares, e algumas d'ellas têm jardins arborizados, onde, á força de cuidados e mercê das virações frescas que n'aquella altura sopram, amadurecem figos e não se queimam uvas, resguardando-as as parras. A fortaleza é o logar mais saudavel de toda a ilha: ninguém lá aspira ar mais puro do que as peças que abrem as boccas fóra das suas muralhas. Também d'essas muralhas se dilata a vista por um horisonte que só a propria vista limita, e por isso se montou n'ellas o posto semaphorico, que avisa a cidade, com balões e bandeiras, do que se passa no mar, e dá signal ás baterias para saudarem os navios que entram com um ou dois tiros de peça.

Destinada para resistir a cêrcos e, sendo preciso, para abrigar dentro de seus muros a população da ilha, a fortaleza foi dotada com tres grandes cisternas, fechadas e abobadadas, que têm fama de guardar nos seus bôjos a melhor sae de Moçambique, talvez por serem bem vedadas e andarem sempre limpas e caiadas. Da maior declara-se, n'um letreiro collocado sobre a sua porta, pouco legível hoje, que foi acabada no anno de 1605 e que póde levar 19:523 pipas d'agua. Juntas todas, devem abastecer a guarnição normal da fortaleza durante dois annos; todavia, como d'ellas sae muita agua para fóra, cada anno se despejam, e põe-lhe o fundo a descoberto qualquer consumo extraordinario, como foi o do corpo expedicionario a Moçambique, em principios de 1891. N'esse anno, como as chuvas tardassem, chegou a faltar agua na fortaleza e em toda a cidade.

Fóra das muralhas, sobre um alto rochedo a cavalleiro do mar, levantou-se uma ermida, cujos muros exteriores estão sempre caiados

a primor, para que a sua alvura sirva de marca aos navios que demandam o porto. Chama-se de Nossa Senhora do Baluarte, e d'ella diz Frei João dos Santos que deveu o titulo «por «respeito de ser a mesma egreja antigamente «um baluarte, onde estava a artilheria, para «defender a barra, antes que se fizesse a fortaleza». E' abobadada e artezoadá, de acanhadas dimensões, e antecede-a um peristyllo de mais recente fabrico. No seu unico altar adora-se a Virgem, e ao lado d'ella guardava-se o antigo bastão, insignia do governo, de marfim acastoadado de ouro, que modernamente levou sumiço. Os governadores ainda agora vão orar, em seguida ao acto de posse, n'esse modesto mas reverencioso templo, onde alguns dos seus antepassados tiveram sepulturas e outros desfogaram em lagrimas lutos do coração. O seu pavimento é lageado de campas, e nas inscripções lêem-se os nomes dos capitães Fernão Martins Freire de Andrade (1564) e Bernardo Teixeira (1726), dos governadores Correia de Lacerda (1868), Fernando da Costa Leal (1869) e Coelho do Amaral (1873), d'um vice-rei da Índia, o conde da Louzã D. João de Lencastre (1765), d'outro vice-rei, Ruy Lourenço de Tavora, que morreu em viagem para Gôa (1576), do primeiro bispo do Japão, o jesuita Sebastião de Moraes (1588), d'um Clemente de Sá Correia, a quem uma piedade poetica compoz um epitaphio em fórma de acrostico; e ao lado d'estas commemorações de militares e sacerdotes que caíram no seu posto de honra, lê-se o nome de uma senhora, D. Helena Freitas (1592), victima talvez da dedicação conjugal que a moveu a compartilhar os perigos do marido, D. Jeronymo d'Azevedo, capitão da praça.

A genealogia da fortaleza é conhecida e das mais illustres. Na raiz da sua arvore figura D. João de Castro. O honrado vice-rei, tendo passado por Moçambique em 1545, a caminho de Gôa, julgou mal situadas as fortificações que Duarte de Mello, ainda antes de 1508, levantára no local onde depois os padres da Companhia fundaram o seu collegio, e deu traça para que outras se construíssem, de mais poder e em sitio melhor escolhido para a defeza do porto. Treze annos depois foi da Índia para Africa Fernão de Sousa de Tavora, provido na capitania de Sofala e Moçambique, e diz-se que levou comsigo o plano da nova fortaleza; mas a sua construcção só principiou em 1588, em tempos de Sebastião de Sá, sob a direcção d'um architecto mandado de Gôa. D'este artista diz Frei João dos Santos que «foi sobrinho «do arcebispo santo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres, da ordem dos pér-

«gadores; o qual architecto sendo mancebo «se foi a Flandres, d'onde tornou grande «official de architectura, e depois d'isso foi «mandado á India pela rainha D. Catharina, «quando governava este reino, para fazer es- «tas fortalezas; o que foi no anno do Senhor «de 1558, quando D. Constantino foi vice- «rei da India. E tornando este architecto da «India foi-se para Castella, onde tomou o «habito da ordem de S. Jeronymo, e foi mui «acceito a El-Rei Philippe II e por cuja traça «se fizeram muitas obras no Escorial.»

Muitas vezes inter- rompida, — porque a cantaria vinha de fóra a bordo de náus, não sei se de Lisboa se da India, e o seu transporte difficil nem sempre era regular, — a obra colossal só no seculo XVII foi dada por prompta, soffrendo ainda depois modificações e accrescentamentos; mas, a exemplo de alguns heroes lendarios, que já antes de homens feitos praticaram altas cavallarias, a fortaleza de S. Sebastião salvou a ilha de Moçambique, e talvez o dominio portuguez na Africa Oriental, ainda antes de estar acabada. Os hollandezes accommetteram o porto com oito náus, e entraram-n'o a 20 de março de 1607, o que

denota que a fortaleza não estava ou estava mal artilhada. A' entrada, uma das náus caiu sobre um banco, provavelmente o da Cabeceira Pequena, mas poudesafar-se com o auxilio dos escaleres das outras, o que decerto não conseguiria debaixo do fogo inimigo. Fundeada a frota em segurança, lançou em terra um golpe de gente que se apoderou da povoação portugueza sem resistencia, porque seus habitantes, cêrca de dois mil, segundo o testemunho de Fr. João dos Santos, não esperaram o ataque para se abrigarem na praça, que logo foi investida. Os hollandezes occuparam o convento de S. Domingos, e no vasto terreno, que já então se chamava campo de S. Gabriel, abriram vallas, levantaram trincheiras, assestaram canhões, um dos quaes jogava pelouros de 52 arrateis, e durante dois mezes bateram as muralhas ainda mal enxu-

tas, chegando a acercar-se tanto d'ellas que a coberto de montes de madeira principiaram de picar o baluarte de S. Gabriel. A defeza, no dizer dos nossos chronistas, só dispunha dos braços fortes de cento e quarenta e cinco homens d'armas; mas esses bravos, capitaneados por D. Estevam d'Athayde, tanto maltrataram os sitiantes com a *espingardaria* — nunca se fala em artilharia na relação coeva do feito, — e com os penedos que de cima das muralhas despenhavam sobre os gastadores, e com as *luminarias* de alcatrão com



MOÇAMBIQUE — FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO

que lhes illuminavam os trabalhos para os destruir, e com as sortidas inopinadas com que, certa vez, vinte homens apenas lhes fizeram grandes estragos, que afinal obrigaram-n'os a tornarem-se ás náus com perda de trezentas vidas, antes que apparecesse uma frota que do reino era esperada. Já depois de embarcados, propozeram ao capitão da fortaleza resgatar elle a dinheiro a povoação, de que estavam senhores; e não sendo accedido o concerto puzeram fogo aos edificios, cortaram os palmares que havia antes na ilha, e com a bruta satisfação d'este estrago, avaliado em cem mil cruzados, se partiram para as ilhas de Comoros.

No seguinte mez d'agosto tentaram outra vez a empreza, e fundearam para dentro da ilha de Gôa; mas tendo sido informados de que no porto estava D. Jeronymo Coutinho

com tres náus do reino e dois mil homens de peleja, levantaram ferro depois de ligeiras escaramuças com os portuguezes, para dois annos depois apparecerem de novo com maior poder.

N'esse anno, de 1609, foram treze as náus hollandezas que forçaram o porto, e as suas guarnições tambem se assenhorearam da povoação aberta, principiada a renascer da total ruína que soffrêra em 1607; mas a fortaleza resistiu a perto de tres mezes de investidas, e esta guerra deixou memoria de si n'um rasgo da cavalleirosa mas ás vezes feroz lealdade, com que tantos portuguezes da idade épica esmaltavam o esforço intemerato.

Tres hollandezes desertaram para a fortaleza, a pretexto de se converterem ao catholicismo, e alentaram a resistencia da guarnição, já extenuada por trabalhos e privações, revelando-lhe o apuro em que tambem estavam os sitiados por falta de mantimentos e munições. Querendo vingar-se d'estes traidores, o almirante pediu a D. Estevam d'Athayde que lh'os entregasse em troca de muitos mais prisioneiros portuguezes, que havia tomado na costa em um navio do reino; mas o capitão respondeu nobremente que os estylos da guerra defendiam-lhe restituir homens que voluntariamente se tinham offerecido para servir o rei e confessar a religião dos portuguezes, ou abandonal-os ao alvedrio dos seus antigos camaradas, volvidos seus inimigos, para que elles os matassem, o que tanto montava como ser elle quem os assassinasse. Exasperados com esta resposta os hollandezes, ameaçaram trucidar os prisioneiros que em mão tinham, e então, conta um estrangeiro contemporaneo, passou-se uma scena de horrores. Os verdugos amarraram as mãos das victimas atraz das costas, e, segurando elles os braços, fizeram-n'os sair para fóra das tranqueiras, á vista e á fala da fortaleza, para que com seus gestos de lastima e brados de misericordia enternecessem os compatriotas e os movessem a resgatarem-n'os com a entrega dos desertores; mas D. Estevam exhortou-os, de cima dos muros, a morrerem corajosamente, porque Deus e El-Rei prohibiam-lhe sacrificar os que se haviam fiado da fé portugueza, e então os miseros foram mortos ali mesmo a tiros de arcabuz. Apoz esta galhardia de algoz, os assaltantes retiraram para Sonda, e Moçambique ficou segura, proseguindo as obras da fortaleza, já baptisada e chrismada a fogo.

Do capitão que duas vezes a defendeu com tanta bizarria e tambem, seja dito, com tão duro fanatismo de lealdade, diz Fr. João dos Santos que «se houve não somente como sa-»gaz capitão, mas tambem como esforçado

»soldado, sendo o primeiro na vigia e na bri-»ga, com que dava grande animo a seus solda-»dos.» Parece, porém, que, como tantos heroes da India, deslustrou os brios de guerreiro com ruins manhas de administrador cubiçoso, porque em 1612, no seu segundo governo, foi demittido e syndicado, sendo-lhe sequestrados os bens. Recolheu-se então ao collegio da Companhia de Jesus, em cuja capella, hoje pertencente ao palacio, ainda existe uma lapida funeraria, cuja legenda conta d'elle que foi *duas vezes capitão d'esta fortaleza que defendeu de dois círcos que teve dos hollandezes e geral da conquista e das minas de prata, a quem a companhia recebeu.* Foram as minas famosas de Chicova que o perderam.

A fortaleza de S. Sebastião tambem posteriormente se defendeu contra uma esquadra do iman de Mascate e de alguns ataques de arabes de Mombaça, e, por ultimo, no fim do seculo passado, repelliu uma esquadra franceza, causando-lhe graves estragos. Tem, pois, uma gloriosa folha de serviços, e ainda agora, solida como está, poderia imitar as proprias façanhas do seculo XVII se a dotassem com armamentos modernos, offensivos e defensivos. Mas nem artilheiros tem, que lhe sirvam os obsoletos canhões. São os degredados que dão as salvas, carregando antecipadamente tantas peças quantos devem ser os tiros.

O systema defensivo de Moçambique comprehendia tambem o forte de S. Lourenço, levantado sobre um rochedo destacado da ponta sudoeste da ilha, que hoje serve de paiol da polvora de commercio, e o de Santo Antonio, descahido e inutil, que da chamada contra-costa devia vigiar a navegação pelo canal meridional. Esse canal, porém, guarda-se a si proprio, da passagem de navios de alto bordo, por falta de fundo.

Além de ser quartel de tropa, a fortaleza de S. Sebastião serve de deposito de degredados, que nas suas casamatas e masmorras se amontoam ás centenas, idos do reino e das outras provincias ultramarinas. Esse deposito é um deslustre e um erro economico. Inutilisa os criminosos para si proprios e para a sociedade, e até pode arriscar a segurança da capital. Deixa-os sem trabalho, sem outra disciplina a não ser a que pode impôr a força, sem meios de se melhorarem, acabando de apodrecer n'uma promiscuidade que lhes torna contagiosas as preversões. As auctoridades provinciaes fazem tambem avolumar este montão de escorias humanas lançando para cima d'elle os vencidos e prisioneiros das guerras e revoltas indigenas, assim como os vadios ruggados nas povoações do litoral, que para ali ficam, a miude

esquecidos, sem pronuncia nem julgamento. Lá fui eu encontrar o Ayana, só criminoso, afinal, por ser inimigo do Gungunhana!

A unica saida e o unico aproveitamento, normaes, que têm os presidiarios, dão-lh'os os particulares, que tomam alguns ao seu serviço, responsabilizando-se por elles, conforme permitem os regulamentos. E tiram-se bons servidores d'aquella malta. Nas residencias do governo, tanto na de S. Paulo como na de Cabaceira Grande, quasi todos os serviços domesticos estão a cargo de degredados. S. Paulo, em 1891, parecia um museu vivo de criminalidade. *Fiel* do palacio era um cabo de caçadores 1, europeu, que tinha assassinado o inimigo com um tiro disparado á queima-roupa. Um china estitico, que desde manhã até a noite não fazia outra coisa senão limpar candieiros, com uma regularidade de pendulo e uma mudez de sombra, tinha pirateado nas aguas de Macau nos seus tempos felizes, e fôra capturado como auctor d'uma pavorosa tragedia em que dois noivos haviam sido trucidados. Os ranchos de gentios, de argola amarella n'uma orelha e trança enroscada na cabeça, que andavam escada abaixo escada acima carregando baldes de agua, suspendendo-os d'um pau que seguravam nos hombros, eram salteadores encartados da nossa India. O cosinheiro, indio, não podia ter vida que chegasse para as penas, mas não supponho que no rol dos seus crimes figurassem envenenamentos. Todavia, no meio d'esta sociedade, que daria que fazer a Lumbroso, dormia-se a somno solto, sem ferrolhos nas portas, sem revolver debaixo do travesseiro, e não faltam donos de casa que considerem o presidio de S. Sebastião como a melhor agencia de creados, porque dá por fiador ao bom comportamento dos que fornece a attricção que lhes inspiram os regulamentos da praça, muitas vezes mais duros pela interpretação do que pela letra.

Tambem alguns presidiarios se occupam em serviços internos e externos da praça, e esses encontram-se nas ruas da cidade, soltos ou acorrentados, com a camisola de grossaria marcados por grandes algarismos de tinta pre-

ta, fazendo carretos e fachinas. Mas a maioria d'elles remanescem inuteis e quem visita a fortaleza vê carcerees atulhados de malfeitores estatelados no chão, entre os quaes é raro não se encontrar algum que recreie a nobre sociedade tocando harmonium ou marimbas.

Pela ilha vivem á vontade não poucos sentenciados, e a fortuna não tem desdenhado favorecer alguns, pois é sabido que nunca houve bom accôrdo entre esta caprichosa deusa e a da justiça. Em regra não se portam mal. Uma auctoridade da provincia apontou-me na rua um velho, secco, vergado, de cabelleira de linho, dizendo-me que era um dos mais honrados habitantes da ilha e dos mais cumpridores e zelosos funcçionarios do Estado: essa joia tinha-se habilitado para o mister de carcereiro, que exercia com aquelle applauso dos superiores, assassinando tres irmãos!

Em 1891 e 1892 havia tambem em Moçambique uma categoria extraordinaria de sentenciados: officiaes inferiores e praças do exercito do reino, implicados na sedição republicana de 31 de janeiro. Viviam todos laboriosamente, prestando alguns meritorio serviço nas repartições e nas officinas publicas, outros accommodados em casas e esta-



MOÇAMBIQUE — O CAMPO DE S. GABRIEL

belecimentos particulares. No palacio do governador estavam tres como creados, e eram irreprehensíveis. A' excepção de alguns sargentos, não pensavam em politica, senão quando lamentavam terem sido instrumentos inconscientes de politicos sem consciencia. Só a obediencia, primeiro, depois a fraqueza, os

tinham feito criminosos. Haviam-se levantado dos catres á voz dos sargentos, armando-se sem saber para que, saindo sem saber para onde, e uma vez na fileira, na rua, no tropel dos acontecimentos, tinham marchado para a frente por medo uns dos outros. Comprehendiam lá, sequer, o que fosse republica! Importavam-se lá com quem governava! Inspiraram-me profundo dó, e esse dó estimulou a minha aversão a todos os desatinados, monarchicos ou republicanos, que despenham victimas incautas e ignaras nos vallos da defeza social, para lhes passarem por cima dos corpos na escalada do poder. Malditas revoluções! maldita ambição! Lá ficaram, em todos os cemiterios da nossa Africa Oriental, ossadas ressequidas, que deviam ranger dia e noite aos ouvidos dos emprezarios insanos da revolta do Porto!

Os baluartes da praça de S. Sebastião asseberbam, da parte da ilha, um vasto campo, dilatado de costa a costa, que no fim do seculo XVI já era considerado *mui formoso*, e que mais se aformoseou depois, cobrindo-se de esbelto e copado arvoredado, por meio do qual se rasgou uma larga avenida. E' o campo de S. Gabriel, assim chamado d'uma ermida que n'elle houve outr'ora, levantada na parte *defronte da qual surgem as náus do reino*.

D'esse devoto monumento não resta já vestigio como tal conhecido, além da denominação do campo; mas no logar que elle cobria, ou nas suas cercanias, existia ainda em 1892 um massiço de alvenaria de dois metros de lado por tres de altura, sobrepujado por uma cruz de pedra, tendo n'uma das faces uma inscripção datada de 1725, pedindo um *Padre nosso* e uma *Ave-Maria* pelas almas, e junto d'elle via-se uma lousa que dizia cobrir desde 15.5 os despojos mortaes de Pedro de Souza Camello Pereira e sua mulher D. Violante de Souza. Aquelle monumento, e os poucos ossos que esta lousa occultava, foram recentemente deslocados a pretexto de restauração.

O campo de S. Gabriel é o parque da cidade; o arvoredado dá-lhe sombra perenne, e refrescam-n'o as aragens do mar, quer sorem do quadrante do norte quer da parte do sul, e as vaporisações das ondas, que d'uma e outra parte rebentam nos fraguados da costa. Já começaram, porém, a entrar com elle os vandalismos edilícios e as assolações dos egoismos particulares. Despiram-lhe de arvores uma larga facha, confinante com os predios que o fecham do lado do sudoeste, allegando que o raizame d'esses gigantes seculares alluvia, rompia e invadia as cisternas da visinhança. Sobre a mesma praia onde se dava culto a S. Gabriel construíram... um matadouro; e, na cos-

ta fronteira, um montão de saccos de areia serve de espaldar aos alvos d'uma carreira de tiro para exercicio da guarnição. Também se principiou já a consentir que se lhe levantem edificações á beira-mar, tirando-lhe o desafoço e fechando-lhe o horizonte, que se dilatava por cima das aguas até as orlas do continente.

A' margem d'este campo emprehendera-se uma obra, que ha de ficar sendo o mais arrojado monumento da iniciativa particular em Moçambique, onde essa iniciativa tão raramente se abalança a commettimentos que não promettam segura remuneração immediata!

A casa commercial Mendonça & Silva mandou escavar na rocha uma cisterna colossal, capaz de fornecer agua todo o anno a toda a população de Moçambique e a quantos navios vão refrescar no seu porto, e, para ter vastas superficies que recebessem a chuva precisa para encher-a, rodeou-a de grandes barracões destinados a armazens; na muralha exterior do deposito abrir-se-hão torneiras, a que se possam chegar da praia as embarcações que tomarem a aguada. A obra foi dispendiosa, especialmente por ser enorme o volume das rochas a deslocar e não se poder empregar no seu quebramento explosivos energicos, que ameaçassem a segurança dos predios visinhos; mas parece ter sido planeada e executada com as melhores condições de solidez. Terminada que seja, a cidade, que só bebe agua que cáe do ceu, e quando essa escasseia tem de ir buscar outra muito longe ao continente, ficará certamente assegurada contra a sêde. Só a experiencia, porém, poderá dizer se o seu consumo extraordinario e o dos navios remunerará o capital, que a cisterna enguliu no seu monstruoso bojo cimentado.

Entre este campo de S. Gabriel e o terreno onde se construiu o hospital novo é que se dilata o bairro europeu de Moçambique, com o melhor das 45 ruas e travessas, dos 7 largos e das 2 estradas que os curiosos de estatística contaram na ilha. A meio d'esse bairro, a poente do edificio da alfandega, fica o arsenal, cuja origem data do governo de Balthazar Pereira do Lago (1765-1779), que foi o Marquez de Pombal de Moçambique. Cretura do grande ministro de D. José, que o empregou, quando elle ainda era capitão, no serviço melindroso da captura dos Tavoras e seus cumplices, mas decahido depois do valimento e exilado com as honras e os proventos de capitão-general de Moçambique, Pereira do Lago imitou os fins e os meios de Sebastião José de Carvalho, e como elle deixou memoria a um tempo odiosa e illustre.

Attribuem-se-lhe actos e palavras de crueza, e recordam-se beneficios da sua administração, que, além de disciplinar os serviços publicos e realisar importantes melhoramentos materiaes, emprehendeu fomentar a prosperidade economica do paiz com muitas medidas salutaes e, nomeadamente, com a obrigação que impôz aos habitantes de cultivar algodão e mandioca. Um d'aquelles melhoramentos foi a fundação do arsenal, que coincidiu com a criação d'uma escola de pilotagem, logo depois abandonada.

O novo estabelecimento não tomou, porém, desenvolvimento, e pôde dizer-se que o fundou outra vez o general José Guedes em 1876, concorrendo depois para o ampliamento todos os governadores subsequentes. Mas estas iniciativas e protecções nunca se regraram por um plano assente,

nem mesmo se sujeitaram a normas positivamente legaes, e o arsenal foi feito a pedaços, um tanto á aventura, o que se denuncia até na sua instalação. E' um acervo de barracões e telheiros espalhados por um vasto terreno marginal, sem boas serventias para o mar, porque não tem pontes, nem rampas, nem caes de qualquer forma. N'essas edificações funcionam, além das repartições administrativas, officinas de ferraria, serralharia, fundição, calafates, carpinteiros, marceneiros, espingardeiros e espadeiros, latoeiros e funileiros, veleiros e bandeiros, providas de mecanismos deficientes e antigos, quasi sempre aproveitados de navios, de expedições, de outros estabelecimentos, a alguns dos quaes dá impulso um motor tambem engendrado de despojos. Tem picadeiros para pequenas embarcações. O seu pessoal compõe-se de operarios europeus contractados na metropole, alguns chinas e indios, e bastantes indigenas, principalmente saídos da Escola de artes e officios da cidade. Trabalha para o mar e para a terra, para a marinha e para o exercito, para as repartições publicas e para os particulares, e os trabalhos

de que pôde encarregar-se não saem, em geral, imperfeitos. A Mala Real encomendou-lhe algumas obras de certo vulto, como peças torneadas de bronze e grelhas fundidas; já de lá saíram um veio de helice para o *Auxiliar*, e uma chaminé para a machina do *Bufalo*; a



MOÇAMBIQUE ESCAVAÇÃO DA GRANDE CISTERNA DA CASA
MENDONÇA & SILVA

cantoneira para a torre do pharol de Tangelane foi preparada, bem ou mal, nas suas officinas; os seus calafates e carpinteiros constroem escaleres bem lançados e bem acabados; os marceneiros chinas fazem moveis de luxo com regular perfeição; as tropas dão trabalho constante aos espingardeiros, aos latoeiros e funileiros; fabricam-se e concertam-se uma infinidade de artigos para freguezes avulsos. Mas a sua produção sae carissima aos clientes e ainda mais cara ao governo, porque pesam sobre ella despesas desproporcionadas de administração, porque os operarios habeis vencem elevados salarios, e porque é viciosa toda a organização technica e economica do estabelecimento.

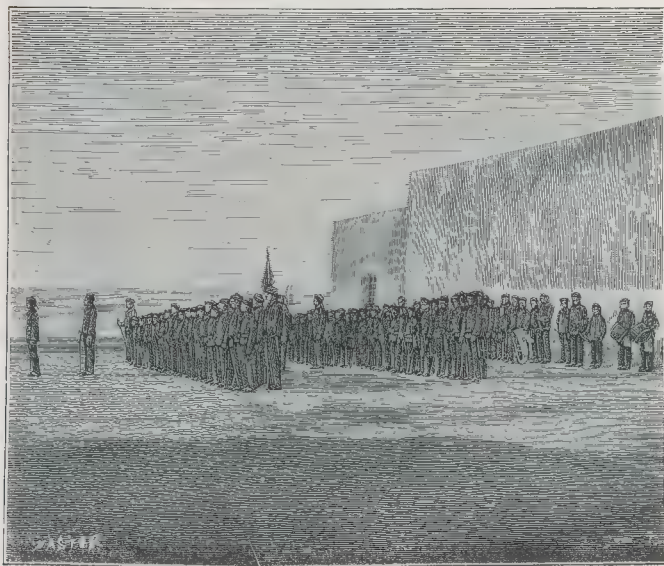
Sobre ser oneroso, não satisfaz as necessidades mais imperiosas de conservação e reparação do material naval, por lhe faltar uma doca secca ou um plano inclinado. Os navios da divisão e os da provincia têm de ir ao Cabo ou ao Natal para concertos de algum tomo, e até para limpar e pintar o fundo, quando não podem ser varados n'uma praia. Pensou-se já em remediar esta insufficiencia fundamental, e para isso se estudou uma doca

de reparações e projectou um plano inclinado; mas estas obras serão custosas, se tiverem proporções para servir embarcações d'alto bordo, e é duvidoso que o seu custo seja compensado pelo seu serviço. Os navios do Estado não bastarão certamente para assegurar tal compensação, e os particulares que agora navegam na costa, todos estrangeiros, não é provavel que fabriquem em Moçambique, a não ser em raros casos de necessidade indeclinavel.

Na vizinhança do arsenal está alojado o instituto mais sympathico de toda a provincia, o que ella mostra com desvanecimento aos estrangeiros para attestar zelos do dominio portuguez pela cultura moral dos negros, a *Escola d'artes e officios*. E' um asylo em que cem creanças indigenas do sexo masculino, filhas de indigentes, recebem instrucção litteraria elemental, aprendem mistêres que lhes assegurem meios de subsistencia, e são educadas na disciplina da civilisação. O seu regi-

cio d'uma arte ou officio, a cuja aprendizagem o sujeita no proprio estabelecimento ou fóra d'elle. Na Escola ha officinas de sapataria e alfaiataria, regidas por mestres europeus, que trabalham para o publico; fóra da Escola, mas sob as vistas da sua direecção, os alumnos aprendem a compositores, a impressores typographicos ou a encadernadores, na Imprensa Nacional, e o arsenal acceita-os como aprendizes de todos os officios que n'elle se exercem. Quando os juvenis artistas já merecem e vencem salario, repartem-n'o durante alguns annos com o instituto que lhes ensinou a grangeal-o, continuando elle a protegel-os e tutelal-os.

Os alumnos são bem alimentados, e incutem-se-lhes habitos de aceio e hygiene. A disciplina interna tem os rigores necessarios para policar filhos da selvageria ou da vadiagem, mas nunca recorre a castigos brutaes. Muitas vezes observei que as creanças não perdem na Escola a alegria e a expansibilidade da puericia. Um capellão catechisa-as e acostuma-as ás praticas religiosas; ao mesmo tempo, e naturalmente com mais gosto, aprendem exercicios militares. Todo o corpo escolar constitue um batalhão, organizado por companhias, com uma banda de musica, tambem composta de alumnos. Dá gosto vêr aquella tropa infantil, armada com pequenas carabinas e sabres-bayonetas, garrida nos uniformes, firme e expedita nas manobras, marchando nos dias santificados para a capella do palacio, musica á frente, bandeira desfraldada. Fazem gosto em si os negrinhos, alguns tão pequenos que levam os



MOÇAMBIQUE — ALUMNOS DA ESCOLA DE ARTES E OFFICIOS

men assemelha-se ao da Casa Pia de Lisboa. Admitte os alumnos na idade em que pôde começar a aproveitar-lhes o ensino, e só os despede habilitados para ganhar honestamente a vida. Aos que nas suas aulas de primeiras lettras revelam acumen intellectual, facilita o estudo das disciplinas que constituem a instrucção primaria, e destina cada qual, conforme as aptidões que manifestou e o gráu de cultura que adquiriu ao exer-

sabres de rastos; os officiaes aprumam-se soltando as vozes de commando, os ternos dos clarins têm sopros bellicosos, as evoluções da parada da missa são executadas com uma afinação e uma presteza que honrariam veteranos.

A banda dá testemunho da vocação dos negros para a musica; é admittida a dar concertos á noite no coreto da Praça de S. Paulo.

Os professores da Escola não accusam os

discipulos de inaptidão nem de indocilidade. Alguns apparecem tão brancos como muitos brancos, mas outros são dotados de singular e precoce vivacidade de intelligencia. Geralmente aproveitam mais nas tenras edades do que quando se avisinham da adolescencia. Um ou outro oppõe ao ensino e á disciplina a indomavel teimosia da raça, e com esses não ha que fazer senão pôl-os fóra, porque os castigos só os tornam mais teimosos. Têm já saído do instituto alguns bons artistas; é menos frequente educarem-se n'elle homens morigerados. A instrucção fructifica mais do que a educação. Educandos que na casa tiveram sempre exemplar proceder, apenas isentos de coacção tutelar logo se volvem ebrios, vadios, devassos, selvagens. Porque? Attribue-se o phenomeno a influencia das mulheres, e lastima-se não haver um estabelecimento que eduque companheiras para os filhos da Escola, niveladas com elles em cultura do espirito e do coração: as que elles encontram e a que se ligam boçalizam-n'os com a sua boçalidade, deprimem-n'os com a sua depressão, reconquistam-n'os para a Africa bruta. Affigura-se-me, porém, que tal estabelecimento, se existisse, não corresponderia aos intuitos da sua creação, porque daria mais concubinas aos brancos do que esposas aos pretos, e suspeito de que a degradação em que se deixam cair os indigenas, mal saem das mãos que se esmeraram em moralisal-os, é obra, não tanto das femeas, quanto do instincto organico, favorecido pelo meio social em que elles se encontram livres.

A Escola d'artes e officios é sustentada pelos cofres da provincia, por subsidios d'alguns municipios, por donativos particulares, e pelas receitas das suas officinas. Tem vida desafogada. Occupa um edificio espaçoso, limpo e salubre.

No limite do bairro europeu, a nordeste do indigena, levantou-se o novo hospital, no terreno onde existiu outro, administrado desde 1681 pelos padres de S. João de Deus, que para isso recebiam uma dotação de 3:500 cruzados, e que tambem não foi o primeiro que teve a ilha. No tempo de Frei João dos Santos havia um hospital perto da fortaleza velha e junto d'uma ermida do Espirito Santo, o qual estava a cargo do provedor e irmãos da Misericordia, mas era custeado pela fazenda real. Provavelmente destruíram-n'o as invasões hollandezas.

A actual fabrica foi principiada em 1876 pela expedição d'obras-publicas, e ainda hoje, decorridos 17 annos, não está acabada nem se calcula quando o estará. Só funcçionam alguns dos seus corpos. E' verdadeiramente monumental, nas dimensões, e tem soberbias

architectonicas, manifestadas principalmente n'um portico, com sua columnata, para o qual se sóbe por larga escadaria de pedra, precedida por um jardim gradeado a ferro. Já custou sommas incalculaveis, mas os clinicos reprehendem-lhe muitas imperfeições e deficiencias. No seu pavimento inferior está alojada a pharmacia, unica na ilha, felizmente.

Digo felizmente, porque em Moçambique, e creio que em todo o ultramar portuguez, vigora uma disposição legal que prohibe ás pharmacias do Estado,—as dos hospitaes civis e militares,—servirem particulares desde que na mesma povoação haja estabelecimento particular identico. Na pratica, esta prohibição cria monopolios de medicamentos, não refreados pela concorrência nem pelos regulamentos, que em algumas terras já fizeram rapidas fortunas á custa dos doentes. Moçambique tem escapado a mais esta exploração odiosa.

Tão espaçoso hospital, se não foi riscado só pela mania de *faire grand*, de que tanto adoecem as nossas direcções d'obras publicas, denota uma opinião pessimista ácerca da nosologia da ilha e da cidade. Parece até que previniu a hypothese de adoecerem ao mesmo tempo todos os seus habitantes, e todos se recolherem ás enfermarias publicas.

Semelhante pessimismo, porém, não receberia plena justificação dos factos e das suas estatisticas. Frei João dos Santos—cito a miude o illustre dominicano, porque quem visitou Moçambique delicia-se com a leitura da *Ethiopia Oriental*, onde encontra a cada pagina informações e observações ainda hoje verdadeiras e acuradas,—Frei João dos Santos escreveu que a ilha «logo no principio, quando «foi povoada pelos portuguezes, era mui doentia, e assim estão n'ella enterrados muitos «milhares d'elles, mas já agora pela bondade «de Deus é mais sadia». D'então para cá, quasi tres seculos volvidos, augmentou muito, naturalmente, o numero das victimas do clima, que em menos de cem annos depois da occupação já se contavam por milhares; mas tambem Deus com a ajuda dos homens, ou os homens com o favor de Deus, continuaram a melhora-la em salubridade.

Já hoje a não affligem as revoadas, como epidemias, de biliosas e perniciosas quasi fulminantes, de que os antigos se recordam ainda com pavor, é europeus ha que têm conseguido viver vinte annos, e mais na capital sem nunca virem refrescar-se ao reino; todavia, Moçambique continúa a ser um dos pontos do littoral portuguez da Africa Oriental mais desfavoravel aos brancos, sendo-lhes ainda mais funesto do que a mal afamada villa de Quelimane. Porque? Não se percebe



MOÇAMBIQUE — O HOSPITAL

bem. Do mar, que a banha, já ahi se escreveu que era a sepultura dos microbios. Pantanos, não os ha; apenas se empoçam aguas fluviaes nas escavações de algumas pedreiras. As praias recebem, é certo, os despejos d'uma população numerosa, mas as marés lavam-n'as de continuo. As temperaturas reinantes não são das mais elevadas; de resto, bem mais quente é o Ibo, e gosa-se lá melhor saude, e o forno de Aden não mata ninguém. Serão exhalções telluricas que determinam a maior insalubridade relativa da ilha? Será a accumulção dos seus habitantes indigenas, ou o máu regimen hygienico dos europeus? Não sei senão que n'estes se manifesta frequentemente o impaludismo, n'alguma das suas variadas fórmãs, — dezoito contam os medicos, — e que poucos d'elles deixam de ser apalados pelas febres.

A principio resiste-se bem á infecção, em Moçambique como nos outros logares da provincia que não são positivamente pantanos. Na Europa suppõe-se geralmente que a saude dos recémchegados á Africa periga mais do que a dos *acclimados* por uma demorada residencia; creio, porém, que a realidade dos factos contraria este preconceito. As minhas curtas e superficiaes observações até me fizeram duvidar de tal *acclimação*.

O europeu acostuma-se apenas a ter febres, a aguentar-se com ellas, a desprezal-as ou a ataca-las ingerindo quinino sem peso nem medida; não conheci um só a quem a diuturnidade da residencia isentasse d'esse tributo ao clima, mais ou menos pesado, mais ou menos frequente. A immunidade só favorece, em geral, os que ainda estão frescos, o que, todavia, não quer dizer que favoreça to-

dos. Os biliosos, os que já levam da Europa infecções palustres, assim como os desregrados, os miseraveis e as creanças, caem logo ou quasi logo; os são e sobrios resistem, conforme a sua organização e o seu regimen, seis mezes, um anno, dois, até se lhes viciar o sangue. De mim para mim estabeleci como regra que os prudentes podem estar seis mezes em Africa sem tomar quinino, outros seis tomando febrifugos, e que no fim do anno devem fugir, se os aterram os calafrios das crises febris. Na commissão de delimitação das fronteiras observou-se bem accentuadamente a inefficacia das suppostas acclimações. De todos os seus membros, tanto portuguezes como britannicos, só morreu um official inglez, que estava desde muito tempo no paiz dos Matabelles em serviço da *South-Africa*; estiveram doentes no campo, ou adoeceram logo que chegaram ao littoral, outros, que já deviam considerar-se habituados ao clima, como os capitães Freire d'Andrade e Serrano; os que iam frescos da Europa, incluindo alguns que nunca tinham avistado Africa, passaram incolumes pelas duras provas de seis mezes de vida de acampamentos e marchas, mal alimentados, bebendo agua de charcos, apanhando relentos e soalheiras.

A ilha de Moçambique é principalmente insalubre nos mezes de abril e maio, na transição da quadra chuvosa, que é tambem a do maior calor, — dezembro a abril, — para a estação secca e fresca, relativamente fresca. Quando se enxuga o solo encharcado, as suas exhalações espalham os germens do impaludismo agudo, que todos os annos faz victimas. Depois, a mortalidade diminue, attingindo o seu minimo em agosto e setembro; em com-

pensação, n'esta epoca amiudam-se entre os pretos as epidemias de variola, que, segundo se diz, não se communicam aos brancos. N'estes, as enfermidades que não derivam do impaludismo, ou que o impaludismo não desenvolve, são menos vulgares do que na Europa, mesmo antes da Europa ter sido invadida pela *influenza*, e os órgãos respiratorios, especialmente, parecem dar-se bem com o clima, que tão pernicioso é para o fígado e outros apparatus da nutrição, confirmando-se assim o annexim popular, segundo o qual *o que faz bem ao boje faz mal ao fígado*.

O calor, sendo incommodo, não é costume excessivo em Moçambique. Não se compara com as temperaturas que Aden e Zanzibar supportam, e não o estranha quem já andou pelas charnecas do Alemtejo debaixo do sol d'agosto. Temperam-n'o as frequentes virações do mar. No estio é quasi certo levantar-se depois do meio dia vento do quadrante do sul, que toda a ilha recebe como uma caricia. No inverno faltam esses alívios, porque a monção do nordeste é quente, e é quente a propria agua que desaba do céu em bategas; mas ainda então não é a intensidade do calor mas a sua continuação, com a rerefacção e com a estagnação do ar saturado de humidade, que principalmente atormenta os europeus. Tanto assim que as noites são peores que os dias. O ambiente é de vapor d'agua morna; os pulmões não se satisfazem com as aspirações; a epiderme gotteja de continuo, creio que mais por falta de pressão atmospherica do que por effeito da temperatura; sentem-se tonturas e esvaimeos; a mais ligeira roupa pesa no corpo como se fosse de folha de chumbo; não se extingue a sede; falta o appetite; digere-se a custo; todo o trabalho é insupportavel, e mórmemente o trabalho mental: todavia, o thermometro raramente terá subido a 36 graus centigrados. Essa quadra é tambem a das trovoadas, muitas vezes armadas d'um momento para outro, trazidas por farrapinhos de nuvens, flocos escuros de algodão em rama, que n'um relance se alastram e entumecem no céu em bulções tenebrosos, e lá das alturas opprimem a terra, parece que sugam o ar, pesam nas aguas do oceano e achatam-n'o, estreitam o espaço, apertam os craneos com aros de ferro, carregam sobre os peitos, quebram os membros, emquanto se não descarregam. As explosões são grandiosamente medonhas, são apocalypticas. Os raios, jorrados de muitas crateras a um tempo, ora rebentam na massa das nuvens em clarões deslumbrantes, ora se disparam em zigue-zagues que mergulham no mar em chapadas de luz, são tão illuminantes que fazem jactos de dia azul, tão incessantes que

hypnotisam a vista, como se corressem por deante dos olhos fachas alternadas de trevas e fogos. A chuva despenha-se em catadupas a prumo, copiosa como se n'um novo cahos os oceanos se tivessem virado por cima da terra; e as detonações, repetidas como se fossem repercuições de si mesmas, fazem crêr que os raios estão espedaçando o mundo e que os seus escombros vão rolando uns sobre os outros, de abysmo em abysmo, até alguma voragem tão funda que devora o proprio som. Formidavel! As nossas trovoadas europeas parecem-se tanto com as dos tropicos como se lhes assemelha a ellas um fogo d'artificio!

Mesmo na melhor estação, o clima de Moçambique é deprimente e depauperante.

Quem escapa das febres ainda se arrisca á anemia, e quando não tem tempo de chegar a esse estado morbido, ou consegue debellar o a poder de exercicios physicos e de medicamentos tonicos, sente pelo menos um enfraquecimento geral, um affrouxamento de todas as funcções, e mórmemente das funcções cerebraes. Nos meus trabalhos em Moçambique tive um companheiro estrangeiro, homem robusto e moço, sobrio e hygienista, que se jactava, na primeira epoca da sua residencia na cidade, de ser insensivel a todos os influxos do clima, contra os quaes luctava banhando-se em agua fria, passeando de ponta a ponta da ilha, jogando o *cricket*, fazendo gymnastica; ao cabo de tres mezes abateu-se-lhe a soberbia a ponto de pedir ao chloxydrato de quinino que lhe levantasse as forças decadentes. A mim foram as frequentes viagens maritimas, foram os ares salinos, que me ampararam; mas não tanto que não sentisse profundas alterações physiologicas. Observei especialmente uma sensivel depressão intellectual e uma afflictiva perda de memoria. Lembrei-me então de uma anedocta attribuida a um alto funcionario da secretaria do ultramar, e achei-lhe o valor d'um commentario scientifico. Esse funcionario, — diz-se, — quando lhe chegava noticia d'um desacerto, d'um grave erro, commettido em Africa por algum subordinado seu, perguntava logo se elle já tinha mais de seis mezes de residencia n'esse continente, e, no caso affirmativo, desculpava-o, encolhendo os hombros. Lançava o dislate á responsabilidade do clima.

Moçambique poderá produzir o que quizerem, mas decerto não dotará a patria portugueza com um segundo Camões. Peçam-lhe tudo, menos genios, — a não serem maus genios. Isso sim; tem-nos e fabrica-os em profusão. Se está provado que as enfermidades do fígado e do baço influem sobre o ca-

racter e determinam melancolias, irascibilidades, azedumes, displicencias, a ellas se deve attribuir, principalmente, uma ordem inteira de phenomenos característicos da sociedade europêa na Africa Oriental, phenomenos que collaboram com as depressões mentaes na lastimosa inferioridade da administração e do governo da provincia, de agora e de sempre, com raros intervallos abertos pelo predominio de alguns figados levados e de alguns cerebros de eleição. Effectivamente, mesmo quem tenha o cuidado de conservar essas visceras em bom uso e de impedir que a bilis lhe suba á cabeça e lhe invada o coração, — perdoem-me o barbarismo physiologico, — estranha em si uns impulsos, uns pruridos de irritabilidade, que se não explicam só pelo exemplo. Faz-se a lingua mais comprida e aguçada, tornam-se os amores proprios mais susceptíveis, a auctoridade mais imperiosa, as emulações mais asperas, as opiniões menos tolerantes, as paixões mais violentas, e o intimo mal estar physico vem á suppração sob variadas formas de insaciabilidade. Não se foge facilmente a esta condição, que, segundo me dizem, também é sensível nas possessões estrangeiras da Africa Oriental. Também lá os figados mettem doentes os europeus, e principalmente os funcionarios, em constantes meadas de intriga e bulhas de malquerença; também lá as aptidões directivas se abatem e atrophiam, a ponto de desluzirem os creditos ganhos na Europa ou nas estreias do seu exercicio, o que aconselha os governos das potencias colonias, não a substituirem a miude os seus funcionarios em Africa, porque as substituições não deixariam nenhum juntar cabedal de experiencia feita, mas a obrigarem-nos a frequentemente aspirarem os ares puros da patria e da civilização.

D'estas ligeiras observações, — que cairiam no ridiculo se tivessem aspirações a parecerem scientificas ou sequer sizudamente comprovadas, — tiro eu uma conclusão por igual desfavoravel á Africa e á raça branca. As ainda mal estudadas causas naturaes que fizeram as raças negras estupidas e depravadas, na sua generalidade, actuam também sobre europeus que se estabelecem na area de habitabilidade d'essas raças, produzindo effeitos physiologicos e moraes semelhantes. Se, pois, uma colonia de brancos se fixasse, por exemplo, em Moçambique, e lá ficasse inteiramente isolada do mundo europeu e culto, extinguir-se-hia em curto praso, é claro; mas se não se extinguisse, dentro de alguns seculos os seus descendentes talvez ainda não tivessem a epiderme negra de todo,

mas já acreditariam em feitiços, comer-se-hiam uns aos outros, e venderiam os filhos como escravos, — se os verdadeiros negros, seus visinhos, tendo-lhes passado adiante na *evolução*, não prohibissem estas malfetorias por meio de congressos, bloqueios e expedições.

~ ~ ~

Do hospital para a extremidade sudoeste da ilha, estende-se o bairro especialmente povoado pelos indigenas, e chamado Ponta da Ilha.

A engenharia ligou-o ao bairro europeu por uma larga estrada, em parte arborizada, traçada, proxinamente, na linha media da superficie da ilha; mas essa estrada não acompanhou o nivel do solo, que ali se abate sensivelmente, antes lhe ficou sobranceira, e tão sobranceira que as coberturas das habitações assentes nos terrenos adjacentes estão n'um plano inferior ao seu leito. Essa estrada, guardada por muros baixos, como parapeitos, parece, pois, uma ponte lançada por cima d'um mar de palhotas.

As palhotas teem em Moçambique a forma quadrangular, altura de cerca de tres metros, coberturas de uma até quatro pernakadas tecidas de palhas seccas, olas de palmeiras e folhede de cannaviaes fortemente enfeixados, acamados e presos a varas por descascar, com juncos, cordas ou rijos filamentos de plantas; e estes mesmos materiaes, fornecidos pelo mato, são empregados na contextura das paredes, que, todavia, também se cobrem de camadas de terra amassada ou rebocos de cal e areia, se o proprietario é um ricaço entre os seus. Cobrem áreas variaveis, mas sempre acanhadas, sendo as mais vastas divididas interiormente; as de melhor architectura fecham-se com portas de madeira, talvez roubadas na demolição d'um predio, e recebem luz por pequenas janellas com caixilhos, sim, mas raramente com vidros. O pavimento é a propria areia ou terra batida, que os commodistas cobrem de esteiras. Chaminé, ou qualquer orificio por onde saia o fumo da lareira, não é necessario onde o tecto e os muros são tamizes; vêem-se ás vezes as palhotas fumegando de tal modo por todos os intersticios, que custa a acreditar que não estejam incendiadas por dentro. A construcção é descuidada, tosca, muito inferior em arte e solidez á das moradias dos cafres de Inhambane e Lourenço Marques e d'alguns povos das margens do Zambeze. Desaprumam-se as estacas mal cravadas no solo, esgarçando aqui, esbarrigando acolá as paredes; os tectos tombam para o lado, como os chapéus

sobre as orelhas dos muleques endomingados; as portas indispõem-se com os umbraes, desunem-se as ramadas apodrecidas pela humidade e queimadas pelo sol, e toda

carnes lustrosas, que, lá em baixo, palpitam na faina de pilar arroz.

Ha sempre transito, movimento, bulicio, vida, na arteria d'aquella agglomeração hu-



MOÇAMBIQUE — O MERCADO

a fabrica toma a apparencia informe d'uma meda de mato, em que animaes bravios tenham aberto covil.

Na Ponta da Ilha, aos lados da estrada, ha milhares de *palhoças*—como diziam os nossos antigos,—apertadas umas contra as outras em massiços apenas extremados por viellas desalinhadas, tão estreitas que um negro espadado, que passe por ellas de frente, arrisca-se a arrombar com os hombros as duas paredes fronteiras; todavia, n'estas fendas circula de continuo uma população mexediça, donas de casa estendem roupa lavada ou cosinham em fogueiras accesas entre pedras, e saltitam ranchadas de creanças núas. N'esta mata de habitações rasga-se aqui ou acolá uma pequena clareira, onde vicejam pés esgalgados de mandioca ou hastes de feijão cafreal, e uma que outra arvore emerge á procura do sol, e atira com a ramaria para cima do parapeito da estrada, onde, a toda a hora, se encostam vadios a disfructarem os ralhos das visinhas, ou a cobiçarem as núas

mana. De manhã cedo, quando a areia solta da estrada ainda está regada pelo sereno da noite e o arvoredado frondoso que a margina junca o seu leito de folhas movediças de sombra, não ha em Moçambique mais aprazivel sitio do que aquelle, nem melhor recreio do que assistir, sentado no muro ao desfilar dos ranchos que vão tratar da vida, fallazando sempre, em voz de altercação, e rindo, rindo como só ri o negro, com a alma toda, com uma convicção communicativa, em girando-las successivas de gargalhadas, que estalejam espontaneas, estrepitosas, ao menor pretexto. Passam vendedeiras moças, como que espartilhadas nos pannos vistosos, tão cingidos ás fórmulas que não as vestem, forram-n'as; equilibram sobre a cabeça talhas de caju ou ceiras de mangas, e vão chalaceando com rapazolas, a quem os barretes e as largas camisas brancas retingem o azeviche dos rostos. Me-geras que parecem ter dois ventres flacidos, descahido um sobre o outro, acarretam agua, e ralham no caminho com garotitos de tanga,

que as seguem agarrados ás orlas dos pannos. Mouros mal encarados, de turbante branco e bambu na mão, caminham ás pernadas tratando negocios com engoiados baneanes, que sobraçam peças de chita. Correm para a fortaleza, segurando as bayonetas, soldados de fardeta de linho manchadas de suor, que gosaram a dispensa do recolher nos braços de gordalhudas Venus, e ellas das portas dos seus paraísos de palha, encommendam-lhes em alta grita garrafas de *mata-bicho*. Circula, em summa, o sangue quente, o sangue africano da cidade, com as suas impurezas mas tambem com os seus globulos rubros, e só ali se sente bem, que Moçambique palpita, respira, vive.

Parte d'aquelles transeuntes matinaes, que se dispersam da população de sete ou oito mil almas que vive empilhada na Pônta da Ilha, dirigem-se ao *mercado* principal da cidade, que as vereações installaram n'uma das ruas capitaes do outro bairro, perto da tal praça da União, de cujas arvores chovem lagartos. E' como um grande pateo fechado por edificações baixas e gradarias de ferro, de solo argamassado, sombreado aos lados por telheiros de zinco que se firmam em delgadas columnas de ferro. Tem um aspecto desenhovallado, e ás horas das vendas animam-n'o pitorescos grupos de vende-deiras e uma romaria colorida de molequagem.

As subsistencias em Moçambique não são caras, excepção feita das que vão da Europa, nem escassas. Não saciariam, é certo, uma população de Gargantua, nem deliciariam os gastronomos requintados da decadencia romana; mas os cosinheiros negros ou indios encontram nos mercados materias primas para a composição — ás vezes *secreta*, como a de certos medicamentos europeus, — dos oito ou dez pratos, que a cada almoço e a cada jantar desfilam sobre as mesas fartas da terra. Na provincia, em toda ella, come-se muito, por gosto, por luxo e para entreter tempo. Os dois maiores prazeres do colono já affeito aos costumes locaes, pelo menos os maiores que são confessaveis, consistem em comer, regando profusamente a comida, e em maldizer do proximo, e ambos são longamente saboreados á mesa abanada pelos *pancazes*, condimentando-se um ao outro. Uma gallinha assada com peripéri sabe melhor quando se morde ao mesmo tempo na sua pelle tosta e na do governador, e não ha especiaría que torne mais picante o caril do que uma anedocta scandalosa da visinhança. Ora, para estes duplos festins nunca faltam acepipes nos mercados nem nos soalheiros, sendo estes ainda mais fartos e regalados do

que aquelles, porque, quando não têm novidades, inventam-n'as.

A gastronomia varia os seus *menus* explorando as *conservas*, que em todas as lojas se exhibem formando paredes de latas brilhantes, e a conservaria, quasi dispensa de todo as cosinhas e os cosinheiros, para quem se resigna a comer um jantar inteiro, desde a sôpa até aos fructos, sabendo todo a uma só coisa, a folha de Flandres. A *lataria*, como por lá se usa dizer, attingiu uma universalisação de que nem suspeita quem vive em terras de abundancia; ha tudo em latas, excepto appetite para lhes ingerir os conteudos; e da Inglaterra, dos Estados-Unidos, da França, da Italia, e até da Australia, vão para Moçambique conservas tão bem preparadas e temperadas, que algumas chegam a illudir o paladar, durante alguns dias. Mas só durante alguns dias. Depois, logo depois, todas ellas se reduzem perante o gosto á lata que as encerra, e talvez por isso a linguagem vulgar as designa todas pelo mesmo nome collecticio, *latas*, *lataria*. Chega-se a preferir á mais fina *lataria* do norte a massa de arroz ou de mapira, por ser fresca; antes se quer lubrificar a bocca com agua d'uma poça, do que com caldo de *lata*. Só as hortaliças escapam a esta repugnancia, que move muitas vezes os viajantes entranhados nas matas a atirarem fóra os ranchos de conserva, para viverem do que Deus dêr, d'um pedaço de bufalo assado n'uma fogueira, ou d'uns tuberculos de mandioca. Os cosinheiros da terra, porém, têm artes para transformar as conservas, para debellar as suspeitas de que sejam *lataria* as virtualhas que servem, e assim as fazem entrar na melhor culinaria provincial, mascaradas, caracterisadas, embiocadas, com sabores imprevisos pelos fabricantes em combinações tão engenhosas como as da moderna chimica.

Mas a terra e o mar tambem lhes fornecem variados e copiosos recursos, e são esses que enriquecem o mercado de Moçambique.

O mar offerece-lhes peixes serras e garopas, cujas carnes gostosas, que fazem largas lascas brancas e tezas; linguados de tão delicado gosto como os da Europa e mais grossos do que elles; enormes charéus que têm na cabeça pedaços d'uma substancia organica que semelha a pedra, e infinita variedade de outra pescaria de menos estimação. Infelizmente, os pescadores indigenas pouco se affitam fóra do porto, por serem duros os ventos e as ondas asperas; nenhum europeu se abalançou ainda a empregar na pesca material solido e aperfeiçoado, e as *cambôas*, — enormes rêdes presas a estacas cravadas na arcia, com que se fecham, junto á praia, lan-

ços do mar, — nem sempre prendem peixe nas suas malhas quando as marés retiram, e são postas a saque por bandos de aves marítimas. Tão pouco faltam lagostas; ha cama-

A carne de vacca é magra, rija e insípida, e os cevados, pouco vulgares, não pertencem, decerto, á saborosa linhagem dos povoadores dos montados alemtejanos; mas abundam os



Moçambique — DESCARGA DAS LANCHAS DO CONTINENTE

rões tão grandes que d'um só se faz uma saladada, sortimento de mariscos, e carangueijos em tamanha multidão que as suas tocas redondas convertem em crivos enormes bancos de areia descobertos.

Serões — N.º 4

cabritos e as aves. Não ha palhota, nos povoados ou nos matos, em volta da qual não debiquem e cacarejem gallinhas, embora pequenas e encarecidas pelo consumo, como também são caros os ovos, por isso que, se-

gundo a sciencia economica do preto, que não faz despeza com o sustento da creação, um ovo vale uma gallinha. Nos campos voejam as chamadas gallinhas da India, que lá são conhecidas por gallinhas de mato, tão bastas em algumas regiões que se matam á paulada, e que no mercado se compram a oito vintens ou dois tostões; e os sybaritas, que contratam um caçador indigena, poderão ter todo o anno, e quasi diariamente, além das *pintadas*, pombos, patos bravos, perdizes mais volumosas do que as nossas, alguns coelhos, afóra rosarios de passaros de largos peitos carnudos. Tambem as hortaliças não são raridades, e a flora indigena dá, quasi de graça, ananazes, mangas, bananas, papaias, anonas, que fraternizam nos açafates de sobre-mesa com os dourados fructos do laranjal, acclimado pelos portuguezes em quasi toda a costa.

Estas subsistencias são, porém, fornecidas á capital pelo continente fronteiro, e especialmente pelos terrenos do Mossuril. Sem o continente, a ilha morreria de fome, e quando os temporaes a isolam do seu celloiro logo lhe encarece a alimentação.

Cada manhã, entre as 7 e as 9 horas, conforme as marés, larga do fundo da bahia, como se obedecesse á mesma voz, uma frota de trinta, quarenta, e mais lanchas, que levam a Moçambique generos para o seu consumo, mercadorias para o seu commercio de exportação, e numerosos passageiros de todas as raças e condições. A sua travessia é um bonito espectáculo, quando o tempo está claro. Agglomerada pela distancia, a frota parece a principio um bando cerrado de aves maritimas, que levantam vôo para ir saltar algum cardume de peixes voadores avistado ao longe; depois vae-se abrindo, vae-se espalhando, esmaltando de pequenos triangulos brancos um vasto campo azul, e, quando já se distinguem contornos e percebem movimentos, assiste-se a uma regata disputada tenazmente por muitos campeões. E' a quem ha de chegar primeiro á praia, já coberta de grupos de negros, a postos para a faina das descargas. Pulam os cascos sobre as ondulações do mar, mostrando as quilhas como se soltassem vôos, e logo se somem, parecendo afundar-se; inclinam-se até se molharem as vélas prenhes de vento, as bordas nivelam-se com a agua, curvam-se as vergas, em cujos topos tremem convulsamente bandeirolas entezadas, as prôas cravam-se na vaga para arremessarem ao ar turbilhões de espuma, como os garfos levantam da eira nuvens de palha moida, e as lufadas trazem sons confusos de gritos de arraes e rangidos de roldanas. Ha pouco iam duas lanchas a par redobrando de

esforços para se excederem uma á outra; agora, uma só tomou a dianteira a todas, e as outras dão-lhe caça phrenetica; logo, alguma das mais atrazadas, saltando como uma rã entre espadanas d'agua batida, deixará pela pôpa fóra a esquadriha inteira e, ferrendo o panno, resvalará pelo impulso adquirido até varar na areia. Uns após outros vão abicando os ligeiros barcos com motinadas de vozes e ruidos de ferros; e de cada um d'elles estende-se pelo mar uma dupla linha, um como vae-vem humano, de meios corpos negros carregando aos hombros fardos sombrios e passageiros de côres vivas.

Estas embarcações, todavia, não podem muitas vezes abrir ao vento as grandes vélas latinas, por haver calmaria pôdre, o que obriga os seus remadores a gastarem horas de esforços na travessia; e, apezar de serem solidas e affoitas, nem sempre ousam fazer-se ao mar embravecido, e então fica Moçambique sem communicções com o continente.

Para além do bairro indigena, na ponta sudoeste da ilha, o chão arenoso é quasi descoberto de edificações, e ahí se fizeram os cemiterios. O que dá sepultura aos catholicos, e que se denomina de S. Francisco Xavier, foi construido em 1871 e deveu o nome a uma tradição piedosa que perto d'elle tem os seus monumentos.

Quando o santo apostolo das Indias se partiu para Gôa, em 1541 aportou a Moçambique, e lá se demorou á espera de monção propicia para a continuação da viagem. Querendo uma vez passar-se da ilha ao continente — contam os seus biographos, — não achou embarcação que o transportasse gratuitamente, e aproveitou ensejo para mostrar aos indigenas estupefactos quanto póde dispensar auxilios humanos quem é ajudado pelo favor de Deus: estendendo a capa sobre as aguas do mar, sentou-se n'ella, e esse improvisado baixel lá foi, sem véla nem remos, leval-o em salvamento á praia fronteira. Ao embarcar na capa, firmou os pés n'uma pedra, e n'ella se imprimiram as suas pegadas, para memoria perduravel do milagre.

Sobre essa pedra, — dizem outras chronicas, costumava o santo ir meditar e orar; o facto é que ao penedo ficou ligado o nome de Francisco Xavier, fosse qual fosse o verdadeiro motivo da denominação, e sobre elle ergueu-se em tempos modernos, e foi ha dois annos restaurado, um padrão composto de uma base de marmore portuguez encimada por uma cruz de ferro. Singela gradaria resguarda o monumento, e n'uma das faces d'elle lê-se esta inscripção: *Serve de base a este padrão a pedra denominada de S. Francisco Xavier. Foi levantado em 1883.*

As duas pontas pequenas da ilha, estão, pois, assignaladas por uma fortaleza, tropheu de valor militar, e por uma cruz, memoria do apostolado christão no Oriente. Infelizmente, as populações accumuladas no chão que medeia entre esses dois symbolos da historia pa-

tria no seculo XVI, só as visitam como recordações mortas d'um passado que o presente mal comprehende. Junto da pedra de S. Francisco Xavier vivem mouros e gentios; dentro da praça, que Estevam d'Athayde defendeu, só quasi habitam degredados.

(Continúa).

Nictoria. Lisboa



FOLHA D'ALBUM

POR

OSCAR DA SILVA

Allegro vivace e grazioso

Piano

mf

The musical score is written for piano and consists of five systems of music. Each system has a treble and bass staff. The key signature has one sharp (F#), and the time signature is common time (C). The tempo is marked 'Allegro vivace e grazioso'. The dynamics range from 'mf' (mezzo-forte) to 'Piano'. The score includes various musical notations such as triplets, slurs, and accents. There are also markings for 'Red.' and '*' in the bass staff of the first two systems. The piece concludes with a final chord in the bass staff.

First system of musical notation. Treble and bass staves. Dynamics: *p* (piano). Includes triplets and slurs.

Second system of musical notation. Treble and bass staves. Dynamics: *mf* (mezzo-forte).

Third system of musical notation. Treble and bass staves. Includes triplets.

Fourth system of musical notation. Treble and bass staves. Dynamics: *cres.* (crescendo). Includes triplets and slurs.

Fifth system of musical notation. Treble and bass staves. Dynamics: *fz* (forzando), *brillante*. Includes triplets and slurs. Pedal markings: *Ped.* * *Ped.* *.

Sixth system of musical notation. Treble and bass staves. Dynamics: *dim.* (diminuendo). Includes triplets and slurs.

8.^a

Tempo I

pp

harmonioso

8.^a

p

poco cres.

8.^a

mf


cresc. più

brilhante

M.D.

ME

A pagina inedita de melodia, que o distincto compositor Oscar da Silva oferece aos leitores dos SERÖES, vem muito opportunamente afirmar o justo conceito em que é tido o inspirado maestro e talentoso professor, auctor da opera MECIA que vae ter agora a sua primeira audição. Espirito cultivado pelo estudo constante dos grandes mestres, aqui e no estrangeiro, organização artistica vibrando sob o influxo das mais elevadas concepções musicas, Oscar da Silva apura a sua composição original, por vezes estranha, em levezas de tessitura phantasiada, tão delicadas que parecem bordadas em rendilhado de complexa ornamentação, d'onde resalta em relevo, finamente cinzelado, o pensamento musical.



TRAGICOS DESTINOS

Nos arquivos da historia ha paginas, desvanecidas pelo mysterio, dobradas pela fatalidade, como se vincam as folhas d'um volumoso processo para busca de documentos interessantes, paginas que despertam intensa curiosidade, onde largas manchas de sangue ennegrecido apagam a leitura da verdade, mas onde ficam ainda indicios de cumplicidades affectivas, que surpreendem pela estranheza da acção, ou restam memorias de tragicos destinos que assombram pela grandeza da desventura. Em selecção fortuita de casos em que predominam enygmas de psychologia feminina, deixamos nos numeros anteriores a absolvição papal de Joanna de Napoles e o processo do collar de Maria Antonietta. No artigo que segue, registam-se alguns trechos da vida de Maria Stuart, cuja existencia accidentada e complexa, até na sua horrorosa execução, suggere os mais encontrados commentarios e provoca os mais oppostos juizos, consoante o imperio das doutrinas que debatem o conflicto da responsabilidade criminosa e da criminalidade inconsciente, fundidas divinamente no supremo perdão do Nazareno: —Porque muito amou e muito soffreu. . .

ENTRE OS acontecimentos mysteriosos e tragicos da historia, figura aquelle que sobresaltou a população de Edimburgo pouco depois da meia noite de 9 de fevereiro de 1567.

A historia d'esta noite prende-se a outro acontecimento não menos horroroso, dado exactamente onze mezes antes: uma vingança exercida em condições extraordinarias, em Holyrood, antigo palacio dos reis escoceses. Principiemos por este.

De tarde, ao anoitecer, e n'um pequeno gabinete, communicando com o quarto de dormir, a nova e formosa rainha da Escocia ceava com dois convivas da sua mais dilecta amizade.

Todos conhecem retratos de Maria Stuart. Diz-se que tinha formosos olhos azues e bellos cabellos castanhos; feições de delicada perfeição, molduradas n'uma coifa branca, dando a toda a sua phisionomia um ar de freiratica seriedade e tristeza. Aos vinte e quatro annos Maria Stuart era a mulher mais encantadora do seu tempo. A magia da sua formosura sobreviveu atravez dos seculos, de envolta com a calumnia, com os crimes, como a magnificencia dos cabellos castanhos escuros em formoso contraste com a suavidade dos olhos azues. Nenhuma mulher encontrou mais admiradores depois da morte do que esta rainha.

Ella sentara-se n'um canapé encostado á parede da alcôva — um pouco afastada, como quando a porta a separasse apenas do quarto

principal. Ao lado d'ella sentára-se a fascinadora e perigosa condessa de Argyll, uma das poucas senhoras escocezas, que pelas suas maneiras fazia lembrar a Maria Stuart as da côrte franceza, onde passára a sua juventude e onde fôra educada.

O terceiro conviva da ceia era um italiano, David Rizzio.

Tres annos antes, um musico saboyano chegára ás gelidas praias da Escocia; e o porteiro de Holyrood, tendo-se compadecido do expatriado, permittiu por caridade que elle passasse a noite deitado n'um caixão que estava na loja da entrada. Agora, aquelle estrangeiro desterrado era o favorito da rainha, seu secretario, influindo poderosamente na politica e na administração da Escocia.

Os orgulhosos capitães, com antepassados que haviam feito guerra á corôa, os crueis Borderers, em cujas veias corria o sangue de homens que mataram reis, achavam-se dominados pelo brilhante estrangeiro; e até um Parlamento se reunira com o fim de passar sentença de morte ao proprio meio irmão da rainha, para que os dominios d'elle podessem ser dados a Rizzio.

Para o rancoroso espirito de um Douglas e de um Ker, nenhuma explicação plausivel poderia ter o procedimento da rainha. Eram ruderes em demasia para comprehender subtilidades de sentimento e muito menos ainda para as justificar. Todavia para a rainha, meia franceza

pelo nascimento, e toda pela educação e pela sympathia, com as lembranças dos felizes dias da sua mocidade passados em Amboise e no Louvre, como noiva e rainha de França, e agora n'aquelle frio e triste reino do norte, o gracioso e perfeito meridional deveria ter-lhe apparecido como uma visão luminosa e ineffavel.

Mas não foram só os Mortons e Ruthvens que votaram odio de morte ao favorito Rizzio. Pouco tempo antes, tinha chegado ao reino um bello mancebo, do proprio sangue real, primo da rainha, lord Darnley, Henrique Stuart, o qual partira de Inglaterra com o expresso fim de conquistar a estima da rainha.

A viagem deu a Darnley o resultado que esperava; e o «grande rapaz», de dezenove annos, para quem a natureza fôra prodiga em belleza e avara em intelligencia, captivou o coração e obteve o amor de Maria Stuart. E n'ella o coração era tudo, ou pelo menos o dominador absoluto dos seus actos; por isso deu a sua mão ao recémvindo, do que depois se arrependeu amargamente.

Darnley era uma d'essas infelizes creaturas dotadas da sêde do mando, ambiciosas e me-

mãos do seu ministro; e pôde principiar como um estrangeiro desprezado, mas se possui realmente as faculdades necessarias acabará por dominar um reino. O pobre Darnley não sabia isto; ou illudira-se pensando que lhe bastava conseguir de sua mulher a frivola cerimonia de lhe collocar a corôa matrimonial na cabeça para ser rei da Escocia. A decepção e o despeito acirravam-lhe odio contra Rizzio.

Mas Darnley era um covarde, e sua mulher apercebeu-se d'isso; comtudo não se lembrou de que um covarde desesperado é o mais perigoso de todos os inimigos.

Sucedeu portanto que bem depressa ella o desprezava; e n'aquelle noite, como em muitas outras anteriores, o marido da rainha não era do numero d'aquelles que ceavam juntos em tão cordeal intimidade no seu gabinete particular.

Havia mais tres pessoas no quarto, mas essas estavam como cortezãos de serviço, não como convivas: o medico francez da rainha e dois moços cavalleiros escoceses, mais ou menos relacionados com a casa real.

A ceia estava ainda na mesa quando a porta do quarto se abriu. Maria Stuart admirou-se da ousadia indiscreta e de vêr entrar o marido visivelmente perturbado e excitado. Encaminhou-se cambaleando até o canapé onde ella estava sentada e collocou-se ao lado d'ella.

A rainha olhou para elle surpresa, e perguntou-lhe se já tinha ceiado. A unica resposta de Darnley foi passar-lhe o braço em volta da cintura e beijar-lhe a face.

Era o beijo da traição. Subito reabriu-se a porta do gabinete e o terrivel Ruthven, o homem mais implacavel da familia do grande Douglas, entrou altivo, de armadura afivellada, punhal á cinta.

A' vista d'este homem, de quem ella ouvira ultimamente fallar como d'um condemnado e que se tinha levantado doente da cama para exercer a vingança dos nobres, a rainha adiveijou a tremenda conjura. Arremessando ao homem que a acabára de beijar a simples palavra «Judas»! Maria Stuart dirigiu-se a Ruthven, interrogando-o: — Para que veio aqui?

Ruthven indicou-lhe a victima com gesto severo:

— Deixe sahir esse homem. Demais tem aqui estado.

— O que fez elle? Está aqui por minha vontade, protestou a rainha. E voltando-se do homem severo e forte para o fraco e covarde, perguntou ao marido:

— O que quer isto dizer?

— Nada, balbuciou tremulo lord Darnley.

Mas Ruthven cortou cerce o dialogo. Em poucas e crueis palavras—palavras que insultaram Maria Stuart como mulher e como so-



Ruthven entrou altivo...

diocres, sem um vislumbre de faculdade de governar.

Um homem pôde ter nascido czar da Russia, mas se não possuir a faculdade de o ser, tornar-se-ha em pouco um instrumento nas

berana—declarou-lhe que os dias do seu favorito estavam findos e avançou para o agarrar.

Então seguiu-se uma scena confusa. A rainha com toda a altivez da sua natureza generosa, collocou-se entre Ruthven e David Rizzio que se chegou á saia cobrindo-se com ella. Os tres servidores tentaram agarrar Ruthven, que desembainhou o punhal e chamou pelos companheiros que esperavam fóra da porta. Um dos conspiradores apontou uma pistola ao peito de Maria Stuart, um outro derrubou a mesa, e se a condessa de Argyll não tivesse levantado rapidamente um candelabro tudo teria ficado na escuridão.

Foi preciso usar da força para arrancar Rizzio de junto da rainha, cujo vestido lhe servia de fragil abrigo e que só em ultimo esforço abandonou. Ruthven ordenou a Darnley que segurasse sua mulher para que o homem que tinha acabado de lhe apontar a pistola, ficasse livre e podesse enleiar em volta do corpo de Rizzio uma corda afim de o arrastarem para fóra do quarto, entre gritos de socorro que só chegaram aos ouvidos de Maria Stuart.

Alguns minutos depois um cadaver despedaçado, apunhalado cruelmente, era transportado para a loja do porteiro e metido n'um caixão que allí estivera durante tres annos ainda collocado no mesmo logar; e o laçao escoceoz, olhando para elle com aquelle malicioso instincto moralista proprio da sua classe, e imitando na reflexão um dos *clowns* de Shakspeare, observou:

— Eis o destino fatal; porque este caixão foi a sua primeira cama quando entrou n'este palacio, e agora ali está de novo deitado para sempre.

Ruthven escreveu depois uma narrativa, singularmente nitida e vivida, de toda esta scena extraordinaria, na qual elle representou o primeiro papel. Tão alquebrado ficou da lucta, que mal Rizzio desapareceu do quarto, cahiu desanimado n'uma cadeira na presença da rainha e com ironia pungente desculpou-se da infracção de etiqueta á mulher a quem acabara de arrancar Rizzio pelas suas proprias mãos. Relatou tambem o dialogo, a conversa havida em seguida e na sua presença, entre Maria e Darnley.

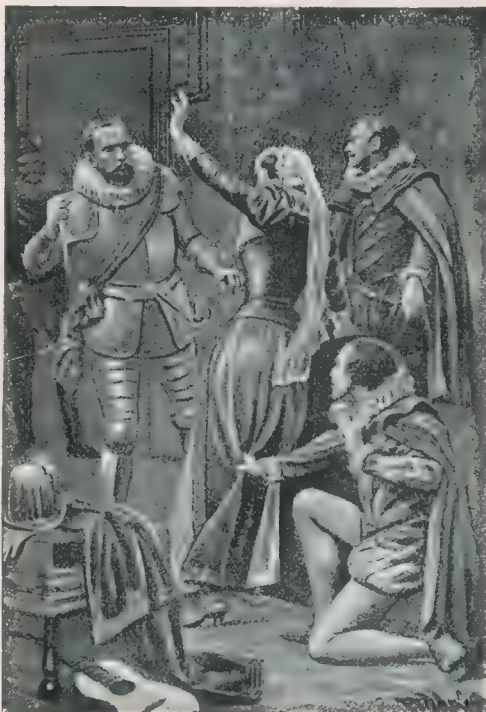
Este, exultando no seu triumpho, fez um covarde uso da oportunidade, insultando e censurando a mulher que o desprezára por tanto tempo.

— Covarde! Para isto te levantei do pó! Foi a unica resposta de Maria Stuart.

E notando em seguida que o marido tinha vazia a bainha do punhal, perguntou:

— Onde está o teu punhal?

— Não sei, respondeu.



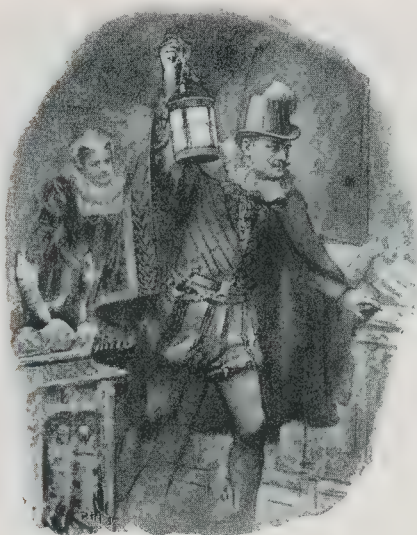
A rainha collocou-se entre Ruthven e Rizzio...

— Ha de saber-se depois, retorquiu ella. Sahir-te-ha caro se por ti foi derramado o sangue de David! Pobre David! Bom e fiel servidor! Que Deus tenha compaixão de sua alma!

Estas palavras arrancadas pela dôr ao espirito ativo da princeza, profundamente ultrajada, foram os primeiros pronuncios da tempestade que deveria desencadear-se onze mezes depois.

Ruthven retirou-se cheio de pavor, deixando juntos mulher e marido. Adivinha-se, mais do que se sabe, o que se passou durante as quarenta e oito horas seguintes entre Maria Stuart e o mancebo desprezível com quem casára. Não é preciso ter conhecimento profundo da natureza humana para calcular quanto esforço e dominio sobre si propria deveria ter empregado uma mulher formosa e ativa, como esta, para aturar uma creatura de tão insignificante espirito e de tão miseravel procedimento, como o da especie de Darnley. A' meia noite do se-

gundo dia depois do assassinato, Maria Stuart e o marido desceram furtivamente até os subterrâneos abobadados do palácio de Holyrood, dos quaes uma passagem secreta dava com-



...procurando caminho por entre os tumulos...

municação com a crypta da arruinada abbadia. Procurando caminho por entre os tumulos, em que jaziam os antigos reis da Escocia, chegaram por fim a um ponto onde os esperavam cavallo's aparelhados e d'alli partiram juntos.

Ruthven e os seus amigos haviam conspirado contra Rizzio em nome de Darnley. O fito da conspiração, verdadeiro ou fingido, tinha sido collocar-o no throno ao lado de Maria Stuart como reinante na Escocia. A sua fuga, em companhia d'ella, reduzia á iniquidade revoltante d'um assassinato toda a conspiração. Maria Stuart persuadira-o de que ella só poderia fazer mais por elle do que toda a liga dos Douglas, e por isso abandonava completamente os amigos.

Dentro d'uma semana a rainha da Escocia voltava a Edimburgo á frente de tropas agueridas. Os assassinos de Rizzio fugiram; os restantes conspiradores foram perdoados. Mas Darnley não recebeu em premio a corôa tão ambicionada. Ao contrario, encontrou o desprezo e a suspeição por toda a parte. Debalde fez uma declaração solemne perante o conselho privado de que não tinha tomado parte na morte de Rizzio. Ruthven replicou, pondo perante os olhos da rainha uma carta devidamente sellada, na qual Darnley tomava sobre si toda a responsabilidade da conspiração.

Que effeito produziria em Maria Stuart este documento? A resposta é dada por um outro escripto em Craigmiller, no mez de dezembro seguinte, o celebre compromisso dos lords.

N'este intervalo, marido e mulher viveram separados. Nasceria o futuro Jayme vi da Escocia e i de Inglaterra, mas Darnley não esteve presente ao baptisado do filho. Quando Maria Stuart esteve á morte em Jedburgh, elle appareceu n'um dia e retirou-se no seguinte. Chamado perante o conselho, onde tinham assento Moray, Argyll e Maitland—todos a quem havia trahido—e perguntado sobre a causa do seu descontentamento não soube responder. Desamparado pela rainha, e evitado por todos os nobres, o desgraçado viajava repetidas vezes, atravez da Escocia, com poucos criados ao seu serviço, e começou a temer pela propria vida.

Em dezembro, houve uma notavel conferencia entre a rainha e alguns dos principaes lords. Moray, Argyll e Maitland desejavam obter o perdão de Morton que depois de Ruthven foi o que tomára principal parte no assassinato de Rizzio. Pensaram que o melhor meio seria libertar a rainha de Darnley, e foram procural-a, acompanhados de lord Huntley, catholico, e do homem cuja influencia prejudicial cahira n'aquelle tempo como uma mancha sobre as paginas da vida de Maria Stuart, o perverso conde de Bothwell.

A rainha já tinha appellado para Roma para obter divorcio de Darnley. Fôra-lhe, porém, recusado. Quando os cinco lords vieram expôr-lhe os novos projectos, a sua primeira resposta foi que reflectira nas consequencias do divorcio d'onde lhe parecia resultar duvidas para os direitos de seu filho, e por o abandonar. Maitland de Lethrington, replicou:

—Minha senhora, nós que aqui estamos, os principaes da nobreza de vossa Graça e do vosso conselho, acharemos meio de sua magestade se desembaraçar d'elle sem prejuizo de seu filho: e, comquanto lord Moray seja um pouco menos escrupuloso como protestante, do que vossa graça é como catholica estou certo que elle tapará os olhos com as mãos, olhará por entre os dedos, e ha de vêr as nossas acções sem nada ter de lhes dizer.

N'aquelle epoca, e na Escocia, semelhantes palavras podiam ter uma interpretação unica. A rainha respondeu logo:

—Desejo que nada faças que por qualquer fórma possa empenhar a minha honra ou consciencia; portanto peço-vos que melhor será deixar as cousas como estão, esperando que Deus na sua bondade lhes proveja de remedio. Julgando prestar-me um serviço, poderá o fim não ser conforme aos vossos desejos; pelo contrario pôde voltar-se por mal contra mim.

Se lord Maitland offerecêra indirectamente matar-lhe o marido, Maria Stuart afastava a offerta.

— Minha Senhora, concluiu elle, deixe-nos guiar o assumpto entre nós, e vossa magestade verá apenas o que fôr legal e approvedo pelo Parlamento.

Eram ambigüas estas palavras; e Moray, a quem os inimigos de Maria Stuart engrandeceram como homem de immaculada honra, jurou depois que nunca tinha presenciado proposta alguma que fosse illegal ou de deshonroso proposito. Aos seus ouvidos, portanto, as ultimas palavras de Lethrington não insinuavam projectos de assassinato. Aos da rainha, egualmente poderiam tambem significar apenas qualquer processo de divorcio parlamentar.

Logo depois de terem sahido da presença da rainha, Argyll, Huntley, Maitland e Bothwell assignaram o seguinte compromisso formal:

«Que por justos motivos era julgado conveniente e proveitoso para o bem commum, pela nobreza e lords abaixo assignados, que a corrupta besta, o moço doido e o orgulhoso requintado, não tivesse o governo d'elles; portanto concluíam todos que deveria ser posto fóra *por qualquer meio*, e quem quer que tomasse a responsabilidade de o fazer, por elles seria defendido e ajudado, porque seria por todos julgado e mantido o feito como se fóra por elles proprios».

Assim foi decidida e garantida a morte do «grande rapaz» que viêra ao norte com o proposito de ganhar uma corôa.

A sentença fóra pronunciada, mas o executor não fóra designado. Era desnecessario. Havia entre elles um homem claramente apontado, pela sua historia passada e pelas suas relações presentes com a rainha, como instrumento proprio da morte de Darnley.

Era o conde de Bothwell, um Border reverso da peor especie. Maria Stuart tinha-o despojado antigamente dos seus estados. Mas depois do assassinato de Rizzio, fora o primeiro a reunir-se a ella, e desde esse tempo procedera como seu devotado partidario. Substituria Rizzio na affeição e acompanhava-a por toda a parte com tanta assiduidade que já déra azo a escandaloso commentario.

Na vespera do natal, Morton recebeu o perdão ambicionado; e o objectivo da liga dos lords estava portanto conseguido. Na mesma noite, Darnley, que tinha ido a Stirling para ser espectador do baptisado de seu filho, como se fosse simples comparsa da scena, cahiu subita e violentamente doente.

Tinham-lhe chegado aos ouvidos vagas noticias do pacto verbal entre a rainha e os nobres e da subsequente declaração escripta. Mal soube que estava assignado o perdão de Mor-

ton, retirou-se apressadamente do castello de Stirling, procurando refugiar-se em Glasgow. Mas caminhara apenas uma hora a cavallo quando foi atacado de mysteriosa e terrível doença. Appareceram-lhe em todo o corpopintas escuras azuladas, como indicando subita decomposição do sangue e sem poder ter-se em pé, exausto de forças, foi levado para Glasgow com todas as apparencias de morte proxima. A critica historica moderna, baseando-se em deducções scientificas, capitula esta doença de ataque de variola confluyente.

Mas Darnley não morreu. Estava ainda convalescente quando o proprio Bothwell, encontrando Morton na sua volta do exilio, abertamente propoz a este tomar parte no assassinato de Darnley. Morton recusou com o motivo expresso de que receiava cahir no desgosto da rainha. Bothwell assegurou-lhe que desta vez a rainha era parte consentidora no plano.—Traga-me a assignatura da rainha para garantia, retorquiu lord Morton, e então lhe responderei.

Tal garantia nunca foi obtida. Morton, que não tinha escrupulos, que estaria prompto a cooperar no assassinato se tivesse a segurança de que a rainha realmente o desejava, nunca teve essa segurança. Pelo contrario, recebeu um mensageiro de Maitland, um dos signatarios do compromisso de Craigmiller, para este fim expresso:—Diga ao conde de Morton que *a rainha nada quer ouvir* sobre o assumpto que lhe foi designado.

N'esta mesma occasião, quando Bothwell instava com Morton para que se juntasse com elle no premeditado proposito e Morton pelo seu lado procurava informar-se das disposições da rainha, Bothwell tinha na sua algibeira, affirmou-se depois, cartas de Maria Stuart dirigidas a elle, confessando-lhe um amor louco e instigando-o ao crime por phrases como estas:

«Eu poderia quasi ter tido dó d'elle; mas não receies, o plano ha-de levar-o á morte. . . . Considera se não poderás intentar meio mais secreto pela medicina. . . . Elle suspeita grandemente e comtudo confia em mim. Tu és a causa d'isto; por minha particular vingança não o faria.»

Assim, pelos menos, foram as convicções dos historiadores que condemnaram Maria Stuart; todavia deve notar-se que Bothwell, consentindo a Morton ver uma só d'estas cartas, teria bem facilmente obtido a sua adhesão e ter-lhe-hia dado bem clara a segurança que aquelle tanto reclamava. Raras vezes se encontrará na historia secular uma fabula mais inverosimil, e que mais confiadamente houvesse sido aceita.

Morton era talvez o peor inimigo de Maria

Stuart. A opinião de muitos designa Morton como autor das celebres *cartas do cofre*, prova apresentada da connivencia e culpabilidade da rainha na morte do marido; e, curioso caso, foi o proprio Morton que inconscientemente testemunhou as proprias falsidades.

Emquanto Bothwell tentava baldadamente persuadir Morton em Edimburgo, Maria Stuart estava em Glasgow á cabeceira do leito de seu marido doente.

A primeira conversação entre elles foi descripta no depoimento do criado de Darnley, feito depois da morte d'este. E', portanto, uma informação de inimigo de Maria Stuart.

Começou de arguir o marido por ter dado ouvidos ás calumnias que contra ella se levantavam. Depois, com serenidade, perguntou-lhe qual era a causa da doença ou a que a attribuia.

Suspeitava acaso Darnley que tinha sido envenenado por instigações da mulher que estava ao seu lado? Eis a resposta d'elle: — Tu és a causa da doença. Só vem de tí que não perdoas as minhas faltas quando d'ellas me arrependo.

O príncipe continuou ainda admittindo que tivesse sido culpado, e entregando-se á clemencia de sua mulher. Maria Stuart escutou-o bondosamente; e deu-lhe esperanças de reconciliação. Darnley supplicou-lhe que não o abandonasse. Ella respondeu que as suas boas relações deviam ser conservadas em segredo para os lords.

Darnley tivera conhecimento, embora vago, do compromisso de Craigmiller. Talvez presentisse que a sua unica esperança de salvação deveria residir n'um appello á boa indole de sua mulher. Esta ficou em Glasgow até que elle se achou bom para emprender viagem, e depois partiram juntos para Edimburgo.

Se os depoimentos dos criados, que depois testemunharam contra a rainha, conteem uma parcella de verdade, durante todo este mesmo tempo Maria Stuart esteve em communicação com Bothwell. Foi este quem veio ao seu encontro ás portas de Edimburgo, e quem os conduziu a Kierk-a-Field.

Era esta celebre construcção de forma quadrangular, e fóra occupada anteriormente por um convento de dominicanos, tendo ao lado uma egreja arruinada. Estava fóra dos muros da cidade. O quarto de dormir de Darnley foi escolhido no primeiro andar no flanco oeste, e um outro quarto justamente por baixo d'este para a rainha.

O historiador Froude poz em relevo propo- sitado um incidente que occorreu quando a rainha foi ver pela primeira vez o seu quarto. Achou que a cama estava n'um lugar menos apropriado ou errado, e zangada ou impaciente ordenou que a mudassem. Froude concluiu

que o motivo da mudança era já uma premeditada deliberação de conservar livre o espaço directamente correspondente á cama de Darnley no quarto superior, e destinado a ser ahi collocado o barril de polvora cuja explosão o havia de matar. O historiador talvez desconhecesse que a posição das camas n'aquelle tempo estava sujeita a um estricto código de etiqueta. Uma senhora da côrte de Francisco 1.^o, escreveu um tratado sobre este grave assumpto, no qual reprova severamente a presumpção de certas damas flamengas que collocavam as suas camas defronte do fogão, posição exclusivamente reservada ás camas de pessoas coroadas. Maria Stuart era uma rainha; seu marido um simples lord, e portanto, se a cama de Darnley tinha sido correctamente collocada, era sem duvida uma falta pôr a d'ella n'um lugar correspondente no quarto em baixo. Era natural que a viuva de Francisco se apressasse a notar o erro e a ressentir-se da indelicadeza commettida.

Como usualmente succede os accusadores exaggeram o libello e se contradizem. Na mesma pagina, o mesmo historiador, depois de afirmar a premeditação na mudança do leito, declara que o plano primitivo do crime não era o de fazer saltar Darnley por meio de explosão, mas persuadi-lo capciosamente a ir fóra da cidade como passeio ou exercicio, e então matal-o. Mas houve mudança de intenção *porque aquella poderia ser conhecida*.

Finalmente chegou aquelle memoravel domingo, 9 de fevereiro de 1567. A rainha Maria Stuart dormira alternadamente durante aquella semana em Kirk-a-Field e Holyrood. N'esta noite havia festa e baile de mascaras no palacio, por occasião do casamento de uma das damas da rainha, e ella promettera comparecer. Todavia, depois da ceia, veio passar algumas horas ao lado de seu marido doente. Bothwell estava presente, bem como Argyll e Huntley, trez dos que haviam assignado a obrigação de tirar a vida a Darnley. Em quanto estavam no quarto d'este, em cima, diz-se que os ouvidos finos de Bothwell perceberam ruido no quarto de baixo, e desceu para admoestar os imprudentes e recomendar silencio. Viu uma pilha negra de polvora dispersa no chão, e Hoy e Hepburn de pé junto d'ella, esperando que tudo estivesse quieto no andar superior. Bothwell voltou subtilmente para o quarto de Darnley. Os outros prepararam-se para sahir. Era meia noite dada.

Maria Stuart lembrou-se repentinamente de que tinha promettido estar presente no baile de mascaras, e despediu-se affectuosamente do marido. Beijou-o, e enfiou-lhe no dedo um anel. Depois encaminhou-se para a porta do quarto, e pronunciou estas palavras: —

«Foi justamente por este tempo no anno passado que Rizzio foi morto.»

Recordação casual ou aviso propositado? Extranha coincidência, que affecta ser presentimento, ou delação involuntaria que nasce do remorso?

Quatro pessoas ficaram a dormir n'aquelle torreão do velho mosteiro: Darnley, o pagem que dormia aos pés da sua cama e mais dois criados. Por uma hora ainda o doente solitario conversou e leu elle proprio para adormecer. Depois tudo cahiu em silencio.

A's duas horas uma forte explosão acordou a cidade de Edimburgo, e toda a ala oeste de Kirk-a-Field cahia em ruinas. Entre os escombros encontraram-se cahidos os corpos dos dois criados, um feto em pedaços, o outro ainda com vida. Mas nem o cadaver de Darnley, nem o do seu pagem alli foram encontrados. Os seus corpos foram descobertos debaixo de uma arvore no jardim, a quarenta jardas de distancia, estrangulados, sem signal algum de fogo ou queimadura, com as roupas no chão junto d'elles. De como vieram ali parar, e do modo como elles haviam sido assassinados nunca houve explicação.

Hay e Hepburn declararam depois que effectivamente esperaram até que tudo estivesse silencioso no quarto superior para deitar fogo ao rastilho preparado e fugiram da casa fechando á chave as portas que iam deixando para traz. No jardim encontraram Bothwell e alguns mais; vigiaram até que a construcção voasse em estilhas pela explosão e depois vieram-se embora. Um chronista contemporaneo regista o boato de que os agentes de Bothwell estrangularam primeiramente Darnley e o pagem nas suas camas, trouxeram para fóra os corpos, e depois voltaram para fazer a explosão na casa. Uma outra versão conta que as duas victimas foram arremessadas pela violencia da explosão para o ponto onde foram encontradas, e que ali tinham sido estranguladas pelos assassinos.

No velho registo de mortos da parochia de Canongate que está guardado na repartição do Registo Geral em Edimburgo, a morte de Darnley está assim registada: «Sua Graça o Rei morto por uma explosão de polvora, em Kirk-a-Field em 10 de Fevereiro de 1567.» Foi esta a versão official.

A todas estas narrativas falta uma explicação logica, deduzida naturalmente dos factos. O fim da conspiração fora para matar Darnley; a explosão na casa fóra o meio adoptado para attingir aquelle fim. E' portanto incrível que os assassinos tivessem matado primeiro a sua victimas, depois levado-a para fóra de casa, e depois voltassem a effectuar a premeditada explosão. Por outro lado, se a explosão tivesse

realmente arremçado os dois corpos, quarenta jardas pelo ar, seria impossivel que d'isto não tivessem apresentado signaes, muito mais inverosimil ainda terem sido achados juntos e



Viu Hoy e Hepburn junto da polvora...

em relação ás roupas encontradas ao lado d'elles o caso assumiria as proporções d'um milagre.

Quando Hay e Hepburn accenderam a mecha e fugiram, fechando á chave as portas por onde iam passando, certamente imaginaram que a victimas visada ainda estava no quarto superior. Estavam porem enganados. Darnley e o pagem, cheios de pavor, tinham-se já levantado; e, levando comsigo os fatos que não haviam tido tempo de vestir completamente, desceram na ponta dos pés os degraus da fatal escada, passaram por diante da porta do quarto onde os dois assassinos vigiavam o montão de polvora, e sahiram da condemnada casa.

Não encontraram cá fóra melhor destino. Esperava-os infelizmente aquelle grupo de cruéis e implacaveis homens que de pé aguardavam a explosão para ficarem seguros da sua obra. Inutilmente os dois fugitivos procuraram abrigo na escuridão da noite fria; as suas fôrmas fluctuando no jardim feriram certamente a vista aguda do deshumano Bothwell e dos seus companheiros de conspiração.

Mas porque aquella fuga imprevista, subita? Porque aquelle pavor?

Procure-se uma explicação n'aquelle ultima e significativa phrase pronunciada por Maria

Stuart quando deixou o quarto do marido: «Foi justamente por este tempo no anno passado que Rizzio foi assassinado».

Que pensamentos lhe revolveriam o espirito,



...levando consigo os fatos...

que sentimentos lhe agitariam o coração quando pronunciou aquellas palavras? Póde haver quem acredite que ellas eram pronunciadas com a satisfação de vêr finalmente chegada a hora da vingança tão longamente addiada. Mas aquelles que consideram a rainha Maria Stuart não inteiramente um monstro, mas ainda uma mulher, poderão dar-lhes outra menos cruel e perversa interpretação.

Pódem julgar que ella tivesse sido sensivel ao arrependimento de seu marido, um rapaz de bello phisico, no verdor da mocidade ou de

se ter arrependido pela sua parte de ter discordado d'elle.

A rainha poderia ter sabido o que se estava preparando. Poderia temer-se do implacavel Bothwell e a quem não sabia resistir. Poderia ter mesmo consentido; mas o seu coração de mulher tel-a-hia no ultimo instante movido a dar aquella secreta advertencia ao homem cujos labios tinham acabado de se unir aos d'ella.

Talvez reflectindo n'aquellas palavras Darnley e o pagem as tivessem considerado como aviso, e por isso tentaram fugir. Em todo o caso o mysterio subsiste.

Taes os factos d'aquella memoravel noite, e tal a explicação que d'elles é possivel conjecturar. A critica historica moderna não isenta inteiramente a rainha de culpabilidade no assassinato de Darnley; ao contrario accusa-a de cumplicidade. Todavia numerosos escriptores defendem-lhe o procedimento; ou descendo a analyses subtile de psychologia sentimental e acceitando, como justificação, os impulsos fataes, deterministas do temperamento, attenuam-lhe a responsabilidade que se acoberta com a inconsciencia, e separam-lhe nos actos praticados a influencia natural do meio, da educação, e da época em que a vida d'um homem era cousa levemente considerada. Como explicação final dos acontecimentos da noite de fevereiro, encontram no aviso, que ao ultimo instante deixou cahir dos seus labios, uma demonstração de arrependimento, embora tardio, da fraqueza anterior em ter consentido.

Mas no mez de maio seguinte, Maria Stuart casava em terceiras nupcias com o conde de Bothwell, apontado publicamente como o assassino de lord Darnley.

Quando estes requintes de voluptuosidade cruel infamam a personalidade humana, grande benevolencia de juizo é remettel-os para os dominios da pathologia mental, no vastissimo capitulo das preversões sexuaes.

Em todo o caso, as torturas moraes que experimentou aquelle espirito, até no supremo instante em que a sua gentil e formosa cabeça rolou no cadafalso, sómente ao segundo golpe do carrasco, fôram-lhe castigo doloroso e punição cruel. Extraordinario destino de mulher e de rainha !





CAPITULO QUARTO

A Senhora da Lapa

NATURAL é de saber que Adozinda passou o resto da noite debatendo-se n'uma angustia infernal. Impossivel lhe foi conciliar o somno. Se a espaços o espirito fatigado ia a caminho de amadornar e esquecer-se, embalado n'um amnesiamento providencial de todo o seu ser, desconfortado e exaustivo, breve um frio estremeção de alvoroço percorria-a, e então ficava revivendo angustiadamente na tréva, de palpebras muito abertas, aquella scena horriavel de poucas horas antes. E de manhã acordou aturdida, ardendo em febre, com a cabeça pesada como um chumbo, e nas pupillas ardentes um brilho desvairado.

Como não se podia levantar, trouxéram-lhe o almoço á cama. Não comeu nada, por mais que junto d'ella a bôa da mãe insistisse, com os olhos rasos de agua. Foi logo chamado o medico, que depois de muitos tacteamentos de pulso e exames á lingua e ás palpebras, se limitou a receitar chá de tilia e repouso. Evidentemente o seu ronco empirismo seria incapaz de atinar com a verdadeira causa d'aquelle estado morbido, que n'uma violenta perturbação neuronica tivera sua principal origem.

No dia seguinte Adozinda, cada vêz mais perturbada e inquieta, disse que queria ser ouvida de confissão. Debalde a carinhosa mãe, de roda d'ella desfeita em pranto, observava que não era a doença caso para isso; em breve estaria bôa. «Agora confessar-se! Nem que estivesse para morrer... Crêdo! Até era desafiar a bondade do Senhor.» Mas a filha, renitentemente, insistiu; a termos que não houve remedio senão fazer-se-lhe a vontade. Veio pois o padre Manuel, que ao entrar no quarto, e ao vêr a pobre creança n'aquelle afflictiva desordem, n'aquelle fulminante abysmo de ruina, persignou-se logo, benzeu-se e n'um supersticioso terror largou

a monologar, de olhos em alvo e mãos postas, os mais efficazes exorcismos que sabia.

Entretanto Adozinda, impaciente, afastando da testa o cabelo em pastas humidas, erguendo o busto de cotovelo finque no travesseiro, fazia repetidos signaes á mãe para que a deixasse a sós com o confessor. Estava agitada, receiosa, trabalhada por qualquer intimo pavor ignorado, que lhe desordenava a alma e que a fazia soffrir.

— Crêdo! filha, socega... — dizia-lhe a D. Bernarda, deitando-lhe um chale pelos hombros e beijando-a. — Nem que estivesses já na ultima, Deus do céu!

A filha porê, anciadamente, com o braço estendido n'uma supplica vehemente e a garganta pêrra, insistiu. Depois, apenas se viu a sós com o padre, desfiou-lhe então rapidamente, febrilmente, com uma liberdade, uma audacia, um despejo de phrase e uma cruêza de pormenores de que o branco velho sinceramente pasmava, todos os successivos degraus do seu amor pelo delegado, as desconfianças, as suspeitas, e por fim aquella scena decisiva e horriavel entre os tres, no caramanchão. E allucinadamente depois pedia o perdão do seu peccado, e que lhe alcançassem do Senhor, para a sua alma arrependida e sem macula, o balsamo da paz, da serenidade antiga!

Desconcertado e boquiaberto, o padre Manuel, de olhos baixos, raspava com a unha machinalmente o sêbo da batina e não atinava com uma palavra a dizer... N'aquelle seu rudimentar pastoreio de almas, ia para meio seculo, nunca com effeito se defrontára com a sua ingenua fé um caso assim complicado e alarmante de psychologia feminina. Eram vulgares, sim, n'aquelle sua parochia viril e rude, em que a fecundação humana andava constantemente estimulada no exemplo, no contacto germinador com a terra,

eram vulgares as traições de amor, as violências eróticas, os assaltos brutos a virgindades desprevenidas; mas algumas lagrimas e suspiros sanavam breve o damno feito no coração das victimas; circulava o amor entre as almas como pelas arvores a seiva; tudo aquillo se fazia de instinto, serena e naturalmente, n'uma total consubstanciação do individuo com o renovamento incessante e fecundo da Natureza. Mas agora, com a sua querida Adozinda, não... mudava o caso de figura. Havia ali complicações de romance, mundanismos e diabolicas tentações que lhe faziam passar pela espinha calafrios de pavida ignorancia. Contra semelhantes desvarios era declaradamente inefficaz a reduzida therapeutica do seu latim e dos seus conselhos. Não percebia nada!

E, aqui, uma outra circumstancia o fêz com mais aterrada incertêza considerar ainda aquelle phenomeno alarmante de creança. Pois, mal o confessor, de mãos abençoadamente estendidas para o leito, começou balbuciando a absolvição, Adozinda arremessou-se com violencia, desgrenhada e descomposta, em altos gritos, com a garupa para a frente, n'um soluçar de desespero, apertando os joelhos nos cotovelos, mordendo as mãos. Mais ella gritava, mais o padre Manuel, em pé e muito pallido, afervorava e renhia alto nas suas orações. Veio á porta do quarto, pediu para baixo um raminho de oliveira com agua benta; não deixou entrar ninguem. Depois espargiu demoradamente a victima, e, na intenção de despedir-se, deu-lhe a mão a beijar.

Adozinda tomou-a com uma querença afflictiva de naufrago, e balbuciou entre soluços:

— Senhor padre Manuel! tenho a pedir-lhe uma coisa...

Diga, minha rica menina...

— Não! não! duas coisas... Primeira, não se esquecer de que quanto lhe eu disse constitue segredo de confissão. Eu não duro muito... quero que esta vergonha vá comigo p'r'a cova.

— Morre agora, que idéa!

— Segunda coisa... os meus sapatos! — E os grandes olhos mortaes de Adozinda cravavam-se no timorato velho n'uma anciada supplica.

— Que quer então?...

— Que ninguem os veja, ninguem os ache... Ande, vá lá! Que ninguem, nem por sombras, suspeite que elles eram meus! que fui eu que os deixei ali!

— Diabo! isso agora... E' talvez tarde...

— Padre Manuel, por amor de Deus! poupe a meus paes ao menos esse desgosto, — in-

sistia Adozinda, muito afogueada, de joelhos sobre a cama.

— Está bem, eu lá vou...

E sinceramente acobardado, com a testa fria de suores, o padre Manuel sahiu do quarto de Adozinda, firme no proposito de lhe assegurar por completo, fôsse como fôsse, o illibamento da reputação.

Mal que elle sahiu, saltaram logo á frente, a tomar-lhe o passo, os paes de Adozinda, que se tinham conservado no mirante ao lado. Interrogaram-n'o mudamente com o olhar, e elle, mudamente tambem, encolheu os hombros. Mas Bento de Souza, ao vêr-lhe o semblante ensombrado e a testa apprehensiva e triste, aventurou:

— Então? ... Achou-a mal?

— Está muito desasocogada.

— Mas será realmente coisa de perigo?

— Eu não sou medico...

— Demonio!

— E olhe, meu caro Souza, — acudiu com intimativa o padre, batendo no hombro do interlocutor, — agora é que o sr. disse bem... Demonio, demonio, sim... Deus Nosso Senhor me perdôe, mas ali anda maleficio de espirito ruim!

Esta insinuação quebrou-se inefficaz perante o espirito educado e o animo sensato de Bento de Souza. Não já assim com sua mulher, em cuja feminina imaginação tinham fóros de legitima verdade todas as attribuidas façanhas a duendes, lobishomens e mais habitantes do Invisivel, malfazejos cooperadores de Satanaz. Por isso, mal o padre Manuel sahiu, foi-se logo ao oratorio, onde procurou um velho e venerando escapulario, trazido, segundo a tradição, da Terra Santa, e lançou-o ao pescoço da filha. E queria que n'aquella mesma tarde lhe fôsem buscar a Chavães um celebre *endireita*, de inconcussa fama nos casos de affecções demoniacas, para vir *talhar o ar* e expulsar o démo do estremecido corpo da filha. Bento de Souza porém não consentiu. — Que bem grande, bem horrorosa era a suadôr, para que lh'a quizessem ainda aggravar pelo ridiculo!

— Mas que havemos de nós então fazer, valha-me Deus? ... — contestava a mulher. — Havemos de deixar p'r'ahi assim a padecer, até mirar-se de todo, esse anjinho?

— Não, isso não, mulher! mas deixa vêr se primeiro, pelos meios naturaes... Olha, sabes? p'r'a semana tenho que ir ao Porto e consulto lá os medicos.

— Ou traze mesmo um!

— Já se sabe!

E, afastando-se, Bento de Souza monologava, muito vagamente suspeito da origem do mal:

— Mas que diabo daria á rapariga ! ?

Entretanto, como logo correu boato na aldeia da doença de Adozinda, não faltavam a todo o momento as visitas no patim dos Souzas. D. Bernarda esquivava-se systematicamente a receber as varias familias burguezas, que com os seus lamentos de cumprimento e as suas consolações banaes não faziam senão aziumar-lhe o soffrimento. As filhas do escrivão da fazenda essas então nem por sombras as queria vêr. Mas recebia affavelmente as mulheritas do povo, e com ellas se demorava horas a colher allivios, n'uma affectuosidade complacente. A ingenua piedade d'estas fazia-lhe o effeito d'um balsamo. Com ellas á vontade desabafava, espai-recia. E uma trazia-lhe certa herba medicinal de fama, outra bentinhos, outra raizes para fumigações, outra mimos da sua propria dis-pensa. Ajudavam todas á lida da casa, revesavam-se na assistencia junto da doente; e como esta não melhorava, acocoravam-se-lhe então todas invariavelmente, n'aquellas interminaveis noites de janeiro, pelo corredor fóra, a resar o terço, n'uma piedosa concentração monastica, envenenando o ambiente com um re-lentado cheiro a suor e a estrume.

Com a alma presa por este agudo cuidado, lá se foi Bento de Souza ao Porto, onde tinha que ir receber uma prestação por conta da ultima novidade e tratar outros negocios da casa. E então, cá em Leomil, a crendice incorrigivel d'aquelle conciliabulo feminino, que ficára senhor da situação, recobrou logo sobre a docil mãe de Adozinda todo o ascen-dente, e a exorcista guerra ao demonio foi resolvida. Veio o *endiveita* de Chavães ganhar doze libras. Quando elle entrou no quarto de Adozinda, esta, ao vêr subito ante si aquella figura grotesca e repellente, — um homunculo gibboso, calvo, côxo e quasi anão, de barba cerdosa e aspera como arestas de gelo, — tapou o rosto, prorompeu em gritos de pavôr. E logo elle para as mulheres, com um risinho intelligente :

— Aann !... Vêem ?...

Dando como certo que aquelle raivoso paroxysmo não era senão indicio da presença do espirito immundo, sobresaltado já pela sua apparição.

Serões — N.º 1

Tomou, não sem custo, o pulso á doente, fitou-a bem nos olhos e palpou-lhe o ventre; decidindo por fim com emphase que a pobre menina *estava possessa*, e que tinha de lhe *ta-lhar o ar* na testa e no peito.



...traçava com a faca grandes cruzes no ar...

Veio alfazema, rosmaninho e alecrim em abundancia, fecharam-se as portadas da janella, accendeu-se n'um fogareiro de barro uma grande fogueira aromatica; e então o charlatão saccou da algibeira uma especie de faca de cosinha, com cabo de chifre de boi, que defumou espaçadamente; passando depois a traçar com ella grandes cruzes no ar, sobre a cabeça e o peito de Adozinda, e di-zendo, perante a immobildade idiota da vi-tima e os olhos de terror das testemunhas

Bicho, bichão,
Sapo, sação,
Cobra, cobrão,
Bicho de toda a nacão,
Que andas por baixo do chão,
Nossa Senhora da Conceição
Te ponha a sua mão !
Que a d'ella tem virtude e a minha não...
Sejas fresco ou salgado,
Não unas a cabeça co'o rabo.
Assim como eu hoje não comi nem bebi,
Assim tu não medres aqui.
Bicho bravo !
Corto-te a cabeça, parto-te ao meio, secco-te o rabo.
Eu te talharei,
Porco sujo, e livrarei
Esta alma de quebranto !
Por obra e graça do Divino Espirito Santo,
Amen !

Quando terminou, os destemperados ner-vos de Adozinda, crispados de impaciencia, fizeram-n'a romper em nova explosão de

gritos furiosos, acompanhados de hystericas convulsões que faziam ranger a cama. E estupidamente o impostor:

— Anda ahí, cão! larga, que não tens outro remedio!

E sahia do quarto, n'uma attitude triumphante.— Que aquillo era certo. Entretanto, se d'ahi a sete dias a menina não estivesse melhor, que tornásem a mandal-o chamar. Findo o que, lançou as libras em um saquito de malha de lã, que tornou a guardar entre a camisa e a pelle, embrulhou-se na manta, saltou para cima da mula, e deixou o patim a chouto, através da chuva formidavel que cahia.

Contudo os sete dias passaram, e sobre elles outros sete, e, longe de melhorar, a pobre Adozinda sempre definhando... — O mal estava muito agarrado, na opinião d'uma vizinha. Era precisa segunda esconjura.— Mas o peor é que agora não havia meio de a fazer. Bento de Souza regressára, com um medico de fama, que se limitou a receitar banhos de chuva e fricções de mostarda pela espinha. De sorte que não havia possibilidade de tornar a mandar vir o homem de Chavães. Para mais, cahira um grande nevão, que tornára os caminhos intransitaveis; e o pobre Souza, consumido de magua, quasi não arredava pé de junto da filha.

Nos primeiros dias, o doutor David mandára invariavelmente saber da saude de Adozinda; mas fallocêra-lhe a coragem para se apresentar pessoalmente; receiava trahir-se, ir pelo seu modo, pelo seu gesto perturbado, por alguma phrase do intimo mais irreprimivelmente arrancada, comprometter a situação e desvendar factos que continuavam sendo para toda a gente, menos para elle, o padre Manuel e as duas meninas, um indecifrável segredo. E assim então, naturalmente, este proceder do delegado, perante o animo suspeitoso e a alma extremosa de Bento de Souza, foi assumindo proporções cada vêz mais significativas. Elle não apparecia porque se sentia talvez culpado... Mas de quê...? Sem attingir, nem muito de longe, qual fôsse a verdadeira causa da penosa desordem physica e moral da filha, assentou no entanto de si para si o bondoso velho em que o doutor era perante ella réu de algum pecadilho grave... o real causador de toda aquella afflicção e tristeza.— E odiou-o cordealmente.

Quem procurou o doutor David, logo no segundo dia depois da scena violenta do caramanchão, foi o padre Manuel. Disse-lhe que sabia tudo, expôz-lhe cruamente a situação; e depois de lhe exprobrar, com a sua auctoridade de «pastor de almas», aquella ligeireza e imprevidencia no galanteio, disse-

lhe que n'uma coisa haviam de ir trabalhar immediatamente e em commum os dois: salvar por completo da aventura a reputação de Adozinda!

— Pois que duvida tem! — disse com segurança o delegado.— E que receio pôde haver?... Só se algum de nós fallar...

— Engana-se... Ha um indicio!

— Não sei o quê?...

— Um indicio compromettedor, terrivel!

— Não sei, palavra de honra!

— A filha do Souza, para não ser presentida, sahiu descalça de casa... descalça sahiu do caramanchão... No precipitado atabalhoamento da partida, os sapatos ficaram-lhe lá!...

— Oh, co'os diabos!

— Se alguém já deu com elles...

— E é o mais provavel!

— Se os reconhecem como sendo d'ella, é uma desgraça! A pequena morre de vergonha... fica deshonrada sem recurso e sem motivo.

— Sim, sem motivo, juro-lhe! — exclamou David, de mão no peito, sinceramente embaraçado. E passeiando nervoso pelo aposento: — Mas que diabo hade a gente então fazer?...

— Primeiro do que tudo, o amigo correr já, já, a casa do capitão e vêr se apanha este vestigio esmagador d'aquella loucura... conseguir saber o que se terá passado, apurar... se ainda é tempo.

— Pobre pequena!

E ao impulso d'esta sincera exclamação de piedade, o David partiu immediatamente.

Por felicidade a Sobredinha ainda de nada sabia. Porém o caseiro da horta ao lado, que accumulava essa qualidade com a funcção de jardineiro eventual do capitão, logo na manhã seguinte á scena dêra com aquelle par de minusculos sapatos, cahidos á orla do caramanchão. Sorriu manhosamente, e, como sabia do namoro da Sobredinha e da cabeça de vento que ella era, no seu intimo calculou logo que os sapatos lhe pertenciam. Motivo pelo qual, sem nada dizer a ninguem, nem mesmo ao façanhudo militar, — que o matava com certeza, — guardou-os e calou-se muito bem calado, até vêr...

Com o delegado é que se não poude ter que não se abrisse um bocadinho. E então, quando o viu apparecer no quintal, cortejou-o, tossiou, e com uma inflexão muito especial:

— Muitos parabens, senhor doutor...

— Parabens porquê?...

— E olhe que ella não se constipou...

— Tu estás doido!? — exclamou David, empallidecendo.

Mas logo o manhoso labroste, com olhos esportos:

— Saiba vossa excellencia que eu ainda não disse nada a ninguém... Tenho-os em casa muito bem guardados!

— Mas de quem imaginas tu que são?

— Ora, de quem *handem* ser?... — Apon-tava para dentro da casa e batia, com a mão direita espalmada, junto ao punho da manga esquerda da camisa, como indicando um canhão de militar.

David teve nos olhos um relampago de alegria.

— Hasde-me dar esses sapatos!

— Ai, á vontade, sr. doutor, quando qui-zér! — acquiesceu o jardineiro, curvando-se todo.

— Para recordação hein?... Quanto não valem!...

— Não é da tua conta!

— Olhe que eu ainda não disse nada a ninguém.

— Bem me importa a mim que digas!

Atribuiu o rustico a um censuravel cynismo esta declaração arrogante do doutor. Liberto porém, graças a ella, de responsabilidades, já essa noite na taberna da rua Direita contou o caso; d'ali a anecdota picante alastrou n'um relance, naturalmente engrandecida; de sorte que, dentro em poucos dias, a reputação da filha do Sobrêda andava em Leomil chocalhada n'um tal rumor de escandalo, que o administrador julgou acertado pedir confidencialmente para Vizeu a immediata transferencia do capitão d'ali.

Teve a Adozinda uma alegria doida, e todo o dia cantou, levantou-se, e chegou a descer á sala de jantar, na manhã em que o padre Manoel, doido tambem de contente, lhe deu os sapatos que levára cuidadosamente disfarçados sôb a batina. Era o ultimo traço de esponja passado sobre a imprevidencia do seu erro... Moralmente ao menos, estava salva! Já não lhe importava morrer.

Bento de Souza, ao vêr a sua querida filha aquecida por aquelle claro promissor de vida, julgou azado o momento para lhe expôr um alvitre, no seu entender salutar, e que na mais candida intenção elle andava ruminando havia muito,—o qual era trazer junto d'ella o delegado. E fallou no doutor David á filha. Mas como o effeito saiu bem differente do que elle imaginára! Adozinda, com os olhos crêspos de ameaça, afogueada e tremente, disse «que nunca mais queria vêr esse homem, pediu que não lhe fallassem n'elle, nem em nada que com elle tivesse relação, nunca, por modo nenhum!»

Fallarem-lhe n'elle p'ra quê? quando ella o trazia inalteravelmente sempre no cuidado!

Seria requinte de crueldade recordarem-lhe esse ente, apezar de tudo, querido, cuja imagem avasalladora se lhe installára absoluta na alma, pervertendo-lhe a imaginação e alimentada á custa da sua propria essencia... O seu coração reclamava-o, repellia-o o seu orgulho. E esta absorvente concentração do seu querer, do seu sentir n'um homem vivendo longe, esta allucinada e vehemente pertinacia n'um sonho cuja realisação, tambem pelo seu querer, se não effectuaria nunca, mergulhavam-n'a n'uma melancolia irreductivel, consumiam-lhe rapidamente, n'um galopante dispendio interior, o organismo calido e melindroso.

Assim, o seu aspecto physico deperecia de dia para dia, a olhos vistos, a ruina, a consumpção d'aquella existencia de imaginação e de febre seguia n'uma velocidade pavorosa. Para mais, Adozinda, na doentia suggestão das suas ideas romanticas, recusava-se obstinadamente ao tratamento medico, não tinha regularidade nem continuidade nos remédios, porque pensava afincadamente em morrer... Nem a renovação vital da primavera lhe trouxe alentos novos. Se conseguiam leval-a então, sobre as tardes, de passeio a *Alameda*, ainda ahi, á grande luz do exterior, a sua derrancada pallidez, a sua mageza, as suas olheiras rôxas, as suas manitas de cêra, mais dolorosamente contrastavam com o verde garrulo das arvores, com o voluptuoso aroma das flores, com o jubileu cantante das aves, com a tonalidade forte e jucunda do céu.

Que a pobre menina estava *hectica* era já opinião corrente na aldeia. Ali, só um milagre... E para toda a casta de milagres e promessas começou a apellar a familia, o proprio pae, supersticioso a poder de tristeza e dôr.

Alguem lembrou levarem-n'a, no proximo agosto, á Senhora da Lapa. Tinham-se visto ali, por occasião da festa, curas tão admiraveis!... Era longe, quinze leguas, e a menina estava tão fraquinha! Mas o sr. commendador Guedes emprestava a liteira. Se haviam de fazer a viagem em dois dias, espaçavam-n'a por quatro ou cinco.—Valia a pena.

E assim se fêz.

No dia 14 de agosto, de manhã, chegava a pequena caravana ao alto da serra da Lapa, perto a Trancoso, em volta da qual, por toda a extensão d'aquelles baldios sem termo, se recortava o verde tenro dos fetos, sorriam as inflorescencias amarellas das giestas, rastejava da urze a renda delicada, e alisavam-se alcatifas colossaes de panasco, do qual a fina côr vermelho-arrêxada toma com as dobras do terreno os cambiantes do velludo, os ma-cios contrastes do setim.

Aquella hora no vasto adro é já grande o movimento. Acabam de armar-se á pressa as ultimas barracas, com o pinho verde a espreitar por entre as suturas da linhagem, e grossas vigas orradas de losangos ornamentaes de fita vermelha. Dentro, os proprietarios dispõem assaralhados em vistosas pilhas os seus artigos de negocio: fazendas de lã e algodão, pannos crus, lenços, chitas, casimiras. Os quinquilheiros penduram toda a sorte de tentações á beira das barracas. Nas montras dos ourives os grilhões e arrecadas prendem no seu magnetismo aurifulgente os olhos das serranas. E já os carros ambulantes circulam, com imagens, folhetos, *registos* e florinhas de papel. As vendedeiras de cava-cas e pão de ló amesendram-se ás esquinas; marmitões passam derreados com as rolêtas; e ao fundo, junto á capella, ergue-se a tenda formidavel do *gigante*.

Depois, durante todo o dia, na scentelhação mordente do sol, ranchadas prasenteiras de romeiros iam chegando. E' esta a romaria mais popular em toda a Beira, depois da dos Remedios. Ahi vinham as grossas mulheres da Mêda, de Penedono e da Pesqueira, vestidas todas de burel, tamancos ou sapatos brancos de vitella, na camisa um cabeção derrubado, em fôlho, chapêu de abas enormes, um grande varapau; creadas de servir de Vizeu e de Lamêgo, viciosas, alvoroçadas, rubras, com saia e jaquetinha de folhos, lenço de sêda, chale no braço, sombrinha e cordão de ouro; abastados lavradores do Douro, muito adiposos, sem bigode, a barba curta enquadrando-lhes as maxillas, montados grotescamente em egoas esfomeadas; as grandes damas de Moimenta e Sattam, ostentando empafianamente, com uma vaidade comica, vestidos de sêda cortados pelos figurinos de ha vinte annos; espigados morgaditos de provincia, com pessimos jaquetões aberrativos, governando cavallos manhosos, estragados a poder de ignorancia; e contrabandistas, pastores, facinoras, ladrões, fidalgos, batoteiros, todos precipitando-se dos caminhos, premindo-se no adro, acotovellando-se ante as barracas, escalando as hospedarias, rompendo pela egreja; todos comendo, bebendo, vozcando, urrando, brilhando, sôb a crua incidencia do sol alto, por entre o zumbir estridulo dos insectos, as picadas dos pêtos,—as cega-regas do bosque,—lacerando ruidosamente a casca dos pinheiros, ou a toada barbara dos descantes e as supplicas plangentes dos aleijões enfiados em linha repulsiva ao longo dos caminhos.

No fundo, a capellinha,—muito solida e caiada, o portal verde escancarado, as duas grandes columnas torcidas, de granito, e a

cornija que ellas supportam, caprichosamente vestidas de ripas com tijelhas polychromas de papel,—tinha o aspecto alegre e presumptuoso de quem sabia ser por ella feito todo aquelle ruidoso bulicio inacostumado. Junto á porta, a multidão comprava afadigada a um *irmão* medalhinhas de folha envidraçadas, com laço e a gravura da Santa em miniatura, e pregavam-n'as logo nas jaquetas, no peito, nos chapeus. E afastavam-se de respeito, a fazer logar aos padres que chegavam, em tristes garranos de aluguer, enquanto uma fiada humilde de penitentes se arrastava de joelhos para o altar-mór.

Este altar-mór, ou sanctuario, é constituido principalmente por uma enorme penha ou lapa de granito, em cuja concavidade fôra achada, segundo a tradição, por uma rapariga muda, em 1498, a imagem da Senhora. Essa famosa imagem pertencêra a um convento de freiras *benitas*, muito anterior ao começo da monarchia, sito junto ao logar do Sismeiro, onde hoje se vê a capella de Nossa Senhora do Mosteiro. Em 985, o mouro Almanzor apoderou-se do convento, mandando applicar o martyrio a grande parte das monjas, levando captivas as restantes. Por essa occasião desapparecêra milagrosamente da egreja do mosteiro a imagem, que em meio d'aquellas lapas, e passados mais de cinco seculos, a tal pastora muda veio depois a achar.

Passado por grande milagre o caso, fêz-se-lhe immediatamente no mesmo sitio uma capella, com a Senhora alojada na lapa de granito, em compartimento envidraçado. No seculo XVII foi reedificada, addicionando-se-lhe então a poente um grande convento ou *collegio*, que foi dado aos jesuitas, e ainda hoje opprime com a sua negra mole sinistra a modesta capellinha.

No seu interior, n'aquelle fausto dia todo lumes e incenso, a multidão premia-se em torno do sanctuario, cada um esperando vêz para passar entre as duas lapas, larga concavidade que dá logar á vontade, ainda ao homem mais encorpado. Attribuiam-se ao facto d'aquella simples passagem as mais milagrosas virtudes; maleitas e mau ar passados de repente, curas de rheumatismo e gotta, de mordeduras de vibora, tentações do demónio, flatos, chagas malignas e partos felizes. Ao lado, emquanto esperavam, muitos não se fartavam de admirar, pela florída ladeira d'um lindo presepio, a estonteadora profusão das figurinhas de barro: cohortes guerreiras, summos sacerdotes, pastores, lavadeiras lavando n'uma torrente, pares bucolicos sôb as arvôres, anjos, demonios, virgens, creanças, judeus.

Mas bem mais ingenuos e anachronicos assumptos havia ali para admirar, para vêr. Exemplo: n'um pequeno altar, á esquerda, agonisa em leito envernizado, á moderna, um burguez S. José, vestindo camisa de dormir cortada por qualquer dos ultimos padrões da rua Augusta, enquanto, no primeiro plano, um anjo avança muito grave pelo seu pé, trazendo-lhe uma tijelinha de caldo. E no altar defronte, ha um menino Jesus vestido galhardamente á Luiz XV, com sua fita de sêda côr de rosa a tiracollo, á laia de grã-cruz.

Por traz do altar-mór, na *casa dos milagres*, uma serrana explica á filha, pregada de susto, o milagre do sardão.

— Aconteceu, filha, c'uma mulher... Ella ia com uma teia fiada, de Santa Eufemia para Quintella, e o sardão sahiu-lhe ao caminho. A pobresinha, cheia de medo, foi-lhe atirando primeiro os novellos; mas o bicho comia-os e perseguia-a sempre. Ella então, n'uma afflicção, *chamou-se* á Senhora... e vae o sardão ficou logo morto ali! Era este, vês?

E mostrava á filha um saurio enorme, de papelão, pendente do tecto por arames.

Depois, em frente das penhas:

— Repara, filha: aquillo ali é outro milagre. N'aquella santa lapa curam-se todas as

doenças. Olha, *considra* bem... uma pessôa magra passa, mas custa-lhe; vae uma gôrda, *indes* que seja uma mulher occupada, e passa na mesma, e tem a sua hora sem dôres!

E a rapariguita abria para a concavidade uns grandes olhos espantados, seguindo machinalmente a fila interminavel dos que, supersticiosos e compenetrados, iam de manso deslisando por entre os dois penedos.

Lá apontava agora tambem á porta da capellinha a pequena Adozinda, de Lecomil, completamente exhausta, com os olhos de cinza e a face fundo cavada, suspensa dos hombros do pae e do padre Manuel. A multidão olhava-a n'um confrangido respeito, — apontavam aos olhos das mulheres lagrimas enternecidas. Alguns, vendo tão pathognomónico avanço de ruina, abanavam a cabeça n'um desanimo incredulo.

E a pobre menina, passiva e resignadamente, pendendo a cabeça como um lírio, ia avançando ao sanctuario, ao tempo em que um grosso borborinho estrugia lá fóra, no terreiro. — Era a briosa musica de Tarouca que chegava, com velhas barretinas de cavallaria, — comida de pó, suada, vermelha, offegante, — soprando desesperadamente nos seus instrumentos de metal amolachados.

(*Continúa*)

ABEL BOTELHO.





QUADRO DE M. SCHMIED

«Du bist wie eine blume» (*Tu és como uma flor*) — Heine.

PULVERISANDO MONTANHAS

As civilizações novas de alem-mar, os Estados Unidos do Norte principalmente, assombram a velha Europa com a resolução estranha, por vezes paradoxal, quasi sempre monstruosa na grandeza, dos problemas economicos e sociaes. Incluem-se n'este numero os gigantescos TRUSTS do capitalismo americano, esses syndicatos monopolisadores de grandes industrias que não raro se consubstanciam n'uma personalidade — Rockefeller, o rei do petroleo; Carnegie, o rei do aço.

A organização d'estes monopolios, facilitada pelos artificios da legislação, apaixonou quasi sempre a politica partidaria, e recentemente abalou em vigoroso estremecimento, como pavoroso terramoto, o proprio terreno financeiro onde elles germinam e florescem.

Todavia, ao invéz do que se passa aqui, onde a palavra monopolio desperta logo a idea associada de exploração abusiva e oppressora, lá os beneficios que prodigalisam ao consumidor e ao trabalho, attraem-lhes tambem applausos e até lhes alcançam defesas do socialismo. Cita-se, por exemplo, a descida do preço do gallão de petroleo de 24 a 6 centimos de dollar desde 1871, com a formação do TRUST Rockefeller, de quem o consumidor não se queixa.

Estas empresas collosaes formam-se muitas vezes pela concentração das grandes industrias, e para ellas a intelligencia e a especulação inventivas entram com o maior quinhão. No artigo que segue descreve-se uma phase d'essa evolução economica na produção da mais importante materia prima da moderna actividade industrial — o ferro.

HA cerca de vinte annos, o encontro occasional d'um pequeno montão de areia preta na costa do mar accordou no espirito de Thomas A. Edison a idéa de um novo invento. A negrura da areia feriu-lhe a attenção por ser pouco vulgar; apañou uma amostra e levou-a para a analysar no seu laboratorio. E quando Edison fixa bem um assumpto, ha toda a probabilidade de que mais cedo ou mais tarde o mundo recolha o beneficio de qualquer progresso notavel e pratico. D'este caso determinado, derivou a revolução n'uma das mais velhas industrias, e a descoberta do que ha de ser, segundo se affirma, uma das maiores empresas industriaes modernas.

A côr preta da areia era devida á presença de ferro nativo. Assim ficou provado, retirando particulas de ferro das particulas d'areia sob a influencia do seu electro-iman. Occorreu logo a Edison a idéa de trabalhar com a camada d'areia preta que descobrira na costa do mar, — na costa de Long Island — e separar o metal bruto da areia por meio de poderosos electro-magnetes. Sem demora inventou e fez contruir para a separação do minerio uma machina magnetica, a qual foi confiada a um empreiteiro.

Tudo poderia ter corrido rapidamente, se não se tivesse levantado uma borrasca bem inopportuna que não só destruiu a instalação do empreiteiro, como tambem dispersou todo o pequeno deposito d'areia preta.

Aqui, um tanto dramaticamente, finalizou o primeiro capitulo das experiencias de Edison sobre minerios de ferro. Abre o seguinte annos depois, quando Edison resolvera já com exito os problemas da luz incandescente e do phonographo. Depois, outra vez convergiu toda a sua energia no estudo da metallurgia do ferro. Edison tinha, desde muito, uma theoria definida com respeito ao commercio d'este metal. Sustentava, que mais economico seria extrahir em grandes quantidades das minas o minerio de ferro de baixo teor, quando fosse facil obtel-o em abundancia, do que



THOMAS EDISON

extrahir pequenas quantidades de minerio de alto teor. O commercio do aço nos Estados Unidos tinha-se deslocado, desde alguns annos, de este para o oeste, devido á descoberta de minerios de alto teor nos districtos de Western. Edison resolveu procurar depositos de minerios inferiores no Este, em New Jersey, New York, ou em Eastern Pennsylvania, os quaes, embora improprios para serem empregados immedia-

tamente nos altos fornos no seu estado natural, podessem ser trabalhados e separados pela acção magnetica. Sendo assim, o commercio de ferro do Este, poderia evitar a sua decadencia e readquirir ou exceder a sua antiga importancia.

Por aquelle tempo determinou-se uma intensa procura de jazigos de minerios de ferro de teor inferior, o que os fizera considerar economicamente sem valor e portanto abandonados pela especulação mineira.

Edison ideou umas agulhas magneticas descobridoras, que entrassem na terra, estando suspensas sobre um suporte de ferro, e em seguida mandou dispersar em pesquisas um exercito de homens, munidos das agulhas descobridoras, que percorressem e profundas sem todos os terrenos entre Lower Canada e as Great Smobry Mountains, de Carolina do norte. Fez-se um cuidadoso inventario dos depositos de ferro magnetico descobertos, calculou-se-lhes as existencias, avaliou-se-lhes os teores e ajuntou-se das centenas de toneladas que teriam de ser trabalhadas diariamente.

Ousados e confiantes, Edison e os seus associados compraram os direitos das minas n'um circulo de 3.000 acres de terra em New Jersey.

Edison calculou que possuia bastante ferro para fornecer os Estados Unidos durante setenta annos, descontando a exportação.

Todavia, muito havia ainda por fazer; primeiramente teria de inventar um novo methodo de extrahir os minerios das minas, e de os esmagar. Apenas os seus separadores magneticos estavam promptos para o trabalho, quando a pulverisação das montanhas esca-

vadas fosse um facto; depois tinha de inventar ainda qualquer novo methodo de converter aquelle pó de ferro em *briquettes*, ladrilhos ou bolas semelhantes ás de carvão, apropriados á fusão nos altos fornos. Edison resolveu dedicar a vida inteira, se fosse necessario, todo o seu dinheiro, e toda a sua intelligencia á realisação d'esta empreza collossal. A *loucura de Edison* tornou-se assumpto de zombaria entre os engenheiros praticos na metallurgia do ferro.

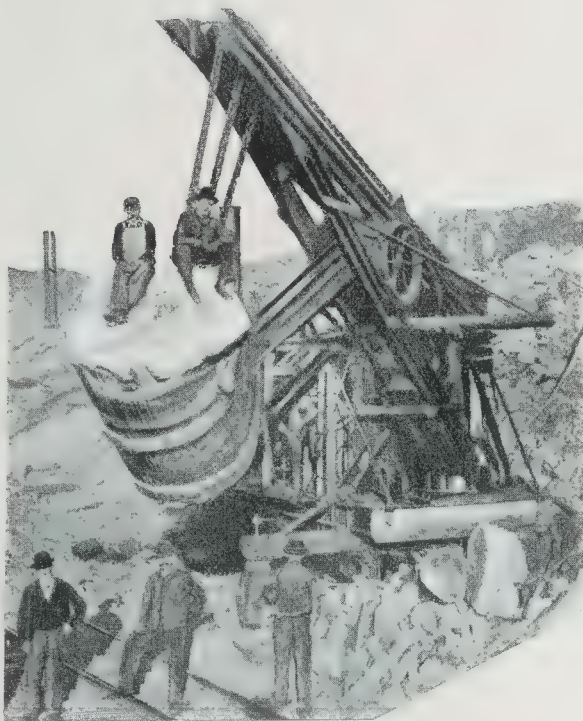
Mas a loucura de Edison breve assumiu um

aspecto pratico, e nas montanhas de New Jersey, perto do Lago Hopatcong, começou de surgir uma cidade que depois tomou o nome do seu fundador. Um caminho de ferro ligou o centro dos trabalhos a um vasto mercado de ferro, apenas a 100 milhas de distancia. A rocha encontrada, como ganga do minerio, podia ser esmagada com tanta facilidade, que Edison dizia que tinha sido posta ali especialmente para tal fim.

De resto, as outras minas de melhor qua-

lidade estavam distante de milhares de milhas: Lago Superior estava a 1.200 milhas; Cuba a 1.600; Hespanha, a 3.800; e Africa a 4.300.

Para comprehender nitidamente o alcance economico do novo methodo de mineração imaginado por Edison, convem recordar quanto influe no preço de exploração possivel o custo do transporte a longas distancias d'um minerio em que seja minima a proporção de ferro disseminado. Sabe-se que este metal, de tão numerosas applicações, existe abundante no mundo, mas em combinação, d'onde é necessario extrahir-o, transformando os oxydos e os



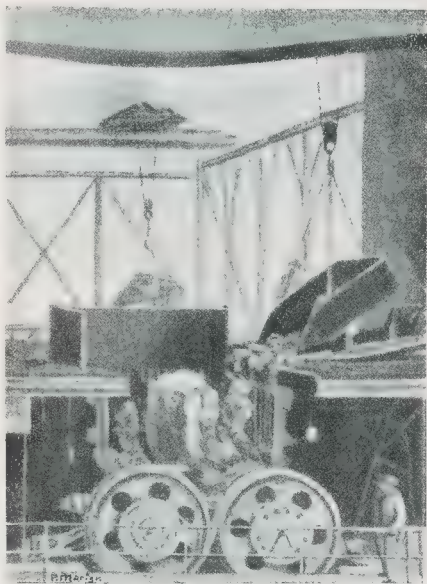
Um dos grandes escavadores a vapor, arrancando quatro a cinco toneladas de rocha por minuto

carbonatos de ferro naturaes em ferro metallico. Sabe-se tambem que esta transformação se opera por meio de fusão e combustão simultancas com o carvão, segundo diversos methodos metallurgicos, forno catalão ou altos fornos, sendo egualmente indispensavel isolal-o da *ganga* que o acompanha e da qual o não desembaraçam as preparações preliminares mechanicas de escolha, britagem e lavagem, effectuadas junto das minas, por meio do emprego conjuncto com o carvão de fundentes apropriados, o carbonato de cal ou a argilla. Sabe-se ainda que são numerosos, constituem montanhas os depositos de minerios de ferro em que este existe disseminado em percentagem minima. Ora descoberto o processo de separação magnetica, quando o minerio se pulverisasse, e conseguida a redução a este estado por meios mechanicos economicos, transformaram-se todos os minerios inferiores em superior qualidade, diminuia se-lhes o volume a transportar, e facilitava-se-lhes a fusão subsequente.

Edison, o lugar, onde o proprio Edison realiso a maravilha dos seus novos processos metallurgicos, está situado nas montanhas de Musconetcong; e nem a todos é permitido entrada franca para examinar as installações. A alma do negocio ainda é o segredo. A athmosfera que cerca os trabalhos, os operarios, os objectos estão sempre brancos, cobertos da fina e suffocante poeira aridenta, que foi separada do ferro. Tem de se usar um «açaim» imaginado por Edison para preservar da poeira os pulmões; um pequeno açaim que se põe em cima do nariz e da boca sahindo da cara em forma de bico ou focinheira. Casas de diversissimos feitos, construidas sem attender a regras de architectura, estão ligadas entre si por longos «conductores»; trez ou quatro linhas de caminho de ferro de via estreita correm em volta do estabelecimento e entre os edificios; no alto, em emmaralhada rede os grossos cabos telo-dynamicos trazem, onde é necessario, a energia electrica; ouve-se o estrondo ensurdecador das machinas; a distancia, gigantescos guindastes elevam as suas cabeças altivas de cyclopes modernos e sente-se o estremecimento das montanhas dilaceradas pelos monstros escavadores.

Seguindo a linha dos rails, vae-se parar ao sitio onde trabalham os escavadores ou pás de ferro a vapor, semelhantes a animaes monstros; como porcos focando e grunhindo, em busca de raizes entranham os focinhos na encosta, as pás de ferro escavam e enchem-se de minerio. Cada uma d'estas gigantescas pás de ferro a vapor peza mais de 100 toneladas, e uma só cava do filão quatro ou cinco toneladas n'um minuto. Cada machina, que póde ser

dirigida por meia duzia de homens, substitue o trabalho de duzentos operarios. Como capacidade productora do estabelecimento é para esmagar e concentrar 4.000 toneladas de



Cylindros esmagadores, pulverisando seis a sete toneladas de minerio em alguns segundos

metal em vinte e quatro horas, as pás de ferro a vapor podem trabalhar facil e lentamente.

Em algumas outras minas da mesma qualidade, o minerio tem de ser quebrado pela dynamite em pedaços do peso de 50 kilos, antes de ser transportado ás machinas esmagadoras. Aqui gigantescos guindastes electricos levantam o minerio acima da boca da formidavel machina, onde se sovertem, como em guella de faminto monstro, as pedras que vão ser pulverisadas. Este machinismo consiste principalmente de dois cylindros, medindo mais de 6 pés de diametro, guarnecidos de grandes dentes de ferro, girando por meio de uma poderosa machina com a velocidade approximada de um minuto por milha na superficie exterior, e entre os quaes o minerio se vae quebrando e esmagando.

Os minerios são deitados na boca dos esmagadores de uma altura de 10 pés, e são muitas vezes quebrados pelo simples embate da queda contra os cylindros.

Os fragmentos do minerio passam immediatamente dos enormes cylindros para uma segunda bateria de cylindros onde 300 toneladas são reduzidas n'uma hora a pedaços não maiores do que um punho fechado; e depois para

um terceiro grupo de esmagadores, onde são novamente britados no tamanho de cascalho; e finalmente reduzidos a pó enxuto, o qual é conduzido por meio de transportadores em forma de correia sem fim para a officina de separação, á parte superior da construcção. D'ali o minerio pulverisado é espalhado sobre a superficie d'uns 500 magnetes dispostos em series collocadas umas abaixo das outras. As particulas d'areia cahem dentro d'uma calha, emquanto que as particulas de ferro são apartadas pelos magnetes e passam para uma outra calha. Nenhum ferro fica na areia, como nenhuma areia fica no ferro, o qual é levado por processos mechanicos para outro deposito — um dos mais curiosos depositos do mundo, — onde se veem grandes pilhas de centenas de toneladas de mineral de ferro em pó tão fino como farinha.

A areia salta da casa dos magnetes em cataracta, brilhante como oiro sob a luz do sol, e

Edison fez numerosas experiencias até que se fixou n'uma mistura resinosa especial. O pó de ferro assim agglomerado é conduzido para uma machina que produz sessenta *briquetes* por minuto da massa viscosa com que é alimentada.

Em Edison, diariamente, 4.000 toneladas de minerio de ferro podem ser convertidas em ferro puro em fórma de *briquetes*—4.000 toneladas de rocha sem valor podem transformar-se em 1.500 toneladas do mais util metal. Nas montanhas de New Jersey, Edison tem escavado fabulosos thesouros.

Podem comprehender-se e imaginar se as enormes difficuldades com que teve de lutar o inventor para levar a cabo tão completa revolução nos processos metallurgicos d'esta velha industria. E quando os maiores problemas estavam resolvidos, innumeraveis difficuldades menores se levantavam que tinham de ser tratadas cuidadosamente, levando mezes de experiencias quantas vezes infructiferas. Edison, o inventor, é a alma e vida de Edison, o logar. O seu magnetismo pessoal attrahe os homens, como os seus electro-magnetes attrahem as particulas de ferro. Elle impulsiona os homens e as machinas. Se não se sentisse a extraordinaria individualidade do homem, nada haveria na pessoa de Edison, na sua apparencia exterior, modestamente vestido com o seu fato do trabalho e largo chapéo de palha, que o distinguisse de outro qualquer operário do seu estabelecimento mineiro.

Durante os ultimos dez annos

Edison tem-se entregado afincadamente á resolução dos problemas da metallurgia do ferro que emprehendeu. O trabalho tem para elle uma estranha fascinação. Por horas inteiras senta-se silencioso contemplando uma ou outra peça do machinismo que inventou; e d'estas meditações resulta quasi sempre algum novo aperfeiçoamento ou nas peças da machina ou nos processos empregados.

São notaveis já os effeitos produzidos no commercio do ferro pelo aproveitamento que Edison conseguiu dos minerios pobres; e preveem-se os subseqüentes resultados quando os processos de mineração Edison forem applicados em outras regiões, onde jazigos incommensuraveis de minerio de ferro esperam, ha seculos, a sua utilização industrial e economica.



A areia salta em cataracta da casa dos magnetes

amontoa-se em grandes collinas. E' magnifica areia, fina e crystalina, de muito valor para diversas industrias, e especialmente para composição de excellentes cimentos.

Emquanto a fina areia vae correndo da casa dos magnetes, o ferro em pó está soffrendo um novo tratamento que o torna utilisavel na fusão dos altos fornos. Esta transformação do ferro em pó em solidos *briquetes* foi um dos mais difficeis problemas que teve de resolver a inventiva inexgotavel de Edison. Era necessario que os *briquetes* fossem bastante porosos para se deixar penetrar pelos gazes dos fornos, mas ao mesmo tempo era preciso que não fossem tão porosos que deixassem absorver humidade ou agua, pois tinham de ser transportados em carros descobertos.





A FEIRA DE EVORA

COM o volver dos tempos as feiras vão perdendo a sua antiga importancia económica. E' natural a evolução. Nos organismos sociaes como nos vivos, os órgãos soffrem as modificações correlativas á intensidade do seu exercicio, desenvolvendo-se ou atrophando-se consoante o predominio da função que desempenham; outras vezes por adaptações successivas aos meios novos de existencia, de sua natureza tambem variaveis, os órgãos transformam-se tão profundamente que na apparencia se torna difficil estabelecer-lhes a derivação. As feiras obedeceram ás leis geraes. A mais simples observação descobre a verdade banal do conceito. Em passadas épocas, quando a carencia ou a difficuldade de communicações e de transportes interrompia a circulação necessaria dos productos agricolas e industriaes, onerava de despesas e de riscos a deslocação, quando a intensidade do movimento commercial não attingia a accellerção febril que hoje o domina, quando a especulação intelligente e productiva não accendia disputas de concorrência tão calorosas como as que actualmente aquecem a vida economica universal, nem se feriam batalhas de tão numerosos combatentes a disputar primazias ou preponderancias decisivas na conquista das riquezas, como as que a cada momento agora abalam o mundo dos negocios; era evidente que as feiras repre-

sentavam uma acção muito importante na economia, eram órgãos de principalissimas funções. Claro está tambem que a meio tão diverso do antigo, a novas condições e circumstancias, as feiras transformaram-se radicalmente, multiplicaram-se, generalisaram-se nos mercados especiaes, de periodicas que eram tomaram-se permanentes. E, curioso aspecto de regressão atavica, tendo principiado por serem festas, adquirindo depois conjunctamente as funções utilitarias de mercados, vão hoje outra vez restringindo-se á sua primitiva feição espectacular, á medida que perdem a importancia commercial. Junto dos grandes centros de população a mudança é completa, embora as feiras vão lutando sempre pela vida, buscando alento na tradição, que nos mecanismos sociaes representa



o beneficio de volante, vencedor dos pontos mortos e regularisador do movimento. Basta recordar para confirmação do asserto as diversas phases por que foram passando n'estes

ultimos vinte ou trinta annos as memoraveis feiras de Belem ou do Campo Grande em S. João é ainda uma das mais importantes



do paiz, não obstante a diversão casual e festiva substituir já em grande parte a actividade de transacções que outr'ora n'ella se realisavam. Feira de lãs, reguladora de preços para a estação; feira de gado e de artigos de lavoura; enorme mercado de utensilios domesticos e de fornecimentos caseiros; exhibição característica, pittoresca de costumes alemtejanos, de aspectos de vida provincial, tão forte-

mente accentuada no nosso paiz, e tão desastradamente comprimida pela centralisação administrativa, absorvente, nivelladora, geometrica na disposição, nos preceitos e nos processos. A feira chama á cidade uma concorrência extraordinaria, curiosa capital das regiões de alem rio, do sul do paiz, como o Porto é do norte, e anima a vida normalmente concentrada, monotona, pouco exterior das suas ruas e das suas praças, tão pouco denunciadoras da riqueza que ella encerra ou representa. No vasto rocio alinham-se as barracas e as fileiras abundantemente fornecidas dos diversos objectos para venda. Ao fundo, junto da orla do arvoredo accumulam-se n'um *pêlemêle* indriscrível os carros, os animaes, e os homens, onde vivem durante os dias de feira, porque o carro alemtejano com a sua cobertura característica de lona branca, para defesa das ardencias do sol no estio e dos ventos gelados no inverno, constante confirmação da sciencia pelo uso, das theorias da

volta de Lisboa. E ainda, esta regressão tão característica é que mesmo na historia das exposições internacionaes ou universaes, desde a primeira de Londres á mais recente de Paris, essas grandes feiras da industria e do commercio modernos, se reconhece o caminhar apressado para a festa espectacular e deslumbradora que a critica economica aprecia severamente; porque na verdade, em obediencia ás leis geraes da vida, as exposições tambem se diluiram, se parcellaram, se subdividiram e se tornaram permanentes no mercado universal.

Todavia como preenchem funções indispensaveis, as feiras subsistem onde ainda as necessidades commerciaes e o maior ou menor desenvolvimento do meio economico exigem o exercicio d'aquelles órgãos. No nosso paiz ainda ha annualmente feiras d'uma importancia consideravel, embora attenuada em comparação com periodos anteriores. Andam quasi sempre ligadas ás commemorações religiosas que constituíam em antigos tempos o calendario do povo, mnemonica tradicional de facil uso; realisam-se por isso, conforme as localidades e segundo os objectos especiaes a que se dedicam, pelas festas do Espirito Santo, pelo S. João, pelo S. Matheus, ou pelo S. Miguel, em elucidativa correlação dos trabalhos da lavoura com as épocas do anno, em enumeração chronologica ou em comprehensivo registo de contratos e de

ventos gelados no inverno, constante confirmação da sciencia pelo uso, das theorias da



ventos gelados no inverno, constante confirmação da sciencia pelo uso, das theorias da

reflexão e da emissão do calor segundo as cores pela experiencia dos seculos, o carro serve de casa, de leito, de hospedaria volante nas longas jornadas atravez das extensas charnecas da provincia. Mais alem agrupam-se os animaes para venda, as muares e os burros, os bois e os cavallos, das raças proprias da região ou mescladas das importadas de Hespanha. Aqui lavradores entendidos, alquiladores de profissão examinam attentamente, debatem, n'uma technica de difficil comprehensão para profanos, as qualidades e os meritos d'uma bella parelha de muares resistentes, ou d'um cavallo do typo Alter ou do typo luso-andaluz na sua variedade alem-tejana, elegante e graciosa á vista apesar das modificações que tem experimentado na grossura dos membros, crinas abundantes, finas,

tadas, contam-se massos de notas, onde ha annos se ouvia em contagem rapida o metalico som do ouro em libras a transbordar de bolsas de couro bem providas. Lá em cima, regulam-se as compras de lãs dos *barros*, ava-



ondeadas, orelhas espartas, estreitas, bem plantadas na cabeça secca e longa. Acolá, sob a tenda formada com o auxilio do carro que se tranformou em loja de bebidas, senão em casa de pasto, fecham-se transacções avul-

lia-se o rendimento utilisavel na industria, separam-se as categorias de applicação. Alem, n'aquelle terreiro, apresentam-se os soffredores, e sobrios burros, resignados apesar da sua teimosia, aptos para todos os serviços de lavoura, presta-veis a todos os transportes.

Assim se vae passando em revista na vasta feira d'Evora toda a casta de animaes agricolas e todos dos productos que dos montes e as herdades do districto, e mesmo da região *sul*, acodem áquelle tradicional mercado, conjuntamente com os pandeiros e adufes onde em acompanhamento monoton

de reminiscencias mouriscas se percurte o rythmo das canções campesinas ao S. João, dolentes e arrastadas; e d'estes variados aspectos se dá idea geral nas photographias documentaes, que acompanham estas linhas descriptivas.



MODAS DE VERÃO

ENTRANDO a estação estival, como ao presente, a moda soffre também dolências do esbraseado ceu; repousa um pouco, abate a habitual vivacidade, torna-se menos volúvel. Depois das criações magníficas e luxuosas que apparecem nos grandes centros dominadores do bom tom, determina-se uma corrente de *mundanismo campestre* exdruçula ligação de tendências contrarias; e no vestuário, nos chapéus, no calçado, nas luvas, na profusão de rendas, na diaphana leveza das cassas e das cambraias demonstra-se sempre uma preocupação do campo, dos jardins assombrados, dos relevados frescos sob a copa fechada do arvoredo.

Assim os chapéus simplificam-se; reduzem-se quasi ás formas de palha fina (e no tecido d'esta está a moda) enfeitados por um tule fluctuante e um molho de flores.

Os corpos de renda entreabrem-se em promettedoras denuncias do que será a *toilette* de baile na proxima estação de inverno.

As luvas eliminam-se, substituidas por mitenes ás vezes, mas em geral ficam nas mãos, reduzidas pelos gestos expressivos da volubilidade feminina a pequenas bolas brancas de seda tecida em malha. A grande

moda é trazer os dedos delgados, graciosos ou sensualmente polpudos e brancos, todos cobertos de anéis. Anéis de todas as formas e de todos os generos, abundantes de pedras preciosas, complicados na ornamentação, ricamente esmaltados, antigos de preferencia.

O impulso da moda é tão poderoso que o velho preceito de bom tom que prohibia ás meninas novas e solteiras usarem anéis, adorno reservado exclusivamente ás casadas, está sendo muito infringido e os anéis custosos e artisticos enfiam-se igualmente nos pequeninos dedos que ainda não se entrelaçaram sob a estola do padre, ao fundo da egreja, perante o círculo de numerosa assistencia.

Generalisaram-se de tal sorte as botas brancas ou diversamente coloridas, em tons comprehendido entre o amarello canario e o verde secco das folhas, que a elegancia escrupulosa em distincção adoptou apenas o calçado em fino couro da Russia perfumado; e em pequenos sapatos abertos ou

decotados, como se usa dizer, alguns ha caprichosamente vincados de desenhos ornamentaes, segundo a copia de velhas usanças moscowitas. Os vestidos leves de inte-



rior, destinados a receber visitas nas casas de campo, affectam as mais variadas fórmãs e estylos; na sua maioria predominam as *blouses*; mas apparecem nos *ateliers* das grandes modistas *toilettes* completas cujo corte geral se approxima da época romantica, mangas curtas, escapulários de rendas com guarnições fluctuantes, em fórmula de romeira que se entreabre na frente.

E' esta variedade infinita de estylos e de côrtes que caracteriza o momento actual; ha evidentemente uma lucta contra a monotona uniformidade dos annos passados.

Cada qual escolhe, segundo a sua individualidade, o modelo de velhos retratos celebres, quebra-lhe os exaggeros que o afastem da harmonia geral da época, modifica-o ligeiramente e assim se veste e encanta em moldura apropriada, na roupagem suggestiva.

Onde uma mulher, verdadeiramente elegante, estuda a moda que lhe convem, á estatura, á côr, á flexibilidade serpentina das formas delgadas ou á ondulante graciosidade de curvas abundantes, não é nos figurinos uniformes que o activo commercio espalha juntamente com os cortes de fazendas, como tambem não é na copia irreflectida dos modelos ousados que compõem em geral o vestuario do theatro. Já aqui o dissemos. Onde ella poderá ir buscar inspiração propria, se

não se contentar com a que lhe fornece a sua modista, é nas collecções de arte, nos bellos retratos que os pintores antigos e modernos estão produzindo, n'uma revivescência de tradições historicas.

Assim procedem as supremas dominadoras do gosto e do luxo. Tudo em vestidos de interior e de recepção, porque nos de passeio continúa a predominar a extrema singeleza, que não exclue a elegancia, e que sem duvida não é menos encantadora, nem menos valor dá á formosura.

As nossas illustrações representam dois graciosos vestidos da estação, proprios para *garden party* e passeio.

Este segundo é em cambráia de ultimo fabrico, novidade em tecido d'este anno, côres claras em tons mortos ou esmaecidos, extremamente flexivel e adaptavel aos contornos, talhado em prégas, enfeitado com bandas de renda de *guipure* espesso, ou rendas de Luxenil, como a jaqueta que constitue o corpo.

O *fichu* em prégas miudas é tambem de cambráia como a tira que ajusta a jaqueta á cintura.

O chapéu é feito em *mousseline*, enfeitado de tulle e de margaridas.

O primeiro modelo que apresentamos é egualmente pensado para as mesmas cambráias, assente sobre tafetá, enfeitado de rendas fortes. O corpo de seda é cortado em feitiço couraça, sobre o qual assentam as rendas. Umãs bandas do mesmo tecido cahem elegantemente desde o alto, e são apanhada ao centro por enfeites de or-

nato, imitando joias. O chapéu é de *mousseline*, com rosas e fitas de velludo. São modelos que podem ser reproduzidos em outras fazendas leves da estação.



Ping-Pong

DESDE algum tempo que o *Ping-Pong*, um novo jogo de destreza e de sociedade, absorve as atenções mundanas. E' um *lawn-tennis* de nova especie, em miniatura, para cima de mesa á qual se adapta facilmente. Terminado o *luncheon* ou o jantar levanta-se a mesa apressadamente, colloca-se aparafusada ou presa de maneira especial e pratica a pequena rêde divisoria dos *partners*, tomam-se as minúsculas *raquettes*, sentam-se em circulo curioso os convivas e principiam

A gravura que reproduzimos mostra d'uma fôrma elucidativa e crítica uma d'essas reuniões. Alli se observa a diversa attitude que os combatentes tomam, e a differente curiosidade dos que assistem, interessados na marcha da partida, bem nitida na pintura, conforme as edades e o temperamento, apanhados em flagrante, reaes, vividos nos typos, nas maneiras, nos aspectos. O *Ping-Pong* adquiriu rapida acceitação, e como no chamado grande mundo as aptidões de exerci-



partidas successivas, onde a gracil gentileza das damas tem mais uma vez ensejo de se demonstrar.

cios *sportivos* são cultivadas com esmero e tenaz profia, o novo jogo veio satisfazer aquelle gosto de bom tom.

VARIEDADES

SPORT AEREO

PROFIADAMENTE continúa o espirito inventivo a procurar resolução ao problema da locomoção aérea, experimentando todos os processos, tentando todas as imitações do vôo das aves, n'esta velha e constante ambição que já tornou tão celebres, como fabulosas, as classicas azas de cêra do pretencioso Icaro, sem fallar nas innumeradas azas de pau afiveladas bem contra vontade aos costados de muito audacioso infeliz. A mecanica moderna, porém, dispondo de todos os recursos que a sciencia e a industria vem todos os dias entregar ás combinações de raro equilibrio que aquella imagina, accelera a resolução final,

opiniões scientificas deverá ser uma conquista das mais notaveis a levar em conta de inventario ao seculo actual. O director de fabrica Emilio Nemethy, em Arad, na Hungria, construiu de pequenas dimensões um modelo de machina voadora, que a gravura representa suspensa no espaço para melhor comprehensão do engenho, e na qual o inventor deposita a maior confiança, feitas diversas modificações, julgando que ella voará tão facilmente como o desenho demonstra e custando preço concorrente com o da automovel para lhe dar a applicação geral de *sport*. A machina voadora munda-se desde já; não se restringe aos ser-



impulsiona as tentativas e anima esperanças de proximo exito. É este já o terceiro modelo de machina de voar que apresentamos n'este curto periodo, porque seguimos a evolução d'este invento que, no dizer de autorisadas

vições militares de campanha, nem ás communicações rapidas do commercio. Nemethy utilisou na sua construcção os mesmos principios scientificos que determinam o fabrico dos *papagaios* e os fazem elevar no espaço, diver-

tido passatempo do rapazio n'esta época do anno. O novo aparelho semelha-se ao do engenheiro Kress, de Vienna d'Austria, ou ao do conselheiro Hoffmann, de Berlim. Um pequeno motor de gasolina, de triplice expansão, actua o parafuso ou roda voadora e a corrente de ar desenvolvida por debaixo da superfície do papagaio será sufficientemente forte, segundo a opinião do constructor, para manter fluctuante o aparelho, logo que elle se eleve na athmosphera; mas para o elevar projecta Nemethy uma rampa arrebatada, por onde role em rapida carreira, semelhante áquella que para o mesmo effeito faz a creança que pretende lançar o papagaio. No modelo definitivo a envergadura das azas será de 8 metros e a sua superfície de 18 metros quadrados para um peso total de 140 kilos, incluindo o viajante. Corresponde a 8 kilos por metro de superfície de aza, proporção derivada da do peso e tamanho de aza nas aves. A força calculada para o motor parece, porém, pequena para o

peso, embora Nemethy sustente ser sufficiente, e n'esta proporção de força motriz e de peso dosapparelhos está uma grande difficuldade do problema. Quanto mais peso, maior força; mas quanto maior força maior motor que augmenta o peso, e assim por diante. Uma das curiosidades da machina Nemethy, que estudou a fundo o vôo das grandes aves maritimas e de presa, em viagens e em excursões especiaes, é a disposição do assento do viajante e da sua ligação ao papagaio, a qual permite por simples inclinação do corpo, imitando os movimentos instinctivos das aves, sem auxilio de mecanismo, fazer variar a posição do centro de gravidade do aparelho e dar-lhe direcção em todos os sentidos. Ha n'esta ligação particular da machina Nemethy e n'este novo methodo de direcção do vôo uma interessante, nova e sem duvida fructuosa applicação de equilibrios e de condições de estabilidade, que são novos elementos para a resolução d'este problema.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

D'uma forma succinta, compativel com a indole e espaço d'esta revista. continuamos a dar noticia, acompanhada quanto possivel de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a attenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade.

ABRIL — 21 *Austria* — Um incendio destroe o castello de Brunesse, na Styria, onde se encerravam preciosas collecções de quadros, de Alberto Durez, de Veronesse de Van-Dyck, porcelanas, medalhas riquissimas e magnifica bibliotheca.

— *Estados-Unidos* — A confederação toma posse das ilhas de Cagayau e Sibutu, compradas por 100:000 dollars á Hespanha.

— *Chili* — E' declarada a crise ministerial. O novo gabinete fica assim composto: presidente do conselho o sr. Annibal Zanarti; ministro dos negocios estrangeiros o sr. Orrego Luco; da justiça o sr. Ventura Carvalho; da fazenda o sr. Martiniano Rodriguez; da guerra o general Palacios; da industria o sr. Arthur Alessandri ou o sr. Joaquim Fernandez.

22 *Estados-Unidos* — Desencadeiam-se terribes temporaes em todos os estados da America do Norte. Um cyclone mata 200 pessoas em Victoria, colonia ingleza. — Os Estados-Unidos, a Hespanha e a Allemanha avisam a republica de Venezuela de que não julgarão procedentes as decisões dos tribunaes venezuelanos, e de que serão considerados nullos alguns decretos do poder executivo da mesma republica. A Grã-Bretanha e os Paizes Baixos farão declarações analogas.

23 *Russia* — Celebra-se a primeira conferencia entre o sr. Delcassé e o chanceller da

Russia. — O ministro de instrucção publica ordena a reabertura de todas as universidades. Dois mil alumnos da universidade de S. Petersburgo votam n'uma reunião magna uma moção pedindo ao governo que addie os exames para o outomno.

— *Hespanha* — São firmados os decretos dissolvendo o parlamento e convocando os collegios eleitoraes.

— *China* — Um decreto imperial constitue uma junta encarregada do exame das reformas necessarias ao imperio.

24 *Austria* — Os radicaes allemães apresentam uma proposta prohibindo residencia aos jesuitas na Austria.

25 *Allemanha* — E' preso o secretario do ministerio do interior Robert Heder, accusado de falsidades, tendo confessado o delicto. — O imperador Guilherme pronuncia um discurso perante os beneditinos de Marialaah, affirmando-lhes que podem contar com a sua benevolencia. — Dá-se uma explosão em tres caldeiras na fabrica de ambar em Griesheim, a qual se incendiou logo. Morreram no sinistro 80 pessoas e ficaram feridas 140.

— *França* — E' assignado *ad referendum* o tratado de commercio entre a França e a Turquia.

— *Hespanha* — Na bibliotheca do palacio real é descoberto um roubo de consideravel

numero de moedas de ouro do tempo de Viriato e Wamba, valiosissimos broches e muitos codices. — Os empregados dos carros electricos voltam a declarar-se em greve pelo não cumprimento do convenio de 1899, havendo tumultos e ficando feridos alguns agentes e grévistas.

— *Inglaterra* — A camara dos commons approva por 279 votos contra 122, a proposta auctorisando os viuvs a casarem com as cunhadas.

26 *França* — E' preso em Paris um austriaco accusado de entregar á casa Krupp o segredo do fabrico das armas francezas, sendo tambem presos quatro cumplices, operarios da fabrica de Commentry.

— *Argel* — Um bando de indigenas da kabilda de Beni-ben-Asser, trucidam a quasi totalidade dos habitantes da aldeia de Margueritte e fusilam o administrador, os gendarmes e o guarda florestal, bem como 50 colonos que tinham aprisionado.

27 *America do Sul* — O medico militar de Buenos-Ayres, dr. Villar, pretende ter descoberto um sôro contra a tuberculose.

28 *Marrocos* — O sultão manda passar uma ordem de prisão contra o grão-visir. Attribue-se este facto a intrigas da corte.

29 *Hespanha* — Inauguração da exposição nacional de bellas artes em Madrid, com a assistencia da familia real e corpo diplomatico. Entre os varios quadros está exposto um retrato de senhora feito pelo pintor portuguez Malhoa que a critica distingue com pouco vulgares louvores.

— *Turquia* — Produzem-se manifestações anti-semiticas em Kustendil, penetrando os manifestantes na synagoga e maltratando os judeus.

— *Austria* — Os operarios de Leopold, sem trabalho e cheios de fome assaltam as padarias.

— *Portugal* — Chega a Lisboa acompanhada de sua comitiva a bordo do yacht *Prinzesin Victoria Luise*, o príncipe George de Baviera.

30 *Allemanha* — E' preso no palatinado em Berlim por dois policias disfarçados de mulheres, um celebre estirpador assassino de 18 mulheres a quem mutilou horivelmente.

— *Inglaterra* — A camara dos commons confirma a approvação do imposto sobre a exportação do carvão por 251 votos contra 148.

— *Marrocos* — O grão vizir Ben Muza é exonerado e substituido por Garnia.

— *Canadá* — Declaram-se em greve 600 trabalhadores dos caes de Montreal.

— *Argel* — Produzem-se manifestações anti-semiticas pela presença de Max Regis e do seu adversario politico Laberdesque em uma cervejaria de Tantonville recebendo o primeiro duas balas na cabeça e ficando gravemente ferido.

MAIO — 1 *Inglaterra* — Os mineiros inglezes decidem pôr-se em greve geral no caso de o governo manter o imposto sobre o carvão, diri-

gindo n'este sentido uma especie de ultimatum ao ministro da fazenda. — A comissão militar da camara dos commons rejeita o projeto de reorganisação do exercito apresentado pelo Sñr. Brodrick, secretario d'estado da guerra.

— *Italia* — Declaram-se em greve os barqueiros de Livorno que pedem augmento de salario.

— *India* — Um violento incendio destroe em Arrely uma fabrica de prensas para enfardar algodão, morrendo 33 operarios dos 45 em trabalho.

— *Chili* — O presidente Errazuryz dá a sua dimissão por falta de saude. Substitue-o na presidencia da republica o Sñr. Zanartu, vice-presidente.

2 *Inglaterra* — 750.000 operarios votam uma greve durante um mez se o governo persistir no imposto sobre o carvão.

— *Japão* — O ministerio japonês dá a sua demissão collectiva.

3 *Florida* — Um incendio destroe a maior parte de Jacksonville. Os bairros incendiados tinham cerca de 3 kilometros de extensão, ficando destruidos 130 predios. As perdas avaliavam-se em 15 milhões de dollars.

4 *Italia* — O rei Victor Manuel assigna um decreto creando uma ordem denominada *Trabalho*, para recompensar os operarios que se distingam em estudos relativos aos trabalhadores.

— *Allemanha* — Encerra-se a sessão legislativa de *landstag* prussiano. O imperador acceta as demissoes dos ministros da fazenda e da agricultura.

5 *Italia* — O governo ordena que as alfandegas reclamem os certificados de origem para os vinhos importados.

6 *Malta* — Realisa-se um comicio de 25.000 pessoas, protestando contra a substituição da lingua italiana pela ingleza, ordenada pelo governo de Londres.

— *Hungria* — Celebra-se em Buda Pesth uma imponente manifestação socialista de sympathia aos estudantes russos.

— *Allemanha* — Em substituição dos ministros da fazenda, da agricultura e do commercio e industria demissionarios são nomeados os srs. Rheinhaben, Podbledlkl e Moeller sendo tambem nomeados: ministro do reino o sr. Hammerstein, presidente do districto de Metz o sr. Kroetke, secretario dos correios e telegraphos.

— *Estados Unidos* — O governo resolve reduzir a 40.000 homens o seu exercito nas Filipinas.

7 *Estados Unidos* — E' proposto ao presidente Mac Kinley a nomeação d'uma comissão mixta, afim d'esta estipular o preço do canal de Panamá para ser adquirido por aquella republica.

8 *Hespanha* — E' decretada a suspensão de garantias constitucionaes na provincia de Barcelona, generalizando-se a greve aos operarios de todas as industrias e officios, sendo conduzidos para bordo do *Pelayo* 21 agitadores.

— *Portugal* — E' apresentada pelo ministro da marinha ao parlamento uma proposta de

lei, auctorisando o governo a reformar a lei de 21 de abril de 1892, relativa aos serviços de soccorros a naufragos.

— *França* — Batem-se em duello á pistola, em Paris, Sorcey filho com Laurent Taillarde, trocando as balas sem resultado.

9 *Portugal* — E' apresentado ao parlamento pelo ministro da fazenda uma proposta de lei modificando os impostos de direitos de mercês e de emolumentos das secretarias d'Estado e outra auctorisando o governo a modificar o actual contracto com o Banco de Portugal.

— *Inglaterra* — A camara dos commons approva por 261 votos contra 58 a proposta do chanceller da fazenda fixando a lista civil em 343:000 libras sterlingas por anno.

10 *Allemanha* — E' presente ao Reichstag um projecto prorogando até 1903 o tratado commercial entre a Inglaterra e a Allemanha.

11 *França* — E' nomeada uma commissão encarregada de rectificar a fronteira do Congo francez e da região de Cabinda, pertencentes a Portugal.

— *Estados-Unidos* — E' imposto aos assuacares argentinos o direito suplementar de 10 centimos por kilogramma. — Declara-se o *krack* na bolsa de New-York nos valores do *trust* das companhias do caminho de ferro e o do aço, sobre os quaes se jogava loucamente. Repercutem-se em Londres as consequencias do desastre bolsista que determina numerosas ruinas ao mesmo tempo que enriquece os grandes financeiros especuladores.

— *Russia* — Manifesta-se um pavoroso incendio nas docas de Wladiwostock, attribuindo-se a malvadez dos chinas.

— *America do Sul* — E' apresentado á camara dos deputados em Buenos-Ayres um projecto de lei creando o divorcio.

12 *Italia* — Os pedreiros e serventes de Milão declaram-se em greve.

13 *Italia* — Os coveiros dos cemiterios de Napoles declaram-se em greve.

— *Russia* — Um enorme incendio destroe parte da cidade de Bresteitowski, ardendo bastantes casas particulares e alguns edificios publicos.

— *Inglaterra* — O governo inglez apresenta um projecto de reorganisação do exercito augmentando de 25:000 homens o effectivo em tempo de paz.

14 *Estados-Unidos* — E' publicado um decreto que reorganisação o exercito dos Estados-Unidos, elevando o seu effectivo a 76:000 homens.

— *Belgica* — A União Syndica de Bruxellas vota uma moção contra a annexação do Congo, permanecendo a sua administração sob o cuidado do rei Leopoldo.

— *Hespanha* — Restabelecem-se as garantias em Barcelona, levantando-se tambem o estado de sitio decretado por occasião da ultima greve.

— *Portugal* — E' discutido na camara dos deputados o projecto de reforma da contribuição predial, resultando da discussão o rompimento das relações politicas entre o sr. Hintze Ribeiro, chefe do partido regenerador e da

actual situação, e sr. João Franco Castello Branco, seu antigo correligionario e ministro em passadas situações sob a sua presidencia.

— *China* — O governo do imperio celeste responde á nota collectiva das potencias aliadas em que estas declaram acceitar os offerecimentos dos plenipotenciarios chinezes que propõe pagar as indemnisações em 30 annuidades de 15 milhões de *taeis* provenientes dos direitos das alfândegas indigenas de Pekin.

15 *Portugal* — Abertura da exposição de pintura e esculptura em Lisboa da Sociedade Nacional de Bellas-Artes.

16 *Allemanha* — Manifesta-se um violento incendio nas docas de Dantzig.

17 *Belgica* — Um incendio destroe quasi completamente o palacio de Amalienberg, propriedade do principe de Dinamarca.

18 *Estados-Unidos* — O syndicato dos patrões de New-York despede perto de 20:000 operarios de Albany.

— *Belgica* — A camara dos deputados approva por 65 votos contra 55 os creditos para as legações no Quirinal e no Vaticano.

20 *Estados-Unidos* — Declara-se uma grande greve entre os operarios machinistas e conductores de New-York. O numero dos operarios dos Estados-Unidos, Canadá e Mexico que abandonaram o trabalho é calculado em 50:000, reclamando o dia de trabalho de 9 horas com o mesmo salario que recebem pelo dia actual de 10 horas.

— *Portugal* — Sessão real no palacio das côrtes para a cerimonia do juramento do principe herdeiro sua alteza o senhor D. Luiz Filipe, em cumprimento do art. 79.º da Carta Constitucional.

21 *Estados-Unidos* — Roosevelt pronuncia um discurso na exposição de Buffalo, proclamando a necessidade da união dos Estados-Unidos e das republicas sul-americanas contra a oppressão da Europa.

22 *Inglaterra* — Uma violenta borrasca cae sobre Solent, apanhando o *yacht* Shamrock II, que tinha a seu bordo o rei Eduardo VII, o qual teve a vida em grave risco, ficando o *yacht* muito avariado.

23 *Inglaterra* — Fôrma-se em Cardiff um grande syndicato para abastecer o mercado francez de carvão, comprando em Virginia minas carboníferas e os caminhos de ferro que servem a sua exploração.

— *Italia* — A Italia auctorisa a Inglaterra a passar por Somaliland a expedição contra Haumollah. — Suicida-se na prisão de San Stefano por meio de enforcamento Angelo Bresci, assassino do rei Humberto.

— *Hespanha* — Realisa-se em Madrid a abertura do congresso naval com a assistencia dos principes das Asturias.

24 *Hespanha* — Nos districtos de Malaga, Cordova e Granada, sente-se um violento abalo de terra, desabando bastantes casas e produzindo numerosas victimas.

— *Inglaterra* — A camara dos commons approva em segunda leitura por 149 votos contra 38 o projecto de lei da lista civil.

25 *Portugal* — Realisa-se no paço da Ajuda

um sumptuoso baile oferecido por Suas Magestades para solemnizar o acto do juramento da constituição do reino de Sua Alteza o Príncipe Real, como herdeiro da corôa.

— *Inglaterra* — Uma explosão de *grisu* na hulheira *Universal* de Cardiff mata 70 mineiros. — O embaixador da Russia e o sub-secretario de estado dos Estados-Unidos teem uma

informam os unionistas das potencias aliadas de que a côrte imperial celeste está disposta a pagar a indemnisação de 450 milhões de *taeis*, mas não acceita o juro de 4 %.

3o *França* — Edmond Rostand, notavel escriptor francez, auctor do *Cyrano de Bergerac* é eleito membro da Academia Fran-
ceza.



Photo. J. Godinho

VISITA DE LADY NORTHCOTE AO CAMPO DE SAUDE DA COLONIA PORTUGUEZA EM BOMBAIM

Durante os mezes de novembro e maio, periodo annual em que a peste recrudesce em Bombaim uma grande parte da população abandona as casas da cidade e vae acampar nos arrabaldes n'una area não atacada, vivendo então sob tendas construidas de bambus e de largas folhas de palmeira. Denominam-se campos sanitarios e ficam sujeitos á inspecção e á vigilancia da autoridade municipal. Pela primeira vez os campos de Kennedy, em frente do mar, foram este anno pessoalmente inspecionados pelo governador geral da India ingleza, lord Northcote. A photographia reproduzida foi tirada na occasião em que lady Northcote visitava os campos de Prabhu Pathare, onde se refugiou o colonia portugueza de Bombaim.

conferencia ácerca da China. A Russia nega-se a acceitar a indemnisação sem uma garantia internacional, a qual os Estados-Unidos recusam prestar.

26 *Russia* — Rebenta um violento incendio perto da fortaleza de Cronstadt, calculando-se os prejuizos em dois milhões de rublos.

28 *Inglaterra* — O congresso internacional dos mineiros pronuncia-se a favor do dia normal de trabalho de 8 horas.

29 *China* — Os plenipotenciarios chinezes

— *Austria* — O sr. Berger declara na camara que os radicaes allemães desprezavam o sr. Lueger, e este respondendo áquelle orador, disse considerar o partido allemão infame e traidor á patria. Os radicaes abandonaram a sala das sessões, insultando Lueger.

— *Italia* — E' lançado ao mar em Spezzia o grande couraçado *Regina Margherita*, de 13:426 toneladas, com a velocidade de 19 nós por hora. As caldeiras teem a força de 19:000 cavallos de vapor.

— *Estados-Unidos* — O inventor Edison é ameaçado anonymamente de sequestro de sua filha Magdalena se não depositar em determinado sitio 25:000 dollars em ouro. Edison avisa as auctoridades e manda collocar avisadores electricos em muitos pontos e janellas da propriedade em que habita.

— *Inglaterra* — O congresso internacional de mineiros, em Londres, vota a responsabilidade dos patrões em accidentes de trabalho, indicando-lhes a obrigação de indemnizar os operarios e de os governos concederem pensões aos inhabilitados. — Nota-se grande decrescimento de pedidos nas fabricas metallurgicas. — Os fabricantes da Escocia diminuem novamente os jornaes dos operarios.

— *Allemanha* — E' accentuada a crise metallurgica. A fabrica Krupp despede muitos operarios por falta de trabalho.

— *Africa do Sul* — Os boers aprezem 500 cavallos perto de Colesberg continuando a marcha para o sul.

— *Hespanha* — Declaram-se em grêve os empregados das pedreiras da Corunha, sendo secundados pelos operarios dos diversos officios, promovendo disturbios com a guarda civil que teve de fazer fogo, matando um e ferindo onze populares. E' proclamado o estado de sitio.

31 *Russia* — Continúa o movimento operario. Nas fabricas de Neusky, nos arredores de S. Petersburgo, estão em grêve todos os operarios.

— *Africa* — E' exonerado do seu cargo o governador de Kebdana, onde se commetteu o assassinio do francez Pouzet.

— *Austria* — A camara dos deputados approva o projecto de lei relativo á construcção de canaes e regularisação dos rios.

JUNHO — 1 *Portugal* — Decreto acceitando a demissão de ministro dos negocios estrangeiros pedida pelo conselheiro João Marcel-

lino Arroyo e nomeando para aquella pasta interinamente o actual ministro da fazenda conselheiro Mattoso dos Santos. — Batem-se em duello á espada o conselheiro João Franco Castello Branco e o dr. João Pinto dos Santos, ficando o ultimo com um ferimento na mão direita.

— *Italia* — A rainha Helena dá á luz uma princeza que se chamará Yolanda Margarida. — O governo ordena que se active a repatriação das tropas italianas que estão na China.

— *Estados-Unidos* — O governo decide manter o direito de fiscalisar os assumptos de Cuba, sendo esta resolução communicada á convenção cubana.

— *Russia* — A policia de Kiew expulsa 480 operarios judeus.

— *China* — Sae de Shangae para a Europa a esquadra allemã composta de 4 couraçados e 1 cruzador.

— *America do Sul* — Abertura do congresso chileno em Valparaíso.

2 *França* — O grupo radical socialista adhire ao congresso dos radicaes organizado para as reformas republicanas.

— *Allemanha* — O imperador Guilherme nomeia a rainha da Hollanda chefe do batalhão da guarda imperial.

— *Hespanha* — Realisa-se a eleição de senadores. De 190 eleitos, o governo obteve 117, os conservadores 36 e os restantes partidos 37.

4 *Turquia* — E' prohibida em Constantinopla a representação do drama *Cyrano de Bergerac* por se considerar esta peça revolucionaria.

— *Hespanha* — E' demittido o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Santos Isasa e nomeado o general Martinez del Campo para o substituir.

— *França* — O procurador geral da Republica junto do Alto Tribunal de Justiça, manda prender o conspirador conde de Lur-Saluces, que voluntariamente regressára a França.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e tradncções durante o mez de Maio

ABRIL — 27 *VIUVA, VELHA E TOLA*, comedia em 3 actos, imitação do sr. Pereira Cabral, *UM BELJO*, comedia em 1 acto, traducção do sr. Leopoldo de Carvalho, beneficio da actriz Barbara (Theatro do Gymnasio).

MAIO — 15 *O PERFIL*, comedia em 1 acto; *POR BEM*, comedia drama em 3 actos, originaes do sr. dr. Illydio Amado (Theatro de D. Maria em recita de caridade, e desempenhadas por amadores da primeira sociedade).

18 *O SEVERO*, comedia em 3 actos, versão livre do sr. Eduardo Garrido (Theatro do Gymnasio).

— *O NOIVADO DE MERLUCHET*, operetta em 3 actos, traducção do sr. Bruno de Miranda (Theatro Avenida).

22 *VIAGEM Á TURQUIA*, peça em 3 actos, de Blumenthal e Kadelburg, traducção do sr.

Accacio Antunes (Theatro de D. Amelia).

31 *A GUARDADORA DE GANSOS*, operetta de Le-terrier e Vanloo, traduzida pelo escriptor brasileiro sr. Arthur de Azevedo (Theatro da Trindade).

JUNHO — 1 *A ROSA ENCANTADA*, magica em 3 actos e 8 quadros, original do sr. Assumpção Sousa, musica do maestro Joaquim Gomes, por um grupo de amadores (Theatro do Principe Real).

5 *ALDEIA NA CÔRTE*, drama em 3 actos, original dos srs. D. João da Camara e Delphin Guimarães (Theatro de D. Amelia).

10 *OS FRANCEZES NO BUSSACO*, operetta em 3 actos, original do sr. Eduardo Fernandes (*Esculapio*), com musica do maestro Dias Costa (Theatro da Rua dos Condes).

NECROLOGIA

MAIO — 13 Filipe MENDEZ VIGO, em Madrid, senador vitalício e ex-ministro de Hespanha em Lisboa.

24 Francisco José TEIXEIRA BASTOS, em Lisboa, 44 annos, escriptor muito conhecido e estimado.

28 CONDE DE S. JANUARIO, em Paço d'Arcos, 72 annos, general de divisão reformado e estadista illustre, tendo exercido honrosas com-

missões no paiz e no estrangeiro, e gerindo por diversas vezes varias pastas nos ministerios progressistas.

30 CONDE GUILHERME DE BISMARCK-SCHONHAUSEN, em Varzim (Allemanha), 49 annos, 2.º filho do principe de Bismarck.

JUNHO — 7 RICHARD BIDRZELL, em New-York, notavel escriptor e grande orador americano; suicidou se lançando-se ao mar.

• • •

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Novo banho de entoação dando tons variados

A formula seguinte apresentada por Mr. Hélain á *Société d'Etudes photographiques de Paris* permite modificar o tom usual das photographias sobre papel-citrato.

Os tons produzidos pelo emprego dos banhos de entoação preparados com sulfocyaneto d'amonía são totalmente modificados se se empregar na sua composição um iodeto alcano. Com os papeis chamados «de citrato de prata» póde levar-se a entoação até ao vermelho carmim, conservando as provas até ao maximo (40 minutos approximadamente) no seguinte banho preparado pouco antes do seu emprego :

Agua (quantidade sufficiente para)...	1 litro
Sulfocyaneto d'amonía.	5 gr.
Iodeto de potassa.	0,gr50
Chloreto de ouro (dissolvido anteriormente e deitado pouco a pouco, agitando-se sempre com uma vareta de vidro).....	0,gr25

Este tom vermelho é naturalmente tanto mais puro quanto a substituição do ouro pela prata fôr mais completa, havendo portanto toda a vantagem em prolongar a operação de entoação. Diminuindo a quantidade de iodeto, o mesmo banho dá tons violetas tanto menos vermelhos quanto menor fôr a proporção d'este sal. Quando a redução chegar a 0,gr20 ou 0,gr25 obter-se-ha então o tom muito approximado do que se emprega geralmente na pratica corrente.

Todos estes tons se obtem facilmente sem que seja necessario prolongar a entoação tanto tempo como para se chegar ao vermelho.

Reforçador para negativos

Varios jornaes allemães dão conta de um novo banho reforçador que póde ser bastante util em casos especiaes, taes como para obter aguas bem illuminadas e muito transparentes etc., invenção do sr. Anders, de Dresden.

Em primeiro logar deve o operador certificar-se que nenhum vestigio de hyposulfito se

encontra no cliché, que estando secco terá de se immergir em agua, passando-o em seguida a uma tina contendo uma mistura em partes eguaes da solução seguinte :

A — Ferrocyaneto de potassa.	4 gr.
Agua distillada.....	250 cc.
B — Chloreto de ferro... ..	4 gr.
Oxalato de amonia.	4 "
Agua distillada... ..	250 cc.

Os clichés logo que tomem uma côr azul ou violeta, o que se produz rapidamente, retiram-se do banho lavam-se muito bem e secam-se.

Este banho tem principalmente a vantagem de não produzir os contrastes tão accentuados como succede com os outros geralmente em uso.

Revelador e fixador simultaneos

O *Dilettante* indica o seguinte banho e assegura os melhores resultados, preparando se:

A — Agua.....	75 cc.
Sulfito de soda anhydro... ..	15 gr.
Soda caustica.....	7 "
Pyrocatechine.....	7 "
B — Agua.....	100 cc.
Hyposulfito de soda.	20 gr.

Para se utilizar, emprega-se:

Agua.....	20 partes
Solução A.	8 "
Solução B.....	10 "

Entoador e fixador sem ouro

Transcrevemos do *Bulletin d'Anthony*, a formula seguinte na qual não entra o ouro e portanto mais economica:

Agua distillada.....	1150 gr.
Carbonato de soda.....	7 "
Acetato de chumbo.....	14 "
Hyposulfito de soda.....	170 "

O tom obtido com este banho varia de castanho até ao negro, devendo a prova ser bem impressa e immersa no banho sem lavagem.



PHILOSOFIA INFANTIL

- Mamã, se eu casar, hei de ter um marido como o papá?
 — Certamente, meu amor.
 — E se não casar, hei de ficar como a tia?
 — Sem dúvida
 — Então, mamã, é muito triste a vida da mulher.

Resoluções dos problemas do numero anterior

N.º 3 — Tiram-se 20 litros de cada vez.

N.º 4 — Ordenar primeiramente as cartas d'um baralho por naipes e por ordem decrescente: rei, dama, valeta, dez, etc. Pode depois partir-se o baralho tantas vezes quantas se quizer. Para encontrar reunidas as cartas semelhantes, reparte-se o baralho por treze macetes seguidamente; cada um conterà as quatro cartas semelhantes.

N.º 5 — Xadrez:

- | | |
|-------------|--------------------|
| 1. P come P | 1. P 4 T R |
| 2. R 4 B R | 2. P 5 T R |
| 3. R 5 R | 3. P 6 T R |
| 4. R 6 Ra | 4. P 7 T R |
| 5. R 7 B Ra | 5. B 1 B R |
| 6. T come B | 6. P 8 T R faz Ra. |
| 7. C come T | |
- zeque e mate.

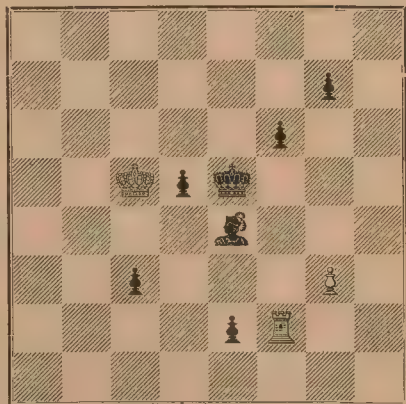
PROBLEMA

Num. 6

Um *touriste* pedestre fez uma viagem de 630 kilometros. Se tivesse andado cada dia 10 kilometros mais dos que andou, teria passeado menos 4 dias. Quantos dias durou a viagem e que distancia percorreu em cada dia?

PROBLEMA DE XADREZ

Num. 6 NEGROS (4 peças)



BRANCOS (6 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em quatro lances



SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

SCENAS CAMPESTRES.—EMPLE-
NO AZUL.—O RETRATO DO IMPE-
RADOR.—DE LISBOA A MOÇAMBI-
QUE.—SANTA ADOZINDA.—O SOLAR
DA SEMPRE NOIVA.—PREDICÇÃO
HISTORICA.—AS CHAVES DO ESTREI-
TO.—A FEIRA DE VIANNA DO CASTELLO.
—A FEITICEIRA.—QUEREIS CEREJAS?—
MODAS.—VARIEDADES.

VOL. I

AGOSTO — 1901

NUM. 5

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag.
O ESTIO. — <i>Quadro de N. LANCRET</i>	258
SCENAS CAMPESTRES. — <i>Com 2 gravuras</i>	259
EM PLENO AZUL. — DE FRANÇA Á RUSSIA EM BALÃO. — <i>Com 5 gravuras</i>	261
O RETRATO DO IMPERADOR. — FESTA DO REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 4. — <i>Com 17 gravuras, copia de photographias</i>	266
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — Por ANTONIO ENNES. — <i>Capitulo V</i> — MO- ÇAMBIQUE, O CONTINENTE, AS CABACEIRAS, O MOSSURIL. — <i>(Continuação)</i> — <i>Com 3 gravuras, reproduções de photographias, e assignatura autographa</i>	273
SANTA ADOZINDA. — <i>Novella rustica por ABEL BOTELHO.</i> — <i>Capitulo V</i> — A SANTA. — <i>Com 3 gravuras, desenhos do auctor, ABEL BOTELHO</i>	281
O SOLAR DA SEMPRE NOIVA. — Por GABRIEL PEREIRA. — <i>Com 6 gravuras,</i> <i>reproduções de photographias de ARNALDO FONSECA</i>	287
PREDICÇÃO HISTORICA. — MYSTERIOS DA HISTORIA — <i>Com 8 illustrações</i>	291
AS CHAVES DO ESTREITO. — GIBALTAR — <i>Com 6 gravuras, copia de photogra-</i> <i>phias</i>	301
SEGREDOS DO AMOR. — <i>Quadro de PRESCOTT DAVIES</i>	306
A FEIRA DE VIANNA DO CASTELLO. — FESTA DA SENHORA DA AGONIA. — <i>Com 11 gravuras, copia de photographias</i>	307
FEITICEIRA — <i>Valsa por EDUARDO BOEYÉ DE PASCAL</i>	314
QUEREIS CEREJAS? — <i>Quadro de JOHN RUSSEL</i>	318
MODAS. — <i>Com 2 gravuras</i>	319
VARIEDADES. — O BALÃO DIRIGIVEL, MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — PROBLEMAS. — <i>Com 3 gravuras</i>	XXXIII

69 GRAVURAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de }	3 numeros	600
	6 numeros	1\$200
	12 numeros	2\$200

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente* ou por intermedio dos correspondentes da empreza.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

LIVRARIA FERIN

FUNDADA EM 1840

Premiada em diversas exposições, inclusivé na Universal de 1900 com MEDALHA D'OURO

Fornecedora da Casa Real

Repartições do Estado, Escolas, Direcções das O. Publicas, etc.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

ANTONIO VIANNA

Apontamentos para a Historia diplomatica Contemporanea — **A revolução de 1820 e o Congresso de Verona**, 1 vol. 700

FERNANDO MAYA

A tactica das tres armas, 1 vol. 1\$000
Da Cavallaria, sua missão estrategica e tactica, 1 vol. 1\$500

RIBEIRO ARTHUR — **A legião portugueza ao serviço de Napoleão**
Illustrado com quatro aguarellas do auctor, 3 photogravuras e desenho de Ed. Detail
1 vol. — 3\$000 réis.

NO PRÉLO

ANTONIO VIANNA — **TOBIAS**, versão do canto biblico, em verso decasyllabo, com illustrações de COLUMBANO

Henryk Sienkiewicz — *Quo Vadis*

» » *Par le fer et par le feu*
» » *Bartek le victorieux*
» » *En vain*
» » *Sans dogme*
» » *Hania*
» » *Suivons-le*
» » *Chevaliers de la Croix*

Gautier — *Année Scientifique.*

Hospitalier — *Formulaire de l'electricien.*

Hurst — *Notre marine de guerre.*

V. Hugo — *Lettre à la fiancée.*

Zola — *Travail.*

Heidenstam — *L'épopée du roi.*

Dreyfus — *Cinq années de ma vie.*

Brassey's — *Naval Annual.*

ASSIGNATURA DE TODOS OS JORNAES EXTRANGEIROS

Officinas de Typographia e Encadernação

Onde se executam todos os trabalhos, desde o mais simples, até ao mais luxuoso e artistico

Exposição permanente de instrumentos de precisão, das principaes casas

L. P. CASELLA (LONDRES), OTTO FENNEL (CASSEL), SECRETAN (PARIS)

PAPEIS E MAIS ARTIGOS DE DESENHO

Unico agente em Lisboa do

«**AUTOCOPISTE NEGRO**», o melhor até hoje conhecido para copias

70—Rua Nova do Almada, 74—LISBOA

Carlos Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

MOTORES A GAZ

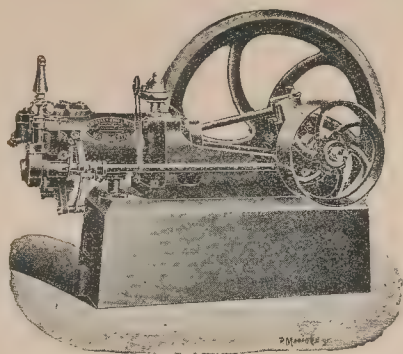
CROSSLEY

MACHINAS A VAPOR

MATERIAES

PARA

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

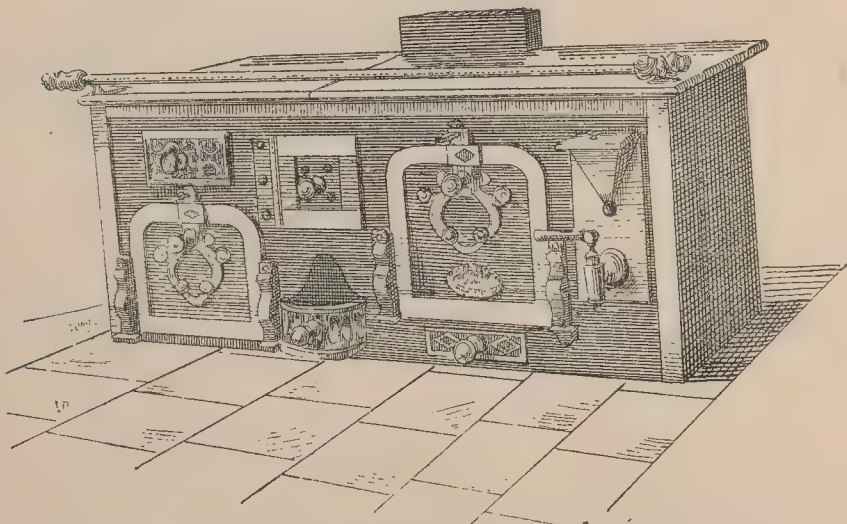


Tintas de imprensa de CH. LORILLEUX & C.^{ie}

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE MANUEL PATRONE

Executam-se todos os trabalhos de serralheria civil e mechanica, montagem de apparelhos para gaz acetylene e outros e de electricidade

ESPECIALIDADE EM FOGÕES CIRCULARES E FOGAREIROS ECONOMICOS



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

J. J. RIBEIRO & C.^A

222, Rua Aurea, 226

LISBOA

Instrumentos de optica
e cirurgia
topographia, astronomia
etc.



Instrumentos de optica
e cirurgia
topographia, astronomia
etc.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia

KODAKS DA COMPANHIA EASTMAN, DESDE 1\$600 A 80\$000 REIS

CHAPAS E PAPEIS SENSIVEIS DE VARIOS FABRICANTES

(Ilford, Lumière, Wellington, Mercôr, Jougla, Paget, Imperial, etc.)

OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES

Productos chimicos especiaes para photographia, de fabrico inglez, francez e allemão

GRANDE VARIEDADE EM CARTÕES PARA PHOTOGRAPHIA

Obturadores, prensas, appparelhos de ampliação, tintas; emfim, todo o material
necessario ás manipulações photographicas

PINHEIRO & SOBRINHO

ALFAYATERIA

Rua de S. Julião, 83 a 87

GRANDE SORTIDO

DE

FAZENDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

CONFEÇÕES PARA HOMENS E CRIANÇAS

*Encarregam-se de todos os trabalhos do seu genero
garantindo a sua perfeição*

Rua de S. Julião, 83 a 87
LISBOA

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas
—Obras litterarias e romanticas

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1874

ESPECIALIDADE

EM

TECIDOS ESTRANGEIROS



Sempre ultimos modelos

VESTIDOS, CONFEÇÕES E CHAPEUS

Rua do Ouro, 285 a 293

LISBOA

PITTA, CAMISEIRO

ENXOVAES COMPLETOS

Artigos de novidade
para homem

195, RUA AUGUSTA, 197
LISBOA

A PHENIX

RUA DO PRINCEPE

Edificio do Avenida Palace

LISBOA

TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Variado sortimento de objectos para brindes

PERFUMARIAS

ARTIGOS PARA FUMADORES



O ESTIO — QUADRO DE LANCRET

Scenas Campestres

Em todo o tempo a imaginação dos artistas procurou symbolisar as estações do anno, como os elementos, as virtudes, os affectos, inspirando-se na simples observação da natureza ou traduzindo d'uma forma sensível e bella a concepção mythica que lhes dava definição, ou ainda alliando estas duas tendencias genericas de expressão esthetica, a allegoria e o realismo, para mais completamente attingir o ideal proprio, variavel segundo as épocas historicas, o predomínio de preocupações intellectuaes, e a influencia decisiva dos costumes. Para commentar graphicamente, como é d'uso n'estas revistas, o mez publicam-se duas reproduções de quadros de mestres do seculo XVIII, um symbolisando propriamente a estação estival, outro immobilizando, n'uma composição caprichosa, um aspecto campesino ou pastoral.

Quem procurasse estudar exclusivamente a época d'estes quadros pelo exame e pela

critica das obras dos pintores do tempo, desconhecendo tudo quanto a historia registasse em relação áquelle mesmo periodo, teria uma impressão bem viva, marcada, suggestiva d'um convencionalismo exaggerado, d'uma complexa urdidura, de costumes naturalistas e de aspectos artificiaes, e pouco a pouco reconstituiria aquella sociedade galante, na sua maneira caprichosa e na sua exuberancia mundana.

Sobre fundos de paisagem esbatida, me-

ticulosamente escolhida, muito composta, entre arvores em grande *toilette* de verdura cuidadosamente disposta, com decorações classicas de estatuas dispersas pelas alfombras, columnellos partidos, fontes encimadas de idolos, e ao longe indicação de campanarios isolados, de cabanas humildes,



PASTORAL — QUADRO DE BOUCHER

agrupam-se personagens enroupados das mais custosas e garridas sedas, pés descalços para affirmar origem campeзина, mas rosados para manter delicadezas, pastorinhas

que retratam marquezas, pastores que lembram pagens, todos dispostos em attitudes que recordam festas de salões, decorados a ouro e branco, e affectam delicadezas de côrte, requebros de pавanas dançadas em honra de soberanos, graciosas mesuras de minuets em festival palaciano, transportado para o campo, para o vasto terreiro dos jardins recortados.

Eis a feição característica das pinturas galantes que de Watteau a Boucher alegam a vista nos salões dourados e nos *boudoirs* perfumados, despertam a voluptuosidade enfraquecida, enquadram as decadencias moraes d'aquella época em França.

Os proprios *ateliers* dos artistas tornaram-se apropriadas ante camaras de luz tamisada e discreta para o esplendor da nudez que vinha *poser* deante as suas telas. Pelo gabinete de Boucher, o pintor predilecto de Madame Pompadour, passaram, em magnificante revista de formas correctas ou graciosas, bellas marquesinhas da época, grandes damas, cortesãs, actrizes, figurantes do mundo, cujos modelos elle ia fixando nas suas composições em deliciosas indiscripções de intimos encantos. Madame Pompadour que praticava, ella propria, as artes do desenho e da gravura deixou-se retratar repetidas vezes por Boucher, o qual por isso tem sido chamado o Raphael d'aquella extranha *madonna*.

Todavia, por artificiosas, convencionaes, amaneiradas que sejam as pinturas d'aquella tempo, aparentam sempre na nudez ousada ou no symbolismo campestre uma graça tão finamente delicada que transmuda a vida em conto de fadas e illude a severidade critica.

E' curioso o exame successivo das graduações por que vae passando a pintura franceza desde Watteau (1684-1721) ou desde Lancret (1690-1743) até Boucher (1704-1770), comparando-as com o desenrolar dos acontecimentos, com a transformação dos costumes, com o predominio da côrte, com a germinação da nova vida que havia de des-

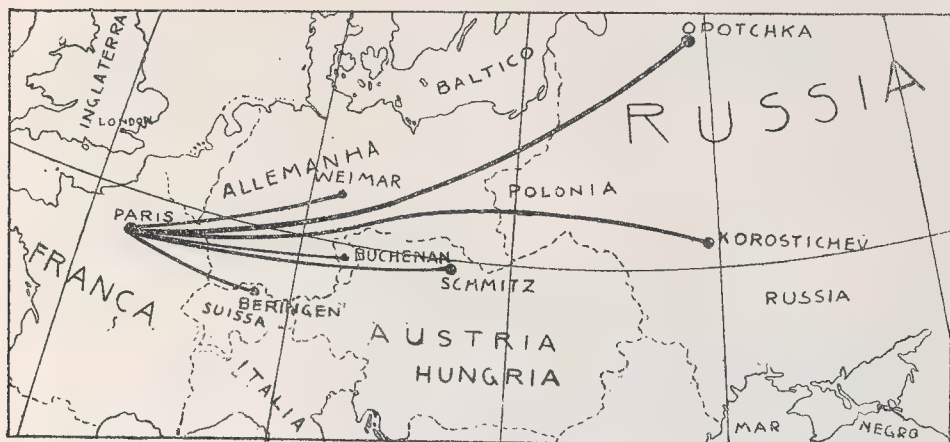
abrochar entre ruinas para o fim do seculo, na tremenda mas luminosa revolução.

Reconhece-se facilmente como a escola franceza obedeceu ás suggestões do tempo, descendo da pompa realenga que lhe impo-
sera o estylo academico, guindado, para cahir na affectação graciososa, elegante, variavel como a moda futil que lhe domina o gosto e lhe determina a composição.

Não é este, porém, o nosso intuito; outro bem mais restricto; commentar o Estio n'um symbolismo d'arte, reproduzindo o quadro de Lancret que entre os trigaeas, a abundancia no lar, o pão do trabalho, colloca a alegria da vida, representada na dança despreocupada dos trabalhadores, no enleio terno e enamorado d'aquella par que sentado sobre o molho de espigas ceifadas, projecta a constituição da familia, e sobre o qual cahem os olhares expressivamente risonhos e commentadores dos que vão dançando e cantando, em roda, de mãos dadas, como quem já fez a colheita do prazer, e aproveita agora o momento de goso repousado e feliz.

Lancret apresentou no salão de 1738 quatro quadros representando as *estações* e destinados á decoração do *château* de la Muette. Suppõe-se que esses quadros são os que hoje se expõem nas salas do museu de Louvre, em Paris, quadros de pequenas dimensões, nos quaes as figuras apenas attingem no maximo 0,^m25 de altura. Nicolau Lancret tinha menos fantasia poetica do que Wateau; porem maior amor pela verdade pintando com maior rigor de observação, preocupado um tanto com a realidade, não esquecido de todo da natureza para lhe fixar a côr e para surpreender a attitude dos modelos, embora sómente conseguisse reproduzir typos de convenção. Foi um pintor fecundo, fertil em recursos para variar os symbolismos obrigados da occasião, a que tinha de sacrificar, minucioso na execução, buscando reproduzir a physionomia do seu tempo, e dar na composição a maior somma de intensidade emotiva.





Mapa dos caminhos dos seis balões competidores na corrida do GRAND PRIX. O Centauro desce em Korostichev; o São Luis em Opotchka; o Aero-Club em Schmitz; o Lorraine em Weimar; o Touring Club em Buchenan e o Nimbo em Beringen.

EM PLENO AZUL

De França á Russia em balão

Uma irresistível curiosidade leva-nos constantemente á investigação de todos os mysterios que nos rodêam, impelle-nos á exploração de todos os campos onde a nossa actividade, incansavel e avida de sensações novas, possa livremente exercer-se: — percorrer os mares desconhecidos, atravessar os continentes, subir ás mais altas montanhas, descer ás mais profundas cavernas, experimentar os mais oppostos climas, explorar as regiões mais diversas. Por ultimo, no constante intuito de dominar e de vencer, partir em balão á conquista do azul, arrostar contra a impetuosa violencia das suas correntes, sujeital-as ou utilisal-as, tem sido recentemente o esforço intenso da sciencia e da coragem que nenhum malogro, nem desastre, como o de André na sua expedição ao polo do norte, desanimam ou abatem. Ao contrario, provocam estímulos onde os meios de fortuna podiam apenas determinar gosos faceis; o SPORT aereo assume a direcção da cruzada, dedica-se á propaganda, e exemplifica com o proprio esforço, na apparente realisação d'um praser, a utilidade do empreendimento, cheio de fecundos resultados.

N'ESTES dois ultimos annos, o sport aeronauta tem recebido um forte e fecundo impulso e estímulo que veio a corôar-se agora pela concludente experiencia do balão-dirigivel de Santos Dumont. Este resultado deve-se principalmente ao Aero-Club de Paris. Esta associação conta 400 membros, e é talvez o mais democratico club existente. Na lista dos socios, ao lado dos mais distinctos nomes que a França pôde apresentar em todos os ramos da sciencia, figuram duzias de homens de simples trabalho, e destacam-se outros cuja nobreza se azulou nos mais velhos pergaminhos.

Desde a fundação do Aero-Club as ascensões tem sido quasi continuas em Paris, e o

maximo de actividade aerostatica foi attin-gido em outubro passado na corrida para o grand prix, na qual dois dos seus mais distinctos socios, o conde Henry de la Vaulx e o conde de Castillon de Saint Victor, viajaram no balão Centauro, de Paris a Korostichev, na pequena Russia, um vôo de 1.800 kilometros em 35 horas e tres quartos.

A viagem mais longa do conde de Vaulx em balão antes d'aquella, em que ganhou o grand prix, fôra a de 30 de setembro, quando largou de Vincennes no mesmo balão, o Centauro, e vinte e uma horas depois chegava á

Polonia russa. N'essa occasião só bateu o seu principal concorrente o São Luis por dez mi-



O CONDE HENRY DE LA VAULX

lhas. Teve apenas tempo de voltar a Paris, com o *Centauro*, em comboio, e fazer os preparativos necessários para entrar na corrida de terça feira, 9 de outubro. O conde de Cas-

mendos aos lados testemunhando como cica-trizes as passadas victorias, sustentava-se vivamente nas prisões dos cabos.

Alto, de hombros largos, presença franca e energica, tez corada, cabellos castanhos annellados apesar de curtos, escrupulosamente vestido mas sem exaggeros excetricos, o conde de la Vaulx é um distinctissimo *sportman* e aristocrata extremamente affavel. Alguem que teve oportunidade de o encontrar, colheu da sua propria bocca a seguinte narração succinta da sua memoravel viagem em balão.

• • •



O publico espera que os balões inscriptos partam do parque de Vincennes

tillon, seu amigo e elle, tinham convencionado mutuamente que aquelle que marcasse o menor numero de pontos durante a *season* aerostatica, havia de ceder a sua probabilidade de ganhar a taça, e ajudar o outro a alcançar a victoria final. Foi o que succedeu com o capitão do *Centauro*, que teve o conde de Castillon como *alter ego*.

Houve ao todo seis inscrições para a corrida, variando as dimensões dos balões, desde o *Lorraine* de 1.200 metros cubicos, até ao *São Luis* de 3.000 metros cubicos; o *Centauro* media a capacidade de 1.630 metros, exactamente a mesma do balão do *Aero-Club*.

Pelas quatro horas e meia da tarde todos os balões estavam promptos para a partida. Foi absolutamente impossivel conseguir encher de todo o *Centauro* com hydrogenio puro, e os aeronautas tiveram de completar a differença com o gaz ordinario de iluminação. Por esse motivo só poderam levantar um pezo total em lastro, incluindo provisões, de 800 kilogrammas. Um metro cubico de hydrogenio puro tem a força ascensional de 2 $\frac{1}{4}$ lbs., enquanto que um metro cubico de gaz ordinario, tal como é fornecido para a iluminação usual, não alcança mais de 1 $\frac{1}{2}$ lbs., sendo estas duas forças sujeitas a ligeiras variantes conforme as circumstancias.

O primeiro balão a largar, pontcualmente ás cinco horas, foi o do *Aero-Club* com o sr. Jacques Faure; o grande *São Luis* foi o segundo, e vinte minutos depois das cinco coube a vez ao *Centauro*, o qual, com re-

«A' partida, a direcção era a de NNE., e em breve, tendo descido o sol no horizonte, Paris era para nós apenas uma larga mancha escura, com alguns pontos luminosos, vagamente definidos, ao longe, para lado do oeste. O *Centauro* subira a 1500 metros acima do nivel do mar, quando appareceu a lua com tão radiante brilho que podiamos fazer leituras nos instrumentos sem o auxilio da luz electrica. A cada instante, estrellas cadentes atravessavam rapidas, fugazmente luminosas, a amplidão do firmamento, parecendo que o seu vôo no ether nos presagiava exito feliz.

A's oito horas tomamos a nossa primeira refeição à *la turque*, ou antes à *la sauvage*, pois nem tinhamos talheres, nem meza. Em compensação podiamos-nos considerar, ao menos na posição, superiores ao resto da humanidade, mas os sons confusos que vinham até nós de baixo, murmuro de vozes, somma de ruidos extranhos, recordavam-nos que eramos uns simples ociosos, distrahindo-se e em breve teriamos de descer e voltar outra vez á vida real, cá da terra.

Rheims, com a sua cathedral descombrindo-se entre os raios lunares, passava em baixo como o scenario d'um theatro colossal, e logo em seguida atravessavamos o *Swippe* deslizando como um phantasma a sombra do *Centauro* sobre as crystallinas aguas das lagoas, onde a lua parecia remirar-se complacentemente como se fosse em espelhos collocados ali de proposito para satisfação da sua vaidade feminina. Um pouco mais para o norte, appareceu-nos a fatal planície de Sedan. Minutos depois atravessavamos as fronteiras da Belgica.

O thermometro cahiu doze graus centigra-

dos abaixo de zero. Pelas duas horas da madrugada a scena mudou repentinamente. De todos os pontos do horizonte pesadas massas de nuvens avançavam sobre nós, parecendo querer esmagar-nos e, seguramente em menos tempo, do que se leva a descrever, o *Centauro* ficou envolvido em densa cerração. Felizmente não durou muito tempo. Ao amanhecer verificamos que tínhamos apenas gasto um quarto do nosso lastro, e a menos que alguma cousa desagradavel nos succedesse, esperavamos poder continuar todo o dia e, se possível fosse, toda a noite também.

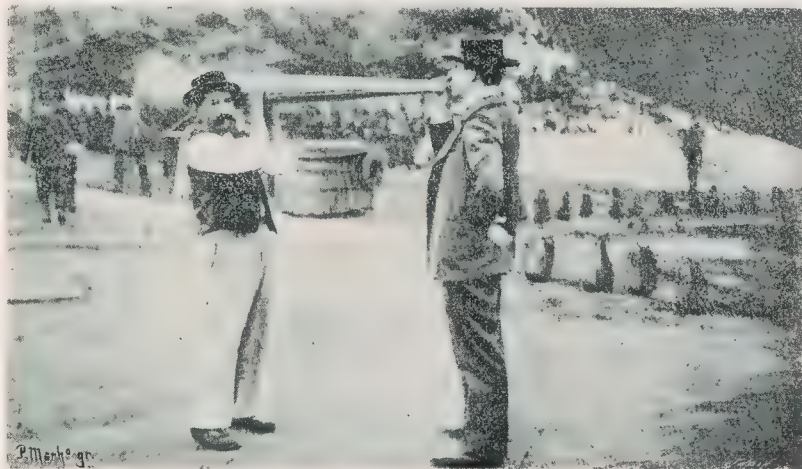
Amigos, educados no mesmo collegio, de Castillon e eu temos illimitada confiança um no outro, e em quanto um dos dois dormia o outro velava.

As quatro e meia o horisonte illuminou-se brillantemente de purpura e oiro, e vimos que caminhavamos em direcção certa do oriente; mas, devido á queda de temperatura que precede a apparição do dia claro, e á contracção consequente do gaz, descemos aproximadamente a 500 metros da superficie da terra. A nossa presença foi logo descoberta, porque numerosas vozes simultaneamente nos saudavam, e comquanto respondessemos pelo nosso porta-voz, foi-nos impossivel comprehender uma unica palavra cujos sons nos chegavam aos ouvidos. Comtudo quê nos importava? Estavamos seguros da marcha, e toda a vastidão do continente desdobrava-se ante nós. Logo depois calculámos que estavamos sobre as

interceptado a vista da terra por uma hora ou duas dissiparam-se. As montanhas thurigianas já ficavam para trás de nós, e estavamos atravessando a immensa planicie da Silesia. Passavam-nos, por baixo, cidade apoz cidade sem que lhes podessemos dar o nome verdadeiro. Estavamos n'uma altitude de cerca de 2.700 metros, e o *São Luis*, de cuja identidade já estavamos certos, pairava mais alto. Uma nuvem, odiosa inimiga do aeronauta, comquanto fosse uma tenue gaze, cortou-nos os raios do sol; d'ahi condensação consequente do gaz e lá se foram tres saccos do precioso lastro, antes que podessemos readquirir o nosso anterior equilibrio. Depois subimos a 4.000 metros e fomos obrigados a inhalar oxygenio. Outra nuvem intrusa e impertinente, d'esta vez espessa massa accumulada, deitou-nos novamente abaixo para 1.500 metros, pela 1 hora da tarde. O *São Luis* evidentemente soffrera no mesmo caminho as mesmas alternativas atmosphericas. N'uma occasião, vimol-o descer com uma velocidade aterradora, e logo depois subir apressadamente. Esta corrida em pleno azul começava a ter para nós um interesse palpitante. Era uma regata no vasto oceano das nuvens, entusiastica, original. Estivemos uma vez tão perto um do outro que quasi podiamos fallar d'uma para outra barquinha. A's duas horas calculámos que o *São Luis* estaria a altitude de 6.700 metros, muito por cima de nós. Pouco depois, esteve uma vez no nosso nivel e

montanhas thurigianas na Saxonia. As 6 e meia, quando o disco do sol appareceu ante os nossos olhos em todo o seu esplendor, descobrimos um balão atrás de nós, comquanto em muito mais elevada altitude, que suppozemos ser o *São Luis* mas não podémos, mesmo com o auxilio dos oculos certificarmos-nos d'isto. Pelas oito horas as nuvens, que nos tinham

por fim desceu muito, parecendo marchar por meio da *guide-rope*, da ancora. Divisámos uma grande cidade, Breslau; e 5 minutos antes das quatro, depois de ter atravessado o Oder, vi-



Annuncia-se ao publico os nomes dos competidores na corrida de balões

mos o *São Luis* pela ultima vez. Viajavamos n'uma altura de cerca de 4.000 metros, e a terra foi-nos de novo occultada por um mar de nuvens. Repentinamente, aos nossos pés, o topo do *São Luis* a medo furava as algodoadas ondas, submergindo-se n'ellas em seguida. As nossas direcções deveriam ter divergido desde aquelle momento.

Por causa do excessivo frio e da rarefacção do ar estivemos inhalando oxygenio, alterando esta operação animadora com a ingestão appropriada d'uma colher de *brandy*. A esse tempo atravessámos as fronteiras da Russia, e pareceu-nos que a viagem terminaria em breve, mais aqui ou mais acolá, porque as extremidades do *Centauro* tornaram-se repentinamente tão flacidas que nos achamos de repente em descida. Não duvidámos agora deitar fóra lastro. Usavamos d'uma concha de sopa para medir a areia. Esquisita, quanto pôssa parecer, a concha de sopa é para nós e por excellencia n'estas occasiões a melhor medida. A's 4 h. 25, quando o sol desapareceu no horizonte, podíamos ainda contar com seis saccos de areia, quer dizer, exactamente com trezentos quintaes. Não era muito para passar ainda uma noite, mas afinal resolvemos fazer a experiencia. Estavamos descendo vagarosamente, apesar de irmos deitando fóra uma a uma conchas cheias de areia. Pelas cinco e meia pairavamos apenas a 600 metros acima da terra, e deante de nós planicies sem limite, atravez das quaes um verdadeiro furacão irrompia temeroso e devastador.

Tendo conseguido obter equilibrio, aproveitámos o intervallo, para tomarmos algum alimento apressadamente, mas a fadiga excessiva — tendo passado vinte e quatro horas sempre em guarda — tirou-nos o appetite. O horizonte agora illuminou-se quasi continuamente por intensas faiscas coruscantes de nuvens para nuvens e para a terra, e distinguíamos ao longe o ribombo do trovão. Comquanto estivessemos muito acima da tempestade receiavamos a todo momento ser arrastados no turbilhão electrico, cujo spectaculo nos maravilhava.

Principiava a dormirar vencido pela fadiga quando Castillon me acordou de repente. Sem nenhuma prevenção, o *Centauro*, excentrico como todos os seus congenes, saltara para a sua passada altitude de 4.800 metros. A temperatura estava longe de ser tropical. Mesmo cobertos, como estavamos, com os nossos casacos de pelles, os dentes battiam-nos involuntariamente, tiritavamos com frio. O tubo de oxygenio voltou outra vez a serviço permanente. Recorremos para nos agasalhar ás proprias cobertas de lona do balão. Pouco a pouco o *Centauro* foi retomando o nivel de 600 metros; porém muitas vezes, tivemos

de soffrer a experiencia de subir e descer, e cada um de nós foi aproveitando ensejos para dormir nos intervallos das subitas ascensões.

O silencio da noite era interrompido pelos estridulos de milhares de passaros esvoaçando sobre os pantanos em discordante harmonia com o grasnar das rãs. Estavamos então atravessando os horrorosos e movediços lodos dos pantanos de Pinks, cobrindo centenas de milhas quadradas, onde ninguem pôde passar. Verificámos n'aquelle momento a superioridade do balão como meio de locomoção.

Para este uma claridade pardacenta annunciava-nos já o amanhecer d'um outro dia. Pouco a pouco appareceu nos á vista a terra, e afi-



O CONDE CASTILLON DE ST. VICTOR
Na barguinha do «Centauro»

nal pela segunda vez desde que deixámos Paris, os nossos olhos e os nossos espiritos se alegraram com a dispersão das trévas. Planicies vastas continuavam a desenrolar-se aos nossos pés, semeadas de pobres cabanas; sómente aqui e ali construcções maiores, corôadas de pequeninas torres e zimbórios, pintados de côres brilhantes, se illuminavam com os primeiros raios do sol nascente. Que estavamos realmente na Russia não podia haver duvida.

Ainda conservavamos dois saccos e meio de areia. Em poucos momentos, quando o calor do sol em cheio dilatasse o gaz, devíamos fazer outro salto para as mais altas regiões da atmosphera, e tinhamos esgotado a nossa provisão de oxygenio. Portanto deci-

dimos continuar a nossa jornada tão perto da terra quanto possível, abrindo a valvula constantemente para compensar a dilatação produzida pelo calor solar.

A distancia distinguimos uma cidade que nos parecia importante; era a primeira que viamos depois de despontar o dia. A nossa direcção levava-nos para ella, e ao longe havia florestas, cuja extensão não tinha limites. Julgámos portanto prudente dar por finda a nossa viagem, pela suprema razão de que a quantidade de lastro que nos restava era insufficiente para qualquer outra tentativa.

Chegados aos arrabaldes da cidade deitámos a ancora, a *guide-rope* a qual, garrando sobre os telhados cobertos de colmo, fez sahir das casas numerosos habitantes de longas barbas que, com armas levantadas e caras assustadas, vociferavam sem que os podessemos entender. Passámos depressa sobre a povoação e chegámos á orla da floresta. Até que afinal, n'uma pequena clareira, a ancora prendeu firme n'uma das arvores que a fechavam em redor. Castillon abriu a valvula o mais largo possível e a barquinha pousou na terra suavemente. O pobre *Centauro*, cansado cahiu ao seu lado, já quasi vasio. A nossa viagem aerea estava finda. De todos os lados accorreram homens e mulheres a reunirem-se curiosos em volta do nosso balão. Os homens usavam tunicas atadas na cintura com calças e botas altas; o fato das mulheres era muito parecido, apenas com a differença de que as botas eram de côres claras, predominando o amarelo e o encarnado.

Depois de muita mimica, convencemos dois moujiks a levar-nos no seu carro para a cidade. De caminho desdobrei o meu mappa, mostrei-o e deligencieei fazer com que me dissessem onde estavamos. Um apontou com um index pouco limpo para Moscow, emquanto que o seu companheiro poz decidido o seu pollegar tambem sujo em Bucharest. Os viajantes devem contentar-se com pouco, teem sentenciado alguns philosophos; portanto resignamo-nos ao ditoso estado de

ignorancia, e por mimica dissemos aos conductores que nos levassem a um hotel.

Julgámos que os nossos desejos iriam ser satisfeitos, mas não ficámos pouco surpresos quando nos achámos na repartição da policia. Os dois simples moujiks transformaram-se em delatores e ficámos seus prisioneiros. O chefe da policia fez-nos comprehender isso, da maneira a mais delicada do mundo, mas nem por isso deixámos de ser prisioneiros.

Comquanto não soubessemos russo nem elle o francez, viemos á comprehensão de que tinhamos commettido a grave offensa de entrar nos dominios do grande czar sem passaporte! E' preciso confessar que não soffremos rigores no captiveiro. Emquanto o excellente carcereiro foi saber o que se havia de fazer de dois estrangeiros sem passaporte cahidos das nuvens, a sua mulher enrolava delicadamente cigarros para nos offerecer.

Finalmente um general russo, que residia na vizinhança e que fallava o francez tão bem como nós, o general Plemiannikoff, quiz ser nosso interprete, e explicou-nos que tinhamos de esperar alguns dias pelos passaportes de Kiev, pois, tendo casualmente entrado na Russia sem aquelles documentos, não nos seria facil sahir sem sermos infallivelmente detidos na fronteira que teriamos de atravessar d'esta vez por *terra firme*.

Como supportámos a nossa prisão, é facil de comprehender, visto que, meia duzia de vezes em cada dia, eramos cheios litteralmente de obsequios sob a fórmula de banquetes em escala gargantuana. Finalmente, quatro dias depois da nossa prisão, n'uma segunda feira, chegaram os passaportes e na mesma noite partimos em comboio de volta a Paris, onde chegámos depois de ter viajado sem parar durante quatro dias e trez noites, oitenta e quatro horas ao todo.

Para percorrer a mesma distancia em direcção contraria, o *Centauro* levava trinta e cinco horas e trez quartos. Na volta tivemos de soffrer os incommodos de trez alfandegas que bem nos fizeram reflectir na superioridade das viagens em balão».



A descida e a queda do «Centauro» em Korostichev



O IMPERADOR DA ALLEMANHA GUILHERME II

*Retrato offerecido por Sua Magestade ao Regimento de cavallaria n.º 4
de que é commandante honorario, vestindo a farda de coronel em grande uniforme*



CONTINENCIA FINAL DOS EXERCÍCIOS GYMNASTICOS EXECUTADOS PELOS RECRUTAS
SOB A DIRECÇÃO DO ALFERES CARVALHO DA SILVA, NA FESTA DE CAVALLARIA 4, EM 28 DE FEVEREIRO

O Retrato do Imperador!

Entre nações amigas, os soberanos, como chefes supremos dos exercitos, permutam distincções honorificas, que são na deferencia demonstrativa e na delicadeza graduada como que a galanteria militar, semelhante aquella que na vida mundana enlaça primores de cortezia para fixar agrados de eleição. O aprumo correcto, respeitoso, da continencia não exclue, ao contrario estimula, a gentileza elegante e affavel nas relações sociaes. D'uma d'estas distincções e d'estas delicadezas militares faz memoria breve o artigo seguinte.

Aos 15 de junho de 1888 succedeu, por morte de seu pae, na corôa imperial da Allemanha e na real da Prussia, sob o nome de Guilherme II, o actual imperador. A 24 d'outubro do mesmo anno, el-rei de Portugal, n'aquelle tempo o senhor D. Luiz I, nomeava, como prova de sympathia entre as duas nações, e segundo a tradicional usança, commandante honorario do regimento de cavallaria n.º 4 o novo soberano e acrescentava á simples numeração entre os regimentos d'aquella arma no exercito portuguez o titulo d'aquella honrosa distincção. Pela segunda vez e á distancia d'um seculo, este regimento de cavallaria recebia com diversa graduação e qualidade commandos allemães. Por decreto de 5 de julho de 1762, o duque

de Mecklembourg Strelitz, principe de Vandalia, Schwerin e Ratzbourg, conde de Rosstock e Stuttgard, que viera do exercito britannico ao serviço de Portugal, foi nomeado *sem exemplo* coronel general do regimento de cavallaria da côrte, passando a denominar-se cavallaria de Mecklembourg, o qual é representado pelo actual em linha directa e atravez das evoluções diversas por que foi passando a organização d'esta arma no exercito portuguez.

«O concurso da Allemanha—escreve, n'um brilhante esboço historico de que nos soccorremos para agrupar informações, o distinctissimo historiador militar Christovam Ayres, tão justamente notado entre os nossos homens de letras, e que ao mesmo tempo e ao

presente tem no exercito os galões de capitão do estado maior de cavallaria — em nos fornecer, nos momentos criticos de perigo para a patria, caudilhos militares, tirados de entre os seus homens mais distinctos, embora com o character cosmopolita dos soldados da época, é antigo e de grata memoria para nós. O nome do marechal hannoveriano conde de Lippe e do duque de Mecklembourg figuram em alto relevo no quadro das nossas luctas de 1762; e a disciplina e a instrucção do nosso exercito deveram muito áquelle general, que por duas vezes, e com grande desinteresse, esteve ao nosso serviço — de 1762 a 1764, e em 1767 —, continuando a occupar-se e em interessar-se sempre pelos nossos negocios de guerra.

«O incremento da nossa artilheria, com os estudos do tempo do marquez de Pombal, que a tornou, ainda por influxo do conde de Lippe, uma arma scientifica entre nós, e o desenvolvimento dos estudos de engenharia, deveram-se desde 1776, a desoito officiaes das duas armas que aqui tivemos do escola de Bukbourg. Se remontarmos mais longe, lembra logo o nome do conde de Schomberg, militar cosmopolita tambem, mas d'origem allemã, que teve uma tão grande acção entre nós, nas nossas guerras de independencia no seculo XVII. Este dá ainda hoje o seu nome a um forte da praça de Campo-Maior, como o conde de Lippe o dá a outro forte na praça de Elvas; e segundo a tradicção que o dava por muito aprimorado no seu trajar, tal era o prestigio que entre nós creou, que até as imagens nas procissões eram vestidas á Schomberg com loursabelleiras, corpetes bordados e finas rendas.

«Podia mencionar ainda, mesmo nos tempos mais modernos, o conde de Gotz, encarregado do commando dos nossos exercitos em 1802, e os nomes d'outros allemães illustres, como o principe de Waldeck, que entrou a nosso serviço como marechal dos exercitos, sob a direcção suprema do duque de Lafões, em 1797; o barão de Wellerhold, Bernardo Guilherme Weld, official distinctissimo que veio a Portugal no mesmo anno com o posto de coronel e a patente de ajudante general, e fez a campanha de 1801 e a da independencia até 1810, anno em que falleceu, depois de treze de prestantes serviços, — e tantos outros; mas seria longo.»

Certo é portanto que estas nomeações honorarias internacionaes tem a dupla significação de cortezia occasional e de recordação historica; e se a nomeação d'um soberano para commandante d'um regimento honra sobre maneira este com a distincção recebida, ao mesmo tempo áquelle, envergando

a farda que nobilita pela sua propria posição, sente-se preso ás tradicções gloriosas e honradas da corporação a que vae presidir por deferencia propositada. Sua Magestade o Imperador da Allemanha, herdeiro e representante das glorias indiscutíveis da sua patria, e das suas bellas tradicções cavalleirousas, que por vezes o transmutam n'uma visão extranha (tão nitida se concretisa n'elle toda a historia da velha Germania) n'uma evocação magnifica, como se realmente fora vivo e real, um lendario cavalleiro de São Graal, defensor da justiça e da innocencia, exemplo de nobreza immaculada, sua magestade quiz que o seu regimento portuguez, antes de que por venturoso acaso podesse passar-lhe revista pessoal, receber-lhe a continencia e retribuir-lh'a no seu estandarte em formatura de gala, o tivesse sempre presente no seu salão de honra e mandou-lhe o retrato, espressamente pintado para este fim, vestindo a sua farda de coronel, grande uniforme, e ostentando ao peito as insignias das ordens militares de Portugal.

Inaugurar este retrato foi motivo para que a briosa corporação de cavallaria n.º 4 podesse organizar uma caracteristica festa militar a que El-rei, o senhor D. Carlos, como chiefe da nação e como marechal general do exercito, podesse assistir com prazer, assim como o representante diplomatico do imperador allemão podesse tambem manifestar a cordealidade de relacções entre os dois estados. E assim succedeu.

As festas militares, como as mais simples formaturas, teem todas para mim um encanto muito especial: ou porque a tropa com a sua presença, em repouso ou em evolução, me desperte logo no espirito a idea associada de patria, me traga á memoria os feitos que a historia enaltece com orgulho; ou por que ella defina a nacionalidade n'uma forma concreta, suggestiva, e symbolise a força da raça altivamente independente e livre; ou ainda por que, educado entre militares e por militares, me habituasse a ouvir desde creança, entre a alvorada dos clarins e o *quem vem lá* das sentinellas nos bastiões da praça, da bôcca do avô a narrativa emocionante dos episodios guerreiros a que elle assistira ou tomára parte até Tolosa e Roussillon em lucta de independencia contra o francez invasor e por esses largos annos depois até á final victoria da constituição, e da bôcca do pae que aos desenove annos interrompeu o curso de medicina para ir nos campos de batalha afirmar o seu amor pela liberdade; seja por que motivo, impressionam-me vivamente todos os aspectos da vida militar, infundem-me respeito e deslumbra-me como se fossem fes-

tas de salão, estas mesmas galanterias commemorativas, onde todavia se imprime um cunho de mascula grandeza, por entre o brilho dos galões, a luzente brunidura do corream e o tilintar das espadas.

Comtudo a festa que em 28 de fevereiro d'este anno

delicado affecto ás cousas da sua profissão tem demonstrado nas variadissimas e importantes commissões para que tem sido chamado, embora sempre na fileira, e cujos escriptos sobre a especialidade, são numerosos e dignos de consulta, dispersos na sua maioria pelos jor-



CAPITÃO ALVIM



TENENTE LEIRIA



TENENTE VASCONCELLOS



JOSÉ HONORATO DE MENDONÇA
*Coronel commandante do regimento
de cavallaria n.º 4*



ALFERES CARVALHO DA SILVA



ALFERES MENDONÇA

se realisou no quartel de cavallaria 4 foi simples na apparencia, e excellentemente pensada na disposição dos aspectos. A' frente do regimento, como coronel commandante, está hoje um dos mais distinctos officiaes do exercito portuguez, José Honorato de Mendonça, cuja illustração, saber militar e



CAEIRO VIEIRA
Alferes picador

naes technicos, e todos demonstrando a afadigosa attenção que lhe merecem os assumptos. Sob a acção impulsiva d'um chefe, como este, continuando tradições honrosas, não admira que a corporação toda apresente uma unidade e um aspecto, tão notavel em galhardia d'apresentação, como exeme

plar em primores cavalleirosos, quer nas relações externas, quer na vida disciplinada e activa do quartel. Não é meu intuito biogra-



ALFERES MENDONÇA

Salto de 1^m,20 de altura no cavallo Macoutène

phar o coronel Mendonça n'este artigo, para que de resto me faltava a competência na apreciação; registo, porém, como confirmação do que deixo escripto a nomeação para commissões durante longos annos, o que de-



ALFERES CARVALHO DA SILVA

Salto de duas sebes distanciadass de 2 metros, tendo a segunda 1^m,80 de altura, no cavallo Mossuril.



ALFERES MENDONÇA

Salto de 1^m,50 de altura, no cavallo Macoutène

monstra o progressivo apreço em que superiormente é tido o seu conselho e a sua experiencia militar: — elaboração de compendios para as escolas regimentaes, hip-

pologia e hygiene militar; reforma da instrução de cavallaria, criação d'uma escola geral de cavallaria e infantaria; commissão consultiva de defeza do reino; commissão superior de guerra; escolha do typo de espingarda para infantaria e de carabina para cavallaria; projecto de regulamento de remonta geral do exercito. Mais ainda. Basta olhar para o retrato do coronel que acompanha este artigo e ver-lhe no peito as agulhetas de ajudante de campo honorario de sua magestade, e o grande officialato de S. Bento de Aviz que pertence aos generaes.

A sala de armas de cavallaria 4 é muito elegantemente decorada. Ornamentando os paineis em que as paredes estão divididas,

ha tropheos de armas antigas e dos velhos estandartes dos esquadrões e, occupando o lugar de honra, a bandeira que em 1896-97 acompanhou a columna de operações contra os namarraes. Mousinho d'Albuquerque, commandante das forças que operaram contra aquelle gentio aguerrido e rebelde, para dar mais uma prova do muito que apreciara os excellentes serviços prestados pela força de cavallaria 4 n'aquella campanha, força constituida por officiaes que pouco antes

tinham sido seus camaradas de regimento e por soldados muitos dos quaes tinha ensinado quando recrutados, terminada a campanha, offereceu ao regimento a bandeira; e, para

tornar mais frisante e duradoura a recordação das acções gloriosas em que a cavallaria tomou parte, mandou ornamentar a mesma bandeira com um laço de larga fita azul e branca, onde em letras de ouro fez inscrever os nomes e as datas dos combates em que entrara a cavallaria.

E' esta a unica reliquia militar que um regimento de tão nobres e antigas tradições conserva no seu museu. A onda de indiferença, que tem alagado este paiz, tudo deixou perder: — lembrança dos fastos gloriosos e reliquias que as recordasse. Da guerra da Peninsula nada

numero dos quaes se contam portuguezes de nobre estirpe e que prestaram levantados serviços em defeza da patria e da liberdade. São 33 os retratos que hoje constituem aquella brilhante galeria historica, reunidos a poder de trabalho e de investigação; que mesmo descendentes de muitos d'aquelles illustres militares nada possuíam que lhes documentasse os feitos nem conservavam em painel a extincta phisionomia. Tornada publica a idéa da galeria historica foi ella louvavelmente aproveitada e hoje varias corporações teem em principio a galeria dos retratos dos chefes que as dirigiram.

Foi sem duvida este corpo de cavallaria



CAPITÃO
ALVIM

Trote hespanhol no cavallo Namarral.



ALFERES MENDONÇA

Passage no cavallo Ibrahim



TENENTE VASCONCELLOS

Passage no cavallo Maguiguana

resta. Por iniciativa do coronel commandante foi-se creando pouco a pouco uma galeria dos retratos dos coroneis que commandaram o regimento desde a sua organização em 1762, galeria que deverá ser acompanhada da biographia d'aquelles officiaes no

que, commandado então pelo coronel Queiroz, iniciou no nosso exercito o ensino dos recrutas pelos officiaes e graduados das proprias companhias, systema reconhecido tão util que mais tarde se tornou regulamentar. Escola alguma, desde 1886, se considera prompta da instrucção de recruta sem ter aprendido todo o serviço de campanha. Creada a carreira de tiro, as praças de cavallaria 4 ali teem comparecido annualmente e a prova de habeis atiradores foi dada pelos soldados do esquadrão que, em 1899 concorreu aos exercicios de fogos reaes na tapada de Mafra, em que a percentagem de balas nos alvos subiu a 17,5 % no fogo vivo a 300 metros. O ensino de gymnastica, de volteio e de equitação, em que o coronel Mendonça insiste sempre, animando os instructores e os instruidos e premiando os mais dedicados, permittiu que em fevereiro se apresentassem trabalhos que mereceram

justo elogio. De alguns d'elles dão indicação as gravuras que acompanham estas paginas.

Lembra-nos ainda citar a marcha de re-



*Cavallo Vatua, montado pelo alferes picador
CAEIRO VIEIRA (instantaneo de passo hespanhol)*

sistencia que em 1889 este regimento fez de Lisboa ao Monte da Barca, nas immediações de Coruche, na extensão de 124 kilometros, marcha que inesperadamente se duplicou, porque, estando projectado o regresso por meio de etapes ordinarias, foi superiormente ordenado para Azambuja que o regimento passasse em continencia a sua magestade, no largo d'Ajuda, ás 4 horas da tarde. Esta ordem chegou ás Barracas da Rainha ás 7 horas da manhã, ainda antes de acabada a distribuição do primeiro rancho. Todavia, ás 4 horas da tarde, cavallaria 4 executava a marcha de continencia, a trote, na presença do soberano. E da ida a Coruche a passo e trote em pouco mais de 24 horas, e do regresso de Azambuja a Lisboa com 26^{km} de trote em 130' e com 25^{km} 800 em 258', sob uma temperatura abrazadora, apenas resultaram em alguns cavallos ligeiras escoriações rapidamente curadas. Não me permite a ignorancia technica discutir meritos relativos d'estes exercicios como preparo para a acção dilatada que em campanha desempenha a cavallaria, nem aqui é lugar para essas discussões; mas facil é concluir que da pericia adquirida dos cavalleiros n'esses lances e no

estudo anterior a impulsionar progressos na organização e na manobra em plena paz, deve fatalmente resultar mais efficaz esforço

da intervenção d'aquella nobre arma nos embates da guerra. Afiguram-se-me evidentes os proveitos; indispensaveis todos aquelles exercicios hyppicos que adestram e distinguem o perfeito cavalleiro, difficeis de sua natureza, tanto para quem os executa, como para quem os ensina e dirige. Da perfeição que elles attingem no regimento do imperador d'Allemanha cabe grande quinhão, e justa é a referencia especial, ao alferes picador Caeiro Vieira, de quem se publica o retrato conjuntamente com os do grupo de officiaes que tomaram parte principal na festa commemorativa. Presenceada por El-Rei, por inuitos generaes e muitos officiaes portuguezes e estrangeiros, foi tão completa a impressão produzida, que no louvor da ordem ella se reproduz intensamente, affirmando o concurso prestado para manter o lustre e o bom nome do regimento, o qual, pela tradição conhecida e pela esperança convicta, adoptou para sua divisa os dois seguintes versos do immortal poeta :

*Não vos hão de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa.*



*Cavallo Vatua, montado pelo alferes picador
CAEIRO VIEIRA (instantaneo de trote hespanhol)*

Assim tem succedido e succederá sempre n'este, como em todos os regimentos do brioso exercito portuguez.



De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO V

Moçambique — O continente — As Cabaceiras — O Mossuril (Continuação)

A PARTE da costa oriental d'Africa, onde os navegantes procuram a ilha de Moçambique, é recortada pelo mar e os seus recortes formam tres bahias profundas, apenas separadas umas das outras por pontas de terra de configurações várias. Correndo-se do norte para sul, passadas a ponta do Velhaco e a ilha de Quitangonho, encontra-se primeiro uma reintrancia, com a forma geral d'um triangulo *isósceles* em cujo vertice desagua um rio: é a bahia de Conducia, dominada a sudoeste por terras altas vestidas de palmares. A costa meridional d'esta bahia quebra-se, no seu prolongamento para leste no cabo de Conducia, e tomando a direcção sueste vae formar um delgado cabo, o Cabaceira, que é, pela parte do norte, a como humbreira de uma outra bahia dentro da qual está atravessada a ilha de Moçambique com os seus 3 kilometros de comprimento por 200 a 600 metros de largura tendo em frente, para o lado do mar, as ilhas de Gôa ou S. Jorge, e de Sena ou S. Thiago. Esta grande chanfradura tem de profundidade cerca de 9 milhas, medidas da face interior da ilha de Gôa até ao Apaga-fogo, e perto de 6 de abertura, entre a ponta da Cabaceira e a de Sancul que a limita pelo sul. Finalmente, entre a ponta de Sancul e a de Bajona, distanciadas uma da outra tambem umas nove milhas, escava-se uma outra bahia, a de Mocambo, que se estreita a certa distancia do meridiano d'aquelles cabos e, para além da ponta do Mocambo, abre uma vasta bacia quasi circular, em cujo fundo se vasa um rio.

O desenho das margens interiores da bahia de Moçambique, ou do Mossuril, é muito irregular e caprichoso. A ponta da Cabaceira, delgada, e orlada de bancos de areias, prolonga-se no sentido do sul, deixando entre a sua extremidade meridional e a extremidade nordeste da ilha de Moçambique apenas uma distancia de cerca de uma milha e tres quartos; mas a linha da costa que a continua para o fundo da bahia, forma quasi um angulo recto com ella, na parte em que está situada a povoação da Cabaceira Pequena, depois curva-se e retrahe-se formando uma enseada, onde se avista a casaria da Cabaceira Grande, que já dista de Moçambique mais de 3 milhas, em seguida corre approxi-

madamente no rumo de oeste até Mapeta, foge em curvas irregulares para noroeste, e vae formar um esteiro, em cuja orla fica o Mossuril, separado da capital por perto de 7 milhas de mar. D'ahi corta para o sul, abrindo outro esteiro abaixo do Apaga-fogo, atravessa para sueste, deixando entre a sua linha e a da margem fronteira um canal de menos de duas milhas, e por fim quebra-se para seguir uma direcção mais meridional e ir formar a ponta de Sancul, menos de 4 milhas afastada da ponta sudoeste de Moçambique.

A vastidão d'esta bahia é, porém, diminuida, não só para os navios de alto bordo senão tambem para as pequenas embarcações, pelos bancos de areia que se lhe alongam das margens, e pelos que por outra parte bordam as ilhas. Entre a fortaleza e a ponta da Cabaceira, o canal navegavel não terá de largura um terço de milha, e o banco que se estende das Cabaceiras grande e pequena em direcção a Moçambique, cresce mais de duas milhas para fóra da linha da praia nunca alagada. Nem se sabe bem se aquelle deposito de areias deve de ser considerado littoral ou leito do mar, porque é uma e outra cousa, segundo as edades da lua e conforme o horario das marés. Na baixa-mar d'aguas vivas descobre-se todo, e mal se distingue onde elle acaba e começa a terra firme, porque a sua facha mais alta é coberta de florestas de mangue, e os palmares que com ella confinam cresceram n'um areal; e tão extenso é que a capital vista então da terra firme, parece estar varada na sua orla, por se elidir á vista a delgada fita azul que cinge a ilha. Durante horas de cada dia, jorna-deia-se por elle a pé enxuto d'uma para outra Cabaceira, e não é raro vêr o *manhé*, que o atravessa montado n'um jumento, formar grupo na passagem com alguma lancha deixada em secco, ou andarem cães rebuscando entre as rédes das cambôas, onde pouco antes pinchavam garopas. Sobe, porém, a maré, e transforma-se o quadro. Então, as casas brancas do continente parecem boiar, a quem as vê da ilha, o Sahará faz-se oceano, o mar salpica os troncos dos coqueiros, e as embarcações de vela, depois de navegarem largo espaço vendo os carangueijos vadiarem no

fundo da agua transparente, mettem-se pelos aceiros naturaes do mangal, submerso até ás copas, espantando os corvos e as gralhas, que se empoleiram nas ramarias, espreitando as tainhas prateadas que pulam em volta dos troncos. Na bahia de Moçambique navega-se, pois, nos matos e passeia-se no leito do mar.

As aguas que se espraíam por cima d'estes baixios e que enchem os canaes que elles deixam desobstruidos, nem sempre são pacatas e mansas. Ainda quando as não enfurecem tempestades, agitam-n'as a miude violentas *calemas*, que cobrem o porto de escumadeiras brancas, fazem curvetejar os navios sobre as amarras, arrojam as vagas pelas escadas acima da ponte de Moçambique e as embarcações d'encontro aos seus patins, e chegam a paralisar a pequena navegação, a não ser a de algumas *casquinhas*, escavadas n'um tronco de arvore, que se aventuram a todos os mares fiadas no amparo d'uma especie de azas, feitas de duas taboas presas por paus, que se alongam para fóra de cada uma das suas bordas. Estas engenhocas indigenas, sobre as quaes se içam velas quadradas de esteira ou de lona, vôam sobre as aguas com o mais rijo vento, mofando das pesadas lanchas, que ficam agarradas aos ferros e abrigadas nas praias. Tambem na bahia se desenvolvem a miude correntes impetuosas, impulsionadas pelas do oceano, ou determinadas pelos fluxos e refluxos das marés, que produzem desnivelamentos de muitos metros, e tão fortes são algumas d'essas correntes que não ha remos nem vélas que as vençam. Tive uma vez de pernoitar na cidade, por não haver escaler que podesse cortar a agua para me levar a bordo d'um paquete, fundeado a poucas amarras da ponte.

As communicações com o continente são igualmente difficultadas pelo espraíamento das aguas. Para se poder desembarcar nas Cabaceiras é preciso esperar maré, e em certas quadras nem a propria prêamar dispensa de atravessar, em alguns pontos, boa parte do banco, totalmente descoberto, ou tão pouco coberto que a mais leve chata não fluctua, nem a poder de braços se arrasta sobre elle. Para fazer essa travessia a pé enxuto, empregam os moradores e visitantes processos primitivos, molestos e burlescos, mas que animam o littoral com imaginosos e pittorescos quadros.

D'uma manhã me recorde eu em que estava muita gente para embarcar no sitio do Musangulo; mas o que era feito dos barcos? Avistavam-se longe, tão longe que os seus cascos negrejantes e luzidios pareciam carapaças de tartarugas; avistavam-se distanciados por um enorme lençol enrugado de agua

transparente, a que os reflexos azues do céu, a areia amarella do fundo, a miragem verde dos tufos de mangue, as bôlhas brancas de espuma, davam um colorido cambiante. N'esse mar apaúlado vogava, já muito ao largo... um carro de bois, carro sem rodas, de bois sem pernas, que foi atracar a um lanchão amarrado á copa d'uma arvore meio submersa, e para elle baldeou a sua carga de *monhés* ricos, de aljubas e turbantes pintalgados. Robustos negros de camisolas alvejantes, arre-gaçados até ás verilhas, iam e vinham, pé aqui, pé acolá, por entre ondulações concentricas e espadanas d'agua, carregando ás cabritas esguios baneanes, que se lhes agarravam ás carapinhas como cavalleiros submersos ás crinas dos ginetes. Por mim, metti-me pelo charco dentro estendido na machila, sacudido, quasi arrojado, a cada tropeção, a cada escorregadela dos machileiros, mais e mais mergulhados, que afinal tiveram de levantar a canna acima das cabeças lanzudas para me livrarem d'um banho de arrastar. Mugiam os pobres bois de corcova, levantando os focinhos para não beberem a propria salmoura; tagarellavam os carregadores, voz em grita, com a volubilidade da sua raça; os passageiros mal seguros soltavam gritos de susto, festejados com gargalhadas pelos espectadores, que da praia lhes desejavam trambulhões; depois, os barcos foram desencalhados á força de hombros dos tripulantes esbaforidos, e uma jovial flotilha bateu os remos ou abriu as vélas no rumo de Moçambique, cuja casaria matizada, parecia boiar em anil.

Estas entradas de gente e animaes, pelo mar dentro, não são isentas de perigo, nem mesmo sobre os bancos de terra firme. O porto é infestado pelos tubarões, que pullulam em todo o oceano indico, e esta voracissima fera aquatica vae, de rojo pela areia, saltar a praia nas proprias ourelas da terra. Já a *Ethiopia Oriental* conta diversos casos de gente aboccada pelos *marraxos* ou pelas *tintureiras*, e muitos mais, antigos ou recentes, sabem os moçambicanos d'hoje. Ali, n'aquella praia, uma preta que estava a lavar roupa foi surpreendida por um d'esses monstros, que d'uma dentada lhe decepou uma perna; acolá, um catraeiro que andava na faina de desencalhar o barco, sumiu-se de repente, certamente arrastado e tragado pelo tubarão; na outra costa, um rapazote que se adiantou a pescar para a borda d'um barco, ficou sem ventre, arrancado com parte dos intestinos, por um puxão das maxillas do esqualo. Ao largo, homem ao mar é homem devorado; o que escapa com vida e todos os membros d'um mergulho no porto de Moçambique, julga-se favorecido por um milagre. As

malfeitorias do tubarão constituem mesmo um dos themas predilectos das lendas e narrativas verbosas dos indigenas, e se elles não são mais medrosos do mar é porque crêem, no seu ingenuo fanatismo, que o terrivel ogre das aguas só come quem tem de ser comido, e que os predestinados para esse destino jámais o cortam.

Mas, se o não temem tanto quanto elle é temivel, odeiam-n'o mais do que a quantas feras povôam os matos, e n'algum que apanham vingam-se cruamente da maldade da especie inteira. Enquanto o tubarão dá signal de vida, espancam-n'o, esfaqueiam-n'o, moem-n'o, pisam-n'o, rasgam-n'o, inventam torturas para lhe infligir, n'uma grande festança de raivas; depois, amarram-lhe uma corda e andam com elle de rastos, exhibindo-o e vituperando-o, até se resolverem a abril-o, no meio d'um circulo de gentilha, curiosa de vêr o que o bruto tem no ventre. O tubarão é o symbolo da voracidade estúpida: tudo serve de isca para os anzões que lhe armam, tudo engole soffregamente como repasto, e por isso o seu bucho costuma ser um depósito dos mais extravagantes objectos indigeriveis. Os marinhheiros portuguezes do seculo XVI já tinham dado por esta particularidade, e Fr. João dos Santos compraz-se em descrevel-a.

Para remediar os factos naturaes que tendem a isolar a ilha de Moçambique do continente, nada fez ainda a administração da provincia, e no que tentou não foi bem aconselhada. No sitio do Mosangulo, a oeste da Cabaceira Grande, tentou construir uma ponte, a que em todas as marés podessem atracar embarcações; mas depois de ter firmado na areia dezeseis pérgões, descobriu, só então, que precisaria firmar muitos mais para lograr o seu intento, e desistiu da agigantada obra deixando de pé os pérgões sem taboleiro, para documento de como se desbaratam cabedades no ultramar portuguez. As communicações dentro da bahia continuam, pois, a ser unicamente as que as embarcações de vela, sujeitas ás intemperies, podem estabelecer entre praias, a que ellas só a largos intervallos logram abicar, e se são mais frequentes com o Mossuril é porque esse lugar, apesar de ser em todas as margens o que mais dista da ilha,

é favorecido por um esteiro que facilita a navegação e as atracações.

Olhando-se da bahia para a parte d'esse continente que a margina pelo norte, só dão na vista os seus palmares, porque as habita-



COQUEIROS

ções estão quasi de todo sumidas na espessura do symetrico arvoredor; apenas se distinguem algumas casas brancas junto da ponte fronteira á fortaleza, e, mais a oeste, um edificio de fachada amarella assente na praia ao lado d'um pharolim. Os indigenas agglomeram-se principalmente na Cabaceira Pequena, aldeia de mouros, composta de palhotas e humilissimas construcções de taipa ou de pedra e cal, alinhadas á borda dos caminhos ou grupadas em desordem, e no Mossuril, nas cercanias dos edificios do Estado e no meio de hortas e jardins que fornecem os mercados da cidade. Entre estes pequenos viveiros humanos, até á margem meridional da bahia de Conducia, dilata-se um enorme parque dividido em grandes propriedades rusticas, mas quem se entranha nos seus meandros descobre a espaços, por entré os troncos das palmeiras que parecem estacarias sustentando um toldo de folhagem, edificios isolados, ou, ainda mais vulgarmente, muros alterosos sobre os quaes se debruçam ramarias. Muros e edificios estão ás vezes tão mascarados, por

trepadeiras que os forram e copas que os ensombram, que só se dá por elles quando vedam as passagens. Nos espaços que os isolam apparece aqui e acolá alguma cabana de negro, que se confunde a distancia com um montão de olas seccas varridas do chão. Caminhos de carros, quasi só abertos pelo transito, e veredas sinuosas de peões tracejam os tapetes de mato, inteiramente verdes quando os refrescam as chuvas, todos manchados de amarello se os queima o sol. Em largas fachas ao longo do littoral o solo é areento e solto, mas ainda assim fecundo; para o interior endurecem-n'ó camadas escuras de humus. Andam-se leguas por entre filas de coqueiros, mas de quando em quando interrompem-se as culturas arboreas, e então desafoga-se a flora espontanea, tecendo sebes, intrincando balsas, enramando matas, compondo episodios de floresta virgem com uma inextinguivel variedade de arbustos em cujos lançamentos tortuosos se enleiam parasitas, plantas rasteiras que bracejam por entre as estrigas de capim, carnudos cactus enredando nos espinhos meadas de filamentos, arvores caprichosas cujas raizes adventicias escorrem para a terra, emquanto as convolvulaceas lhes marinham pelos troncos, sendo estes emmaranhamentos da vegetação sobrepujados pelas palmeiras bravas, enormes mastros aprumados com topetes feitos de leques. Pára-se complascentemente a observar estes restos d'Africa selvagem, porque quebram a monotonia dos palmares, dos seus alinhamentos de troncos parallelos, da sua constante reprodução das mesmas formas, do seu nivelamento de alturas. Um grupo de coqueiros esbeltos exorna uma paizagem, ao passo que uma mata de coqueiros em vez de lisonjear o senso esthetico, convida só a calcular quanto aquillo rende.

O sitio é aprazivel. Refrescam-n'ó as monções do sudoeste, e a vegetação oxygena-lhe a atmospheria, bem menos depressiva e insalubre do que a da ilha, embora não limpa de miasmas palustres, porque alguns pantanos mixtos se formam junto das praias e muitas chuvas se empoça nas depressões do terreno. No seu solo germinam todas as sementes; tanto é que os intensos calores não queimam as plantas tenras. Pode-se até estudar toda a flora da provincia, a não ser a do interior montanhoso e frio, n'um passeio entre as Cabaceiras e o Mossuril. Depois do coqueiro, a arvore fructifera mais vulgar é o cajueiro, meão na altura, copado de folhas largas e luzidias, que a miude se tingem de amarello e vermelho, e cujas ramadas vergam, no fim do outomno, sob o peso dos fructos, redondos e córados como maçãs, mas bem

diferençados d'ellas pela *castanha*, um pinhente que lembra mais um grande feijão recurvado, e que é intoleravelmente adstringente, caustico até, quando crú, mas agradável depois de assado nas brazas. A mangueira cresce espontanea por toda a parte, pede meças em altura ao coqueiro, e sombreia grupos de palhotas com a sua ramaria copada, densa, vestida de grandes folhas parecidas com as da magnolia, luzidias, d'um verde fechado; nos annos propicios chega-se a duvidar de que a magestosa arvore tenha mais folhas do que pômos, pômos carnudos, succulentos, saborosos, embora não tanto como os da India, que fizeram dizer a um estadista gastronomo que a *manga* era uma das provas mais convincentes da existencia de Deus. N'um quintal da Cabaceira Grande pude ver a providencial *arvore de pão*, que com as suas amplas folhas pode, tanto como a figueira, vestir envergoados Adões, depois de os alimentar com o seu substancioso fructo. Com estas especies tão caracteristicamente intertropicaes fraternisa a laranjeira, crescendo e alargando-se mais do que na Europa, e sociam a nossa figueira, se encontra humidades em que embeba as raizes, e a da India, que matiza as selvas com o encarnado vivo da folhagem que vae seccar. Contrastando com tantas arvores de abundancia apparece, embora raramente, algum *boabad* ou *imbundeiro*, symbolo da esterilidade, de retorcidos braços, nus de verdura, alongados d'um tronco atarracado, tão grosso, tão bojudado que, nos sertões onde se morre de sede, os negros fazem d'elle cisterna, escavando-o para que se encha de chuva. A' beira dos caminhos, entre os coqueiros, vão medrando quasi sem cultura, com a rama pulvilhada de areia fina arbustos de café, que no fim do verão surpreendem um dia os transeuntes com o forte aroma das suas brancas flores, e nas brenhas enredadas descobrem-se flocos de algodão, a desfiarem-se para fora dos casulos rebentados que restaram talvez das plantações ordenadas ha mais d'um seculo por Sebastião do Lago. Nos quintaes plantam-se hortaliças em canteiros orlados por fiadas de ananazes, e junto ás habitações dos indigenas florescem romeiras em talhões cobertos de mandioca. Não encontrei nem memoria das uvas que Fr. João dos Santos assevera que se colhiam na terra firme de Moçambique, mas já comi morangos sazoados no seu torrão fecundo, que assim como offerece acepipes ao paladar proporciona mimos á vista. Na primavera, o mato é um jardim, que faria esfriar de inveja as nossas estufas mais ufanas das suas collecções exoticas. Só as acacias: que variedade de folhagens, algumas tão delicadas,

recortadas, subteis, que a mais fina tesoura da florista não seria capaz de lhes imitar os debuxos, e que brilhantismo nas tintas da floração que lhes afestôa todos os ramos, convertendo-os em ramilhetes gigantes, d'onde a cada sopro de aragem se desprende uma chuva matizada de pétalas! Nas detidas excursões que fiz em volta da Cabaceira Grande lastimei profundamente a minha supina ignorancia em botanica, que só sabia pasmar deante das extranhas formas vegetaes que a cada passo se lhe deparavam. Mesmo ao pé do portão da residencia, sobre um montão de lixo, bracejava uma planta rasteira, cuja flor me pareceu de conformação não vulgar:

compunham-n'a tres campanulas azues, todas muito alongadas e de dimensões semelhantes, saindo a segunda de dentro da primeira, e a terceira de dentro da segunda. Mais longe intriguava-me uma arvore baixa e copada, de

raizes adventicias e grandes flores amarellas e negras, de corolla extravagante como as das orchideas, porque, murchas e cahidas essas corollas, logo os ovarios, grandes como aboboras, se enchiam de formigas, que pareciam nascidas dentro d'elles.

Os estímulos vitaes, que alentam a flora, também multiplicam a animalidade.

Na primavera toda aquella vegetação, e os beiraes dos telhados, e as fragoas á beiramar, e os buracos dos muros velhos, e os tectos de colmo das palhotas, e os interstícios das pedras dos poços, são ninhos de aves, dos bandos innummeraveis de aves que povôam todas as zonas aereas desde as nuvens até á flôr d'agua e aos sulcos da terra; aguias e milhanos cujo paio alteroso as gallinhas annunciam, chamando os pintos com pavidos

cacarejos; gralhas de plumagem malhada e negros corvos luzidios que limpam as praias, onde as garças e os maçaricos pescam, molhando os pés na franja das ondas; pombos e perdizes, cujas raças vão sendo exterminadas pela perseguição imprevidente do caçador; palmípedes, que atravessam o mar em cerradas phalanges; e esses passaros, bastos como as folhas das selvas, concertistas estrepitosos das madrugadas, sentinellas gritadoras das noites mudas, trovadores do arvoredado, harmonias soltas no espaço, notas espalhadas no chão, que sabem um repertorio infinito de gorgeios, pipilos, chilreios, assobios, e não raro fazem scismar o forasteiro, que julga

ouvir bater matracas, ressoar um tam-tam, tanger uma campainha a distancia. De todos estes musicos alados o melhor artista é o *cherico*, e ao que traja mais galas, porque a sua plumagem colorida com reflexos metallicos lembra a dos



O BOABAD

colibris, chamam os indigenas *bebe-susa*.

O povoamento afastou as feras para o sertão, e só alguma esfaimada *quizumba*, especie de hyena, vem agora espreitar ás portas das palhotas; por isso podem os fazendeiros soltar nos campos as suas manadas de bois, quasi todos corcovados, e os seus rebanhos de cabras, cujo unico inimigo são as estiagens. Os grandes mamíferos estão escassamente representados n'esta região, até onde a penetrou a civilisação. Nos palmares, e até nos matos, das terras firmes de Moçambique, apenas se ouvirá ladrar algum cão, provavelmente de secular ascendencia portugueza, que não morde nem está sujeito a damnar-se—não constam casos de hydrophobia na Africa Oriental,—e ver-se-ha com prazer marinharem pelo tronco dos coqueiros

ageis *ratos de palmeira*, de caudas empennachadas como a do esquilo; ou joviaes *mangussos*. A' noite é que nas cabanas dos negros e nas casas velhas talvez se não possa dormir com a guinchada de corpulentos ratos, e quem passar por edificios arruinados poderá ser esbofeteado pelas azas cartilaginosas de morcegos espavoridos.

Esse *mangusso*, que no mato diverte o viajante com as suas acrobatices, é facilmente domesticavel, e em toda a provincia compartilha com o macaco o encargo de recrear as familias, e servir de bobo ás tripulações dos navios. Parece-se com um esquilo, de pêlo comprido cinzento ou acastanhado, e, como elle, adorna-o uma felpuda cauda, maior que o resto do corpo, que á miude lança sobre o lombo. Aprende varias habilidades, mas de todas as que costuma executar, a mais graciosa ensinou-lh'a a natureza. Quando apanha um ovo, de que é muito guloso, rola-o para perto d'uma parede, contra a qual volta a cauda; depois, firma-se sobre os pés tendo as pernas afastadas, agarra no ovo com as duas mãos, e arremessa-o á parede por baixo do corpo, para lhe quebrar a casca e chupal-o. Na residencia de Quelimane havia um d'estes animaesinhos, muito esperto, muito manhoso, muito curioso, a que os pretos chamavam *guarda d'alfandega* porque tudo esquadrinhava e que uma vez, tomando uma bola de bilhar por um ovo, esfalfou-se a querer partil-a atirando-o ao rodapé d'uma sala.

Se a ordem dos mamíferos é ali pobrissima, as dos reptis e dos insectos têm representações formidaveis. Não se passa por uma moita que se não ouça lá dentro restolhar bicho, e o bicho talvez seja cobra; mas os ophideos que apparecem nas zonas povoadas e cultivadas são geralmente inoffensivos, e as proprias especies venenosas, que existem na provincia, pouco dão que falar de si. Na nossa India todos os annos se contam por centenaes as victimas das cobras de capello e quejandos monstros; em Moçambique, apesar dos indigenas andarem descalços e pouco vestidos e dormirem á aventura pelos matos, raro se ouve dizer que algum fosse mordido por um reptil, apesar de n'alguns sitios haver pragas d'elles. Quem quizer vêr lagartos, — não confundir com os jacarés, a que tambem se applica essa denominação generica, — não precisará estafar-se: vá ás ruinas da igreja da Cabaceira Grande á hora do sol, sente-se, não faça bulha, e verá bellos saurios verdes negros excursionarem pelas paredes esfurcadas, ás corridinhas, parando a espaços e virando a cabeça para darem fé do que se passa. Mas nunca fizeram mal a ninguem!

Os camaleões, de que se encontram muitas variedades, esses até são interessantes, ainda que os seus olhinhos de forma humana, protegidos por palpebras de extrema mobilidade, fixam na gente uns olhares que bolem com os nervos, e ninguém queira sentir apertarem-se-lhe nas carnes as suas maxillas garnecidas de serras de finissimos dentes. A morosidade dos seus movimentos, quando não estão excitados, compete com a do celebre animal da America que tomou o nome do ultimo peccado mortal, e não ha Succu que lhe leve as palmas em abstinencia. Tive um que passou quinze dias aferrado, com os dedinhos que pareciam calçados de luvas amarellas, á travessa d'um tremó de mogno polido, confundindo-se com os labores de madeira, cuja côr tomára, e durante todo esse tempo não mudou de logar nem quasi de attitude, e nunca tomou alimento, a não ser, talvez, algum insecto que se lhe fosse metter na bocca. Mudado depois para uma arvore, custava a distinguil-o das folhas.

O verdadeiro flagello são os insectos. Uf! que só de me lembrar d'elles sinto na pelle pruridos e instinctivas contracções de tédio! Uma noite, — noite abafada e humida do fim de novembro, — a casa da Cabaceira Grande foi invadida por um turbilhão de insectos tão denso que os seus moradores passaram horas na constante fadiga de escolher nos montões d'elles que cahiam aturdidos em derredor dos candieiros, exemplares de cada variedade, com que enchemos caixas e caixas. As legiões que esvoaçavam em torno da luz chegavam a fazer sombra, como se a rodeassem d'um *abat-jour*; ouvia-se um estalejar incessante de rijas carapaças embatendo nas paredes; ensurdeciam os zumbidos, em muitos tons; batiam-nos na cara azas fibrosas, corpos duros ou felpudos; não se dava um passo sem sentir estouros de esmagamentos; aspiravamos insectos, cuspiamos antenas e pernas d'insectos. Outra vez, tambem de noite, a sala grande da residencia encheu-se d'uma nuvem de formigas d'azas, só formigas d'azas, que toldava a vista, deixou o pavimento litteralmente coberto, preto, de cadaveres d'esses hymenopteros. Debaixo do candieiro, suspenso do tecto, era tão espessa a camada d'elles que atufaria o pé que a pizasse. Em qualquer logar e em qualquer estação, basta accender uma luz ao ar livre para reunir a curto trecho uma collecção entomologica.

Estas grandes invasões occasionaes são, porém, muito menos molestas do que as perseguições permanentes de certos insectos sociaveis, que se comprazem na companhia do homem a ponto de comerem com elle á mesa, de se metterem com elle na cama, de se lhes

alojarem nas casas e nos moveis, como são as baratas e os mosquitos.

As baratas! Malditas, que nem o matal-as dá gosto, porque até no morrer são nojentas! Pretas ou louras, lustrosas d'um repellente lustre viscoso, enormes, correndo a saracotear a casca ou voando com zumbidos importunos, não ha escaninho, nem prêga, nem fenda, nem orificio em que se não insinuem, por onde não penetrem, para tudo roerem, babarem, polluirem com as antenas, com os ovos, com as secreções. Abre-se a roupa do leito e vêem-se corpos negros fugirem sobre a alvura dos lençóis. Accorda-se de noite a ouvir ruidos extranhos, e distinguem-se baratas a treparem pelo mosquitoeiro ou a comerem a vela da palmatoria sobre a mesa da cabeceira. Na bacia do lavatorio cahiram baratas, dentro do calçado introduziram-se baratas, veste-se um casaco e sente-se correr pelo braço acima a barata que se alapardára dentro da manga. A' mesa não é raro vêr pelo ar uma barata e, zás! estatelar-se dentro do prato. Chegam a roer as unhas, a morder as pontas dos dedos, a trincar as orelhas de quem dorme. Nos navios ainda são mais flagelladoras do que nas habitações; chegam a tomar posse d'elles desde a quilha até aos

tindo as baratas passarem-lhe por cima do corpo, e a comer tirando primeiro da sôpa ou dos mólhos pernas e antenas de baratas, não vá á Africa, porque morrerá de somno e de fome.

Mil vezes antes aturar os mosquitos!

Na estação fresca e secca chegam a não incommodar, a não ser na visinhança de pantanos e á noite, debaixo dos arvoredos espessos; mas quando o calor aperta e a atmosfera se satura de humidades, então, sim, mesmo em Moçambique, ilha e continente, que aliás não são dos logares mais infestados de mosquitos, a dôr e o prurido das ferroadas obrigam brancos e pretos a constantes contorsões e a uma verdadeira faina de coçadas. Vão para lá os comendios de civilidade prégar que é feio coçar-se uma pessoa em sociedade! Não se resiste. Põe-se a pelle a escorrer sangue, e não se fica satisfeito. Chegam a fazer febres, e os pretos sabem historias não sei se verdadeiras, de creaturas humanas, especialmente creanças, mortas por elles ás ferroadas. Mas ainda que não assassinem, atormentam, enfrenesiam, não deixam trabalhar nem pensar, e auxiliam-se nas malversações com subtis manhas de descobrirem os pontos vulneraveis das victimas. Não ha



O MOSSURIL

mastros. No *Rovuma*, em certa época, passagreiro que commettia a imprudencia de se descalçar quando se deitava, na manhã seguinte encontrava as botas litteralmente esfrangalhadas pelas baratas. E' forçoso transigir com ellas, deixar-se vencer por ellas para se viver; quem não pudêr acostumar-se a dormir sen-

estrategema contra elles. As defesas mais proveitosas são fechar as janellas com rêdes de arame de malha finissima, e cobrir as camas com cortinados transparentes sem abertura, entrar para dentro d'elles com um movimento rapido e entalar-lhes as orlas entre os colchões; mas nem essas asseguram inteiramente

a immuidade d'uma alcôva, a tranquillidade d'um somno. Ao ar livre então, nem quasi ha lenitivo para a tortura, a não ser nas fogueiras fumacentas, quando se prefira o risco de ser asphyxiado á certeza de ser picado.

Entre as pragas da terra tambem merece especial menção, não por dolorosa, mas por devastadora, a *muchen*, a formiga branca, que na outra costa d'Africa tambem chamam *salalé*.

D'um dia para outro, esse bichinho, muito parecido na fôrma com a nossa conhecida formiga, — pelo menos para quem não é zoologista, — pequeno, d'um branco alourado, — entra n'um campo de muitos hectares, e devora toda a semente que a terra occultava e todas as tenras plantas que já tinham rebentado da terra: é uma limpeza a preceito! Em poucas horas, o terrivel insecto introduz-se dentro d'um bahu, d'uma mala, d'uma caixa, e estrafega litteralmente quanta roupa ou quantos papeis lá encontra. Se não tiverem cuidado com elle, em alguns mezes devorará o madeiramento todo d'uma casa, em curtos dias despejará um celleiro, com o seu vagar derribará pontes, ou dará cabo de florestas roendo o lenho das arvores até deixar a casca ôca. A agricultura não tem mais formidavel inimigo e as construcções precisam armar-se para lhe resistirem; dentro das casas é forçoso organisar defesas em regra contra as suas investidas, evitando os soalhos, usando malas de ferro, mettendo os pés dos moveis em vasos com agua, trazendo a vassoura sempre á espreita do mais leve vestigio da *muchen*.

E como ella é artista nos seus processos de destruição! Não gosta de atacar ás claras, a descoberto; vae ao assalto por dentro de tunneis, e quando não encontra material onde possa fural-os, constroe-lhes ella propria as abobadas com terra ou areia amassada — creio eu, — com um liquido que segrega. Quer ir roer um tecto, que percebeu que é de madeira. Vae á hobreira d'uma porta, se alguma ha a geito, e fura por ella acima na grossura da taboa, até á verga; ahi, não podendo abrir galeria nas argamassas, faz uma estrada exterior coberta, tortuosa, — porque não se trabalha depressa e bem, — mas que lá vae dar ao ponto desejado, e por essa estrada sobem milhares e milhares de formigas, que a curto trecho esculpem nos madeiramentos do tecto os documentos da sua conquista, sob a fôrma de arabescos e arborescencias. Contra os moveis empregam processos de ataque semelhantes. No palacio de S. Paulo, um dos meus secretarios julgou defender, por poucas horas, uma mala de madeira e lona collocando-a sobre uma cadeira; no espaço d'uma noite, a formiga furo verticalmente um dos pés d'essa cadeira, rompeu o

fundo da mala, e devastou todo o seu conteúdo, roupas, livros, papeis.

Nos campos, a vocação da *muchen* por a engenharia eleva a cada passo solidos monumentos: os seus formigueiros. São montões, quasi sempre pyramidaes, da mesma substancia com que ella, nas habitações, cobre as suas galerias exteriores. A's vezes sobem a tamanha altura que se podem tomar por cabanas de pretos, e são sempre tão solidos que a custo entra com elles a picareta, e a bala não lhes abre brecha. Os indigenas aproveitam-n'os a miude para fornos.

Evidentemente, a *muchen* multiplica-se em tanta cópia que nem tem que invejar a fecundidade dos peixes, e d'isso dá testemunho o volume do abdomen da formiga mãe. E' enorme, inteiramente desproporcionado com o resto do corpo, vinte ou trinta vezes maior do que elle. Repellente monstro!

Uma ou outra vez, nas casas de Moçambique, espavora os moradores a presença d'um escorpião ou a descoberta d'uma tarantula, e estas aparições são relativamente mais vulgares na ilha do que na terra firme, porque as favorecem os baneanes, que n'ella habitam em numerosas tribus. Proibidos pelas suas crenças religiosas de matar, ainda que corram risco de ser mortos pelos seres a quem poupam a vida, esses asiaticos, quando encontram nas pocilgas bicho peçonhento, o mais que fazem é convidal-o delicadamente a arranjar outra hospedagem, pondo-o na rua, onde não lhe aconteça mal, ou á porta d'algum visinho. Esta caridade e a falta de aceio têm multiplicado na cidade os arachnoides venenosos, e costuma-se recommendar a quem chega de fóra que nunca se calce de manhã sem vêr se dentro do calçado se alojou alguma tarantula, porque parece que ellas gostam d'esse asylo para pernoitar. Todavia, em casas cuidadas é tão raro vêr-se uma d'essas bichezas como apparecer uma vibora nas de Lisboa. Não chegam a constituir um perigo, nem mesmo para os indigenas. Durante a minha estada em Africa tive noticia de casos, contemporaneos ou recentissimos, de negros mortos por leões, tigres, crocodilos, tubarões; mas nunca ouvi falar de victimas de reptis ou quejandas alimarias peçonhentas, e só as vi em frascos, a nadarem em alcool. As cobras que se dignavam visitar-me na minha *macheza* da Beira eram tão inoffensivas como se fossem de caut-chouc.

Na Africa europisada, as verdadeiras feras a temer são, pois, os mosquitos e as baratas. As baratas principalmente. Se os tigres comessem baratas como as baratas destroem os percevejos, em casa onde eu vivesse andaria sempre algum tigre á solta.

(Continúa)

Nicholas Lima



CAPITULO QUINTO

A Santa

NEM com a sobrenatural intervenção do procurado milagre Adozinda conseguiu melhorar. Passado um dia de prova, em que sete vêzes a obrigaram a insinuar-se pelo mysterioso intervallo das duas lapas, a pobre creatura retirou da serra, merencoriamente como tinha vindo, mais combalida ainda, mais extenuada e triste, entre a desconfortada inquietação dos seus.

Não fôra de reconhecida efficacia, pelos modos, para a desolada creança a reclamada intervenção da Divindade. Mas nem por isso a fé depositada pelos Souzas na milagreira Imagem soffreu quebra ou esfriou. Ante a sua ingenuidade credula e simples, eram a coisa mais natural e comprehensivel estes caprichos desamoraveis por parte da população celeste, nem sempre disposta a mostrar o poder da sua intercessão junto ao Divino. Um ponto de contacto que, sem bem se darem conta, elles estabeleciam entre o catholicismo e o divertido mundo pagão. E instinctivamente acertavam, afinal.

O certo foi que Adozinda não sentiu nenhum allivio, na sua penosa digressão therapeutica; e agora, ao seguir pela estrada de Moimenta, não raro as suas magoadas lamentações, os seus dilacerantes ais de agonia raspavam a calida mansidão do ar, sahindo pelas aberturas da liteira que morosamente avançava, n'uma espessa nuvem de pó picada de laminasinhas de mica, lembrando uma gaze bordada a lantejoulas. E, assim, a chegada a Leomil foi uma coisa sensibilisadora e tocante, repassada d'uma emoção quasi luctuosa. Desde o começo da rua Direita, pela villa fóra, até á cancella de entrada do patim, que grupos de mulheritas melancholicas esperavam n'um commovido interesse a chegada da familiar ambulancia. Um vago estimulo de superstição, uma leve tinta de religiosa aura começavam a illuminar e a erguer,

no conceito e no amor d'aquellas ingenuas almas, a candida figura immaculada d'essa virgem, tão prematura e immerecidamente feita martyr, sem se saber porquê.

— E' que o Senhor a quiz p'ra si, coitadinha! — explicava uma velhota, de roca á cinta, sentada no degrau da porta, sobre a rua.

— Ora! quem sabe lá... — objectou do lado uma outra, que estendia roupa n'uma corda, a enxugar.

— Ah, não mas sim! — tornava a primeira. — Nem aquelles olhinhos d'ella, tão claros, tão principaes, tão cheios de quebranto, nunca me enganaram a mim... Achou-a mal empregada o Senhor, n'este mundo, quér leval-a p'ra si.

E d'esta vêz ante o silencio complacente das visinhas, erguendo em ar propheticas as pupillas, puxava a velhota com os dedos salivados a estriga, emquanto no extremo da outra mão o fuso, dançando, ia enrolando a grosseira maçaroca.

Quando do extremo da villa, á Santa Barbara, os primeiros garotos dêram signal da aproximação dos almocreves, que vinham na frente a regular o chouto pachorrento das mulas, logo a noticia correu n'um relance; tudo assomava ás portas e se pendurava das janellas, os homens descobriam-se, e até no caminho da fonte as creaditas paravam tambem, abrindo grandes olhos curiosos, umas com o caneco deitado graciosamente sobre o antebraço em ansa, equilibrando-o outras, já cheio, n'um meneio airoso sobre o cabello, com a oscillação da agua amortecida por uma folha de couve. Depois, quando a apparatusa liteira passou, de cortinas franzidas, ladeada por um espontaneo acompanhamento de piedosas figuras, sempre crescente, e dentro a emaciada face e a austera côr de marfim velho da pobre Adozinda, as mesmas mulheres

adeantavam-se a miral-a, de lagrimas nos olhos, lamuriando:

— Olha que sumidinha que ella vêm!

— Santinha!

No patim da casa dos Souzas, os proprios Guedes, inquietos e em pé, sem terem querido entrar, insensíveis á curiosa inquirição do povo, haviam posto de parte suas melindrosas prosapias para aguardarem em pessoa o regresso da doentinha.

Esta porém, mal que a ajudaram a sahir da liteira e se sentiu novamente em casa, despediu um grande arranco de allivio, e indicando com apressada ancia a porta de entrada, como quem está impaciente por se vêr sósinha, exclamou:

— Ai! acabada seja eu... Levem-me, levem-me d'aqui depressa!

E alheia a todo o mundo, n'um marmoreo desdem, n'uma concentração mystica de todo o seu ser, entrou, em braços da mãe e do padre Manuel, refugiando-se logo no quarto e dobrando-se dentro da cama.

Depois, desde o dia seguinte que, com uma ferocidade intransigente, se recusou a vêr quem quer que fôsse, além da familia, e começou a não querer comer. Por consequencia, a anorexia apressou-lhe ainda mais a consumpção e a ruina do arcaboço delicado. Os seus caracteres degenerativos avançaram n'uma acceleração de morte, n'uma espantosa progressão. A face tornava-se-lhe pronunciadamente cadaverica, o tronco sêcco e chupado parecia ressicado ao fogo, e uma atrophica disposição, persistente e accentuada, reduzia-lhe rapidamente as feições, os membros a minusculas proporções, espremidas n'uma escala inverosimil.

Chegára agora a termos a pobresita que, no dizer alanceado da mãe, não fazia entre os lençoes mais volume «que um grabato sêcco.» E então accentuava-se por uma forma terrivel a morbida disposição da sua estrutura, o seu incompleto desenvolvimento, o seu anormal e violento infantilismo, — o pescoço linear, a expressão mobil dos olhos, os seios sem vôo, ladeiros os quadrís, a epiderme quasi impubere. E, moralmente, todos os excessos de sensibilidade, todas as phobias, todas as pequeninas loucuras mansas que são obrigado syndroma a esta especie de degenerados. Fazia por furtar-se o mais possivel a todos os actos da vida de relação, não supportava ruidos fortes, a janella queria-a sempre com as portadas quasi encostadas, evitava por vêzes exasperadamente as communações com a vida exterior.

Assim, quanto mais só, mais allucinadamente trabalhava o seu destemperado e pequenino cerebro. Do mais insignificante in-

commodo, da mais ligeira contrariedade ella extrahia motivos enormes de desgosto. Então supplicava, clamava, desfazia-se em pranteados lamentos, até conseguir voltar a fechar-se no seu querido isolamento, mergulhada n'uma solidão, n'uma paz e n'um silencio que lhe permittiam reentregar-se voluptuosamente ao dominio ardente e absoluto d'um vago sentimento contemplativo, indefinido e alto, alheio e superior ás suas abominadas preoccupações dos sentidos.

E era quando, n'essa savorida libertação librando as azas, a sua mentalidade se perdia em illuminadas abstracções, em incoerciveis e soltos devaneios. O proprio disequilibrio, todo espirital, da sua organização fazia-a vibrar n'um requintado dynamismo nervoso que a tornava como que uma vidente, pois sabido está que pela fenda degenerativa é que em nós entra do pensamento a luz divina.

Em que pensava ella então?... Será mais logico perguntar — em quem? Com effeito, de todas as suas anteriores impressões mundanaes, Adozinda conservava, cariciosamente resguardada n'uma prega do coração e n'uma dobra do cerebro, a lembrança perturbadora e dôce da sua paixão. A imagem, o cuidado, a impressão do doutor David não a deixava nunca. Não que ella o amásse ainda. Pelo contrario: a dignidade fundamental do seu character tornava com a alma do leviano e inconsequente galanteador a sua completamente irreductivel. Mas aqui vinha o seu disequilibrio organico, a debilidade ingenita do seu querer, mais avolumada ainda na hyperesthesia ardente que a consumia, achar em meio de tanto despeito e rancor especiosas razões para se occupar d'elle. ELLE! — eis ahi uma palavra que por si mesma é como que d'uma côr de pronuncia distincta... palavra que, tomada no valor que as victimas da paixão lhe attribuem, resume em si toda a razão que ha para vivermos, exprime quasi o ineffavel, o divino, o infinito.

Por isso a miude Adozinda, por essa noite alta, embalada no engôdo languido da illusão, prolongava largos claros de somno, lucidas stases em que inlevado o seu espirito se esquecia a pensar no delegado... E então todo o seu exaspero, todo o seu doloroso furor, toda a sua magua não residia no conhecimento de se saber subitamente ludibriada, nem tampouco na cessação brusca do seu amor, mas na forma violenta e imprevisita como ella se realizára, sem uma explicação, sem uma despedida, um rompimento, entre os dois claramente formulado. Era quando, na obsessiva querença de illudir-se, ella dizia a si mesma que tudo estaria muito bem, e a

sua consciencia aplacada e o seu coração tranquillo, se os dois, embora por um modo sêcco e violento, se houvessem dito nitidamente adeus. Ficava uma situação definida, o ponto de partida, para cada um, d'uma como que vida nova; mas tendo-se passado as coisas assim por aquella forma, — ella sem lhe ter manifestado toda a sua indignação, elle sem haver tido tempo para ensaiar qualquer odiosa desculpa, — esse rompimento fatal, e ao mesmo tempo incompleto, era para Adozinda uma como porção de si propria que lhe faltava, que se lhe fôra com elle... prenunciava-lhe o que quer que fôsse de mortal, de funesto, de irreparavel, que lhe escaldava o sangue e a fazia soffrer!

Então queria forçosamente que o delegado viesse ali assim, para *vivêrem* os dois a decisiva scena que faltára, e separarem-se depois, odiando-o ella como nunca, mas ficando tranquilla. E logo, ao mesmo tempo, media a impossibilidade de realisação d'este louco aneio; pedia-lh'o o coração, repugnava-lhe á consciencia. Por um lado, desejava-o perdidamente; por outro, attingia bem que não havia meio de reconstituir o doloroso episodio do caramanchão... Consequentemente, tinha accessos de verdadeira loucura erotica. Im-

enterrando a face incendiada nas almofadas e dilacerando com as unhas o travesseiro.

E de cada vêz que uma d'estas tempestuosas insomnias a convulsionava, logo visivelmente no dia seguinte o seu deperhecimento organico se accusava mais fundo e a sua depressão vital era mais assustadora e rapida.

Com aquella forçada permanencia no leito, o corpinho delgado e protuberado de ossos, de Adozinda, começou a mirrar-se, a eczeimar-se de feridas. Levantavam-n'a então, parte do dia; o pae e um creado, fazendo cadeirinha dos braços, transportavam-n'a a baixo, á sala de jantar; e ahi, como a inercia funcional das túbias resecadas já nem lhe permittia sustentar-se nas cadeiras, accommodavam-n'a cautelosamente a um canto, meio amparada á quina, como um *bibelot* partido, com as pernitas enrodilhadas sobre um esteirão. E ella agora n'esta sua nova posição, subtrahida ao pôtro habitual dos seus pensamentos, momentaneamente, distrahia-se; as pupillas apaziguavam-se-lhe, não sentia o coração bater, e algumas vêzes mesmo, com mansa complacencia, esquecia-se dulcidamente a conversar.

Quando tal boato correu pela villa, uma piedosa curiosidade ahi incitou logo o mulhe-



mobilisavam-se-lhe os olhos em spasmos de aterrada supplica, ondas de fogo lhe escalavam o cerebello, ringiam-lhe os dentes com furia; e não aplacava sem voltar-se de brucos, arrepellando-se, vociferando, espumando,

río, que todo á porfia começou demandando a casa dos Souzas, no vivo empenho de «vêr a santinha.» Esta, as mais das vêzes, condescendia com o pedido, dizia que as mandassem entrar. E enquanto se não fatigava, con-

versava com ellas muito, parecia interessar-se pelas coisas que mais particularmente a cada uma diziam respeito; e com um ar prophético, n'este accentto aladamente mystico dos contemplativos e dos tristes, dava-lhes conselhos e vaticinava-lhes factos e successos, muitos dos quaes acontecia depois virem a succeder taes como a transcendental creança annunciára.

Tanto bondou paraque a improvisada pythouissa adquirisse fóros de infallivel ante a bronca singelêza popular. Todas queriam agora sinceramente consultal-a; traziam presentes e ofertas que os Souzas intransigentemente rejeitavam. — A romaria pela ladeira abaixo, até ao patim, era infallivel todas as tardes. Vinham e ajoelhavam deante d'ella; interpellavam-n'a sobre toda a sorte de assumptos, firmes na sincera convicção do seu encyclopedismo milagreiro. E depois, adorativamente, retiravam ás arrecuas até á porta, sem se voltarem, tendo-lhe antes, prostradas de bruços, beijado o informe e reduzido mó-lho de ossos que, gasalhado carinhosamente por um chale, lhe formavam os pésitos e as pernas comidas de inanição.

Uma queria remedio para as maleitas que lhe impossibilitavam o homem de trabalhar; outra supplicava novas certas do *conversado*, que lhe andava longe, no mar; vinha outra com o filhinho, consumido de febre, ao collo, para que a santinha o curásse, poisando n'elle a mão; outra perguntava se faria bem em casar, reclamavam outras remedio para a vista, para o mal dos castanheiros, para uma nascente que lhes seccára, chagas malignas, tumores, bruxêdos, flatos, almorreimas. A crençice nos homens era geral tambem, á excepção do mestre barbeiro, que debruava sempre o maravilhoso relato das curas d'um riso sceptico, porque via em Adozinda uma concorrente terrivel ás suas artes de curandeiro. A fama da extraordinaria vidente espalhou-se por toda a redondeza; começavam a accorrer os fieis d'além Douro, veio o phenomeno encarecido nos jornaes. E entretanto Adozinda continuava sempre, invariavelmente, a attender a todos com o seu complacente e espirital sorriso, nos labios de pergaminho perennalmente aberto. Entregára-se de principio a este consolador exercicio pelo seu pique de inédito, a que não era alheio um vago estímulo de vaidade. Aconselhava á aventura, sem a minima fé nos seus vaticinios, porém no intimo lisonjeada pelo exito d'estas suas palavras de acaso, pelo seu jogo instinctivo e feliz com a sorte. Porém depois, progressivamente, a repetida segurança dos horoscopos incutiulhe a ella mesma confiança, deu-lhe a grata confirmação do seu valor; e d'ahi o

illuminismo proprio da sua intensa neuropathia alargára-lhe extrapotencialmente o campo de visão subjectiva; de sorte que, com a victoriosa repetição d'aquelle seu papel de sibylla, acabou por o tomar tambem a sério, por se identificar com elle, a termos que, por fim, da sua propria convicção extrahia mais calorosos argumentos, e crente agora na sua missão providencial, com o seu intimo convencimento mais vivamente assoprava o supersticioso fervor das outras.

Mas com tudo isto mais rapida e fulminantemente se lhe consumiram as forças. Pouco mais de um anno passado sobre a visita á Senhora da Lapa, já a prestigiosa creança, tornada uma mumia viva, não podia deixar o leito. Ahi não fazia mais volume que uma innocente de quatro ou cinco annos; os membros, completamente lineares, parecia despegarem-se-lhe do corpo de gelo; nas cavadas orbitas dos olhos veio a faltar a luz, pouco depois faltou a voz tambem... De sorte que, finalmente, uma tarde agreste de setembro, aos primeiros arrepíos do outomno, Adozinda perdia tambem a vida, n'um esmaiar de dia brumoso e vago em que as visinhas juravam sinceramente tê-la visto, através das paredes da casa, por um grande milagre tornadas transparentes, erguer-se, esguia e branca, sobre o leito e desferir vôo para o céu...

Correu logo por todo Leomil a desoladora noticia. E a sua luctuosa repercussão alastrava lugubrememente, de casa em casa, de bocca em bocca, tal como o tanger d'alguem sino de capellinha solitaria, acordando os echos dolentes dos êrnos valles em roda. E de todos os corações as lagrimas rompiam sinceras. Formavam-se grupos de pessôas simples irmanadas na solidariedade unanime da mesma dôr. A' noite, passante das 9 horas, comida a ceia e apagado o lume em cada lar, ahi vinham agora as mulheres, segundo o velho habito beirão, fazer junto da morta a sua velada piedosa. Chegavam, silenciosas e humildes, embrulhadas nas capas e nos chales, formando negras massas informes, e acooravam-se as primeiras, fazendo fila, nos degraus da porta de entrada; ao passo que as outras se estendiam successivamente, n'uma longa e compacta linha de carpideiras, até á cancella, a todo o comprimento do patim. E ahi se installavam pesadamente, procurando posições, acercando-se das conhecidas, na piedosa disposição de ali passarem ao relento a noite.

As mais intimas da casa, muito subtilmente, adeantavam passo aos degraus do portão, entravam, e ahi no corredor tomavam logo á direita, onde um pequenino gabinete, im-

provisada camara mortuaria, se abria, ao centro do qual, sobre duas grandes arcos, vestidas por uma velha sêda da Índia, rôxa com flôres brancas, repoisava um caixão aberto, com o rosto de cêra de Adozinda enlivedecendo entre flôres e rendas. No topo havia uma banquêta com crucifixo, ladeado pelo característico estalidar das velas, cuja cêra punha no ambiente um cheiro de morte. De roda, na penumbra, as serviçaes da casa soluçavam. E junto ao precioso feretro o velho caseiro, de pé, com a sua inflamação chronica das palpebras aggravada pelo continuado pranto, de raminho de oliveira na mão, enxotava sem cessar de roda do prematuro cadaver as môscas.

E assim lentas e silenciosas aquellas funebres horas fôram passando, n'uma immobildade que dirieis tragica, n'um silencio morno e religioso, apenas perturbado pelo marmotar mechanico das orações e pelo ciciado sibililar das conversas que vinham de fóra, do patim; as quaes, arrastadas primeiro em espaçados bocejos, sem cohesão e sem interesse, fôram depois, ao contrario do que era natural acontecêse, gradualmente aquecendo; e parecia que um pensamento commum, ardente e unico, andava fazendo ligação de grupo a grupo. Levantavam-se umas e vinham ter com as outras, gesticulando, interpellando-se com intimativa, nos olhos ardendo-lhes um brilho estimulado, com toda a apparencia e signal de quem andava urdindo uma conspirata.

No dia seguinte, logo de manhã, a onda dos devotos voltou a invadir n'uma supersticiosa avidez a casa. Todos queriam vêr ainda uma vez a morta, beijal-a, tocar-lhe, alcançar d'ella uma recordação, uma reliquia. Houve quem, já previamente munido de thesoura, lhe cortasse a occultas pedacinhos de cabelo; e a ultima camisa que Adozinda vestira

foi retalhada em milhares de farrapinhos, disputados com sofreguidão pelos que vinham.

Depois, ao entardecer, o sahimento foi uma coisa singularmente tocante e magestosa. Toda a população masculina do concelho, pôde dizer-se, veio incorporar-se no cortejo. A' frente os cavadores e homens dos campos, n'uma grossa restolhada de tamancos, o brandão accêso a tremer nas mãos callosas; depois os irmãos das duas irmandades, do Santissimo e da Misericordia, esta levando

á frente o pendão com a celebre Senhora das Dôres para que fôra modelo a espiritual Adozinda. Tornou-se tão numeroso o prestito, que quasi enchia, mesmo antes de pôr-se em marcha, toda a extensão que ia da casa dos Souzas ao extremo da villa. E depois, pausada e solememente, ao compassado chocalhar das campainhas, ao dobre plangente dos sínos, desenhou-se um momento nas duras trévas da noite aquelle sinistro collear de lividos lumes, serpeando por entre os castanheiros até á capella de Santa Barbara, e d'ahi ao cemiterio. Adozinda ia ainda de caixão aberto, sacudida aos hombros de seis intimos da casa, dentro do esquife de varanda com franjados

pannos dançando. Levava o Guedes a chave do caixão. E as mulheres nas janellas, ao vêrem o pendão da Misericordia, rompiam em gritado pranto, reforçavam o côro da multidão que na cauda do feretro se arrastava, psalmodiando o *Bemdito*.

Uma hora depois, tudo estava em repouso, e, cumprida a piedosa homenagem, toda a villa parecia haver regressado á somnolenta inercia habitual. Nada fazia supôr que o fermento de qualquer acto arrojado e extranho se estava, áquella hora mesmo, chocando na tréva e no silencio de cada habitação. Comtudo, a horas mortas da noite, quasi simultaneamente, a porta d'uma casa se abriu,



e depois outra, e outra, e muitas, e todas; e de todas sahiam mulheres, que cautelosamente, mas sem hesitar, caminhavam logo para o cemiterio, como que obedecendo á senha d'um plano combinado. — Era o resultado da supersticiosa machinação da noite anterior, durante a velada no patim dos Souzas. Qualquer coisa de subversivo e decisivo todas aquellas simples mulheres haviam na ingenuidade da sua crença resolvido, que iam agora, resolutas e promptas, executar. Na maior parte os homens, no seu intimo de accôrdo, não se oppuzéram; outros mesmo instigáram; o administrador do concelho, avisado a tempo, fingiu uma diligencia fóra da terra e, para deixar á vontade as mulheres, tinha partido.

Não admittiam, não queriam ellas por modo nenhum que o corpo da sua santinha fôsse deitado á terra, onde em breve tempo sacrilegamente «os bichos o comeriam.» Era indispensavel furtal-o a esse ultrage, accomodal-o n'um sitio de respeito, onde a decomposição o respeitasse, onde a romaria amovavel dos fieis podésse mais facilmente ir demandar a graça da sua intervenção. Na promiscuidade do cemiterio nunca ellas consentiriam que a sua querida Adozinda ficásse. Antes ao lado, na Santa Barbara, ahi sim! E como isto era prohibido, bem se importavam ellas... haviam de fazer a coisa sem que ninguém lhes podésse pegar, sem em Vizeu se saber!

N'esta disposição pois se juntaram, n'aquella madrugada nevoenta e triste, todas as mulheres de Leomil no cemiterio. Algumas traziam archotes accêsos, a cuja luz sanguinolenta tomava os mais extravagantes aspectos

o amontoamento vago e sujo d'aquella multidão, com os olhos illuminados de fé, cestos e ferramentas ao hombro, confusa e ameaçadora movendo-se por entre a hirta immobildade dos cyprestes.

A um signal dado, quatro archotes se pos-taram aos quatro angulos da sepultura de Adozinda, atirando verticalmente para o espaço as suas espiras resinosas; e quatro mulheres mais possantes atacaram rijamente com os sachos a terra ainda fresca, acabada de acamar ha poucas horas. As mais faziam roda.

Parecia uma ronda de espectros, na sua atropellada invasão, na sua escabujada faina áquella hora de repouso. Junto do portão do cemiterio, immovel e complacente, o coveiro ria. E não havia ali mais homem nenhum. Não os consentiam as sediciosas exhumadoras, não precisavam d'elles... Estes tinham feito o seu enterro, agora aquelle era só com ellas! — A terra foi removida rapidamente, atirada para longe; breve os sachos bateram nas tabuas do esquife, que foi içado a corda; e logo o novo cortejo seguiu para a capella, cuja porta já estava, como por milagre, aberta.

Nos povos em volta, d'onde o inquieto clarão dos archotes foi visto, julgou-se ser ainda alguma queimada; e assim liberrimamente, no mysterio e na impunidade, podéram as mulheres de Leomil realizar a trasladação que a sua alma em revolta fantasiára e que alvoroçada a sua fé lhes impunha. E ainda hoje na velha e adusta capellinha lá se venera a santa memoria da incomprehendida creança, sepultada sob uma poída lagea branca no degrau do altar-mór.

ABEL BOTELHO.





Photo.)

VISTA ACTUAL DA SEMPRE NOIVA

(Arnaldo.

O SOLAR DA SEMPRE NOIVA

É UM solar muito antigo, que fica entre Évora e Arrayollos; ainda o conheci abandonado, sem telhados, as paredes negras com plantas bravas, as chaminés erguidas cheias de ninhos de corujas; era uma ruína tragica. Agora está rebocado, caiado, com telhados novos, felizmente respeitaram o que era antigo; não se fez completa restauração, mas assim conserva-se o que existia, que era muito. Não é unico este solar por aqueles sitios; entre Arrayollos e Montemor-o-Novo succedem-se antigas propriedades, cabeças de morgado; o dos Mascarenhas, que é a Amoreira da Torre, a casa de Patalim, e a pouca distancia da Sempre Noiva a Oliveira, da casa de Rio Maior, vasta construção bem conservada com a sua torre, palacio, capella e officinas com ar medieval.

Temos no Alemtejo exemplares bastantes para fazer a historia do solar. Ha restos de *villas* romanas, casas rusticas opulentas, na Morgada perto de Machede, na Fonte Coberta, com seus mosaicos e aqueductos. Torres, casas fortes da alta idade média, como a Torre dos Coelhoiros (casa Monfalim) e a da



Photo.)

ENTRADA DO SOLAR NO PATEO

(Arnaldo.

Atalaya (Brotas), imponente construção, que ainda hoje conserva a sua linha arrogante,

os seus cunhaes de valente silharia, as suas torrinhas e grandes cachorros ou matacões nos prumos primitivos.

Mais tarde os frades construíram alguns conventos isolados, S. Paulo da Serra d'Ossa é bom exemplar, e os jesuitas tiveram também residências do campo com assento de lavoura, o Barrocal, Castello Ventoso, construcções tão solidas que estão ainda hoje completas.

No seculo XVIII ainda havia muitas residências no Alemtejo; ainda o fidalgo ia passar temporadas ao campo. As casas chegaram a nossos dias, mas vazias dos proprietarios, que estão nas capitaes. As calamidades do

portão vêmos uma vasta quadra, á direita temos casas baixas, moradias de servições, á esquerda o palacio; a escadaria nobre, a varanda, o pavimento alto com as suas elegantes janellas de marmore branco, geminadas, as padieiras em arcos de ferradura, á maneira mourisca.

Sobre a escada uma desafogada varanda ou eirado; parte d'esta varanda era coberta, com alpendre sobre columnas, que abrigava a abertura superior da escada na varanda, e a porta de entrada no pavimento nobre. E estamos na primeira sala, espaçosa, de bastante pé direito, com muita luz, alto rodapé de azulejo, o chão ladrilhado; e seguem duas

salas mais, uma central e maior, outra que vae á esquina, onde tem uma grande janella de canto, também geminada, uma fina columna de marmore na prumada do cunhal tão bem posta que conserva a sua linha apesar dos tempos e do abandono.

Ha chaminés de marmore, n'estas salas, pequenos fogões que seguramente só serviam para aquecimento. Outras casas e alcôvas tem este pavimento; a ultima com sua tribuna para a capella.

O azulejo é de xadrez verde e branco.

As altas paredes n'as certamente

eram vestidas de tapeçarias. No pavimento terreo estão a cosinha, os depositos, casas de servições domesticos, e estrebaria.

A construcção do pavimento terreo é muito anterior á do andar nobre.

A capella, encostada á torre, tem porta para o campo, gente de fóra poderia ir ouvir a sua missa sem entrar no pateo. A parte mais velha é a torre; edificaram depois as grandes casas do pavimento terreo, de robustas paredes e espessas abobadas.

Mais tarde a capella, que é ogival. Dos fins do seculo XV é o pavimento nobre. O edificio conta a sua historia pela justaposição dos seus cunhaes. Houve aqui o acaso de não modificarem construcções antigas para as transformarem, ou as adaptarem; foram juntando umas a outras, conservando todas



Photo.)

(Arnaldo.

FACHADA PARA O PATEO INTERIOR — JANELLAS DO ANDAR NOBRE

tempo das invasões francezas, as luctas de 1832-34, as guerrilhas, que ainda em 1846-47, foram a devastação dos campos, explicam em parte a aversão ao viver no campo.

Os conventos ermaram-se também. As occupações, os habitos mudaram, de modo que hoje a tendencia geral de quem tem alguma cousa é a vida na cidade, na grande cidade ainda melhor, na capital, optimo, e não se pára aqui, Paris, o paraíso.

Hoje a vida dos campos em Portugal, está peor que no fim do seculo XVIII.

Na Inglaterra, em França, as primeiras familias conservam a vida do solar, pelo menos durante alguns mezes no anno, aqui ha grandes senhores que não conhecem nem estimam a casa de seus avós.

Entremos na Sempre Noiva; passado o

a sua integridade. Os telhados primitivos eram muito altos, e empinados; isto via-se bem antes do concerto recente, porque nas chaminés erguidas restavam vestígios da passagem dos telhados.

Exteriormente largas faixas ou frisos de esgrafitos variados decoravam as paredes. Pareciam rendas velhas. Este género de decoração exterior dos edificios ainda se pratica hoje em Évora; de esgrafitos dos seculos XVI e XVII existem bons exemplares. Tem resistido ao tempo porque a cal ebo-rense é de rizeja extrema.

As construcções artisticas da Sempre Noiva devem ser do tempo do bispo de Évora, D. Affonso de Portugal, que entrou na egreja depois de viuvo.

Era homem culto, grande amador de artes e antiguidades, e possuidor de avultada for-

sua quinta da Sempre Noiva, e parece que ahi reuniu antiguidades que por aquelles si-



Photo.)

FACHADA PARA O CAMPO

(Arnaldo

tios se descobriam; tem apparecido recentemente grandes fragmentos de estatuas romanas e outras velharias. Sua filha D. Beatriz de Portugal instituindo morgado a seu sobrinho, o conde D. Francisco, metteu no vinculo a quinta que herdára de seu pae.

Existe a instituição data-da de 1531.

O dr. Augusto Filippe Simões publicou no *Instituto de Coimbra*, vol. de 1872-1873, parte de um interessante e erudito romance historico, sob o titulo *Sempre Noiva*, que elle applicou a Beatriz de Portugal.

Não continuou o romance porque no decurso do seu trabalho conheceu que a designação locativa era muito anterior á época da novella.

Sempre Noiva é o nome de uma planta rustica, da familia das polygoneas, chamada pelos latinos *centinodia*. Um philologo de muita auctoridade diz que *sempre noiva* póde ser corrupção

popular d'esse nome latino. Que esta planta tambem conhecida por *sanguinha*, e *sempre*



Photo.)

Arnaldo.

NO HIRADO — PORTA DA ENTRADA PARA O PAVIMENTO DOS SALÕES

tuna. Foi elle o tronco da celebre e nobilissima casa dos Vimiosos. Residiu por vezes na

verde e sempre viva abunda por aquelles sitios é verdade. E não repugna que do nome da planta viesse o nome ao solar; alli perto estão as casas da Amoreira e da Oliveira.

A Sempre Noiva, uma das raras construcções civis do passado, é monumento da evolução artistica em Portugal, e exemplar interessante do antigo solar alemtejano.

O sr. A. Haupt, no segundo volume da sua obra *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* (a pag. 145 e seg.) trata detidamente da Sempre Noiva, e levou o seu entusiasmo a esboçar um projecto de restauração. Encantou-o a pureza da construcção, a sinceridade com que o edificio manifesta o seu desenvolvimento desde a torre medieval até aos salões do seculo XVI.

Outro solar existe ainda, na propria cidade de Evora, que merece vêr-se; é o chamado palacio do pateo de S. Miguel, vendido ha

aiguns annos pelo ultimo marquez de Vallada a um particular da cidade. Além das linhas geraes conserva muito do antigo; salões de abobada pintados a fresco, escada e varanda com sua columnata, e muitas dependencias que mostram bem o que era uma antiga residencia de gente fidalga e opulenta. Tambem existem ahi janellas geminadas com padieiras em arco de ferradura, estylo amouriscado muito em uso no seculo XVI.

Tratando porém de construcções civis não devemos esquecer o paço de Cintra que é uma maravilha, apezar das reconstrucções.

Não conheço publicada planta alguma, e muitos dos seus aspectos estão ineditos; bom seria que se vulgarisasse uma monographia minuciosa illustrada com vistas geraes e trechos de maior caracter, porque no paço de Cintra ha bellos exemplares de architectura e de arte decorativa.

G. PEREIRA.



Photo.)

AS JANELLAS DUPLAS EM DUAS FRONTARIAS

(Arnaldo.



PREDICÇÃO HISTORICA

Para aquelles que na observação critica dos acontecimentos procuram confirmação da maxima fatalista do que tem de ser tem muita força, ou para aquelles que, sob uma influencia piedosa, resignadamente se consolam com o preceito de que seja feita a vontade do Senhor, o artigo que segue, e onde se conta o assassinato d'um grande rei francez, mostrar-lhes-ha a traça complicada e entretecida que prepara um destino. Ver-se-ha ao mesmo tempo como para a vista mais aguda, servida pela intelligencia e pela experiencia da vida, passam desaperecebidos ou não são justamente apreciados muitos factos, incidentaes, miudos, insignificativos, que mais tarde, volvidos longos annos, se agrupam e se relacionam em evidente demonstração do que houvera de se fazer para se evitar um mal que nos parece agora inilludível, fatal.

Na grande feira annual de Francfort sobre o Meno, em 1608, appareceu á venda um d'estes almanaks populares, baratos, em que pela conjuncção dos planetas se predizia o futuro ou cada qual tirava a sua sina, similhantes aos que ainda hoje se publicam e são vendidos nas ruas em estirado pregão a estimular a curiosidade dos compradores; e n'elle se prophetisava que o rei de França seria infeliz no seu segundo casamento e que havia de morrer aos cincoenta e nove annos de idade ás mãos de seus proprios amigos.

Os almanaks de Francfort tiveram uma grande venda. Vieram para Paris, onde foram lidos com anciedade, até que o parlamento ordenou que fossem apprehendidos e retirados da circulação.

N'aquelle tempo Henrique iv era o monarcha mais poderoso e temido da Europa. A sua conversão á egreja romana pozera ponto final na longa contenda entre catholicos e huguenotes. A Liga fôra supprimida, e os ultimos rumores de revolta tinham-se extinguido depois da execução do marechal Biron.

O edito de Nantes contentara os huguenotes. Os proprios jesuitas a quem Henrique iv expulsara anteriormente do reino tiveram licença para voltar, e o rei tomara para confessor um padre da Companhia.

Externamente a França estivera em paz por muitos annos. Pelos esforços do rei e de Sully, seu primeiro ministro, possuia um exercito que era temido por todas as outras potencias. A Hespanha, a inimiga de tantos annos, mandara um embaixador a Paris para propôr o

duplo casamento dos filhos de Henrique iv e de Philippe iii.

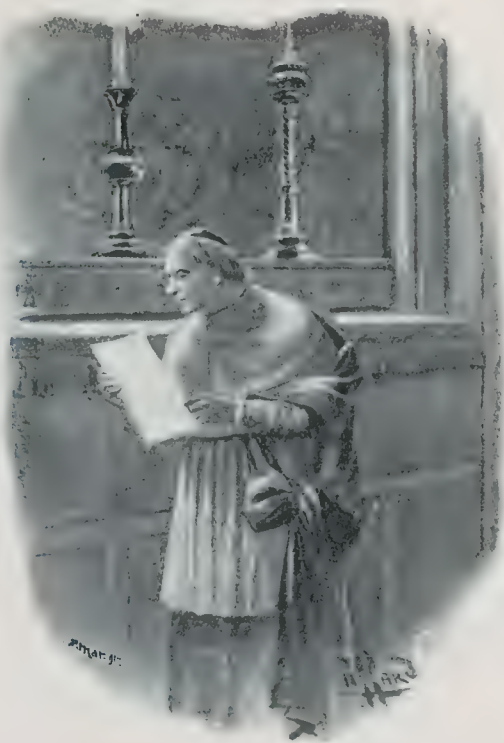
Henrique casara em segundas nupcias com Maria de Medicis, seis annos passados, e d'este casamento haviam nascido filhas e filhos. Todavia o rei terminantemente lhe recusára a honra a que ella se julgava com direito, tradicional, de ser publicamente corôada como rainha, cerimonia que na opinião d'aquella época tinha a maior importancia. Ao mesmo tempo, magôara-lhe profundamente o coração e o orgulho com as suas conhecidas e successivas aventuras galantes. Portanto era Maria mais do que seu marido quem poderia ser considerada infeliz no casamento.

Apartadas estas dissensões domesticas, não havia nuvens no horizonte politico. No entanto um presentimento mysterioso, insistente, incoercível, ganhava firmemente dia a dia terreno: que os dias do rei de França estavam contados.

Um outro aviso do que estava para acontecer appareceu em mais ameaçador aspecto do que o da feira da Allemanha. Henrique iv recusara a Fillipe iii as propostas de casamento, muito contra a vontade de sua mulher, a qual casualmente era parenta afastada do embaixador hespanhol. Pouco depois da volta d'este ao seu paiz, appareceu em Madrid um livro escripto por um doutor de theologia, hespanhol, dedicado a Fillipe iii, no qual abertamente se vaticinava a morte do rei de França para o anno de 1610.

No mez de março de 1609, morreu o ultimo duque de Clèves e Juliers. Apresentaram-se

diversos pretendentes á successão dos ducados, mas o imperador da Allemanha invadiu-os, apossou-se d'elles e conferiu-os a seu filho Leopoldo. Isto significava a passagem dos ducados, do protestantismo para o catholicismo. Posto que Henrique iv, fosse catholico, era ainda considerado natural alliado e protector dos principes allemães protestantes. Todavia, durante quasi doze mezes, não se manifestou sobre este caso. No principio do anno de 1610, repentinamente, pegou em armas, annunciando o seu intento de atravessar o Rheno e de restituir os ducados ao ramo protestante. Recrudesceram simultaneamente os prognosticos do seu proximo fim. Sobre o altar da egreja de Montargis, o cura encontrou um papel em que se declarava estar proxima a morte do rei de França. Um tal cavalleiro de Beaune partiu para Paris com o fim de relatar ao rei uma visão que tivera e na qual recebera instrucções para o ir prevenir da sua proxima morte. Mas, entre estes innumerados presagios e predições, ha trez particularmente notaveis.



Sobre o altar, o cura encontrou um papel...

No mez de janeiro de 1610, o cardeal Barberino, depois papa, muito considerado pelo seu saber em sciencias occultas, escreveu

ao rei de França, avisando-o de que evitasse ficar em qualquer cidade populosa durante o anno, e especialmente durante os mezes de março, abril, maio, junho e julho. O cardeal declarava que, se Henrique iv quizesse sujeitar-se a esta condição, responderia pela sua vida; se não, presagiava que o rei havia de ser morto por um monge nascido em França, mas expulso da sua ordem e de "temperamento saturnino", melancolico, taciturno. Insistia ainda o cardeal com o rei n'essa carta para que procurasse saber se no reino haveria qualquer pessoa n'estas condições ali residente, e se assim fosse que a tivesse estreitamente vigiada.

N'esta predição, o assassino, o tempo e o lugar do assassinato estão designados com a maxima precisão pelo cardeal Barberino.

Ainda mais notavel foi este outro aviso. Sabia-se em geral que os preparativos guerreiros de Henrique iv se destinavam a uma cruzada protestante; contudo o proprio papa reinante, Paulo v, veio interferir tambem para o salvar. O chefe da egreja catholica romana mandou um correio especial de Roma a prevenir o rei de que se acautelasse e se defendesse porque altas e poderosas damas e alguns dos mais proeminentes nobres da sua côrte estavam concertados n'uma conspiração contra a sua vida.

Mas ainda outra predição mais extraordinaria vinha em caminho para o monarcha ameaçado. O sultão da Turquia mandou chamar por esse tempo o embaixador de França em Constantinopla, e pediu-lhe que escrevesse uma carta a seu amo, dizendo-lhe que, elle sultão, desejava que sua magestade mandasse cortar a cabeça aos seis principaes nobres do seu reino, logo que recebesse aquella carta. O embaixador, cumprindo a missão, acrescentou ainda na carta que o sultão pedia a sua magestade que estivesse prevenido contra uma das mais altas damas da sua côrte, bem como contra tres pessoas que eram da confiança d'ella, para as quaes o sultão pedia a prisão perpetua, porque estavam todas implicadas na conspiração.

Semilhante mensagem era mais do que um aviso: era uma denuncia: todavia o unico effeito que produziu em Henrique iv foi apressal-o nos preparativos para a campanha. Talvez julgasse que estava mais seguro no meio dos seus soldados do que dentro dos muros de Paris.

A guerra era vivamente impopular em França. Os ducados não eram considerados dignos de semelhante esforço. O povo queixava-se dos encargos e das contribuições que pesavam sobre elle. Os mais velhos, e melhores amigos do rei tomavam qualquer ensejo para lhe fazer objecções sobre o seu intento. Nos pulpitos proferiam-se sermões ameaçadores, como nos antigos tempos da Liga.

Antes da partida para o Rheno, era necessario definir a questão da regencia, no caso de morte do rei. O futuro Luiz xiii era ainda uma creança. De accordo com o uso, a regencia teria de transmittir-se naturalmente á rainha mãe. Henrique iv mostrou ter outras intenções. Designou um conselho de regencia, no qual a rainha poderia ter simplesmente um voto.

Maria de Medicis resentiu-se amargamente d'esta manifesta prova de desconfiança. Percebeu que o plano do rei era annullar-lhe completamente a sua influencia no governo do Estado. Mas restava-lhe ainda esperanza de poder opportunamente induzir o parlamento a pôr de parte aquella determinação do rei e a declarar-lhe rainha regente. Para que esta intenção podesse ser realidade em qualquer época, a cerimonia da corôação tantas vezes adiada, tornava-se mais necessaria e importante do que nunca; e Maria de Medicis empregou todos os seus esforços para arrancar ao rei o consentimento antes da sua partida.

Mas quanto mais forte era o motivo da rainha para desejar a cerimonia, tanto mais forte seria para o rei a firmeza da recusa. Henrique iv teve o presentimento, e d'elle fallou sem reboço, de que essa corôação ser-lhe-hia fatal. Com esta crença no seu espirito, com os avisos do papa e do sultão, bem vivos ainda na memoria, só admira que elle podesse admittir sequer esta questão. Mas uma extranha e inexplicavel fraqueza se apoderou do seu animo e lhe inhibiu a vontade. Talvez o proprio medo que o fez tremer da corôação de sua mulher

durante tanto tempo, o fizesse tambem tremer agora d'uma recusa formal e decisiva.



RETRATO DE MARIA DE MÉDICIS — QUADRO DE RUBENS

Certo é que a corôação de Maria de Medicis foi fixada para 13 de maio. Alguns dias depois o rei teria de deixar Paris para se collocar á frente das suas tropas.

Durante todo este tempo, note-se, os preparativos para a guerra haviam-se limitado á França. Nos territorios da casa de Austria nenhum signal havia de lucta proxima. Os Paizes Baixos, sobre os quaes teria de cahir o primeiro embate da invasão, permaneciam immersos em profunda paz. Nenhumas tropas se mobilisavam, nem em som de guerra se desfaldavam bandeiras.

Houve egrejas de Hespanha em que se fizeram preces a favor de «uma empresa» que estava para se levar a effeito em França.

Uma semana antes da corôação da rainha, um correio secreto partiu de Paris e dirigiu-se para a fronteira allemã, levando despachos que annunciavam a morte do rei de França.

Uma ou duas noites depois Henrique iv dor-

mia ao lado de sua mulher; repentinamente esta, toda tremula, accordou-o gritando, presa de afflictivo pezadêlo. Henrique iv depois de fazer o possível para a socegar, perguntou-lhe qual era a causa d'aquelle susto. Recusando por muito tempo responder, Maria de Medicis confessou afinal que tivera um sonho em que o vira cahir morto aos golpes de um assassino.

No dia designado effectuou-se a corôação com o maior esplendor e sem nenhum acontecimento fatal. Henrique iv não esteve presente, mas passou todo o dia na melhor disposição de espirito, e alegremente saudou sua mulher na volta da cerimonia, chamando-lhe «Madame Regente».

Na manhã do dia seguinte, 14 de maio, Henrique iv assistiu á missa. Na sua volta para o Louvre, o duque de Vendôme, seu filho natural, trouxe-lhe uma carta urgente de La Brosse, o mais celebre astrologo d'aquelle tempo, e na qual pedia e aconselhava o rei a não sahir do palacio durante aquelle dia, porque um grande perigo o ameaçava. Henrique iv riu-se do aviso:

— La Brosse é uma velha raposa que só quer o vosso dinheiro, e tu és um rapaz pouco atilado em lhe dares ouvidos.

Todavia, á medida que passavam as horas e a tarde se approximava, o rei ia ficando cada vez mais taciturno. Uma indefinivel tristeza lhe invadia a alma. Tentando alegrial-o e levantar-lhe a imaginação abatida um dos seus familiares de serviço, desenhou-lhe uma scena da gloriosa grandeza que tinha attingido. O rei

Ás quatro horas da tarde, Henrique iv subitamente annunciou a tenção de sahir, e mandou atrellar a carruagem. No momento de subir para esta, um enviado da parte da propria rainha veio pedir-lhe que não sahisse do palacio.

Mas Henrique iv não fez caso; entrou para o coche, não attendendo a este derradeiro aviso, como a nenhum dos outros, e seguiu ao encontro do seu destino.

A carruagem real era grande, aberta, larga, com logares fronteiros para seis pessoas. O rei sentou-se entre o duque d'Epemon e o sr. de Montbazon. Na estreita rua de La Ferronnerie dois carros de carga fechavam a passagem e a carruagem real teve de parar. Henrique iv tirou da algibeira uma carta e principiou a lêr. N'aquelle momento, o «monge expulso da ordem e de temperamento saturnino» segundo a predicção, nascido no reino, e chamado Ravaillac parou ao pé da carruagem, do lado em que estava sentado o duque d'Epemon, subiu pondo o pé no estribo e curvando-se por sobre o duque apunhalou o rei por tres vezes.

A terceira punhalada foi ainda parada pelo sr. de Montbazon. Mas a segunda tinha attingido o fim. Henrique iv era cadaver.

O duque d'Epemon não foi bastante agil e resolutu para interferir, enquanto se estavam dando as tres punhaladas por entre elle e seu amo. Atenuou então a sua negligencia, que poderia ser levada á conta de surpresa, saltando fóra do coche e seguiu o assassino, que nenhuma tentativa empregou para fugir.

O corpo do rei morto foi conduzido para o Louvre. Como estava previsto, o parlamento promulgou logo um decreto reconhecendo Maria de Medicis como rainha regente de França com todos os poderes de uma soberana.

Entretanto o presidente De Harlay, como mais elevado magistrado do paiz, abria o inquerito sobre o assassino do rei.

Ravaillac, era natural de Angoulême, provincia da qual era governador o duque

d'Epemon. A sua physionomia depunha tanto contra elle, que já fóra anteriormente preso, suspeito pelo seu máo semblante d'um assas-



...Ravaillac apunhalou o rei por tres vezes...

meneou a cabeça melancolicamente e replicou com uma profunda tristeza: — «Meu amigo, é forçoso abandonar tudo isso».

sinato, do qual era perfeitamente innocente. Fôra absolvido, mas enquanto esteve na prisão meditou sobre o problema favorito da época, a legitimidade do regicida, e possuiu-se da mania de que Deus o tinha designado para matar o rei de França. Elle era um doido, d'aquella perigosa classe de doidos-lucidos que se fazem doceis instrumentos de crime nas mãos de instigadores sem escrupulo.

Ao sahir da prisão de Angoulême, Ravallac que então principiava a fallar abertamente da sua missão, foi tomado ao serviço do duque d'Epernon, o qual primeiramente o mandou para Paris — meio mais facil de o pôr a caminho de abandonar o seu criminoso proposito; mas pouco depois Ravallac foi mandado para Napoles com cartas do duque para uns francezes alli residentes, expatriados de França, por causa da passada conspiração da Liga. Na sua estada em Paris Ravallac hospedou-se em casa de uma mulher chamada Des Comans ou D'Escoman, a quem elle confiou o seu secreto intento.

Des Comans fez os mais desesperados esforços para salvar o rei. Foi primeiro ao Louvre, onde pediu uma audiencia á rainha, mandando-lhe dizer que tinha uma communicação a fazer-lhe que dizia respeito á vida do rei. Maria de Medicis mandou-a embora com promessa de a ouvir em differentes dias, e finalmente foi para o campo sem a ter recebido.

Desenganada por aquelle lado, a attribulada mulher foi procurar o confessor do rei no collegio dos jesuitas. Alli foi recebida pelo superior da ordem, que a informou de que o padre Cotton tinha acompanhado a côrte para o campo. Sobre a declaração da Des Comans que iria á côrte no campo, o superior prometteu-lhe transmittir, diz-se, elle proprio a sua informação ao confessor.

Des Comans voltou para sua casa, satisfeita com a sua consciencia e confiada n'esta promessa. No seguinte dia, porém, foi presa como doida, e internada n'um asylo, onde estava ainda pelo tempo do assassinato.

Taes foram os factos apurados por Harlay no decurso do seu inquerito. Ravallac recusou denunciar quem quer que fosse. Segundo a sua narrativa, era o unico responsavel e procedera deliberada e espontaneamente. Mas o astuto magistrado não hesitou em descrêr do maniaco n'aquelle ponto. Viu, bem claramente, que Ravallac tinha sido um simples instrumento nas mãos d'alguem.

Já um nome ficava proeminente na historia do crime. O duque d'Epernon, o governador de Angoulême, o homem que tomára Ravail-

lac ao seu serviço, que dirigira os seus movimentos, que lhe fornecera dinheiro, e, finalmente que mostrara tão estranha negligencia de acção enquanto o assassino, de pé no estribo da carruagem, se encostára sobre elle proprio para vibrar aquelles tres golpes successivos.

D'Epernon era um homem cuja ambição excedia a sua capacidade e merecimentos. Tinha occupado um alto cargo ao serviço de Henrique iv, porém o rei privára-o recentemente do commando de uma importante fortaleza. A morte de Henrique iv e a ascensão de Maria de Medicis á regencia transformaram d'Epernon em primeiro ministro effectivo da França.



...foi recebida pelo superior da ordem...

A rainha deu-lhe provas de tanta confiança que até o installou no Louvre, em aposentos proximos dos seus proprios.

Era necessaria extraordinaria coragem para proseguir n'um inquerito, cujo resultado deixava antever um procedimento judicial contra o duque. Todavia Harlay persistia firmemente no seu inquerito. O proprio duque d'Epernon teve a impudencia de ir a casa do magistrado pedir-lhe que fossem castigados os que malevolamente estavam espalhando boatos contra elle.

Como não tirasse proveito d'esta audacia, a rainha regente apresentou-se protegendo o seu ministro, e mandou um despacho a De Harlay, ordenando-lhe que tratasse o duque com a deferencia devida á sua posição.

D'essa fôrma, e pelo deliberado abandono

da rainha regente, a investigação foi gradualmente desaparecendo.

Nas histórias do tempo, a morte de Henrique iv foi attribuída á loucura ou a vingança singular de Ravaillac, a despeitos de Hespanha, a interferencia dos jesuitas, em summa a diversissimas causas, conservando sempre um aspecto mysterioso e indefinido.

Mais de um anno antes do desgraçado acontecimento, um soldado francez aventureiro chamado Lagarde, voltando das guerras turcas, trouxe a Henrique iv a noticia de uma conspiração deliberada em Napoles contra a sua vida. Lagarde vira Ravaillac em casa de um dos exilados da Liga, e ouvira-lhe dizer que na sua volta á França tencionava assassinar o rei. Acrescentava que um padre jesuita, tio do primeiro ministro de Hespanha, igualmente instára com elle a prestar auxilio n'este projecto tenebroso. Todavia o procedimento de Henrique iv, ao receber estas noticias, foi significativo e mui diverso do que se poderia supôr.

Regulando-se pela comunicação de Lagarde, os seus inimigos estavam em Napoles; porém o rei deixou a esse tempo o palacio e retirou-se por alguns dias para uma pequena casa de campo, como se elles estivessem em Paris. D'alli chamou o seu leal amigo, Sully, e pediu-lhe que lhe preparasse aposentos no Arsenal, porque não se sentia seguro no Louvre.

Sully menciona este pedido e a razão porque o rei o fez :

«Que Concini estava em relações com a Hespanha; que (Henrique) via claramente que que os projectos d'elles só podiam effectuar-se pela sua morte, e que finalmente tivera definitiva noticia de que ia ser assassinado.»

Quem era este Concini que estava assim tão apto para organisar impunemente conspirações contra o mais poderoso monarcha da Europa, e de o deitar fóra, como aterrado fugitivo, do proprio palacio onde habitava?

Concini era um italiano de humilde condição, que viera para a côrte franceza na comitiva de Maria de Medicis. Teve a felicidade de casar com Leonor, predilecta camareira da rainha, e por sua mulher estabeleceu uma grande ascendencia sobre o espirito da sua real ama. Os dois tomaram como obrigação acirrar Maria contra o marido, cujo character voluvel lhes dava para isso sobejos motivos. Espionavam-lhe todos os passos e traziam aos ouvidos de Maria noticia de todas as numerosas intrigas amorosas com as quaes o galanteador Henrique iv a deshonrava aos olhos do mundo.

Estava no poder do rei, se elle tivesse querido exercer a sua autoridade, demittir Concini e expulsar-o do reino. Mas todas as suas faltas para com a sua segunda mulher ul-

trajada, fizeram-no cobarde. Assim o mundo teve o espectáculo do grande monarcha de quem todos os estados se temiam, temer-se por sua vez de dois italianos aventureiros.

O interesse de Concini na morte de Henrique iv é bastante comprehensivel para satisfação plena das suas ambições. A morte do rei determinaria a ascensão de sua ama ao poder soberano como regente, por consequencia a sua propria elevação á grandeza. Entre o italiano e a victima apenas se poderia interpor — a consciencia de Maria de Medicis.

Desde o casamento, a orgulhosa princeza italiana, com o vingativo sangue dos Medicis a referver-lhe nas veias, tinha sido tão profundamente ferida no seu amor proprio e tanto que uma mulher difficilmente pôde perdoar. As disputas entre ella e o rei tinham sido muitas e violentas.

Entre elles estabelecera-se aquella situação affectiva que não raro leva ás mais desesperadas resoluções. Na historia dos crimes, regista-se muitas vezes consequencias d'este estado d'alma que difficilmente se conserva nos dominios da complexa psychologia feminina, e breve invade as fronteiras da loucura, se não fixa definitiva morada na sombria região das perversidades abominaveis. A obsecação do ciume, a revolta do amor proprio, a magua do orgulho cançam o espirito e predispoem-o para as mais repugnantes determinações, como a infecção progressiva do maligno tumor vae corroendo o organismo de que se apodera.

No mez de janeiro de 1609, n'um baile de mascaras dado por Maria de Medicis no Louvre, Henrique iv, viu pela primeira vez, uma rapariga que estava destinada a exercer funesta influencia na sua vida.

Carlota de Montmorency, cujos encantos foram apregoados então como sonho de poeta, tinha apenas quinze annos de idade. Era filha do velho condestavel de Montmorency, que acabára de a prometter em casamento a Bassompierre, o mais espiítuoso e mais elegante entre os galanteadores soldados da côrte franceza. O primeiro acto do rei enamorado foi inquirir se a rapariga realmente amava o noivo, e tendo encontrado motivo para suspeitar da espontaneidade da inclinação ou do ajuste, chamou Bassompierre e brutalmente lhe ordenou que desmanchasse o casamento. Ao mesmo tempo, com a crueldade d'um despota oriental, informou o infeliz enamorado do vergonhoso motivo d'esta interferencia.

Bassompierre não teve de escolher, obedeceu, e nem sequer pareceu guardar grande resentimento contra o seu ciumento amo. Encontrou talvez compensação bastante na beleza, no espirito e na ternura d'outra amada do rei, a princeza de Conti, Luiza de Lorraine, a

qual abandonou a côrte pelo elegante marechal com quem se diz ter casado depois secretamente. Mas talvez outros nobres do sequito de Henrique IV tivessem soffrido eguaes offensas com menos paciencia do que Bassompierre. E claro que a conspiração contra a vida do rei estava largamente conhecida, senão combinada pela metade da côrte.

O seguinte acto do rei, levado pela loucura da paixão sensual, foi talvez mais cruel. Ordenou ao seu proprio sobrinho, o moço principe de Condé, o casamento com a bella Carlota. Condé, comquanto fosse principe de sangue, era muito pobre e dependente do tio. Não podia recusar o casamento, comquanto percebesse perfeitamente o plano do rei e o vergonhoso papel que lhe estava destinado.

Effectuou-se a cerimonia, e o rei dispensou aos nubentes honras e riquezas. Mas Condé mal se achou casado com Carlota, mostrou-se resolvido a proteger a todo o custo a honra d'ella e a propria.

Escandalosos e seguidos acontecimentos fizeram com que não só a rainha ultrajada mas, também muitos dos mais antigos e firmes amigos de Henrique IV sentissem que elle não podia por muito tempo reinar em França.

Com o fim de desconcertar os máus designios do rei, Maria de Medicis aconselhou a Condé retirar-se com sua mulher da côrte. Immediatamente o rei despojou-o das dignidades concedidas algum tempo antes, e suspendeu-lhe o pagamento da sua pensão.

Condé todavia permaneceu fóra da côrte, guardando a mulher na sua casa de campo. O enamorado Henrique IV sujeitou-se a disfarçar-se e a ir rondar de noite o castello, na esperanza de obter uma entrevista clandestina com a princeza. A scena de um grande rei, um heroe sobre quem os olhos da Europa estavam fixos, aos cincoenta e seis annos de idade, degra-dando-se por semelhante perseguição a uma rapariga de dezeseis annos, sua sobrinha pelo casamento, tem o quer que seja de espanto-

samente insolito que fornece vasto assumpto á analyse subtil d'um psychologo de paixões, como um Alibert, um Stendhal ou um Bourget.

O mal ainda havia de apresentar peores symptomas. No outono de 1609, o principe de Condé, arreceiando-se do poder do rei, que estava muito proximo, partiu clandestinamente de noite para Bruxellas, levando comsigo sua mulher, bastante contrariada.

O archiduque Alberto, governador dos Paizes Baixos, fez-lhes honrosa recepção e prometteu protegê-los.

A noticia da fuga dos sobrinhos foi dada a Henrique IV quando estava jogando as cartas á noite no Louvre. Immediatamente reuniu conselho, e por alta noite, n'um estado de desesperada excitação declarou que havia de invadir os Paizes Baixos, se os fugitivos não voltassem para França.



RETRATO DE MARIA DE MÉDICIS — QUADRO DE FRANTZ PORBUS

Foi enviado um proprio á côrte do archiduque para tratar d'este assumpto e produzir esta ameaça, se tanto fosse necessario. Então Maria de Medicis que tinha acompanhado

passo a passo todo este escandaloso negocio, escreveu particularmente ao primeiro ministro



...disfarçado, ia rondar de noite o castello...

de Hespanha supplicando-lhe que dêsse força ao archiduque. O ministro hespanhol — aquelle cujo tio fez a proposta a Lagrade — condescendeu, e como resultado da secreta intervenção da rainha, Henrique iv recebeu uma recusa formal do archiduque.

O principe de Condé, por anticipada segurança, tinha fugido para Milão, mas deixára sua mulher entregue á honra do archiduque n'uma especie de captiveiro deliberado. A este tempo, já não era perfeita a harmonia entre os recém-casados. Com effeito, Carlota de Montmorency, sabendo-se objecto de uma tão romantica e violenta paixão da parte do maior monarcha do seu tempo, pensando que a Europa inteira poderia arder em guerra por causa d'ella, sentia um ineffavel prazer intimo que lhe lisongeava a vaidade, e de compadecer o coração, se lhe afrouxava a resistencia.

Uma tentativa que a formosa princeza fez de fugir á guarda zelosa do archiduque e de voltar para França, foi frustrada pela vigilancia de Maria de Medicis, na presença da qual Henrique iv teve a imprudencia de se gabar do que por elle projectava a encantadora expatriada.

Carlota escreveu então ao rei, dirigindo-se-lhe como se fôra seu campeão, novo cavalleiro de San Graal, a pedir-lhe que a viesse libertar pelas armas. Foi em resposta a este appello que Henrique iv estava fazendo todos aquelles preparativos de guerra, interrompidos pelo punhal de Ravaillac.

O negocio dos ducados era um mero pretexto. Foi sómente muito tempo depois da morte do duque de Clèves, como já dissémos, e apenas quando Carlota de Montmorency partiu para Bruxellas, que Henrique iv mostrou intenção de fazer a guerra. A perfidia do pretexto era visivel a toda a côrte. E explica-se por que motivo dos pulpitos cahiam as ameaças, o povo recusava pagar a contribuição de guerra e os amigos de Henrique iv, do antigo huguenote, se uniam em geraes reprovações.

Surdo a estes avisos, como aos vaticínios e presagios, cego pela sua funesta paixão, Henrique iv proseguiu teimoso no seu destino.

Parece evidente que a corôação de Maria de Medicis tinha sido fixada como signal para se dar o golpe.

Na sua confissão, Ravaillac pretende que foi de seu proprio alvedrio que intencionalmente adiára o feito, até depois de se effectuar aquella cerimonia, para que o reino não padecesse.

Era necessario ter rainha regente que supprimissem a investigação do crime.

O presentimento do rei de que a corôação de Maria de Medicis lhe seria fatal teve realidade. Provavelmente foi derivado de qualquer secreto aviso, recebido da mesma fonte amiga, como aquellas notaveis predições já descriptas. Comtudo Henrique iv fingia desprezar os astrologos.

«— Nos ultimos trinta annos — disse elle em conversa familiar na côrte, justamente quinze dias antes da sua morte — todos os astrologos e charlatães do reino teem predicto que eu estou para ser morto, ou morrer naturalmente, portanto quando esse tempo chegar, algumas d'estas prophcias devem provar certas, e hão de ser consideradas como milagrosas, emquanto que as falsas serão esquecidas.»

Com effeito, nenhum monarcha foi tão cons-

tantemente ameaçado pelos assassinos como Henrique IV, durante quasi toda a sua vida. Os astrologos d'aquelles tempos poderiam ser charlatães, mas possuiam na verdade conhecimentos mais positivos para predições do que os movimentos de Jupiter e de Saturno, ou a posição da Ursa Maior com que mascaravam as suas prophcias. N'aquella época, todos, desde os reis até os mais vulgares assassinos, consultavam os astrologos para as suas emprezas, e este uso supersticioso dava-lhes o exacto conhecimento de muitas cousas que succediam em breve, porque activamente se preparavam.

O astrologo que em secreta conferencia, satisfazendo desejos de cliente bom pagador, designára a data favoravel para tal attentado, estava sem duvida em condição de acertar no vaticinio, bem digno da attenção da ameaçada victima.

Ao mesmo tempo se o astrologo viesse em seguida denunciar abertamente o intento, trahiria o cliente e perderia a sua propria reputação de mysterioso sabedor de cousas occultas. D'aqui provinham sem duvida aquelles vaticinios indeterminados, e comtudo sufficientemente directos, taes como o «do monge expulso da ordem e de temperamento saturnino», nascido em França, e aquelle outro, contra «a mais alta dama dos dominios do rei», e tres pessoas da sua intimidade.

Todos, ou quasi todos, parecem proceder da mesma origem.

E licito suppor que dimanavam do celebre La Brosse o reconhecera a da rainha de França. Não é ou-maior astrologo d'aquelle tempo. Em casa sada a hypothese, porque é certo que ella e

d'elle deveriam reunir-se todos os fios d'este mysterioso drama. Foi elle sem duvida consultado pelos conspiradores sobre todos os seus designios. Talvez fosse o proprio D'Epernon que lhe pedisse para lêr nas estrelas qual o momento mais favoravel para a morte de Henrique IV, ou teria sido antes o desprezivel italiano Concini; ainda talvez o astrologo tivesse recebido na sua escura morada guarneçada de animaes empalhados ou seccos, repleta de instrumentos, pejada de grossos infolios, perfumada de magicos encantos, a visita d'uma velada dama em cuja voz



O astrologo recebe a visita d'uma velada dama...

Concini eram ambos verdadeiros crentes da astrologia, das sciencias occultas e da magia.

Desde esse momento o astrologo com uma devoção que chega a ennobrecel-o, começou a trabalhar para salvar, se podésse, o ameaçado rei. Do seu retiro obscuro, n'uma rua escusa de Paris, mandou avisos sobre avisos para chegarem aos ouvidos do rei condemnado, ora fornecendo ao editor do almanak de Francfort aquella referencia de máu agouro ao segundo casamento do rei, ora suggestionando todas aquellas predicções que vieram de todos os lados da Europa. Diligenciou interessar no seu trabalho de defeza do rei o papa, o cardeal Barberino e o sultão da Turquia.

Tem noticia de que o rei vae deixar a França na primavera para commandar o exercito em campanha e por isso mesmo designa para o attentado uma grande cidade n'aquelles mesmos mezes em que elle espera que o rei esteja fóra de França. Conhece a intriga da corôação da rainha, prediz esta data e manda aviso secreto ao rei, de que a cerimonia seria seguida da sua morte. E no ultimo momento, quando todos os seus esforços foram baldados, dirige-se ainda ao proprio filho de Henrique iv, e confia-lhe a ultima mensa-

gem exacta, decisiva, que talvez ainda podés salvar a vida do rei.

Quem sabe? Quem sabe a dedicada e complexa traça d'estes presagios opportunamente enviados?

O inquerito sobre o auctor do crime foi suprimido; porém, quatro annos depois o duque d'Epéron, que perdera a protecção da rainha, deixou a côrte desgraçado. Alguns annos mais tarde o novo rei Luiz xiii assignalou a sua ascensão ao poder com o assassino Concini, a quem Maria de Medicis tinha elevado ás honras de marquez e de marechal de França. A propria Maria de Medicis, primeiramente presa, e depois expulsa de França por seu filho, vagou os ultimos annos da sua vida no exilio e na pobreza e foi morrer a Colonia, onde vivia o pintor Rubens, que para ella pintára uma série admiravel de quadros, onde lhe immortalizou o nome e onde pretendeu glorificar-lhe a vida.

O procedimento de Luiz xiii para com a mãe depõe desfavoravelmente contra esta e parece confirmar que o filho de Henrique iv alguma cousa de particular conhecia sobre o assassinato de seu pae o grande rei de popular tradição.



FRANÇOIS RAVALLAC

Fac-simile d'uma gravura da epocha

rochedo orgulhoso estava ainda na feliz posição de não ter historia, salvo a lenda que o identificava com uma das duas columnas de Hércules; porque a sua constituição natural o assimilhou a uma alpondra entre dois continentes, ou a uma humbreira de porta entre dois mares. Gibraltar é por isto centro de dois importantes movimentos de fluxo e refluxo de commercio e vida internacional, um passando para e da Africa, outro para e pelo Mediterraneo. Antes do oitavo seculo, estas correntes eram pouco intensas, porque a regueira invasora corria atravez do Hellesponto da Asia, e não atravez do estreito da Africa; e os phenicios, os primeiros grandes dominadores do mar, não tendo rivaes a temer preferiram a uma fortaleza um porto de mar, que encontraram em Carteia, distante cinco milhas pouco mais ou menos de arido rochedo anguloso, «no reconcavo da bahia que se encurva a oeste do Calpe». Com o advento dos mouros guerreiros, começou nma nova era; e Tarik, o primeiro dos conquistadores sarracenos de Hespanha, foi quem attentou na importancia militar de Gibraltar, ao qual deve não só o nome actual, Gebel Tarik, monte de Tarik, mas tambem o nucleo das suas fortificações e do seu porto. Encontrou-a um esteril rochedo; e deixou-a uma grande fortaleza, naval e militar. Com uma curiosa ironia, se fôr recordada a historia sanguinolenta do lugar, elle fez inscrever nas ameias do castello que mandou construir: «Para Deus que pacifica e que é de paz; e para Deus que vive eternamente». A historia de Gibraltar

abraça oito seculos de dominio dos sarracenos; o segundo, os quatro seculos e meio que decorreram desde que o crescente mahometano foi substituido pelo estandarte da cruz. Antes de 1462, quando ficou finalmente perdido para os Mouros, o famoso *Peñon* foi sitiado oito vezes, dos quaes seis pelos hespanhoes. A estes pôdem accrescentar-se mais dois sitios comprehendidos pela casa de Medina Sidonia, que para si reclamaram a posse do *Leão*. Mas depois de 1504, definitivamente incorporado nos dominios do monarcha hespanhol, gosou de benefica paz por duzentos annos, quebrada apenas por um ultimo e louco esforço dos piratas que pretenderam restituil-o ao seu antigo dominio. Frustrada esta tentativa, convergiram as attentões para a necessaria construcção das defezas da fortaleza, que foram incumbidas a engenheiros italianos, Calvi e Fratino. Ao primeiro attribue-se a muralha de Carlos v, ao segundo os bastiões do Sol e do Rei.

Foi no decurso da guerra de successão hespanhola que Gibraltar passou ao dominio da Inglaterra, como ficou descripto.

Perdido o magestoso *Leão*, os hespanhoes resolveram recuperal-o a todo o custo, e antes de trez mezes passados começou o decimo terceiro cerco á fortaleza com operações por terra e pelo mar. Não foi bem succedida a empreza, e uma segunda tentativa, vinte annos depois, foi igualmente desastrosa. Nos seguintes cincoenta annos, Gibraltar tornou a gosar de paz; mas na verdade o choque das armas foi apenas substituido pelo

embate das discussões diplomaticas.

Pelos annos de 1770 a Inglaterra viu-se em luta formidavel com as suas colonias revoltadas. A França reconheceu estas como potencia independente; a guerra foi declarada, e a Hespanha, julgando talvez na declinação o sol da sua antiga rival, juntou-se á liga hostile, a qual finalmente concentrou seus esforços contra Gibraltar. Assim principiou o decimo quinto e ultimo sitio, vulgarmente chamado o *grande cerco*. Em principio, o plano das operações consistia n'um bloqueio e tão

strictamente apertado que o almirante Early só conseguiu levar os necessarios auxilios e reforços quando a guarnição da praça ca-



VISTA DO ROCHEDO E ISTHMO DE TERRA ARENOSA
QUE PRENDE GIBRALTAR A HESPAÑHA

póde dividir-se em dois periodos distinctos. O primeiro todo pleno de romance, por vezes encantador nas lendas e nas aventuras,

hira em desesperado desalento. O bloqueio foi feito com mais vigor do que nunca, e

immensa de dois terços recoberta de montes de areia que os ventos para alli vão accarre-



VISTA DE GIBRALTAR, TIRADA DO CAMPO HESPAÑHOL DE ALGESIRAS

tão horrorosa e apurada era a situação a que Eliott e os seus homens estavam reduzidos, que os hespanhoes acreditaram firmemente na victoria. Outra vez soffreram revezes que lhes infligiu a esquadra britannica a temida «muralha de madeira». Exasperados com este segundo desastre, os hespanhoes transformaram o bloqueio, que tinha já durado dois annos, em estado de sitio. Em 1782, receberam auxilio dos francezes; um engenheiro ideou dez baterias fluctuantes com previsão de effeitos tão completa e tão habil que foram consideradas invenciveis. Mas os hespanhoes não contaram com a intervenção da armada britannica ou esqueceram-se da lição bem duramente aprendida. Conta-se que em 1727 fora convidado o marquez de Villadarias para o commando superior das tropas que haviam de sitiar Gibraltar, e que aquelle declinou tal honra, objectando que a praça seria inconquistavel em quanto os hespanhoes não fossem soberanos do mar. Certo é porem que entre as baterias de terra e do mar, sitiadas e sitiadas, se travou uma lucta medonha que finalisou pelo destroço completo das celebres baterias fluctuantes. Desde então Gibraltar não tornou a ser disputada pelas armas aos inglezes, e estes tem accumulado n'elle os mais formidaveis meios de defesa.

A enorme massa do *Peñon* divide-se em quatro partes bem distinctas: a occidental ou a do lado da bahia de Algeciras é uma especie de amphitheatro de precipicios que descem gradualmente até ao mar; a face opposta que olha para o Mediterraneo é uma escarpa

tando; a terceira secção que faz frente ás linhas hespanholas está cortada a pique e é verdadeiramente inacessivel; emfim a extremidade meridional desce em rapido declive formando socacos ou terraços de que o ultimo é a chamada *Ponta da Europa*. Aqui, a montanha abre-se em espaçosas cavernas, de aspecto phantastico quando as illumina a luz do sol, mercê das caprichosas estalactites que as adornam e diz-se que ellas communicam por mysteriosas galerias naturaes com o mar. A Inglaterra amplia constantemente os trabalhos de fortificação. Tem aberto na rocha viva enormes escavações, onde pode abrigar-se toda a guarnição da praça; essas dilatadas abobadas estão em communicação directa com as baterias construidas na parte mais elevada do *Peñon* por meio de rampas em espiral que podem ser percorridas a cavallo. A montanha de Gibraltar, cortada em todos os sentidos, armada de ferro como um cavalleiro mediêvo, erichada de pilhas de balas, parece desafiar arrogante todo o assalto atrevido. Desde a extremidade norte ou face do continente, circundam o rochedo tres ordens de fortificações que se prolongam até o oeste, dando a volta pelo sul até tocar nos precipicios de este que naturalmente o defendem, e que, com bastiões e casamatas, cruzam os fogos, dominando o litoral hespanhol e as aguas da bahia. As fortificações inferiores unem-se ás do monte por meio de cortinas perpendiculares. As baterias do monte são descobertas ou escavadas na rocha, e estas ultimas são de tres ordens, communicando-se entre si por caminhos e rampas,

com praças d'armas, armazens, depositos de agua, madeiras, ventiladores, tudo numerado e rotulado para que possa alguém entender-se em semelhante labyrinth. Sobre o cume, assenta-se a bateria denominada *Blach Mouth*, bocca negra do famoso *Leão*. A antiga e historica capella de Nossa Senhora da Europa que corôava outr'ora o ponto culminante do promontorio foi substituida por uma bateria e por um pharol. Por sobre todas estas baterias e fortificações levanta-se a torre de S. Jorge. Mandou-a construir o general O'Hara no intuito de lhe dar tal altura que d'ella se podessem observar os movimentos operados no

a Inglaterra e a Africa do Norte. Todas as funções legislativas e executivas são exercidas pelo governador. Seguem-se alli á risca os regulamentos militares d'uma praça forte. As portas são abertas e fechadas precisamente ao tiro de peça de manhã e á noite. Para visitar a cidade tem de se obter um passe especial, e desejando prolongar a estada, procurar o respectivo consul ou um chefe de familia que possa servir de fiador. Os passes não são concedidos por mais de vinte dias, comquanto possam ser renovados.

A curiosa união de colonia e de fortaleza, commercio e militarismo, não é a unica fei-



UMA RUA DE GIBRALTAR

porto de Cadiz; mas, para decepção do general, o governo britannico desaprovou a idea, e a torre ficou sem remate e incompleta, crescendo ainda para o tal O'Hara o desgosto de ter do seu proprio bolso de reembolsar os gastos da obra. Constitue, porém, tal como está, um ponto de observação capital para o movimento do estreito e da costa d'Africa, pois abrange um horizonte de 200 kilometros, podendo a vista penetrar em dias de limpida athmosphera até Sevilha, Granada, Fez, as alturas do Corvo, as montanhas de Hogen e de Sanorra.

Gibraltar não é só uma fortaleza, é uma cidade florescente com uma população urbana de vinte mil almas. Como situação é também um entreposto de commercio entre

ção interessante de Gibraltar. A architectura das casas que orlam as ruas estreitas, é uma pittoresca mescla de mourisca, ingleza e hespanhola; telhados baixos, paredes brancas, janellas em fôrma chamada de cella. Depois quarteis, hospitaes, armazens de polvorra, e todas aquellas vastas officinas peculiares a uma cidade, que é a um tempo naval, militar e commercial.

O antigo convento é a residencia do governador, como na época do dominio hespanhol. A população também tem um mixto de pittoresco e de incongruente: *Jack Tars* com as suas fardas brancas, *Tommy Atkins* de escarlata e amarello claro, filhas languidas de Hespanha com graciosas mantilhas, elegantes damas inglezas, e mouros, judeus,

hespanhoes, italianos e alguns portuguezes. Por largos annos Gibraltar foi para o go- verno in- glez mais uma forta- leza do que uma base naval; mas os perigos da situa- ção euro- pæa força- ram-o a convencer- se de que a marinha era a sua primeiralin- ha de de- fesa, por- tanto em- preheendeu vigorosa- mente os grandes trabalhos publicos na bahia. Projectou-se um porto fechado, tres novas docas e no fim do porto, do lado do norte, um di- que construido a expensas do governo im- perial e das colonias. Este ultimo só foi prin- cipiado em 1897. Divergem as opiniões sobre se as novas peças d'alcance, montadas pelos hespanhoes nas suas fortificações do lado opposto da bahia, podem ou não dominar aquelles trabalhos, inutilizando-os, e por isso

custa annualmente ao thesouro britannico 350.000 libras, em despesas militares.



A PONTA DA EUROPA E AS CASAS DE CAMPO

Na defesa do seu vasto e dilatado imperio e dos seus interesses commerciaes, a Inglaterra precisa ter na mão as chaves que lhe abram livres as estradas do mundo. N'um dos caminhos para a India, atravez do Mediterraneo, foi habilmente ligando os anneis da cadêa com que vae demarcando sobre o dorso da terra o seu dominio nos mares: Gibraltar na entrada, depois Malta, e por ultimo Chypre, com a occupação complementar

do Egypto. Observando, porém, o mappa que enci- ma este artigo, reconhece- se que não é Gibraltar a unica e a mais importante talvez das posições domi- nadoras do famoso estreito a que dá nome. Além de Gibraltar, as praças de Tan- ger, de Ceuta e de Tarifa constituem as verdadeiras *chaves do estreito*. Só uma está sob o dominio inglez; duas estão na posse da Hespanha; a quarta per- tence ao imperio marro- quino. Sobre este exerce a Inglaterra, portanto, a mais cuidadosa vigilancia, e n'elle procura influir di- rectamente, protegelo, aconselhal-o com o mais vivo interesse. Porque a



A TORRE DE VIGIA

diferentes modificações e interrupções teem soffrido os primitivos projectos. Gibraltar poderosa nação maritima e conquistadora bem comprehende ser-lhe indispensavel pos-

suir Tanger. Ella não se illude, quando ostenta e apregôa a fortaleza de Gibraltar, imaginando ou fazendo suppôr que confia absolutamente na efficacia das baterias do altivo *Leão* para dominar no estreito e no Mediterraneo. Era preciso que ellas assoberbassem uma largura minima de 22 kilometros para prohibir a travessia do estreito a qualquer moderna e bem guarnecida esquadra. Gibraltar é-lhe principalmente necessario para porto de abrigo e de concentração, deposito de carvão e de munições, base segura dos movimentos das suas esquadras. Mas este fim começa a ser duvidoso para a hypothese d'uma defesa energica da Hespanha, revindicando para si o dominio do estreito; e tanto que aquellas duvidas demoram a realisação de obras projectadas no porto militar inglez, e modificam-lhes os planos primitivos, porque a sua efficacia seria problematica.

Com o moderno alcance das bocas de fogo, se a Hespanha tiver convenientemente

artilhadas as alturas da serra Carbonera, a bahia d'Algeciras é dominada e portanto inutilisada para qualquer das duas nações como fundeadouro seguro. Póde ousar-se para manter a defesa d'uma praça um abastecimento sob o fogo de baterias inimigas, escolhendo barcos e occasião; não se comprehende a loucura de fundear para repouso sob o fogo inimigo. A bahia ficaria inutil, sem fazer falta a Hespanha que tem Tarifa e Ceuta para compensar Algeciras; na verdade, a Inglaterra seria fortemente prejudicada por aquella inutilisação possivel. A situação forçada de Hespanha tem-lhe permittido gosar das vantagens de Gibraltar, sem receio de disputas incommodas. A prudencia está-lhe indicando o caminho de Tanger, e a sua diplomacia não despreza o aviso. Dia a dia estreita relações de protectora amizade e de manifesta dependencia para com o decrepito ou atrazado imperio africano; e recebe com deferencia maxima as embaixadas que elle lhe envia.



SEGREDOS DO AMOR — QUADRO DE N. PRESCOTT DAVIES



A Feira de Vianna do Castello

Festa da Senhora da Agonia

TODAS as romarias tem aspectos tão semelhantes que quasi as identificam. Motivam-n'as em geral crenças piedosas que a fama de milagres multiplicados vae mantendo sempre redivivas e alongando-se na redondeza, como as ondas sonoras concentricas a repercutir no cavado dos valles. Addicionam-se-lhes tambem os mercados, a feira da estação, o inicio de contratos, o debate de interesses terrenos, como se fosse condição fatal alliareem-se as cousas do profano calculismo á espontanea ingenuidade da fé simples. Acompanham-n'as os cantares alegres das multidões, como os canticos religiosos acompanham a festa do orago. Enfileiram-se, com mais ou menos pompa, as barracas caracteristicas de todas as romarias, como em todas estralejam a miude os foguetes, e como tambem se ouvem as musicas que o desenvolver da civilização tem transformado em phylarmonicas uniformisadas e pomposas, arredando lá para os alcantis d'uma serra, ainda não espartilhada pelas fitas de ferro dos carris, o antigo trio do tambor, da gaita de folles e do bombo. Quando apparecem agora entre a multidão, parece que são revindos do passado, a penar saudades como os lobis-homens dos solares arruinados. Os sons estridulos dos metaes das bandas, fortemente assoprados, apagam quasi os accordes dolentes das violas d'arame.

Perdida com a facilidade de communicações

a restricção carateristica do local, mesclada a multidão que d'antes seleccionava o incommodo dos transportes e dos caminhos, as romarias tendem a transformar-se em ostentosas festas, com programma determinado pre-



viamente em combinações calculistas e largamente annunciado em cartazes vistosos, per-



O ANDOR DA SENHORA DA ASSUMPCÃO

Padroeira da Egreja Matriç de Viana do Castello

mittindo preços reduzidos nas passagens de caminho de ferro, satisfazendo todos os gostos e predilecções para attrahir gente de toda

comparar intuitos, por contrapôr fórmulas diversas, não quero diminuir o presente para avultar o passado n'uma desconsolada e sys-



a parte e de todas as classes. Ganham em extensão, estimulam progressos locais, fundem n'uma esbatida uniformidade costumes e tradições próprias. São outros os aspectos.

Todavia, tudo isto é assim, tudo isto mudou, se transformou, n'uma evolução progressiva, e apesar de ser assim, romarias ha que conservam uma popularidade excepcional, e prodigalisam encantos a quem de longe as visita. Porque todas ellas teem, como festas d'ar livre, o grande tablado da natureza para dispôr a scena, teem ao seu dispôr para panno de bocca e para panno de fundo a paisagem, que a vida moderna, activa, commercial, utilitaria, não transmuda; e por isso a romaria e feira de Vianna do Castello em commemoração religiosa da Senhora d'Agonia attrahe annualmente numerosos visitantes e deixa-lhes impressão suavemente agradável.

Por accentuar diferenças entre as festas de hoje e as dos tempos que passaram, por

tematica rejeição do novo; apenas accordo na memoria lembranças que me ficaram do tempo em que nas romarias predominava a feição sentimental, pittoresca e singela, em que havia n'ellas uma intuição mais pantheista, menos convencional e artificiosa, uma rusticidade aprazível, como quem se recorda do caldo verde fumegante na malga onde ensopava a brôa negra, sem que lhe anteponha preferencias ao *consommé* apurado onde se molhe pequeninos cubos de pão alvo, dourado pelo calor brando da fomalha quasi extincta, ou como quem revê com saudade na imaginação as aguarellas e as miniaturas que se pintam nas primeiras folhas do *block* da vida. São talvez mais illusões do sentir apagado do que confrontos cotejados pela observação ou contrastados pela critica. E' vulgar o phenomeno psychologico. Perde-se a nitidez da recordação, mas fica engrandecida a idéa ou o valor da sensação que se experimentou; e, quando tomada para medida, introduz no

resultado critico uma inexactidão involuntária.

Assim deve ser n'este caso restricto e especial. Que importa entrar em Vianna do Castello, na formosa cidade da região d'entre Minho e Lima, por sobre uma ponte engenhosa, ampla, levado em wagon pela força da locomotiva, e depois mais tarde subir pelos commodos lacetes d'uma bella estrada larga até ao monte de Santa Luzia, acompanhando as peregrinações arranjadas em insinuante propaganda, para bem apreciar a magnifica visão da paisagem encantadora que d'aquella elevação se disfructa, á medida que o sol nascente vae desfazendo a neblina densa e característica do clima humido do Minho.

Não era mais pittoresco o panorama, com os seus affloramentos de granito sobrepostos em socalcos de amphitheatro, com as espessas manchas de arvoredos de indefinido contorno, com os valles todos aproveitados e divididos pelos renques dos pequenos carvalhos onde se enroscam as cepas e donde se penduram os cachos de uvas verdes, não era com certeza mais emocionante o quadro rural, se horas antes o visitante curioso se houvera apeado da imperial da mala posta, entorpecido, defronte da estalagem das mudas, annunciada a chegada pela trombete do conductor e arrematada a paragem pelos estalos repetidos do comprido chicote do cocheiro,

porte para modificar a intensa sensação esthetica que do cimo d'aquelle monte entra pela alma a dentro, enebriando os olhos, como um suave perfume deleita o olfacto; sem duvida vê-se a mesma casaria da cidade que o nevoeiro vae descobrindo, a mesma fita prateada do rio a serpear sereno por entre os campos; a vastidão do horisonte, que é limitado pela curva do oceano, não diminue. Aquella paizagem é sempre encantadora. Os romeiros vão chegando pouco a pouco e do fundo do valle vem um confuso murmuro de vozes, entoando canticos. E' uma peregrinação de dois mil ou mais devotos, de irmãos de varias irmandades que vem com os seus estandartes desfraldados á visitaçã da capella. Depois sobre um altar levantado n'uma rocha junto da ermida diz-se uma missa campal. Estas festas realisam-se com maior ou menor pompa conforme o espirito da época. Mais tarde, pelo adro, pelo campo organisam-se as danças populares; canta-se ao desafio; banqueteiam-se sobre a relva, ou sobre os penhascos que servem de mesa.

A feira de Vianna do Castello coincide com as festas á Senhora da Agonia, virgem que congrega a piedosa devoção de muitas leguas em redor. Como ao Senhor dos Passos em Lisboa, á Senhora da Agonia recorre com fervor e coragem a desventura que busca conforto, a angustia que pede lenitivo, nas

horas amargas das supremas desesperanças. E por isso as offertas são valiosas á dilecta devoção; e os sacrificios com promessas são numerosos.

Descalças, contractas, ou de joelhos, arrastando-se, muitas mulheres dão voltas e voltas em torno da ermida; outras levam kilos de cêra; estas carretêam moios de trigo ou de milho: aquellas acompanham e amparam, desbotadas pela doença, emmagrecidas, pobres victimas de morbidez fatal que



a animar o trote final dos cinco cavallos possantes.

Não influe sem duvida o meio de trans-

vão n'um supremo esforço de vida apegar-se com a santa para que lhes dê saúde e ventura perdidas, talvez para sempre. Na

simplicidade convicta com que procedem infundem respeito aos que perderam a consolação ineffável da crença; na humildade com que cumprem a promessa, deixam adivinhar a amargura funda que soffreram para confiar sómente na prova dolorosa.

A igreja levanta-se ao fundo do vasto campo da Agonia, onde se alinha a feira e onde circula ao longo das barracas ou serpentêa em largas fitas multicolôres a multidão das freguezias ruraes que de toda a parte accorrem ao grande mercado annual. Um grupo excentrico corta e recorta aquellas correntes humanas, abre facil passagem, arrasta comsigo o rapazio alegre, desperta o animo folgazão dos romeiros. São os *gigantones e cabeçudos*, de tradição pagã, quatro burlescos bonecos, manobrados por homens que interiormente os levam em disfarce para os fazer suppôr animados elles proprios. Dois são de estatura descommunal, um casal; elle, vestindo a sua sobrecasaca cinzenta, chapéu alto da mesma côr, altos collarinhos ridiculos; ella, vestido verde e toucado; mascaras risonhas, caras de Paschoa. Para que os homens transportadores possam vêr de dentro para fóra, arranjaram um engenhoso estratagemma.

No homem, a certa altura abriam um grande oculo, similhando um monoculo pendente; na mulher as janellas de observação, figuram um *lorgnon*. Os *cabeçudos* são os outros dois figurantes, em contraste com os *giganto-*

de vento, dançando ao som d'uma gaita de folles, tocada por um ultimo figurante que vem completar o cabalistico numero de sete. E' vulgar esta tendencia popular a adoptar typos gigantescos ou disformes para accentuar excentricidade tradicional; não raro apparecem nas procissões; representam até mesmo santos a confundir folguedos de tradição pagã com severidade christã; são admittidos pela escrupulosa orthodoxia como transacção com antigos costumes, ou com symbolos arreigados na

imaginação dos simples com os quaes ella prefere transigir a combater.

Em quanto o grupo burlesco vae atravessando a feira, prepassam em ranchos graciosos as minhotas gentis. D'ellas escreve o sr. Ramalho Ortigão: «...en-



nes: pequena estatura, cabeças enormes desproporcionadas, enroupados com vestuário de tre Vianna do Castello e Ponte de Lima, ha ainda algumas das mulheres mais lindas e

das mais bem educadas de todas as mulheres portuguezas, que fiam e tecem em suas

ça de se distinguir bem a proveniencia d'aquelles ranchos, da região d'além Tamega, ou das margens do Douro, ou da propria localidade, e começa de se differenciar pela forma dos chapéus, pelo atado dos lenços, pelo corte dos coletinhos em espartilho, pelo gosto das riscas fortemente coloridas das saias e dos aventaes a moda de cada freguezia, a industria predominante, o trabalho caseiro em que são fabricados os tecidos.

E n'este capitulo dos vestuários tambem o meu espirito, teimoso no re-
viver de cousas passadas, sente a tristeza indefinida de ver apagadas muitas differenças que outr'ora eram essenciaes,



Alameda da

casas o linho, a lã, o algodão e se vestem completamente, da maneira mais elegante, com os tecidos mais consistentes e mais bellos de sua fabricação exclusiva em todas as phases porque passa a materia prima, desde que é cegada no campo ou tosqueada no carneiro até se converter em vestido.»

Na verdade, encontram-se, a cada passo, nos arruamentos da feira, os mais gentis costumes de camponezas a adornar esculpturas animadas, com os seus vistosos aventaes em barras de riscas a cobrir saias rodadas tambem de barras em côres garriadas, com os seus colletes decotados a modelar a turgidez de seios exuberantes, com as suas camisas de linho muito alho, como as meias, com os seus pequenos sóccos de salto curto, talhados em cabedal de polimento com ornamentadas bordaduras. Depois muitas deslumbram tambem pela riqueza dos cordões enlaçados em volta do pescoço com volumosos corações pendentes em filigrana d'ouro, com pesadas e duplicadas arrecadas lavradas a oscillar dos pequenos lobulos das orelhas.

A' primeira inspecção superficial confundem-se os vestuários de todas e parece haver uniformidade no talhe e na composição; depois é á medida que a formosura d'umas, o oval gracioso dos rostos d'outras, o louro dourado d'estas, o azul claro dos olhos d'aquellas, a brancura da pelle ao pé do moreno tismado, a estatura desempenada junto a gracilidade de formas esbeltas, vae fixando a vista curiosa, come-

amalgamadas muitas modas onde um modernismo esmagador tem successivamente



imposto character, onde um barateamento de grande industria, a irradiar dos centros de

produção, promove a substituição dos antigos padrões, tão originaes, tão filhos da imaginação, cores combinadas por quem as estuda nas campinas floridas, sobre o verde suave dos linhos, ou sobre o fundo escuro das terras d'alluvião que vão formando os valles sempre arroteados.

Havia em todos aquelles vestuários, em todas aquellas combinações de cores e de gostos uma graça propria, talvez amaneirada, bonita e não bella, miniaturista, mas tão expontaneamente derivada da paisagem, do clima, da vida local, que encantava pela harmonia. Hoje conserva-se ainda muito do passado; as diferenças não transmudam as impressões geraes, que ainda são suavemente agradaveis, características para definir usanças, e extranhas para os que do sul vão encontrar tudo diverso n'aquelle abençoado torrão que se encrava e se limita entre o Douro e o Minho, d'aquem das montanhas, n'uma doce espalda sobre o mar que nas suas praias gentis, como a d'Ancora, como a

de Vianna, vem brincar na areia loura e reluzente. Examinar a multidão que accorre á



feira é só por si distracção compensadora de quem a visita; porem mais rapidamente do que esta descripção dá completa e fiel idéa dos aspectos da feira, da romaria e da festa da Senhora d'Agonia a collecção de photographias que deixamos reproduzidas.



FEITICEIRA — Valsa

POR

EDUARDO BOËYÉ DE PASCAL

Tempo de Valzer

Piano

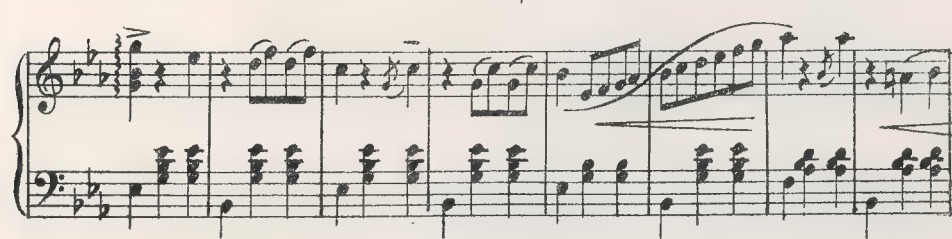
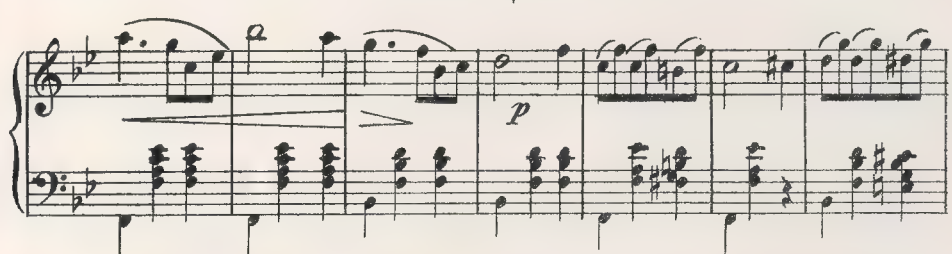
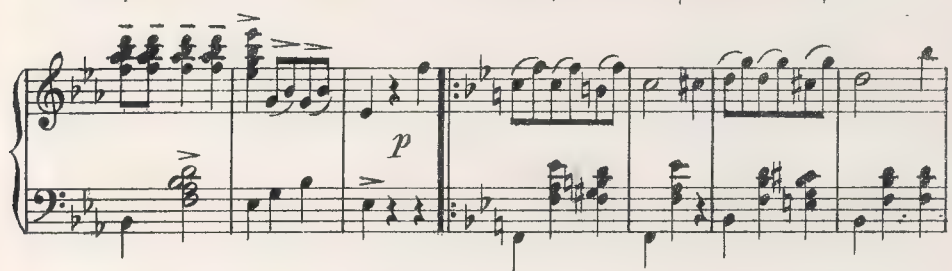
f

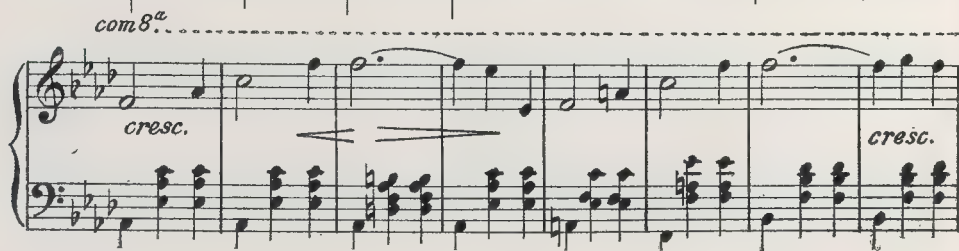
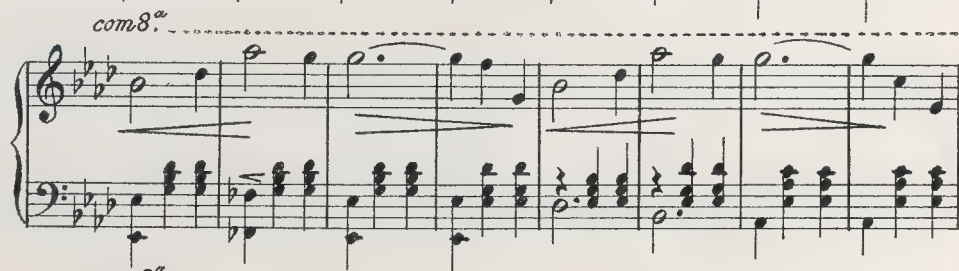
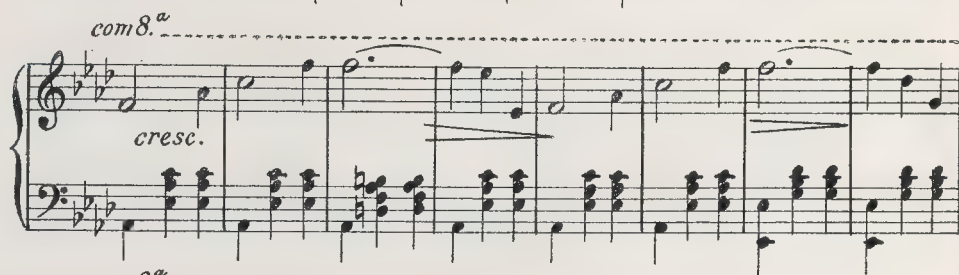
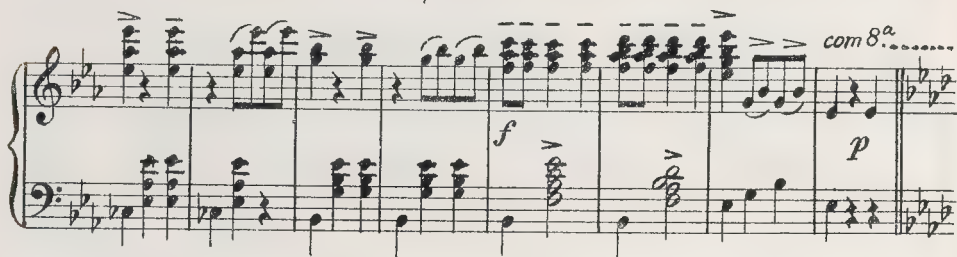
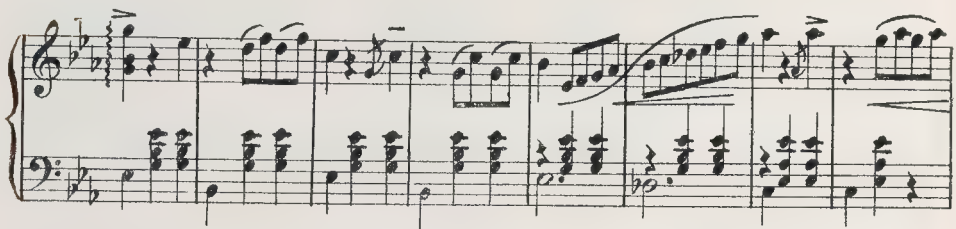
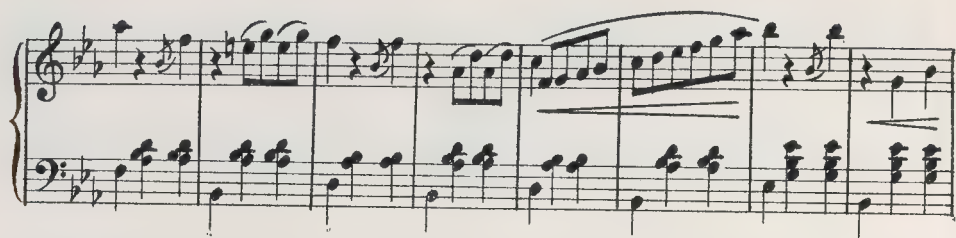
cresc.

poco rit.

PIANISSIMO

PIANISSIMO





com^{8a}.

A musical score for a piece labeled "com. 8.ª". The score is written on two staves, treble and bass. The treble staff begins with a treble clef and a key signature of one flat (B-flat). The bass staff begins with a bass clef and the same key signature. The music is in 2/4 time. The treble staff features a melodic line with eighth and sixteenth notes, often beamed together. The bass staff provides a harmonic accompaniment with chords and single notes. A dashed line above the treble staff indicates a first ending, which concludes with a double bar line and repeat signs. The piece ends with a final cadence in the bass staff.

[illegible]

A musical score for the song 'The Rose Tree'. It features a treble and bass staff. The treble staff contains the melody, which includes a trill on the eighth note of the first measure. The bass staff provides a harmonic accompaniment with chords and single notes. The key signature has one flat (B-flat), and the time signature is 4/4. The score is written in a single system.

A musical score for the song 'The Rose Tree'. The score is written for a piano and voice. The piano part is in the left hand, and the voice part is in the right hand. The key signature is one flat (B-flat), and the time signature is 4/4. The piano part features a melody in the right hand and a bass line in the left hand. The voice part consists of a single melodic line. The score includes a piano introduction, a vocal entry, and a piano accompaniment. The lyrics are written below the voice line.

A musical score for the song 'The Rose Tree'. The score is written for voice and piano. The voice part is in the upper staff, and the piano accompaniment is in the lower staff. The key signature is one flat (B-flat), and the time signature is 4/4. The piano part features a prominent bass line with a strong rhythmic pattern, and the voice part has a melody that is simple and easy to remember. The score is marked with a 'V' at the beginning, indicating the start of the vocal line. The piano part is marked with a 'f' (forte) at the beginning, indicating a strong dynamic. The score is written in a clear and legible style, with a focus on the melody and the piano accompaniment.



QUEREIS CEREJAS ? — QUADRO DE JOHN RUSSEL

MODAS

DURANTE este mez d'agosto quente e ventoso, as elegantes refugiam-se nas suas casas de campo á espera de que o mez de setembro as leve para as praias, segundo a liturgia mundana a que se submettem resignadas; porque, em toda a parte, nas recepções improvisadas do campo, nas quintas e nas herdades ou nos circulos das praias em voga, ellas têm sempre ensejo de dominar pelos seus encantos, impôr a admiração da sua belleza classica e escultural ou captivar pela gentileza graciosa da sua affabilidade. Abandonam-se os vestidos compridos e os corpos justos; predominam as blusas de cambraia, de mil formas variadas, ao gosto proprio, escolhidas com intenção, para dar relevo appetitoso a encantos exuberantes ou para disfarçar em promessas indefinidas gracilidades não menos feiçoas. Ora se recortam em pregas no peito, muito juntas e muito fôfas, ora se sobrepõem em cruzamento para abrir nagola, traçando o angulo do decote mais ou menos ousado; sortidas em côres que façam realçar o moreno quente da pelle amouriscada, ou divinise a brancura rosea, ou enquadrem a pallida morbidez nevrotica. Assim, conforme as curvas do busto, as blusas são mais ou menos simples, mais ou menos enfeitadas

de intermeios de rendas. Os chapéus de palha, enfeitados de flores ou de largas fitas, acabam as *toilettes* campezinhas. As saias levemente rodadas na bainha, lisas na frente, são muito usadas em linhos e em sarja.

Como uso racional, o vestido inteiro para o campo seria muito mais conveniente, porque se evitava a separação entre a blusa e o cóz da cintura que é immediatamente accusada por movimentos necessariamente mais violentos no campo, em passeios longos, em ascensões divertidas e onde a relva é muitas vezes divan obrigado. E' comtudo muito difficil fazer bem um vestido inteiro, e extremamente difficil acabal-o com perfeição. São modelos de uso exclusivo das elegantes ricas bastantes para ter a seu serviço uma thesoura de primeira ordem; são sem duvida *toilettes* mais distinctas, talvez menos graciosas ou me-nineiras. Em todo o caso, a idade, embora disfarçada nos arrebiques e denunciada na ferrugem dos movimentos, deveria cohibir-se do abuso da blusa garrida. A vida de luxo, propriamente mundana, tem exigencias de vestua-



rio que, faltando, desharmonizam e ferem o bom gosto que deve presidir a todos os actos da sociedade. Que desagradavel impressão produz ver, como temos visto, subir

uma gentil mundana para a almofada alta d'um phaeton e tomar as guias em doce enlevo de *sport* elegante, vestida de blusa leve, clara, muito fofa de pregas! E' como se um homem do mundo tomasse o governo do break ou do mail, não dizemos em mangas de camisa, mas em casaco de linho de cocheiro. Por Deus, vista ao menos um *bolero*, uma jaqueta, que lembre a terra onde estamos ou a visinha Andaluza.

Os fatos de *sport* para senhora são delineados n'este mez de agosto. Alteram pouco de anno para anno e n'este muito pouco em relação ao passado. Fazem-se em panno grosso felpudo, acabamento *acheviotado*, genero inglez, saias e casacos curtos, em tons heliotrope ou azues, de intensidade varia, sem caudas de amazona, chegando apenas aos pés, calçados em caprichosas botas altas de bello couro russo escuro.

Os casacos são ajustados ao corpo por um cinto tambem de couro. O feltro claro é o melhor material para o *toque* e como enfeite uma roseta de fita de setim. Para aquellas que se recreiam nas praias, remando ou jogando, aconselham os auctorizados no assumpto o perenne encanto da flanela branca, ou com um fio preto no tecido, ou em riscas muito estreitas, como se fabricaram este anno.

Nos chapéus, continuam os modelos *canottiers* e os de cambráia muito fofa, como se fossem feitos da espuma branca das vagas, como principiaram a apparecer nas regatas. Os fatos de bordo affectam o feitiço *marinheiro* com simplicidade, quasi sem enfeites, coroados pelo *bonet* de commando.

No mundo parisiense da moda, todos os annos apparece um vestido pratico, imaginado por qualquer modista principal, que pela sua harmonia no gracioso côrte, e na côr propria ganha ascendencia sobre os outros da esta-

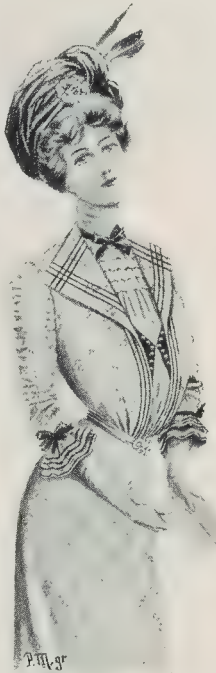
ção. O vestido predilecto d'este verão, para uso diario, é feito em *mohair* azul; a saia é estreita nos quadris, alargando até á bainha, com uma préga nas costas que se alarga junto ao chão e acaba estreitando na cintura.

O bolero é cortado baixo no pescoço, curto nas costas e comprido na frente. Tem largas mangas e não tem punhos. A camisinha que se usa por baixo do bolero é de renda grossa, sobre o branco, e por entre os buracos da renda passam fitinhas de velludo em desenho circular ou ondeado conforme o lavor da renda. Tanto o bolero como a saia são enfeitados de bandas de tafetá azul com bainhas ou de bruns estreitos.

O primeiro modelo que reproduzimos constitue uma deliciosa e fresca *toilette* da estação em blusa *priscilla*, aberta no collo, muito usada, de fazenda clara, com fiadas de botões dourados, prégas na frente apanhadas na cintura, as costas lisas na parte superior e ligeiramente franzidas junto do cinto, cabeção *puritano*, sahindo da parte interior da gola, aconchegando ao pescoço o decote, punhos fechados a terminar as mangas que são tambem em prégas cenzendo com a frente da blusa; um cinto ajusta o corpo.

O segundo modelo exemplifica a voga que ainda conservam os corpos separados: *toi-*

lette em seda da India combinada com seda lisa e para enfeite fitas estreitas de velludo; as frentes abertas sobre uma camisa em prégas, reversos de seda, as costas franzidas junto da cintura são ajustadas ao corpo por um cinto, as mangas de fôrma *mosqueiro*, em tres quartos de comprimento, acabadas em folhos enfeitados de velludo; na gola uma fita de velludo. Podem variar-se os materiaes empregados, com *foulard* e crepe branco, com enfeites de applicações de renda ou de bandas persas, muito usadas.



VARIEDADES

D'uma forma succinta, compativel com a indole e espaço d'esta revista. continuamos a dar noticia, acompanhada quanto possivel de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a attenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade.

O BALÃO DIRIGIVEL

As experiencias a que procedeu em meado do mez findo em Paris, o sr. Santos Dumont, no seu quinto balão dirigivel, foram concludentes sem ser definitivas, como em 1884 tinham sido as realizadas pelos irmãos Renard. Sobre sete ascensões, elles voltaram cinco vezes ao seu ponto de partida, como quem entra em casa depois d'um passeio na sua caruagem. Foram tambem concludentes; estavam longe de ser definitivas. Egualmente esperava as do moço e intelligente engenheiro que presentemente as renova com uma tenacidade convicta e um arrojo deliberado que lhe illustram e popularisam justamente o nome, bem conhecido no Porto. O sr. Santos Dumont é filho d'um opulento e instruido fazendeiro de café em S. Paulo do Brazil, engenheiro de pontes e

calçadas pela escola de Paris. Quatro irmãs de Santos Dumont vivem na Foz do Douro, casadas tres d'ellas com tres irmãos os srs.



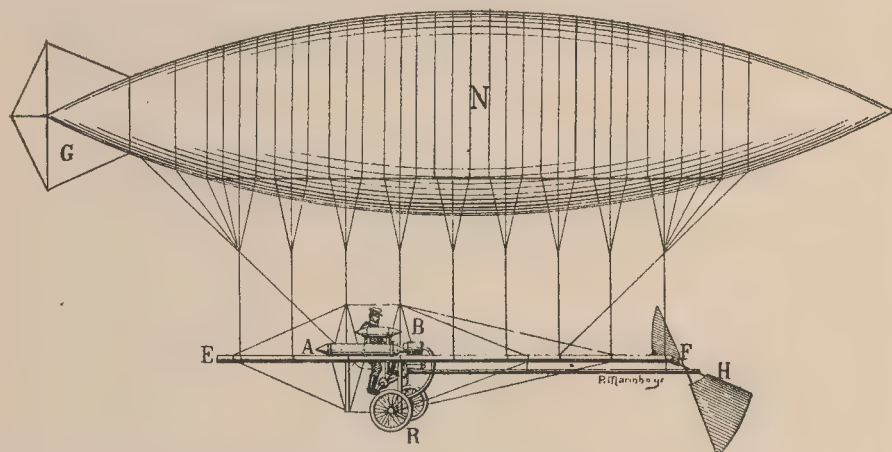
Santos-Dumont

Eduardo, Guilherme, e Carlos Villares, e a quarta com o sr. Ricardo Severo, o eminente fundador e director da notavel revista ethnographica «Portugalia». São todos engenheiros civis, os tres primeiros pela escola de Syracusa nos Estados Unidos, e o ultimo pela Academia polytechnica do Porto. O sr. Santos Dumont, espirito culto e dotado de qualidades engenhosas e precisistas notaveis, preoccupa-se desde longos annos com o problema da navegação aerea e á sua resolução tem consagrado toda a força do seu talento e toda a energia do seu animo. A theoria do ba-

lão dirigivel, ou mais propriamente a cadeia de deducções scientificas, que permitem es-

tabelecer a possibilidade de um aerostato evolucionar livremente em pleno azul, pode resumir-se em alguns factos e principios, cuja vulgarisação opportuna vamos tentar. Convem rectificar desde já a expressão usual, que nós mesmo já empregámos, de navegação aerea, que pode induzir a erro de apreciação. A assimilação do aerostato a um navio é inexacta, porque desliga o espirito da consideração de que o navio evoluciona á superficie de separação de dois meios, a agua e o ar, aproveitando-se do apoio que encontra n'um para vencer a resistencia que o outro lhe oppõe. O aerostato mergulha n'um só meio, o ar; e poderia a comparação rhetorica assimilar-o mais propriamente a um barco submarino, se ainda não os differencasse pro-

depois escolher a forma do balão. Claro está que teria de se abandonar a espherica dos balões normaes ou ordinarios. A forma *alongada* estava naturalmente indicada. Provinha das observações mais comesinhas sobre as formas dos barcos mais rudimentares, dos insectos alados, das aves ou das especies submarinas. A forma de charuto ou de peixe impunha-se como simples regra de bom senso. O sentido das costuras, o processo de assemblagem das differentes porções do estofo escolhido, processo derivado a um tempo do esforço do gaz sobre o tecido e do trabalho das prisões que lhe suspendem a barquinha, daria ao balão por vezes o aspecto característico d'um longo abdomen anelado de insecto. Notemos agora uma particularidade



fundamente a *homogeneidade* da agua, incompressivel quasi, de densidade sensivelmente constante a todas as profundidades, enquanto que o ar, onde mergulha o balão, é de sua natureza compressivel e de densidades variaveis com a altitude. Na descripção da viagem em balão que se publica n'este mesmo numero da revista, exemplificou-se a theoria do balão normal, com a sua força ascensional modificada a cada momento pelas variações da athmosphera, provocando subitas e repetidas subidas e descidas, combatidas habilmente pelos gastos graduados, minimos e alternados do gaz e do lastro.

Para o balão dirigivel, em contraposição do outro que é apenas governavel no sentido vertical, procurou-se, primeiro, combater a *instabilidade* em altitude, adoptando motores leves e poderosos que actuassem helices horizontaes para determinar impulsos ascendentes ou descendentes com o fim de conservar o aerostato n'um equilibrio quasi constante;

capital applicavel a todos os aerostatos. Perfeitamente cheio, o balão que se eleva no ar, conserva a sua convexidade perfeita até a sua primeira zona d'equilibrio. Desde que faça uma descida parcial, forma-se na parte inferior do apparelho uma bolsa mais ou menos accentuada. Esta deformação subsiste mesmo quando o aerostato manobra em regiões mais baixas do que as maximas d'altitude anteriormente attingidas. Compreende-se portanto que no balão de forma alongada o caso seja grave, porque bastaria um movimento mais brusco do aeronauta para deslocar para qualquer das estremidades a bolsa e consequentemente em sentido contrario o gaz e estabelecer-se-hia uma oscillação ameaçadora. Evita-se a difficuldade, introduzindo no balão uma especie de bexiga natatoria que pode ser, exteriormente e á vontade, mais ou menos cheia d'ar, de maneira a substituir exactamente em volume a perda de hydrogenio do balão. Consegue-se por este

meio a forma invariavel e tensa do aerostato; augmenta-se-lhe a estabilidade horizontal, a qual não seria ainda sufficiente, se não fôra completada por uma disposição engenhosa no modo de suspensão da barquinha ou estado que a substitua.

Este novo artificio foi devido a Dupuy de Lôme e consiste em ligar a barquinha ao balão por quatro linhas geraes de suspensão, lados e diagonaes d'um trapezio que reparte o peso da barquinha pelas quatro ligações qualquer que seja a inclinação do systema. Resolvidas assim as principaes difficuldades para dotar o navio aereo das qualidades necessarias á sua navegação especial, resta-nos considerar a acção do vento, não como *violencia* ou *força*, tal qual é considerado em relação ao solo, porque para o aeronauta o vento não existe; tudo se passa no navio aereo, quer seja ou não dirigivel, como se o ar fosse immovel, porque elle está mergulhado e livre no ar. E' esta uma das raras sensações das viagens athmosphericas; parece vogar-se no azul mais calmo e vê-se em baixo as arvores curvarem-se sob o impulso do vento. Como é sabido, o envolvero gazoso que rodeia a terra move-se caprichosamente, ou, se preferirmos considerar immovel a athmosphera, a terra gira sobre si propria em todos os sentidos possiveis e sem descanso dentro do envolvero, como se fôra o caroço d'um pêcego no seio da polpa saborosa, para empregar uma comparação pueril, elemental. Em conclusão, diz o celebre aeronauta Renard, «para um balão dirigivel o conjunto de pontos abordaveis (portos de chegada) no fim d'uma hora fôrma uma circumferencia descripta d'um ponto situado, sob o vento dado, a uma distancia do porto de partida igual á velocidade d'aquelle vento, sendo o raio da circumferencia igual á velocidade do balão no ar, velocidade propria, independente da do vento, e apenas dependente da energia do motor e das condições geraes de fôrma e de structura do aerostato». D'estes principios deduzem-se tres proposições geraes, conforme a velocidade do vento é maior, igual ou menor do que a do balão, para que

este possa abordar qualquer ponto do horizonte, e conclue-se finalmente que para um aerostato merecer o nome de *dirigivel* será necessario e bastará — realizadas todas as outras condições — que o seu propulsor possa desenvolver uma velocidade superior á dos ventos habituaes da região onde pretende manobrar. Chegados a esta altura do problema, e depois das successivas experiencias realizadas desde Dupuy de Lôme até Renard, a grande difficuldade era obter o motor, e no dominio das combustões integraes; um motor thermico e não electrico, visto que este dera resultados desfavoraveis. Depois das experiencias de 1884-85, o problema circumcreveu-se a tres dados numericos: — a) obter uma velocidade de 12^m,50 por segundo (pelo menos); — b) limitar o consumo de combustivel a 1 kilo por hora (no maximo); — c) concentrar n'um peso de 10 kilos a parte de material e de mecanismo correspondente á unidade de força produzida que é o *cavallo-vapor*. Foi á realização d'estas condições que se dedicou o sr. Santos Dumont, e dirigiu a sua investigação para os motores de petroleo, que no automobilismo realizaram já 20 kilos e até 17 kilos por *cavallo-vapor*, o terceiro ponto do intrincado problema. As experiencias continuam, e parece terem sido concludentes para certos *limites*, visto que a questão ainda hoje é relativa, na construcção d'essas maravilhas mecanicas de pequenos motores reluzentes no frio polido dos aços e no vermelho quente do cobre, brinquedos extraordinarios, de minusculos corpos de bomba, de manometros de boneca, delicadezas de construcção que reduzem os monstros de metal com entranhas de fogo a mover cidades fluctuantes nas travessias dos oceanos, a rugir nas fabricas colossaes ou a devorar kilometros nos expressos relampagos. O problema caminhou; se não foi definitiva a resolução, é licito esperal-a para breve, embora ainda seja phantasia arrojada suppôr desde já praticavel um serviço-expresso de balões internacional, como o *sud-express*, viagens de luxo, ou ascensões circulatorias a preços reduzidos...

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

JUNHO — 5 Portugal — Inauguração do dispensario anti-tuberculoso de Lisboa sob a direcção de Sua Magestade a Rainha D. Amelia.

6 Allemanha — Abertura do congresso internacional dos bombeiros em Berlim, comparecendo 1:500 delegados das diversas nações. Portugal fez-se representar por delegados especiaes.

7 França — Batem-se em duello á espada Max Regis com Laberdesque, havendo 19 saltos sem resultado e Lautier, redactor do *Temps*, com Bles-Gana, ficando o ultimo ferido no baixo ventre com um tiro de pistola. — **Estados-Unidos** — Organisa-se uma liga colossal de sociedades operarias com o fim de influir na politica geral.

8 Inglaterra — A censura theatral prohibe a representação em Londres da comedia de Dumas, *Visita de nupcias*. — **França** — Continua o duello entre Max Régis e Laberdesque, ficando o primeiro ferido com alguma gravidade no ante-braço. — **Hespanha** — E' assignado o decreto nomeando presidente do senado o sr. Montero Rios. — Aggravam-se em Barcelona as questões operarias, receiando-se que a grêve se generalise. — **China** — O ministro americano em Pekin pede que se submeta á arbitragem do tribunal internacional de Haya a questão da indemnisação que a China deve pagar ás potencias. — **Portugal** — Cerca de 200 homens que trabalhavam n'uns telhaes em Alhandra, abandonam o trabalho, exigindo maior salario.

10 Russia — Os tribunaes militares condemnaram á morte doze pessoas detidas por causa das desordens em Moscow e Kiev. — **Italia** — E' preso em Milão o auctor do roubo de joias no valor de 250:000 francos subtrahidas em Monte-Carlo a uma princeza russa, viuva do general Hanveneff. — **Hungria** — Declaram-se em grêve 9:000 operarios do caminho de ferro em Restilza. As mulheres dos grévistas apedrejaram os escriptorios da companhia.

11 Republica Argentina — E' apresentado ao congresso argentino em Buenos-Ayres um projecto de lei auctorisando o governo a emittir 435 milhões de pesos de ouro em titulos consolidados com o juro de 4 % amortisaveis em 50 annos e destinados a converter parcial ou totalmente as dividas actuaes. Para assegurar o serviço dos consolidados a alfandega depositará diariamente no Banco Nacional oito por mil das suas receitas por cada cinco milhões de titulos emittidos. — **Estados-Unidos** — O presidente Mac-Kinley faz lêr na Casa Branca uma declaração desmentindo o boato de que elle trabalhe na sua terceira eleição, e affirmando que não aceitará ser reeleito, ainda que tal se lhe proponha. — **China** — As auctoridades provinciaes convencionam na indemnisação de 35 milhões de francos aos missionarios catholicos. — **Hespanha** — Abertura solenne das côrtes com a assistencia da rainha regente. — **Inglaterra** — A camara dos commons approva a proposta que modifica os direitos sobre o assucar. — **Brazil** — Comemoração da victoria do Riachuelo, assistindo á formatura da marinha o presidente do conselho, almirantes, generaes e membros do congresso.

12 Inglaterra — O rei Eduardo VII distribue uma medalha commemorativa da campanha a 3:000 repatriados da guerra do sul d'Africa, com a assistencia da embaixada marroquina.

13 Inglaterra — A camara dos commons rejeita por 201 votos contra 167 a proposta em que os operarios mineiros pediam que o dia de trabalho fosse de 8 horas. — **Persia** — O Schah auctorisa o governo russo a estabelecer na Persia seis succursaes do banco imperial. — **França** — Bate-se novamente em duello ao florete Max-Régis com Cerault-Richard, redactor principal da *Petite République*,

ficando o primeiro ligeiramente ferido n'um dos pulsos.

14 França — Dá-se uma terrivel explosão na fabrica de explosivos de Moulineaux, matando 15 pessoas e ferindo mais de 20. — **Allemanha** — Desencadeia-se sobre Berlim uma terrivel tempestade acompanhada de um violentissimo furacão.

15 Russia — Um grande incendio destroe parte dos estaleiros de marinha na ilha da Palera. As chammas atravessam o rio Neva e reduzem a cinzas varios armazens militares. Os prejuizos são avaliados em 10 milhões de rublos. — **França** — A commissão do orçamento decide por 16 votos contra 15 substituir no orçamento de 1902 por um imposto sobre o rendimento, as quatro principaes contribuições directas. — Produz-se uma enorme explosão na fabrica de munições para caça, de Gevelat, em Yssy, ficando 188 operarios mortos e 18 feridos, na maior parte mulheres.

16 Allemanha — E' inaugurado em Berlim o monumento do principe Bismarck, em presenca do imperador Guilherme, da imperatriz, ministros e corpo diplomatico.

17 Portugal — Declaram-se em grêve os estalajadeiros de Lisboa em consequencia de não serem attendidos na representação entregue ao governo contra o § 1.º do artigo 10.º do decreto de setembro de 1900 sobre obrigações hygienicas das estalagens. — **America do Sul** — Constitue-se no Rio de Janeiro o syndicato allemão com o capital de 25 milhões de marcos para o desenvolvimento da colonisação nos estados do Rio Grande, S. Paulo e Minas Geraes, e para iniciar a construcção de um caminho de ferro que deverá alargar e tornar mais facéis as communicações entre aquellos tres estados e o Rio de Janeiro. — **Canada** — Declaram-se em grêve 3:000 operarios do *Canadian Pacific Railway*, reclamando augmento de salario.

18 Hespanha — O ministro dos estrangeiros desmente que exista qualquer nota ou reclamação entre a Inglaterra e Hespanha acerca de Gibraltar. — **Republica Argentina** — O senado argentino approva sem modificações o projecto de lei da unificação das dividas publicas.

19 França — Celebra-se em Paris a primeira reunião da Associação das mulheres a favor da paz geral e desarmamento dos exercitos europeus. — **Carolinas** — Um grande incendio destroe o bairro do Commercio em Greenwille. — **Allemanha** — O escriptor dr. Wagner é ferido mortalmente n'um duello com o director de um periodico anti-semita.

20 Portugal — Partida de Suas Magestades a bordo do cruzador *D. Carlos* para a Madeira e Açores. — **França** — A commissão do orçamento de 1902 depois de ter ouvido o ministro da fazenda, annulla a precedente votação e mantem as quatro contribuições directas, que haviam sido substituidas pelo imposto de rendimento.

23 Hespanha — Celebra-se em Madrid um *meeting* anti-clerical, organizado por elemen-

tos republicanos e fazem-se manifestações nas principaes ruas de Madrid. — *França* — Reune sob a presidencia do sr. Bourgeois o congresso do partido radical, o qual approva uma moção convidando o governo a demittir antes das eleições legislativas de 1902 todos os funcionarios publicos que fôrem clericaes inimigos da republica. — *Estados Unidos* — Uma terrivel explosão na fabrica de fogos de artifício de Patherson mata 15 pessoas e causa numerosos ferimentos.

24 Virginia — Em consequencia da ruptura de um dique em Raonok, uma violenta inundação destroe grande numero de predios em varias localidades, entre as quaes Keystone, Elktone e Vivian, tendo feito 500 victimas em Pocahontas. — *Canadá* — Declaram-se em grêve as associações dos operarios cigarreiros de Montreal, tornando-se solidarios com as da linha ferrea *Canadian Pacific*, tambem em grêve. — *Filippinas* — O general Cailles, successor de Aguinaldo, submete-se em Laguna ao general americano Lamur. Em vista d'este facto considera-se virtualmente concluida a insurreiçao.

25 Estados Unidos — O chanceller allemão em Washington notifica aos representantes americanos em Berlim que a Allemanha reconhece a importancia da doutrina de Monroe e que se não opporá á construcção do canal de Nicaragua. — *França* — O Alto Tribunal condemna o conde Lur-Saluces a ser banido do territorio francez por cinco annos levando em conta as circumstancias attenuantes apresentadas. A condemnação foi pronunciada por 72 votos contra 22, tendo havido 58 abstenções. — *Australia* — A assembléa legislativa de Melbourne vota a expulsão do deputado Findley, editor do *Jornal dos Trabalhadores* por ter publicado um artigo diffamatorio contra o rei Eduardo VII, o ministro da fazenda e obras publicas e contra a memoria da rainha Victoria.

26 Inglaterra — A camara dos commons rejeita por 206 votos contra 148 a emenda que isenta de direitos aduaneiros o carvão, cuja compra fosse contractada antes da apresentação do orçamento. — *Estados-Unidos* — Na via ferrea de Wabash, em Indianopolis, precipita-se de uma ponte, que as aguas arrebataram, um comboio de passageiros, morrendo 16 immigrantes italianos e ficando feridos 50 passageiros. — Um enorme incendio destroe os armazens nacionaes de Jersey, ardendo o vapor *Jupiter*. — *Hespanha* — Em Madrid e nas Asturias, agrava-se a questão religiosa, partindo as provocações dos elementos clericaes e fanaticos, e havendo desordens em varios templos. — *Coréa* — Rebenta uma insurreiçao. Muitos missionarios são mortos pelos insurrectos. — *Chili* — E' eleito presidente da Republica chilena o sr. Biesco.

27 Allemanha — O panico financeiro excita a multidão que invade o banco de Dresden, reclamando os depositos; o banco declara que reembolsará immediatamente os depositos a longo praso. — *Italia* — Rebentam grêves em Genova, Ferrara e outras cidades. — *França*

— Effectua-se ás 3 horas da manhã a partida dos automoveis que disputam a corrida entre Paris e Berlim. — *Portugal* — Realisa-se a assembléa geral da Camara do Commercio e Industria para lhe ser presente a demissão do conselho director, propondo a liquidação da mesma Camara por falta de recursos para cumprir os deveres sociaes.

28 França — Em consequencia dos incidentes occorridos nas sessões do Alto Tribunal, motivados pelo processo Lur-Saluces, batem-se em duello á pistola os senadores Aucoin e Leprevost, trocando-se duas balas sem consequencias. — *Inglaterra* — E' definitivamente assegurada a construcção de um caminho de ferro electrico que atravessará o sub-solo de Londres. Os trabalhos durarão sete annos e custarão 600 mil libras e o percurso será de 71 $\frac{1}{2}$ milhas. — *Chili* — Produzem-se graves desordens em Concepcion e em Autofagasta por occasião da eleição presidencial. A policia de Autofagasta dissolve a manifestação a tiro, resultando tres mortes e muitos ferimentos. O povo tentou lynchar o chefe de policia que foi internado na prisão. — *Hollanda* — Concluem-se em Amsterdam as eleições de desempate para os estados geraes. — O gabinete liberal dá a sua demissão depois de conhecidos os resultados definitivos das eleições. — *Russia* — Manifesta-se um violento incendio em Tzasitzyn, causando numerosas victimas. Os prejuizos são avaliados em cinco milhões de rublos.

JULHO 1 — *Portugal* — Entra em vigor o novo imposto sobre o consumo da cerveja. — *Estados-Unidos* — Declaram-se em grêve 20:000 operarios da companhia americana de aço em laminas, de Pittsburgh. — *Italia* — Realisa-se em Roma um *meeting* socialista para protestar contra os successos de Ferrara a que assistiu numerosa multidão. Os deputados Ferry, Costa e Ciacotti, organisam uma *quête* para soccorrer as familias dos operarios mortos. — *Inglaterra* — Realisa-se em Londres um comicio a favor da paz entre a Inglaterra e o Transwaal. Os oradores não conseguiram falar, sendo maltratados por muitas pessoas que se oppunham a que se proferissem discursos. — *Estados-Unidos* — Morrem 280 pessoas pelo excessivo calor, havendo numerosos casos de loucura e suicidios.

2 Hespanha — Constitue-se definitivamente o congresso, sendo reeleito presidente por 160 votos o Marquez Vega d'Armijo. — *Portugal* — Declara-se grêve no Porto motivada pela crise algodoeira. — *Estados-Unidos* — Fôrma-se um novo syndicato de açambarcamento, um novo *trust*, com o capital de 30 milhões de dollars para a exploração de minas de chumbo nos districtos do sueste do Missouri.

3 Republica Argentina — Os estudantes de Buenos-Ayres fazem uma ruidosa manifestação contra o projecto da unificação das dividas argentinas, apedrejando as impressas de dois jornaes favoraveis ao projecto. — *França* — O senado approva sem debate o credito suplementar de 80 milhões de francos para a expedição militar da China.

4 *Republica Argenttna*.—O governo argentino pede ao parlamento que vote o estado de sitio por seis mezes. O ministro da fazenda pede a sua demissão. — *Russia* — A sociedade anonyma para a seccagem dos pantanos em Cassel, declara-se fallida. O director geral desaparece e foi preso o presidente do conselho de administração. — *Africa* — Os tribunaes de Tunis condemnna a 10 annos de trabalhos forçados o cheik de Rabak por falso testemunho n'um processo de assassinio. — *Roumania* — O senado approva o projecto de adiantamento ao governo de quinze milhões de francos concedido pelo Banco Nacional.

5 *França* — A camara dos deputados approva o projecto de lei das contribuições directas. — *Hespanha* — O presidente do congresso, marquez de Vega d'Armijo, pede a demissão por escripto, a qual não é admittida por 201 votos. — *Allemanha* — O sr. Schæffer, membro do conselho de administração do Leipziger-Bank, suicida-se a tiros de revólver. — *Russia* — Em consequencia da quebra do Banco Commercial de Kharkoff, cujo deficit é avaliado em 5 milhões de rublos, suspende pagamentos o Banco Commercial de Jekaterinowslaw, com o passivo de 1 milhão e 250 mil rublos.

6 *Filippinas* — O general filippino Belarmino submete-se aos americanos com cêrca de 1:000 homens.

7 *Allemanha* — O imperador recusa-se a sancionar a eleição de Gustavo Kaufman para novo burgomestre de Berlim. — *Italia* — E' encontrado em Spezzia o retrato de Filippe v pintado por Velasques. — *Estados-Unidos* — O millionaire Rogers de Patterson lega quasi toda a sua fortuna, cêrca de 33 milhões de dollars, ao museu de arte de New-York.

8 *Inglatterra* — A camara dos lords discute as modificações feitas pela commissão á formula de declaração d'accessão ao throno. O marquez de Salisbury defende as modificações dizendo que a maioria do paiz é favoravel á declaração e assegurando que o throno tem reis protestantes. — O visconde de Cranbone, secretario particular do ministerio dos negocios estrangeiros, declara á camara dos Communs que o governo não está decidido a fazer á França a cessão da Gambia ou qualquer outra em troca dos seus direitos sobre a Terra Nova. — *Italia* — Os socialistas celebram *meetings* em Turin, Milão e Napoles afim de protestar contra o procedimento das auctoridade nos casos de Ferrara. — *França* — Max Regis é eleito conselheiro geral da Argelia.

9 *Allemanha* — A policia de Leipzig detem o consul da Austria e o presidente da administração do Banco de Leipzig, de regresso de New-York. — *Haiti* — Um violento ciclone que durou tres dias, causou muitos estragos e numerosos naufragios. — *Inglatterra* — Um incendio destroe grande parte da exposição nacional em Glasgow do que resultou perdas consideraveis. — *França* — Batem-se em duello ao florete os conselheiros municipaes Cally e Evain, tendo ficado o primeiro ligeiramente

ferido no ante-braço direito. — *Hespanha* — O congresso recebe nova communicação do marquez Vega d'Armijo renunciando a presidencia. A camara aceita-a, votando uma mensagem de sentimento por aquella deliberação do marquez.

10 *Hespanha* — Reproduzem-se em Sevilha os disturbios dos operarios metallurgicos em greve, apedrejando as fabricas e casas dos fabricantes. As auctoridades declaram a cidade em estado de sitio. — O governo ordena ao Banco de Hespanha que suspenda em absoluto a aquisição de papel estrangeiro. — *França* — O congresso dos mineiros, com a assistencia das corporações de operarios, consigna o perfeito accordo de todos os trabalhadores a respeito da utilidade e dos resultados da greve geral dos mineiros. — Declaram-se em greve os operarios do porto de Rochefort.

11 *China* — A imperatriz ordena aos representantes da China no estrangeiro que organisem listas de chinezes, residentes nos diversos paizes, que se distingam n'alguma profissão. Parece que o fim da imperatriz é chamar esses chinezes ao seu paiz para lhes confiar cargos officiaes. — *America do Sul* — O sr. Seru, deputado da republica Argentina, é nomeado ministro de instrucção publica, da justiça e da agricultura.

12 *Russia* — Recrudescem em Pisttburg a greve dos operarios. Os patrões negam-se resolutamente a aceitar determinadas reclamações dos trabalhadores. — *Inglatterra* — Manifesta-se um violento incendio nas docas de West-India, causando estragos avaliados em 250.000 libras esterlinas.

13 *Inglatterra* — Reunem-se em Dublin 15.000 anti-catholicos para protestar contra a politica de Balfour por ter favorecido a influencia dos catholicos nas universidades da Irlanda.

14 *Portugal*. — Regressam da sua viagem ás Ilhas dos Açores Suas Magestades El-rei D. Carlos e a rainha D. Amelia. — *França* — Realisa-se em Paris a experiencia official do balão dirigivel do sr. Santos Dumont perante a commissão do «Aero-Club».

15 *Hespanha* — O sr. Moret é eleito presidente do Congresso. — O ministro das obras publicas ficou encarregado interinamente da pasta do reino. — *China* — O rio lang-Tsé sae fóra de seu leito perto de Hang-Koc, afogando-se centenares de pessoas. — *Austria*. — E' inaugurado o monumento da imperatriz Isabel assistindo á cerimonia o imperador Francisco José e a familia imperial.

16 *Russia* — O antigo ministro Gozenykin emprehende uma energica campanha a favor do estabelecimento do regimen constitucional na Russia, campanha apoiada pela maioria do elemento liberal. O czar mostra-se resolutamente contrario ao novo movimento da opinião. — *França* — E' assignado um tratado entre Marrocos e a França. — *America do Norte* — Declaram-se em greve 700 fogueiros na região de Wikesbarfe, Pensylvania. Em consequencia da ordem dada pelo presidente

da associação dos fogueiros para se declarar a greve, estão sem trabalho 120.000 operarios metallurgistas. — *Italia* — Declaram-se em greve os empregados do caminho de ferro em Cardema. — *Africa* — Max Regis é ferido com uma facada na nuca na occasião que se dirigia para o Casino de Oran, rebentando por essa occasião uma grande desordem sendo presas umas 100 pessoas. — *França* — O ministro das obras publicas, sr. Baudin é victima de um attentado de assassinato, tendo-lhe sido disparado um tiro de revolver que não lhe acertou.

17 — *Austria* — Os operarios sem trabalho levantam barricadas nas ruas de Lamberg tendo de ser tomadas á viva força pelas tropas de infantaria e cavallaria resultando centenaes de mortos e feridos. — *Ingllaterra* — O conde de Rosebery declara n'um manifesto que jamais voltará voluntariamente á arena politica. — *Belgica* — A camara dos representantes approva por 71 votos contra 31 o projecto de lei que prorroga por 10 annos o praso da opção para annexação ou abandono do Estado do Congo.

18 *Republica Argentina* — E' nomeado ministro da agricultura o sr. Wenceslau Escalante. — *Ingllaterra* — A camara dos commons rejeita por 203 a moção relativa ao augmento dos impostos na Irlanda.

19 *America do Norte* — O governo dos Estados Unidos compra á Hespanha a doca fluctuante do porto da Havana. — *Ingllaterra* — A camara dos lords condemna lord Russel, como reu de bigamia, em trez mezes de prisão. — *China* — Os ministros das potencias approvam formalmente o pedido de indemnisação de 460 milhões de taéis a 4^o%. — A policia de Pekin é entregue ás auctoridades chinezas de-

vendo a evacuação da capital terminar antes de um mez. — Estão terminadas as negociações sobre a elevação dos direitos da alfandega.

20 *America do Norte* — Naufraga em Longisland o yacht *Vinitzia* propriedade do millionario Colburn morrendo afogados, este e duas suas filhas, bem como o capitão e todos os marinheiros. Só conseguiram salvar-se o irmão de Colburn, sua esposa e Spakle secretario do trust do aço.

22 *Hespanha* — E' nomeado ministro do interior o sr. Affonso Gonzalez. — *Allemanha* — Suicida-se o banqueiro Rawiez por causa das perdas que soffreu com a fallencia do Banco de Leipzig.

23 *Estados-Unidos* — E' critica a situação da região agricola por causa dos trigos, temendo-se uma perda muito avultada na colheita. — *Russia* — A Russia pede formalmente á Turquia auctorisação para estabelecer no golfo persico dois depositos de carvão.

24 *Italia* — Na provincia de Genova desencadea-se um violentissimo cyclone fazendo numerosas victimas. — *Allemanha* — São convidados os armeiros da artilharia allemã a reunirem em Spandau afim de examinarem o canhão de tiro nacional destinado a combater os globos aerostaticos. — *China* — Os rebeldes chinezes infligem uma grave derrota ás tropas russas e chinezas a noroeste da Madchuria. — *Austria* — E' assignado um convenio militar entre a Austria e a Roumania para em caso de guerra entre a Russia e a Austria, esta disputar a supremacia dos Balkans e apoiar as reclamações dos romaicos.

25 *Estados-Unidos* — E' declarado o livre cambio entre os Estados-Unidos, Cuba e Porto Rico.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e tradncções durante o mez de Julho

JUNHO — 28 VOLTA DA INDIA, pantomima original do sr. Augusto de Mello, musica do sr. Philippe Duarte (Theatro do Infante).

JULHO — 4 DONA MECIA, opera portugueza original do sr. Oscar da Silva e libretto do

poeta e dramaturgo sr. Julio Dantas (Colyseu dos Recreios).

13 O BONECO, parodia á BONECA, pelo sr. Eduardo Fernandes, *Esculapio*, com musica do sr. Dias da Costa (Th. da Rua dos Condes).

NECROLOGIA

JUNHO 25 — DEVOYOD, em Moscow, barytono celebre, morreu em scena no theatro Ermitage na occasião em que recebia os applausos do publico

26 — ADOLPHO GRENO, 46 annos, em Lisboa, pintor, assassinado por sua mulher.

JULHO — 6 PRINCEPE DE HOHENLOHE, 82 annos, em Ragatz, ex-chancellor do imperio germanico.

10 Principe Galitzin, em New York, morre em extrema miseria.

12 ERRAGUREZ, em Buenos Ayres, ministro da justiça da republica Argentina.

18 TOM LANE em Londres, celebre jockey, victima de uma congestão pulmonar.

21 MADAME KRUGER, esposa de Paulo Kruger, presidente da Republica do Transwaal.





MOMENTOS DE DUVIDA

ELLA — *Porque motivo não veio «elle» ainda ?...*

Resoluções dos problemas do numero anterior

N.º 6 — A viagem durou 18 dias e percorreu em cada dia 35 kilometros.

N.º 7 — *Xadrez* — Tendo sahido errada a composição do problema de xadrez do numero anterior, do que pedimos desculpa aos leitores, damos agora a collocação das peças e a solução respectiva:

PROBLEMA.—PRETOS, 4 peças (em cima)—P. 2 C. R.—P. 3 B. R.—R. 4 R.—P. 6 B. R.—BRANCOS, 6 peças (em baixo)—P. 2 R.—T. 2 B. R.—P. 3 C. R.—B. 4 R.—P. 5 Ra.—P. 5 Ra.—R. 5 B. Ra.—Os Brancos jogam e dão mate em 4 lanços.

RESOLUÇÃO.—1. B 2 B Ra 1. P 3 C R.
2. T 5 B R 2. P. come P.
3. P 3 R. 3. P joga
4. P come P xeque e mate.

PROBLEMA

Num. 8

Uma dama entrega ao seu joalheiro 18 brilhantes para montar n'uma cruz latina, de maneira que, partindo do pé da cruz e contando de baixo para cima, assim como do pé

da cruz para cada braço transversal se conte sempre 10 brilhantes. O joalheiro resolve-lhe o problema, mas accrescenta que poderá satisfazer-lhe o mesmo desejo com 16 brilhantes, ficando assim para a dama 2 que montará em brincos, o que é mais vantajoso para a dama e para elle, que tem mais obra a fazer. Como se dispõem os brilhantes nas duas hypotheses ?

Num. 9

Um lojista que vende café possui 8 qualidades distintas de que quer fazer misturas para venda, entrando em cada uma tres d'aquellas qualidades. Quantas misturas diferentes poderá elle fazer ?

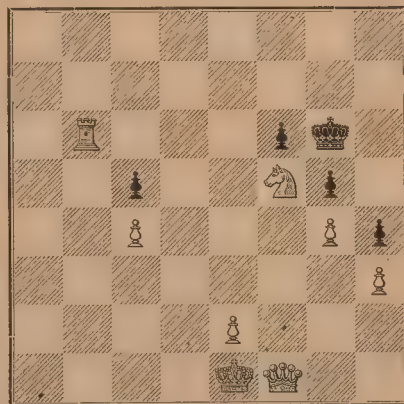
Num. 10

Um regimento, forma em quadrado, de 4 filas de homens, ficando o centro livre. Se o regimento tivesse menos 23 soldados, poder-se hia formar com os restantes um quadrado cheio, tal que o numero de soldados por cada lado fosse igual aos $\frac{1}{11}$, menos 1 soldado, do numero de homens que formavam o lado do primeiro quadrado. Quantos soldados tem o regimento ?

PROBLEMA DE XADREZ

Num. 11

PRETOS (5 peças)



BRANCOS (8 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em tres lanços

METEOROLOGIA

OBSERVATORIO DO INFANTE D. LUIZ

Mez de Julho	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millímetros		Grãos	
	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901
1	765,5	766,6	22,5	19,4	25,6	24,5	16,8	14,6	0,0	0,0	5,7	4,8
2	763,5	759,8	22,5	16,8	24,7	22,7	16,5	14,8	0,0	0,0	7,0	7,0
3	766,1	761,8	18,6	18,0	21,5	21,4	15,9	14,1	—	0,0	7,5	7,3
4	767,7	764,1	20,4	20,0	24,9	24,4	14,9	15,2	—	0,0	5,2	4,5
5	767,7	763,3	22,8	23,8	29,8	30,2	18,7	17,5	0,0	—	4,0	5,2
6	766,8	761,4	25,9	28,1	33,5	31,5	21,0	20,0	0,0	0,0	3,5	5,5
7	763,5	759,0	28,6	22,0	34,6	26,7	23,0	16,3	0,0	0,0	3,0	3,0
8	761,9	760,2	25,5	21,0	32,0	25,2	22,3	16,7	0,0	0,0	2,5	6,8
9	762,0	762,0	25,0	20,7	30,8	23,6	22,8	16,7	0,0	0,0	0,8	5,0
10	761,7	763,3	25,5	17,5	29,4	20,9	18,9	16,6	0,0	0,0	0,7	8,0
11	761,2	763,1	21,3	19,4	22,5	25,4	19,0	16,4	0,0	0,0	2,8	7,5
12	761,1	763,0	21,1	21,1	24,6	26,1	17,5	16,4	0,0	0,0	4,7	7,7
13	762,8	761,7	22,4	18,9	26,2	25,1	17,5	15,7	0,0	0,0	3,8	6,0
14	763,8	760,8	21,8	21,3	26,2	28,2	17,5	16,9	0,0	0,0	6,7	8,0
15	761,3	761,7	23,0	22,0	28,7	27,9	17,9	17,3	0,0	0,0	4,3	6,8
16	760,2	763,2	21,0	22,9	28,0	31,3	19,0	16,8	0,0	0,0	6,7	6,2
17	762,5	763,1	26,4	25,2	32,2	35,4	19,6	19,0	0,0	0,0	4,0	5,0
18	764,1	762,4	22,0	26,8	25,0	34,7	19,6	21,2	0,0	0,0	5,5	3,5
19	764,2	761,4	22,6	29,1	27,3	35,9	18,8	22,6	0,0	0,0	6,3	1,8
20	764,5	760,0	22,7	29,8	28,8	34,6	18,0	25,0	0,0	0,0	7,8	2,0
21	765,9	761,6	23,3	29,3	28,3	36,5	18,4	23,1	0,0	0,0	5,5	0,5
22	765,4	763,5	22,2	23,7	29,3	28,3	19,1	17,5	0,0	0,0	7,7	7,5
23	762,1	760,6	23,8	22,6	27,4	29,3	18,4	16,5	0,0	0,0	5,5	3,5
24	760,6	759,4	21,3	24,6	28,0	26,8	17,9	16,8	0,0	0,0	4,0	3,2
25	762,0	760,3	22,8	20,5	27,5	24,9	17,9	15,4	0,0	0,0	6,0	2,5
26	763,7	760,9	21,3	26,6	27,2	25,7	18,8	15,0	0,0	0,0	5,5	4,8
27	762,2	762,1	22,4	19,0	27,5	22,3	18,2	15,8	0,0	0,0	5,5	3,8
28	760,5	762,6	21,7	16,2	26,1	20,9	17,3	15,1	0,0	0,0	7,7	8,0
29	762,5	763,0	22,2	19,4	26,4	22,2	17,2	16,1	0,0	0,0	5,5	7,0
30	764,3	764,8	23,8	24,4	28,5	27,5	18,7	17,4	0,0	0,0	6,3	7,0
31	762,7	764,3	25,6	24,2	32,2	30,6	20,2	20,4	0,0	0,0	5,5	1,2



SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

AS VINDIMAS. — O SULTÃO DA
TURQUIA. — A ULTIMA VEZ QUE O
VI... — EM MEMORIA. — DE LISBOA A
MOÇAMBIQUE. — FREI LUIS DE SOU-
SA. — OS MARTYRES — O QUE DIZEM
AS ONDAS. — UM DRAMA SUBMARINO. —
FALANDO ATRAVEZ DA TERRA. — NO AL-
TAR DO TEMPO. — O CABAZ DE PECEGOS.
— MODAS. — VARIEDADES.

VOL. I

SETEMEIRO — 1901

NUM. 6

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag.
Los Borrachos. — <i>Quadro de VELASQUEZ (SEculo XVII)</i>	322
AS VINDIMAS. — <i>Com 7 gravuras, reproducções de quadros, copia de photographias.</i>	323
O SULTÃO DA TURQUIA. — <i>Com 5 gravuras, segundo photographias</i>	330
O Cruzador «S. Gabriel». — <i>Gravura, copia de photographia</i>	335
Antonio Ennes. — <i>Retrato, gravura, segundo uma photographia</i>	336
A ULTIMA VEZ QUE O VI... — <i>Por JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO</i>	337
EM MEMORIA. — <i>Com 2 retratos de ANTONIO ENNES</i>	339
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por ANTONIO ENNES. — Capitulo VI. — As CABACEIRAS, O MOSSURIL. — (Continuação). — Com 2 gravuras, reproducções de photographia</i>	342
FREI LUIS DE SOUSA. — <i>Por SOUSA VITERBO. — Com 1 gravura, reproducção de um quadro de MIGUEL ANGELO LUPI</i>	347
O Cruzador «S. Raphael». — <i>Gravura, copia de photographia</i>	350
OS MARTYRES. — <i>EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECiano. — Por T. LINO D'ASSUMPÇÃO. — Capitulo I. — A MANHÃ DE SEXTA FEIRA DA PAIXÃO. — Com 2 illustrações</i>	351
O QUE DIZEM AS ONDAS. — <i>Valsa, por IZABEL DE CAMPOS PIDWELL</i>	356
UM DRAMA SUBMARINO. — <i>Com 5 gravuras</i>	360
A PALAVRA TRANSMITTIDA ATRAVEZ DA TERRA. — <i>Com 3 gravuras, copia de photographias</i>	368
NO ALTAR DO TEMPO. — <i>Com 4 illustrações</i>	371
O CABAZ DE PECEGOS. — <i>MYSTERIOS DA HISTORIA. — Com 5 illustrações</i>	375
Em Ostende. — <i>Gravura, reproducção de um quadro de ACHENBACH</i>	382
MODAS. — <i>Com 2 illustrações</i>	383
VARIEDADES. — <i>MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — OS MOSQUITOS. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PROBLEMAS. — Com 8 gravuras</i>	XLI

51 GRAVURAS

Com o numero seguinte serão distribuidos o frontespicio e o indice do primeiro volume findo com este sexto numero.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de	3 numeros	600
	6 numeros	1\$200
	12 numeros	2\$200

remettendo á administração dos SERÕES, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia directamente ou por intermedio dos correspondentes da empresa.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

M. GOMES LIVREIRO-EDITOR

LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas

Lisboa—61, Rua Garrett (Chiado), 61—Lisboa

EXTRACTO DO CATALOGO GERAL

OS LIVROS ILLUSTRADOS

PARA AS CREENÇAS, ATÉ AOS 12 ANNOS

GI

A FADA TENTADORA—Br., 700; enc. 900

ATÉ AOS 18 ANNOS

CONDES DE SABUGOSA E ARNOSO

DE BRAÇO DADO—*Contos*, br. 800;
encad., réis. 1\$000

FERNANDO CALDEIRA—*A MADRUGADA*, comedia, br., 800; enc., 1\$000

ALBERTO BRAGA

CONTOS ESCOLHIDOS—Br., 800; enc. 1\$000

AYORA

CONTOS AZUES—Br., 700; enc. 900

CONDE DE BERTIANDOS

LENDAS—*Contos*, 1 vol. br., 600; en-
cad., réis. 800

GUILHERME GAMA

PROSAS SIMPLES—Br., 800; enc. . . 1\$000

BIBLIOTHECA MILITAR ILLUSTRADA

FERNANDES COSTA

MEMORIAS DE UM AJUDANTE DE CAMPO

*Chronica pittoresca
da terceira invasão franceza*

2 volumes broch., 1\$500; encad., réis, 2\$000

CAP. GOMES DA COSTA

GAZA—1897-1898—1 v. br., 600; enc. 900

AYRES DE ORNELLAS—H. COUCEIRO E. COSTA

MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

*A campanha das tropas portuguezas
em Africa e Inhambane*

1 vol. com 2 mappas, br., 600; encad., 900

BENTO DA FRANÇA

TROPHEUS—1 vol. br., 600; enc. 800

DIVERSOS

SOROR MARIANNA—*CARTAS DE AMOR*—1 vol., edição miniatura, br., 500; enc., 700 réis

FIALHO D'ALMEIDA

O PAIZ DAS UVAS—*Contos*, 1 vol., br.,
1\$000; encad., réis 18300

CARLOS FARIA

UM CONTO DE REIS—1 vol. br., 600;
encad., réis. 800

VISCONDE DE CONDEIXA

O MOSTEIRO DA BATALHA—*Explendida edição in-folio com muitas photogravuras—*
1 grosso vol., em logar de 13\$500, 9\$000 réis

JOSÉ PAMPILHO

TOIREIROS E TOIRADAS—*Com prefacio de* | *AFICIONADOS E GANADEIROS—Perfis e cri-*
TRINDADE COELHO. | *ticas.*

Cada volume brochado, 500; encadernado, 700 réis

LIVRARIA DE M. GOMES—CHIADO 61, LISBOA

Carlos Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

MOTORES A GAZ

CROSSLEY

MACHINAS A VAPOR

MATERIAES

PARA

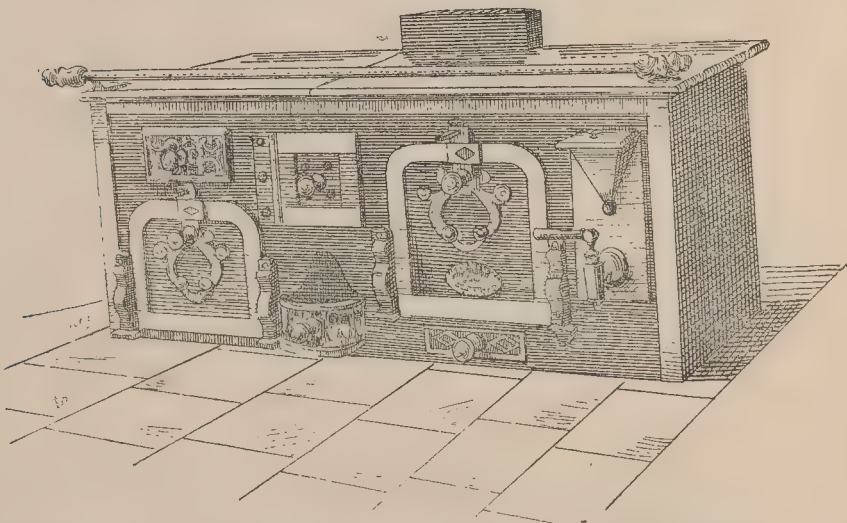
TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

Tintas de imprensa de CH. LORILLEUX & C.^{ie}

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE MANUEL PATRONE

Executam-se todos os trabalhos de serralheria civil e mechanica, montagem de aparelhos para gaz acetylene e outros e de electricidade

ESPECIALIDADE EM FOGÕES CIRCULARES E FOGAREIROS ECONOMICOS



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

J. J. RIBEIRO & C.^A

222, Rua Aurea, 226

LISBOA

Instrumentos de optica
e cirurgia
topographia, astronomia
etc.



Instrumentos de optica
e cirurgia
topographia, astronomia
etc.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia

KODAKS DA COMPANHIA EASTMAN, DESDE 1\$600 A 80\$000 REIS

CHAPAS E PAPEIS SENSIVEIS DE VARIOS FABRICANTES

(Ilford, Lumière, Wellington, Mercôr, Jougla, Paget, Imperial, etc.)

OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES

Productos chimicos especiaes para photographia, de fabrico inglez, francez e allemão

GRANDE VARIEDADE EM CARTÕES PARA PHOTOGRAPHIA

Obturadores, prensas,apparelhos de ampliação, tinas; emfim, todo o material
necessario ás manipulações photographicas

PINHEIRO & SOBRINHO

ALFAYATERIA

Rua de S. Julião, 83 a 87

GRANDE SORTIDO

DE

FAZENDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

CONFECCOES PARA HOMENS E CRIANÇAS

*Encarregam-se de todos os trabalhos do seu genero
garantindo a sua perfeição*

**Rua de S. Julião, 83 a 87
LISBOA**

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.

Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.

Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.

Cachimbo d'ambar, espuma e raiz.

Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.

Boquilhas hygienicas Marques, com deposito
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

Obras litterarias e romanticas

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1874

ESPECIALIDADE

EM

TECIDOS ESTRANGEIROS



Sempre ultimos modelos

VESTIDOS, CONFECCOES E CHAPEUS

Rua do Ouro, 285 a 293

LISBOA

PITTA, CAMISEIRO

ENXOVAES COMPLETOS

**Artigos de novidade
para homem**

**195, RUA AUGUSTA, 197
LISBOA**

A PHENIX

RUA DO PRINCEPE

Edificio do Avenida Palace

LISBOA

TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Variado sortimento de objectos para brindes

PERFUMARIAS

ARTIGOS PARA FUMADORES



LOS BORRACHOS — QUADRO DE VELÁZQUEZ (SÉCULO XVII)



AS VINDIMAS, SYMBOLO DO OUTONO — QUADRO DE LANCRET (SECULO XVIII)

AS VINDIMAS

Como todos os trabalhos do campo, acompanhando a evolução natural das estações, caracterizando os aspectos da natureza, as vindimas forneceram em todas as épocas thema á arte na symbolisação decorativa, como aquellas proprias transformações naturaes haviam creado os mythos na ingenua observação admirativa e imaginosa da consciencia humana primitiva. Depois de Ceres, symbolo da terra prodiga, attribuindo-se a significação da abundancia nas espigas louras dos trigaes, vem Baccho, o deus que ensinou o cultivo da cepa e a preparação do vinho, trazer a alegria, o conforto, a que a superior philosophia de Christo veio dar finalmente a suprema significação na confraternidade da ceia, onde todos se egualam.

QUAL de nós não olhou, em annos verdes, com um respeito quasi religioso, entrelaçado de intuições artisticas filhas de atavismos inconscientes, para uma dorna carregada de cachos, transportada pachorrentamente sobre o archaico e pesado carro de bois, a caminho da adega? Vêr esses cachos, já um tanto pisados, accumulados, em começo de fermentação, sem esses tons frescos de quando estavam na cepa, era ter a visão deliciosa de toda essa labuta campestre da vindima; — mulheres curvadas e cantarolando ao passo

que, com a faca recurva, vão separando os cachos da cepa; o sol queimando como um sinapismo immenso as costas das vindimadeiras; os cestos atulhados dos cachos transportados para os carros de bois; a azafama das mulheres afogucadas de calor, espreitando qualquer distracção do amo, olheiro ou capataz para darem um pouco de tregua ás suas energias; a chiadeira dos carros quando ao pôr do sol, finda a lida quotidiana, levam para as adegas, as dornas carregadas com a colheita feita de sol a sol...

A' parte modificações accidentaes, introduzidas pela industria moderna, assim se faz este anno, assim se fez no anno passado, no outro anterior, até ha milhares de annos que se teem sumido no abysmo dos tempos. Só o que differe é o *espírito* ou a *intuição* d'essa festa do trabalho. No Egypto, as pinturas tumulares representam a vindima como se fazia ha tres, ha quatro mil annos. A vinha attingia proporções arborescentes—como entre nós, no norte, onde alcança dez, quinze, vinte metros; mas qual a idéa que presidia a essa labuta, desconhecemo-la. Não succedia assim entre os gregos e os romanos. A divindade presidia a esse ramo da actividade humana. Lá dos confins da India viera Baccho, filho de Jupiter, com o sua descoberta da arte da vinha, ensinal-a aos homens. Que cumpria fazer, em agradecimento? Honrar esse deus; razão por que nos monumentos mais antigos, nos vasos e amphoras cujas formas se teem eternizado, se representava o deus Baccho, offerecendo um cacho a *Ampelus* (d'ahi a *ampelographia* parte da sciencia que trata das vinhas), com

sylvanos, os faunos e toda essa tropa de adoradores da famosa *pinga* que era para elles, como sempre o tem sido, a saude, a força, a alegria! Horacio, poeta ainda admirado e difficilmente igualado, celebra nas suas melhores odes, sem comtudo fazer a apologia da bebedeira, a satisfação que o vinho póde trazer á alma dos homens. Seguramente que a elle deveu a inspiração e a graça dos seus mais bellos versos.

O christianismo, sem fazer desaparecer inteiramente muitos vestigios da orgia pagã, não proscreveu da sua arte a vindimação e a vinificação, mas deu-lhes interpretação sagrada. A vinha é a arvore da vida, os seus fructos symbolisam a resurreição; mas como os artistas não podiam libertar-se das formas pagãs, como viam o que quer que fosse de mysterioso na evolução do vinho, por tal forma davam largas á sua imaginação ainda dominada por atavismos inconscientes que ainda hoje, em presença de certos santuarios antigos—Santa Constança, em Roma, por exemplo—hesitamos: é um templo christão ou um templo de Baccho? A forma é ainda pagã, mas a intuição é christã: glorifica-se o mais precioso dom do Senhor.

E' nessa corrente que se inspiram os monges dos primeiros seculos christãos: foram elles que nas encostas da Borgonha e do Rhodano plantaram vinhedos e edificaram adegas; foram os monges militares que nos territorios portuguezes, conquistados successivamente aos moiros ensaiaram a cultura da vinha, valorisando regiões até então absolutamente inculcas. Nas adegas da Borgonha viam-se inscripções em que os monges recomendavam que se rendessem *boas graças* ao Senhor por nos dar o vinho.

Dois *frescos* celebres da idade-media, pintados por Gozzoli, — *Vindimas de Noé* — traduzem perfeitamente o duplo character sagrado



BACCHO E ARIADNA - QUADRO DE TICIANO (SEculo XVI)

a sua côrte de bacchantes, umas com um grão na aza, outras embriagadas até ao phrenesi, dançando em honra de Baccho, gritando *Evohé! Evohé!*, não faltando os satyros, os

e profano da vinha. Aquelle patriarcha preside aos trabalhos da vindimação; não ha alli

vida, essa alegria que vai até á licença veem-se nos quadros de Ticiano, de Rubens, de



AS VINDIMAS EM TORRES VEDRAS

bacchanaes; e até n'um dos frescos se representa, como lição de moral, a scena humilhante de Noé, ante seus filhos, n'um profundo somno por ter abusado do vinho.

A santificação d'esse liquido precioso está bem symbolisada no mysterio eucharistico, symbolo que o povo ainda traduz na sua linguagem pittoresca, chamando ao vinho — *sangue de Christo*. Beber vinho é pois um bem, é praticar um preceito animado pelo symbolismo religioso. Simplesmente, os bons ou melhor os máus bebedores fazem ainda hoje, como o faria Noé: abusam, em detrimento da sua saúde e em prejuizo da propria dignidade...

Esse abuso da ingestão do precioso liquido está caracteristicamente traduzido pela *Renasença*, nem admira, que ella renovando, accomodada ao tempo, a arte antiga, não prescindiu da licenciosidade pagã. E' uma época de guerras, de disputas, de uma vida intensa, em que senhores e plebeus se entregam á bebida mas acompanhada de grossas orgias. Reapparece a antiga bacchanal; a pintura não cobre Noé com a capa de um dos filhos; pelo contrario, pinta a bebedeira em toda a sua nudez. Essa exuberancia da

Jordaens, de Nicolas Poussin, de Velasquez. Quem não conhece, por o ter visto no museu do Prado (Madrid) o celebre quadro *Los Borrachos*, de Velasquez? Expressão genial da symbolica pagã e da realidade da Renasença, essa admiravel pintura que foi paga por 100 ducados e hoje valerá milhões é a melhor resposta que se póde oppôr ao pretenciosismo dos que blasonam da superioridade do realismo no seculo XIX. Aquelle quadro tem uma lenda. Conta-se que um inglez foi, durante uns poucos de mezes, dia a dia, ao muscu para o admirar. Por tal forma se esquecia de tudo quanto o rodeava que tinha o guarda de vir convidal-o a sahir por ter soado a hora regulamentar. Lá voltava o inglez no dia immediato, a postar-se horas ininterruptas, deante do quadro, rindo, admirando-o, esquadrinhando-o, estudando-o até que o guarda repetia a scena da vespera. E assim durante mezes!

N'esse quadro, Baccho, semi-nu, corôa um dos seus fleis, de joelhos; um grupo de bebedores alegres compõem a cerimonia; um, então, de nariz esponjosamente vermelho, uma d'essas figuras reaes, de todos os tempos e de todos os logares, que vista uma vez

nunca mais se apaga da nossa memoria, dá a medida exacta do genio observador de Valasquez: é um typo, é a expressão do realismo na sua absoluta intensidade.

A *bacchanal* d'este quadro vai porém afas-

XVIII, os pintores, seguindo a evolução dos costumes, pintam os prazeres do vinho, não como manifestações de uma intemperança descambada na orgia, mas como uma expansão de alegria até certo ponto ingenua.

Nos quadros de Poussin, os attributos pagãos representam episodios já na agonia. Lancret, o artista das festas galantes, não pinta as suas *Vindimas* para representar orgias; e se representa os prazeres do vinho é para o glorificar. Os seus personagens não são grosseiros, são antes ideaes. Nem mesmo a Revolução franceza, expansão impetuosa das energias nacionaes, das paixões que tinham de vingar uma sequencia de uns poucos de seculos de absolutismo, quebrou a tradição do bom gosto, entregando-se de novo ás bacchanaes, ás orgias pagãs; ao contrario o culto do vinho foi evolucionando para o que quer que seja de serio, de soberano.

Os grandes artistas como Daubigny, Breton ou de Curzon não pintaram bacchanaes nem deboches mythologicos, e sim o povo fazendo as suas vindimas n'um espirito pratico de ordem, bem honrado, calculista, pensando já no maior rendimento do anno proximo. Os seus modelos, as suas personagens são reaes, até mesmo quando a forma é academica, tal como se vê nas *vindimas de Procida*, de Curzon. A mulher de attitudes nobres que, firmada na sua escada, está colhendo os cachos para cestas á cabeça de creanças, as quaes dir-se-iam *amores*, afigura-se-nos ali como a mais simples aldeã, no desempenho da sua função humilde.

A verdade é que a arte contemporanea exprime o culto serio e quasi religioso do povo pelo vinho. E' o *sangue de Christo*, mas alem d'isso rendoso. *Ao Rheno! Ao Rheno! ali crescem os nossos vinhedos!* diz a canção allemã.

Mas o vinho excita a coragem; é elle que leva o povo ao combate; soldados antes de se baterem bebem-no,



VINDIMADEIRA — QUADRO DE BLAAS (SEculo XIX)

para que lhes não falte a firmeza. Tal ha que irá bater-se como um leão, depois de um bom trago. Por isso o duque de Aumale, quando coronel do 17 d'infanteria, desfilando com o seu regimento deante do famoso *Closvougéot*, mandou apresentar armas, louvando assim a vinha e a coragem que ella insuffla nos valentes.

O vinho é suggestivo; exalta não só a co-

mais lindas tintas ás cousas que até então nos pareciam baças ou de linhas sombrias...

*Mas, em logar de sangue e furia tanta,
Derramemos n'esta alma o licor bello
Que do pampano brota e a vida encanta.*

O poeta é ainda o mesmo, o mestre impecavel das *Rimas*, e um dos versejadores mais originaes da nossa terra...



O MAIOR VINHEDO DO MUNDO — PROPRIEDADE DO SR. JOSÉ MARIA DOS SANTOS

ragem mas a mentalidade, afinando a imaginação e a invenção.

*D'este copo de vinho generoso
Dai-me que eu tire o alento que desejo,
Para que o novo canto sonoro,
Desfira na guitarra em doce arpejo;*

E' João Penha que em rimas exprime o estímulo que o vinho nos instilla, assim como o seu condão de nos deixar entrever o bello prisma da existencia, n'um copo do discreto sumo da uva:

*Sorri-nos a vida nos calices cheios
Dos roixos falernos das parras da Beira;*

Não é a bebedeira que o poeta canta: é esse estado delicioso a que uma gôta da bem trabalhada bebida, nos transporta, colorindo a realidade de visões deliciosas, dando as

Historicamente na pintura, as vindimas são na antiguidade uma festa bacchica, a divinição grosseira da bebedice; uma acção de graças ingenua nos Primitivos, uma orgia hilariante e mythologica interpretada nos artistas da Renascença, uma representação realista e solemne nos artistas do seculo XIX. Na actualidade constituem porém um thema para reflexões graves, desde que a Economia de algumas nações está dependente da maior ou menor exuberancia com que se manifestam os vinhedos. E' uma preocupação constante para os viticultores e para os estadistas, mormente em nações como a nossa, cuja principal receita provém d'esses lindos cachos que se ostentam nos pampanos, mais ou menos sujeitos a molestias de nomes latinos, mas de acção devastadora. Não dorme o viticultor pensando no modo de tratar a sua vinha para

a pôr ao abrigo do mal, recreando a inconstância do clima, outra contingencia que pode n'um momento desvalorisar as mais promettedoras colheitas, fazendo todos os sacrificios para dotar a viticultura com toda a *pharmaco-pea* especial aconselhada pela oenologia. Diz-se que a fallecida *Ferreirinha* da Regoa, levava tão longe os seus cuidados no tratamento das suas decantadas cepas que um dia proferira estas memoraveis palavras: *se fôr preciso tratar as minhas vinhas a caldos de gallinha, não me pouparei a despesas para o fazer.*

Por isso a *quinta do Vesuvio*, hoje na posse do seu filho, o sr. Antonio Bernardo Ferreira, replantada depois da invasão da phyloxera, retomou o seu logar proeminente n'esse ramo de cultura.

E' de facto a producção vinicola o nosso principal rendimento, estando ella calculada em media, em 5.500:000 hectolitros annuaes. Essa producção distribue-se por (13 regiões agricolas):—*Entre Douro e Minho, Traz-os-Montes, Douro, Beira littoral, Bairrada, Beira Alta, Dão, Beira Baixa, Extremadura, Bacia e littoral do Tejo, Alemtejo, Algarve, Aço-*

variedades que todos mais ou menos conhecem. Os vinhos finos ou superiores, *Porto e Madeira*, teem alta reputação no estrangeiro, consagrada por uns poucos de seculos de consumo, graças a processos inalteraveis de fabrico.

Se no norte são caracteristicas as quintas do *Vesuvio*, das *Carvalhas*, do *Rôriz* e outras, no sul destaca-se a immensa propriedade do sr. José Maria dos Santos,—o *Poceirão*, —vinhedo que não tem rival no mundo, com os seus 2.400 hectares de planicie, por onde se estendem e medram, graças aos cuidados do seu opulento possuidor 6.000.000 de cepas. A sua producção annual é de 20.000 pipas de vinho, o que representa, só á sua parte, a vigesima parte da colheita inteira de toda a região da *bacia e littoral do Tejo*. A par d'essa propriedade de extensão unica, figuram nobremente, tambem no sul, a *Quinta do Calvel*, do sr. Antonio Agostinho de Silva Henriques, com a sua producção annual de 300 pipas, a *Quinta do Charnixe*, do sr. Joaquim Gomes de Sousa Belfort, e outras.

Não constituiria este ramo de cultura um



AS VINDIMAS NO DOURO

res, Madeira. Descrever as variedades de cepa em cada uma d'estas regiões, levar-nos-ia longe. Os vinhos de pasto manifestam-se em

valor tão importante para o paiz se não fosse exportavel. Ora este commercio chegou a attingir numeros lisongeiros, mormente nòs

anos de 1884 a 1899, cuja média annual foi calculada em 700 a 800:000 hectolitros. D'ahi em diante nota-se uma depressão, causada não só pelo replantio em França dos vinhedos que o phyloxera devastara, como também pela concorrência dos vinhos hespanhoses, os quaes conseguiram entrar em muitos mercados e até no Brazil. Esta circumstancia e o facto de se ter alargado a cultura do vinho mais do que o consumo interno e externo produziram a *crise* que tanto preoccupa actualmente o paiz e tantos cuidados accumula sobre o governo que já começou a dar satisfação, em parte, aos votos da Real Associação Central d'Agricultura Portuguesa e dos diversos Syndicatos agricolas do paiz, reduzindo os direitos do *real d'agua*, estatuinto sobre a importação do alcool estrangeiro, fomentando a criação de adegas sociaes. Uma parte da opinião pronuncia-se no sentido de uma medida *pombalina*, a qual

permitta só a cultura da vinha *d'encosta*, e por tanto prohibitiva de novas plantações ou replantações em planicie, em terrenos apropriados á cultura cerealifera. D'aqui se vê como a questão dos vinhos é complexa, sendo difficil aos governos resolver-a ainda com a devida ponderação dos elementos multiplos ou factores que entram n'esse difficil problema.

E' um assumpto grave precisamente porque interessa todo o paiz, ameaçado na sua principal fonte de riqueza; de norte ao sul ha uma população immensa de grandes e pequenos viticultores, afóra a população que vive subsidiariamente do trabalho d'essa cultura

O vinho, a que muitos pedem a alegria e o bem estar que elle proporciona, é a final de contas um motivo de tristeza para os que se preoccupam com o futuro economico de Portugal...



A VIRGEM DO CACHO D'UVAS — QUADRO DE MIGNARD
(SEculo XVII)



O Sultão da Turquia

A recente irrupção na politica europea d'um novo conflicto diplomatico entre a França e a Turquia fez muito naturalmente convergir as atenções publicas para a situação do velho imperio ottomano e para a pessoa do seu soberano, cuja acção politica e character intimo são de molde a distingui-lo como chefe supremo e absoluto d'uma ainda grande e curiosa nação. No artigo que segue procura-se desenhá-lo em esboço a physionomia e a vida do actual sultão.

FALLANDO do sultão actual Abdul Hamid II, um dos mais distinctos estadistas ingleses, e dos mais eminentes politicos modernos, o fallecido lord Beaconsfield, disse d'elle, definindo-lhe o character em poucas palavras:—«Não é nem um tyranno, nem um dissoluto; não é hypocrita, nem corrupto.» Opinião concorde com a que recentemente emittiu o imperador d'Allemanha. Com effeito o sultão, exercendo effectivamente o poder absoluto, concentrando nas suas mãos n'um esforço de trabalho, que assombra, todo o governo do seu vasto e complicado imperio, creando no seu já longo reinado uma politica pessoal cuja bondade ou alcance n'este momento se não discute, não tem transformado em despotica tyrannia a sua vontade energica e inabalavel, nem tem deixado, sem resistencia propria ou desvelada attenção, alastrar a corrupção inherente á constituição do seu imperio e ás suas peculiares condições sociaes.

Assiduo excepcionalmente no trabalho, sobrio, regrado nos costumes, a vida do sultão contrasta notavelmente d'aquella que pudesse imaginar quem, fallando-se da Turquia, se lembrasse apenas das descripções dos contos das *Mil e uma noites*. Abdul Hamid nasceu em 22 de setembro de 1842, filho terceiro de Abdul Medjid, e comquanto tivesse recebido uma excellente educação, como principe da casa imperial, não foi educado da mesma fórma como

se fôra o directo herdeiro do throno por isso que bem remotas pareciam ser as probabilidades de succeder no sultanado ottomano.

Quando novo, era muito vivo, alegre, apreciando os prazeres da sociedade; e desde a mocidade parece tel-o animado sempre o desejo de melhorar o estado e condições existentes na Turquia, bem como o amor pelo estudo, e pelas cousas intellectuaes, tomando grande interesse na cultura do Occidente, e muito especialmente no progresso das artes e das sciencias.

Decidiu obter conhecimentos sobre os mais novos progressos, afim de atingir os meios de aperfeiçoar a condição do seu povo, e de tornar a posição d'elle mais semelhante á civilização das outras nações europeas; mas esta tarefa tem-lhe sido difficil porque tem de lutar com os preconceitos de seus subditos, com a falta de dinheiro para levar a effeito as suas reformas, alem das restricções impostas pela propria religião musulmana.

Comquanto o Sultão não esteja em perfeito accordo com a posição que occupam as mulheres nos outros paizes da Europa, a condição da população feminina na Turquia tem melhorado praticamente no seu reinado: tem-se tornado muito menos frequente a polygamia, e hoje é mais uma excepção do que rega um turco ter mais de uma mulher. Um grande harem pertence ao estado do sul-

tão, e ninguém sabe quantas mulheres vivem atrás d'aquellas mysteriosas muralhas do palacio Yildiz; e posto que o sultão siga o exemplo dos seus antecessores a respeito do sexo fraco, é sabido que numerosas servas do harem são ainda creanças, alli educadas, sob a superintendencia da sultana mãe, e que, quando chegam á idade propria, são casadas com homens de boa posição. A sultana chefe, é uma pessoa de grande importancia n'um harem; e se acaso ella fôr ciosa e de temperamento pouco amavel, sem duvida não poderá ser feliz em comparação com a vida das outras mulheres; porém, quando succede, como no caso presente, que tenha um coração bondoso e pronto a promover a felicidade das companheiras, a vida no harem é extremamente agradável.

E' sabido que a sultana que preside agora no harem no cargo supremo, é madrastra de Abdul Hamid, o qual perdeu a mãe quando nasceu. Extremoso para com os filhos cuja educação vigia cuidadoso, diz se que na sua habitual tristeza influíu profundamente a morte tragica de sua filha predilecta, a qual morreu queimada, ainda creança, ha bastantes annos, pegando-se-lhe fogo ao fato. As tragedias que precederam á ascensão de Abdul Hamid ao throno eram por si sufficientes para o entristecer: a morte de seu tio, a declaração de demencia de seu irmão, tendo apenas reinado mezes, collocando-o inesperadamente no throno, e depois o periodo turbulento da historia turca, durante os vinte e dois annos do seu reinado, em que a fatalidade desastrosa parece ter sempre perseguido os seus planos e emprezas.

Todas as sextas feiras, o monarcha abandona momentaneamente as muralhas que rodeam a sua residencia para ir fazer oração na mesquita que está situada fóra das portas da cidade; mas de resto, só uma vez por anno deixa o palacio de Yildiz. O sultão, divergindo dos costumes dos seus antecessores, offerece lautos jantares nos quaes são servidos os melhores vinhos, mas este facto é reprovado pelos seus mais antigos subditos, como quebra violenta dos preceitos religiosos e das tradições respeitadas.

Pequeno de estatura, phisionomia pallida

e macilenta; barba e bigode que vão branqueando; os olhos negros, d'um olhar agudo e intelligente e o nariz grande e aquilino dão-lhe uma certa apparencia judaica. Tem maneiras distinctas, conversa bem, e aprecia muito o convivio com artistas e homens de letras, com os quaes entusiasmado discute as questões de arte e de litteratura, em decidido progresso no seu imperio.

Durante as tardes, o sultão passeia geralmente uma hora nos jardins do palacio. Depois, mais uma vez trata dos negocios do Estado, até ao pôr do sol, tomando logo em seguida a sua segunda refeição similhante á primeira e egualmente sobria.

A vida de sociedade em Constantinopla é muito restricta, mas o corpo diplomatico organisa divertimentos constantes durante o anno, de sorte que ha sempre qualquer diversão em Pera, a parte christã de Constantinopla. Ha muitos estrangeiros na Turquia, e encontram-se numerosos *tourists*, a maior parte inglezes e americanos, que em regra se occupam em comprar preciosidades de arte turca, manufacturadas em Manchester ou Birmingham, e que levam triumphalmente para a terra da sua nacionalidade.

O palacio de Yildiz, onde habita o sultão, é uma cidade dentro d'outra cidade, rodeada de numerosas e concentricas muralhas, cada uma mais alta e mais espessa do que a anterior e estando no centro o palacio do imperador,



VISTA GERAL DE CONSTANTINOPLA

collocado no meio de parques e jardins plantados, em estylo inglez, com largos relvados.

O sultão tem prestado desvelada atenção á organização do seu exercito; os seus officiaes teem visitado os paizes do occidente, especialmente a Allemanha, onde teem ido aprender a arte da guerra; e officiaes estrangeiros teem sido chamados a instruir as tropas ottomanas, que ainda demonstraram ser um dos melhores e mais bem disciplinados exercitos da Europa, na ultima guerra com a Grecia.

Tem procurado desenvolver a agricultura, estabelecendo em todos os dominios modelos de herdades, para que o povo pudesse estudar os melhores e mais modernos processos de cultivo e commercio, bem como tem procurado o desenvolvimento da industria fabril.

Não se fizeram estas innovações sem grandes difficuldades; e a mais decidida opposição foi levantada contra as escolas publicas para rapazes e raparigas, que nos ultimos annos tinham sido estabelecidas por todo o imperio. Os turcos consentiam que os seus filhos fossem para a escola, mas consideravam uma desventura sujeitar as raparigas a educação publica.

Os menos escrupulosos ainda mandavam as filhas ás escolas vestidas de homem; todavia, o tempo abrandou os preconceitos do povo a este respeito, e as raparigas turcas vão hoje ao collegio com a mesma regularidade dos seus irmãos.

Os beneficios produzidos por esta educação universal pôdem já claramente avaliar-se no adeantamento que distingue a nova geração; e as mulheres principalmente colheram vantagens que as habilita a terem hoje uma vida muito differente d'aquella a que antigamente eram constrangidas. Em Constantinopla, muito especialmente a condição das mulheres tem melhorado rapidamente, havendo um jornal de senhoras publicado n'aquella cidade, editado e escripto por jornalistas turcas, cousa que seria decididamente impossivel ha vinte ou mesmo dez annos.

O sultão, como a maior parte dos soberanos, é muito madrugador, e depois de ter feito a sua *toilette*, e repetido as orações impostas

pela sua religião, toma uma chicara de café e fuma o seu primeiro charuto, o primeiro dos muitos que fuma durante o dia, porque Abdul Hamid é um fumador incorrigivel. A comida do monarcha é em extremo frugal, e como um bom musulmano não usa de bebidas alcoholicas. Toma a sua primeira refeição substancial á 1 hora, que consiste de carne, legumes e fructas, seguida de arroz cosido servido com um molho semelhante ao caril. Manda collocar a sua meza de jantar junto d'uma janella, para poder gosar do panorama do jardim e do ar fresco. A comida do sultão chega á meza em travessas de prata, cobertas e sel-

ladas na cosinha e são abertas na meza á vista do soberano, para evitar, diz-se, a possibilidade de qualquer tentativa de envenenamento no caminho entre a cosinha e a meza imperial. Este é um traço denunciador da monomania de perseguição que assoberba o espirito de Abdul Hamid, tara hereditaria e caracteristica da familia. O seu olhar inquieto parece esquadrinhar todo o recanto onde possa occultar-se um imaginario assassino; a expressão de fadiga, não de enervamento, impressa na sua face, revela o esforço constante do seu espirito, a tensão permanente da sua vontade.

Entre o seu café da manhã e o almoço da 1 hora, o sultão recebe os ministros e despacha negocios de estado. Abdul

Hamid tem um fraco pela intriga mundana. Interessa-se vivamente em ouvir as minuciosidades que possam contar-lhe sobre a vida particular, os costumes e habitos das pessoas reaes, como tambem o interessam os eccos dos escandalos de sociedade que possam chegar á sua deliberada clausura, dentro do seu palacio de Yldiz.

Entre as diversas muralhas, estão construidas as casas dos officiaes da cõrte, dignitarios do estado, e de toda a gente pertencente á cõrte, assim como as salas onde se effectuam os serviços publicos. É um enorme recinto pois ha centos de pessoas ligadas ao palacio, as quaes todas teem residencia para dentro d'essas muralhas. A muralha exterior tem só



O SULTÃO ABDUL HAMID II

(O sultão, que conta hoje sessenta annos de idade, tem publicado apenas o presente retrato)

trez portas, uma simplesmente para uso do sultão; outra para as mulheres do harem e qualquer visita pessoal do sultão, como por exemplo embaixadores estrangeiros ou pessoas reaes; e a terceira é a entrada commum para o palacio.

O theatro imperial, que tambem está dentro das muralhas, é uma construcção verdadeiramente curiosa, não dando idéa alguma da sua applicação. O camarote real está no centro da casa, ficando de cada lado os lugares das damas do harem que se sentam n'uma especie de gaiola atraz de grades douradas. A platea do theatro fica em geral completamente vazia, visto que não é permitido occupar qualquer lugar adeante do monarcha.

O sultão que é um dos homens mais diligentes do mundo, passa muitas vezes noites inteiras reflectindo nos negocios do Estado e pouco tempo lhe resta para descansar e divertir-se. Todos os que o tem encontrado ou visto, soffrem a sensação immediata de que Abdul Hamid é um soberano muito mais adiantado do que os seus subditos, e os seus deveres, por consequencia são muito mais penosos dos que os dos outros monarchas que podem seguir com a corrente geral dos successos politicos.

A igreja mais interessante em Constantinopla é a Agia Sophia, um enorme monumento, que comquanto não seja exteriormente tão bello como as outras mesquitas, tem um magnifico interior.

No cume do «Cornes d'Or» ergue-se a villa de Eynab, onde está situada a mais santa mesquita, onde cada sultão tem de entrar antes de subir ao throno, para cingir a espada de Osman. Não é permitido ao christão approximar-se d'aquelle sitio.

Da primeira visita a Constantinopla fica sempre na memoria a vista e o encanto da esplendida capital turca. A Ponta de Serralho, com o antigo palacio branco, com os seus curiosos telhados verdes e janellas de rotulas, as esplendidas alamedas de cyprestes, alinhando os terrenos que rodeiam e os mysteriosos caminhos que pelas portas do cerca-

do conduzem por entre as muralhas do castello ao Bosphoro, trazem-nos á memoria todos os contos phantasticos das «Noites Arabicas», e quantos homens e mulheres encontraram o segredo da morte n'aquellas limpidas aguas azues.

Ha o quer que seja de subtil, como um perfume, de leve como uma renda, de suggestivo, em nomear tão sómente estes logares privilegiados. Fallar em Constantinopla, em Stamboul, em Galata, na torre do Seraskier, na Ponte, em Pera é acordar logo na imaginação um mundo de recordações phantasiosas, esbatidas, mal definidas no contorno, mas gra-

ciasas, suavemente coloridas, mysteriosas sempre, que ficaram das narrativas orientaes, bem gravadas na memoria, quando ouvidas em creança nas longas noites de inverno, a povoar de desejos e de aspirações o somno juvenil, ou quando lidas mais tarde nas paginas scintillantes da litteratura de viagens, desde Lamartine até Amicis. E, notavel reacção do espirito, difficilmente se corrige a comprehensão, por vezes falseada, que involuntariamente teima em apreciar, sob determinado criterio, as cousas e os homens d'aquelle paiz.

Assim, talvez por causa d'este daltonismo intellectual, as intenções governativas, os planos

de grandeza, a traça diplomatica, as resistencias calculadas de Abdul Hamid tenham soffrido tão encontrada e diversa interpretação na critica politica. Accusam-no de illusão panislamica, que o fanatismo de alguns cheiks despertou no espirito do sultão, querendo aproveitar na renascença do antigo poderio musulmano a mesma corrente moral que circula ao longo das costas do Mediterraneo, desde o Bosphoro até ao estreito de Gibraltar. Censuram-lhe como enganosa em seus principios, contraproducente nos seus resultados, inutil nas consequencias, a sua politica do califado, quando tornou real, pela effectiva influencia religiosa no supremo mando e na sujeição das consciencias, o seu titulo popular de «sombra de Deus».

Todavia, no afago carinhoso da idéa panis-

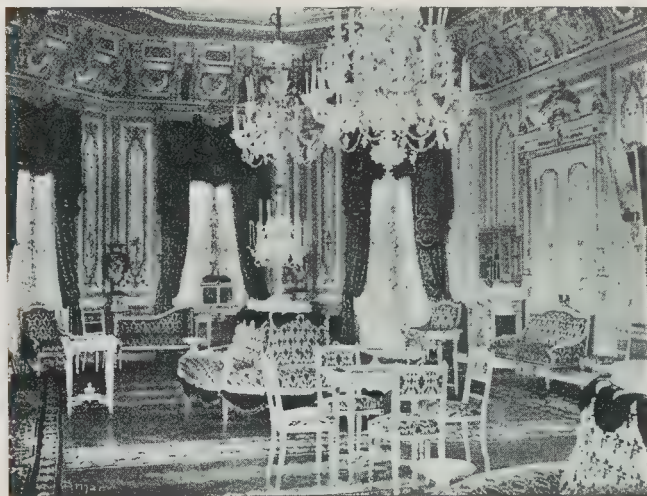


DAMA TURCA EM COSTUME DE INTERIOR

lamica, parece que Abdul Hamid aspirava naturalmente a renovar, se possível fosse, a

d'estes procedimentos provém mais da apre-
ciação exterior ao meio e opposta nos inte-
resses que affectam extra-
nhos, do que da observa-
ção imparcial, indepen-
dente e justa das inten-
ções que os determinam.

Bem claro está que des-
agradasse á complexa di-
plomacia a resistencia pas-
siva que o sultão oppõe á
teimosa interferencia dos
extranhos na vida intima
do imperio. Em legitima
defeza do seu poder amea-
çado, Abdul Hamid pro-
cura desenvolver os meios
d'acção propria, fundan-
do-os no espirito religioso
ou fanatico dos seus nu-
merosos subditos, ceden-
do, porem, pouco a pouco
n'uma intenção concilia-
dora com os interesses e
com as mal disfarçadas
ambições que se degla-



SALA DE RECEPÇÃO DO SULTÃO

grandeza e o poder dos crentes de Mahomet; como na pretensão de reunir na sua pessoa a supremacia religiosa, retirando-a praticamen-
te ao cherif de Meca, verdadeiro califa, se-
gundo a mais orthodoxa interpretação dos
textos religiosos, que a um tempo são admi-
nistrativos e civis, estava a natural defeza d'um
soberano, perante uma propaganda separatista
de funcções supremas que, na apparencia ape-
nas religiosa, lhe podia trazer, se ella tivesse
exito, consequências poli-
ticas de uma gravidade
excepcional. Depreciam-o
ainda mais fortemente no
conceito geral, apontan-
do-o como intolerante em
materia tão fortemente
discutida, quando era na-
tural que o sultão desen-
volvesse toda a actividade
em abafar a corrente de
discussão sobre tão melin-
drosa limitação do seu po-
der. Por ullimo, tornam-o
responsavel de todos os
defeitos experimentados e
de todos os desastres na-
cionaes, visto que Abdul
Hamid inaugurou uma po-
litica pessoal, tão exclu-
siva, e tão centralisada em
suas mãos, que assombra
a força de vontade e o poder de trabalho ne-
cessarios para a manter. Todavia, a critica

diam na esperança de herança valiosa... De
transigencia em transigencia, sem quebra da
sua supremacia sobre o islamismo, tem pro-
curado impulsionar o progresso e a transfor-
mação interna do seu mesclado imperio.

Como bom turco, que nunca diz não, con-
tentando-se em não dizer sim, o sultão oppõe
delongas habeis ás imposições occidentaes e a
custo concorda em resoluções definitivas; mas
applica á administração corrente dos negocios



PALACIO DE YLDIZ

internos a mesma resistencia, e mesma passi-
vidade de que usa para com extranhos. As-

sediam-o constantemente exigencias que elle afasta com aquelle mesmo systema de addiamentos no desfecho, e incorre na censura de não permittir o desenvolvimento do seu proprio paiz. Houve tempo, não mui remoto, que em volta da sublime porta se apertavam pressurosas e avidas inumeras pretensões de extranhos a solicitar concessões e negocios, querendo todos felicitar o enfermado imperio. A sublime porta, que sob o reinado do actual sultão se consubstanciou na sua personalidade, sendo os seus ministros meros executores das suas ordens, permanecia fechada a tão instantes solicitações. Entretanto formulavam-se exigencias, exerciam-se pressões diplomaticas. Abdul Hamid illudiu a difficuldade remettendo os pretendentes e todos os requerimentos recebidos para uma commissão especial de exame mas tão activa no trabalho que mereceu o cognome de «agencia funeraria» como allusão ao papel que ella desempenhava pela rejeição systematica dos projectos submettidos á consideração ministerial. Afinal cedeu ao impulso invasor da especulação que espreitava momento opportuno e talvez agora mesmo se lastime da condescendencia havida.

Abdul Hamid centralisa todo o movimento administrativo; porque examina elle proprio todos os negocios, desde as mais altas questões diplomaticas que possam surgir nas suas relações com as potencias até aos minimos

processos das multiplas pequenas resoluções administrativas que todas dependem para a execução da sua assignatura. Para este fim, o sultão fez transportar para dentro das muralhas do palacio Yldiz os archivos ministeriaes.

E' notavel a disposição systematica, ordenada que elle desenvolve na arrumação e na consulta de todos aquelles papeis e processos; mas por maior que seja a sua deligencia e actividade, a delonga no despacho é fatal. Conta-se o séguinte exemplo. Um dia a Inglaterra desejou comprar 15 cavallos para dotar as suas caudelarias da India. O embaixador inglez formulou o pedido; intercedeu junto do sultão, que accedeu prontamente, mas occupado na solução de varios negocios, levou mais de tres mezes a que chegasse occasião de ver o processo relativo aos cavallos para lhe dar expediente. São innumerous os casos semelhantes.

Mal se comprehende o esforço de trabalho, a continua tensão de espirito de que precisa usar Abdul Hamid para manter esta permanente inspecção superior sobre todos os negocios do seu vasto imperio, e a ella se attribue a mudança frequente que elle realisa no pessoal do seu ministerio, dos seus grão visirs, porque não é facil a um homem politico, exercendo aquellas altas funcções, ter sempre uma perfeita uniformidade de pensar com o seu soberano.



O CRUZADOR S. GABRIEL



Nicolás. Leizaola

† AOS 6 DE AGOSTO DE 1901



A ultima vez que o vi...

A ULTIMA vez que o vi — faz hoje exactamente quinze dias — malcuidava que para tão cedo me reservava a Providencia dos designios insondaveis o desgosto de o perder. Não que o não achasse ferido, como um dia achara Oliveira Martins, a que Elle no receado desenlace do mal de que enfermava tanta vez se comparou, ferido, e bem ferido, da aza do terrivel anjo que o levou agora. Mas o anjo apartara-se e, ao que parecia, para longe, para tão longe que minha sobresaltada amisade lhe não entrevia a sombra naquella physionomia de expressão dura tanta vez, quasi rispida, que eu contemplava amaciada agora pelo soffrimento silencioso e intimo, e pela luz do sol que principiava a descer ao longe no horizonte triste, — triste da minha tristeza que então me parecia — e já me não parece — delle.

Sou para os que amo, em casos taes, incorregivel optimista. Tanta vez depois me arrependo de o ter sido! Fui assim com Sousa Martins; assim com Barros Gomes; agora assim com este. Cheguei a ter — parece-me hoje incrivel — a segurança de cabal victoria. Se o via emfim sentado á meza, vestido, como se veste um doente, é certo, mas vestido, com alguns livros abertos, livros de cousas leves e d'estampas que não o eram menos sem duvida, mas livros, que sua mão tenuemente desmaiada, de modo nenhum recomida pela febre — apertei-lh'a longamente — folheava distrahida!

«E' para não estar a pensar, disse-me. Tenho pensado tantas cousas! Hei-de-lhes contar depois, quando fallar sem custo.» Referia-se assim a Antonio Candido, o qual, em visita anterior que ambos lhe fizemos, lhe lembrara affectuosamente que fosse convalescer um tempo a Candemil, e a mim que, ao desejo expresso de ambos, respondera com a formal promessa de acompanhá-los nessa digressão de festa, que o fôra, e grande, para os três.

Mas que cousas seriam essas, cogitadas em

momentos de dor ou desalento, de fugaz esperança ou presentir amargo, que sua amisade se propunha confiar-nos! O que me disse da confiança, annunciando-m'a e parecendo logo recatal-a de mim proprio, deu-me a principio o desejo de nada saber della. Almejava esperanças e temia desalentos. Veio logo porém a convicção de que seriam conceitos vãos, ideias loucas, meras creações da phantasia, aquelles *cegni somnia* de que falla o poeta, em que se desatava agora seu tão forte, seguro e reflexivo espirito. Elle que sabia querer, que procurava sempre sujeitar á disciplina da razão e da vontade os impulsos do sentimento e as creações da phantasia vivida, envergonhava-se do dominio que, pela duração e alcance o humilhava, desse sentimento, dessa phantasia, em horas de doença e por conseguinte de fraqueza, sobre sua razão e seu querer. D'ahi o recato, d'ahi a reserva da confiança, do proprio assumpto della, para quando se sentisse bem, para quando podesse resgatar com a evidencia de cabal victoria a desfeita recebida, e extinguir com frases de quem de novo quer e pode emfim o sorriso de piedade affectuosa, mas de piedade, que affrontava a energia, que era consolo e orgulho do seu amplo espirito.

Ora nessa energia da alma e da vontade estava um seu predicado maximo. Era dom que o assignalava entre os que pelo vigor e elevação mental se lhe podiam pôr a par. Possuía essa qualidade soberana que caracteriza os homens de acção, e possuía-a na intensidade que sobra a honrar e esclarecer um nome. Perguntem-o a seus mais intimos, perguntem a seus companheiros de lida e de triumpho, em tantos lances difficeis como poucos, como nenhuns quasi, do seu commissariado, por exemplo, da Africa.

Mas não era Elle simplesmente isto — que seria tanto. Era homem tambem de phantasia e sentimento — um cabal artista. Tinha pois a um tempo o condão summo por que os fortes são fortes e são heroes os heroes, e o que

faz o encanto dos fracos — dos fracos d'uma fraqueza que vale tanto quanto a melhor força, e constitue a graça e o enlevo que nos dominam nos artistas, nas mulheres e nas creanças. E essa união rarissima que forma a originalidade de seu espirito. As duas tendencias — e eis mais um privilegio de que o quiz enriquecido a Providencia — nunca se confundiam n'Elle ou para lhe estorvar a acção premeditada ou para lhe desmerecer o brilho da palavra. Se se uniam alguma vez — e alguma vez se uniram — era para completarem a obra realisada. Assim é que se devia á primeira o acerto no conceito, o aviso no conselho, a presteza e segurança na acção, que lhe não faltavam quando era preciso ordenar ou cumprir; e era a segunda, tão ingênita e viva quanto aquella, que o fazia capaz de tanto, de sentir, por exemplo, o que havia de grande e bom onde quer que fosse, o que o tornou apto e pronto a estimar ou admirar o que era credor de admiração ou estima. Deste predicado, que é também um jubilo, não o quiz privado carinhosa a Providencia. Para os que a benevolencia, a rectidão ou a perspicacia de seu espirito desejava admirados tinha sempre uma palavra boa á que a sua penna, a penna de um artista consummado, dava relevo e valia quasi unica.

No seu livro sobre as campanhas de Africa exemplifica-se com summo brilho a união feliz das duas prendas. Cada pagina desenha, esculpe, avulta-lhe as grandes qualidades de governo e mando. Mas a quem se não revela também nellas o escriptor original e potente — escreve intencionalmente estes dous epithetos a minha penna habituada a escrever o que quer —? Tão espontaneo mesmo era nelle tal condão que ás vezes o não sentia seu perspicaz e claro engenho. Desejou a sua amisade, sempre viva e deferente para mim, que eu percorresse numa leitura rapida algumas das paginas desse nobre livro que se achava ao tempo em provas. E com a correcta cortezia que nunca despedia de seus modos e dizer mais intimo, mas no tom da mais singella convicção, desculpou-se do enfado que suppunha dar-me em tal leitura. «Essas paginas, dizia-me, nada tem de literarias.» Quizerá simplesmente narrar e explicar cousas que convinha deixar explicadas e narradas. Nada de literarias, paginas traçadas por uma penna que não valia menos que o valente engenho ou a rija vontade que concebera e executara o que ella narrava e explicava com tão superior maestria, vigor e brilho tanto! A essas paginas está por certo reservada toda a duração na estima e no geral applauso que constitue a unica perpetuidade nas cousas do homem.

É innegavel porém que das duas prendas, ou por lhe parecer á primeira superior em si ou por se lhe figurar de maior rareza, Elle presava menos a segunda. Procurou sempre — nem sempre o logrou, ainda mal, é certo — ser justo com os outros. Comsigo era, bem se vê, muita vez sympathicamente injusto...

Levara-me o acaso nesta segunda e ultima visita ao pobre enfermo de Queluz em dia e hora em que Elle, depois de gravemente doente, comia pela primeira vez. Que comida! Um pouco, um pouquissimo, um nadinha de peixe que lhe appetecera, que fôra autorisado a comer, e que sua filha e ao mesmo tempo desvelada enfermeira lhe trouxera. Emquanto Elle com os olhos devorava o appetecido, appetecivel e minusculo acepipe, que aliás só desfibrava lentamente e lentamente ia mastigando; e emquanto eu, de fronte, lhe contava mil cousas leves, insignificantes, sem me demorar em nenhuma, fugindo as que podiam prendel-o muito, fallando quasi exclusivamente para o não deixar fallar, reccioso que a applicação e o esforço fatigassem aquelle espirito ainda ha pouco tão robusto e seguro e são, ia pensando cá por dentro pouco mais ou menos as cousas que ahi deixo ditas e considerando dolorosamente a que reduz e em pouco abate o mal ainda aos de mais rija tempera.

Consumira uma hora, medida com largueza, com o pobre amigo que procurara carinhosamente demorar-me. Levantei-me porfim, prometti-lhe para breve uma nova visita e de mais dura, essa, abracei-o, e sahi acompanhado até á porta do quarto por sua filha que gentilmente me agradeceu o bem que a minha visita fizera ao seu querido enfermo. Voltei-me a vel-o ainda uma vez e Elle sorriu tristemente á minha saudação amiga.

Sahi esperançado. Puz-me a combinar comigo o dia em que de novo viria vel-o. Achal-o-hia então muito melhor. A tarde declinava na suave melancholia de que se embebe todo termo proximo. Eu subia a passos intencionalmente lentos a suave ladeira que da casa do amigo que sem saber via pela ultima vez nesta desconsolada terra, leva á estação da via ferrea. Sósinho, comecei de sentir-me — porquê? — a pouco e pouco immerso na tristeza infinita das sombras que desciam. E embalado pelo ramalhar das arvores na viração da tarde, que me não parecia menos triste, recordei a subitas o: venha, venha! affectuoso e amargurado com que Elle respondera á minha pergunta por escripto se, doente como estava, me queria ver; reflecti que o homem com quem estivera não era enfim o que eu conhecera e

admirara, tão esmorecido, tão desmaiado o vira pelo mal que por impiedosa ironia — não tem para nós só lagrimas as cousas — ou no empenho de adormecer-nos n'uma esperança enganadora, não lhe esmorecera o olhar nem desmaiara as faces; e perguntei

a mim proprio, n'um relance de magua e de saudade, se aquelle transmontar — ia sumindo-se já o sol no occaso — era o unico transmontar a que eu assistira nesse dia... Não era.

7 de agosto

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

EM MEMORIA

Não é quando a estatua está erecta e firme sobre o pedestal que a vista mede com justeza a sua altura; a illusão, que lhe apouca as dimensões, esvae-se quando ella jaz cahida sobre a terra. Por antiga e repetida a comparação não perde o merito de verdadeira. A estatura dos homens que em vida dominam sobranceiros, pela força do engenho e pela pujança das suas faculdades intellectuaes, só encontra na morte craveira exacta. Trivial é o conceito; mais uma vez a observação se repetiu com Antonio Ennes.

No dia seguinte ao fallecimento do amigo, a cuja memoria tributo aqui sómente a expressão d'uma saudade intensa, li n'um jornal da noute, que dirige penna experiente e voluntariosa, a seguinte phrase de justa apreciação sobre a preponderante influencia publica de Antonio Ennes: — «com ser indirecta, esta sua intervenção na marcha dos negocios publicos tornava-se, por vezes decisiva». — Era, com effeito, este o seu grande e particular valor.

D'onde lhe provinha? Da pluralidade de amigos que o rodeassem valorosos e aguerridos? Não; que amigos teve-os, sim, devotados, mas dispersos, sem a cohesão de partidarios que pesassem na balança das decisões politicas, admiradores das excellencias do seu talento e dos primores do seu caracter, congregação de sympathias intellectuaes.

Do predominio naturalmente exercido por quem, desempenhando cargos de autoridade permanente, reúne dependencias reciprocas

ou locaes que constituem força indiscutivel? Não; que por elevadas e excepcionaes as commissões publicas, que exerceu, tiveram sempre a caracteristica de accidentaes, passageiras no tempo, embora perduraveis nos resultados e nas consequencias.



ANTONIO ENNES, NA EDADE DE 11 ANOS

Da expansibilidade pessoal, dispersiva, maleavel que na vida se insinua com habilidades de proceder e que leva, a revezes, ao supremo mando? Não; que de sua natureza reservado e susceptivel se concentrava affastado do que se chama o mundo, a sociedade brilhante dos salões, guardando apenas a cortezia de visita sem a frequencia de familiaridade.

D'onde lhe provinha, pois, aquella força de intervenção decisiva? Do seu alto valor pessoal. Antonio Ennes foi na vida portugueza contemporanea a manifestação provativa mais completa do que vale um escriptor de acção; de quanto pode, quan-

do quer, sobre as paixões em lucta, sobre os interesses em conflicto, sobre os egoismos em desafio, a reflexão lucida d'um espirito cultivado e independente, a projectar sobre o revolto embate o feixe de luz irradiante que dimana d'uma meditação fria e serena, d'uma energia intellectual vivissima. Bello exemplo, consolador estimulo, para os que cheios de vigor e de convicções luctam desprovidos de amparos afortunados.

Em Antonio Ennes, o engenho a tudo suppria e a todas as forças oppunha equilibrio, annullando-lhes o effeito, se não lhes vencia a resultante. N'um dado momento,

os milhões do banqueiro que servilisa consciências, os manejos da intriga que entretecem dramas, as extensas propriedades productoras onde germinam com a riqueza os votos, as habilidades de especuladores que instigam a procedimentos inconfessáveis, as congregações de interesses que assoberbam partidos, todos os elementos da vida política, tomados de subita paralyia, cahiam inertes ou fulminados pelo choque ousado e certo que um simples artigo de Antonio Ennes lhe vibrasse, como se do fio de raciocínios se desprendera a energia d'uma corrente d'alta tensão. Quantas vezes tive ensejo de verificar este effeito durante os longos annos que o acompanhei na sua vida de jornalista!

Se esta era a acção efficaz no alvo attingido, não era menor a impressão produzida no ambiente onde se propagavam, como ondas concentricas sonoras, as idéas e os conceitos que elle fizera explodir. E todavia não era popular, idolo amado pela multidão. O applauso das plateas que elle soube, como nenhum outro contemporaneo, despertar em thusiasta, vehemente, coloroso, a avidez de leitura que fazia accelerar a machina do jornal em milheiros de tiragem, nasciam mais da subjugação potente do espirito e do sentimento que o escriptor exercia, do que da espontanea sympathia das multidões. Entre estas e o escriptor havia por vezes um accordo completo no pensar e no sentir; mas tambem, não raro, entre ambos se estabelecia um conflicto de opiniões, irreductivel pelo sentimento e todavia inconsistente perante a razão lucida, perante a argumentação cerrada e concludente que vencia e contrariava a um tempo. Com effeito, Antonio Ennes foi sempre, como escriptor de acção, um vencedor.

D'onde derivava o exito? Em muito, da autoridade moral, da independente opinião, do desinteresse provado, que predispunham em seu favor os que o liam, aquelles que curiosamente procuravam conhecer-lhe o pen-

samento. São estas, sem duvida, qualidades primaciaes que do proprio caracter descem ao escripto, para lhe imprimir cunho soberano, dar relevo e estabelecer quilate inconfundivel. Mas ainda, aquelle exito potente, em muito tambem derivava dos processos artisticos que o escriptor reflectidamente, por deliberado proposito e psychologia individual, empregava na elaboração interna e na expressão externa do conceito.

Como a palavra e a idéa, o pensamento e a phrase estão indissolivelmente ligadas, pensar era n'elle pronunciar phrases interiores, era escrevel-as na mente, desenhá-las na imaginação, precisando-lhes o contorno, colorin-

do-as com toda a gamma de tons que a sensibilidade pessoal e o saber adquirido pôde compôr e escolher. Escrever era portanto para Antonio Ennes exteriorisar este trabalho silencioso e intimo do pensamento, conservando-lhe todas as qualidades primitivas da emoção que o despertara, da visão que o reconstruira, da controversia interior que o definira, e da reflexão perfeita que o acabára.

Um artigo de jornal era assim a graphica d'uma elaboração anterior, traslado exacto da composição intellectual. Um capitulo d'um livro seu era a revivencia dos factos que coordenára na memoria, das emoções que a sua fina sensibilidade guardava intactas para as restituir

em momento opportuno quando a vontade firme as chamasse novamente á consciencia. Por isso, na sua prosa havia uma vibração de vida, de sentimento, de intensa commoção, como havia tambem a calculada disposição de argumentos, o ponderado equilibrio, o premeditado alcance, e a lucidez suprema que traduzia o acabamento cuidadoso. O seu original seguia sobre os quartos de papel n'um cursivo miudo, apertado, de myope, sem o mosaico das emendar que se nota em muitos escriptores de talento, os quaes em virtude d'uma outra psychologia carecem de incrustar as phrases depois de vistas e de relidas, de as lapidar em preocupação da forma defi-



ANTONIO ENNES, NA EDADE DE 27 ANNOS

nitiva na aspiração de justiça absoluta, inalteravel, por ultimo insusceptivel de modificação, segundo a convicção propria.

Isolava-se para trabalhar, precisava de silencio em volta para escrever. Queria ouvir apenas o proprio pensamento, escutar as vibrações subteis da officina cerebral para transportar da memoria ao papel a idealisação successiva, mas seleccionada, criticada, já depurada; de sorte que raras vezes o vi relêr um artigo, antes de composto na imprensa, porem muitas o vi rasgar, serenamente, desapiedadamente, artigos longos, trechos de capitulo, escriptos dias antes, postos em reserva, sem os ver de novo. A reparo meu em caso semelhante, respondeu-me: — Não podia estar bem; fui muito interrompido, quando o escrevi. — Era, na verdade, esta attenção intensa, constante, reflexiva que, aproveitando todos os recursos do seu talento e do seu saber, imprimia superioridade indiscutivel ao que a sua penna traçava, quer em fugitivo artigo de jornal, quer em perduraveis paginas de livro.

Era este estudo meticuloso das questões, era esta visão interior dos assumptos, era este calculado alcance dos effeitos, era esta vida intellectual das phrases, que davam á prosa de Antonio Ennes aquella masculino vigor, aquelle brilho, aquella commoção, aquella força attractiva, aquella intensa claridade no conceito que faziam recordados os seus artigos, como hoje obrigam, ao cultor de lettras portuguezas, a relêr as paginas dos seus livros.

Todavia o seu vocabulario era simples, embora escolhido; era correntio, embora delicado. Tinha uma superior qualidade; era extremamente proprio, preciso, adequado á contextura dos periodos encadeados n'uma deducção admiravel. Prescindia de todo o atavio archaico, de toda a tecnologia especialista; utilisava singelamente a sua erudição vastissima; porém sabia ser suggestivo na descripção que não era dispersiva, embora abundante de pormenores; sabia commover pela sinceridade dos sentimentos, imaginoso no colorido sem excentricidades de impressionista; sabia pintar quadros em prosa, com a exu-

berancia d'um Rubens, ou com as sombras intensas d'um Ribera.

Fazendo a comparação com os mestres da côr, não quero definir o estylo de Antonio Ennes, a sua forma d'arte para revestir o pensamento, classificando-o exclusivamente no grupo dos escriptores plasticos, concretos, dominadores da palavra que constangem, docil e expressiva, a figurar completamente os factos, os aspectos que elles contemplaram. Havia no estylo de Antonio Ennes tambem uma indefinida emoção musical, rythmica, alguma cousa que vibrava mysteriosa. Havia n'aquelle estylo, que realisava e suprema difficuldade do artificio que produz a simplicidade, uma deliberada mescla das duas tendencias literarias; e n'isto encontro a sua maior e distincta originalidade. Nascera romantico pela impressionabilidade d'artista, desenvolvida em sua primeira cultura intellectual. Fizera-se positivista peio desenvolvimento progressivo do estudo, d'uma leitura proficua e profundamente meditada. E d'este conflicto intimo, d'esta dualidade intellectual, soube deduzir a sua propria forma d'arte.

Memorando aqui o amigo e o escriptor que ainda continua abrilhantando as paginas dos SERÕES com a impressão posthuma do seu ultimo livro, não pretendo mesmo de leve esboçar a biographia psychologica do pensador, politico, dramaturgo, historiador e jornalista que foi Antonio Ennes. E' cêdo talvez para obra tão necessaria. Delincal-a na mente é desde logo antever o trabalho de historia politica e litteraria d'uma época extremamente curiosa da vida nacional, sobre a qual Antonio Ennes influiu com o seu pensamento e a a sua acção, e dentro da qual elle soffreu n'um amargo conflicto dos ideaes concebidos em sonho de justiça e das realidades brutalizadas pelo interesse e pelo egoismo. A vida de tão finas e susceptiveis intellectualidades é por vezes um doloroso soffrimento que esgota a mais saudavel energia n'um dispendio extraordinario de força, que afinal encurta a existencia, e entrega sem defeza o organismo ás primeiras investidas d'uma doença traiçoeira.



De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO V

Moçambique — As Cabaceiras — O Mossuril — Os macúas (Continuação)

MUITOS dos edificios espalhados nos palmares attestam que Moçambique foi rica no tempo da escravatura. Apesar da barateza do trabalho do escravo, devem ter custado avultadas quantias. O seu typo é identico ao das construcções similares da cidade. Não têm nada de oriental, nem tambem de campestre, a não serem os quintaes. Os quintaes, porém, em vez de darem desafoço ás habitações, entaipam-n'as, porque são fechados por altos muros, que fazem pensar em prisão e em fortaleza. De feito, serviam para prender os escravos no recinto que vedavam, e serviam tambem para proteger esse recinto contra assaltos de ladrões e escaladas de inimigos.

D'entre esses edificios distingue-se, não pela architectura, mas pela situação e pelo destino, a chamada *residencia* da Cabaceira Grande, que ha annos foi comprada pelo governo, para casa de campo dos governadores, a José Vicente da Gama, herdeiro do proprietario que a construiu em 1847. E' solida, vasta, commoda, hygienica, relativamente fresca, bem provida d'agua por uma cisterna que tem a particularidade de não ser subterranea, é de pau ferro o grosso vigamento dos seus tectos, os pavimentos oppõem á *muchen* espessas camadas de cimento, as portas interiores têm humbraes e vergas de pedra, as salas e alcôvas são espaçosas e arejadas, sobre os terraços levanta-se um mirante, a casa de jantar é prolongada por uma galeria aberta, cuja cobertura assenta sobre columnellos, a que se encostam ramarias exteriores. Nas trazeiras, uma dupla escadaria desce do patim alpendrado para um pateo sombreado por arvoredos gigante; pelo lado da frente, as rasgadas janellas deitam para a praia, toda ajardinada pelo *mangue*, que só vinga onde o rega a agua salgada, e vêem o panorama inteiro de Moçambique e uma vastidão de oceano, alongada para além das ilhas de Gôa e Sena. Ficam-lhe adeante um dos pharolins vermelhos que dão o enfiamento da barra e a pequena casa do pharoleiro; mas estas construcções humildes não a affrontam.

Dos lados e por detraz, os seus unicos vizinhos são coqueiros e palmeiras bravas, acacias e figueiras da India, moitas de arbustos e relvados de capim; não passa perto d'ella nenhum caminho; pelo portão do quintal sae-se para uma extensa avenida bordada por coqueiros e cafezeiros. Gosa-se alli uma tranquillidade solidão, no regaço fecundo da natureza e face a face com o mar.

Apesar de ser assim aprazivel, raramente é habitada. Vão lá fazer *pic-nics* domingueiros os habitantes da cidade, e por isso, antes de eu me hospedar n'ella, as peças capitais do seu recheio eram uma grande mesa de jantar, louças, e um velho piano, mudo de muitas teclas, medonhamente desafinado de todas as outras. A causa principal d'este abandono é o banco d'areia (sempre o maldito banco!) que só no preamar d'aguas vivas deixa desembarcar perto de casa. O sitio de Morangulo, menos inacessivel, fica distanciado por longos caminhos arenosos, que aconselham machila; do Mossuril á Cabaceira Grande é uma jornada. Mais uma segurança, é certo, para quem quer viver só, longe das intrigas da cidade; mais uma difficuldade, todavia, para a alimentação d'esse solitario, que tem de receber de Moçambique os generos mais indispensaveis á gente europêa. Quantas vezes tive eu de pedir pão emprestado á vizinhança!

Quem se alonga da residencia seguindo a praia por baixo dos palmares, vae esbarrar em ruínas, ruínas de casas nobres, herdadas por familias cahidas em tanta decadencia ou em tão africano descuido dos proprios interesses, que não puderam ou não quiseram defendel-os dos estragos do tempo. Se nada rendiam! allega-se. Um d'esses montões de ruínas, abeirado da praia, conserva vestigios de sumptuosidade; chamam-lhe os negros a *casa dos phantasmas*, e crêem-n'o habitado por abantesmas, porque ouvem-se lá dentro extranhos ruidos das aves nocturnas e dos reptis, a que serve de albergue, franqueado como ficou a todas as intrusões pelo desabamento d'uma parede inteira. De outro lado

a vegetação encobre alicerces e escombros, onde os indígenas vão roubar madeiras e alvenarias, e mais para o interior ainda se aguenta de pé uma moradia, meia sumida em muros e arvoredos, que o prelado ultimamente comprou para restaurar-a e convertel-a em sede de missão. Perto d'alli, a curta distancia do mar e no fim d'um palmar alinhado, onde as grandes marés deixam aguas empoçadas, fica a antiga igreja parochial de Cabaceira-Grande, da invocação de Nossa Senhora dos Remedios, que já teria dado consigo em terra, como deu ha muito toda a obra de christianisação dos povos de terra firme, se não lhe houvessem feito muros tão solidos e tão escorados por gigantes. Tendo-lhe cahido a parte principal, está offerecida ás injurias dos tempos e dos transeuntes; estes, porém, apesar de mouros e gentios, respeitam-n'a mais do que quem a deixa em tamanho desamparo, e nem sequer lhe roubaram ainda a sineta de bronze, que pende a um lado da fachada, soltando badaladas queixosas quando a sacodem vendavaes. Não fossem elles selvagens! Dentro não se entra sem atravessar uma nuvem negra de morcegos espavoridos, que traçam vertiginosos circulos em volta das cabeças dos invasores, e nos vãos batem com as azas duras nos taboados dos forros, como para lhes metterem medo. Os esconderijos predilectos d'estes noctivagos são os ornatos da talha do altarmór e as suas columnas torcidas de madeira; sobre as lousas das sepulturas jazem esqueletos de cabritos, e no monturo de calças desagregadas, que obstroem o baptisterio, cresceram hervas e acoitam-se lagartos. Muitas coisas diz de nós este pobre templo a esboraar-se alli, defronte das janellas das salas ricas do palacio de S. Paulo, e á vista dos pegões da ponte de Morangulo! Reptis e morcegos que o povôam, plantas parasitas que lhe alluem as paredes, coqueiros altivos que lhe campeiam em volta, tudo são allegorias sarcásticas para quem se senta debaixo do seu alpendre a pensar na historia da nossa administração ultramarina.

Para as bandas do Mossuril accentuaram-se menos as decadencias e os abandonos. Lá estão de pé, e bem conservadas, a igreja e as casas annexas, que Balthazar Pereira do Lago doou por escriptura publica, em 1769, juntamente com um palmar e cinco familias de escravos, a Nossa Senhora da Conceição, encarregando a administração d'estas propriedades aos governadores da provincia, e, quando elles a não quizessem acceitar, ao senado da Camara de Moçambique. Os governadores nunca declinaram o encargo: desfructam a casa, e no dia 8 de dezembro de cada anno,

festejam a senhoria, que nunca lhes pede contas, com mais ou menos pompa, conforme a devoção e a munificencia de cada um. Esta festividade annual é pretexto de uma romaria, mais foliona do que piedosa, a que se associam os proprios indígenas não catholicos, com os seus batuques.

Balthazar do Lago tambem mandou edificar no Mossuril uma fortaleza, com aquartelamento para tropas, prisão, depositos, e uma ermida; e tendo sido estas construcções arrasadas pelo gentio no ultimo quartel do seculo passado, outros governadores restauraram a fortaleza e os quarteis, que ainda existem. A' sombra da protecção das autoridades e da força publica, que se installaram n'esse edificio, e aproveitando as relativas facilidades de communicação do logar com Moçambique, estabeleceu-se no Mossuril uma população numerosa de negros e asiaticos, e as antigas casas de campo dos europeus, dispersas nos palmares, têm escapado ao abandono que depreciou e arruinou quasi todas as da Cabaceira Grande.

Os dois sitios são ligados por uma estrada velha, hoje quasi intransitavel, a que modernamente se emprehendeu substituir outra, de melhor traçado e construcção mais conformada com os processos da engenharia moderna, a que devia dar serventia a ponte de Morangulo. Mas a estrada teve sorte parecida com a da ponte; não se concluiu. Apenas se fez, e conserva-se em bom estado, um lanço de alguns kilometros, proximo ao projectado desembarcadouro, do lado da Cabaceira Grande, e esse lanço não leva a povoado algum. Apenas beneficia algumas casas e fazendas isoladas. E', porém, um bonito passeio, arborizado, em parte aberto entre palmares, em parte, em certas épocas de cada mez, corrido á margem d'um grande lago, que passadas essas épocas se transforma em secco areal amarello, só pintado ás manchas pelo mangal. E' que nas marés d'aguas vivas o mar entra pela terra dentro, espalha-se e deposita-se a um lado do aterro em que assenta o leito da estrada, tornando estas inundações o sitio mais pittoresco e menos salubre.

E' este, em todo o continente fronteiro a Moçambique, o unico trêcho de caminho feito em épocas recentes pelas obras publicas da provincia, em condições, por que assim diga, scientificas. Fóra d'ella, as vias de communicação consistem nas estreitas fachas de terreno limpas de arvoredo e mato, onde os poucos carros que por ellas transitam cravam as rodas em areia solta ou em lama, ou em carreiros de pretos apenas traçados pelo piso.

Perto do Mossuril, á margem do esteiro, ha

bôas salinas, que hoje estão em posse do Banco Ultramarino. Esta povoação é a sede da *capitania mór das terras firmes de Moçambique*; entidade a um tempo militar e administrativa, tradicional e modernizada, com attribuições mal definidas e pouco coherentes, que, sob a immediata direcção do governador geral, constituia a principal, senão a exclusiva representação da auctoridade portugueza nas terras marginaes da bahia em que campeia a capital da provincia. O capitão-mór exerce o seu confuso e incerto mando no Mossuril, nas Cabaceiras, em Ampapa, em Ampoense, em Sancul, com o auxilio de dois ajudantes e de

chefes e sub-chefes de *districtos*, que têm ás suas ordens cabos de terras; dão-lhe força e apoio alguns pequenos destacamentos do batalhão de caçadores n.º 1 e grupos de cipaes. Esses seus subordinados são indigenas ou asiaticos, auctoridades baratas, regedores de povos a 96\$000 e 48\$000 réis por anno, escolhidas, as mais graduadas, entre os proprietarios que maior prestigio exercem sobre os vizinhos. O chefe da Cabaceira Grande, por exemplo, era em 1891-1892 um indio de Damão, commerciante e fazendeiro, que mal sabia portuguez, trajava á moda oriental, e que apesar de ser relativamente illustrado, é de crêr que nem soubesse que existe um livro muito enfadonho chamado Codigo Administrativo; todavia, não era dos peores funcionarios, porque tinha bom nome, fazia tanto gosto nas suas funcções que até do proprio bolso pagava a cipaes e trazia-os limpos, com seus casacos de linhagem crúa enfeitados com alamares de côr. Assim procura a capitania-mór tirar da propria população, que lhe é sujeita, os agentes intermediarios da sua auctoridade, e este principio é applicado em mais larga escala fóra da estreita zona marginal em que ella tem jurisdicção effectiva; para além das áreas um tanto vagas, dos *districtos*, esses agentes são exclusivamente os régulos indigenas, ora

obedientes, ora reactivos, ás vezes abertamente rebeldes e, mesmo quando obedecem a determinados preceitos, absolutamente independentes tambem n'uma larga esphera de



EM CAMINHO DO MOSSURIL

acção. Servida por este pessoal, a administração nos *districtos*, isto é, nas orlas do continente, tem um caracter patriarchal: faz o que pode, pelos processos e pelos meios que parecem mais praticos; impõe-se aos europeus, que n'essas regiões têm domicilio ou bens, usa de largas tolerancias com os indigenas, que não são passivos; cobra tributos de propriedades, exige que os vendedores tirem licenças, mas ainda não se affoitou a cobrar dos negros o *imposto de palhota* ou alguma taxa equivalente; cumpre os mandados de justiça e faz policia até onde chegam o poder e a força — e não chegam muito longe — dos destacamentos e dos cipaes, uns maciús de *cofió* vermelho e fardamento sujo, com muita mais aptidão para pegar em cannas de machilas do que para velar pela ordem e proteger os direitos individuaes, entre os quaes apreciam especialmente o proprio direito natural de dormir ao sol de barriga para o ar. E mais para o interior não ha, de facto, nem administração, nem policia, nem regimen tributario, nem sequer dominio effectivo: ha melhores ou peores relações com os potentados, que, quando estão de bom humor, entregam algum criminoso que se lhes pede, deixam passar os vizinhos pelos seus territorios, vivem em paz com os rivaes; e ha commercio com os seus subditos, que veem á

costa ou mesmo a Moçambique trazer e permutar mercadorias.



Essas gentes assim refractarias á dominação europêa, que tambem fornecem á ilha o principal elemento da sua população indigena, chamam-se a si proprios *macuas*, e por *macuas* os conheceram os primeiros povoadores portuguezes, tendo-as pelo povo mais feroz d'aquellas costas. Eram anthropophagos, no dizer dos nossos chronistas, ladrões como ratos, e ferozes comsigo mesmo, pois que, além de fazerem incisões em todo o corpo, furavam «ambas as queixadas das «pontas das orelhas quasi até á bocca, com «tres ou quatro buracos de cada parte, por «cada um dos quaes cabe um dêdo, e por elles «lhe apparecem as gengivas e os dentes, e «lhe corre de ordinario humidade e cuspinho «da bocca.» N'esses officios mettiã rolas de páu ou de chumbo, e n'outros, que tambem abriam nos beiços e nas orelhas, introduziã páus. Limavam os dentes para os aguçarem. Os mais pudibundos, e esses eram raros, cingiam aos rins uma pelle de buzio. Não trabalhavam. Deixavam-se governar por feitiços e feitiçeiros. Andavam em continuas guerras com os vizinhos, e os portuguezes não puderam subjugal-os pelas armas, e só os amansaram pelo commercio.

Se esta descripção era exacta, os macuas modificaram muito o caracter e os costumes no decurso dos seculos.

O paiz a que a geographia applica ainda hoje a denominação generica de Macuana sem lhe dar uma delimitação precisa, abrangge, dentro da provincia de Moçambique, quasi todo o littoral desde o Rovuma até os

limites meridionaes de Angoche, extendendo-se para oeste até o rio Lugenda e o lago Chirua. No estado actual da ethnographia e da philologia africana, não é possivel determinar com exactidão as origens dos habitantes d'este paiz, nem as suas affinidades com as outras populações africanas; passa, porém, em julgado que os macuas pertencem ao grupo a que Bleck ligou o nome de *bantu* e cuja área de habitação inclue quasi toda a Africa intertropical, e, recentemente, o estudo

philologico jesuita, padre J. Torrend, incluiu a linguagem que elles falam n'um ramo a que chamou *moçambicano*, e que comprehende os idiomas *quelimanense*, o *tugulu* falado na ilha e em roda da ilha de Moçambique, o *gunda*, das margens do rio Licungo, o *mbwabe* e o *mêdo*, do interior do districto de Cabo Delgado, e o *masasi* do norte do baixo Rovuma. Este mesmo investigador declara ter encontrado intimas analogias do ramo linguistico de Moçambique com o *chuvana*, falado em Bechuana-land, Basutoland, no Transvaal, no Estado livre de Orange, nas margens do Zambeze acima das cataractas Victoria, e — o que mais espanta, — com o *mpongwe*, das margens do rio

Ogoué e do Gabão, na costa occidental de Africa.

Pela sua parte, os ethnographos vão-se firmando na opinião, que o progresso dos estudos provavelmente confirmará, de que a maioria das populações que hoje habitam na costa oriental do continente negro não são autochtonas, ou pelo menos precederam d'um cruzamento das populações autochtonas com diversas e copiosas torrentes de immigração. As tradições biblicas, o testemunho de viajantes e geographos gregos e arabes, fazem crêr que os povos que aquellas tradições personalisaram em Kusch, e que deram á Assyria, á Ethiopia



MOÇAMBIQUE — MACUAS

e a parte da Palestina e da Arabia os seus habitantes anteriores ás invasões dos semitas, estenderam-se tambem pelo littoral da Africa até muito ao sul, e que os *negroides*, hoje estabelecidos n'esse littoral, em cuja pelle acobreada ha vestigios da tez vermelha dos egypcio-berberes, descendem d'esses kuschitas, que repelliram para o occidente e para o sul os aborigenes, os *negros* propriamente ditos, de que são genuinos representantes os hottentotes e as tribus da Guiné. E se esta theoria é verdadeira, os macuas podiam reivindicar, tanto como os zulus, a honra de terem tido uma alta ascendencia não africana, e, porventura, de inscreverem nas raizes mais profundas da sua arvore genealogica patriarchas que conviveram na Asia com os das raças mais nobres da humanidade.

Se algum dia vier a demonstrar-se que estas relações de parentesco de tantas populações de Africa Oriental com o biblico Kam, e portanto com o primeiro cultivador da vinha, são meras invenções do monogenismo, que a sciencia christã se julga obrigada a professar, é de crêr que então prevaleça a theoria de que taes populações, embora sejam autochthonas fundamentalmente, foram modificadas, e quasi transformadas, por numerosas colonias, quasi sempre dominadoras, procedentes principalmente das margens do mar Vermelho e do golfo Persico. Essa colonisação não é uma theoria, é um facto documentado. Os portuguezes acharam a costa africana coberta de arabes, e a invasão d'estes *africanos* não era recente. E' positivamente historico que as contendias religiosas que se seguiram ao estabelecimento do Islam atiraram para a Africa bandos de arabes perseguidos, alguns dos quaes, de que ha noticia mais circumstanciada, senhorearam a ilha a que Mas'sudi chama de Kamba-Eu, e que pode ser Comoro ou Madagascar, irradiando de lá para o continente até Sofala. A estas immigrações em massa associam-se as colonisações motivadas pelo commercio, e os interesses mercantis levaram á Africa, não só os arabes, senão tambem persas, indios, e diz-se que até chinezes, malaios e japonezes. O ouro, principalmente, atrahia ás plagas africanas gentes de todas as partes do mundo, e esses estrangeiros alteraram profundamente as camadas da população anterior, aborigenes ou não, embora não tanto que os descaracterisassem, e converteram-n'as n'uma maxinifada ethnica, em que os sabios descobrem face para apoio de todas as opiniões possiveis, e de que será dif-

ficilimo apurar os verdadeiros elementos e reconstruir as acções e reacções d'uns sobre os outros.

De todo o modo, pode-se dar como assentado que os macuas não são representantes genuinos da raça negra. Tanto o não são que até fornecem argumentos aos theoristas que sustentam, se não o parentesco de alguns povos *bantu* com os kuschitas, ao menos a influencia exercida por estes e pelos semitas na Africa Oriental. Assim, o padre Torrend inclina-se a acreditar que a palavra *Moluku* ou *Moloko*, com que elles e outras tribus orientaes designam Deus, é uma corrupção de Molock, que os vizinhos dos hebreus adoravam, e julga que a *fanação* ou circumcissão, a que os macuas ainda hoje se sujeitam, lhes foi ensinada pelos sabeus ou por outros asiaticos. Esta ultima opinião todavia, tem contra si um argumento, não decisivo mas valioso. Fr. João dos Santos, que conheceu de perto os povos de Macuana e lhes descreve os costumes, não diz que elles se circumcisassem, e esta omissão é significativa n'um padre, naturalmente attento a todas as praticas dos selvagens a que se podia attribuir significação religiosa; é, pois, muito possivel que os macuas aprendessem essas praticas modernamente com os catechistas musulmanos, que tantas conquistas teem feito entre elles, e não em tempos remotos como os sabeus ou outro povo.

Tambem o illustre philologo dá á palavra *ma-kua* uma interpretação que os nossos velhos chronistas induzem a repudiar. Segundo elle, *kua* é *Gôa*, pronunciada cafrealmente, e assim os *wa-ugwana* de Zanzibar, os *Bechwana* do Limpôpo e os *Ma-kua* ou *Ma-kwana* de Moçambique, chamam-se a si proprios *gente de Gôa*, «evidentemente porque «os seus senhores foram por muito tempo indios, indiscriminadamente incluídos por elles, juntos com os brancos, na denominação «generica de *goanos*». Aquelles nomes de povos seriam, pois, um testemunho de influencia portugueza na Africa oriental, por isso que foram os portuguezes que de *Gôa* governaram em Moçambique e de *Gôa* encaminharam para lá indios e brancos; mas a realidade é que, antes d'essa influencia se ter firmado, já os macuas se appellidavam macuas, e se é certo que entre elles se tinham, desde largo tempo, estabelecido indianos, esses não senhoreavam o paiz nem havia motivo para serem genericamente denominados *goanos*, pois que procediam de muitas regiões da India.

(Continua)





FREI LUIS DE SOUSA

DOMINADOS pelas leis fundamentaes do romantismo, tanto Garrett como Herculano, recortaram as personagens das suas obras de imaginação no fundo lendario da historia patria ou das tradições populares. E' claro, todavia, que cada um procedeu a esta operação, segundo a natureza do seu organismo. Herculano era um espartano, Garrett era um atheniense: um mais philosopho, o outro mais artista; Herculano, na sua psychologia peninsular, quando amasse, seria o mais intenso apaixonado; Garrett era um enamorado, como quem aprendera na sociedade ingleza os suavissimos encantos do *flirt*. Herculano era um espirito medieval; Garrett era um espirito da renascença: é por isso que o primeiro foi aos campos de batalha, ás côrtes dos reis mouros e dos reis godos, aos claustros, á burguesia e á plebe evocar as figuras dos seus dramas. Garrett, sem desprezar em absoluto estes elementos, foi nos vultos litterarios que encontrou os mais perfeitos modelos dos caracteres que tão bem desenhou. Camões, Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, frei Luis de Sousa, eis as grandes figuras que surgem radiantes na sua galeria, simbolizando assim a soberana alliança do cavalleiro e do poeta, do sentimentalismo e da mentalidade.

Frei Luis de Sousa, apesar de ser considerado o mais puro e mais delicado burilador da prosa portugueza, está longe, sob o ponto de vista litterario, de hobrear com Camões podendo todavia pôr-se a par de Bernardim Ribeiro na suavidade do estylo. A frei Luis de Sousa faltava a *vis* ou força creadora. Tinha o segredo da harmonia, combinava a phrase como um dos mais habéis musicos da palavra, possuia, como ninguem, a elegancia da oratoria, tinha no olhar a medida exacta das proporções graciosissimas, sabia ser sublime sem nunca perder a singeleza e a simplicidade, os dois grandes e indispensaveis attributos de to-

da a obra d'arte. Tanto na vida do *Arcebispo* como na *Historia de S. Domingos*, frei Luis de Sousa não foi propriamente o inventor, o architecto; achou já os materiaes reunidos e o edificio quasi traçado, mas foi o canteiro que ajustou com toda a pericia as pedras e as lavrou maravilhosamente.

Assim como ha dois nomes para designar o homem e o frade, Manoel de Sousa Coutinho e frei Luis de Sousa, assim, no mavioso escriptor dominicano, ha duas individualidades distinctas, dois temperamentos oppostos. Antes de entrar no claustro, Manoel de Sousa Coutinho é o cavalleiro, o fidalgo de estirpe, o nobre cheio de altivez. Como tal, elle retrata-se admiravelmente no prologo em latim ás obras de Jayme Falcão. Parece tel-o escripto com a ponta da espada n'outra lamina d'aço. O seu genio fogoso transparece ali com toda a hombridade do pundonor offendido. O irritado cavalleiro não vacilla em tomar nas mãos o facho incendiario e de communicar com elle o fogo ao seu palacio de Almada. Aquellas labaredas crepitavam como a sua vingança. Era o seu coração que ardia a trasbordar em ira. A lava d'esse vulcão corre nos periodos incisivos da sua prosa romana.

Ao entrar no convento, ao descingir a espada de capitão de cavallos, ao envergar o habito dominicano, Manoel de Sousa Coutinho, transformado o nome em frei Luis de Sousa, como que passa tambem por uma variação identica na sua natureza. Vinha já o peso dos annos, vinham já os desgostos da vida, vinham já os desenganos do mundo, e tudo isto, alquebrando-lhe o corpo, lhe abrandára tambem a rijeza do espirito.

Dois pontos culminantes da vida de frei Luis de Sousa escolheu Garrett para as scenas mais commoventes do seu drama: — o incendio da casa d'Almada, ateado, n'um momento de pundonorosa ira contra os governadores do reino, que n'ella queriam ir residir,

e a apparição inesperada do peregrino de Jerusalem dando novas do primeiro marido de D. Magdalena Tavares de Vilhena. D'estes dois factos, o primeiro era authenticco, transmittido á posteridade, com toda a vehemencia e elegancia, em viril prosa, pelo proprio auctor do feito. O segundo, baseado em narrativa que não procedia de testemunho occular ou coevo, tinha mais o character de lendario que de historico. Garrett na sua profunda intuição artistica, adoptou-o assim, ampliando-o ainda mais, convertendo o mensageiro no proprio D. João, pois d'outro modo, se lhe applicasse os rigores da critica, teria ganho com isso o raciocinio, mas ficaria prejudicado o sentimento. O dramaturgo empolgou o philosopho.

O subitaneo apparecimento de D. João de Portugal ou do seu mensageiro não repugna, em absoluto, admitir-se e não ultrapassa as raias do verosimil, mas as circumstancias concomitantes é que suscitem algumas duvidas de pezo no meu espirito. Como se explica que o guerreiro d'Alcacer-quivir, considerado morto na batalha, estivesse tantos annos silencioso, sem que nunca tivesse chegado ao reino a suspeita da sua existencia? Em que remotas paragens ou em

que obscuro captiveiro jazeu elle, que não tivesse por quem mandar um aviso a sua familia? N'aquelle tempo ainda os portuguezes circulavam por toda a parte, e eram frequentes as viagens da India a Portugal por terra, atravez da Persia e de outros paizes. Além d'isso, os judeus da nossa raça estavam dessiminados por todo o mundo, e eram excellentes meios de transmissão. Como é que D. João de Portugal não encontrou um recoveiro, que lhe trouxesse uma carta ou um recado de bocca? E com que fim se apresentou elle, peregrino mysterioso, como querendo personificar um castigo providencial, uma d'estas personagens da fatalidade antiga? E se a sua apparição nos deixa surpreendidos, maior surpresa nos causa o seu desapparecimento depois de ter proferido o *ninguém*, que Garrett por conta propria lhe pôz

na bocca. Em que alçapão theatral se sóme esta figura, perfeitamente talhada por um figurino de magica?

Frei Luis de Sousa guarda o mais profundo silencio sobre esta phase profundamente dramatica da sua vida, o que poderia fazer supôr que este silencio propositado envolvia alguma coisa de tão triste e de tão intimo que seria criminosa indiscrição revelal-a. Deve-se ponderar todavia que frei Luis de Sousa foi igualmente reservado em quasi tudo que lhe dizia respeito e á familia de sua mulher. Para mim, o motivo que determinou Manoel de Sousa Coutinho a abandonar o seculo, a trocar o seu nome e a entrar no claustro teve

outras causas mais naturacs, que me levam a seguir, n'este ponto, o parecer do douto e sensato bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo. A suggestão, para me servir de uma phrase tanto em moda, é que actuou no espirito de Manoel de Sousa Coutinho e de sua esposa. Um facto identico succedera n'aquella epoca e o exemplo não ficou sem proselytos. O conde de Vimioso, D. Luiz de Portugal, amigo intimo do nosso escriptor, metterase a frade, sendo baldados todos os empenhos da familia para o dissuadir do intento. A mulher entrára



NINGUEM... — QUADRO DE MIGUEL ANGELO LUPI

Scena do drama do Visconde d'Almeida Garrett
FREI LUIZ DE SOUSA

em outro mosteiro da mesma ordem. Manoel de Sousa Coutinho enamorou-se do procedimento do seu amigo e tão imitador quiz ser do seu exemplo, que, até no professar, tomou o seu nome, Luis.

Outros factores predominariam ainda de certo: — a indole da epoca, o character das personagens. Manoel de Sousa Coutinho era uma organização ardente, como o provam alguns actos da sua vida, e a ardencia do temperamento casa-se perfeitamente com o mysticismo. Sua mulher devia ter um genio semelhante, revigorado por uma educação especial. Conhecemos hoje quem era sua mãe, graças ao retrato, copiado do natural, que nos deixou um frade hespanhol, na dedicatória que lhe consagrou do seu livro *Nórtre de idólas*, cujo titulo singular, nos daria uma ideia bem original do seu auctor, se outras obras lhe não

proclamassem o merecimento litterario. Chamava-se elle o dr. Francisco de Monçon, theologo hespanhol, e fôra um dos professores mandados vir por D. João III para ensinar na Universidade. Além de alguns opusculos theologicos e asceticos, compoz um notavel tratado da educação dos principes, em que ha curiosos traços phisionomicos de D. João III, e pormenores interessantes ácerca de cousas portuguezas. O dr. Francisco de Monçon pinta-nos a casa de D. Maria da Silva, mãe de D. Magdalena de Vilhena, como uma especie de recolhimento ou mosteiro em que as virtudes e a devoção christã se praticavam exemplarmente, sendo a creadagem não menos applicada e perfeita n'estes exercicios. O pae de D. Magdalena, apczar de ter guerciado longos annos na India, em vez de nos deixar as memorias das suas proezas militares ou as de seus companheiros, compoz um livro mystico, ainda hoje bastante apreciado pela sua linguagem e pela sua raridade bibliographica, intitulado *Doutrina espiritual*.

Ora n'estas condições, quando o palacio era uma succursal do convento, e vice-versa, quando a sociedade elegante consumia quasi todo o seu tempo nos palratorios conventuaes, quando por toda a parte, se respirava uma atmospherã de sachristia, que admira que Manoel de Sousa Coutinho dissesse a sua mulher — *abandonemos o mundo!* — e que esta, sem repugnancia, antes gostosamente, n'uma inclinação hereditaria de familia, acceitasse desde logo o convite?

• • •

A vida de frei Luis de Sousa tem sido superficialmente explorada, e por isso são muitos os enigmas que o acompanham desde o berço ao tumulo. E no entanto o eminente escriptor bem merecia que o seu vulto se apresentasse nitidamente exposto á luz da verdade historica. O douto bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, foi quem mais aprofundou a biographia e o exame critico das suas obras, mas a *Memoria*, que a este proposito nos legou, deixa bastante a desejar, pois que não se serviu de documentos, que lhe ministrassem novos factos, e se limitou a reunir o que andava disperso por diversos auctores, sujeitando-os todavia a uma analyse rigorosa, acceitando só aquillo que não repugnava ao seu criterio prudencial. Desde então, e são decorridos aproximadamente tres quartos de seculo, nada, ou quasi nada mais, se tem adiantado. Graças a documentos que tive ensejo de encontrar no Archivo Nacional, posso hoje fornecer á curiosidade publi-

ca alguns dados ineditos que nos apresentam Manoel de Sousa Coutinho em mais d'um lanço da sua vida intima. O resultado d'estas minhas pesquisas exarei-o n'uma noticia, que destino á collecção de memorias da Academia Real das Sciencias, a qual concluirá com a serie dos documentos comprovativos. Aqui, apenas me limito a fazer o extracto de alguns pontos mais importantes d'essa monographia.

Não se sabe, e hoje seria difficilimo averiguar, se o casamento de Manoel de Sousa Coutinho seria devido mais á conveniencia e ao interesse material que á paixão amorosa. Elle não era filho primogenito, e por conseguinte não viveria em desafogada situação financeira, como geralmente succedia aos filhos segundos das familias fidalgas. Pelo contrario, D. Magdalena Tavares de Vilhena possuia avultados bens patrimoniaes, como se prova pelo seu dote e pelas arrhas de casamento que lhe deu seu primeiro marido, D. João de Portugal. Esses bens foram augmentando com heranças successivas, de modo que a sua casa não seria das menos cobiçadas. Não existem tambem, que eu saiba, os retratos ou miniaturas dos dois conjuges, e por isso ignora-se o quanto a belleza physica teria sido causa primordeal no affecto que os uniu. Quanto se pode ajuizar, pelos seus actos e pelas suas obras, Manoel de Sousa Coutinho, o brilhante capitão de cavallos, deveria ser um primoroso typo de fidalgo, valendo pelas armas, valendo ainda mais pelo talento, um d'estes cortesãos dignos de figurar na côrte de D. Manoel, cingindo airoosamente a espada e manejando a penna, podendo collaborar no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rezende se o seu estro poetico se traduzisse na linguagem de Bernardim Ribeiro, em vez de se manifestar na lingua veneranda do Laceo.

D. Magdalena Tavares de Vilhena, ou se consorciou muito cedo com D. João de Portugal, ou já não era *menina e moça* quando contrahi nupcias pela segunda vez. Durou dez annos, pouco mais ou menos, o periodo do seu primeiro noivado, e d'elle restaram tres filhos, duas meninas e um varão, D. Luis, que foi servir uma commenda a Tanger e morreu muito moço em Africa. N'estas condições, a viuva de D. João de Portugal deveria ser ou muito formosa ou muito rica, para conquistar o coração do poeta soldado, e que se chamava Manoel de Sousa Coutinho. E quem sabe se, por excepcional mimo da fortuna, ella não possuiria conjunctamente estes dotes?

Restrinjo-me a estas hypotheses, pois em materia de paixão amorosa é arriscadissimo sempre ir além das conjecturas.

Manoel de Sousa Coutinho gostava estre-mecidamente do sitio de Almada para onde

ia veranejar todos os annos, attrahido pela amenidade do sitio, d'onde, além d'isso, se disfructava o esplendoroso panorama de Lisboa. Almada, n'aquelle tempo, era um dos suburbios da nossa capital, que a nobreza escolhia de preferencia, e onde havia quintas deliciosas. Estou convencido que as casas onde Manoel de Sousa residia não eram d'elle, mas faziam parte da fazenda de sua mulher. Uma prova evidentissima de quanto os dois esposos eram afeiçãoados áquelle sitio é o contracto que elles celebraram, a 10 de julho de 1595, com os frades do convento de S. Paulo de Almada, cuja capella mór compraram para jazigo da sua familia. Não foi por diminuta quantia que se effectuou a transacção. Os compradores obrigavam-se a dar um padrão de juro de cinquenta mil réis annuaes ou a sua equivalencia em trigo, e para segurança e garantia, hypothecavam umas casas que possuíam ás Portas do Mar, em Lisboa, as quaes trazia de aluguer por oitenta mil réis Simão de Pina, descendente talvez de Ruy de Pina, o chronista. Este contracto ministra-nos outras circumstancias curiosas, entre as quaes avul-

ta a de que Manoel de Sousa Coutinho tinha a sua moradia senhorial em Lisboa, na rua de S. Roque, freguezia do Loreto. Vivesse eu n'aquelle epoca e seria seu visinho. A' falta de outras glorias caiba-me esta de morar na mesma rua em que habitou Frei Luis de Sousa.

O contracto, passados quatro mezes, (16 de outubro) foi substituido em parte por outro em que se faziam algumas modificações, entre ellas a de que o jazigo da capella mór do convento de S. Paulo ficaria constituindo parte do morgado dos Sousas Tavares.

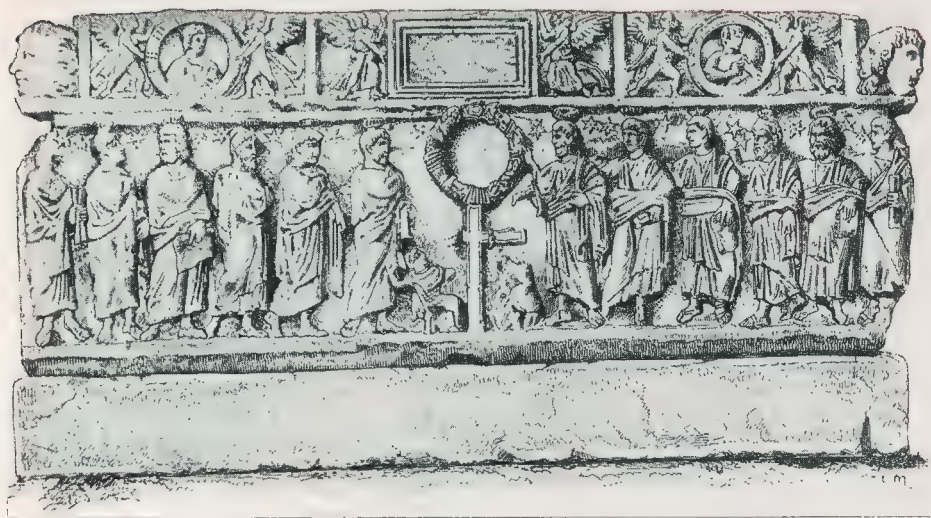
Nada disto porém chegou a ter effeito. A vontade dos homens, por mais firme que seja, obedece, como sensível catavento, ao sopro do destino. Manoel de Sousa Coutinho e sua mulher D. Magdalena Tavares de Vilhena não poderam dormir o somno eterno, um a par do outro, sob a mesma lousa sepulchral. Quem sabe se, além-tumulo, já se terão encontrado, realisando o seu proposito de 1595, ou se o *ninguem* de Garrett se terá outra vez interposto, não permitindo sequer que elles sejam as phantasticas personagens da funebre ballada de Soares de Passos!

Cascaes 19 de julho de 1901.

SOUSA VITERBO.



O CRUZADOR S. RAPHAEL



OS APOSTOLOS — BAIXO RELEVO D'UM SARCOFAGO

OS MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

CAPITULO I — A MANHÃ DE SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

A LUZ duvidosa do crepusculo da manhã mal começava a fundir-se na claridade suavissima do plenilunio, e já os passos pesados de gente armada resoavam nos lagados das ruas d'Antiochia, de ordinario ainda desertas áquella hora.

Eram os soldados da antiga decima legião fretense, tsnados, robustos, espadaudos, coiraca articulada resguardando o peito, lança ao hombro, escudo no braço, ao commando de Asclepiades, prefeito do pretorio, saídos da caserna do palacio imperial, na ilha do bairro de Callinicus.

Abria a vanguarda uma columna armada de alavancas, escadas, machados, picaretas e outras ferramentas de destruição, como se se tratasse d'um trabalho de sapa, ou do ataque a uma fortificação altamente murada. Nada faltava para que aquella marcha parecesse uma expedição de guerra, senão a turba dos escravos conduzindo bestas de carga com as bagagens, e a multidão dos traficantes de toda especie de mistura com o mulherio; mas em seu logar seguia no coice um grupo variadamente togado.

Pelos lictores que precediam algumas das personagens togadas, e dos quaes mal ainda se divisavam no lusco-fusco as laminas dos machados entalados nas varas, reconhecia-se

que iam alli tribunos e magistrados judiciaes, acompanhados de agentes do fisco; e até tunicas de purpura indicavam a presença de varios flamines.

Caminhavam em silencio a tropa, a justiça, a religião e o fisco, tal qual se dirigissem a uma surpresa de guerra, ao longo da estrada que subia para o sul, na direcção da parte montanhosa da cidade. A' maneira que a comitiva avançava ia despertando uns desgraçados que dormiam ao abrigo do relento nos vãos dos porticos, e principalmente nas columnatas da Grande Avenida, mal embrulhados em mantos velhos de côres esvaídas.

Ao chegar á embocadura da rua de Singono, a ultima de alinhamento regular no sopé da montanha, e que dava nome ao bairro, parte da tropa seguiu-a até a porta de Daphné, e outra foi occupar alguns carreiros das vertentes, fazendo levantar em alvoroço revoadas de mulheres caídas na ultima abjecção, que fugiam á pressa dos gradins do theatro, onde as tinha deixado o ultimo dos noctambulos, que lhes pagara uma ceia de molle peixe do rio, asperamente condimentado, ou repartira com ellas a pobre pitança de figos seccos, tamaras e azeitonas em troco de torpes caricias.

Asclepiades tem dado voz de alto, e feito

marchar um troço da sua tropa para uma viella que subia em rapida inclinação até um edificio sem grande apparencia monumental exterior, a não ser o seu comprimento, contrastando na sua severidade sombria com os graciosos arrebiques e linhas combinadas dos porticos e peristyls do resto das construcções, principalmente do theatro, do circo e do forum.

Era a egreja christã, conhecida pelo titulo de basilica apostolica, quasi defrontando com a massa enorme do Pantheon coroado por alto zimbório, e na qual, segundo ensinava a tradição, discutiram, ensinaram e catechisaram Pedro, Paulo e Barnabé.

No percorrer das ruas tinha chegado por vezes aos ouvidos dos legionarios, alem do latido quasi incessante dos cães, o echo abafado dos ultimos cantos das ceias, os ultimos berros, vivas e aclamações dos convivas ebrios nos prostibulos; ou então os urros das feras presas nas jaulas do circo, que perturbavam a calma d'aquella madrugada verdadeiramente encantadora.

Agora eram outros os sons que se ouviam. Misturada com os uivos das hyenas, que vagabundeavam nos arredores por entre a penedia e montes da serra, acompanhada pelos murmurios brandos das quedas d'agua, que se veem precipitando dos altos rochedos, formando veloz regato, chegava aos ouvidos d'aquella gente, em côros alternados de vozes nazaladas, capridolentes, tremulas, uma toada monotona, entrecortada de recitativos de uma só voz, ou de canticos breves em unissono largo e profundo, como que saindo em soluços e brados afflictivos do peito da gente opprimida, encerrada na egreja que a tropa acabava de circular.

A um signal do prefeito avançaram dois soldados e com breves machadadas fizeram a porta em estilhaços.

Aos primeiros golpes os canticos cessavam; e quando a porta caiu resoou, seguido logo d'um silencio sepulcral, um formidavel: — *Kyrie eleison!*

Morna baforada, na qual se mistura o perfume do incenso com o cheiro do azeite queimado das lampadas e o fetido de gente pouco limpa, saíu lá de dentro, e deteve por um momento Asclepiades e a comitiva que o seguia. Agitaram o ar com a ponta das togas, para desfazerem a nausea sentida, e entraram, achando-se numa especie de atrio, onde se escondiam a um canto alguns individuos vestidos com tunicas brancas, que foram logo expulsos; seguiram por um corredor, e a poucos passos ei-los num grande recinto, que esse corredor como que dividia na sua continuação.

A um lado viram grande numero de pobres mulheres verdadeiramente aterrorisadas, quasi todas vestidas com longas tunicas escuras, atadas na cintura por grosseiros cordões de lã, e véu pardacento, que lhes caía da cabeça aos pés, destacando-se d'ellas, num pequeno estrado, outras quatro ou cinco com os vestidos muito afogados, seios cobertos com toalha e véu caído sobre os olhos. Do lado opposto algumas dezenas d'homens, trazendo uns longas tunicas brancas, sob mantos gregos, outros curto *sagum*, cobrindo os hombros com restos de mantos, e todos encostados a um bordão terminando em T.

Eram nuas de qualquer vistosa ornamentação as altas paredes, e apenas na parte superior d'ellas, como cornija, e ao centro, como friso, lhes corriam duas linhas de phrases evangelicas em varios idiomas. Acima do espaço onde se juntavam os homens, erguia-se, afastado para a direita, o alto *ambon*, que, alem d'um pulpito na parte superior, tinha outros dois em diferentes planos, cada um d'elles mais baixo. Cercava-o uma balaustrada, onde em espigões de ferro ardiam cirios grosseiros, espalhando no ambiente um clarão avermelhado, que subia a juntar-se com o que produziam umas dezenas de pequenas lamparinas collocadas ao redor d'um lampadario formado por um grande circulo de bronze, suspenso do tecto por enfumadas correntes. Para alem do *ambon* uma mesa coberta com alva toalha de linho, atrás da qual uma cadeira sobre um estrado. Assentos rasos noutros estrados lateraes, e na parede curva do fundo um armario saliente, velado por duas cortinas, e em cima, na concha que disfarça a empena, recortadas em chapa d'oiro, faiscando com o reflexo das luzes, as duas letras que formam o monograma de Christo.

Aqui a linha d'inscrições era substituida por um renque de doze palmeiras com outros tantos *AA* á sua sombra.

Mais cirios se achavam collocados ao redor da mesa e illuminavam de luz extranha um rapaz na força da vida, vestindo ampla planeta de linho listada de purpura, que lhe descia abaixo dos joelhos, e cuja roda levantavam nos flancos os braços cruzados sobre o peito.

Era a hora da quarta vigilia da noite, a da alva, cujos primeiros reflexos doirados já começavam a diffundir-se na parte enfumada e superior do recinto, e os christãos alli reunidos commemoravam a Paixão de Jesu-Christo, que se celebrava naquella sexta feira 13 do mês de abril de 351, da era de Cesar.

Extranhou o prefeito encontrar tão reduzido numero d'elles, entrando mesmo em



OS MARTYRES — AGUARELLA DE PAUL FAJOL

Acompanhando com illustração, tanto quanto possível documentar, a bella e suggestiva narrativa, na qual, sobre um episodio punjente d'um velho martyriologio, Lino d'Assumpção reconstrue uma época, levantando-a do pó dos seculos, intercallamos esta aguarella celebre que n'um estreito espaço e n'uma concepção feliz, o pintor soube representar a grandeza romana, a viva fé christã, a crueldade dos perseguidores, symbolisados no arco triumphal, na estatua de Cesar, no grupo dos martyres que ampara a visão dos anjos, no circo onde a multidão applaude a morte do santo, que o touro arrasta nas victorias apteres que pousadas na architectura do arco encimam a majestade da composição.

(NOTA DA RED.)

conta com os neophytos que tinha expulso logo á entrada; mas um dos flamines, com um sorriso de satisfação, observou-lhe que se de tantos christãos que avultavam numa cidade de quinhentas mil almas, tão poucos eram os que se reuniam na sua principal egreja, é que por certo tinham sido efficazes as noticias do primeiro edicto de Diocleciano, o degredo do bispo Cyrillo para a Panonia, e a presença de Galero em Antiochia, resolvido ás ultimas medidas contra aquella ignobil seita.

E assim fôra.

Os syriacos, fracos de character, pusilânicos, sem consistencia nem perseverança nas idéas, assim que viram banido o chefe e dispersos os ministros do culto que lhes mantinham a cohesão e davam força, começaram por arrancar dos hombros e das tunicas as callicolas ou rodellas de metal e de purpura por que uns a outros se reconheciam como fiéis e irmãos; correram em bandos de *lapsi* a sacrificar aos idolos os padres, os diaconos, os acolytos e leitores; outros, os ricos, convertiam-se em *libertarios* pela compra d'um falso attestado de que tinham sacrificado; chusmas de *traditores* entregaram os manuscritos que continham os evangelhos, os actos dos apóstolos, os rolos com a correspondencia das differentes egrejas, os dipticos onde se achavam inscriptos os nomes dos santos, martyres, cathecumenos e dignidades do culto, os vasos sagrados, os utensilios liturgicos, e alguns até as roupas destinadas aos pobres. Assim os diaconios, onde os ministros se paramentavam, estavam vazios; nos triclinios dos agapes nem uma fatia de pão, os ciborios ermos, as oblatorias nuas, e raros concorriam ainda ás egrejas, onde a eucharistia se conservava, não já nas ricas e preciosas pombas de ouro ou de prata, mas em grosseiras caixas de vime.

Pois esse mesmo refugio das egrejas lhes ia ser tirado.

Aconteceu que por aquelle tempo, sabendo-se em Cesarea, na Palestina, a que degradação chegara a christandade de Antiochia, o diacono-exorcista Romano resolveu partir para aqui, a fim de insuflar novo animo nos fiéis. E, ao longo da costa, seguindo o mesmo itinerario que, quasi tres seculos antes, seguira S. Paulo, indo de Tiro a Sidonia, d'aquí a Beryta, depois a Byblos, a Tripoly, a Antaradus e Daodicea, sempre evangelizando, sempre soccorrido por seus irmãos, alguns tão pobres, que só lhe podiam dispensar o fraternal cuidado de lhe lavarem os pés, chegara a Antiochia, quasi ao mesmo tempo que Galero; e por meio da predica, das supplicas, das ameaças conseguira unir

uma centena dos menos fracos, e leva-los naquella noite a juntarem-se na basilica, para commemorarem os passos da Paixão. Eram poucos pois.

Na abside achava-se só elle. Elle diacono sem padre a que assistisse, sem acolyto que o ajudasse! Entre as mulheres apenas quatro diaconisas, almas temperadas na instrucção dos cathecumenos, no trabalho dos enfermos pobres, tinham acudido ao chamamento, e com tristeza viram quão poucas foram as christãs que entraram na egreja pela porta confiada á sua guarda!

Era portanto Romano o homem que se via de pé, junto da cathedra, atrás da mesa collocada a meio da abside, que outra coisa não era senão o altar, a ara de Deus, tão abandonado e pobre, que nem sequer houve quem colhesse flôres, numa terra onde o matto era de rosas, para formar uma grinalda com que o enfeitasse.

Asclepiades dirigiu-se para elle e perguntou-lhe:

— Como te chamas?

— Romano, diacono.

— Deixaste de o ser.

Romano sorriu d'aquella exautoração.

O prefeito, fazendo certo signal acompanhado de inclinação de cabeça a um dos flamines, deu-lhe a palavra.

Este, deixando cair as dobras da *læna*, e extendendo para o diacono um pequeno bastão, disse-lhe:

— Entrega-me as escripturas da tua lei; e todos os mais escriptos.

— Os escriptos estão vazios d'elles, respondeu Romano.

— Mas, se não estão aqui, algures devem existir, objectou o flamine.

— E' possivel que alguns existam em poder dos leitores.

— E onde moram os leitores?

— Os teus viadores que os procurem. Não sou denunciante!

— Entrega-me então os vasos sagrados.

— Não os recebeste já das mãos dos *lapsi*?

E num tom d'acerba ironia continuou: — Os teus homens do fisco, prefeito e tribunos, devem dar a madrugada por perdida, porque nada encontrarão que arrolar. Podes despedir os carregadores, que nada terão que transportar. Aqui só ha que fazer para os demolidores e para os algozes, se assim o entenderem.

Asclepiades ordenou que um magistrado e seus officiaes visitassem todas as dependencias do edificio, enquanto outro, puxando a cathedra, se sentava á mesa para lavar o auto.

Romano com um movimento rapido arrebatou a toalha.

— Podem-na arrolar; mas não a profanarão sobre o altar.

E continuou:

— Se queres escreve: Das secretarias desappareceram as venerandas encolpias com as reliquias dos martyres; o carbona, rico thesouro, está vasio d'alfaia e de vasos sagrados; as annulas, onde se guardava o vinho do sacrificio, estão seccas, e das acerras acabamos de tirar o ultimo grão d'incenso. Se ainda brilham as *lychni* no lampanario, é com um resto d'azeite que trouxe do de Jerusalem. No atrio só encontrarão agua, onde todos lavamos as mãos antes de entrar, e oxalá lavassemos tambem as almas.

O magistrado mandadô na busca entrou e declarou que nada achara. Mas Asclepiades, desconfiando d'um esconderijo, de novo exigiu que Romano lhe entregasse os livros para os queimar.

— Não os tenho, já disse. Mas, ainda que os tivesse, preferiria que me queimassem a mim, porque mais vale obedecer a Deus do que aos homens.

— A vontade do imperador deve prevalecer á tua.

— Mas a de Deus prevalece á dos homens.

— Pensa bem!

— Já pensei.

Asclepiades fez novo signal indicando o armario do fundo, o sacrario, onde se guardava a eucharistia, na esperança de ahi encontrar algum vaso precioso.

Um apparitor arredou as cortinas, e com espanto viram a porta do sacrario aberta e que lá dentro nada havia!

Um grito d'horror resoou no amplo recinto, acompanhado d'um clamor de «Misericordia!»

O prefeito deu ordem para que os christãos fossem todos expulsos d'alli para fóra, e ao mesmo tempo revistados um a um.

A alguns foram encontradas pequeninas caixas de madeira com particulas de pão; outros, principalmente as mulheres, traziam por debaixo das estolas, pendurados ao peitô, rolos onde estavam escriptos os evangelhos.

Todas estas coisas foram arrebatadas com violencia, e lançadas no acervo que os soldados já tinham feito e continuavam fazendo com os estilhaços das portas, a cathedra, os pulpitos, os estrados, o altar, e tudo quanto podia ser reduzido a cinzas.

Os christãos dispersaram-se pelas encruzilhadas e semedeiros da serra, em debandada, e d'ahi viram os soldados subidos aos telhados da igreja começarem a obra do arrazamento, e ao mesmo tempo outros largarem fogo aos destroços amontoados, que reben-

tou aos primeiros raios do sol despontando detrás das altas muralhas das fortificações, levantando negra fumarada que ia subindo d'encontro aos alcantins da montanha, tocada pelo vento, até bater e desfazer-se d'encontro á estatua de Caronte, o barqueiro do inferno, alli erguida sobre um fragão a lembrar aos antiochenses a morte e a necessidade d'uma vida justa.

A tropa dividiu-se em varias columnas que desceram para diversos pontos da cidade, ao commando de subcenturiões, a fim de arrazar as outras egrejas christãs. De caminho os officiaes inferiores arrancavam os retratos dos santos e martyres, que a maioria dos christãos, como era seu costume, collocava sobre as vergas dos portaes em desenhos, que muitos se tinham esquecido de esconder, avultando entre estes o do bispo degredado.

Quando a fogueira consumiu o mobiliario e utensilios do culto que nella lançaram; quando a derrocada das paredes tinha feito da velha basilica um montão de perpianhos e calça, a turba miserrima rapidamente se dispersou, escoando-se em todas as direcções, levando no coração o remorso da sua pusillanidade, e no animo supersticioso o fermento d'uma duvida terrível:

— Quem teria aberto o sacrario e d'elle arrebatado a eucharistia?

E, entregues uns aos seus misteres quasi todos caseiros e sedentarios, outros carregando liteiras, alborcando, fazendo recados, correndo a cidade á procura do imprevisto, que lhes dêsse de comer naquella dia, mercê da sua penetrante actividade, ou refugian-do-se os mais timoratos nas grutas e cavernas, que como colmeias enchiam os flancos alcantilados da serra, escondidas pela vegetação, pensavam todos no caso mysterioso.

Uma mesma idéa germinou em quasi todos os espiritos. Não seria aquelle desapparecimento um novo milagre do Bom Jesus?

Depois encontraram-se alguns e affiançaram que antes dos soldados terem invadido a igreja, e, quando ao ruido das primeiras machadadas na porta, todos transidos de medo se calaram, um sopro rapido passara na assembléa, e com elle correram, como nos tempos apostolicos, as palavras: *Maran atha*, o Senhor vae chegar!

Effectivamente, diziam elles, o Senhor passara por alli, porque outros viram um raio de fogo faiscar detrás das cortinas, e esse raio luminoso, rapido, doirado como a luz da aurora que ia nascendo, não podia ser senão o relampear da espada do anjo, sempre presente aos sacrificios, e que arrebatara o corpo do Salvador, para que não fosse profanado pelos pagãos.

(Continúa).

T. LINO D'ASSUMPÇÃO.

O QUE DIZEM AS ONDAS

(A Ada de Campos Pidwell)

VALSA POR

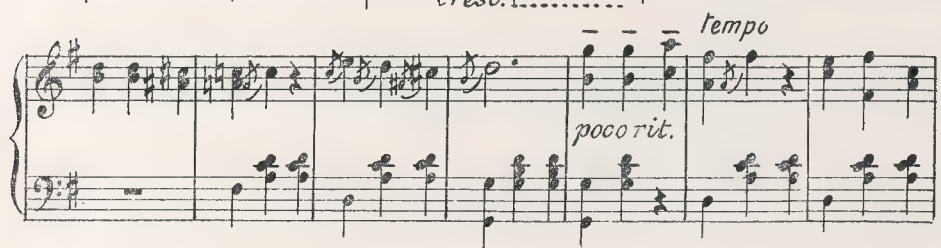
IZABEL DE CAMPOS PIDWELL

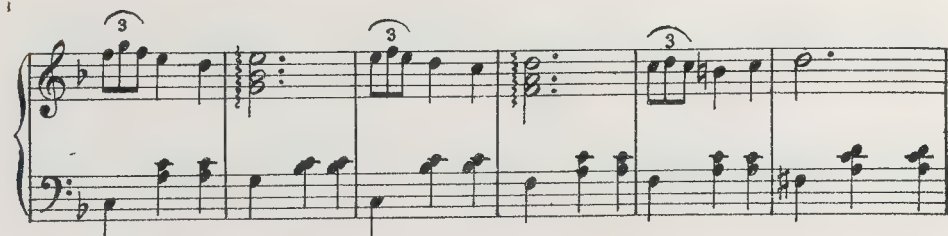
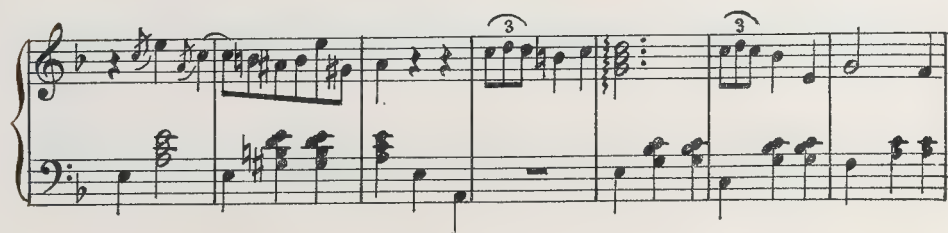
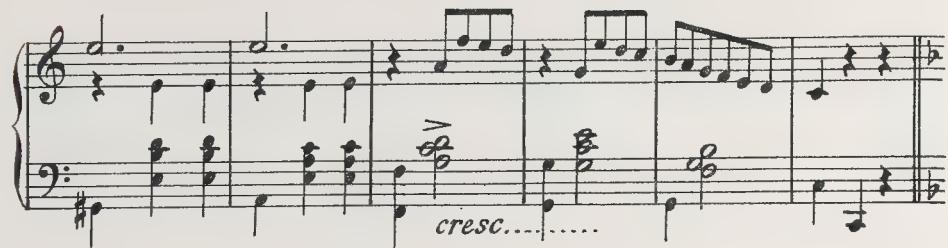
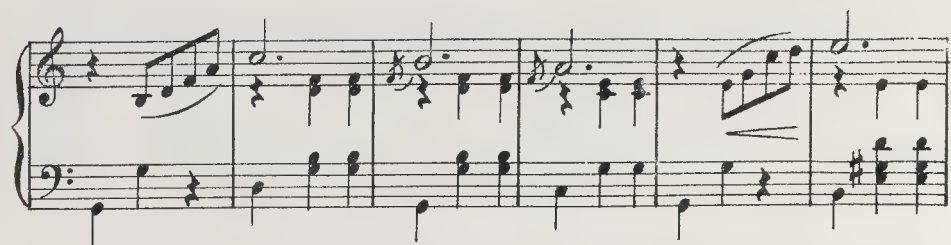
AUCTORA DAS VALSAS: NOSTALGIA (EXGOTADA), ESTIMA E LEONILDE, EDIÇÕES DA CASA SUÉCA
DE A. ENGESTROM

Moderato

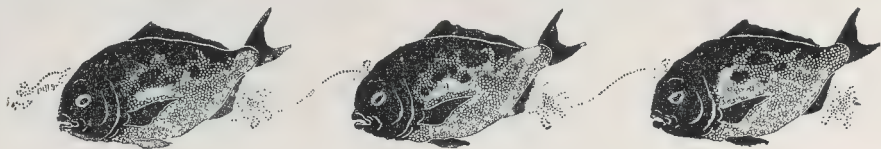
Piano

Tempo de Valsa









UM DRAMA SUBMARINO

As recentes manobras navaes e o exercicio de ataque dos torpedeiros á esquadra fundeada tornam opportuno o artigo que segue e onde, sob a forma de narrativa phantasiada, se descrevem as difficuldades actuaes do problema dos submarinos e onde se anteveem os combates futuros da invenção scientifica, transportando para debaixo das aguas do mar a lucta que hoje se trava á superficie entre o projector de luz e a velocidade sagaz do torpedeiro.

I. — O SONHO DO CAPITÃO FLAUBERT

ERA já o terceiro dia depois das manobras em Cherbourg, e o capitão Leão Flaubert, da commissão de estudos e experiencias da armada franceza, ainda não pudera conciliar o somno trez horas consecutivas.

Elle era um entusiasta da navegação submarina. Acreditava firmemente que a nação que conseguisse pôr no mar a primeira, e realmente effectiva, esquadra de submarinos, essa poderia á vontade dispor das esquadras das nações rivaes, conquistar os oceanos. As costas do mar seriam territorio exclusivo d'essa feliz nação. Para qualquer outra pessoa menos entusiasta, pareceria isto um sonho louco; para elle, contando com a resolução de algumas difficuldades previstas, e com mais algumas descobertas, a realisação d'aquelle sonho era simplesmente uma questão de dinheiro e de aturado trabalho.

Os exercicios de Cherbourg haviam provado tres cousas. Os submarinos poderiam submergir e permanecer abaixo da superficie das aguas; poderiam alli navegar vertical ou lateralmente; mas, logo que estivessem a cerca de trez metros de profundidade, ficavam cegos como morcegos á luz brilhante do sol.

Além d'isso, quando os pharoes electricos funcionassem de noute, debaixo d'agua, uma especie de luminoso nevoeiro, atravez do qual seria impossivel ver alem d'um circulo de poucos metros, irradiava em roda d'elles, e assim reflectir-se-hia na superficie da agua uma mancha semi-phosphorescente, que infallivelmente denunciaria a proximidade do submarino aos caça-torpedeiros e ás vigilantes canhoneiras. Então, o lançamento de um par de libras de dynamite com mar-

cha regulada de explosão deveria ter consequencias bem previstas para a gente do submarino, não havendo poder humano que a livrasse da morte certa e horrivel.

Foi o receio de tornar sabido este inconveniente maximo que excluiu tão cuidadosamente da area das experiencias os espectadores curiosos. Outras experiencias, realisadas á luz do dia, tinham provado anteriormente que a fusca mancha luminosa na profundidade das aguas se destacava ainda mais do que na escuridão da noute. Em resumo, a unica probabilidade de exito no ataque cifrara-se em vir á superficie fazer observações provaveis do alvo a attingir, depois submergir e descarregar o torpedo á aventura. Ainda assim, esta operação poder-se-hia effectuar com alguma probabilidade de exito n'um mar sereno. Com tempo apenas moderadamente aspero seria absolutamente impraticavel.

Foram estas difficuldades, junctas a outras mil desesperadoras, penosas e technicas particularidades, que fizeram perder o somno ao capitão Flaubert trez noites consecutivas. Ora, elle era incontestavelmente o melhor engenheiro submarino da França. Os submarinos provavam não ser praticamente efficazes. A França, portanto, contava que elle os obrigasse a ser.

As graves questões de politica internacional de que se occupava a diplomacia, a questão do Oriente, a questão do Mediterraneo, a herança do imperio marroquino, o panslavismo, a partilha da China, enfim qualquer incidente, arremessando uma pequena faísca na fabrica de polvora europeia, poderia determinar uma explosão formidavel; e entre a Alliança dupla, republico-csarista, e o imperio britânico poderia dar-se uma collisão. A

armada da Gran-Bretanha havia de se pôr em movimento e acção immediata. Em poucas horas as suas orgulhosas esquadras estariam desfechando rapidos e terríveis tiros sobre o inimigo mais proximo—a França. E comtudo, se elle podesse fornecer olhos submarinos que vissem bem atravez das aguas, a França poderia mandar uma armada invisivel que arruinasse as esquadras inimigas antes de sahirem dos portos, destruísse os seus mais poderosos couraçados, e os seus mais velozes cruzadores, antes que ellas podessem disparar um tiro; e assim em poucos dias, limpos os mares e os estreitos, far-se-hia a invasão de Inglaterra pelo irresistivel e poderoso exercito da França. Depois, quebrado o encanto da inviolabilidade da orgulhosa Ilha, ficaria para todo o sempre aniquilado o famoso poderio da Gran-Bretanha.

Era um esplendido sonho—mas apenas sonho cuja realidade elle via muito ao longe n'um vago desenho de estaleiros onde se construiam os maravilhosos submarinos.

Estava justamente apparecendo a madrugada do terceiro dia, quando um raio de inspiração luminosa penetrou no perturbado cerebro, meio adormecido, meio acordado, de Flaubert, entre o sonho e a realidade em que a sua alma se estava embalandando.

Ergueu-se de sobresalto, sentou-se na cama, encruzou as mãos atraz da nuca, e sem saber se estava a dormir ou acordado, ouviu dizer a sua propria voz:

—*Nom de Dieu*, é isto mesmo! Que tolo não ter pensado ha mais tempo n'uma cousa tão simples! Se não podemos vêr, podemos e devemos sentir. Fios electricos combinados e escolhidos de forma a terem o mesmo pezo da agua—equilibrio indifferente de Ludion em garrafa de creança—dez, vinte, cincoenta, cem metros de comprido em volta do barco, de pôpa á prôa, de bombordo a estibordo! Os navios d'aço são magneticos, tanto que d'ahi vem a maneira especial de acertar as bussolas. Na extremidade de cada fio deve haver um electro-magnete de estanho. A bordo elles hão de se reunir e ligar a indicadores, agulhas magneticas, delicadamente montadas, quatro pelo menos, na prôa, na pôpa, e de cada bordo; e como o *Vengeur*—hei de chamal-o assim, em memoria de Trafalgar e de Fashoda—o meu submarino aproximar-se-ha dos navios inimigos occulto na profundez dos mares, então aquelles fios, como os tentaculos de octopus, hão de estender-se attrahidos até a sua preza! Quanto mais proximo chegar, mais elles hão-de convergir para o navio que estiver mais perto e fôr maior. Quando mergulhar por baixo d'este, os fios hão de dirigir-se para cima.

Quando estiverem perpendiculares, estará determinada a direcção do torpedo a lançar. Os seus magnetes hão-de ligal-o ao navio condemnado. O *Vengeur*, mergulhará mais fundo, obedecendo sempre aos avisos da sonda indicadora, e procurará uma nova victima ou lugar seguro para subir á superficie. Em dez, quinze, vinte minutos, como eu tiver resolvido, o torpedo ha-de explodir, o navio de guerra ou o cruzador abrir-se-ha e afundar-se-ha, não sabendo que causa desconhecida o destruiu. Perfida Albion, tu estás já vencida! E's apenas a senhora dos mares enquanto o *Vengeur* não principiar a sua obra. Quando concluida, não mais haverá armada ingleza. Os soldados da França hão de vingar Waterloo no solo de Inglaterra, e Leão Flaubert será o grande homem, o maior da historia. Mercê de Deus, fiz uma descoberta que conquista um mundo. Agora posso adormecer.

Descahiram da nuca as mãos encruzadas; as palpebras cerraram-se sobre os olhos doridos; o corpo oscillou d'um lado para o outro, até que cahiu para trás. Como a cabeça se recostasse na almofada, uma longa e funda respiração sahiu dos seus entreabertos labios e em breve trecho um satisfeito resonar echoava no pequeno quarto, simplesmente mobilado, onde se resolvera a ruína da Inglaterra.

II. — UM JANTAR EM ALBERT GATE

Coincidencia curiosa: enquanto o capitão Flaubert mortificava a imaginação com o problema de vêr debaixo da agua e tinha apparentemente resolvido a difficuldade substituindo pela sensibilidade de fios electricos o emprego de raios de luz que tinha provado mal, o sr. Wilfred Tyrrell chegára a uma conclusão favoravel sobre o mesmo assumpto, ao cabo d'uma serie de experiencias que fizera.

O sr. Tyrrell era filho do sr. Wallace Tyrrell, um dos lords mais recentes do almirantado inglez. Tinha 29 annos. Obtivera uma distincta graduação nos estudos em Cambridge, depois fora a Heidelberg completar a sua instrução, e voltara para Londres onde fizera a sua entrada no mundo como o mais novo doutor em sciencias que em tempo algum houvera sahido dos jardins de Burlington.

A sua vida no continente tinha-o emancipado de todas as limitações forçadas a que o sujeitava o pae, aliás um homem muito intelligente e considerado. Como o capitão Flaubert, elle era um crente na possibilidade da navegação submarina, e como o seu des-

conhecido rival francez, também tinha ficado preocupado com o problema da fatal cegueira submarina. Atacou-o por um ponto de vista opposto ao do capitão Flaubert, differença de methodo que praticamente traduzia a differença entre os genios das duas nações. O capitão Flaubert illudira a questão, substituindo por fios electricos a luz. Wilfred Tyrrell optara por esta, que dava a vista directa, e tinha já todos os dados precisos para acreditar no exito incontestavel.

Na noite anterior áquella em que Flaubert cahiu em somno profundo no seu quarto de Cherbourg, houve um jantar intimo em Albert Gate, em casa de Wilfred Tyrrell. Aos olhos d'este a mais importante convidada

ria dos intellectuaes, nunca ousara fazer-lhe decidida côrte. Por direito de successão havia de ser condessa; algum dia havia de herdar meio milhão de propriedades, muito mais com a renovação dos arrendamentos, portanto Wilfred Tyrrell considerava-a destinada a casar-se talvez com um duque, ou pelo menos com um príncipe europeu. Com elle, não.

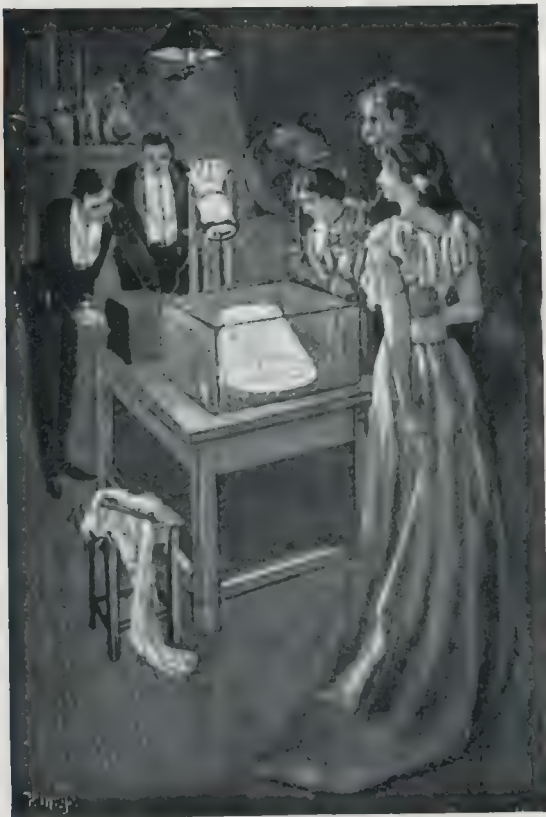
Todavia, Wilfred deveria calcular a opinião de lady Ethel sobre este assumpto pela recusa feita a um duque, dois viscondes, e uma alteza serenissima allemã que se haviam proposto como pretendentes, quando ella apparecera na sociedade. De resto, ella nunca se cansava de ouvir falar Wilfred Tyrrell — o que lhe seria bem significativo, se a sua modestia lhe permitisse ver.

Emquanto estava sentado ao lado d'ella á meza do jantar, n'aquella noite memoravel, pareceu a Wilfred muito menor a distancia social que os separava. Até ao presente a sua carreira fôra brilhante mas inutil. Estudara, distinguira-se; outro tanto muitos tinham feito, e acabavam na mediocridade. Mas agora elle fizera alguma cousa de grandioso — uma descoberta que o mundo inteiro apregoaria em poucas semanas. Resolvera o problema da navegação submarina, e, como preliminar defeza, descobrira meio rapido de averiguar a presença de um submarino destruidor.

Wilfred era um d'estes caracteres reservados e prudentes que possuem o dom do silencio, nos momentos criticos; o que, diz-se, tem servido a muitos diplomatas quando estão pezando na balança os destinos dos imperios.

Assim, tendo conseguido guardar o segredo do seu amor por tantos annos, também soubera reservar aquelle que era maior ainda, cuja narração poderia ferir n'uma paralyisia de incredulidade official os distinctos convidados que se sentavam em volta da meza do pae. Filho de funcçionario, sabia bem que semelhante revelação prematura poderia

provocar, não só o sorriso sceptico, o que lhe não importava, mas também revelações semi-officiaes para a imprensa, o que seria de grande importancia para elle. Por isso, quando principiavam a despedir-se os convidados, segredou á mãe: — Desejava que minha mãe, o pae, lady Ethel e lord Rivers



Sobre uma meza estava um tanque de vidro...

era lady Ethel Rivers, filha unica do conde de Kirlew, uma linda e tentadora *brunette* com promettedores prospectos financeiros. Wilfred amava-a em segredo, quasi sem esperanza, havia cinco annos.

Comquanto ella já se tivesse apercebido d'aquella inclinação, elle, timido como a maio-

fossem ao meu laboratorio depois de todos terem sahido. Póde acaso conseguir-me isto que lhe peço, mãe?

Lady Tyrrell fez um signal com a cabeça de assentimento e de promessa.

O laboratorio de Wilfred Tyrrell estava installado no alto da casa n'um comprido sotão, o que fora evidentemente escolhido para estar bem isolado.

Como iam subindo as escadas, Wilfred, seguro do seu proximo triumpho, ousou adiantar um pouco o passo e, encostando a mão levemente no braço d'ella, disse-lhe baixinho:

—Lady Ethel!

—Oh! interrompeu com o braço um tanto tremulo sob a pressão da mão d'elle — não esqueça o que me quer dizer, mas diga-me primeiro o que nos vae mostrar?

—Uma cousa que olhos humanos, excepto os meus, ainda não viram; uma cousa que sempre me deu a esperança de ser digno de lhe fazer um pedido que outros...

—Sei o que quer dizer — respondeu em voz baixa mas decidida, e olhando para elle com ternura nos seus bellos olhos que se riam. Mas agora?

—Agora? . . . Estamos chegados. Em breves minutos julgará com os seus proprios olhos, se a mereço ou não.

III. — OS RAIOS D'AGUA

O laboratorio estava disposto com a habitual desordem apparente de similares aposentos. Ao centro, sobre uma grande meza de pinho, tosca, manchada de acidos, estava um tanque de vidro cheio de agua, uma especie de aquario com as paredes de cristal muito branco e limpido. A agua de que estava cheio tinha uma côr verde desmaiada, como se fôra agua do mar. De cada lado, achavam-se collocadas umas caixas como as dosapparelhos electro-magneticos e respectivas pilhas, e em comunicação com tubos de vidro, montados em um suporte de madeira, convergindo todos para a abertura d'um outro tubo muito maior de vidro azul pallido. Na extremidade d'este, estava ajustada uma grossa e dupla lente convexa, tambem de côr azul pallido. Estava collocada de módo que o seu eixo incidia sobre a superficie da agua do tanque n'um angulo de trinta graus.

— Bem, Wallace, — disse o sr. Wilfred em quanto seu filho fechava, cuidadosamente a porta do quarto. O que é isto? Alguma nova invenção? Alguma cousa mais que

queres que eu apresente aos lords do almirantado?

— Justamente, e d'esta vez penso que esses senhores de Whitehall hão-de reconhecer que ha aqui algum valor. Em todo o caso, estou persuadido de que, se algum almirante



...deu-se um terrivel caso em Solent...

francez ou russo estivesse n'este quarto e visse o que vão vêr, eu poderia obter facilmente um milhão de libras esterlinas pelo que está sobre essa meza.

— Mas, de certo, não pensa fazer tal, — disse lady Ethel que estava em pé do lado da meza opposto ao arranjo dos tubos de vidro.

— De certo.

— Bem sei que o sr. Tyrrell era incapaz de vender aos seus inimigos qualquer cousa util ao seu paiz, interrompeu lord Kirew, voltando-se para sir Wilfred —, mas se eu vejo que isto vale alguma cousa e o almirantado não o tomar em consideração, eu o tomarei. Portanto deixe-nos agora vêr o que é.

Entretanto Wilfred abria para illuminar o quarto alguns bicos de gaz. Voltou para junto da meza, olhou de relance para lady Ethel,

tossiu ligeiramente, como faz o conferente quando principia, dirigindo-se á assémblea, examinou em volta as phisionomias expectantes, e disse com um ar propositalmente comico de cathedratico:

— Isto, minhas senhoras e senhores, é um apparelho de que tenho todos os dados para acreditar que remove a ultima e unica difficuldade da navegação submarina.

— Muito bem — disse lord Kirlew, ajustando o seu *pince nez* e inclinando-se sobre o conjuncto dos tubos, — creio ter já percebido o que quer dizer. Descobriu, se me permite antecipar-me, uma especie de raios de luz ou de Rontgen ou outros, que permitem vêr através da agua, não é assim?

— Justamente — disse Tyrrell. — Sabe que de facto a grande difficuldade, o insuperavel obstaculo ao progresso da navegação submarina tem sido a cegueira dos navios submergidos. Não podem vêr para onde vão além da distancia de alguns metros quando muito. Com este apparelho vêr-se-ha não só a distancia de baixo de agua mas tambem poderá um navio, vasculhar o fundo do mar como o holophote esquadrinha a superficie e portanto descobrir o submarino destruidor. Vou mostrar-lhes tambem que se pôde fazer uso d'isto tanto de dia como de noite; primeiro farei experiencia com a luz do gaz.

Entretanto que dizia isto, voltou umas poucas de manivellas qu commutadores nas caixas lateraes. As baterias começaram a zuznir serenamente. Os tubos principiaram a luzir com uma extranha e intensa luz que possuia duas curiosas propriedades: era distinctamente visivel á luz do gaz, como se o quarto fôra escuro, e era absolutamente restricta aos tubos. Nem um vislumbre se extravasava, permitta-se a expressão, além das superficies exteriores dos vidros. Depois o grande tubo azul começou a brilhar, tornando-se verde pallido. Instantes depois uma irradiação, como que uma labareda de luz verde sahiu da lente e um feixe de raios directos projectou-se para dentro da agua. Momentos seguidos, os olhos admirados dos espectadores viram penetrando na agua do aquario aquella luz então absolutamente branca na apparencia, e algumas pedras, areia e cascalho, que tinham sido deitados no fundo, distinguiam-se com magica clareza onde tocavam os raios de luz. A agua restante, illuminada apenas pela luz do gaz do quarto estava escura e indistincta.

— Agora vamos experimentar ás escuras. Lord Kirlew, teria duvida de fechar essa luz que está do seu lado? Pae, fecha essa luz que está ao pé de si, se faz favor?

Apagaram as luzes silenciosamente. Pes-

soas intelligentes ficam em geral silenciosas perante novas revelações. Todos os olhares se dirigiram para o aquario através da escuridão. Os tubos brilharam com a sua luz singular, mas o quarto continuava immerso em trevas. Aquario e agua tinham desapparecido. Viam-se apenas as pedras sobre as quaes incidia no fundo a extranha luz.

— Veem, disse Tyrrell, que o raio de luz não se diffunde. E' absolutamente directo, e é uma das suas mais valiosas propriedades. As luzes electricas que usam os submarinos espargem uma luz viva. A superficie da agua aqui, como vêem, é perfeitamente escura. Ha outra vantagem: o raio de luz é absolutamente invisivel no ar. Vejam.

Puchou para traz o apparelho de tubos para que o raio de luz sahisse da agua e n'esse momento o quarto ficou em perfeita escuridão. Voltou-o de novo para o aquario e outra vez o leque de luz brilhante tornou-se visivel na agua.

— Agora, continuou elle — nada mais ha que ver e podemos accender o gaz.

— Bem, Wilfred, — disse lord Kirlew quando voltaram para a bibliotheca, — parece-me que podemos felicitá-lo por haver resolvido um dos maiores problemas da época, e se o almirantado não approvar a sua invenção, como supponho que assim hão de fazer — hein Tyrrell! — você conhece-os melhor do que eu! — vou-lhe dizer o que tencioo fazer; comprarei ou mandarei construir para si torpedeiros que ficarão ás suas ordens, e enquanto não entrarmos em guerra naval com qualquer nação, o sr. poderá empreender um cruzeiro scientifico e usará o seu raio de luz para descobrir desconhecidos baixios e talvez um velho navio thesouro submergido. Creio que ha ainda alguns milhões de libras no fundo da bahia de Vigo.

IV. — EM SOLENT

Uma vez, pelo menos, o almirantado britânico mostrou espirito claro. A posição official do sr. Wilfred Tyrrell, e a immensa influencia de lord Kirlew concorreram de certo para estimular o intellecto official; mas em todo o caso, um mez depois da demonstração no laboratorio, uma commissão de homens competentes examinavam, e maravilhados approvavam, o apparelho de raios de luz na agua, e o torpedeiro *Scorcher* era posto á disposição de Tyrrell para uma serie de experiencias decisivas.

O *Scorcher* fundeara na South Dock, em Chatham, vigiado pela policia da doca que não deixava aproximar ninguem, além da distancia de 50 jardas, sem uma licença ex-

pressa do quartel general. O *Scorcher* apresentara-se com quatro installações de raios de agua, uma á pôpa, outra á prôa e uma dupla ao meio do navio para bombordo e estibordo, e afóra o seu usual armamento de tubos de torpedo e artilheria respectiva, levava quatro torpedos de typo Brënnan que podiam deitar-se á agua sem fazer a minima deslocação, dirigiveis de bordo, navegando sempre na direcção dos raios de agua.

De tudo foi, é claro, guardado o mais rigoroso segredo e a marinagem do *Scorcher* jurou individualmente não relatar o que visse ou ouvisse durante as experiencias. Eram homens escolhidos com provada dedicação e integridade. Qualquer d'elles daria a vida por honra da armada, portanto não havia receio que divulgassem o segredo.

Entretanto seguiram-se acontecimentos internacionales com maxima rapidez e aquelles que conheciã os bastidores da politica dos dois lados do Canal souberam que a guerra era uma questão de semanas, talvez mesmo de dias.

Um dia antes do submarino fazer a sua viagem de experiencia, o capitão Flaubert teve uma importante conferencia com o ministro da marinha. Flaubert aperfeiçoara o seu systema de sondas ma-

gnéticas, e o *Vengeur* estava fundeado em Cherbourg e apparelhado para seguir na sua missão destruidora. Vinte barcos eguaes estavam-se construindo com toda a pressa nos arsenaes de Cherbourg, Brest e

Toulon. O *Vengeur* tinha correspondido a todas as experiencias exigidas e para a marinha franceza os dias da armada britanica já estavam contados.

—N'uma semana talvez, meu capitão — disse o ministro, levantando-se da cadeira e apertando-lhe as duas mãos — haverá declaração de guerra ou, alguns dias mais tarde.

Prove que pôde fazer o que diz, e a França ha de saber recompensal-o. A victoria pertence hoje áquelle que primeiro obtiver uma vantagem e ella será sua, se lhe der o golpe previsto e decisivo.

Uma semana depois d'esta conversação, á meia-noite occorreu um terrivel caso em Solent, canal que separa a ilha de Wight da Inglaterra. O cruzador inglez *Phillis*, cruzador de primeira classe, estava ancorado a duas milhas aproximadamente do porto de Cowes e o *Scorcher*

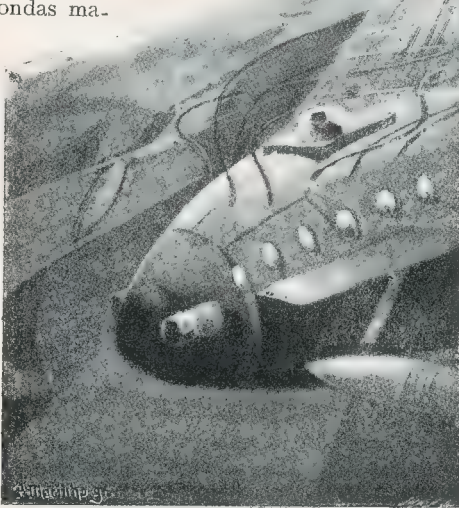


estava fundeado, com caldeiras accesas, um quarto de milha mais para dentro. Tinha a bordo e completa a sua equipagem, visto que hia bater por hypothese uma esquadra de submarinos, pois tinha sido decidido fazer-se a experiencia, não só da invenção do raio de agua mas ainda da possibilidade de governar os torpedos submergidos, encaminhando-os para navios velhos que estavam propositalmente mergulhados a vinte braças de Portland Hill. O destino decidiu todavia que a experiencia devesse ser muito mais interessante do que no casco

escangalhado d'um vapor, coberto de ostras.

Aos quinze minutos depois da meia-noute, quando Tyrrell e o seu immediato Farquar passeavam no estreito convez do *Scorcher*, sentiram que o barco se erguia com um empuxão debaixo de seus pés. Todavia as aguas estavam perfeitamente serenas.

—O que scrá isto? exclamou Tyrrell, em



quanto ambos parados olhavam para o mar. Succedeu que ambos dirigiram as vistas para o *Phyllis*, e justamente a tempo de o verem levantar-se sobre uma montanha de agua escura, quebrar-se em duas partes e desaparecer.

—Uma mina ou um submarino!—concluiu o commandante Farquar. Aprompte o seu aparelho, sr. Tyrrell. Será um dos submarinos francezes de que tanto temos ouvido falar? Se o podessemos encontrar?

Em vinte segundos, o *Scorcher* tinha desamarrado, o seu pharol tinha dirigido rapidos e successivos signaes para Portsmouth e Southampton, as caldeiras fumegavam, pela chaminé e suas admiraveis machinas estavam prontas á primeira ordem para desenvolver a força de dez mil cavallos e deslisar sobre a agua a trinta e cinco milhas por hoça.

Entretanto, quatro raios de luz intensa branca em fórma de leque illumipavam as aguas escuras e profundas de Solent como um relampago illumina a densa noite.

O *Scorcher* navegou em direcção á area do redemoinho da agua que provocara a submersão do *Phyllis*. O fogo luminoso do *Scorcher* metteu-se até ao fundo do Solent, ondeou por alguns momentos e depois fixou-se n'um ponto determinado. Os que olharam para baixo viram o que as palavras não podem descrever.

O esplendido navio de guerra que poucos minutos antes estivera fundeado, todo elegante no seu aparelho, prompto para partir para qualquer missão estava agora deitado sobre os rochedos e a areia do fundo, dividido em dois, feito n'um montão de ferros recurvados. Alguns dos seus canhões tinham sido arremessados fóra dos anteparos e atirados á distancia de metros. Corpos dos que ha pouco eram officiaes e marinheiros britannicos, boiavam a meia altura das aguas, ainda em redemoinho.

—Nada podemos fazer aqui sr. Tyrrell, disse o commandante Farquar.—Isto foi obra d'algum submarino. Deveria ter vindo por Spithead. Não se teria atrevido a vir por outro lado e naturalmente sae por onde entrou. Conserve os raios de luz e vamos a ver se o encontramos.

Ouviu-se outro tilintar na casa da machina. O *Scorcher* virou em direcção ao oriente e começou a navegar em zig-zag, a quarto de velocidade, para Spithead.

Com effeito, o capitão Flaubert tinha decidido praticar um acto inesperado, de rematada loucura, impellido pelo obcecado desejo de provar a efficacia do seu invento, approximando na sua imaginação febril o caso desgraçado e accidental do *Maine*.

O *Scorcher* navegou por entre os fortes, illuminando a agua para todas as direcções a uma distancia de duzentos metros, durante uma hora, mas nada descobriu. Afinal deliberou mudar de direcção.

O timoneiro seguiu firme no leme, a campainha do quarto da machina na prôa deu signal de velocidade maxima. Com o movimento rapido dos helices formavam-se columnas de escuma que corriam para a pôpa e a pequena embarcação voltou n'uma esplendida curva, e seguiu pelo Solent abaixo, em direcção a Hurst Point com a velocidade de um expresso. Passado o Ryde diminuiu a velocidade a um quarto, e os quatro raios de luz principiaram a procurar no fundo do mar em todas as direcções.

O *Vengeur* estava-se approximando justamente de Needles.

O capitão Flaubert, de pé no zimbório de vidro da torre, com o seu immediato, illuminados por uma pequena lampada electrica, experimentou a mais extraordinária sensação da sua vida. Uma setta de luz metteu-se atravez da agua. Era afiada e brilhante como lamina de espada. Fluctuou por aqui e por alli alguns momentos, dardejando atravez da agua como o relampago atravez das nuvens de trovoadas e depois repentinamente cahiu sobre a torre do *Vengeur*. O capitão olhou para o immediato. Estava branco como a neve. Instintivamente percebeu que a sua propria cara estaria na mesma.

—Com mil bombas!—segredou entre os labios tremulos, apesar de toda a sua força de vontade —O que é isto, immediato? Será possível que estes maldictos inglezes, tivessem descoberto o meio de vêr debaixo d'agua? Ou peor ainda, que tenham um submarino que possa vêr?

—N'esse caso — replicou o immediato quasi em segredo — comquanto o *Vengeur* tenha feito o seu trabalho, receio que elle não acabe o seu passeio de experiencia. Olhe — continuou, apontando para bombordo — o que é aquillo?

Um corpo côr de prata offuscada de cinco pés de comprido, ponteagudo nas extremidades, guiado por um rapido movimento de helice tinha-se afundado na direcção da estrada luminosa de agua. Como se fosse ente humano de livres movimentos, vagarosamente se dirigia para o *Vengeur*, chegando-se cada vez mais perto, polegada a polegada, e principiou para o capitão e seu immediato a sensação mais horrivel que dois entes humanos nunca experimentaram.

Ambos eram bravos, dignos das tradições do seu paiz e da sua profissão; mas estavam presos n'uma fabrica de aço, trinta pés abai-

xo da superfície do mar á meia noite, e este horrível e estranho objecto aproximava-se cada vez mais. Subir á superfície significava não só a captura mas também a morte ignominiosa para todo o homem de bordo; porque a guerra ainda não estava declarada e o capitão e a marinhagem do *Vengeur* seriam considerados piratas fóra das leis da guerra e da civilização. Ficar onde estavam era a morte pelo terror, um destino a que não era possível escapar.

— E' um torpedo, disse o immediato, pronunciando as palavras com voz tremula — um Brennan. Só lhe basta tocar-nos e...

Um encolher de hombros, mais expressivo do que palavras, disse o resto.

— Sim, replicou o capitão Flaubert, é verdade... Mas como foi que o não soubemos? Estes inglezes devem ter tido denuncia...

Emquanto fallava tocou n'um par de botões de signaes de bordo. O *Vengeur* ergeu-se quinze pés, accelerando as machinas e dirigiu-se para o mar largo com a maior velocidade. Passou para fóra da direcção do raio de luz por um minuto ou dois. Depois tres novos raios convergentes encontraram-o e de novo o illuminaram. Outra fôrma prateada desceu, d'esta vez pelo lado de estibordo.

Então o *Vengeur* virou de bordo, em direcção a Spithead. Navegou em zig-zags, em curvas, mas não houve meio. Os quatro raios faziam-lhe um circulo para onde quer que fosse, e os dois torpedos seguiam-o sempre um de cada lado, em constante ameaça.

O immediato era um bravo, mas desmaiou dez minutos depois. O capitão Flaubert impassível permaneceu no seu posto, com uma mão no governo do leme e com os dedos da outra nos signaes de bordo. Nada mais podia esperar do que ser enforcado como um criminoso. Tinha-lhe fallado o exito.

O fio do seu destino apresentara-se-lhe bem fino. As vidas do immediato e de cinco

homens deviam ser salvas. Tomou uma resolução rapida. Instantes depois Tyrrell e o comandante Farquar viram do *Scorcher* um grande objecto, parecendo as costas de uma balêa, boiar sobre a superfície da agua.

Na extremidade dianteira havia uma pequena torre terminada por uma redoma de vidro. O *Scorcher* navegou em direcção ao *Vengeur*. A redoma de vidro cahiu para trás e descobriu a cabeça e os hombros de um homem com o uniforme da armada franceza. Quando o feixe de luz do pharol o illuminou, a sua phisonomia parecia cadaverica.

Depois, em correcto inglez disse para bordo do *Scorcher*:

— O *Vengeur* rende-se para salvar a sua tripulação. Eu sou o unico culpado. A França nada sabe do que succede. Para mim está tudo acabado.

A bordo do *Scorcher* viram luzir na mão de Flaubert perto da cabeça um objecto de metal e em seguida o corpo do capitão desaparecia.

O *Vengeur* foi levado para Portsmouth. O caso do *Vengeur* foi apresentado perante o governo francez, que teve de pagar uma indemnisação avultada.

Algumas semanas depois, em recompensa dos serviços prestados, o almirantado inglez punha o cruzador *Venus* de terceira classe á disposição do sr. Wilfred e de lady Ethel Tyrrell para o seu passeio de lua de mel no Mediterraneo.

A declaração de guerra em que o ministro tinha fallado ao capitão Flaubert como provavel ficou em segredo diplomatico, e o desgraçado incidente de que resultou a perda do cruzador em tempo de paz, foi publicamente admittido pelo governo francez como sendo um acto de desautorizada pirateria pelo qual os culpados já tinham soffrido a penalidade do seu crime. E o plano de invadir a Inglaterra entrou mais uma vez na vasta região das cousas que podem ser sonhadas.



A palavra transmittida atravez da terra

Dia a dia se regista um novo invento, uma nova applicação d'um principio anteriormente estabelecido, a attestar a intensidade de trabalho investigador que caracteriza a época actual; e de tal sorte que, quasi simultaneamente, nos pontos mais oppostos, apparecem os resultados do espirito inventivo applicado ao mesmo assumpto. Naturalmente multiplicam-se no campo dos phenomenos electricos que n'este momento mais chamam a attenção dos estudiosos. No capitulo especial das communicações, e antes de chegar á telepathia deliberada que muitos prevêem como phantasia scientifica, os progressos da telegraphia e da telephonia são tão grandiosos que seriam assombrosos, se a vulgaridade das cousas que outr'ora pareciam milagrosas não tivessem preparado o espirito a recebel-os friamente.

© © ©

UM moço engenheiro de Philadelphia, Frederico Collins, inventou, ha pouco, um meio de transmittir a distancia palavras pronunciadas, sem necessidade de fios intermediarios, não atravez do ar mas, atravez da terra.

Não é a *telegraphia* sem fios de Marconi; é a *telephonia* sem fios, tão admiravel como aquella. Collins pôde também, como Marconi, transmittir as linhas e os pontos do alphabeto convencional pelo mesmo aparelho; porém, em quanto que pelo systema italiano tem de haver na estação de partida um mastro d'alguns metros d'altura e outro no ponto de re-

portar em qualquer caixa de commodas dimensões, similhante áquellas que servem para transportar vestidos.

Chamam-se *antennas* áquelles mastros, por comparação com os órgãos do tacto dos insectos, porque elles também tacteam e reconhecem na athmosphera as *ondas electricas*, as *oscillações hertzianas* que passam. A sua altura tem de augmentar em dadas proporções com a distancia a telegraphar.

Não é só a extrema simplicidade do systema do novo telephone o seu unico merito. Ouve-se mais claramente um recado, uma mensagem mandada por um telephone sem fio, do



cepção, cada um fornecido com o respectivo fio correndo do tope dos mastros até o chão, o aparelho do systema apresentado pelo sr. Collins é tão extremamente pequeno que se pôde dobrar todo em cinco minutos e trans-

que fallada pelo rudimentar fio do telephone usual. E com a invenção de Collins pode cada qual telephonar para onde quizer, sem os encargos actuaes. O que exige agora milhas e milhas de custoso fio, centenas de postes

dispendiosos, milhões de libras para installações, compra de terrenos, direitos de passagem, o sr. Collins conseguiu obrigar a terra a produzir, não só tão bem, mas ainda melhor e de graça.

E' tão extremamente barato, tanto na installação como no funcionamento o systema americano, que parece estar destinado a facilitar o uso do telephone na casa do menos abastado chefe de familia, como no palacio dos opulentos, em qualquer parte, no campo ou na cidade.

De mais a mais, o engenheiro Collins não póde arrogar-se o direito á descoberta de nenhum novo principio scientifico; o que fez foi simplesmente aproveitar o sabido facto de que a terra é um abundante reservatorio de electricidade, percorrido por constantes correntes, e conceber a idéa de utilizar essas correntes naturaes para encaminhar de um ponto para o outro as vibrações sonoras da voz humana. Parece, segundo vemos noticiado, que simultaneamente, em Paris, um engenheiro russo, coronel Pilsoudski, inventou um apparelho quasi identico, nos principios e na forma, ao do engenheiro americano, tendo sido realisadas no Vesinet experiencias muito parecidas com as da America, sem comtudo se affirmarem tão positivas como estas. Os apparelhos foram construidos nas officinas de Duret.

Como succede á maior parte dos inventores, o sr. Collins possuía pouco dinheiro seu; mas tinha bastante energia e resolução, e em duas semanas conseguiu reunir doze capitalistas que formaram uma companhia e forneceram capital necessario para fazer experiencias practicas e theoricas decisivas.

Felizmente a sua theoria deu bom resultado. Em poucos mezes o sr. Collins construiu um telephone sem fio para dar principio ás experiencias fallando da extremidade d'um grande edificio official de Philadelphia para o outro ponto opposto. Um anno depois, elle telephonou sem fios atravez o rio Delaware em Philadelphia a distancia de cerca de um kilometro. As palavras foram ouvidas tão claras e vibrantes como se fossem pronunciadas por alguém que estivesse a alguns metros de distancia.

Para demonstrar que o novo systema funciona tão bem por terra como por mar, o sr. Collins convidou, entre outros, dois engenheiros auctorisados no assumpto para assistir, no seu laboratorio e terras, a experiencias em Narberth, Pensylvania. E' da narrativa d'estes que extractamos estas informações.

O sr. Collins escolheu sobre o terreno o local onde havia de assentar o novo instrumento. A installação fez-se rapida e simplesmente.

Sobre um tripé ordinario de machina photographica aparafusou-se uma pequena taboa quadrada, d'um lado da qual se elevava na extremidade d'uma vareta de metal uma espe-



cie de campanula que é o transmissor tal como se usa nos telephones ordinarios. Sobre a taboa do tripé foram collocados dois pequenos apparelhos accumuladores, conjuntamente com bocados de chapa de cobre, constituindo uma especie de condensadores, que no apparelho do engenheiro russo tem similhanças com a garrafa de Leyde.

Na perpendicular do tripé escavou-se no chão um buraco pouco profundo no qual foi enterrado uma pequena placa de zinco. Feitas as ligações necessarias com fio metallico a installação do transmissor estava completa.

Na distancia de uma milha pouco mais ou menos, assentou-se um segundo tripé ao qual foi aparafusado uma pequena caixa contendo todo o mecanismo «receptor». Escavou-se um segundo buraco, e uma segunda placa de zinco foi enterrada no chão, ligada por um fio curto ao mecanismo que estava dentro da caixa receptora; restava apenas para o funcionamento do telephone sem fios, ligar o

apparelho transmissor com a bateria electrica. Feito isto, os sons passaram atravez do transmissor e ouviu-se na estação receptora, a uma milha de distancia, tão distinctamente como atravez d'um telephone ordinario.



Emquanto os dois aparelhos se conservam ligados apenas ás correntes naturaes da terra que sulcam a superficie, tudo se conserva tambem em equilibrio. Mas desde que a electricidade artificialmente produzida na bateria e n'ella armazenada se descarrega sobre os aneis de intensidade, estes são percorridos por fortes correntes de alta tensão e esta enorme força corre para o chão atravez do fio que liga os aneis á placa de zinco enterrada, cujo duplicado está tambem enterrado por baixo do aparelho receptor. A oscillação electrica provocada é transmittida á placa do ponto de partida e levada quasi instantaneamente pelas correntes naturaes da terra na direcção da segunda placa. Esta intercepta a os-

cillação electrica, e atravez do curto fio que a une ao aparelho todo o movimento vibratorio é registrado n'um pequeno diaphragma de metal, occulto no interior da caixa receptora.

O pequeno diaphragma sensivel admite toda a infinitesimal variação nas oscillações, e então reproduz as palavras ou sons exactamente como no telephone vulgar.

O aparelho descripto não pôde transmittir as mensagens em sentido contrario. Descrevemol-o assim, porque a invenção fica reduzida aos seus principios fundamentaes. Para se responder, ha necessidade d'um aparelho exactamente igual

Na pratica o transmissor é construido com um receptor annexo, e o que recebe está por sua vez, provido de expeditor, de sorte que o telephone sem fio trabalha exactamente como os telhephones ordinarios.

Como já ficou dito, o sr. Collins pôde tambem telephonar sem fios atravez da agua. As experiencias que elle recentemente fez atravez do Delaware River, reproduzem as que em pequena escala fez no seu laboratorio para demonstrar como trabalha a sua invenção quando a agua é usada como *medium* de transmissão. N'isto está a generalidade de applicação do novo invento.

Como todos sabem, o vidro era considerado como um mau conductor de electricidade, por esse motivo eram de vidro ou louça as campanulas usadas nos postes dos telegraphos e dos telephones. Mas as experiencias feitas pelo sr. Collins no seu laboratorio, parecem demonstrar o erro d'esta crença scientifica. Embora os pequenos fios que mergulham na agua quando se estabelece thelephone sobre este meio, sejam isolados d'ella por meio de garrafas de vidro onde se introduzem as extremidades, a transmissão das oscillações electricas dá-se da mesma fórmula e as vibrações sonoras são integralmente recebidas.

O inventor collocou na parede do seu laboratorio, ao pé uns dos outros, tres pequeninos retratos de Edison, Marconi, e Tesla. Talvez, algum dia, em breve, outro qualquer inventor venha tambem a fazer o mesmo, augmentando a galleria com o retrato de Collins. Quer isto dizer que n'esta ordem de invenções ha sem duvida vasto campo ainda para novas producções e novas empresas.





CHEGOU o momento angustioso, cruel, inevitável.

Por muito tempo luctou contra a suspeita—suspeita que em breve se transformara em receio—da terrível verdade que se ia manifestando insidiosamente e que *ella* temia mais do que a propria morte, ameaçando roubar-lhe o que mais acariciava no espirito e mais adorava na vida—a adulação dos homens e a inveja das mulheres.

Porque *ella* era linda. Tinha sido; será melhor expressão: havia uma ou duas estações, toda a sociedade, o mundo, se extasiara perante aquella belleza, quasi sobrenatural pela harmonia da côr e da fórma.

Nas esplendidas horas da sua ascendencia indiscutível triumphara insolentemente dos homens e das mulheres. Nascimento, fortuna e intelligencia congregaram-se muitas vezes para a conquistar em supremo combate; mas nunca, um ou outro d'aquelles predados, pudera conseguir preferencia ou influir Rosa, condessinha d'Algubar, a mudar de estado. Para que? Por direito de herança, recebera nascimento e fortuna; por dadiva divina, intelligencia rara; e conjunctamente com estes dons, para coroar a irresistível trindade, sua quasi celestial formosura.

Os homens apaixonados por *ella*, as mulheres revoltadas contra *ella*—verdadeira lisonja para a sua vaidade. Seria difficil decidir o que *ella* mais apreciava; naturalmente a ultima, que aquella revolta dava-lhe uma nota mais maliciosamente aguda do que a admiração dos enamorados; era tributo arrancado ao maior inimigo da mulher—o sexo feminino.

Assim *ella* triumphou, riu do amor e acariciou a vida, emquanto a sua belleza gentil e fresca, e a sua graça attrahente irradiavam uma fascinação tão deslumbrante como irresistível.

Mas os annos foram passando, como passam sempre, ainda que sobre veredas atape-

tadas de folhas de rosas; e durante elles apesar da appareição de outras bellezas nos bailes dos successivos invernos, nenhuma disputou a palma de superioridade á «Rosa de Sharon», como lhe chamavam em suggestivo *petit nom*.

Um dia, porém, subito sentiu em redor uma mudança levemente sombreada, vaga, intangível, e todavia pronunciada. Uma mudança semelhante á que se sente quando o vento gira no quadrante, arrefece com o findar do estio e cava com seus dedos crueis sepulturas que se encham no outono, embora o sol ainda brilhe no seu fulgor. Sentiu como que o pavor da morte.

E eram todavia ninharias as que lhe denunciavam a volubildade do apreço social, arremedo de encrespadas ondasinhas na miniatura d'um lago. Para *ella*, a quem diziam respeito, eram alterosas como as do mar largo. Interpretava aquelles nadas microscopicos do convívio mundano como se tivessem sido projectados no céu em letras de fogo, n'uma ampliação collossal. Um pouco menos de attenção; já não tanta avidéz para obter um lugar ao seu lado; uma sombra de indifferença á manifestação d'um desejo seu; um desapparecimento, uma deserção dos seus admiradores do circulo attractivo, de homens cujo conceito sobre mulheres, vinhos e virtude era attendido como uma especie de revelação, dominando nos *clubs*, na grande roda; a deslocação de um satellite ou dois para a orbita de outro planeta; menos ambição em executar anciosamente os seus mais pequenos caprichos—bagatellas n'uma palavra, leves como a aragem, agudas como um raio de luz, mas para os versados nos signaes variaveis do barometro da vida do bom tom, confirmações tristes e fortes como a morte.

Assim chegou—o declinar da sua estrella propicia que tão longo e brilhante ascenso teve no céu da sociedade.



...offereceu-lhe um logar na sua «victoria»...

Com natural coragem e resolução, a condessinha d'Algubar encarou a amarga verdade, e examinou o inesperado facto com a maior serenidade possível; mas revoltou-se, como quando se sente uma dor phisica, ao notar as linhas amortecidas do seu rosto bello, os traços sombreados nas faces aveludadas e o cahir dos primeiros cabellos.

N'uma tarde, a passear de carruagem na Avenida, aconteceu encontrar-se com um dos seus mais dedicados admiradores: e como elle seguia para o novo bairro, no alto, ella offereceu-lhe um logar na sua *victoria*, um privilegio gratamente aceito.

Durante o caminho, Rosa contou-lhe que ia organizar um *pic-nic*, sobre o rio, na semana proxima, e convidou-o amavelmente, n'um enleio de galanteria gentil. O companheiro expressou-lhe porém o mais profundo pezar; mas... infelizmente... estas cousas succedem sempre assim... que pena!.. Pela primeira vez, Rosa d'Algubar, soffreu a indiferença de um homem em estimar a sua companhia.

Sorriu-se com o seu melhor sorriso de sociedade, um d'aquelles sorrisos que são uma suprema arte de mentira, e conduziu o seu antigo admirador á esquina da rua nova, lá no alto. Depois recostou-se para traz na sua *victoria*, a face pallida, os labios cerrados, o pensamento torturado de amarga dor e o coração ferido do mais pungente e excessivo desespero. Deu ordem ao cocheiro para casa, mas a passo, cruelmente, saboreando o sofrimento intimo; e n'aquelle triste regresso

do passeio, pareceu-lhe que ia acompanhando o enterro da sua propria gloria mundana.

— Deus meu! cíciou entre os finos dentes, estarei envelhecendo?

Entrando apressada em casa, foi direita para o seu quarto; despediu a criada com o pretexto de que tinha uma forte dor de cabeça e desejava estar só. Fechou a porta, e depois com fervorosa anciedade examinou nitidamente o rosto ao espelho. Ou porque o proprio receio lhe perturbasse a aprecação ou porque a desordem mental que a enraivecia, se reflectisse no seu olhar desvairado e nas feições abatidas — duro é dizel-o — como um relampago, a duvida tornou-se certeza; o temor secreto, levado á realidade, tomou fórma; e então comprehendeu que passára o li-

mite que irrevogavelmente tira á mulher a sua primeira frescura e juventude!

Com um grito doloroso deitou o espelho ao chão e teve uma expansão tão forte de pezar que, a não ser n'uma mulher n'aquellas circumstancias, parecera absolutamente desproporcionado ao facto determinante.

Via-se só e desprezada, ou peior ainda,



...examinou o rosto ao espelho...

meramente consentida, onde outr'ora tinha sido cortejada, desejada e servida. Ella ia

vendo como n'uma visão de sonho, o semblante da sua individualidade morta, acompanhando as scenas onde sua antiga e radiante vida tinha reinado na supremacia do poder e na seducção da sua beleza.



...deixou-se cahir ao chão, convulsionada pelo choro soluçado...

Antesentira a profunda e penetrante punhalada na mal disfarçada intolerância do homem por aquella que deixara de o attrahir: e marcou aquella indiferença passiva, aquella declarada fadiga de ir assistir a um simples *pic-nic*, como summula de todas as varias decadencias agora previstas.

A condessinha soffreu pela força da phantasia a amarga humilhação de vêr os homens evitar o seu convívio, receiosos de serem monopolizados com exclusão de mais novas e mais fascinadoras formosuras. Poderia ella supportar a indiferença onde sempre alcançara indiscutíveis homenagens? Poderia ella ter coragem de soffrer a lenta agonia, de aceitar, com os sobrolhos desfranzidos, os mil polidos desprezos que uma beleza que passou tem a esperar? Poderia ella encarar serena a negra tortura, a angustia roedora de ver outras claramente preferidas? Poderia acaso resignar-se áquella tão acerba realidade—terível como a morte, cruel como o tempo—de maneira que o mais risonho aspecto da sua vida fosse já o passado e não o futuro?

— Santo Deus! Tudo acabou? Perdida a minha mocidade! E n'um excesso de desespero deixou-se cahir ao chão, convulsionada pelo choro soluçado.

A juventude, o prazer, a felicidade da vida continuariam a prepassar em volta, em farandola estonteadora, e só ella ficaria immovel, não desejada, quasi desprezada, para apanhar as flores emmurchecidas que cahiriam de mãos descuidosas durante a passagem.

Ella tinha vivido para si. Ninguém partilhara do seu calice de prazer; era certo que teria de lhe beber agora as amarguras, depositadas no fundo.

O canção deu-lhe serenidade, aquella serenidade que procede do desanimo, de quem espera o peor e está pronto a soffrer o mal, aquella firme serenidade do condemnado, que em mão recebe a sua sentença de morte. Depois de banhar o rosto, chamou a criada e

começou com o mais cuidadoso trabalho a delinear uma *toilette*.

— Quero parecer o melhor possível, esta noite — o melhor de que eu seja ainda capaz, porque em pouco estarei... Ia acrescentar «na prateleira,» mas um receio nervoso de que alguém podesse descobrir o seu pensamento, que tomasse fórma e substancia no espirito dos outros, fez-lhe morrer nos labios a terminação da phrase.

Deitou abaixo o guardaroupa para escolha do vestido, mas com a maior surpresa da criada não quiz nenhuma das brilhantes obras-primas da arte de modista, que se ostentavam nos numerosos cabides. Á penultima selecção recahi n'um vestido branco ou preto. Optou finalmente pelo ultimo, e quando acabou a sua *toilette* parecia tão deslumbrante de real belleza, que a criada não poudé deixar de lhe dizer:

— Na verdade, minha senhora, nunca me pareceu tão bem como esta noite.

— E' o que devia ser, respondeu-lhe com um suave sorriso.

Quando a condessa de Alubar entrou no magnifico salão de baile da duqueza n'aquella noite, todos os olhares convergiram sobre ella e um verdadeiro, audível murmurio de admiração correu de grupo em grupo. A sua gentil figura sobresahia com grande vantagem no seu vestido preto, contrastando vivamente com a pura alvura do collo e dos braços. Rosa d'Alubar apresentava-se sempre com primor, mas n'aquella noite conduziu-se como rainha. O seu rosto um tanto pallido,—em contraste talvez com o tom negro do vestido cuja côr triste fora propositalmente escolhida para o realçar —; algumas rozas «Gloire de Dijon» e um alfinete de brilhantes no cabello rematavam o enfeite. Os seus bellos olhos negros, brilhando como estrellas, rivalisavam com a preciosa joia.

Uma vez mais a condessinha foi aclamada rainha da festa; mais uma vez os homens a rodearam ciosos uns dos outros, dese-

josos de ouvir d'ella uma singela phrase, expressões de amarga amabilidade para o la-
avidos de receber d'ella, a mais leve distinc- do onde ella estava, e deitaram olhares inve-



..sentou-se aparte, isolada, revendo-se ainda no effeito que produçira...

ção, prontos a satisfazer obedientes os seus
mais insignificantes caprichos.

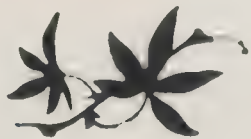
Mais uma vez as mulheres arremessaram

longado, imposto pela suprema vaidade ao
decurso implacavel dos annos, resignado sa-
crificio no altar do tempo.

josos para o objecto do seu rancor. Mais uma vez ellas cravaram o agudo punhal do desespero, tão fundo quanto puderam — e mais uma vez Rosa d'Algarbar supportou a admiração, o odio, o amor, e a inveja com a mais incomparavel insolencia e desdem. Antes de partir do baile, emquanto esperava que lhe annunciassem a carruagem, sentou-se aparte, isolada, revendo-se ainda no effeito que produçira, certificando-se da victoria absoluta; e, quando a sua criada n'aquella noite se retirou do quarto despedindo-se, ella disse-lhe :

— Não me chames muito cedo, sinto que preciso de um longo somno.

E como ninguem depois encontrou na sociedade a condessinha Rosa d'Algarbar, parece que não mais acordou d'aquelle repouso pro-





O CABAZ DE PECEGOS

Para aquelles que encadeiam a explicação dos factos historicos, precedendo-os nos fios tenuissimos do systema de causas fuleis, encontram no artigo seguinte, em que se descreve a morte d'um papa celebre e a queda d'uma poderosa casa italiana, por se terem dado incidentes tragicos, em virtude da inoportuna interferencia d'um cabaz de excellentes pecegos, esquecido na meza ou armario da copa no Vaticano, terão no caso descripto uma confirmação do seu modo particular de ver; para aquelles, porém, que, não desprezando as indicações que a futilidade dos motivos fornece, ao contrario n'elles baseiam a investigação das causas mais poderosas que aproveitaram para o desfecho dos acontecimentos, a hypothese formulada para explicação do mysterio historico em seguida narrado, ser-lhe-ha também contraprova do seu criterio investigador; e em ambos os casos ver-se-ha como é inconsistente e instavel a grandeza humana e como são frageis as melhores combinações da astucia e da habilidade ao serviço do mal.

DURANTE dez annos, Roderigo Borgia, conhecido na historia pelo papa Alexandre vi, fôra o terror da Italia e da Europa. Seu filho Cesar, duque da Romagna, um perverso impulsivo de quem mesmo seu proprio pae se temia, tinha, para lhes herdar o throno, mandado matar uns apoz outros quasi todos os principes do territorio papal, e estava em vespera de se proclamar rei de Italia. Entretanto seu pae tomara a séde de S. Pedro no Vaticano, negociando com as potencias e com os cardeaes, sendo n'esta eleição poderosa e effizamente auxiliado pela influencia de D. Jorge da Costa, o conhecido cardeal d'Alpedrinha, illustre pelo seu saber e talentos e que tanta enterferencia teve na politica europea d'aquella época. Ao mesmo tempo foi accumulando, por meios inconfessaveis, enormes riquezas com o fim de auxiliar as ambições do filho. São conhecidos os amores de Alexandre com Rosa Vanozzo de quem houve quatro filhos e uma filha, que foi a tão celebre Lucrecia. Cesar era o segundo e, parece, o predilecto dos quatro. *

A principal fonte d'onde lhe corriam quantiasas sommas era a das heranças. O papa estabelecera um regulamento prohibindo aos cardeaes disporem dos seus dominios por tes-

tamento. Em virtude d'esta ordem, mortos os cardeaes, toda a riqueza do Sacro Collegio reverteria naturalmente no papa como universal herdeiro. Alexandre vi tirou d'este estado de cousas largo proveito. Os cardeaes morreram a miude durante o seu pontificado.

Mas, com quanto morressem com frequencia assustadora, encontravam-se logo outros prontos a substitui-los, e a pagar generosamente os privilegios. Arcebispos opulentos, como o de Toledo que cobrava rendas d'um reino, enthesouravam por largos annos o dinheiro para poderem comprar a perigosa honra de usar alguns annos ao menos o barrete vermelho na côrte de Roma. Assim o papa aproveitava dolosamente de cada vacatura, e lucrava tanto com a morte como com a vida.

No anno de 1503, no dia da festa de S. Pedro, Alexandre vi tinha justamente nomeado uma fornada de nove cardeaes, de forma que os logares do Sacro Collegio estavam excepcionalmente preenchidos; por consequencia podia sem inconveniente dar-se a perda d'um ou dois dos seus membros. Roma inteira estava á espera, n'uma especie de curioso terror, de vêr a quem cahiria a sorte.

O mais rico membro do Sacro Collegio naquella conjunctura era sua eminencia, Adriano

* «A Providencia reservára á santa se apostolica esta grande humilhação, permitindo que fosse eleito Roderigo Borgia, cujos adulterios, perfidia e cruexa são bem conhecidos, não recuando perante o prejurio, o assassinio e o veneno para satisfazer suas paixões criminosas.» Historia Universal da Igreja, pelo dr. Alqog, obra aprovada pelo arcebispo de Fribourg e pelo bispo de Beauvais.)

Castellense, vulgarmente chamado o cardeal de Corneto.

Possuía este uma *villa* fóra das portas de Roma, não muito longe do Vaticano. A *villa* estava situada n'uma elevação do terreno e era nomeada pelo delicioso panorama que d'ella se disfructava. Alexandre vi mostrara muitas vezes desejos de vêr aquella *villa*, mas nunca fixára dia certo para a visitar.

N'uma manhã, a 9 d'agosto, em que alguns cardeaes tinham vindo á recepção do Vaticano, sua santidade fez signal ao cardeal de Corneto para se lhe approximar.

— Cardeal, disse elle com o seu mais brando e mais doce sorriso — aquelle sorriso que enganara, para os perder tantos inimigos dos BORGHIAS — ouço dizer que a sua *villa* tem um lindo aspecto n'esta época do anno?

O cardeal fez uma grande e profunda reverencia:

— Este elogio de sua santidade honra muito a minha pobre casa...

— Bem, proseguiu o papa; pensei em ir vel-a e julgar pelos meus proprios olhos de belleza tão fallada. Será conveniente a sua eminencia receber-nos alli, amanhã, de tarde?

Tal pergunta vinda d'um soberano era de

favor que lhe era concedido. Alexandre deitou a vista em roda do salão, e o seu torvo olhar avistou dois outros membros da opprimida côrte.

— Desejo que me acompanhem um ou dois amigos, observou. Espero que o cardeal COPIS e o cardeal de Casanova sejam meus convivas da ceia. Os dois cardeaes curvaram-se reverentes, ao mesmo tempo que agradeciam aceitando o convite.

— O Duque de Romagna ha de tambem ir, accrescentou o papa, olhando intencionalmente para o filho.

Ao mesmo tempo, os trez cardeaes trocavam entre si significativos olhares, manifestando sem querer um ligeiro mal-estar.

— Então está combinado, notou o papa; o meu mordomo partirá de manhã para fazer os preparativos necessarios.

— Se sua santidade permittisse deixar isso ao cuidado dos meus criados... — lembrou o cardeal de Corneto com uma certa anciedade na voz.

— De nenhum modo, replicou Alexandre vi com urbanidade mas decidido: daes a casa, eu os mantimentos.

O cardeal empallideceu. Os outros dois cardeaes que tinham sido tambem convidados, levantaram-se simultaneamente, como se tivessem sido movidos por algum secreto impulso. Todavia, semelhante combinação proposta por sua santidade nada tinha de extraordinario e condizia com os habitos d'aquella época.

— O meu despenseiro recebeu justamente agora um casco de muito bom vinho das «Ilhas Afortunadas», continuou Alexandre. Dar-lhe-hei ordem de encher pelle algumas garrafas para nós.

Os tres cardeaes cravaram os olhos no chão silenciosamente, resignadamente como homens que tivessem ouvido a sentença de morte. Era habito dos BORGHIAS usar d'este systema para com as suas victimas. Divertia os, e inspirava um verdadeiro terror aos assistentes. O duque de Romagna sorria sardonicamente, enquanto espreitava o estremecimento dos cardeaes, os quaes sahiram do salão, a passos vagarosos, pallidos, com o semblante desfigurado.

Acabada a audiencia o papa chamou o despenseiro, em quem depositava inteira confiança. O lugar era sem duvida um dos de maior importancia na administração da casa dos BORGHIAS.

Quando o despenseiro entrou o duque de Romagna havia-se retirado; esta minudencia da narrativa é significativa para o seguimento d'ella.



O cardeal fez uma profunda reverencia.

certo uma ordem. O cardeal de Corneto expressou sómente o seu agradecimento pelo

— Traga-me duas garrafas cheias de vinho das «Canarias» — ordenou Alexandre.

O despenseiro, que comprehendia seu amo muito bem, foi á adega, e immediatamente voltou com o vinho em dois frascos de vidro; collocou-os sobre uma mesa e sahiu. Entretanto Cesar Borgia tinha entrado no aposento. No fim d'um curto espaço de tempo foi novamente chamado.

— Este vinho é muito escolhido, disse gravemente o papa, e tens de ter um cuidado muito particular com elle. Amanhã has-de levar estas duas garrafas para a *Villa Corneto*, onde hei de ir cear. Telas-has á parte do outro vinho, e offerece-l-o-has sómente ás pessoas que eu designar.

O criado inclinou a cabeça respeitosa-mente, e retirou-se sem fazer a menor reflexão; porém mal chegou aos seus proprios aposentos levantou contra a luz os dois frascos, para os examinar e descobrir no fundo de ambos um leve sedimento, que não havia quando os enchera do casco. Não era esta a primeira vez que descobria gual aspecto em vinhos que tinham sido deixados nos aposentos de seu amo ou nos do duque de Romagna.

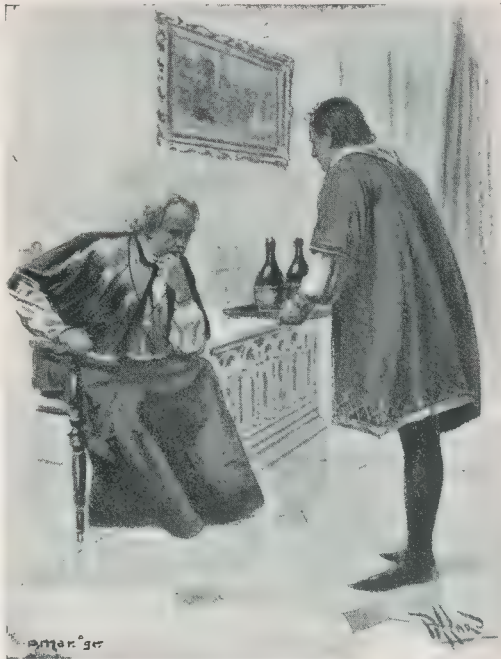
No dia seguinte os criados do papa chegaram muito cedo á *villa* do cardeal para fazer os preparativos da ceia. O dono da casa estava ausente. Tinha passado a noite no seu palacio em Roma, o qual estava situado perto dos de seus irmãos do Sacro Collegio.

Durante o dia chegou inesperadamente ao Vaticano um presente para o santo padre, um cesto de formosos pecegos. Devido, talvez á ausencia de outro criado, o despenseiro foi encarregado de cuidar em que aquelles pecegos fossem levados para a *Villa Corneto*, para fazer parte da refeição.

Mais tarde, depois do meio dia, o despenseiro partiu do Vaticano levando por suas proprias mãos os dois frascos de vinho sobre os quaes seu amo lhe tinha dado tão particulares instruções. Entretanto o cardeal de Corneto chegava da cidade á *villa* onde numerosos criados estavam já incumbidos de preparar a cêa.

O despenseiro collocou cuidadosamente os preciosos frascos n'um aparador isolado. Subitamente recordou-se dos pecegos que elle estava encarregado de trazer, mas dos quaes se esquecera. Este esquecimento nada de extraordinario offerece em si proprio; porém o resultado d'elle foi algum tanto surpreendente. Poderia mandar um seu subordinado buscar a deliciosa e appetecida fructa. Não o

fez e adoptou o expediente de voltar elle proprio ao Vaticano pela hora do sol, sob um calor



...has de levar estas duas garrafas...

ardente, buscar o cabaz dos pecegos, e fazer um tracto e uma ausencia que o obrigava a entregar as duas garrafas—aquellas importantissimas garrafas—ao cuidado dos subalternos.

Chamando o seu immediato, recommendou-lhe muita attenção para os frascos, que estavam sobre o aparador, disse-lhe que eram para ficar separados do outro vinho, sendo especialmente reservados para uso do papa. Apparentemente, e n'um dado sentido, estas ordens eram perfeitamente exactas, mas a impressão que deixaram no espirito do encarregado foi de certo de que o vinho reservado era somente para o papa beber. O despenseiro partiu.

No caminho para o Vaticano, como se calcula immediatamente, crusou-se com o proprio Alexandre vi. Estando uma tarde muito lim-pida, sua santidade decidiu ir de passeio até á *villa*. A distancia não era grande e o Borgia não era ainda um velho tropego; ao contrario tinha sessenta e dois annos, e parecia ter todos os motivos para viver ainda longos annos.

A subida para o alto da montanha era um tanto arrebatada e o calor era ainda intenso apesar do adiantado do dia. O papa subiu vagarosamente ao cume, apoiando-se no braço do cardeal Caraffa, em quanto o filho caminhava a seu lado. Caraffa era empregado na admi-

nistração papal, e muito dedicado aos interesses dos Borgias.

Ao chegar ás terras da *villa*, Alexandre parou um momento para tomar folego. Metteu por acaso a mão no peito e tirou-a apressadamente com um grito de perturbação.

— O meu talisman! — e explicou aos companheiros que d'elle se acercaram anciosamente — O medalhão de ouro que eu costumo sempre usar á roda do pescoço, e que não trago comigo!

Ora o medalhão continha a hostia consagrada e um astrologo havia-lhe predicto que, em quanto o usasse á roda do pescoço, nunca morreria por violencia ou por veneno. Os talismans eram usados habitualmente pelos despotas da Italia na idade media, e o seu uso

sava-se a prophecia dos astrologos e a reputação d'estes objectos de superstição mantinha-se intacta.

Que Alexandre vi se encontrasse sem o medalhão n'aquelle momento seria provavelmente mais uma simples coincidência, como a do presente dos pecegos, e a ausencia do despenseiro?

O criado de quarto de sua santidade, seria talvez culpado d'um lapso de memoria igual ao do seu companheiro.

Alexandre anciosamente supplicou ao cardeal Caraffa que voltasse ao Vaticano e lhe trouxesse o famoso talisman.

— Deveis encontral-o sobre a meza ao lado da minha cama. Trazei-o nas vossas proprias mãos; peço a vossa eminencia que volte o mais depressa possivel.

Caraffa immediatamente accedeu e dirigiu-se para o Vaticano. Alexandre e seu filho entraram nos jardins da *villa*.

Desapparecia o sol no horizonte quando o cardeal Caraffa descia a collina e atravessava as ruas da cidade leonina. Quando chegou ao Vaticano achou-o quasi deserto, visto que a maior parte dos criados tinham sido mandados para o festim da *Villa Corneto*. Mas o cardeal conhecia bem os aposentos particulares do papa, e podia seguir o caminho sem guia. Accendeu uma vela e encaminhou-se para o quarto de dormir de Alexandre vi.

Quando atravessava um corredor uma corrente de ar apagou a vela, que o cardeal trazia na mão. Comtudo continuou, apalpando o caminho e abriu a porta do quarto de dormir. Tinha apenas transposto o limiar, quando sentiu o coração parar-lhe de surpresa. Levantara-se-lhe deante dos olhos uma visão terrivel.

No centro do quarto, entre elle e a meza para onde se dirigia, levantara-se um triste catafalco illuminado em cada canto pela luz mortiça de archotes. O ataúde estava coberto com um panno negro, e sobre elle estava estendido um cadaver amortalhado. O cardeal horrorisado reconheceu o vulto.

Era o do homem que elle acabara de deixar, a quem ha pouco prestara o auxilio do seu braço, era o de Alexandre vi, a cabeça espirítual da christandade, que jazia ali, morto! Tempo houve, e não remoto, em que esta visão do cardeal Caraffa teria sido levada, como o foi na critica historica, á conta de allucinação extravagante, sem significação positiva para o caso que succedia; porém hoje, perante o estado da sciencia moderna, aquella visão do dedicado amigo do Borgia, n'aquelle momento fornece informação attendivel e suggere gra-



...levantára-se um triste catafalco...

nem sempre provava superstição da parte do portador; usava-se mais para aproveitar a superstição dos outros do que para servir a propria. Quando se sabia que um Sforza ou um Medici possuía um feitiço contra os seus assassinos, poucos seriam os que se atrevessem a attentar contra a vida d'elles. O primeiro cuidado dos que conspiravam era privar os ardeiramente do talisman temido, antes de dar o golpe que não queriam falhar. Assim reali-

ves suspeitas sobre a conjura que victimou Alexandre vi. Teria o cardeal Caraffa a presciencia do crime? O seu espirito sobresaltado, no pavor dos vastos aposentos desertos, cuja decoração constitue os melhores primores do celebre Pinturicchio e de sua escola, evocaria o espectro? N'esta hypothese, difficilmente o cardeal se aventuraria a contar o caso, como fez; portanto melhor será attribuir a appareição do fantasma vivo aos olhos de Caraffa á categoria de phenomenos que hoje se denominam allucinações veridicas (embora pareça extranho ou paradoxal a approximação d'estes dois vocabulos) as antigas coincidencias que as proprias leis do acaso, pelo calculo de probabilidades, recusam admitir, e que exigem explicação diversa. O cardeal Caraffa, acreditando que a visão tremenda era obra do espirito maligno, fez o signal da cruz quando ella lhe desapareceu da vista. Em seguida, o cardeal atravessou agitadoamente o quarto, tomou do talisman que achou no lugar indicado por sua santidade, e fugiu aterrorizado, atravez dos corredores então desertos e escuros do palacio, apressando-se para assistir ao banquete, com bem tristes presagios no coração.

Nem na ida, nem na volta, nem mesmo dentro do palacio, sua eminencia encontrou o despenseiro, que o precedera na sahida da *Villa Corneto*. Este homem em torno do qual girava o governo de todas as coisas domesticas, tinha sahido em busca da fructa antes da chegada do papa Alexandre, e consequentemente antes da sahida de Caraffa. Não se póde facilmente imaginar que um criado levasse mais tempo do que um principe da egreja a percorrer a mesma distancia, nem é racional suppôr-se que o despenseiro gastasse mais tempo a achar os pecegos, sabendo onde os deixara, do que o cardeal Caraffa a encontrar pelas indicações do papa o medalhão. Comtudo, apezar do despenseiro ter deixado a *villa* antes de Caraffa, ainda d'ella estava ausente quando o cardeal voltou. Váe vêr-se immediatamente a importancia capital d'este facto.

Ao entrar nos jardins da *villa* os dois Borgias, pae e filho, sentindo-se afoguedos e sequisios pelo passeio, chamaram um criado para que lhes trouxesse vinho. Não estando presente o despenseiro, por uma *singular fatalidade*, como explica um escriptor francez, o criado levou a ordem ao substituto d'aquelle, o qual se lembrou das duas garrafas apartadas e para as quaes tinha sido particularmente chamada a sua attenção, como estando postas assim para uso exclusivo do papa. Encheu dois copos do vinho dos frascos reservados, e collocando-os n'uma bandeja de prata, entregou-os ao criado para que os levasse a seu amo. Corrigese aqui um erro pequeno da narrativa dos au-

tores antigos que descrevem o fatal frasco de vinho collocado na propria salva e levado ao papa. Similhante asserção é inacreditavel. Seria attribuir imprevidencia demasiada e incompativel com a habitual precaução de dois dos mais astuciosos homens que tem existido, suppôr que elles não reconhecessem, por qualquer particularidade de feitio ou de marca, a garrafa cujo conteudo tinham deliberadamente preparado horas antes. A unica cousa que não previram, e que lhes annullou a traça dos seus projectos, foi a ausencia do despenseiro. Esta ausencia é com effeito a chave de todo este enigma historico.

O criado apresentou a bandeja com os dois copos a Alexandre e seu filho; momento culminante do drama, situação profundamente theatral. O cruel, deshumano e ambicioso papa, cujo simples nome fazia blasphemar e tremer, e o altivo, perverso e feroz Cesar, que arrancava vidas tão facilmente como qualquer cortaria flôres: — aquelles dois homens em quem se fixavam com medo e horror os olhos da christandade, estavam n'aquella occasião, n'um crepusculo esbrazeado de agosto, debaixo da copa frondosa das arvores do jardim, olhando tristemente, na preocupação constante dos seus planos audaciosos, para as sombrias torres da Cidade Eterna, que elles governavam. Os tres cardeaes, a quem elles tinham sentenciado a morrer n'aquella mesma noite, já os cercavam anciosos, as faces empallidecidas, com dolorosa oppressão no coração. Pouco depois, chegado o vinho para refresco, Alexandre vi e Cesar Borgia estendiam a mão, seguravam no copo que continha o veneno preparado para os outros, e bebiam-o até a ultima gota.

Nenhum d'elles mostrou a menor apprehensão ao pousar o copo esvasiado. Diz-se ter sido o veneno usado por esta celebre familia um pó branco similhando assucar na apparencia e no gosto. Julga-se ter por base o aconito, que Ovidio já apontava como planta muito usada por Medea nos seus veneficios. Qualquer que fosse a sua natureza, não podia ser prontamente descoberto. Nem tão pouco fazia effeito immediato.

O cardeal Corneto ia na frente do grupo para fazer as honras da sua *villa*, e conduzia os seus hospedes de quarto para quarto, apondo-lhes as decorações e os objectos dignos de attenção. Durante esta visita aos aposentos observára-se que o papa ia empallidecendo extraordinariamente.

Annunciou-se afinal a cêa; e os convivas preparavam-se para se sentar á meza, quando o cardcal Caraffa, appareceu de volta do Vaticano.

Quanto ao despenseiro, não tinha de certo

regressado. Se o tivesse, outra deveria ser a situação. O seu primeiro cuidado, como ho-

duque foram levantados do chão e transportados para o Vaticano. Durante uma semana



Cesar Borgia correu para junto de seu pae...

Alexandre vi sofreu as maiores agonias, e ao fim d'esse tempo Roma teve noticia de que a egreja de Christo estava sem cabeça visivel na terra.

Assim morreu o homem cuja vida criminosa, dissoluta, e tristemente celebre, os proprios historiadores da Egreja severamente estigmatizam.

O nome de Borgia ficou nefando; comtudo Alexandre vi alguma cousa de bom ordenou sob o seu papado. Habil, intelligente, prote-

mem de inteira confiança, teria sido assegurar-se de que as duas garrafas pelas quaes elle deveria ter sobejos motivos de estar inquieto, continuavam intactas. N'um momento teria reconhecido que d'uma d'ellas já algum vinho tinha sido tirado durante a sua ausencia e não se pode suppôr que não tivesse perguntado anciosamente quem tinha tomado o vinho, cujo destino verdadeiro adivinhara sem duvida, se o não conhecia. Portanto ter-se-hia informado logo do succedido e deveria — ainda que o vinho não tivesse sido envenenado e dadas as expressas ordens recebidas — ter prevenido seu amo; e os dois Borgias em vez de visitar demoradamente os aposentos da *villa*, apressar-se-hiam sem duvida em tomar os necessarios antidotos. E nada d'isto succedeu.

O papa ficou na *villa Corneto*, sem a menor suspeita de que o veneno lhe corria nas veias. Vendo entrar Caraffa com o seu precioso talisman, sua santidade anciosamente estendeu a mão para o receber; porem, antes que seus dedos podessem segurar o medalhão, deu um grito de dor e cahiu no chão em convulsões.

Cesar Borgia ouviu o grito de seu pae e correu para junto d'elle, e em seguida sem que tivesse tempo de dar quaesquer ordens cahiu tambem prostrado.

Logo que os amedrontados cardeaes recuperaram a presença de espirito, o papa e o

geu as artes e a litteratura. Esteve em Lisboa, quando cardeal, como legado junto dos reis de Portugal e de Aragão, enviado pelo então papa Sixto iv, nas boas graças do qual se insinuara, para regular as desintelligencias que existiam entre aquelles dois soberanos relativamente ás suas pretensões sobre Castella. Não foi feliz na missão, incorrendo no desagrado de D. João ii; como tambem mais tarde, quando papa, promulgou a celebre bulla *Inter cœtera*, dada sob o anel do pescador no primeiro anno do seu pontificado, a 4 de maio de 1493, na qual dividiu o mundo em dois hemisphérios por uma linha imaginaria, tirada do polo arctico ao polo antarctico e passada a cem leguas para o occidente das ilhas dos Açores e de Cabo Verde.

De todas as ilhas e terras firmes, já achadas e que se houvessem de achar, descobertas ou a descobrir, para as bandas do occidente e meio dia, fazia mercê e doação perpetua á Hespanha. As terras do Oriente pertenciam a Portugal.

E' bem conhecida a discussão que d'esta bulla se derivou e que concluiu pelo tratado de Tordesillas, em 7 de junho de 1494, na qual se marcou 370 leguas a occidente de Cabo Verde a passagem da linha devisoria do mundo, convenção que só foi approvada por bulla de 24 de janeiro de 1506, dada pelo papa Julio ii, em tempo de D. Manuel, depois do descobrimento do Brazil.

Alexandre vi limpou os estados papaes dos bandidos — excepto do maior de todos que era o duque seu filho, em quem Machiavelli, o célebre sabio florentino, seu professor, depositava bem erradamente as melhores esperanças. Alexandre vi, luctando contra a nobreza poderosa, captivou as benemerencias do povo de Roma, como Ricardo iii as do de Londres. Comtudo o senso moral sobreleva sempre e tanto, na propria multidão, ao senso interesseiro que á morte do papa correspondeu um quasi rugido de execração que echoou em toda a christandade. O seu proprio cadaver foi abandonado nos degraus do atrio de S. Pedro.

Cesar Borgia sobreviveu. A sua constituição athletica oppoz resistencia efficaz aos estragos do veneno, contra o qual tomou um antidoto, logo que chegou ao Vaticano.

O seu poder, porém, a sua terrivel ambição encontraram finalmente limite e fim. Um novo papa, encarnação inimigo da casa dos Borgias, tomou posse de todos os territorios na conquista dos quaes o duque dispendera tanto trabalho e fizera derramar tanto sangue. Preso e exilado pereceu finalmente n'uma obscura escaramuça nos Pyreneus.

O episodio do cabaz de pecegos e da taça de vinho envenenado, como explicação da morte de Alexandre vi e da queda dos Borgias, tem sido posto em duvida pela critica historica que não confia inteiramente na justiça dos acasos providenciaes; todavia elle, na sua propria inveresomilhança e na contraditoria exposição das circumstancias miudas que o revestem, desnuda e revela a traça verdadeira dos successos e permite formular hypothese accetavel para illuminar o mysterio que envolve aquelle tragico fim do papa e da poderosa casa que deixaram na historia nome tão desgraçadamente celebre. Examine-se com cuidado a narrativa.

O despenseiro, um criado de intima confiança, encarregado de guardar o vinho envenenado, e com certeza informado, ou posto de sobreaviso, do fim para que era destinado, deixa-o sobre um aparador, sem resguardo e entregue ao cuidado de um subalterno, ignorante do caso, e vae-se embora da villa. E para quê? Para buscar uns fructos que appareceram no Vaticano muito opportunamente, de que elle mais opportunamente ainda se esqueceu, e pelos quaes poderia ir qualquer dos outros criados. Tendo partido em busca do famoso cabaz de pecegos não mais volta. Durante a sua ausencia o papa chega á villa, pede de beber para refresco da violencia do passeio, bebe do determinado vinho, fica inconsciente de que o tinha tomado, e espera impaciente que o cardeal Caraffa fosse ao Vaticano, e voltasse trazendo o esquecido talisman.

Quanto mais se considera no caso, tanto mais claramente elle proprio revela uma premeditada conspiração. Aquelle medalhão que era considerado uma protecção para Alexandre vi contra os envenenamentos não foi esquecido por acaso. Houve alguém que adrede desviou d'elle o pensamento do seu possuidor, ou talvez mão habilidosa o retirou do seu peçoço sem ser notado. E' sabido que nas superstições da época o valor dos talismans residia no temor que inspiravam e por isso era condição previa imprescindivel eliminá-los para o bom éxito dos attentados.

A mesma influencia se exerceu sobre o procedimento do despenseiro, como igualmente teria influido no criado do papa que o serviu.

Assim tudo se explica na narrativa coeva do succedido; e até a circumstancia do vinho bebido pelo papa ter sido envenenado por elle proprio sendo inverosimil, ou improvavel, assume um significado immaterial, abstracto ou symbolico. Demonstrava-se que a sua morte era originada pelo seu proceder.

O envenenamento dos Borgias foi sem duvida considerado um remedio desesperado mas necessario pelos homens que viam em perigo as suas proprias vidas. Era tempo já para que o Sacro Collegio se defendesse. Elle



O seu cadaver foi abandonado...

tinha visto os seus membros cahirem uns apoz outros. Até onde chegaria a dezimação? O

mais tímido resistiria, vendo a impossibilidade de escapar á sorte fatal. Os BORGHIAS cometeram o erro de assustar demasiadamente as suas victimas.

Não é difficil assim preencher as lacunas da historia. Vê-se para concentrar n'uma defesa commum a secreta reunião dos cardeaes ameaçados, presente-se a resolução de se anticipa rem ao seu executor. Concebe-se a peita possivel do despenseiro, confidente do papa, para que apenas abandonasse a *villa Corneto*, durante algum tempo, sem intervenção activa no plano, sem responsabilidade directa no que viesse a succeder, ignorante do que se preparava, podendo garantir a sua innocencia na hypotheze d'um mallogro; era possivel assim a sua aquiescencia. Forneceram-lhe um pretexto — o cabaz de pecegos.

Deve attender-se que, mesmo para a época, matar um papa, ainda que fosse o peor dos

papas, era um crime nefando de inaudita audacia. O direito de legitima defeza propria não podia ser allegado em similhante evento.

Era impossivel prever como este desenlace seria recebido pelo povo romano, pelos estados italianos, pela Europa inteira, na qual Alexandre VI tinha amigos poderosos. Similhante feito devia ser disfarçado de forma a poder ser considerado como interferencia divina, e por isso se apresentou a morte do assassino astucioso victima do seu proprio intuito. Por esta forma se explica a urdidura da tragedia cuidadosamente preparada e representada nos jardins da *villa* do cardeal Corneto n'aquella tarde de agosto do anno de 1503. Todavia o mysterio, implacavel, sinistro, subsiste sempre; e as narrativas do tempo continuarão a ser postas em duvida, trabalhadas pela critica na attenta investigação dos documentos e dos testemunhos da historia.



EM OSTENDE — QUADRO DE ACHENBACH

MODAS

SUCCEDEM SE OS mezes e a moda sempre inconstante mas d'uma actividade prodigiosa que, na apparencia futil, de pequeninas femininas, impulsiona vigorosamente todo o movimento fabril, uma forte corrente de producção de objectos d'arte, da mais fina combinação, e do mais afamado bom gosto no ramo importantissimo das industrias textis, a moda prepara já os novos vestuarios da proxima estação invernosal.

Annunciam os competentes no assumpto que os veludos, e os seus succedaneos, como a belbutina, o veludinho, a pelluche, serão os artigos de novidade; sobretudo os veludos finos, de seda, em cores vermelhas, desde o escuro carmezim até ao brilhante escarlate, serão as novidades de tecelagem e já se vêem amostras do que será a producção, as quaes demonstram uma perfeição inexcédível.

Ha-os em imitação dos velhos e luxuosos veludos, d'uma macieza de tons, d'uma flexibilidade acariciadora e d'um acabamento de colorido em magenta, e de pennugem tão setinosa que constituem verdadeiros primores da industria moderna.

A tonalidade vermelha dos tecidos será em moldurada com guarnições de pelles, e vê-se anticipadamente que bellos effeitos se deverão produzir pela combinação acertada d'estes dois elementos do vestuario feminino na estação proxima, ao mesmo tempo que pela extrema variedade de qualidades dos dois artigos se poderá proporcionar aos orçamentos mais modestos como aos mais prodigos ou favorecidos da fortuna.

Entretanto, nos mezes que decorrem até ao regresso definitivo ás cidades, á abertura dos salões de baile ou de theatro, a suprema elegancia mundana utiliza os *cheviotes* e os pannos lisos para confeccionar as *toilettes* de passeio no campo, de caça ou de bordo nas diversões da beira-mar; como emprega os *setins* para os vestidos com que tem de se apresentar nas recepções á noute, nas suas casas de campo ou nas suas vivendas de praia, nos jantares e nas *soirées* depois das caçadas ou depois das pescas.



As duas illustrações que acompanham este artigo são modelos das duas especies: o primeiro é um elegante vestido em panno muito fino e flexivel, fazendas da estação actual, liso, d'uma cor só, em armadura de casimira ou de sarja muito unida, todo em pregas, tanto a bluse como a saia, ajustado na cintura por um largo cinto em flanela d'uma cor complementar da escolhida para o vestido, sem grande contraste, rematado em um cabeção bordado caprichosamente; as mangas em pregas até o cotovello, alargando em seguida para fecharem no pulso; chapéu de palha escura ornamentado de d'uma grinalda de flores campestres; — o segundo, vestido de recepção ou de jantar, em setim, corte geral chamado *directorio*, sendo o corpo em pregas, a manga curta, o decote aberto em quadro, o complemento da guarnição n'um elegante laço cahido em toda a altura e apenas seguro por pequenas rosetas em fita de setim. No centro d'estas e das que rematam as mangas, usam-se joias ou perolas solitarias, cujo brilho faz

realçar a severidade e a simplicidade da *toilette*. O vestido tem uma meia cauda exigida pela forma *directorio* do côrte.

As caudas, ou os vestidos compridos continuam a merecer tanta censura justa da parte dos homens de sciencia, demonstrando os perigos graves de contagio e de transmissão de elementos morbidos que podem occasionar, continuam a soffrer tão geral reprovação que, em tempos de predominio indiscutivel da sciencia, a moda deixa-se convencer, e hoje para sahir de casa, mesmo em carruagem, quando a ida não seja directa para cerimonias mundanas que assim o exigem, os vestidos compridos estão completamente banidos; e para a proxima estação, em que dominam as chuvas, desde já se deaneiam nos *ateliers* da moda modelos desenhados, em que as saias se encurtam talvez com um exaggero opposto, natural nos movimentos da moda que é de sua natureza excessiva. Todavia estes projectos de modelos fundam-se na generalisação que tem havido nos vestuarios bicyclistas, nos destinados a excursões alpinas, e nos desenvoltamente usados n'este momento nas grandes praias de Ostende, de Brighton, de Trouville. Como complemento natural de *toilettes* de rua curtas nas saias, é claro que um movimento excepcional se denota na confecção do calçado que aprimora o acabamento e selecciona qualidades de couro, visto que o feitio geral continúa a seguir a forma mais ou menos racional que a propaganda da sciencia tem conseguido

fazer prevalecer, concorrendo para o desenvolvimento escultural das formas esbeltas e sadias. Onde se define o requinte dos primores do calçado é na diversidade artistica em forma, acabamento, e excellencia de qualida-

de de tecidos e de pellicas que apresentam os sapatos de interior, nas salas e nos *boudoirs* perfumados.

Este ramo dos accessorios de uso habitual, o dos perfumes, tem igualmente tomado um desenvolvimento extraordinario, e como em todos os ramos industriaes, a preocupação do barato arrasta necessariamente o fabrico de artigos inferiores que uma verdadeira elegante tem de evitar. Na preparação das essencias, embora em extremo aperfeiçoadas, entram productos chimicos que se decompõem em presença do ar e não só se esvae o perfume, como resultam aromas novos desagradaveis.

Ainda ha pouco na preparação d'esta simples revista, tivemos o desgosto de reconhecer a

verdade d'esta acção chimica. A lição da experiencia leva-nos a recommendar a mais escrupulosa escolha nos perfumes que uma boa marca garanta a excellencia e a proveniencia.

De resto, a escolha d'um perfume, como caracterisca d'uma elegante, é assumpto de psychologia subtil, d'onde se tiram horoscopos de sentimentos e de caracteres, que merece ser mais especialmente tratado em outro artigo.





Cliché de

Dr. Franco de Vasconcellos (amador)

ESPINHO — À ESPERA DA REDE

VARIEDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

D'uma forma succinta, compativel com a indole e espaço d'esta revista, continuamos a dar noticia, acompanhada quanto possivel de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a atenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade. Para cada capitulo iremos abrindo secções que constituem um repositório de factos ou de curiosidades e que sejam de facil consulta, quer se procurem por datas, quer por paizes.

JULHO — 25 Estados Unidos — O presidente Mac-Kinley proclama a existencia do livre-cambio commercial com Porto-Rico e a organização do governo civil na mesma ilha. — **Chili** — E' proclamado presidente da republica chilena o sr. German Riesco — **Russia** — Uma violenta explosão destroe parte da cidade de Batoum.

26 Allemanha — São presos em Charcow oito conselheiros dos Bancos Agrario e do Commercio por causa de quebras fraudulentas. E, como consequencia da crise industrial em Berlim, são despedidos da casa electricista Schuchers 2.000 operarios e 500 empregados.

27 Estados Unidos — Um incendio destroe 28 casas da aldeia Laprairie, na provincia de Quebec, sendo calculados os prejuizos em 100.000 dollars.

28 Inglaterra — Em Londres produz-se uma grande explosão n'um dístillador de naphtha, ficando gravemente feridas 20 pessoas. — **Fran-**

ça — E' preso em Paris, a reclamação das autoridades allemãs, um banqueiro de Leipzig que d'ali havia desaparecido deixando um passivo de doze milhões de marcos.

30 Turquia — O ajudante do sultão da Turquia é assassinado enquanto cumpria uma missão relativa ás desordens que tiveram logar ultimamente na Albania. — **Chili** — E' demittido o vice-presidente por protestar contra os novos preparativos militares. — **Inglaterra** — A camara dos commons pronuncia a suspensão do mandato contra o deputado nacionalista James Shee que chamou á administração de justiça «pandilhagem» judiciaria. — **São Francisco** — O syndicato dos operarios ordena a greve geral nas docas, ficando sem trabalho 55.000 operarios. — **Republica Argentina** — O ministro da guerra apresenta ao congresso um projecto de lei que tem por fim o augmento consideravel do exercito.

31 Colombia — O antigo presidente do congresso colombiano, Rangel Gardiras, subleva-

se com 5.000 homens na fronteira da Colombia contra o general Castro.—*Inglaterra*—A camara dos commons approva por 281 votos contra 73, apesar dos protestos dos deputados nacionalistas e radicaes, o donativo de 100.000 libras ao marechal lord Roberts.

Agosto—1 *Suecia*—Um grande incendio devora enormes florestas e muitas povoações da provincia de Saunteland, havendo muitas desgraças e ficando sem abrigo mais de 100.000 pessoas.—*Italia*—E' demittido o sub-secretario d'estado, Mutinho.—*Venezuela*—O general Pulido dá a sua dimissão de ministro da guerra e da marinha em consequencia das determinações do presidente Castro, para se reconhecer a belligerancia dos insurrectos colombianos e declarar-se guerra á Colombia.

2 *Inglaterra*—A camara dos commons vota 657.000 libras para obras navaes e 6.352.000 para despesas militares e approva a dotação do rei Eduardo e o donativo a lord Roberts.

3 *Russia*—São presos em S. Petersbourg tres membros do conselho do Banco do Commercio, declarado em estado de quebra.—*Allemanha*—Um pavoroso incendio destroe as florestas Koeder e Kibchuera devorando milhares de hectares do bosque.—*China*—Um decreto imperial transforma Tsong-li-Yamen n'um ministerio dos negocios estrangeiros, do qual é nomeado presidente o principe Tohing.

5 *Italia*—E' resolvida a crise ministerial passando o sr. Alfredo Baccelli, sub-secretario de estado da agricultura para o ministerio dos negocios estrangeiros e o sr. Fulci, sub-secretario de estado dos correios e telegraphos para o ministerio da agricultura sendo substituido n'aquelle cargo pelo sr. Squitte.—*Brazil*—Para resolver a crise ministerial são nomeados, ministro da justiça o deputado D. Sabino Barroso, e chefe da policia o juiz D. Edmundo Barreto.—*Estados Unidos*—Uma explosão destroe em Philadelphia 5 predios de casas ficando mortas 10 pessoas, e feridas 40.—*Allemanha*—O conselheiro Putthamer secretario d'Estado da Alsacia-Lorena pede a sua demissão sendo substituido pelo Dr. Koeller, presidente superior do Slesvig-Holstein.

7 *França*—O tribunal de Commercio declara nullas, por serem contrarias aos estatutos, as decisões da assemblea dos accionistas do jornal *Le Figaro* pedindo a demissão dos srs. Périvier e Rodays.—*Turquia*—Em virtude de um convenio entre o governo de Creta e os delegados da divida ottomana, a administração turca renunciou aos seus privilegios em Creta, mediante o pagamento de milhão e meio de francos e a concessão do monopolio do sal.

8 *Hespanha*—A fabrica de farinhas em Barcelona é destruida em consequencia de ter rebentado uma caldeira ficando mortos o machinista e um fogueiro.—*Allemanha*—O imperador Guilherme confere ao marechal conde de Waldersee a ordem do merito militar (artilharia e engenharia de campanha) e o titulo de um regimento Waldersee.—*Inglaterra*—O governo inglez auctorisa o generalis-

simo lord Kitchener a condemnar á morte todos os individuos que commetterem actos contrarios aos usos da guerra civilisada.

9 *Russia*—Celebra-se em S. Petersburgo o casamento da gran-duqueza Alga com o principe Pedro de Oldemburgo.—*Brazil*—O senado brasileiro annulla o contracto que arrendava os caminhos de ferro do Norte á Great Western Railway Company.

10 *Hespanha*—Declaram-se em grêve o chefe das cosinhas do paço real em San Sebastian e mais 5 cosinheiros.—*Italia*—Os empregados dos *tramways* de Roma declaram-se em grêve reclamando o augmento de salario.—*Malta*—15.000 pessoas fazem uma ruidosa manifestação contra os novos impostos do governador britanico sendo proferidos violentos discursos e arreada e rasgada em farrapos a bandeira ingleza do circulo militar.

12 *França*—Um grande incendio destroe no Havre uma grande fabrica de tecidos de seda, calculando-se os prejuizos em dois milhões de francos.—*Portugal*—São publicados os decretos sobre a autonomia da Madeira e sobre a reforma dos serviços municipaes de Lisboa e Porto. E' igualmente publicada em ditadura a nova lei eleitoral.

13 *Portugal*—Os horticultores, agricultores e vendedores de fructas e hortalicas declaram-se em grêve contra as imposições da campanha do mercado da Praça de Figueira em Lisboa, resolvendo escolher o Campo de Sant'Anna para local de venda dos seus generos.—*Noruega*—Um pavoroso incendio destroe a maior parte da cidade de Tarsund, tendo ardidado a egreja principal, a repartição do correio, o banco e varias escolas, ficando 1.200 pessoas sem abrigo.—*Cuba*—O general Maximo Gomes, recusa a candidatura á presidencia da republica de Cuba.

14 *França*—E' firmado pelo presidente da republica o regulamento das associações religiosas.—*Suissa*—O engenheiro Fictet de Genebra descobre o meio de fabricar oxigenio pelo preço de dois centimos o metro cubico, invento que póde determinar uma grande revolução na industria metallurgica.

15 *China*—Produzem-se grandes innundações em Tien-Tsin impedindo a circulação dos caminhos de ferro, tendo desaparecido na Mandchuria centenaes de kilometros de via ferrea. Os francezes entregam aos chinezes o palacio dos antigos soberanos.

16 *Inglaterra*—Hyndman, fundador do partido operario inglez declara que é completamente inutil continuar a lucta e que em vista d'isso se retira á vida particular.—A camara dos commons approva o projecto do orçamento geral do Estado.—*Estados Unidos*—Uns 3.000 operarios das fabricas d'aço Joliet decidem obdecer á ordem do sr. Schumffer e declararem-se em grêve; 600 operarios das fabricas de galvanisação em Pittsburg declaram-se tambem em grêve.

17 *Pensylvania*—Nove fabricas de aço em Sharou resolvem fusionar e constituir uma sociedade com o capital de 15 milhões de dol-

lars.—*Inglterra*—Sessão de encerramento do parlamento britannico.

18 *Venezuela*—O governo venezuelano decreta a suspensão do exercicio da constituição em toda a republica.

19 *Portugal*—Os operarios da fabrica de tijolo de Vialada & Ventura em Aldegallega declaram-se em greve, exigindo do director da mesma fabrica pagar-lhes o jornal todo em pagamento quinzenal.—*França*—O governo resolve empregar o telegrapho sem fios nas colonias francezas.

20 *Africa*—O ministro de Hespanha em Tanger apresenta a Mahomed Torres uma

dherem á greve dos metalurgicos.—*Turquia*—Um grande incendio destroe em Haidar-Pachá 200 predios de casas. As perdas passam de 60:000 libras.—*Allemanha*—O imperador Guilherme II nomeia em substituição de sua mãe, coronela do regimento de Gerdaft a grã-duqueza de Hen.—*França*—O sr. Constans embaixador de França na Turquia notifica á Sublime Porta a immediata ruptura de relações.

23 *Brazil*—No Rio de Janeiro á sahida da camara a populaça ataca alguns deputados partidarios do governo, ferindo um d'elles gravemente.—*Republica Argentina*—3:000 opera-



PRAIA DE PEDROUÇOS

nota energica reclamando a immediata devolução dos captivos hespanhoes. Por cada dia de demora na entrega são exigidos mil duros a começar d'esta data.—*Saint-Louis*—Na ilha de Maria Galante um incendio destroe quasi inteiramente a villa de Grandourgri.—*Armenia*—Rebenta em Sassouf um movimento armenio seguido de graves disturbios sendo numerosas as victimas, proclamando-se logo o estado de sitio.—*França*—E' nomeado comandante da brigada franceza de occupação da China o tenente-coronel, Marchand.

21 *Inglterra*—Parte para a Africa do Sul uma nova expedição composta de 3:000 homens e 900 cavallos.—*Estados Unidos*—Dois mil operarios de mais duas companhias, ad-

rios do caminho de ferro de Pringles á Bahia Blanca declaram-se em greve por não estarem completamente pagos sendo a sua attitude ameaçadora.—O ministerio offerece a sua demissão.—*America do Sul*—Os fabricantes algodoeiros de Fallriver renunciam a rebaixar os salarios dos operarios.—*Turquia*—O governo ottomano paga aos Estados-Unidos uma indemnisação de 95:000 dollars pelos damnos causados na Armenia ás emissões americanas.—*Africa do Sul*—Dá-se um novo combate entre os boers e os hussards inglezes em Uniondale.

25 *Russia*—Tomam enorme desenvolvimento os incendios nos bosques, destruindo algumas povoações e bosques inteiros. Os pre-

juizes são calculados em mais de 250 milhões de francos. Os aldeões, attribuindo os incendios aos judeus, e fazendo-se juizes e executores lyncharam alguns d'elles.

26 *Estados-Unidos*—Um violento cyclone produz a este dos Estados-Unidos considera-

veis damnos. O vento derribou em Jersey-city varios edificios entre os quaes uma igreja e um theatro.

27 *Austria*—Um terrivel temporal desvasta uma grande parte da provincia de Trieste, alongando-se até ao mar Adriatico.



NECROLOGIA

AGOSTO 1 — LADY BROODRICK, em Londres.

5 IMPERATRIZ FREDERICO Victoria, em Kronberg. Era mãe do actual imperador da Alemanha, filha primogenita da falecida rainha Victoria e, portanto, irmã mais velha do rei Eduardo VII de Inglaterra, o qual foi assistir aos funeraes, e como representante de Portugal foi enviado de Italia, onde estava, o senhor infante D. Affonso.

6 — Conselheiro ANTONIO ENNES — em Queluz, perto de Lisboa, eminente escriptor politico, dramaturgo e historiador jornalista primoroso. Nasceu a 15 d'agosto de 1848. Foi deputado e ministro de marinha e das colonias; alto commissario regio em Moçambique, chefe supremo da expedição civil e militar que pacificou a provincia na gloriosa campanha de 1895, ministro de Portugal junto do governo dos Estados Unidos do Brazil. Terminadas estas commissões onde prestou os mais levantados serviços á patria, exercia agora o cargo de inspector geral das bibliothecas e

archivos publicos. N'outro lugar da revista fazemos memoria mais particular do illustre extincto.

8 GENERAL BARATTIERI no Tirol, um dos soldados de Massouha.

8 PRINCEPE HENRIQUE DE ORLEANS, em Saigon, primo de sua magestade a rainha D. Amelia.

11 FRANCESCO CRISPI, em Napoles, 82 annos, ministro italiano, notavel estadista. A sua longa vida permittira ao seu espirito uma evolução completa nas suas idéas, partindo dos enthusiasmos revolucionarios para terminar na defeza violenta dos principios conservadores.

13 BARÃO NORDJENSKOELD, em Stockolmo, 69 annos, celebre explorador das regiões do pólo arctico.

15 VICTOR CORDON, em Mafra, official do exercito, africanista, distincto e ousado explorador portuguez.

16 MADAME CANOVAS, em Madrid, viuva do celebre estadista Canovas.



ASPECTO DA PRAIA DE PAÇO D'ARCOS

Variedades

OS MOSQUITOS

45

RESULTA de recentes descobertas e experiências que os germens do paludismo, da febre amarella, da filariose, e provavelmente do beriberi e de outras doenças tropicaes, são pelos mosquitos transportados do homem doente ao são, — e talvez de certos animaes, ou mesmo da agua, ao homem. D'estes conhecimentos derivou o estudo attento d'estes insectos, a fim de descobrir o meio de acabar com este meio de diffusão d'aquellas doenças e sobre este assumpto publicou o dr.

tromba do *Culex*, em fórma de baqueta de tambor, termina na sua extremidade livre por um appendice olivar, e na femea, os dois órgãos do tacto, que ladeiam a tromba, são muito mais curtos do que esta. As antenas do *Anopheles* femea são mais curtas do que a tromba e órgãos do tacto, e fortemente barbadas; as do *Culex* teem as mesmas dimensões da tromba, e são escassa e espaçadamente barbadas. O *Anopheles* apresenta, além disto, manchas de aspecto variado, acompanhando



ANOPHELES EM REPOUSO



CULEX EM REPOUSO

Hilario de Gouveia n'um dos ultimos numeros do *Brasil Medico* um artigo d'onde extrahimos as seguintes indicações geraes. Os mosquitos, designados sob o nome geral de culicidios, constituem uma grande familia de insectos, de que se conhecem até agora cerca de duzentas especies, comprehendendo tres generos: o *Anopheles*, o *Culex* e o *Aedes*. D'estes, os que mais importa conhecer, são: o *Anopheles* e o *Culex*. O *Anopheles* distingue-se do *Culex* pelos caracteres seguintes. A tromba termina em fórma de lança, e, tanto na femea como no macho, tem o mesmo comprimento que os dois órgãos do tacto, que a ladeiam. A

as nervuras das azas, e, sobretudo notaveis do lado de fóra das azas. Os insectos d'estes dois generos, porém, distinguem-se facilmente, á primeira vista, pela attitude que tomam quando pousados. Os do genero *Culex*, quando pousados, conservam o corpo quasi parallelo ao plano em que pousam, approximando d'elle um pouco mais a sua extremidade caudal. Os do genero *Anopheles*, ao contrario, quando pousam, apresentam a tromba e o corpo, que é mais esbelto e melhor proporcionado do que o do *Culex*, em posição quasi perpendicular ao plano em que pousam, como melhor se vê nas figuras aqui reprodu-

zidas. Os ovos do *Anopheles* são separados uns dos outros, ao passo que os do *Culex* são arranjados em fôrma de canôa ou gondola veneziana.

As larvas do *Anopheles*, quando respiram na superfície da agua, apresentam-se em fio comprido, parallelamente á superfície da agua; ao passo que as do *Culex* teem a extremidade caudal voltada para cima e a cephalica para baixo (Vide figuras). Estes caracteres tornam facil o reconhecimento dos sitios palustres.

A' menor agitação da superfície da agua, as larvas do *Culex* mergulham rapidamente, ao passo que as do *Anopheles* não mergulham, deslisam, recuando. Durante o dia os mosqui-



OVOS DO ANOPHELES

tos repousam, não na agua como geralmente se pensa, porém á sombra, nos logares arborizados e frescos, na visinhança das casas ou da agua. Nas habitações, preferem os recintos escuros: as cocheiras e os aposentos mal arejados e immundos. Ao pôr do sol, saem das tocas em procura do seu alimento favorito, que, para as femeas, é o sangue do homem e dos animaes, e, para os machos, cujas trombas não são dotadas de instrumentos picantes, as fructas e hervas. Em geral, os mosquitos picam depois do sol posto, o que não quer dizer que só piquem á noite; os que ficam retidos nos aposentos picam mesmo durante o dia os doentes e as pessoas que ahi permanecem ou dormem; da mesma sorte, as pessoas que estacionam ou repousam na visinhança dos pantanos e dos logares frequentados pelos mosquitos, podem ser picadas por elles durante o dia. Os *Anopheles* preferem para a sua postura os charcos e collecções de agua em decomposição, formadas nas depressões e escavações do solo ou das rochas, isto por causa das algas ou limos verdes que n'ellas germinam facilmente, e que servem de pasto favorito ás suas larvas; por isso, querendo cultival-os em garrafas, é conveniente introduzir n'ellas algumas algas. As femeas de um e outro dos dois generos depois de saciadas, ficam em repouso por 24 horas, nas visinhanças do sitio em que se alimentaram. e, passado esse espaço de tempo dirigem-se á collecção da agua apropriada á sua procreação, para ahi deporem os ovos. Já vimos que os *Anopheles* procuram, de preferencia, os charcos ricos de materia organica. O *Culex*, menos exigente, faz sua postura na primeira porção de agua estagnada que encontra: nos reservarios de agua potavel, nos depositos, nos potes, nas cisternas, nos vasos de flores, nas aguas pluvias retidas nos cacos de garrafas, etc. Uns e outros, feita a postura, morrem em geral e, quando não morrem, volvem ao mesmo ponto, onde, por ultimo, encontram o seu alimento favorito. A reproducção dos mosquitos requer certo grau

de temperatura ambiente, e quanto mais elevada fôr a temperatura, melhor se reproduzem. Quando a temperatura se approxima de zero, como se observa nos paizes temperados, cáem n'uma especie de somno lethargico, de que despertam sómente quando de novo sóbe a temperatura. D'est'arte, póde a sua vida ser prolongada de muitos mezes, como se tem observado na Italia. Da postura ao nascimento do mosquito adulto medeiam apenas oito dias, como se póde verificar, colhendo e guardando as femeas engorgitadas de sangue em sua garrafa a meio de agua. Os mosquitos não podem viver, nem procrear na agua corrente, nem na agua salgada.

Da observação e experiencia ha muito consignadas, resulta uma série de factos que provam a estreita relação que sempre houve entre o paludismo, a febre amarella e os mosquitos:

1.º O paludismo e a febre amarella são sobretudo frequentes nos logares baixos e humidos.— Os mosquitos abundam principalmente nos logares baixos e humidos.

2.º Os logares altos e declives são geralmente indemnes de paludismo e de febre amarella.— Nos logares altos e declives geralmente não existem mosquitos, por falta de agua estagnada necessaria a sua procreação.

3.º O calor e as chuvas são favoraveis á propagação do paludismo e da febre amarella.— O calor e as chuvas favorecem as estagnações de agua e a procreação dos mosquitos.

4.º As escavações e revolvimento do solo favorecem a propagação do paludismo e da febre amarella.— As escavações e revolvimento do solo favorecem as estagnações da agua necessarias á procreação dos mosquitos.

5.º A cultura e desseccamento do solo suprimem o paludismo — A cultura e desseccamento do solo fazem desaparecer os charcos, onde procream os mosquitos *Anopheles*.

6.º As pessoas que habitam zonas ao abrigo do paludismo e da febre amarella só con-



OVOS DO CULEX

trahem estas doenças, dormindo ou repousando nos fôcos d'essas molestias.— Os mosquitos só picam as pessoas que repousam ou dormem, sobretudo, á noite.

7.º O paludismo manifesta se raramente a bordo dos navios — Os mosquitos do genero *Anopheles* raramente se encontram a bordo dos navios.

8.º A febre amarella desenvolve-se frequentemente a bordo dos navios.— Os mosquitos do genero *Culex* encontram-se frequentemente a bordo dos navios.

9.º O paludismo é sobretudo frequente nos arredores da cidade e do campo.— E' sobretudo nos arredores das cidades e no campo que existem as estagnações de agua no solo,

propicias á procreação dos mosquitos do genero *Anopheles*.

10.º A febre amarella ocorre tanto no centro da cidade como nos seus arredores.— Os mosquitos do genero *Culex* encontram, tanto nas cidade como nos arredores, condições favoraveis á sua procreação.

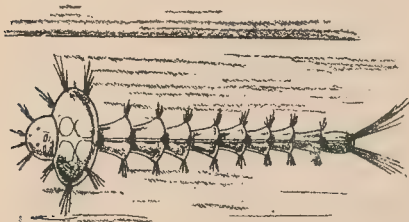
11.º O abaixamento da temperatura do ar é desfavoravel á propagação do paludismo e da febre amarella.— O abaixamento da temperatura entorpece os mosquitos e impede a sua procreação.

Conhecida a historia da curta vida dos mosquitos, que acaba de ser resumida em seus traços essenciaes, occorre a toda a gente procurar um meio infallivel de exterminal-os, em qualquer região por elles infectada, a saber : — impedir que proliferem, pela suppressão das estagnações de agua, indispensaveis á sua procreação. Quanto aos charcos, ou estagnações de agua no chão, o problema reduz-se a descal-os pelos meios conhecidos : — drenagem o aterro.

E' esta uma questão que a experiencia de muitos seculos já havia resolvido, sómente a theoria era outra. No fastigio de Roma, a famigerada *Campagna romana* dos nossos dias, sanificada por um admiravel sistema de drenagem; de que foram descobertos vestigios que alli ainda se vêem hoje, foi uma região salubre e extremadamente prospera. Londres, a maior das cidades do velho mundo e a mais salubre d'ellas, onde o paludismo é hoje absolutamente desconhecido, era ainda no tempo de Sydenham flagellada pelo paludismo. Factos analogos abundam por toda a parte.

Já vimos que os mosquitos não procream na agua salgada; a dissolução de certa quantidade de sal na agua do pantano, torna-a, por tanto, esteril para os mosquitos.

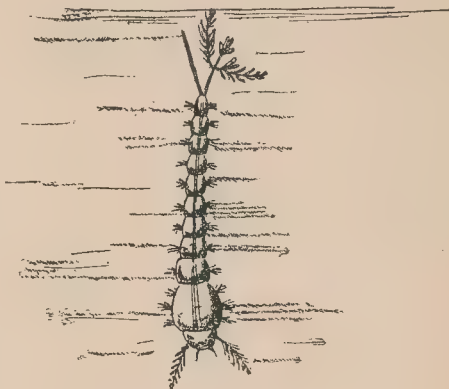
Outros meios occorrem, tão efficazes como esse e menos dispendioso : a sua efficaccia,



ATTITUDE DA LARVA DE ANOPHELES
NA SUPERFICIE D'AGUA

Para isso, serve qualquer oleo, vegetal, animal ou mineral; os melhoes d'estes ultimos são o kerosene bruto e o alcatrão, que se deixam espalhar facilmente, em muita tenue camada pela superficie da agua, desde que se passe por sobre ella um trapo embebido em um d'esses oleos.

Esta oleação da superficie liquida, practica-



ATTITUDE DA LARVA DO CULEX
NA SUPERFICIE D'AGUA

da systematicamente, de seis em seis diar, é da maior efficacia.

As larvas dos mosquitos, veem á superficie liquida para respirar, e o oleo obstrue-lhes as trachéas, e mata as por asphyxia em pouco tempo.

E' claro que os mosquitos que penetram nas casas e permanecem nos aposentos devem ser alli cuidadosamente caçados e mortos.

Os vapores e as diferentes misturas preconizadas como culicidas como sejam as misturas de pó de raiz de valeriana e de botões de chrysanthemo, etc., em geral não matam, entorpecem apenas os mosquitos, e por isso não ha que fiar n'ellas. Os vapores de acido sulfuroso, desenvolvido nos aposentos hermeticamente fechados, sobretudo sob pressão, são excellente culicida.

Ha uma providencia, porém, que se impõe : é o uso dos mosquiteiros, feitos de filó de larga malha. Os mosquitos não podem penetrar pelas malhas do filó. E' preciso não conhecer a conformação de taes insectos para suppór isso possivel. Esses insectos só podem penetrar nos mosquiteiros de filó quando haja n'elles fendas ou quando as suas bordas livres fiquem pendentes, caso em que os mosquitos penetram facilmente debaixo para cima.

Os mosquiteiros deverão, com mais forte e justo motivo, proteger os doentes de molestias transmissiveis, febricitantes, ou não, capazes de fornecerem aos mosquitos materia prima para a infecção dos saos e dos doentes de outras molestias nas enfermarias communs.

porém, de serem renovados a miudo. Vimos que as larvas dos mosquitos teem absoluta necessidade de virem respirar á superficie da agua; tudo quanto poder impedir essa funcção, indispensavel á vida das ditas larvas, por mais de meia hora, as matará. Basta para asphyxial-as, espalhar por toda a superficie do pantano uma tenue camada oleosa.

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME I.

A RESGATAR VIDAS. INSTITUTO DE SOCCOR- ROS A NAUFRAGOS..... I a 12

Soccorro! Soccorro!—Quadro de A. Morlon..... 2
Na corrente.—Quadro de E. Renoub..... 3
Naufragos.—Quadro de A. Morlon..... 4
Uma sahida difficil.—Quadro de G. Hoquette..... 5
Homem ao mar!—Quadro de G. Hoquette..... 6
O salvamento.—Quadro de A. Dawant..... 7
Tem o marido no alto mar.—Quadro de Mme. V. Demont Breton..... 8
Exercicio em Cascaes—O foguetão porta-cabo..... 9
O vae-vem em acção...... 10
Sua Magestade a Rainha D. Amelia—Conde de S. Januario—Polycarpo dos Anjos—Jorge O'Neill—Hypacio de Brion—(Retratos)..... 11
Medalha de Soccorros a Naufragos (Anverso e reverso)..... 12

SUPREMA REVOL- TA..... 13 a 16

Jesus expulsando os vendilhões do templo—Quadro de Guercino..... 13
O Salvador—Quadro de Guido Reni..... 14
Maria de Magdala—Quadro de Guido Reni..... 15
Christo levando a cruz—Quadro da Academia das Bellas Artes..... 16

DE LISBOA A MO- ÇAMBIQUE.—POR ANTONIO ENNES.—CAPI- TULO I—PORTO-SAID, O CANAL DE SUEZ—O MAR VERMELHO..... 17 a 34

No conveç—(Retrato)..... 18
O paquete Moçambique da Mala Real Portuguesa..... 19
O Canal de Suez..... 20
Porto-Said..... 22
A praça de Lesseps..... 23
Mulheres egypcias..... 24 e 25
A rua do Commercio..... 26
Draga e casa fluctuante..... 27
Grâdes lagos amargos—Pha-rol septentrional..... 28

Fonte de Moyses..... 29
Ponte das Caravanas..... 31
Dama hungara no Casino de Porto-Said..... 33

CAPITULO II—ADEN, O GUARDAFUL, O MAR DAS INDIAS, ZANZIBAR.... 81 a 97

O porto de Aden..... 83
Cisternas..... 84
A cidade velha..... 85
O raquete Malange no Ras Hafun..... 88
Uma rua de Zanzibar..... 91
Capella catholica..... 93
O sultão Said-Ali..... 95
A festa da lua nova..... 97

CAPITULO III—MOÇAMBI- QUE, O PORTO, A ILHA, A CIDADE..... 145 a 158

Vista de Moçambique, tirada da ponte para o lado da fortaleza..... 145
Ponte de Moçambique..... 146
Praça de S. Paulo..... 148
Patêo e entrada do palacio de S. Paulo..... 149
Palacio e capella de S. Paulo..... 150
Pequena peça de bronze..... 151
Sala do palacio do governador..... 152
Pulpito da egreja de S. Paulo..... 154
Bairro indigena—Costumes..... 155
Praça de S. Gabriel..... 157
Coqueiros..... 158

CAPITULO IV—A CIDADE, O CONTINENTE..... 209 a 227

O edificio da Alfandega..... 209
Repartição de Fazenda..... 210
Casa da Camara..... 211
A escavacão de S. Sebastião..... 213
A escavacão da grande cisterna da Casa Mendonça e Silva..... 217
Alumnos da Escola de Artes e Officios..... 218
O hospital..... 220
O mercado..... 223
Descarga das lanchas do continente..... 225

CAPITULO V—AS CABA- CEIRAS, O MOSSURIL. 273 a 280

Coqueiros..... 275
O Boabab..... 277
O Mossuril..... 279

CAPITULO VI—Os MA- CÚAS..... 342 a 346

Em caminho do Mossuril..... 344
Negros macúas..... 345

E STAVA ESCRIPTO... —SCENAS DA VIDA AME- RICANA—COM 3 ILLUSTR- ÇÕES..... 35 a 40

A RESPOSTA DO IN- QUISIDOR.—POESIA DE GONÇALVES CRESPO 40 e 41

Os reis catholicos—Quadro de Paul Laurens..... 41

A PALAVRA TRANS- MITTIDA PELA LUZ.—O RADIOPHONE.— COM 3 ILLUSTRAÇÕES... 42 e 43

GAVOTA.—POR AU- GUSTO MACHADO.— (Musica e nota biogra- phica)..... 44 a 46

O retrato do maestro..... 46

SANTA ADOZINDA.— NOVELLA RUSTICA POR ABEL BOTELHO.—CAPI- TULO I.—O MAGUSTO.—COM 3 ILLUSTRAÇÕES..... 47 a 53

CAPITULO II—Á BRAZEIRA. COM 2 ILLUSTRAÇÕES. 109 a 115

CAPITULO III—UMA NOITE DECISIVA.—COM 2 ILLUS- TRAÇÕES..... 169 a 176

CAPITULO IV.—A SENHO- RA DA LAPA.—COM 1 ILLUSTRAÇÃO..... 239 a 245

CAPITULO V—A SANTA.— COM 3 ILLUSTRAÇÕES. 281 a 286

UNIAO PELA VIDA.— A SOCIEDADE DENOMI- NADA A VOZ DO OPERARIO. —COM 8 ILLUSTRAÇÕES 54 a 60

Casa onde actualmente se acha installada a Sociedade..... 54
Bray Pacheco.—Retrato do fundador..... 54
Casa no Becco do Froes, em Alfama, onde se fundou o jornal «A Voz do Operario».
Casa do Campo de Santa Clara onde está installada uma das escolas da Sociedade..... 55
Escola do Largo do Outeirinho da Amendoeira..... 56
Sala da Bibliotheca da Sociedade «A Voz do Operario»..... 57
Officina typographica do jornal «A Voz do Operario»..... 58
Casa das officinas typographicas..... 59

A PRIMAVERA... 66 a

Um idyllio de primavera—Quadro de Alfredo East..... 66
Primavera—Quadro de A. Mengin..... 68
Primavera—Quadro de F. A. v Kaulbach..... 68
Lyrios e rosas—Aguarella de Emilie Adan..... 69
A primavera—Quadro de Léon Pervault..... 70

UTILISAÇÃO DA FORÇA DO SOL. — COM 1 ILLUSTRACÃO... 71 e

TENNIS PLAY.—POR TEIXEIRA DE QUEIROZ.—COM 3 ILLUSTRACÕES DE ADOLPHO BENARUS E COPIA DO QUADRO DE PRES-COTT DAVIES..... 73 a

CONTRASTES. — COM 3 ILLUSTRACÕES... 79 e

A FLOR DA ROSA. — POR TH. LINO D'AS-SUMPÇÃO... 98 a

Egreja e mosteiro da Flór da Rosa..... 98
Altar-mor e tumulo de D. Diogo Tumulo de Alvaro Gonçalves Pereira..... 99
Ruinias actuaes da Flór da Rosa..... 100

O RAPTO DE LOLA. — NO MEIADO DO SE-CULO XX. — CONTO PHANTASTICO. — COM 5 ILLUSTRACÕES... 103 a

TRAGEDIA EM NAPOLES. — MYSTERIOS DA HISTORIA. — COM 5 ILLUSTRACÕES... 116 a

A RESURREIÇÃO DE A CHRISTO. — ORATORIA, POR DON LORENZO PEROSI. — PRELUDIO... 124 a

ROSARIO. — COM 2 ILLUSTRACÕES... 130 a

Maria.—Quadro de Franz Muller..... 130
Rosas de Maio.—Quadro de W. Menzler..... 132

UNIÃO PELA VIDA. O FAMILISTERIO DE GUISE. — COM 11 ILLUSTRACÕES... 133 a

Fachada principal do Familisterio..... 133
O fundador Godin..... 133
Um dos pateos interiores..... 134
Um interior do Familisterio..... 135
Outro interior do Familisterio.
O Puponnat — Jardins e Parque — Grupo do Theatro e das Escolas..... 136
O tumulo de Godin nos Jardins do Familisterio..... 137
Officina de montagem..... 138
Officina da expedição dos productos fabricados..... 139

UMA TOURADA DE CORDA. — POR FAUSTINO DA FONSECA. — COSTUMES DA ILHA TERCEIRA NOS AÇORES. — COM 5 ILLUSTRACÕES... 140 a

Angra do Heroismo — Tourada de corda..... 140
O touro na corrida..... 141
Coração do Espirito Santo... 142
Pastor tomando conta do curro Amadores toureando no Terreiro..... 143

DISFARCE INUTIL. — SCENAS DA VIDA INGLEZA. — COM 3 ILLUSTRACÕES... 159 a

RACHEL. — VALSA, POR LAURA ESCRICH... 164 a

NOVO MOTOR SONLAR. — COM 1 ILLUSTRACÃO... 168

O COLLAR DA RAINHA. MYSTERIOS DA HISTORIA. — COM 8 ILLUSTRACÕES... 177 a

NOVO SIGNAL SUBMARINO. — COM 1 ILLUSTRACÃO... 186

EM QUINTA FEIRA D'ASCENSÃO. COM 3 ILLUSTRACÕES... 187 a

Debaixo da Ramada..... 187
N'um retiro..... 188
Para matar o tempo..... 188

O DIA DE VISITAS. — COM ILLUSTRACÕES... 191 a

Five o'clock tea—Quadro de Madeleine Lemaire..... 192

CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA. — NA

EGREJA DE S. ROQUE EM LISBOA.—POR SOUSA VITERBO. —COM 7 ILLUSTRACÕES... 194 a

Capella de S. João Baptista... 194
Frontal de prata e lapis lazuli 195
A exposição do thesouro da capella..... 196
Rêlicarios de prata dourada... 197
Rêlicarios de prata dourada... 198
Um dos tocheiros da capella... 198

AS FURNAS E AS SETE CIDADES. — VALLES PITTORESCOS DA ILHA DE S. MIGUEL, NOS AÇORES. — POR ARMANDO DA SILVA. — COM 7 ILLUSTRACÕES... 201 a

Vista da cidade de Ponta Delgada..... 201
A caminho das Sete Cidades—Lomba da Cruz..... 201
Lagoa no valle das Sete Cidades..... 202
Caldeira das Furnas..... 202
Egreja de José do Canto, nas Furnas..... 203
Casa e jardim do marquez da Praia, nas Furnas..... 203
Ponta Delgada — Palaeio do Conde Jacome Correia..... 204

EM JULHO. — NA EIRA. — Quadro... 205

NAS GARRAS DE UM TIGRE. — AVENTURA AUTHENTICA NA INDIA. — COM 4 ILLUSTRACÕES... 206 a

FOLHA D'ALBUM. — POR OSCAR DA SILVA. — Musica... 228 a

TRAGICOS DESTINOS. — MYSTERIOS DA HISTORIA. — COM 5 ILLUSTRACÕES... 231 a

DU BIST WIE EINE BLUME (Tu és como uma flôr).
Heine.—Quadro de M. Schmied... 246

PULVERISANDO MONTANHAS—COM 4 ILLUSTRACÕES... 247 a

Thomaz Edison (Retrato)..... 247

A FEIRA DE EVORA. — COM 6 ILLUSTRACÕES... 251 a

PING-PONG. — COM 1 ILLUSTRACÃO... 256

SCENAS CAMPES-TRES. — COM 2 ILLUSTRACÕES... 258 a

Indice

III

O estio — Quadro de Lancrét... 258
 Pastoral — Quadro de Boucher. 259

EM PLENO AZUL. —
 DE FRANÇA Á RUSSIA
 EM BALÃO. — COM 6 ILLUS-
 TRAÇÕES..... 261 a 265

O RETRATO DO IM-
 PERADOR. — COM
 17 ILLUSTRAÇÕES..... 266 a 272

O Imperador da Allemanha Gui-
 lherme II..... 266
 Continencia final dos exercicios
 executados pelos recrutas.... 267
 José Honorato de Mendonça,
 coronel commandante de ca-
 vallaria 4. — Capitão Alvim.
 — Tenente Leiria. — Tenente
 Vasconcellos. — Alferes Car-
 valho da Silva. — Alferes Men-
 donça. — Alferes picador Caet-
 ro Vieira (Retratos)..... 269
 Saltos de cavallo..... 270
 Passages do cavallo..... 271
 Passages a trote do cavallo.... 272

O SOLAR DA SEM-
 PRE NOIVA. — POR
 G. PEREIRA. — COM 6 ILLUS-
 TRAÇÕES..... 287 a 290

Vista actual da Sempre Noiva... 287
 Entrada do Solar no pateo.... 287
 Fachada para o pateo interior... 288
 Fachada para o campo..... 289
 No eirado — Porta da entrada
 para o pavimento dos salões*.
 Janelas duplas em duas fronta-
 rias..... 290

PREDICÇÃO HISTO-
 RICA. — MYSTERIOS DA
 HISTORIA. — COM 8 ILLUS-
 TRAÇÕES..... 291 a 300

AS CHAVES DO ES-
 TREITO. — GIBRAL-
 TAR — COM 6 ILLUSTRA-
 ÇÕES..... 301 a 306

Estreito de Gibraltar (Mappa).. 301
 Vista do rochedo e isthmo de
 terra arenosa que prende Gi-
 braltar a Hespanha..... 302
 Vista de Gibraltar..... 303
 Uma rua de Gibraltar..... 304
 A ponta da Europa e as casas de
 campo..... 305
 A torre de Vigia..... 305

SEGREDOS DO AMOR. — Qua-
 dro de N. Prescott Da-
 vics..... 306

A FEIRA DE VIANNA
 DO CASTELLO. —
 FESTA DA SENHORA DA AGO-
 NIA. — COM 11 ILLUSTRA-
 ÇÕES..... 307 a 313

O andar da Senhora da Assun-
 ção..... 308

FEITICEIRA. — VALSA.
 — POR EDUARDO BÖEYE
 DE PASCAL..... 314 a 317

QUERREIS CEREJAS? — Qua-
 dro de John Russel.... 318

AS VINDIMAS. — COM 8
 ILLUSTRAÇÕES..... 322 a 329

Los Borrachos — Quadro de Ve-
 lasquez (Seculo xvii)..... 322
 As vindimas, symbolo do outono
 — Quadro de Lancrét (Seculo
 xviii)..... 323
 Baccho e Adriana — Quadro de
 Ticiano (Seculo xvi)..... 324
 As vindimas em Torres Vedras.
 Vindimadeira — Quadro de Blass
 (Seculo xix)..... 325
 O maior vinhedo do mundo —
 Propriedade do sr. José Maria
 dos Santos..... 327
 As vindimas no Douro..... 328
 A Virgem do cacho d'uvas —
 Quadro de Mignard (Seculo
 xvii)..... 329

O SULTÃO DA TUR-
 QUIA. — COM 6 IL-
 LUSTRAÇÕES..... 330 a 335

Vista geral de Constantinopla.. 331
 O sultão Abdul Hamid II..... 332
 Dama turca em costume de inte-
 rior..... 333
 Sala de recepção do sultão.... 334
 Palacio de Yıldiz..... 334

O CRUZADOR S. GABRIEL.. 335

ANTONIO ENNES (Retrato) 336

A ULTIMA VEZ QUE
 O VI. — POR JOSÉ DE
 SOUSA MONTEIRO 337 a 338

EM MEMORIA. — COM
 2 ILLUSTRAÇÕES... 339 a 341

Antonio Ennes na idade de 11
 annos..... 339
 Antonio Ennes na idade de 27
 annos..... 340

FREI LUIS DE SOUSA.
 POR SOUSA VITERBO. —
 COM 1 ILLUSTRAÇÃO.. 347 a 350

Ninguém. — Quadro de Miguel
 Angelo Lupi..... 348

O CRUZADOR S. RAPHAEL. 350

MARTYRES. — EPI-
 SODIO DE DIOCLECIA-
 NO. — POR T. LINO D'AS-
 SUMPÇÃO. — CAPITULO I. —
 A MANHÃ DE SEXTA FEIRA
 DA PAIXÃO... 351 a 355

Os apostolos. — Baixo relevo
 d'um sarcophago..... 351
 Os Martyres — Aguarella de Paul
 Pujol..... 353

O QUE DIZEMASON-
 DAS. — VALSA, POR
 IZABEL DE CAMPOS PID-
 WELL..... 356 a 359

UM DRAMA SUBMA-
 RINO. — COM 4 ILLUS-
 TRAÇÕES..... 360 a 367

A PALAVRA TRANS-
 MITTIDA ATRA-
 VEZ DA TERRA. — COM
 3 ILLUSTRAÇÕES..... 368 a 370

NO ALTAR DO TEM-
 PO. — COM 4 ILLUS-
 TRAÇÕES..... 371 a 374

O CABAZ DE PECE-
 GOS. — MYSTERIOS DA
 HISTORIA. — COM 5 ILLUS-
 TRAÇÕES..... 375 a 372

Em Ostende. — Quadro d'Achen-
 bach..... 382

MODAS. — COM 16 IL-
 LUSTRAÇÕES 61 a 63, 127
 a 128, r89 a 191, 254 a 255, 319
 a 320, 383 e..... 384

JOIAS... 62 a 63

DECORAÇÃO DE CASA..... 64

VARIEDADES. — MR-
 MENTO ENCYCLOPEDICO.
 I a VII, X a XII, XXV a XXII, XXXV
 XXXIX, XLI a..... XLIV

Os jardins de Osborne House.. I
 Lord Roberts na Madeira — Di-
 rigindo-se para o consulado
 inglez..... II
 Lord Roberts na Madeira —
 Brinde do marechal ao rei de
 Portugal no palacio do Go-
 vernador Civil..... III
 Rainha Guilhermina, da Hol-
 landa..... IV
 Principe Henry de Mecklem-
 bourg..... IV
 Victoria, rainha de Inglaterra
 Visita de Lady Northcote ao
 campo de saude da colonia
 portugueza em Bombaim.... XXIX
 Espinho — A' espera da rede... XLI
 Praia de Pedrouços..... XLIII
 Aspecto da praia de Paço d'Ar-
 cos..... XLIV

A RAINHA ALEXANDRA... IX a X

A rainha Alexandra, quando
 princeza da Dinamarca. — Re-
 trato..... IX
 A rainha Alexandra. — Ultimo
 retrato..... X

NAVEGAÇÃO AEREA. — COM
 2 ILLUSTRAÇÕES..... XIII

PHOTOGRAPHIA PRATICA XIV a
 XV, XXIII, XXXI e..... XLVIII

O EXPRESSO RELAMPAGO.
 COM 4 ILLUSTRAÇÕES
 XVII a..... XIX

SPORT AEREO. — COM 1 IL-
 LUSTRAÇÃO..... XXV a XXVI

O BALÃO DIRIGIVEL XXXIII a XXXV

Santos Dumont. — Retrato..... XXXIII

Os Mosquitos... XLV a XLVII

PROBLEMAS E DIVERSAS IL-
 LUSTRAÇÕES VIII, XVI, XXIV,
 XXXII, XL e..... XLVIII

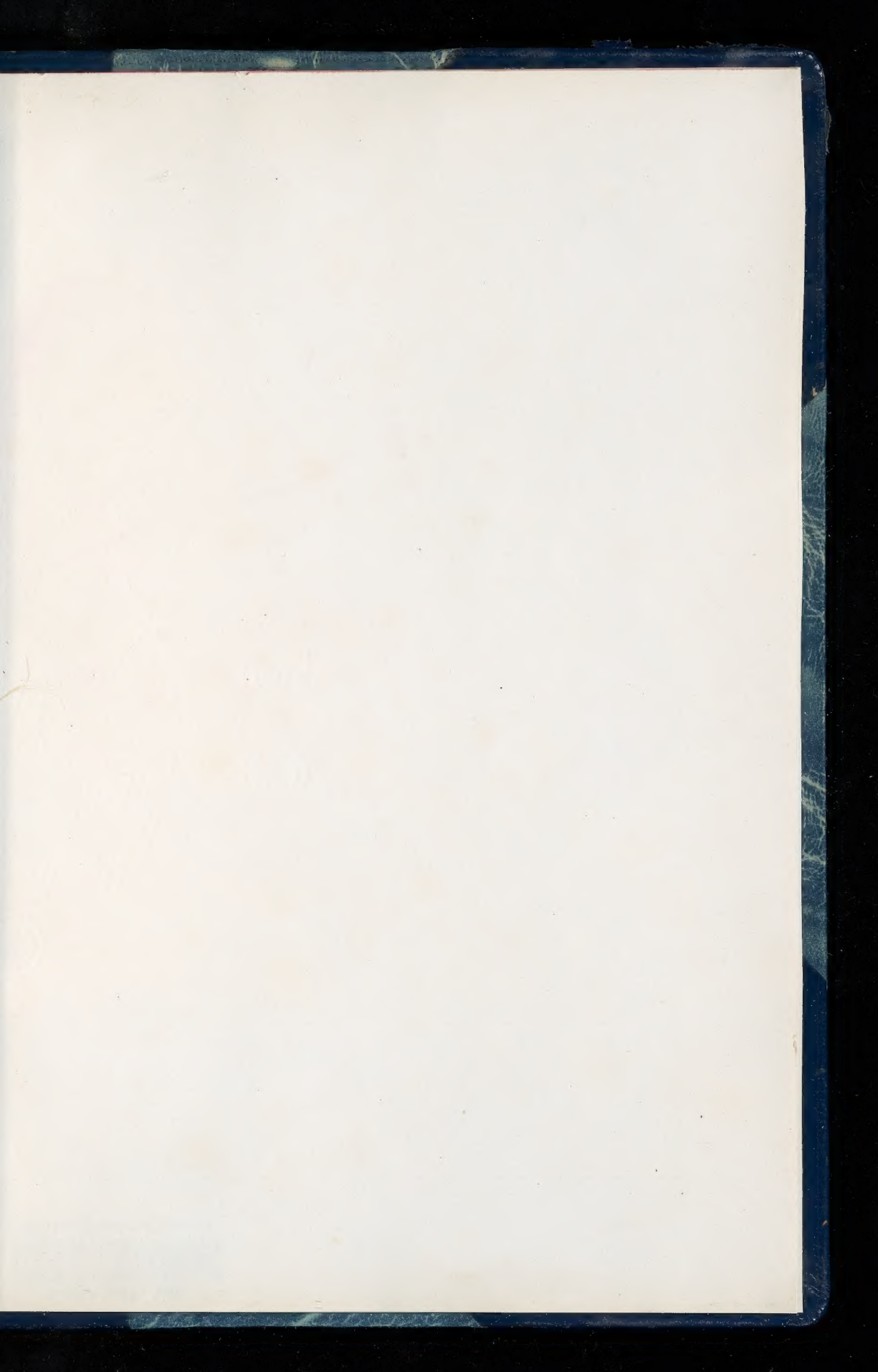


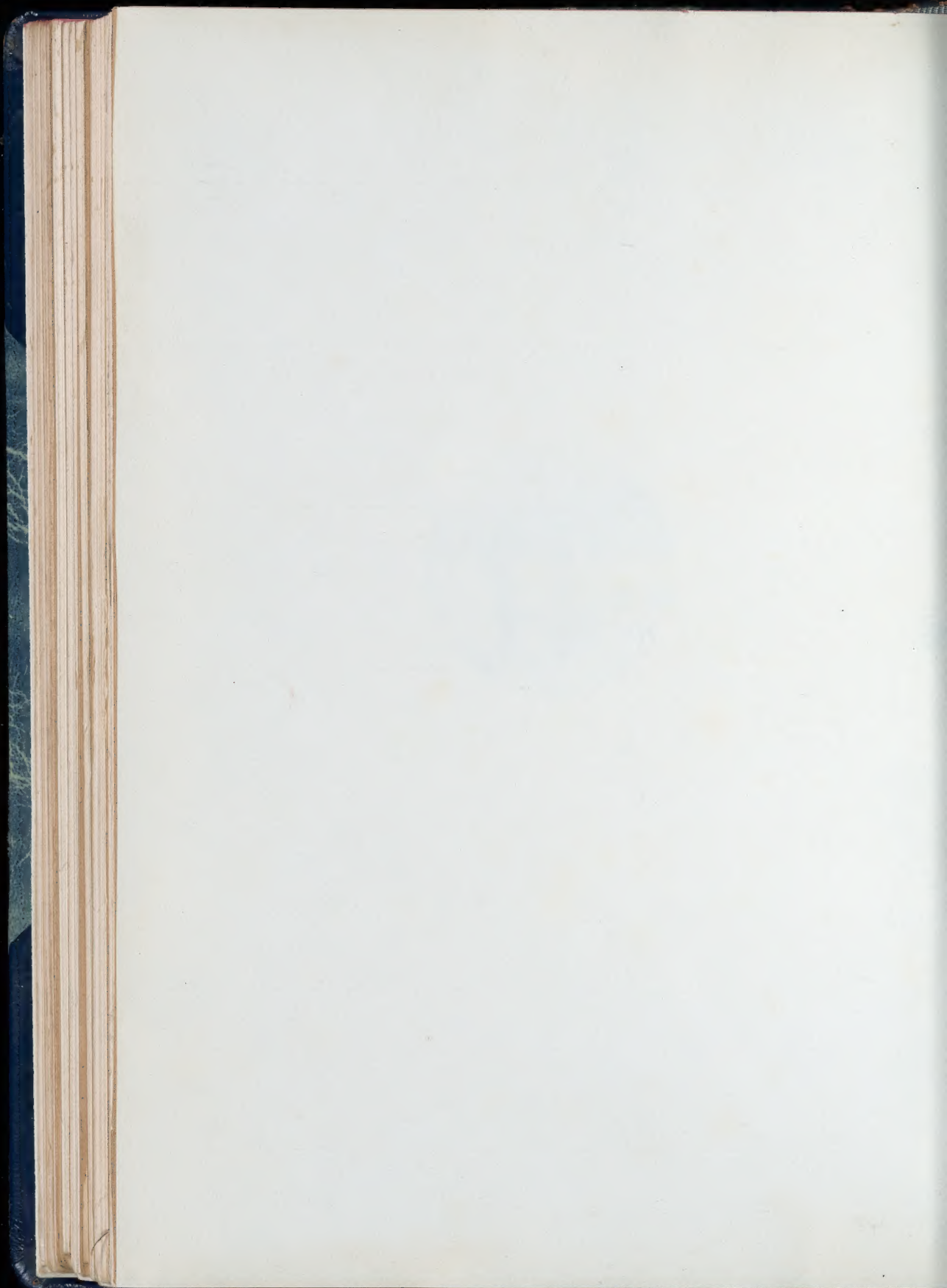
METEOROLOGIA

OBSERVATORIO DO INFANTE D. LUIZ

Mez de Agosto	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Grãos	
	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901
1	763,2	764,3	23,0	25,4	28,5	31,9	19,0	22,4	0,0	0,0	7,3	0,5
2	763,5	761,5	21,6	27,4	27,2	34,2	18,5	22,4	0,0	0,0	7,2	1,2
3	762,7	761,6	21,0	26,7	25,1	31,2	17,8	23,9	—	0,0	5,3	1,0
4	764,0	761,3	20,9	29,3	25,0	33,5	17,4	23,2	—	0,0	6,7	0,0
5	764,6	761,4	20,7	26,3	24,9	34,8	16,2	21,6	0,0	0,0	6,5	2,6
6	764,3	760,8	22,0	29,7	26,4	35,8	18,5	22,8	0,0	0,0	4,3	1,3
7	763,2	761,9	21,9	26,0	25,2	30,3	17,0	21,4	0,0	0,0	6,5	4,3
8	764,1	762,6	19,9	19,9	22,3	22,8	16,3	16,7	0,0	0,0	4,7	6,2
9	763,8	763,2	22,0	19,1	28,2	24,2	16,9	17,5	0,0	0,0	5,5	7,8
10	763,4	763,4	24,0	19,9	30,9	23,8	18,6	17,2	0,0	0,0	3,5	6,7
11	762,2	764,9	24,0	19,1	29,1	21,9	19,5	15,9	0,0	0,0	4,5	6,5
12	764,4	764,7	22,8	19,0	26,4	23,3	19,2	15,4	0,0	0,0	4,0	4,3
13	765,9	763,9	20,5	20,8	27,2	26,5	18,5	15,4	0,0	0,0	7,0	4,2
14	764,7	764,0	21,6	23,2	27,1	27,8	18,1	17,7	0,0	0,0	7,0	4,5
15	762,4	765,7	21,2	21,1	26,0	26,6	17,5	18,5	0,0	0,0	8,3	5,0
16	761,3	762,4	20,0	25,5	21,7	34,5	18,1	18,3	0,0	0,0	8,5	3,8
17	762,5	761,8	21,5	25,5	26,5	30,4	18,4	19,9	0,0	0,0	7,0	3,2
18	762,1	764,0	22,7	20,2	29,1	26,0	18,1	17,5	0,0	0,0	5,5	5,8
19	762,8	763,9	22,1	20,2	28,0	23,7	18,1	17,8	0,0	0,0	4,7	7,0
20	761,7	761,3	20,8	18,7	24,6	24,9	17,3	18,1	0,0	0,0	8,0	5,7
21	761,2	761,6	20,6	20,1	23,0	22,6	17,1	18,0	0,0	0,0	6,3	6,0
22	761,6	763,7	19,7	19,6	24,6	22,8	18,1	17,6	0,0	0,0	6,5	6,8
23	762,7	763,8	19,4	19,9	21,9	22,5	16,4	17,5	0,0	0,0	5,7	5,7
24	766,2	761,6	20,2	20,3	22,0	22,4	16,6	18,4	0,0	0,0	5,3	8,5
25	765,8	764,3	18,6	21,0	20,2	24,9	15,6	18,0	24,0	0,0	8,2	6,7
26	759,1	766,5	18,7	20,9	21,0	25,8	15,3	17,4	39,6	0,0	7,3	5,5
27	765,0	766,0	18,9	20,5	23,9	25,1	16,2	17,5	0,0	0,0	6,2	5,8
28	769,5	764,6	20,4	22,8	26,7	28,0	14,7	18,2	0,0	0,0	6,3	4,0
29	765,9	763,3	23,0	22,2	27,6	28,2	17,8	17,1	0,0	0,0	3,2	3,0
30	765,2	762,2	22,7	20,8	29,2	27,4	18,0	16,3	0,0	0,0	4,8	7,2
31	764,8	763,4	23,0	21,0	27,4	25,4	19,4	16,7	0,0	0,0	4,0	6,8







GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00617 7055

